universidade de aveiro

U.PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

DOUTORAMENTO
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM PLATAFORMAS DIGITAIS

A infocomunicação em comunidades rurais de baixa literacia:
Proposta de modelo de orientação colaborativa para e-turismo em Fontoura

Mónica da Silva e Silva

D

2024

Mónica da Silva e Silva

A infocomunicação em comunidades rurais de baixa literacia:
Proposta de modelo de orientação colaborativa para e-turismo em Fontoura

Infocommunication in low-literacy rural communities:
Proposal for a collaborative guidance model for e-tourism in Fontoura

Tese realizada no âmbito do Doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, orientada pelos

Professor Doutor Armando Manuel Barreiros Malheiro da Silva

Professor Doutor Rui Manuel de Assunção Raposo

Professor Doutor Luís Xabier Martínez-Rólan

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2024

Index

Declaration of Honor 7
Acknowledgements 9
Resume 11
Abstract 13
Figures Index 15
Tables Index 21
Charts Index 23
Glossary 25
List of Acronymous 29
Introduction 31
Scope and Relevance 31
Research Question, Hypothesis and Project Goals 35
Document Structure 40
1.Infocommunication and Low-Literacy Rural Communities 43
1.1. Explanation of operative concepts 46
1.2. Infocommunication in rural communities as a driver of development 63
1.3. A rural community in focus: Characterising Fontoura, Valença do Minho 72
2.Digital collaborative solutions for local tourism development 91
2.1. Digital collaborative platforms 92
2.2. Interaction Dynamics in Web 2.0 102
2.3. e-Tourism: Community Mapping and InfoVis 110
3.Methodological approach 127
3.1. Analysis Model 128
3.2. Hybrid Method 140
3.3. Research Design 152
4.Instruments applied and data collected 163
4.1. Indicators of Observations 165
4.2. Interviews, Story Time and Collective Memory 199
4.3. Analysing reality to develop the collaborative model 233
5.Proposal for a collaborative guidance model for InfoVis in Fontoura 241

5.1. InfoVis Cultural and Natural, through web solutions 245
5.2. e-Tourism plan for the rural community 253
5.3. Proposal of Collaborative Infocommunication Model 260
Conclusions 279
Research Limitations 283
Future (Research) Work 283
References 287
Annexes 319
Appendices 333

Declaration of Honor

I affirm that my doctoral thesis is solely my creation and has not been utilised in any previous course or academic programme within this institution or any other. Citations of other authors (statements, ideas, thoughts) strictly adhere to attribution principles and are appropriately stated in the text and bibliographic references, following the referencing guidelines. I acknowledge that engaging in plagiarism and self-plagiarism is considered a violation of academic integrity.

Braga, July 2024

Mónica da Silva e Silva

Acknowledgements

This doctoral thesis was made possible by the direct or indirect contributions of numerous individuals, to whom I would like to express my gratitude especially:

I am grateful to Professors Armando Malheiro da Silva, Rui Raposo, and Xabier Martínez-Rólan for their unwavering support, enthusiasm, and encouragement, as well as for their invaluable scientific guidance, critical revision of the text, helpful clarifications, comments, and suggestions. Their trust and interest in me have been greatly appreciated.

I am grateful to Professors Nelson Zagalo, Lídia Oliveira, and Oksana Tymoshchuk for their warm reception at the DigiMedia Research Centre and for the opportunity to participate as a Research Fellow in the Digital Media Observatory—DigitalOBS.

I am grateful to my friends and colleagues in the Doctoral Programme in Information and Communication on Digital Platforms for their solid support during these years of research, friendship, and unmatched assistance during critical decision-making moments.

Thanks to all those who have assisted me in any capacity, whenever required.

Finally, I would like to express my gratitude to my family and my partner for their firm support and encouragement throughout the preparation and conclusion of this project.

Resume

A infocomunicação, a colaboração participativa e o *e*-turismo, hoje, em comunidades rurais de baixa literacia e com competência digital reduzida surgem em territórios dispersos, como acontece na região do Alto Minho (Portugal). Neste sentido, esta investigação visa compreender de que forma as estratégias infocomunicacionais em territórios rurais podem tornar-se numa mais-valia para o desenvolvimento e promoção de um território, através da partilha de estórias aplicadas a plataformas digitais colaborativas, para o cenário específico de Fontoura (concelho de Valença do Minho).

Com o propósito de orientar o presente para o futuro a curto e médio prazo pretende-se: i) analisar a infocomunicação em comunidades rurais de baixa literacia infocomunicacional, enquanto territórios com ofertas turísticas específicas; ii) identificar e desenvolver um conjunto de atividades físicas e digitais, através da construção de um modelo que apoie o mapeamento colaborativo da paisagem cultural e natural, assente numa plataforma digital colaborativa, com recurso à *InfoVis* e acesso a *open-data,* no sentido de integrar as populações e os turistas como agentes ativos e participativos, por forma a empoderar a comunidade rural no mapeamento e na construção da identidade, face à oferta e à procura de recursos endógenos.

Para além da revisão da literatura efetuada, com apoio em diferentes bases científicas – *Scopus*, *Web of Science*, *Science Direct* – a metodologia apoia-se no *human centered design* uma vez que através de questionários, entrevistas, *focus* grupos e encontros para a hora da estória com a comunidade de Fontoura – residentes e turistas –, propõe-se a construção do modelo, em processo *continuum*.

Quanto aos resultados esperados, a investigação contribuirá também como um projeto piloto de envolvimento comunitário e participativo num território com limitações ao acesso à *Internet*.

Palavras-chave: infocomunicação, comunidades rurais, competências digitais, plataforma digital colaborativa, mapas comunitários interativos

Abstract

Infocommunication, participatory collaboration and e-tourism today in rural communities of low literacy and reduced digital competence arise in dispersed territories, as happens in the region of Alto Minho (Portugal). In this sense, this research aims to understand how infocommunicational strategies in rural territories can become an asset for developing and promoting a territory through sharing stories applied to collaborative digital platforms. For the specific scenario of Fontoura (municipality of Valença do Minho).

The research presented focused on i) analysing infocommunication in rural communities with low infocommunicational literacy, as territories with specific tourist offers; ii) identifying and develop a set of physical and digital activities, through the construction of a model that supports the collaborative mapping of the cultural and natural landscape, based on a collaborative digital platform, using InfoVis and access to open-data, to integration and tourists as active and participative agents, to empower the rural community in the mapping and identify creation, facing the supply and demand of endogenous resources.

In addition to the literature review carried out, with support from different scientific databases—*Scopus, Web of Science*, and *Science Direct*—the methodology is based on Human-Centered Design through surveys, interviews, focus groups, and meetings for storytelling time with the community of Fontoura—residents and tourists—and a 3D model is proposed for a continuous process.

As for the expected results, the research will also contribute as a community and participatory involvement pilot project in a territory with limited Internet access.

Key-words: infocommunication, rural communities, digital competencies, collaborative digital platform, interactive community maps

Figures Index

FIGURE 1 - PHASES OF THE RESEARCH..... 37

FIGURE 2 - THE LIFE CYCLE OF INFORMATION. 46

FIGURE 3 - PRESENTATION OF THE CONCEPTS OF INFORMATION, COMMUNICATION, AND INFORMATION SYSTEMS. 49

FIGURE 4 - PHASES FOR THE DIGITAL TRANSFORMATION OF RURAL AREAS. 58

FIGURE 5 - DIFFERENCES BETWEEN E-TOURISM AND SMART TOURISM. 59

FIGURE 6 - GUIDELINES FOR BUILDING COMMUNITY CULTURAL MAPS. 60

FIGURE 7 - MONDRIAN ABSTRACTIONISM. 62

FIGURE 8 - MANUEL LIMA'S NETWORKED CARTOGRAPHY. 63

FIGURE 9 – MEDIAN AGE OF THE RESIDENT POPULATION, PORTUGAL AND MUNICIPALITY, 2022..... 64

FIGURE 10 - PRESENTATION OF THE ACTION PLAN REATIVAR O TURISMO | CONSTRUIR O FUTURO. 67

FIGURE 11 - *SMART VILAGES*, ENRD. 73

FIGURE 12 - IGREJA MATRIZ (PARISH CHURCH), EXTERNAL AND INTERNAL VIEWS. 78

FIGURE 13 - CAPELA DE NOSSA SENHORA DO PÓPULO..... 79

FIGURE 14 - CAPELA DE SÃO GABRIEL. 79

FIGURE 15 - CAPELA DE SÃO FÉLIX. 80

FIGURE 16 - CAPELA DE NOSSA SENHORA DOS AFLITOS – ST. JAMES WAY, EXTERIOR AND INTERIOR VIEWS.... 80

FIGURE 17 - CASA ALTA. 81

FIGURE 18 - QUINTA DE SANTO ANTÓNIO. 81

FIGURE 19 - PEDRA DE ARMAS DE RIO TORTO, LOCATED IN QUINTA DAS CINCO CHAGAS. 82

FIGURE 20 - MEDIEVAL PAVEMENT ALONG THE PARISH, CURRENTLY CALLED CAMINHO DA IGREJA. 82

FIGURE 21 - FOUNTAIN LOCATED AT CASA ALTA, WHICH ORIGINATES THE PARISH'S NAME, ACCORDING TO ONE OF THE EXISTING LEGENDS. 83

FIGURE 22 - LOCATION OF ALTO MINHO IN MAINLAND PORTUGAL. 84

FIGURE 23 - LOCATION OF THE PARISH OF FONTOURA, VALENÇA DO MINHO, PORTUGAL. 85

FIGURE 24 - QUINTA DE REAL, LOCAL ACCOMMODATION. 86

FIGURE 25 - FONTOURA'S LANDSCAPE. 86

FIGURE 26 - STORYTELLING MANAGEMENT – STAGES OF STORY BUILDING, STORYTELLING AND STORY LISTENING. 94

FIGURE 27 - LOCATION STORYTELLING TO BOOST THE COMPETITIVENESS OF TERRITORIAL BRANDS..... 95

FIGURE 28 - THE COLLABORATIVE CLOUD ON ONLINE DIGITAL PLATFORMS. 96

FIGURE 29 - STORYTELLING TOOL FOR TOURISM. 98
FIGURE 30 - CHARACTERISTICS BETWEEN WEB 1.0 AND WEB 2.0. 103
FIGURE 31 - CONCEPTS EMERGING FROM THE CORE PRINCIPLES OF WEB 2.0. 105
FIGURE 32 - SYSTEM FOR CREATING TOURIST VALUE. 108
FIGURE 33 - CREATING COMMUNITY CARTOGRAPHY. 110
FIGURE 34 - COMMUNITY MAPPING PROCESS. 114
FIGURE 35 - COMMUNITY MAPPING FOR PRESERVATION OF LOCAL IDENTITY 115
FIGURE 36 - PRESENTATION OF THE *CENTER* PROGRAMME WEBSITE. 116
FIGURE 37 - LOCUS PROJECT IMAGE. 118
FIGURE 38 - 30 YEARS OF THE LEADER PROJECT 119
FIGURE 39 - ALDEIAS DE PORTUGAL 121
FIGURE 40 - *MAPPA MOBILE* – PRESENTATION OF LAYOUTS. 123
FIGURE 41 - *COMMUNITY INTERACTIVE MAPPING*, JAMAICA. 123
FIGURE 42 - POSTCARD CREATED FOR THE COMMUNITY TOURISM ASSOCIATIONS OF LATIN AMERICA. 125
FIGURE 43 - THE THREE TYPES OF DESIGNS IN METHODOLOGICAL RESEARCH. 132
FIGURE 44 - INDUCTIVE APPROACH USED IN QUALITATIVE RESEARCH. 133
FIGURE 45 - DEDUCTIVE APPROACH USED IN QUANTITATIVE RESEARCH. 134
FIGURE 46 - QUALITATIVE, MIXED AND QUANTITATIVE METHODS. 135
FIGURE 47 - QUALITATIVE, MIXED AND QUANTITATIVE APPROACHES. 136
FIGURE 48 - THE ETHNOGRAPHIC APPROACH PROCESS. 138
FIGURE 49 - THE DOUBLE DIAMOND PROCESS. 141
FIGURE 50 - SYSTEMIC-EVOLUTIONARY APPROACH: TRADITIONAL IDEA VS DESIGN THINKING. 141
FIGURE 51 - THE DOUBLE DIAMOND PROCESS IN DETAIL. 142
FIGURE 52 - THE MENTALITY OF A HYBRID THINKER/RESEARCHER 143
FIGURE 54 - UNDERSTAND PHASE OF THE DESIGN THINKING PROCESS. 145
FIGURE 55 - STAGES OF THE DESIGN THINKING PROCESS IN THE MICROCYCLE. 146
FIGURE 56 - STAGES OF THE DESIGN THINKING PROCESS ARE IN THE MACROCYCLE. 146
FIGURE 57 - STAGES OF THE DESIGN-BASED RESEARCH PROCESS, THROUGH THE DOUBLE DIAMOND. 147
FIGURE 58 - DESIGN THINKING: DOUBLE DIAMOND MODEL. 147
FIGURE 59 - DESIGN THINKING – FRAMEWORK FOR INNOVATION. 148
FIGURE 60 - DESIGN THINKING – DOUBLE DIAMOND MODEL FOR THE PARISH OF FONTOURA. 149
FIGURE 61 - DESIGN THINKING – FRAMEWORK FOR INNOVATION FOR THE PARISH OF FONTOURA. 149
FIGURE 62 - TIMETABLE: NOVEMBER 2021 TO JUNE 2022. 159

FIGURE 63 - TIMETABLE: MARCH 2022 TO OCTOBER 2022. 159
FIGURE 64 - TIMETABLE: OCTOBER 2022 TO JUNE 2023. 160
FIGURE 65 - TIMETABLE: JULY 2023 TO JULY 2024. 160
FIGURE 66 - LOCATION OF FONTOURA WITH EUROPE AND MAINLAND PORTUGAL. 165
FIGURE 67 - LOCATION OF FONTOURA TO MAINLAND PORTUGAL AND THE DISTRICT OF VIANA DO CASTELO (DISTRICT CAPITAL) 166
FIGURE 68 - SIGNPOSTS FOR ANSWERING SURVEYS PLACED ALONG THE WAY OF ST. JAMES IN THE PARISH OF FONTOURA. 167
FIGURE 69 - NORMAL RESIDENCES DISTRIBUTED AT THE EUROPEAN LEVEL. 173
FIGURE 70 - NORMAL RESIDENCE OF PORTUGUESE VISITORS, TOURISTS AND PILGRIMS, DISTRIBUTED BY DISTRICT. 174
FIGURE 71 - PEARSON COEFFICIENT CORRELATION SCALE 178
FIGURE 72 - THE QUESTIONNAIRE WAS DISSEMINATED TO RESIDENTS ON THE OFFICIAL FACEBOOK PAGE OF THE RESEARCHER AND PARISH COUNCIL. 187
FIGURE 73 - DISSEMINATION OF THE QUESTIONNAIRE TO RESIDENTS BY FONTOURA PARISH COUNCIL ON THE FONTOURA ALERTS WHATSAPP PAGE. 188
FIGURE 74 - COMMUNITY MEMBERS' PERSPECTIVES ON CONDUCTING INTERVIEWS. 200
FIGURE 76 - A CODE MAP WAS DEVELOPED FOR QUALITATIVE ANALYSIS USING THE WEBQDA TOOL, WHICH PROVIDES A DETAILED VIEW OF INFORMATION COMMUNICATION. 205
FIGURE 77 - A CODE MAP WAS DEVELOPED FOR QUALITATIVE ANALYSIS USING THE WEBQDA TOOL, WHICH PROVIDES A DETAILED VIEW OF RURAL COMMUNITIES. 206
FIGURE 78 - A CODE MAP WAS DEVELOPED FOR THE QUALITATIVE ANALYSIS USING THE WEBQDA TOOL: A DETAILED VIEW OF E-TOURISM. 208
FIGURE 79 - INTEREST IN TAKING PART IN GUIDED TOURS OF THE PARISH. 216
FIGURE 80 - SÃO GABRIEL TRADITIONAL FAIR, 1957. 217
FIGURE 81 - WORD CLOUD: MOST FREQUENTLY USED IN INTERVIEWS. 218
FIGURE 82 - ANALOGUE INFOCOMMUNICATION VS DIGITAL INFOCOMMUNICATION, ACCORDING TO INFORMATION. 219
FIGURE 83 - ANALOGUE INFOCOMMUNICATION VS DIGITAL INFOCOMMUNICATION, ACCORDING TO COMMUNICATION. 219
FIGURE 84 - ANALYSIS OF THE COLLECTIVE MEMORY CODE IN THE FACE OF ANALOGUE AND DIGITAL INFOCOMMUNICATION. 220

FIGURE 85 - THE RELATIONSHIP BETWEEN COLLECTIVE MEMORY AND THE TYPE OF HERITAGE MENTIONED IN THE INTERVIEWS. 221
FIGURE 86 - CORRELATION BETWEEN EXISTING STREAMS AND MILLS - GROVE STREAM. 222
FIGURE 87 - CORRELATION BETWEEN EXISTING STREAMS AND MILLS – AZEVINHEIRA STREAM. 222
FIGURE 88 - PHOTOGRAPHS WERE PRESENTED TO THE STORY TIME PARTICIPANTS SO THEY COULD JOG THEIR MEMORIES. 224
FIGURE 89 - TALK ABOUT THE EXISTENCE OF MILLS IN THE AZEVINHEIRA STREAM..... 228
FIGURE 90 - RELATING THE REFERENCES TO MILLS TO THE PARTICIPANTS IN STORY TIME. SOURCE: MÓNICA SILVA. 228
FIGURE 91 - *TRAPICHEIRA*: WOMEN WHO PRACTISED SMUGGLING BETWEEN PORTUGAL AND SPAIN. 229
FIGURE 92 - TRAVELLING BETWEEN VALENÇA AND VIANA DO CASTELO, TO SELL FISH AT THE TIME OF SMUGGLING. 230
FIGURE 93 - WORD CLOUD FROM THE INTERVIEW WITH JOURNALIST JOSÉ CARLOS FERREIRA. 232
FIGURE 94 - EXAMPLE OF THE HERITAGE SUPPLEMENT OF 20 JANUARY 2019, DIÁRIO DO MINHO, WRITTEN BY JOURNALIST JOSÉ CARLOS FERREIRA. 233
FIGURE 95 - CLOUD OF THE MOST REPEATED WORDS DURING THE INTERVIEW WITH THE EXPERT IN THE FIELD. 234
FIGURE 96 - NUMBER OF REFERENCES PER CODE DURING THE INTERVIEW WITH THE EXPERT IN THE FIELD. 235
FIGURE 97 - PRACTICAL CASE: RASTOKE, SLUNJ, CROATIA. 239
FIGURE 98 - EXAMPLE OF INFOVIS STANDARDS FROM AN EDUCATIONAL PERSPECTIVE. 242
FIGURE 99 - EXAMPLE OF DIGITAL CULTURAL MAPPING FOR FONTOURA USING THE GOOGLE EARTH TOOL.... 244
FIGURE 100 - PRESENTATION OF *FONTOURA TODAY* BY THE *STORYMAPS* PLATFORM. 250
FIGURE 101 - PRESENTATION OF *ANCIENT FONTOURA* BY THE *STORYMAPS* PLATFORM. 251
FIGURE 102 - FONTOURA PARISH COUNCIL FACEBOOK PAGE. 255
FIGURE 103 - PRESENTATION OF THE SDG RURAL LABORATORIES: AN EXAMPLE CASE, LA PUEBLA DE ALFINDÉN. 261
FIGURE 104 - PARQUES-BIBLIOTECA, EM MEDELLÍN, COLÔMBIA. 262
FIGURE 105 - AN EXAMPLE OF MAPPING AS A LOCAL ACTIVITY IN FINLAND. 263
FIGURE 106 - EXAMPLE OF A GUIDE TO COMMUNITY MAPPING, FOR PLANNING PROFESSIONALS. 264
FIGURE 107 - MODELO DO DUPLO DIAMANTE, CENTRADO NO DESIGN PARTICIPATIVO..... 265
FIGURE 108 - CONSTRUCTION OF THE FIRST DIAMOND OF THE METHODOLOGICAL MODEL, APPLIED TO FONTOURA. 266

FIGURE 109 - CONSTRUCTION OF THE SECOND DIAMOND OF THE METHODOLOGICAL MODEL, APPLIED TO FONTOURA, WITH AN IMPACT ON THE TARGET TERRITORY..... 268
FIGURE 110 - THE INFOCOMMUNICATIONAL MODEL WITH A COLLABORATIVE ORIENTATION WAS CREATED BASED ON THE FRAMEWORK FOR INNOVATION..... 269
FIGURE 111 - CULTURAL HERITAGE MAPPED BY GOOGLE EARTH: MANOR HOUSES. 270
FIGURE 112 - NATURAL HERITAGE: MILLS WERE MAPPED USING THE AUTOCAD TOOL. 271
FIGURE 113 - MILLS AT AZEVINHEIRA STREAM. 272
FIGURE 114 - MILLS AT GROVE STREAM..... 273
FIGURE 115 - MILLS AT BORIZ STREAM. 274
FIGURE 116 - MONTE DO CARVALHO AND FARMLAND SCATTERED AROUND THE PARISH OF FONTOURA. 275
FIGURE 117 - PRESENTATION BY THE FONTOURA ONLINE COMMUNITY GROUP, TO AGGREGATE CONTENT FOR LATER PUBLICATION ON AN OPEN-ACCESS, GEOREFERENCED PLATFORM. 276

Tables Index

TABLE 1 - ANALYSIS OF THREE SCIENTIFIC DATABASES - *SCOPUS*, *SCIENCE DIRECT,* AND *WEB OF SCIENCE*. 43

TABLE 2 - SEQUENCE AND CROSS-REFERENCING OF THE SPECIFIC OPERATIVE CONCEPTS OF THE RESEARCH, USING THE INFORMATION + COMMUNICATION. 44

TABLE 3 - SEQUENCE AND CROSS-REFERENCING OF THE SPECIFIC OPERATIVE CONCEPTS OF THE RESEARCH, USING INFOCOMMUNICATION. 44

TABLE 4 - AREAS OF COMPETENCE AND COMPETENCIES BY THE GLOBAL DIGITAL LITERACY FRAMEWORK. 50

TABLE 5 - THE ECONOMIC, SOCIAL, CULTURAL AND ENVIRONMENTAL ADVANTAGES OF RURAL TOURISM..... 70

TABLE 6 - SOCIAL IMPACTS OF TOURISM IN COMMUNITIES. 75

TABLE 7 - SERVICES/PRODUCTS AND TOURISM CULTURAL ACTIVITIES..... 101

TABLE 8 - ANALYSIS MODEL. 129

TABLE 9 - THE FIRST GROUP OF THE QUESTIONNAIRE WAS DESIGNED TO ANALYSE THE RESPONDENTS' SOCIO-DEMOGRAPHIC PROFILE..... 167

TABLE 10 - THE SECOND GROUP OF THE QUESTIONNAIRE ANALYSES THE LEVEL OF ACCEPTANCE OF OPEN-ACCESS TOURISM PLATFORMS WITH DIFFERENT CONTENT OFFERINGS AND PROMOTION FORMATS. 169

TABLE 11 - THE THIRD GROUP OF THE QUESTIONNAIRE AIMED TO ANALYSE THE PROFILES OF VISITORS, TOURISTS, AND PILGRIMS. 170

TABLE 12 - TYPE OF INFORMATION SOURCES USED TO PREPARE A TRIP..... 177

TABLE 13 - TYPES OF ATTRACTIONS TO VISIT IN FONTOURA. 177

TABLE 14 - INFORMATION AVAILABLE ON FONTOURA, TO ENJOY ON ARRIVAL AT YOUR DESTINATION. 178

TABLE 15 - PEARSON'S CORRELATION COEFFICIENT BETWEEN THE TYPE OF ATTRACTIONS AVAILABLE IN THE PARISH AND THE INFORMATION PROVIDED. 179

TABLE 16 - RESPONSES TO A DIGITAL, COLLABORATIVE, AND PARTICIPATORY PLATFORM ARE AVAILABLE AT FONTOURA. 180

TABLE 17 - ACTIVITIES TO STAY OVERNIGHT IN FONTOURA AS A PILGRIM. 182

TABLE 18 - STAYING IN THE TYPE OF ACCOMMODATION BY RESIDENCE. 184

TABLE 19 - TYPE OF TOURISM THEY PREFER TO DO WHEN ON HOLIDAY. 186

TABLE 20 - SOCIODEMOGRAPHIC PROFILE OF THE PARTICIPANTS..... 188

TABLE 21 - ANALYSING THE LEVEL OF ACCEPTANCE OF OPEN-ACCESS TOURIST PLATFORMS WITH DIFFERENT TYPES OF CONTENT FOR FONTOURA RESIDENTS ABOUT THEIR TRIPS. 191

TABLE 22 - TYPE OF INFORMATION SOURCES USED BY FONTOURA RESIDENTS WHEN TRAVELLING. 192

TABLE 23 - INFORMATION IS AVAILABLE ON THE DESTINATION TO ENJOY UPON ARRIVAL. 192

TABLE 24 - OPINION ON THE EXISTENCE OF AN OPEN-ACCESS, COLLABORATIVE AND PARTICIPATORY DIGITAL TOURISM PLATFORM IN FONTOURA. 193
TABLE 25 - QUESTIONNAIRE QUESTIONS USED TO ANALYSE THE PROFILE OF FONTOURA RESIDENTS. 194
TABLE 26 - PROFILE OF THE FONTOURA RESIDENT: LIVING AND WORKING. 196
TABLE 27 - LEVEL OF IMPORTANCE ACCORDING TO THE REASON FOR VISITING A PARTICULAR DESTINATION... 196
TABLE 28 - CORRELATION ACCORDING TO THE VARIABLES AGE AND LEVEL OF EDUCATION. 198
TABLE 29 - SEMI-STRUCTURED INTERVIEWS WITH SENIOR RESIDENTS. 209
TABLE 30 - SEMI-STRUCTURED INTERVIEWS WITH SENIOR AND ADULT RESIDENTS, ACCORDING TO THEIR OPINION OF THE PARISH OF FONTOURA. 210
TABLE 31 - PRESENTATION OF THE INFORMATION OBTAINED FROM THE INDIVIDUAL INTERVIEWS, TAKING INTO ACCOUNT THE TOURISM PROMOTION OF THE PARISH THROUGH INFOCOMMUNICATION. 211
TABLE 32 - RESPONSES WERE OBTAINED ACCORDING TO THE TYPE OF MEDIA USED TO PROMOTE HERITAGE IN FONTOURA. 212
TABLE 33 - THEMES PRESENTED FOR THE DEVELOPMENT OF STORY TIME. 223
TABLE 34 - LEVEL OF KNOWLEDGE ABOUT RELIGIOUS HERITAGE IN THE PARISH: CHAPEL OF NOSSA SENHORA DO PÓPULO. 225
TABLE 35 - LEVEL OF KNOWLEDGE ABOUT THE PARISH'S RELIGIOUS HERITAGE: CHAPEL OF NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. 226
TABLE 36 - STORYTIME PARTICIPANTS' OPINIONS ON THE PARISH OF FONTOURA. 230
TABLE 37 – PROPOSAL OF E-TOURISM PLAN FOR THE PARISH OF FONTOURA. 257

Charts Index

Chart 1 - Fontoura Resident population by age group. 87

Chart 2 - Resident population by sex and marital status. 88

Chart 3 - Resident population with more than 15 years old (nr.) by gender and educational level. 88

Chart 4 - Number of responses by area of residence of visitors, tourists and pilgrims. 172

Chart 5 - Age of respondents. 175

Chart 6 - Education level. 175

Chart 7 - Type of occupation. 176

Chart 8 - How visitors, tourists and/or pilgrims travel. 181

Chart 9 - Identification as a visitor. 181

Chart 10 - How respondents arrive in Fontoura 183

Chart 11 - Number of nights staying in Fontoura. 183

Chart 12 - Respondent's visit. 185

Chart 13 - Reason for travelling. 185

Chart 14 - Relationship between gender and age group of Fontoura residents. 190

Chart 15 - Education level and type of professional occupation of Fontoura residents. 190

Chart 16 - Type of visit by the type of tourism on offer. 197

Chart 17 - Activities are organised by the parish, such as associations or the Parish Council. 197

Chart 18 - The importance of indicators in boosting and publicising the Way of St. James. 198

Chart 19 - Number of references to Cultural and Natural Heritage obtained from participants in the individual interviews. 213

Chart 20 - Number of references to the Mills obtained from the participants in the individual interviews. 213

Chart 21 - Number of references obtained by the participants in the individual interviews regarding the Devolved Heritage, both cognitive and physical. 214

Chart 22 - The most discussed topics during the interview with journalist José Carlos Ferreira. 232

Glossary

Collaborative Orientation Model: A framework emphasising cooperation and participation in achieving goals. The specific research involves community members developing solutions for e-tourism strategies in the parish of Fontoura.

Community Engagement: Involving the community members in the planning and implementing initiatives to foster a sense of ownership.

Community Participation: Engage residents in mapping to ensure a comprehensive and authentic representation of the community's cultural heritage, using participatory methods such as workshops, focus groups, interviews, and surveys to gather information.

Cultural Mapping: Method of identifying, documenting, and analysing the cultural assets, resources, and landscapes within a particular community or region. It involves creating visual representations (maps); highlighting tangible and intangible cultural elements to provide a comprehensive overview of the cultural dynamics and heritage. It is characterised by being a participatory process, actively involving community members to ensure an accurate and authentic representation of their cultural identity.

Cultural Community Mapping: Participatory research and process that involves identifying and classifying a community's cultural assets, resources, and dynamics. These include tangible and intangible heritage, such as historic sites, traditional practices, stories, and events. The goal is to create a visual and narrative representation of the cultural landscape that can be used for different purposes, including community planning, tourism development, and cultural preservation.

Digital Inclusion: Efforts to ensure all individuals and communities access to digital technologies.

Narrative Storytelling: Use of stories to convey information and cultural heritage to enhance the visitor experience by providing insights into the local culture, history and collective memory.

Participatory Approach: This approach involves community members' active engagement and contribution to creative processes. It aims to empower individuals by valuing their input and fostering collaboration.

Place's Culture: Set of customs, traditions, values, beliefs, and social practices that characterise a particular geographic community and its people.

Rural Community: A community located in non-urban areas, often characterised by a small population, agricultural-based economy, and limited access to infrastructure and services.

Sense of Belonging: Feeling accepted, valued, and connected to a community or place.

Sense of Belonging (Touristic Context): Tourists experience of belonging when they feel welcomed, accepted, and connected to a destination. This can be fostered through authentic cultural interactions and engaging local experiences that make tourists feel part of the local community and culture.

Stakeholders: This research involves individuals or groups interested in a particular issue, such as residents, tourists, and the parish.

Tourism Demand: Total number of people who travel or wish to travel to a specific destination and use the available tourism services and facilities. It represents the desire of tourists to visit a destination, influenced by factors such as income, preferences, and destination appeal (Cunha, 2017).

Tourism Offer: A collection of services, experiences, and attractions provided to tourists in a destination. This includes accommodations, food and beverage services, transportation, entertainment, activities, and cultural or natural attractions designed to meet visitors' needs and preferences (Cunha, 2017).

Tourist: A person who travels outside their usual environment for leisure, business, or other purposes (UNWTO, 2020); someone who travels with the intention of leisure rather than work.

Visitor: A person who travels to a place, such as a destination or attraction, for any purpose, including leisure, business, education, or other activities (UNWTO, 2020).

Visual content: In this research, images, videos, maps, and infographics convey information, which is very important in low-literacy contexts.

List of Acronymous

ADL ..... Associações de Desenvolvimento Local

AutoCAD ..... Computer-Aided Design

DBR ..... Design-Based Research

ENRD ..... European Network of Rural Development

FLUP ..... Faculdade de Letras da Universidade do Porto

GIS ..... Geographic Information Systems

INE ..... Instituto Nacional de Estatística

SDG ..... Sustainable Development Goals

SEM ..... Search Engine Marketing

SEO ..... Search Engine Optimization

SPSS ..... Statistical Package for Social Science

STAR ..... Self-assessment Tool to Assist Rural Destinations

UA ..... Universidade de Aveiro

UNWTO ..... United Nations, World Tourism Organisation

U.P ..... Universidade do Porto

U.PORTO ..... Universidade do Porto

UVigo ..... Universidade de Vigo

Introduction

Setting goals is the first step in turning the invisible into the visible.
Robbins (2015, p. 17)

This doctoral thesis was conducted within the Doctoral Programme in Information and Communication on Digital Platforms framework by the University of Aveiro and the University of Porto and by European mobility[1] research at Vigo University for four months. This research was supported by a Research Fellowship awarded by the Research Centre, DigiMedia – Digital Media and Interaction Research Centre, funded by FCT – Foundation for Science and Technology, I.P., and national funds through the UIDB/05460/2020 project.

Its goal was to design and validate a collaborative guidance model capable of aggregating collaborative and participatory strategies suitable for aiding cultural mapping initiatives. It was tested in Fontoura, in the parish of Valença do Minho in the Alto Minho region of Portugal which has low literacy and no digital skills.

This section presents the scope and relevance of the topic mentioned above concerning the field of social sciences, more specifically, information and communication sciences. It also explains the personal and professional motivation for developing this research for the researcher as an architect and developer of natural, cultural, and creative tourism destinations. We also present the research question as the associated hypothesis, the presentation of the general and specific goals, and the structure of this document.

Scope and Relevance

The proposed research theme stems from an analysis of rural communities, aiming to explore how tourism supply and demand can be promoted to add value to inland areas. This will be achieved through information sharing and collaborative communication between residents and tourists, focusing on sustainability principles, smartening initiatives, and digital transformation. The ultimate goal is to foster diversification and

[1] Annex I – Acceptance of the European Doctoral Research process, by University of Vigo.

competitiveness and create equal opportunities for all, «rural areas are increasingly perceived as consumption, rather than productive places, mainly associated with leisure and tourism» (Eusébio et al., 2017, p. 197).

Many academics highlight the importance of the enjoyment factor in tourism. This encompasses the range of activities visitors undertake during their short stays (typically less than a year) in unfamiliar environments, primarily for leisure, professional development, or non-work-related reasons (Instituto Nacional de Estatística [INE], 2008). Specifically, rural tourism plays a significant role in promoting domestic tourism in Portugal, particularly during the ongoing pandemic (Eusébio et al., 2017; IPDT – Turismo e Consultoria, 2020; Turismo de Portugal, 2021).

The internet is fast becoming a communication channel driven by information sharing. Castells (2003) argues that the internet is a communication system, enabling global applications for the first time. Understanding this technological paradigm is crucial for this research, as the internet's development coincides with local economic and social development.

Homogeneous regions with the potential for regional tourism initiatives, often dominated by small or family-run businesses, have been hit hardest by the economic, social, technological, and globalisation transformations during the past two decades (Cunha, 2017). However, these areas also hold accumulated values, offering a more humanised way of life than large urban centres. They provide a natural experience not found in cities. Building the competitiveness of rural communities is a collective responsibility, and tourism plays a key role. Their unique attractions represent their greatest potential, particularly considering current environmental concerns and the growing focus on sustainability on government agendas. Enjoying eco-friendly products has become a standard practice, and demand for alternative tourism experiences is rising. Rural tourism, with its personalised offerings and focus on a new type of tourist, attracts those motivated by the natural world, local history, and the people themselves. The National Programme for Territorial Cohesion assumes

[é] urgente afirmar pela positiva o interior do país, impondo-se políticas públicas. Importa definir e implementar medidas específicas e sectoriais, promover e valorizar os recursos endógenos, identificar e estimular projetos estruturantes, alinhar competências e investimentos, apostar no desenvolvimento económico inteligente e no reforço das atividades em rede, no país e entre Portugal e Espanha, criando assim um ambiente e as condições favoráveis à fixação de pessoas, e assegurar uma nova vitalidade e uma prosperidade sustentável nas regiões do interior. (República Portuguesa, 2016, p. 3)

Given that one of the country's priorities is the development of cross-border regions, collaborative digital platforms in the tourism sector have evolved with the goal of direct marketing and dissemination without intermediaries. Development progress increasingly depends on technology, interconnected systems, and the effective coordination of various resources. Recognising the potential of international connections becomes a clear prerequisite for achieving successful and enduring public policy outcomes in domestic tourism settings.

As a result of Web 2.0, the consumer has also become a producer of information and a participant in building and recreating locations, mostly through social networks. With the sharing of multimedia information, digital platforms appear as if they had become the logbook, satisfaction survey, and evaluation of and for the tourist location or a specific product, with distinctive qualities that encourage tourists to recreate moments and relive memories.

For this research, work was conducted in a rural community with low literacy and a lack of digital skills. The aim is to understand how infocommunication[2]. Through collaborative and participative strategies involving residents and tourists, we can promote a territory as a destination, programming today's activities for tomorrow’s

[2] The term infocommunication comes from work carried out by two study teams - Brazil and Portugal - combining the words info(rmation) and communication. It is a recent term, created by both teams, which is in line with the «impacto da tecnologia sobre as mais diversas formas de expressão humana» (Passarelli, Silva & Ramos, 2014, p. 7).

goals. More than ever, it makes sense for any territory to be more than just a tourist destination and to use its tangible and intangible as the foundation for its community's wellbeing. Local culture provides the territory with the finest that the community has to offer, responding with several gadgets by classique and innovative characteristics.

The creation of community and digital tools, such as cultural maps, is becoming more accessible at regional and local levels. Many organisations are transforming parks into libraries capable of bringing communities together, where everyone may participate.

This research aims to design and validate a proposal for a guidance model flexible enough to be applied to other similar territories, considering information and communication strategies, as well as the realities, impacts, and outcomes experienced by the communities involved. The model's focus aligns with the field of information and communication sciences.

In response to the Plano Nacional de Coesão Territorial, this research will produce a replicable model, emphasising a community-based, transversal approach encompassing Tourism, Technological Mediation, Culture, Information, and Communication (IPDT - Turismo e Consultoria, 2020). The project focuses on empowering communities by leveraging their strengths: the people and their stories. It aims to create an identity for the past, allowing it to be revisited in the future through programming and planning implemented across the territory, ultimately benefiting rural communities.

Alto Minho, in northern Portugal, is a territory with significant development potential, according to the document Conselho Estratégico de Desenvolvimento Intermunicipal, Alto Minho 2030 (Escola Superior Agrária de Ponte de Lima, July 29, 2021). One of the region's opportunities identified is «nature/nautical, historical-cultural, and food and wine tourism» (Escola Superior Agrária, 2021, p. 18), capitalising on its proximity to the Galician market, airport, and cruise terminal.

Since the way we communicate is fundamental to this research, we turned to Information Visualisation - InfoVis. For the enjoyment of future generations, in the sense of creating a collection of collective memory and bringing social transformation for all,

through infographics and other visual representations based on knowledge and ancestral wisdom given by the elderly.

Regarding the geographical reality of the territory under study for this research, Fontoura is part of the municipality of Valença do Minho, recognised as a cross-border territory and a EuroCity, along with Tui (Spain).

Research Question, Hypothesis and Project Goals

The research process requires the researcher to create the study and formulate a research strategy to guide the investigation (Coutinho, 2011). Thus, there is a need for the establishment of a research question, which, according to Moltó (2002)

> *it is desirable that the definition of the problem is as specific as possible containing the essential aspects of the study, i.e., making reference to what is being studied (object of research), with whom the research will be carried out (subjects) and how the problem is studied (variables).* (Coutinho, 2011, p. 46)

Hence, the primary inquiry that emerges in this research pertains to rural communities and their potential to serve as catalysts for destination enhancement and drivers of local development, facilitated by the exchange of information and effective communication:

- What infocommunicational strategies based on story sharing through collaborative digital platforms can be adopted to promote e-tourism in the rural community of Fontoura?

This study aims to investigate the promotion of a rural territory using infocommunication, employing a collaborative and collective approach that involves local people and tourists who possess knowledge of the area. A digital platform becomes the aggregating element between supply and demand, where the consumer becomes a producer by sharing information to leverage the tourist experience.

The research proposes some hypotheses that involve thought and experimentation on the chosen issue. These hypotheses are based on the findings of the theoretical review

conducted in the existing body of literature. To achieve this objective, the hypotheses are:

- Hypothesis 1. Infocommunication strategies can play a significant empowering role in low-literacy rural communities;
- Hypothesis 2. Infocommunication strategies for low-literacy rural communities should be designed with active community participation;
- Hypothesis 3. Infocommunication strategies designed by low-literacy rural communities should include activities that promote the participation and collaboration of others;
- Hypothesis 4. Applying infocommunicational strategies through collaborative digital platforms can be relevant to developing e-tourism strategies in low-literacy rural communities.

It is proposed as a goal to define better the research process: general and specific objectives to guide the research against the object according to the research question presented through a collaborative guidance model. As a result, the overall objective of this research is:

- To determine the suitable infocommunicational and collaborative techniques that may be implemented in the rural community of Fontoura, involving both local inhabitants and tourists. The objective is to establish a community-oriented and participatory model that effectively promotes the tourism context in the area.

The specific objectives are as follows:

- Identify the scholarly sources that discuss the infocommunication interaction in the rural community of Fontoura, specifically focusing on those with poor infocommunication literacy and lacking digital competencies. The purpose of this research is to propose a guidance model for InfoVis, which involves interactive and collaborative community mapping;
- Categorise the many modes of engagement in e-communication, community cooperation, and involvement within low-literacy rural areas like Fontoura;

- Analyse the diachronic and historical dimensions of Fontoura's growth to obtain a full understanding of the community's utilisation of infocommunication technologies and its participation in collaborative and participatory efforts;
- Develop a web-based, free-access orientated collaborative Information Visualisation (InfoVis) guide model. The primary objective is to promote e-tourism by highlighting Fontoura's endogenous resources, including its natural, cultural, architectural, and cognitive aspects.

The current research was structured into four distinct phases, according to the following objectives:

Figure 1 - Phases of the research.



Source: Mónica Silva.

Phase 1: The initial phase of this research involved doing a thorough literature review and developing a comprehensive theoretical framework. This theoretical framework was the foundation for all subsequent theoretical and practical work in the other three phases. The literature evaluation was condensed over the initial eleven months following the end of the first year of the PhD study. The collected results enable expanding this research to encompass other internationally and nationally created situations that can be implemented. The involvement of various stakeholders, including residents and tourists, in initiatives such as *Treasure Beach* in Jamaica, *Aldeias de Portugal*, *Centre-Networks and Communities for Territorial Innovation*, and *Locus - playful connected rural territories*[3] contribute significantly to the advancement of

[3] The projects will be presented in sub-chapter *2.3. e-Tourism: Community Maps and InfoVis*, as good practice models to follow for the development of this research.

research and the empowerment of communities. Participatory approaches and social inclusion efforts were valuable assets in achieving research objectives.

Phase 2: This research phase involved developing and verifying the tools utilised for gathering data. The proposed approach involved the utilisation of a mixed methodology, encompassing both quantitative and qualitative methods, as ethnographic and hybrid approaches. This is facilitated through design-based research, specifically employing the research and double diamond model/framework for innovation. This model guided the various stages of the study, including problem perception, method selection, application scope, discovery and testing, and data sharing. The employment of instruments, such as the story hour, serves the purpose of gathering pertinent data regarding the stories[4] and culture of a specific location. This includes examining the existing cultural and natural heritage and recreating heritage lost over time. The objective was to recognise and appreciate the cognitive input provided by the elderly population residing in the parish of Fontoura.

Phase 3: This phase encompasses the gathering and examination of data acquired through the utilisation of instruments concerning the validation and execution of the strategy within the rural community of Fontoura. The purpose was to identify and rectify any deficiencies that may have arisen in the preceding stages and propose relevant modifications. The suggested research methodology involved surveys, interviews, and a focus group using storyteller-touring tools during the story hour. Regarding communication methods and collaborative strategies aimed at fostering collective participation, we implemented a three-dimensional model to facilitate the identification of current and past heritage within the community mapping process. This approach was centred on the principles of Human-Centred Design. The results indicate that the sample to be drawn is the survey of the narratives, which served as the foundation for developing the guidance model for establishing an interactive and collaborative community mapping.

[4] With regard to popular story time told by elderly residents of the community of Fontoura.

Phase 4: The last phase presented a proposed model as a guiding framework for the collaborative work undertaken in Fontoura. The proposal encompasses the development of visual representations of cultural, natural, and historical heritage. These representations were showcased through web-based interactive Geographic Information Systems (GIS) solutions. The objective was to establish e-tourism solutions in Fontoura, employing a content construction model that is continuous, collaborative, and participatory. The results validate this approach in other regions, particularly rural communities with low literacy rates. This validation is crucial to harness the potential of these communities, which possess valuable endogenous resources, and to enhance their contribution to developing education, innovation, and competitiveness in low-density areas.

Rural communities characterised by low literacy rates, in conjunction with regional and national initiatives, seek to incorporate infocommunicational strategies targeting both residents and passersby (Cohen, 1978; Collins-Kreiner, 2020; Engelhardt, 2005; Fun et al., 2014; Hall, 2007; IPDT – Turismo e Consultoria, 2020; Jamal & Dredge, 2015; Kastenholz & Figueiredo, 2014; Rodrígues-Díaz et al., 2022). The objective is to foster a competitive, entrepreneurial, distinctive, and sustainable environment that promotes regional and local development by diversifying the supply and demand of resources.

To assess and oversee destinations by the Global Sustainable Tourism Council[5] and the Sustainable Development Goals[6] (SDGs) Outlined in the 2030 Agenda, it is imperative to incorporate cultural sustainability concepts. This entails recognising the cultural and natural heritage as a dynamic community asset. Therefore, in alignment with Sustainable Development Goal 11, which specifically targets the establishment of Sustainable Communities, this research emphasises the need to preserve heritage resources. The objective is to enhance the execution of tactics that promote the spread, evaluation, recovery, and safeguarding of said methods. By implementing this approach, it is feasible to augment the regional economy in an environmentally and socially

[5] https://www.gstcouncil.org/ (Accessed on 12.12.2021)
[6] https://pt.unesco.org/courier/april-june-2017/cultura-no-coracao-dos-ods (Accessed on 07.01.2022)

responsible manner, aligning with the aims delineated in Sustainable Development Goal 8, which focuses on promoting sustainable economic growth. The significance of locations is manifested in providing inclusive and high-quality education for all age groups, which aligns with the objectives of Sustainable Development Goal 4. This is achieved through the local community's collaborative development of cultural infocommunication methods, which can be effectively conveyed to visitors and tourists using communication models supported by information visualisation strategies such as InfoVis.

The following section outlines this document structure.

Document Structure

This doctoral thesis is organised into seven sections. The Introduction provides a concise scientific context for the study problem, outlines the research question, hypotheses, and objectives, and includes an overview of the document's structure. The Conclusion section provides a concise summary of the research, considering the scientific references. It also outlines potential future research directions and elucidates the contributions and limitations of the study as a whole, as well as those specific to the related research. Additionally, this section introduces five subsequent chapters, each of which will be explained in detail.

The study is structured into five distinct sections: Chapters 1 and 2 provide a comprehensive literature review on various themes and exploratory concepts that form the foundation of the ongoing thesis. These themes include Infocommunication, Literacy, Digital Skills, Communities, Rural Communities, Community Development, e-tourism, Smart Tourism, and Information Visualisation. The research setting encompasses a parish called Fontoura in Alto Minho, a region in Northern Portugal. Chapter 2 highlights collaborative solutions deemed valuable for local rural development. These solutions align with the research proposal, which seeks to explore the utilisation of Web 2.0 and InfoVis in e-tourism, specifically focusing on implementing community maps and information visualisation.

Chapter 3 examines the research methodology employed. Afterwards, Chapters 4 and 5 substantiate the depiction of the research context by presenting the utilised instruments and the research data about historical, cultural, and natural aspects. Chapter 5 presents the oriented collaborative and infocommunication guide model for the specific scenario being investigated, namely the parish of Fontoura. A proposal for a solution for developing community culture maps utilising Information Visualisation (InfoVis) techniques is presented.

1. Infocommunication and Low-Literacy Rural Communities

A community is a group of people who agree to grow together.
Sinek (2024, n.p.)

The recent scientific literature supporting this research have a potential limitation of relevant scientific literature. The scarcity of studies that combine all the operative concepts such as *information, communication – infocommunication*[7] *– low literacy, digital competence/digital literacy skills, rural communities, collaborative culture, e-tourism, smart tourism, InfoVis/InfoVis,* and *community cartography/mapping*[8] was a concern deconstructed and dealt with. All the concepts were researched using the linguistic connectors "*and*" plus "*or*", as well as the symbol "+", to understand the existing scientific articles as to the essence of each concept (Table 1).

Table 1 - Analysis of three scientific databases - *Scopus*, *Science Direct,* and *Web of Science*[9].

FIELDS OF STUDY: SOCIAL SCIENCES			
	SCOPUS	**SCIENCE DIRECT**	**WEB OF SCIENCE**
INFORMATION + COMMUNICATION	**49,671**	**85,527**	**5,418**
INFOCOMMUNICATION	**67**	**2**	**7**
RURAL COMMUNITIES	**19,491**	**39,869**	**1,282**
LOW LITERACY	**3,513**	**13,765**	**322**
DIGITAL COMPETENCE	**2,943**	**6,555**	**200**
DIGITAL LITERACY SKILLS	**2,051**	**5,26**	**98**
COLLABORATIVE CULTURE	**2,917**	**21,439**	**276**
E-TOURISM	**115**	**10,817**	**5**
SMART TOURISM	**616**	**2,484**	**64**
COMMUNITY MAPPING	**3,751**	**17,858**	**421**
COMMUNITY CARTOGRAPHY	**320**	**2,256**	**23**
INFOVIS	**13**	**9**	**2**

[7] The primary concepts under consideration are infocommunication, rural communities, and rural e-tourism, as demonstrated in the Analysis Model outlined in Sub-Chapter 3.1 of this study.
[8] In this study, the chosen terminology for future application will be "community maps." This decision is based on the observation that the field of cartography lacks a substantial body of scientific articles pertaining to this topic. Additionally, the proximity to other ongoing international projects, which are consistently linked to the term "mapping," further justifies the adoption of the term "community maps" or "community mapping".
[9] According to the specific operative concepts developed in the field of Social Sciences, with the exclusion criteria: not related to infocommunication, rural communities, low literacy and e-tourism. Research period: 23 June 2021 to 19 May 2022.

INFOVIS	**0**	**3**	**0**

Also, cross-concepts and sequences (Table 2 and Table 3) were excluded based on the exclusion criteria: unrelated to *rural communities*, *low literacy,* and *e-tourism*.

Table 2 - Sequence and cross-referencing of the specific operative concepts of the research, using the information + communication[10].

FIELDS OF STUDY: SOCIAL SCIENCES				
	SCOPUS	**SCIENCE DIRECT**		**WEB OF SCIENCE**
		A	**B**	
INFORMATION + COMMUNICATION	**49,671**	**85,527**		**5,418**
AND **RURAL COMMUNITIES**	**499**	**13,110**		**50**
AND **LOW LITERACY**	**15**	**1,706**		**0**
AND **DIGITAL COMPETENCE (A)**	**1**	**151**		**0**
AND | OR **DIGITAL LITERACY SKILLS (B)**	**3**	**538**		**0**
AND **COLLABORATIVE CULTURE**	**0**	**54**	**155**	**0**
AND **E-TOURISM**	**0**	**8**	**16**	**0**
AND **SMART TOURISM**	**0**	**6**	**9**	**0**
AND | OR **COMMUNITY MAPPING**	**0**	**6**	**8**	**0**
AND | OR **COMMUNITY CARTOGRAPHY**	**0**	**5**	**5**	**0**
AND | OR **INFOVIS**	**0**	**0**	**0**	**0**
AND | OR **INFOVIS**	**0**	**0**	**0**	**0**

The following table reflects the concepts aggregated under the term infocommunication:

Table 3 - Sequence and cross-referencing of the specific operative concepts of the research, using infocommunication[11].

FIELDS OF STUDY: SOCIAL SCIENCES			
	SCOPUS	**SCIENCE DIRECT**	**WEB OF SCIENCE**
INFOCOMMUNICATION	**67**	**2**	**7**
(+) RURAL COMMUNITIES	**0**	**2**	**0**
(+) LOW LITERACY	**0**	**0**	**0**
(+) **DIGITAL COMPETENCE**	**0**	**0**	**0**
AND | OR **DIGITAL LITERACY SKILLS**	**0**	**0**	**0**
(+) **COLLABORATIVE CULTURE**	**0**	**0**	**0**

[10] Research period: 23 June 2021 to 19 May 2022.
[11] *Ibidem*.

(+) **E-TOURISM**	**0**	**0**	**0**
(+) **SMART TOURISM**	**0**	**0**	**0**
(+) / *OR* **COMMUNITY MAPPING**	**0**	**0**	**0**
(+) / *OR* **COMMUNITY CARTOGRAPHY**	**0**	**0**	**0**
(+) | OR **INFOVIS**	**0**	**0**	**0**
(+) | OR **INFOVIS**	**0**	**0**	**0**

There is a growing recognition of rural communities as valuable territorial resources that should be preserved and enhanced at regional and local levels. Rural settlements are commonly characterised by a significant proportion of elderly and ageing inhabitants, primarily concentrated in the country's interior regions. They are considered communities with low information and communication literacy and a lack of digital skills since they live mainly from natural resources, such as crafts and agriculture. In the past, space utilisation was primarily limited to landscape, environmental, agricultural, or forestry purposes. However, the advent of tourism has resulted in a shift wherein tourism-related activities have supplanted these functions (Costa et al., 2017).

Therefore, the need for infocommunication arises. This is combined through information - in terms of memory and cognition - with communication - the information conveyed to the general public. Rural Portuguese communities characterised by low literacy rates, in conjunction with regional priorities, ought to strive for the incorporation of infocommunication strategies aimed at both the resident population and transient individuals. This integration is crucial to fostering competitive, entrepreneurial, distinctive, and sustainable regional and local development by diversifying the supply and demand dynamics. Today, infocommunication is being digitally transformed and is becoming e-infocommunication in the sense of «multiplicity of meanings» (Passarelli et al., 2014, p. 82).

This chapter presents the interconnected concepts of infocommunication and rural communities with low literacy rates and limited digital skills. It intends to analyse these concepts to identify strategies that can facilitate community development and enhance the promotion of a particular tourism product: the rural territory, encompassing its inhabitants and their narratives.

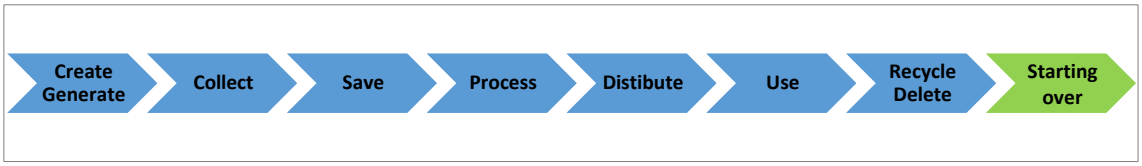
1.1. Explanation of operative concepts

The term infocommunication is derived from the amalgamation of information and communication. Different writers have recognised these terms for their analogue and digital components, encompassing various interpretations. The definition is thus provided from the perspective of many writers and specific groups for each of the terms to facilitate future comprehension of the amalgamation of these two elements, which is regarded as the fundamental underpinning of this study.

Thus, according to Floridi (2010), the concept of information has had different meanings over the years. A subset of these findings may probably demonstrate significant utility in specific contexts, warranting additional investigation and enduring acknowledgement (p. 1). It is unlikely that a singular conceptualisation of information would adequately encompass the diverse range of potential applications within this broad domain (Floridi, 2010).

Floridi (2010) also argues that information takes on a cycle of phases (Figure 2) according to «occurrence (discovering, designing, authoring, etc.), transmission (networking, distributing, accessing, retrieving, transmitting, etc.), processing and management (collecting, validating, modifying, organising, indexing, classifying, filtering, updating, sorting, storing, etc.), and sage (monitoring, modelling, analysing, explaining, planning, forecasting, decision-making, instructing, education, learning, etc.)» (p. 4).

Figure 2 - The life cycle of information.



Source: Adapted from Floridi (2010, p. 5).

Wilden (2001) assumes that there are two meanings to the definition of the word in the understanding of information as «um fenómeno humano (e social)» (Passarelli et al., 2014, p. 84), such that

> [o] *primeiro é o sentido estritamente técnico ou tecnológico* […]*. É a informação métrica da teoria clássica da informação* [Claude Shannon]*, a teoria combinatória e estatística da informação, baseada na lógica e na matemática da probabilidade. O segundo sentido pertence a uma abordagem diversa* […]*. A informação apresenta-se-nos em estruturas, formas, modelos, figuras e configurações; em ideias, ideais e ídolos; em índices, imagens e ícones;* […]*; em sinais, signos, significantes e símbolos* […]. (Passarelli et al., 2014, pp. 83-84)

Considering the aforementioned, supposing information to be a combination of cognition and learned knowledge that influences a specific style of behaviour, Silva (2006) argues that it is the «conjunto estruturado de representações mentais e emocionais codificadas (signos e símbolos) e modeladas com/pela interação social, passíveis de serem registradas num qualquer suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto, etc.) e, portanto, comunicadas de formas assíncrona e multidireccionada» (p. 25).

Based on the concept of information, the paradigm of informationalism[12] has emerged, in other words, the information society, which, according to Hartley (2002), «now we have computers for processing information, mobile telephones for communication, machines for transmitting documentation, computer games for entertainment» (Hartley, 2002, p. 114). The concept of the information society extends beyond a mere dependence on information, encompassing the extensive use of information and its pivotal role in market dynamics and daily existence (Hartley, 2002). Castells (2000) assumes the ambiguity of the concept «as knowledge and information are essential to all societies. What is new is a new set of information technologies» (Castells, 2000, p. 414). Information, therefore, has the power to transform societies at all levels in such a way that it «becomes a part of our cultural reality as well as government policies. It is an information society because we choose to think of it in that way» (Hartley, 2002, p. 115).

[12] Refers to a new way of thinking and organising society that supersedes and encompasses the preceding paradigm of industrialism, as described by Castells in 1996.

On the other hand, communication is not information, «"[i]nformer n'est pas communiquer […]. Aucune information n'existe sans un projet de communication" (Wolton, 2009, pp. 9-10) – a informação encontra na comunicação a forma de descobrir o sentido; sem comunicação, informação e dispositivos técnicos perdem a sua razão de ser» (Passarelli et al., 2014, p. 102).

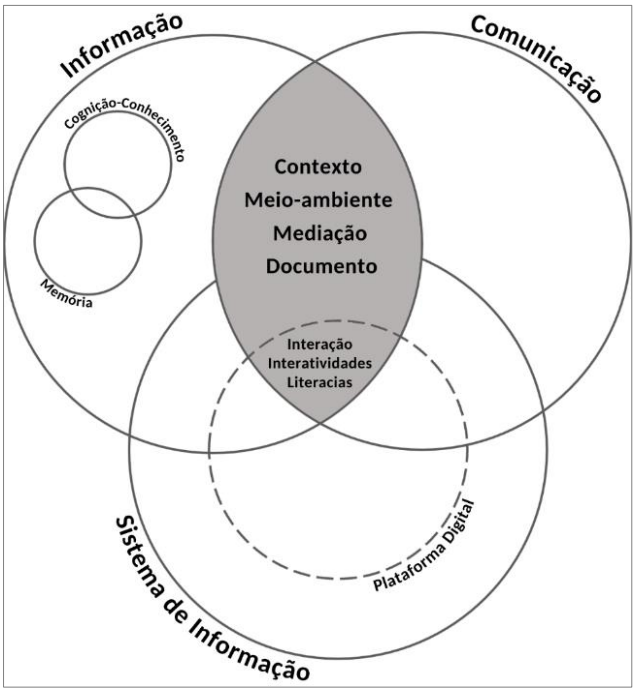
The academic field of communication is characterised by its multidisciplinary nature, as it overlaps with several knowledge domains. Consequently, numerous authors have provided diverse definitions of this term, drawing from different perspectives and areas of expertise. The basic concept of this idea may be traced back to the field of philosophy, where it draws upon the understanding of human nature and the ability of individuals to communicate and interact with others. According to Wolton (2009), by Passareli, et al. (2014) it is assumed that «comunicação reside na dimensão dialógica, pois a sua essência reside na relação […]. Comunicar é um exercício de cooperação, de negociação, de construção conjunta do sentido, que pressupõe o respeito pelo interlocutor» (p. 103).

The process in which individuals engage with digital change in communication has arisen as a period characterised by unparalleled escalation. During this time, culture experienced significant growth, knowledge became highly prized, and possibilities seemed boundless. The media, communications, and culture domains have been increasingly recognised for their significance, emerging as highly dynamic sectors within modern society (Hartley, 2002). According to the author, integrating traditional media with emerging digital media platforms has taken place, leading to a comprehensive evaluation of information and communication concerns in numerous nations. In contemporary times, there exists an abundance of methodologies for content management, including diverse media platforms and even social networking sites, which leads to permanent flux (Hartley, 2002).

Therefore, according to Passarelli et al. (2014) «dois conceitos – informação e comunicação – distintos, mas que se interpenetram […], a ponto de poderem ser considerados, […] indissociável dos dois conceitos basilares, tem de ser entendida mais que um termo agregador […]» (p. 79). So that «o processo infocomunicacional não pode

acontecer sem as mensagens, os conteúdos, ou seja, sem a informação» (p. 84) hence the difference between the two words, since «a diferença entre informação e comunicação (a segunda não existe sem a primeira, ou seja, a informação precede a comunicação, tendo, portanto, uma existência anterior e autônoma), embora assinalando a inter-relação entre elas, uma vez que a informação é, em potência, comunicável» (*ibid*) (Figure 3).

Figure 3 - Presentation of the concepts of information, communication, and information systems.



Source: Passarelli et al. (2014, p. 81).

We can't talk about infocommunication without associating it with the concept of literacy, which is often confused with competence and which, in an epistemological sense and for this research in particular, it is crucial to identify both lexicons independently of each other. According to Benavente (1996) literacy

> *traduz a capacidade de usar as competências (ensinadas e aprendidas) de leitura, de escrita e de cálculo. Tal capacidade de uso escapa, assim, a categorizações dicotómicas, como sejam "analfabeto" e "alfabetizado".* […]. *Define-se então*

literacia como: as capacidades de processamento de informação escrita na vida quotidiana. (p. 4)

In return, the concept of competence is taken up by the Instituto Nacional de Estatística – INE[13] – and defined as the «[c]apacidade reconhecida de mobilizar os conhecimentos, as aptidões e as atitudes em contexto de trabalho, desenvolvimento profissional, educação e desenvolvimento pessoal» (INE, 2017, n.p.)[14]. This, in turn, encompasses the concept of infocommunication as a content producer and technological skills in e-infocommunication. The concept of digital literacy encompasses the creation and dissemination of content for communication, as well as the responsible and discerning use of a wide range of digital technologies for information access, communication, and problem-solving across various domains of human activity (European Commission, 2020)[15]. According to the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organisation - UNESCO - the director of the Global Education Monitoring Department has created a theoretical framework. The concept of digital competencies, which is assumed to be digital literacy skills, encompasses seven key competence areas. These categories include a solid understanding of hardware and software fundamentals, the ability to navigate and evaluate information and data effectively, proficiency in communication and cooperation using digital tools, the aptitude for creating digital content, knowledge of safety measures in the digital realm, the capacity for problem-solving in digital contexts, and competencies linked to one's career (UNESCO, 2019)[16].

Table 4 - Areas of competence and competencies by the Global Digital Literacy Framework.

Competences areas and competencies	**Description**
0. Devices and software operations	To identify and use the functions and features of the hardware tools and technologies.

[13] The same as National Institute for Statistics, in Portugal.
[14] https://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/10528?modal=1 (Accessed on 19.01.2022)
[15] https://www.schooleducationgateway.eu/pt/pub/resources/tutorials/digital-competence-the-vital-.htm (Accessed on 19.01.2022)
[16] http://uis.unesco.org/en/blog/digital-literacy-skills-framework-measure (Accessed on 19.01.2022)

0.1 Physical operations of digital devices**	To identify and use the functions and features of the hardware tools and technologies.
0.2 Software operations in digital devices**	To know and understand the data, information, and/or digital content needed to operate software tools and technologies.
1. Information and data literacy	To articulate information needs, to locate and retrieve digital data, information, and content. To judge the relevance of the source and its content. Store, manage, and organise digital data, information, and content.
1.1 Browsing, searching, and filtering data, information, and digital content	To articulate information needs, to search for data, information, and content in the digital environment, and to access and navigate between them. To create and update personal search strategies.
1.2 Evaluating data, information, and digital content	To analyse, compare, and critically evaluate the credibility and reliability of data sources, information, and digital content. To analyse, interpret, and critically evaluate the data. Information and digital content.
1.3. Managing data, information, and digital content	To organise, store, and retrieve data, information, and content in digital environments. Organise and process them in a structured environment.
2. Communication and collaboration	To interact, communicate, and collaborate through digital technologies while being aware of cultural and generational diversity. To participate in society through public and private services and participatory citizenship. To manage one's digital identity and reputation.
2.1 Interacting through digital technologies	Interacting through various digital technologies and understanding appropriate digital communication means for a given context.
2.2 Sharing through digital technologies	Share data, information, and digital content with others through appropriate digital technologies. To act as an intermediary, to know about referencing and attribution practices.
2.3 Engaging in citizenship through digital technologies	To participate in society using public and private digital services. To seek opportunities for self-empowerment and for participatory citizenship through appropriate digital technologies.
2.4 Collaborating through digital technologies	To use digital tools and technologies for collaborative processes, co-construction, and co-creation of resources and knowledge.
2.5 Netiquette	Be aware of behavioural norms and know-how while using digital technologies and interacting in digital environments. Adapt communication strategies to the specific audience and be aware of cultural and generational diversity in digital environments.

2.6 Managing Digital Identity	To create and manage one or multiple digital identities, to be able to protect one's reputation, and to deal with the data that one produces through several digital tools, environments, and services.

Source: Adapted from *UNESCO* (2019, pp. 23-24).

Next, we will introduce the concepts of community, rural community, and virtual community and examine the attributes of a rural community characterised by limited literacy and the absence of digital proficiency. These concepts will be linked to the context of tourism, as this project aims to investigate tourism within a particular rural community.

The origin of the word community can be traced back to Aristotle's use of the expression as a totality, linking individuals socially, in the sense that

> [o] *pensamento de Aristóteles representa uma notável contribuição à filosofia política no que diz respeito à qualificação do homem como um ser que realiza os seus mais altos fins na relação indissociável com a comunidade (polis) na efetivação de um bem comum.* […] *a comunidade poderia professar como essencial para o viver humano.* (Ramos, 2014, p. 62)

Comes from the Latin «*communitas*, "comunidade, companheirismo", de *communis*, "comum, geral, compartilhado por muitos, público"» (Azevedo & Adeodato, 2015, p. 43).

According to the Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2003) community is

> ***1*** *estado ou qualidade das coisas materiais ou das noções abstractas comuns a diversos indivíduos; comunhão* ***2*** *concordância, conceito, harmonia* […] ***4*** *conjunto de habitantes de um mesmo Estado* […] ***8*** *soc população que vive num dado lugar ou região, ger. Ligada por interesses comuns* […] ***12.4*** *p.met. conjunto de indivíduos, inclusive de nações diferentes, ligado por determinada consciência histórica e/ou por interesses sociais e/ou culturais e/ou económicos e/ou políticos comuns* […] ***socio-cultural*** *soc conjunto de indivíduos que em razão de factores de natureza social (geográficos, históricos, culturais, raciais, etc.) têm em comum*

> *certas características que os distinguem de outros grupos no mesmo meio e na mesma ocasião.* (p. 1014)

According to other authors, such as Silva & Hespanhol (2016), the concept of community is a historical and social construct that gradually develops and evolves. The authors define community as a concept that extends beyond its physical dimensions, encompassing other domains of inquiry such as social and political organisation and communal sentiment. The concept of a rural community refers to a collective of individuals residing in rural locations characterised by low population density. These individuals engage in the practice of resource and tradition sharing.

The notion of national-level community is closely linked to examining regions characterised by agriculture. When referring to a rural community, the focus is mostly on the physical geographical area. This study expands its scope to include individuals and the entirety of the environment, considering both the internal resources and services available. In the northern areas of Europe, a cultural emphasis exists on the significance of cohesion for the terrain, society, and its inhabitants. The establishment of a feeling of community is often seen as vital across many living contexts since it contributes to the overall well-being and contentment of individuals in a cohesive manner (Martela et al., 2020)[17]. Concepts such as culture, citizens, consumers, and quality of life are inherent in the concept of what a community should be.

As per INE (2009a), Portuguese legislation on rural communities does not consider them a composite lexicon in terms of definition. Regarding territoriality and agriculture, this type of land is called a predominantly rural occupation area, considered the country's most rural area.

> [*s*]*ubsecção estatística tipificada como "solo não urbano", de acordo com os critérios de planeamento assumidos nos Planos Municipais de Ordenamento do Território, que contempla o conjunto dos seguintes requisitos: 1) não foi incluída previamente na categoria de espaço urbano ou semiurbano; 2) tem densidade*

[17] https://worldhappiness.report/ed/2020/the-nordic-exceptionalism-what-explains-why-the-nordic-countries-are-constantly-among-the-happiest-in-the-world/ (Accessed on 24.03.2022)

populacional igual ou inferior a 100 habitantes por km²; 3) não integra um lugar com população residente igual ou superior a 2.000 habitantes. (n.p.)[18]

Virtual community, also by INE, is understood as a «[u]nificação de utilizadores de redes com interesses comuns em grupos temáticos, cujo objetivo é trabalhar no ciberespaço» (INE, 2009b, n.p.)[19]. The concept of digital communication is also used, as it is the only one that applies to the subject in question in this research «meio de comunicação que usa tecnologias adequadas à criação e disponibilização de conteúdos digitais, tais como o áudio digital, o vídeo digital ou a *World Wide Web*» (INE, 2016, n.p.)[20].

Therefore, we can conclude that a rural community with low literacy is a predominantly rural area with a population of less than 2,000, according to the parish to be studied for this research. Simultaneously, a significant percentage of the population lacks competency in both infocommunication and digital skills. This deficiency is evident in an ageing demographic lacking the appropriate resources for efficiently using their cognitive abilities and expertise, limiting the community's potential for competitiveness and innovation. As a result, this study aims to address these challenges by developing strategies appropriate for the specific circumstances of the community and its inhabitants.

To comprehend the establishment of a collaborative and shared culture among the target audience, which includes tourists and inhabitants, particularly older individuals, it is imperative to consider the principles of community in line with the new profile of the consumer, who is continually demanding, responsible, and aware of the dangers that destinations can pose when unplanned, «circulation of media content - across different media systems, competing media economies, and national borders –depends heavily on consumers' active participation» (Jenkins, 2006, p. 3).

[18] https://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/2082 (Accessed on 24.03.2022)
[19] https://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/4617 (Accessed on 24.03.2022)
[20] https://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/10227 (Accessed on 24.03.2022)

The concept and practice of *community-based tourism*[21] are underdeveloped forms of tourism, and the cases that do exist are associated with coastal and insular areas, such as the Morocco coast, the Caribbean Islands, and Malta[22]. In these destinations, equality is developed not just by gender but by the recreation of territories more cohesive and interdependent with the bottom-down systems. The convergence of various areas is «a word that manages to describe technological, industrial, cultural, and social changes depending on who is speaking and what they think they are talking about» (Jenkins, 2006, p. 3).

Based on the analysis of media convergence, it is assumed that there are concepts that come together with the same objective for the culture of a community: The research focuses on the study of collective and shared knowledge, participatory culture, collective intelligence, and the convergence of digital platforms. These factors contribute to the creation of narratives

> [c]*onvergence occurs within the brains of individual consumers and through their social interactions with others.* […]. *Consumption has become a collective process* […]*. None of us can know everything; each of us knows something; and we can put the pieces together if we pool our resources and combine our skills. Collective intelligence can be seen as an alternative source of media power.* (Jenkins, 2006, pp. 3-4)

For this research in particular, we are examining the concept of digital inclusion and the use of geodata within a specific geographic region

> *um lugar aumentado (…) que se pode explorar como quem explora um quadro com a técnica do "palimpsesto", em que se vai explorando camada a camada e*

---

[21] https://www.responsibletravel.com/copy/what-is-community-based-tourism: «*is tourism in which local residents (…) invite tourists to visit their communities with the provision of overnight accommodation. (…). Community based tourism enables the tourist to discover local habitats and wildlife, and celebrates and respects traditional cultures, rituals, and wisdom. The community will be aware of the commercial and social value placed on their natural and cultural heritage through tourism, and this will foster community-based conservation of these resources*» (Accessed on 17.03.2022)

[22] Case-studies, of good practices, will be presented in Chapter 2 of this research.

> *se vão compreendendo as redes e espessuras culturais, históricas, políticas e sociais de um dado ambiente social.* (Baldi & Oliveira, 2013, p. 29)

The way we see the world is through geospatial and geo-environmental data structures (Neves, 2011), to be transformed and made accessible to the public through the creation of interactive digital maps. Such as «mídias sempre estruturam a dimensão espaciotemporal e a perceptiva da nossa experiência; elas organizam o frame através do qual mediamos cognitiva e afetivamente a nossa interação com a realidade» (Baldi & Oliveira, 2013, p. 36). The convergence of the media makes it possible, through information made available on the Internet and open access to social networks, to create chains

> *em rede de pessoas segundo interesses, conceitos e causas. O registo individual interventivo molda as opiniões e argumentos de audiências globais que podem criar ou conduzir a novas 3 perspetivas sobre assuntos sociais, políticos e económicos* [princípios da sustentabilidade]. *Consequentemente o novo utilizador é autor e consumidor activo da pegada cultural individual e colectiva no mundo.* (Neves, 2011, pp. 2-3)

The notion of e-tourism in this research connects to the development and design of community, cultural, maps, and cartography, specifically in their digital representation on a web platform, using the InfoVis approach.

Thus, e-tourism is seen as

> *the application of ICTs in the tourism industry (Buhalis, 2003). Buhalis (2003) suggests that e-tourism reflects the digitisation of all processes and value chains in the tourism, travel, hospitality, and catering industries. At the tactical level, it includes e-commerce and applies ICTs to maximise the efficiency and effectiveness of the tourism organisation. At the strategic level, e-tourism revolutionises all business processes, the entire value chain as well as the strategic relationships of tourism organizations with all their stakeholders.* […]. *Hence, e-tourism bundles together three distinctive disciplines: business*

> *management, information systems and management, and tourism.* (Buhalis & Jun, 2011, p. 6)

With the power to innovate and create collaborations between supply and demand, tourists and residents benefit, and partners develop and innovate for the greater good of tourism, which is an engine for the development of territories and rural destinations.

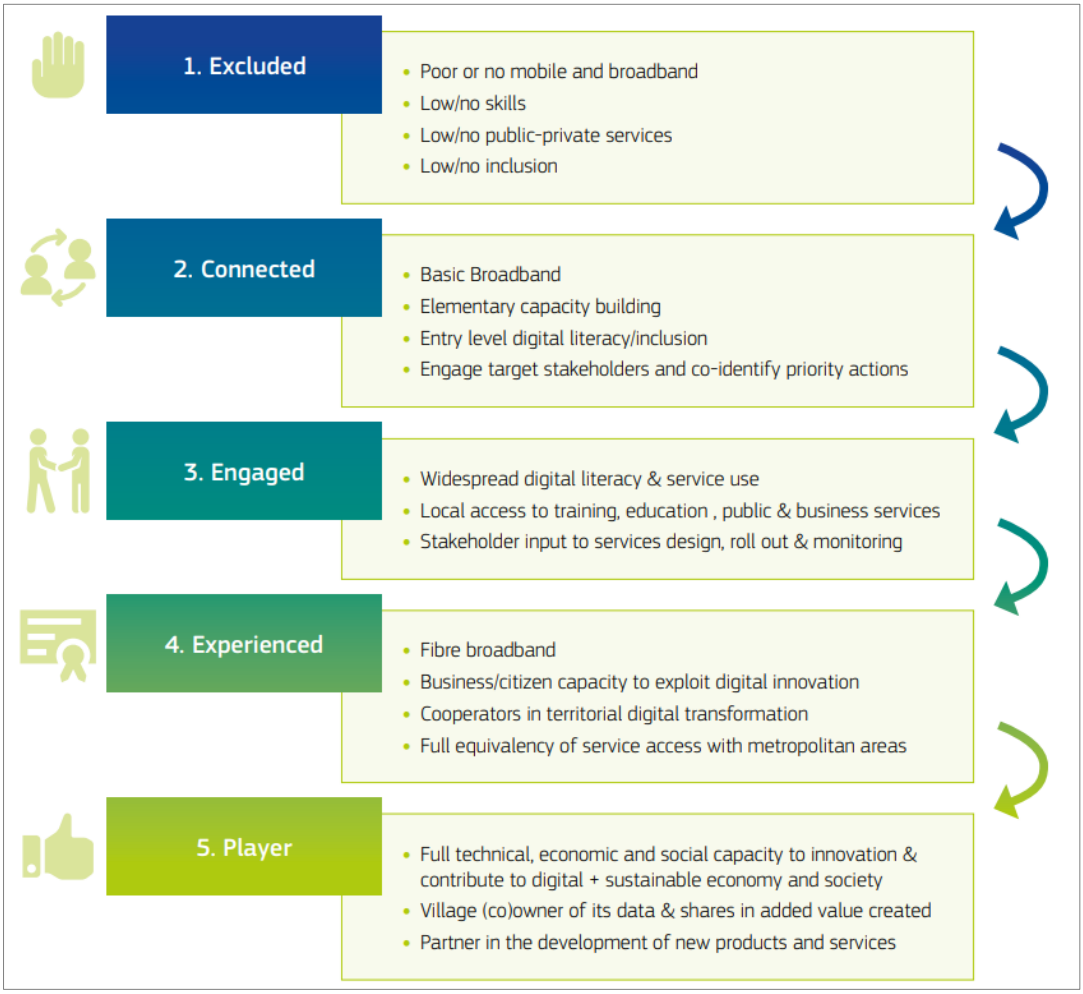
At a European level, the *European Network for Rural Development* (ENRD, 2022a)[23] prepares various thematic briefing documents as tools to help tourism partners and regional and local management. Rural stakeholders are also involved in realising and implementing initiatives associated with *Smart Villages* to promote digital transformation in villages and rural areas. Therefore, it has a programme

> *promoting digital transformation in villages and rural areas.* […]. *Smart Villages Strategies* [Figure 4] *can help overcome the digital gap by recognizing the different starting points of rural areas and villages and co-designing digital pathways from the bottom-up while at the same time building bridges with the essential top-down strategies.* (ENRD, 2020, n.p.)[24]

[23] https://ec.europa.eu/enrd/about/brief_en.html (Accessed on 17.03.2022)

[24] In this specific case, this research document «*complements the relevant briefing documents prepared by the ENRD Thematic Group on Smart Villages – [will involve 30 LEADER stakeholders in exploring, discussing and sharing practical experience and approaches and developing practical suggestions for how LEADER can work most effectively with Smart Villages including associated support needs* ENRD, 2019, p. 1] – *and builds on information collected and shared during the LEADER Thematic Lab on working with Smart Villages*» (ENRD, 2020, n.p.) (Accessed on 17.03.2022).

Figure 4 - Phases for the digital transformation of rural areas.



Source: *ENRD* (2020, n.p.)[25].

As the world becomes increasingly digital and the range of options expands, it is crucial to comprehend the intricacies of the physical world when incorporating a digital world «new forms of collaboration and value creation that led to innovation, entrepreneurship and competitiveness» (Gretzel et al., 2015, p. 179). They are transforming the destination's ecosystem «to facilitate the necessary systems to provide this experience; this requires co-creation. […]. This can be best realised through the use of smartness in

[25] https://ec.europa.eu/enrd/sites/default/files/enrd_publications/smart_villages_briefs-smart_villages_and_rural_digital_transformation-v07.pdf (Accessed on 17.03.2022).

the strategic approach» (Bethune et al., 2021, n.p.). However, e-tourism and smart tourism have their principles. According to Gretzel et al. (2015),

> *smart tourism is defined as tourism supported by integrated efforts at a destination to collect and aggregate/harness data derived from physical infrastructure, social connections, government/organisational sources, and human bodies/minds in combination with the use of advanced technologies to transform that data into on-site experiences and business value-propositions with a clear focus on efficiency, sustainability, and experience enrichment.* (p. 181)

Figure 5 - Differences between e-tourism and Smart Tourism.

	e-Tourism	Smart Tourism
Sphere	digital	bridging digital & physical
Core technology	websites	sensors & smartphones
Travel phase	pre- & post-travel	during trip
Lifeblood	information	big data
Paradigm	interactivity	technology-mediated co-creation
Structure	value chain/intermediaries	ecosystem
Exchange	B2B, B2C, C2C	public-private-consumer collaboration

Source: Gretzel et al. (2015, p. 182).

The growth of technology has been an exponential movement and has changed the market and consumers, especially the tourism market, to such an extent that

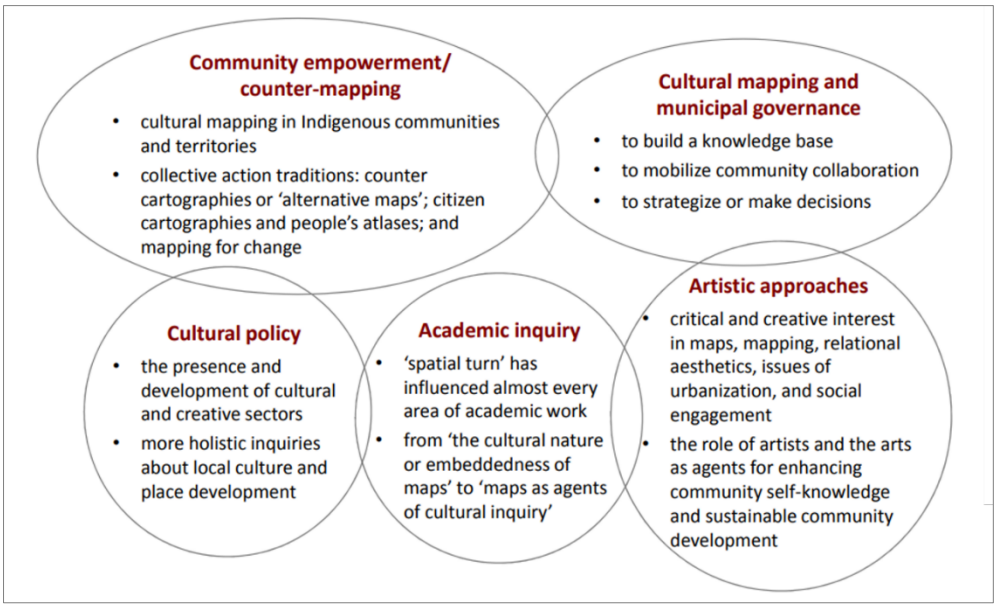
> [t]*he adoption of technology in the tourism industry is not recent. It is expectable to be determinant in the future (Ivanov, 2019), especially considering the COVID-19 challenges in the servicelogics (Gursoy & Chi, 2020). Its use was enhanced and reshaped in the latest years from the convergence of three domains – internet of things, tourism, and local development – originating the smart tourism paradigma (Gretzel et al., 2015; Koo et al., 2017).* (Borges-Tiago et al., 2022, p. 2)

The creation of maps or community cartography in small-scale communities, which involves engagement with residents, shoppers, and tourists, is distinguished by its ability

to empower the community as a whole. They lead to an increase in literacy levels and competencies, not only technological, in the creation and construction of a unique offer for a specific territory, for those who live there and for those who visit, in different sectors of society - health, human resources and education; community development at an economic, social, cultural and environmental level; public safety - although in this specific research work, particular emphasis will be placed on community development under the cultural parameter, in terms of tourism. For this reason, cultural maps appear as

> [a]*n emerging field of interdisciplinary research and a methodological tool* [Figure 6] *in participatory planning and community development* [that] [a]*ims to make visible the ways that local cultural assets, stories, practices, relationships, memories, and rituals constitute places as meaningful locations* [as they are] [u]*sed to bring a diverse range of stakeholders into conversation about the cultural dimensions and potentials of place.* (Duxbury, 2019, n.p.)

Figure 6 - Guidelines for building community cultural maps.



Source: Duxbury (2019, n.p.).

According to Aliyah et al. (2017), a cultural map is «a tool to collect, search and compile information systematically on the distribution of cultural expression in a particular

region*»* (p. 42). to empower the community, cultural maps also make it possible to *«*an integrated picture of the cultural character, significance, and working of a place" to help communities recognize, celebrate, and support cultural diversity for economic, social, and regional development*»* (Duxbury, 2019, n.p.)[26].

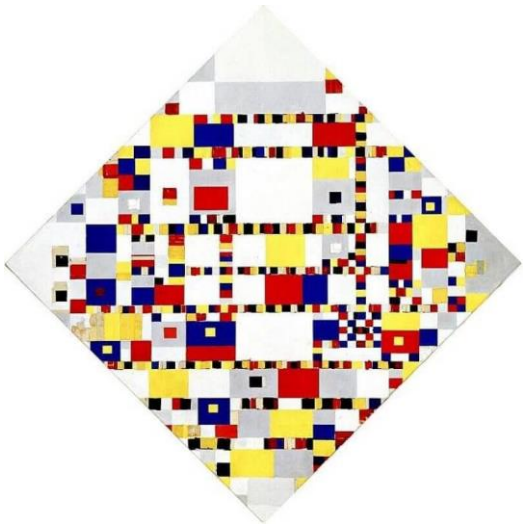
Residents become the main actors in the community in the sense that they make the connection with the tourist through the content - InfoVis - that is created and acquired by development tools, collaboration, participation, and interaction between stories, their people, and the territory, thus allowing the interaction between technology and human beings, more specifically in Community-Centred Design. Cultural cartography supported by a good story arouses interest and promotes a sense of cognition, belonging, and memories, encouraging visitors to become protagonists and actors as consumers and producers of content, especially when communicated immediately and intuitively through InfoVis, which according to Manovich (2011),

> [t]*he rise of information visualisation over the last fifteen years raises many important and interesting questions about the entity of this new medium.* […]. *These graph types – which were all originally invented in the first part of the nineteenth century and have therefore already been in use for about one hundred years before digital computers – share a lot in common with "digitally native" information visualisation techniques developed more recently.* (Manovich, 2011 *apud* Lima, 2011, p. 11-12)

According to the author, data is mapped onto visual images using simple shapes such as the point, the line, and geometric figures. In turn, in paintings by famous painters, especially from the era of abstractionism, such as Mondrian (Figure 7), these maps are visualised beyond representation.

[26] The next chapter will present examples of international projects under development with practical application.

Figure 7 - Mondrian abstractionism.



Source: *Piet Mondrian Organization* (2023)[27].

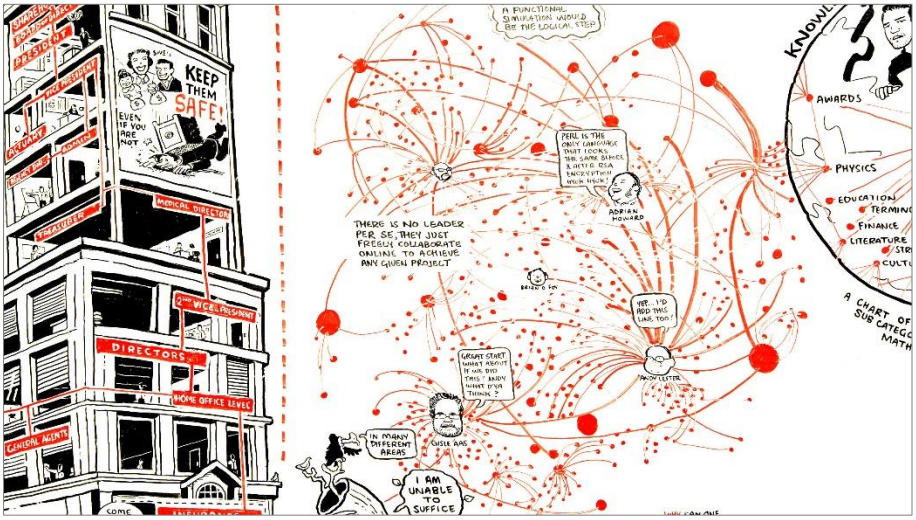
In this way, information is represented today not as a tangible world but as a set of worlds, in other words, data. Thus, it allows us to connect, understand, use, and recreate the communities' places and identify resources and attractions of the different aggregate scenarios of the territory. According to Lima (2011)

> *Cartography has commonly been used as a vehicle for the depiction of various abstract concepts and imaginary places. Nonetheless, its roots are in the representation of physical features of the natural environment: coastlines, mountains, rivers, cities, and roads. Cartography is an illustration of the tangible world – an abstraction of the thing itself – which ties to philosopher Alfred Korzybski's well-known expression that "the map is not the territory".* (p. 80)

A system can be represented in various ways. However, the construction of networked cartography (Figure 8) makes it possible to link data with similarities by «simplifying, clarifying, communicating, exploring, recording, and supporting» (Lima, 2011, p. 80).

[27] https://www.piet-mondrian.org/assets/img/paintings/victory-boogie-woogie.jpg (Accessed on 20.09.2023)

Figure 8 - Manuel Lima's networked cartography.



Source: *We are Cognitive* (2023)[28].

In the sense of the interaction of technological mediation with individuals in communities, thinking about heritage and cultural resources for the construction of community maps allows preservation and future maintenance to be leveraged through platforms and mobile applications that enable collaborative design with multidimensional and interactive maps, in the sense of articulating cultural assets with meanings and stories, assuming plurality and participatory approaches.

1.2. Infocommunication in rural communities as a driver of development

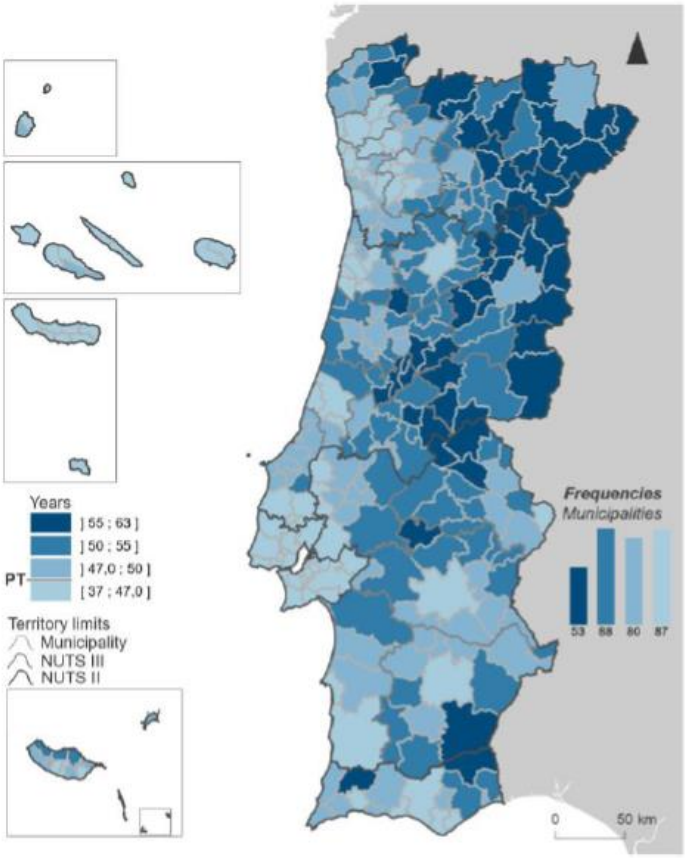
Partners increasingly see technological mediation through information and communication in the sectors of society as an asset for developing the uniqueness of new products and destinations whose main objective is to stimulate collaborative strategies with neighbouring regions.

[28] https://www.wearecognitive.com/rsa-work/power-networks (Accessed on 20.09.2023)

The differences between rural and urban areas have long given rise to moments of reflection and specific realities when looking at the territory as a tool for planning and conditioning land use.

In view of the desertification that is becoming more and more noticeable throughout the Portuguese territory with regard to rural communities, such that «muitas regiões rurais irão continuar a perder população e os níveis de natalidade vão ser incapazes de estabelecer os impactos do envelhecimento e da mortalidade […]» (República Portuguesa, 2019, p. 24) (Figure 9).

Figure 9 – Median age of the resident population, Portugal and municipality, 2022.



Source: INE[29] (2022a, p. 7).

The importance of infocommunication for understanding a rural community emerges, where the collaboration of all interested parties - organisations, operators, partners,

[29] https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_doc_municipios (Accessed on 20.09.2023)

residents, or tourists - allows the territory to be catapulted into a specific product with originality and uniqueness. In this sense, it is necessary to understand what types of information exist and which, according to Floridi (2010) «[i]nformation can consist of different types of data» (p. 29). It is, therefore, necessary to analyse the different types of existing data so that individually and together with the community, in a collaborative format, it is possible to put together a proposal that aims to use infocommunication as an asset in the analysis process, as well as in the creation of a digital platform with a community and participatory nature.

This is why «primary data» is considered the first data stored in an investigation, in the sense that it is the first that has been analysed and found; «secondary data» is the conversion of primary data, given the lack thereof; «metadata» are the indicators of the type and nature of any other indicator found during the process of researching and analysing sources; «operational data» refers to the data assumed by the operational process that reflects its dynamics; «derivate data» is the information extracted from the analysis process derived from previously analysed patterns, signs, clues and/or evidence (Floridi, 2010). Risks can take on irreversible proportions and consequences, and due attention must be paid in good time to opportunities and resilience so that

> [n]*o turismo, como noutros setores, a resiliência está intrinsecamente associada à ocorrência de perturbações ou mudanças e à capacidade de qualquer sistema continuar a funcionar mantendo as suas funções e níveis de desempenho aceitáveis, com menores ou maiores níveis de adaptação.* (Almeida, 2017, p. 106)

The different communication systems and organisational structures bring innovation, creativity, and entrepreneurship to communities, responding to the needs of residents and tourists in terms of enjoying their space, the destination, with its endogenous resources, unique properties, and identities.

Faced with the current pandemic situation, it is essential to control the risk, forecast and train the different destinations so that in the future it will be possible to develop solutions and replicate good practices, geared towards a local identity offer. The Portuguese government has therefore presented a preliminary version of the *Plano de*

Recuperação e Resiliência – Recuperar Portugal 2020 (2022) to the European Commission on 15 October 2020, in accordance with o *website* of the República Portuguesa (2020)[30], so that public policies are integrated and promoted in the sense of

> *dupla transição – climática e digital – e, ao mesmo tempo, reforce a resiliência, a coesão e a competitividade da nossa economia, sociedade e território, e responda ao desafio demográfico, visando garantir a transformação estrutural necessária e a convergência dos níveis de vida dos cidadãos portugueses com os níveis médios verificados na União Europeia.* (p. 9)

Also be noted that on 16 June 2021, it was accepted, in Conselho de Ministros nº76/2021, the *Plano Reativar o Turismo | Construir o Futuro*, considering that

> [o] *turismo é reconhecidamente um setor prioritário para a estratégia de desenvolvimento do país, tendo um forte impacto na economia nacional, designadamente ao nível da geração de riqueza e emprego pelo que, neste momento, deve merecer uma especial atenção no contexto das medidas de apoio à retoma tendo em consideração o contributo significativo da atividade da balança de transações correntes, contributo esse que pode e deve ser ampliado.* (Turismo de Portugal, 2021, n.p.)[31]

This action plan (Figure 10) is designed to «estimular a economia e a atividade turística» and enable the goals of sustainability to be achieved in the economic, social, and environmental fields. The 2027 Tourism Strategy considers the incorporation and recognition of digital transformation and the importance of social networks for disseminating tourism to tourists. (Turismo de Portugal, 2021).

[30] https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/noticia?i=portugal-entregou-versao-preliminar-do-plano-de-recuperacao-e-resiliencia-a-comissao-europeia (Accessed on 07.09.2022)
[31] https://dre.pt/web/guest/home/-/dre/165228578/details/maximized (Accessed on 07.09.2022)

Figure 10 - Presentation of the Action Plan Reativar o Turismo | Construir o Futuro.



Source: *Turismo de Portugal* (2021, n.p).

Collaborative participation and collective intelligence lead to social problems, such as exclusion and low literacy in rural communities, being transformed into added-value competencies. Collective participation allows communities to interconnect with neighbouring communities to create inclusive networks for the creation of their brands (place branding: experience and identity) that give uniqueness to the place through narratives that lead to the production of tourism, both cultural and natural, with a creative character as an engine for development. The aim is to create local public policies that give their communities potential for the different segmentations capable of being self-sustainable and having independent levels of empowerment.

Thus, Collaborative promotion is seen as a catalyst for economic development, in the sense that through the realisation of the technological paradigm, information and communication, human thought, sharing, and the creation of interconnected network systems, it is based on socio-cultural, economic and political factors. In the logic of Information and Communication Technologies (ICT), collaboration is seen as a pillar in the social structure. Thus, Collaborative promotion is seen as a catalyst for economic

development, in the sense that through the realisation of the technological paradigm, information and communication, human thinking, sharing, and the creation of interconnected network systems, this is based on socio-cultural, economic and political factors. It is a contemporary paradigm in the sense that societies are increasingly living in networks to develop the social transformations of our time to take on the paradigmatic change of the societies of now, with the organising principle being the network - a set of interconnected nodes that become flexible and adaptable tools in the face of the rapid change that happens every day in our daily lives - and the Internet, which is the global communication network made possible by ICT.

According to Castells (1999), informationalism arises through «[u]ma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias de informação [que] começou a remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado» (p. 39), in such a way that

> *ajuda a organizar a essência da transformação tecnológica atual à medida que ela interage com a economia e com a sociedade.* […] *destacar os aspectos centrais do paradigma da tecnologia da informação* […]. *No conjunto, esses aspectos representam a base material da sociedade de informação.* (p. 108)
>
> Its main characteristics are:
>
> [1)] *Informação é a matéria-prima: são tecnologias para agir sobre a informação;*
>
> [2)] *Penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias: todos os processos da nossa existência, individual e coletiva, são moldados pelo meio tecnológico;*
>
> [3)] *Lógica das Redes: conjunto de relações com uso de novas tecnologias de informação.* […] *a rede, agora pode ser implementada* […] *em todos os tipos de processos e organizações graças a recentes tecnologias de informação;*
>
> [4)] *Flexibilidade: organizações e instituições podem ser modificadas, e até mesmo fundamentalmente alteradas, pela reorganização de seus componentes. O que distingue a configuração do novo paradigma tecnológico é sua capacidade de reconfiguração, um aspecto decisivo em uma sociedade caracterizada por constante mudança e fluidez organizacional.* […]. *De acordo com Mulgan: "As*

redes são criadas não apenas para comunicar, mas para ganhar posições, para melhorar a comunicação" (Mulgan, 1991, p. 21);

[5)] *Convergências de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado: computadores são todos integrados em sistemas de informação.* […]. *Além disso, em termos de sistemas tecnológicos, um elemento não pode ser imaginado sem o outro.* […]. *O atual processo de convergência entre diferentes campos tecnológicos no paradigma da informação resulta de sua lógica compartilhada na geração da informação.* (Castells, 1999, pp. 108-109)

To recreate the empowerment and capacity building of rural communities, where the lack of literacy is recurrent, the Tourism-Based Community emerges as an active offer strategy, where authenticity, unique experiences, and consequently immediate interests occur and thus become factors for choosing the destination. Through participatory promotion, reaching out to a greater number of people from different intergenerational backgrounds allows social structures and processes for sharing information and communication, with collaborative participation on the part of everyone - both senior citizens and tourists - through storytelling, sharing and content creation, to emerge through digital platforms.

As far as tourism in rural areas is concerned, it usually takes place on an individualised basis with its characteristics, such as:

- *Desenvolve-se no espaço rural e procura unir os interesses turísticos meio-ambientais com os da comunidade local;*
- *Implica uma oferta turística reduzida, de pequena dimensão e com utilização predominante de construções existentes;*
- *Supõe uma participação ativa da população local na sua gestão e acolhimento dos turistas;*
- *Utiliza diferentes recursos naturais, patrimoniais e culturais próprios do meio rural;*
- *Integra-se na economia local como complemento da atividade agrária;*

- *A procura é constituída por turistas cujas motivações são o contacto com a natureza e o conhecimento das particularidades do meio natural, bem como a fuga ou a evasão dos meios urbanos, a descontração, a descoberta e a sociabilização*. (Cunha, 2017, p. 240)

The cultural and natural offers and demand have been one of the types of tourism with the greatest demand in recent years (UNESCO, 2021), showing potential growth in rural communities, both economically and socially, such that the following areas are the ones with the most to gain from the practice of rural tourism:

Table 5 - The economic, social, cultural and environmental advantages of rural tourism.

Domínios	**Vantagens**
Económicos	▪ Criação de novos empregos ▪ Conservação de serviços públicos e privados que tendem a desaparecer ▪ Apoio a agricultores ▪ Aumento dos rendimentos locais ▪ Dinamização de profissões e de atividades locais
Sociais	▪ Melhoria do papel das mulheres ▪ Aumento da autoestima local ▪ Melhoria das iniciativas locais e de novas ideias ▪ Redução do sentimento de isolamento
Culturais	▪ Conservação da arquitetura tradicional ▪ Sustentação da arte popular e do artesanato ▪ Estímulo à manutenção das tradições
Ambientais	▪ Estímulo à conservação da natureza ▪ Reduzido impacto sobre o ambiente

Source: Cunha (2017, p. 241).

Understanding the importance of tourism for rural communities allows tourism to be seen as a lever that combines «economic, social and environmental components of rural areas. It is closely linked to people, space and products and has unique effects on the environment and economic growth (Nepal, 2007; Wang et al., 2016; Xi et al., 2011)» (Yang et al., 2021, p. 35). However, in the present day, it is imperative to discuss rural

tourism and the advancement of rural communities in the context of tourism while considering the principles of sustainability, as «[t]he early concept of sustainable tourism, centred on ecology and economics, has been replaced by the view that social culture is of equal importance (Weaver et al., 2020)» (Yang et al., 2021, p. 36).

The rural destination offer has a lot to gain, especially today, during and after the COVID-19 pandemic, where nature and the differentiated offer become a promise of value compared to the existing offer, as advocated by Lopes et al. (2021), «[…] also the visitation areas have markedly changed during that period […] (ii) the opportunity generated in rural areas as these are considered safer places and with lower possibility of diffusion of COVID-19 infection» (pp. 11-12). Or such as Vaishar & Stastna (2020), «[t]he COVID-19 epidemic has created an opportunity for the development of rural tourism» (p. 187). In this sense, rural communities are seen as engines of development for inland territories, «[…] rural destinations can provide offerings that match the growing interest in personalised and authentic experiences, interaction with the local community, and locally produced offering» (Mwesiumo et al., 2022, p. 1).

Such is the importance of rural areas for economic, social and environmental development, by the principles of sustainability, that the World Tourism Organisation (2020) - UNWTO - has declared 2020 to be the year of Tourism and Rural Development[32] - *Tourism and Rural Development* – and assumes that «is more relevant than ever as the global tourism sector faces up to the COVID-19 pandemic. Tourism in rural areas offers important opportunities for recovery, making supporting rural communities facing the economic and social impacts of the pandemic is critical» (n.p.). It also assumes that

> *Rural areas face increasing challenges of ageing populations, declines in traditional economic activities and depopulation.*
>
> […] *New technologies, innovation and entrepreneurship, a growing interest among travellers demanding experiences connected to the places they are*

[32] https://www.unwto.org/world-tourism-day-2020/tourism-and-rural-development-technical-note (Accessed on 20.04.2022)

visiting, as well as easier connectivity, open new windows of opportunity for tourism in rural areas.

Harnessing the power of tourism to drive rural development will enhance the sector's contribution to achieving the Sustainable Development Goals, particularly Goals 1 (no poverty), 5 (gender equality), 8 (decent work and economic growth), 11 (sustainable cities and communities), 12 (responsible consumption and production), and 17 (partnerships for the goals).

The COVID-19 crisis is an opportunity to build back better for the tourism sector invest in models that place a focus on the empowerment and engagement of local communities, inclusion, and the preservation of local natural and cultural resources.

This crisis further stresses the importance of building resilience among communities where tourism is an important share of their income through product and market diversification, fighting seasonality, social protection, and building added value experience. (UNWTO, 2020, n.p.)

The evolution of a rural destination in terms of the tourism market arises from the importance of observing people, endogenous resources, and social evolution. This evolution is reflected in supply and production and relations with others who come to the territory, creating opportunities for the development of the rural community.

1.3. A rural community in focus: Characterising Fontoura, Valença do Minho

Based on the tourism context, the community has the principle of preparing territories to be resilient and inclusive for a better confluence of expectations and choices, in the sense of getting to know something new outside the normal area of residence. One of the best examples of how rural communities are on the cusp of local development, often through the tourism context, comes from ENRD (2022b), which aims to show the importance of transforming rural communities into smart villages (Figure 11) to lead them towards the common good, promoting skills, equality and social inclusion.

Figure 11 - *Smart Vilages*, ENRD.



Source: *ENRD* (n.d)[33].

The concept of a Tourism-Based Community emerges within the framework of the *Sustainable Development Goals* and the *Smart Cities* terminology. It focuses on achieving growth through sustainable markets and creating distinctive and exceptional products that enhance the tourist experience and redefine audience segmentation. The development is undertaken by the community, comprising both locals and tourists. This development aims to enable local small and medium-sized firms to transition into more inclusive and competitive industries, focusing on achieving environmental sustainability and digital interaction. Nevertheless, in the present era, any discussion regarding rural tourism or the advancement of rural communities in the context of tourism necessitates an examination of sustainability principles.

This allows for leverage business, by the immediate interest on the part of the promoters, as well as by the supply and demand that allows the destination to become

[33] https://slidetodoc.com/smart-villages-in-practice-examples-and-messages-from/ (Accessed on 20.04.2023)

an authentic experience, such that «o turismo tem sido eleito como uma nova atividade económica e uma alternativa de desenvolvimento» (Cunha, 2017, p. 117). And yet, the

> *tourism and the communities it is in must be viewed simultaneously – any change to one will affect the other. Consequently, tourism is one of the most significant community development tools, particularly in marginal or peripheral communities such as indigenous, remote and rural communities* (Beeton, 2006, p. 16).

The relationship between tourism and communities is so intrinsic that many authors may have coined the sentence "community tourism" to acknowledge the essential role played by the host community in developing and providing tourism experiences. It has been described in several ways, such as:

> *- Tourism in which local residents (often rural, often poor and marginalized) are active participants as land managers/users, entrepreneurs, employees, decision-makers and conservators (Ashely n.d.).*
>
> *- An industry which uses the community as a resource, sells it as a product and, in the process, affects the lives of everyone (Murphy 1980).*
>
> *- Community tourism shifts the focus away from the tourist and their experience to the host community and THEIR experience (Kell 2002).* (Beeton, 2006, p. 16)

The intended effect of tourism on a community is generally good, yet there may be instances where negative events arise during the community development process. Nevertheless, several other benefits contribute to the competitiveness and creativity of the destination, particularly at a social level inside the communities. These advantages are illustrated in the table below:

Table 6 - Social impacts of tourism in communities.

Tourism development	Modifies the internal structure of the community
	Divides the community into those who have/have not relationships with tourists
	Has colonialist characteristics
	Employment in tourism offers more opportunities for women
	Instigates social change
	Improves quality of life through infrastructure development
	Increased pressure on existing infrastructure
Tourist–host interactions	The nature of contact influences attitudes/ behaviour/ values relating to tourism
	Young locals are most susceptible to the demonstration effect
	Cultural exchange/increased understanding and tolerance
	Increased social interaction increases communication skills
	Hosts adopt foreign languages through necessity
	Hosts develop coping behaviour and avoid unnecessary contact
Cultural impacts	Arts, crafts and local culture revitalised
	Acculturation process likely to occur
	Assumed negative effects of commodification of culture
	Meaning/authenticity not necessarily lost

Source: Beeton (2006, p. 18).

According to the impacts, the reasons why resort to tourism as an instrument of development, regional and local, justify that tourism growth relies on specific natural and historical-cultural characteristics in various places, which serve as productive raw materials by attracting visitors. The ability to attract individuals guarantees the establishment of novel economic endeavours that provide revenue and employment opportunities. These activities use internal resources that would have no economic worth without the flow of tourists. Natural elements, cultural values, and historical heritage gain economic value through tourism that would not exist otherwise. Tourism also leads to the redistribution of economic resources generated within the local areas. And contributes to the economic diversification of regions, particularly those located inland, by fostering a higher receptiveness to modernity, cross-cultural understanding, and adoption of new technology. The expansion of tourism on a regional scale provides a valid reason for the establishment of infrastructure and social amenities. Additionally, tourism plays a significant role in promoting the modernisation and revitalisation of local

production, enabling the utilisation of deserted infrastructure and granting it a renewed function. Ultimately, tourism improves regional disparities, contributing to a more equitable allocation of living standards between affluent and poor areas (Cunha, 2017).

Therefore «o desenvolvimento turístico local [nunca] teve as oportunidades que hoje se lhe oferecem […], não só por parte das autoridades locais, mas também pelo mundo académico e mesmo pelos meios de comunicação social» (Cunha, 2017, p. 153). The 2027 Tourism Strategy, therefore, seeks to recognise Portugal as a sustainable destination based on a single, unique, competitive territory with specifically qualified human resources. The development of technological advancements in the tourism industry is a priority for national agencies and municipalities. This is necessary to meet the demand in a flexible and adaptable manner that aligns with the public and commercial sectors. In the current pandemic era, comprehending and collaborating with the entire region is becoming more crucial, particularly in the rural and cross-border areas within the country's interior. Common development practices focus on fostering communities and creating a distinct identity for a location, offering specialist attractions to cater to the specific preferences of different types of tourists seeking a certain kind of destination. According to Buhalis (2019), technology plays a crucial role in tourism by providing rules and strategies for destinations to become informational and communicative places to visit. And to be «many organisations had to transform their strategic management and marketing and redesign best operational practices to benefit from the technological paradigms-shifts experienced. Technological innovations are a catalyst for developments and competitiveness in Tourism» (p. 267).

For local development to be felt and impacted on the economic activity of a specific rural community, it is necessary «desenvolver formas de interação entre as comunidades locais e os visitantes, que reforcem o sentido de hospitalidade, que continua a ser um dos fatores mais relevantes, não só de atração, mas também de satisfação dos visitantes» (Cunha, 2017, p. 155). And still involve the community itself in

> *iniciativas de exploração turística de pequena dimensão, em que a população local, através de formas organizativas comuns, assume a iniciativa, procurando obter o máximo de sinergias que permitam o aproveitamento dos recursos e dos*

> *produtos locais, bem como das capacidades individuais de cada participante*. (Cunha, 2017, p. 155)

There are some studies (Látková & Vogt, 2012; Wang et al., 2016; Su, 2011) which confirm the demand for new forms of income, employment and demand growth. According to Milheiro et al. (2014), «o turismo […] contribui efetivamente para o desenvolvimento económico das áreas rurais, os decisores continuam a apostar nele como estratégia de crescimento» (p. 138).

All of the authors (Almeida, 2017; Baldi & Oliveira, 2013; Burgos & Mertens, 2016; Cunha, 2017; Duxbury, 2019; Eusébio et al., 2017; Gonçalves et al., 2020) advocating for communities, particularly those located inland and in rural areas, to play a crucial role in driving local development through tourism. This, in turn, promotes economic growth, social inclusion, and sustainable awareness. These efforts are becoming increasingly important due to growing environmental concerns and heritage preservation. Several authors emphasise the significance of developing cooperative and inclusive approaches for the locals and tourists who appreciate it.

In recent news, the World Tourism Organisation and the Food and Agriculture Organisation of the United Nations met in March 2023 to promote collaboration between the two bodies so that rural development can be leveraged to make a greater and better contribution to the tourism sector.

Therefore, the background scenario for this investigation arises from a territory located in the Alto Minho, Fontoura, ten kilometres from Valença do Minho (north of Portugal). It is considered a parish of fertile lands, having a patron saint, Saint Archangel St. Michael. It is a parish comprising 18 territorial areas: Rio Torto, Boris, Covelo, Ínsua, Casa Gonçalo, Cortinhas, Portela, Reguengo, Gontomil, Pereira, Prado, Valinha, Outeiro, Grove, Vinhais, Mago, Paço e Bárrio,

> *[c]om um total de 9,13km^2 – o que a torna uma das mais extensas freguesias do concelho – não tem, como seria de supor, uma população numerosa, devido, em grande parte, ao facto de apenas 388,25ha serem agrícolas. A parte restante é constituída por pinhais que são, por isso, a principal fonte de rendimento da*

> *autarquia local. […]. Regista-se também o razoável índice cultural com uma taxa de analfabetismo de 8,7% (censo 1991), só superada pela freguesia de Valença do Minho (7%), com 448 habitantes possuindo ou frequentando o Ensino Primário, 174 o Ensino Preparatório e 110 o Ensino Superior ou outros.* (Castro, 2010, pp. 439-440)

The parish has a natural and built heritage, as well as religious, architectural, genealogical and archaeological heritage, all of which are of great interest since the Way of Saint James via the Ponte de Lima Route, known as the Portuguese Central Way, that crosses through the parish. It has 14 examples of religious heritage: Igreja Matriz (Parish Church) (Figure 12); Capela de Nossa Senhora do Pópulo (Figure 13); Capela de São Gabriel (Figure 14); Capela de São José; Capela de Nossa Senhora da Graça; Capela de Santo António; Capela de São Francisco; Capela de São Félix (Figure 15); Capela de Nossa Senhora da Guia; Capela das Cinco Chagas de Cristo; Capela do Senhor dos Aflitos (Figure 16); Capela de Nossa Senhora da Conceição; Capela do Bom Jesus dos Passos; Senhor dos Caminhos; Cruzeiros, and Alminhas.

Figure 12 - Igreja Matriz (Parish Church), external and internal views.



Source: Mónica Silva.

Figure 13 - Capela de Nossa Senhora do Pópulo.



Source: Mónica Silva.

Figure 14 - Capela de São Gabriel.



Source: Mónica Silva.

Figure 15 - Capela de São Félix.



Source: *Diário do Minho* (January, 20, 2019).

Figure 16 - Capela de Nossa Senhora dos Aflitos – St. James Way, exterior and interior views.





Source: Mónica Silva.

Several architectural and genealogical examples exist, such as Quinta do Paço, Casa Alta (Figure 17), Casa de Santo António (Figure 18), Casa and Quinta da Carcavelha, Casa de Gontumil, Casa de São José do Bárrio, Casa and Quinta das Cinco Chagas de Cristo, and Quinta das Casa Novas.

Figure 17 - Casa Alta.



Source: *Galeria da Casa Alta*[34].

Figure 18 - Quinta de Santo António.





Source: Mónica Silva.

As for the archaeological heritage, what has been catalogued is the Coat of Arms in Rio Torto (Figure 18), the Roman military road, the road marker, the medieval pavement (Figure 19), the Bárrio cross and the Cruzeiro da Restauração. Still, to be catalogued, there is a network of water mills in a state of ruin that was once served by two water networks that reached the different parts of the parish.

[34] https://casaalta.pt/galeria/ (Accessed on 20.09.2023)

Figure 19 - Pedra de Armas de Rio Torto, located in Quinta das Cinco Chagas.



Source: Mónica Silva.

Figure 20 - Medieval pavement along the Parish, currently called Caminho da Igreja.



Source: Mónica Silva.

The fountains are an iconic element in the parish, so much so that, according to legend, the name of Fontoura itself (Golden Fountain, located in Casa Alta, from which the ancients say particles of gold flowed, hence Fonte de Ouro, for Fontoura) (Figure 21) comes from them.

Figure 21 - Fountain located at Casa Alta, which originates the parish's name, according to one of the existing legends[35].



Source: Mónica Silva.

Land of illustrious people and notable figures, José Joaquim Champalimaud de Nussane Lira e Castro was born in Casa e Quinta de São José, in Bárrio, joined the military, and his work in the «defesa da linha do rio Minho em 1808 em Caminha e em Vila Nova de Cerveira (Lovelhe), ainda com a patente de Tenente-Coronel, à frente das suas tropas do Regimento de Infantaria de Valença do Minho» (Castro, 2010, p. 471). Outra figura é Vitorino António Caldas, «Juiz de Paz e membro e Presidente da Junta da Freguesia, cargo que ficou assinalado pelo seu empenho na florestação dos baldios da freguesia […]» (Castro, 2010, p. 473).

Given that tourism resources and attractions can be found in a territory with a high supply of rural accommodation, this research aims to promote, through a collaborative guidance model, the offer of tourism products through the rural community of Fontoura, to integrate e-tourism and community maps, towards increasing development for residents, tourists, visitors and *prosumers*[36] of our daily lives. The cross-border reality of

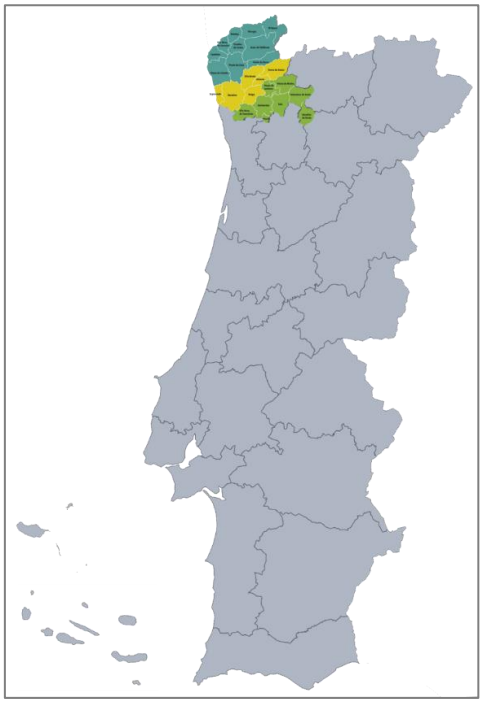
[35] This photograph comes from a guided tour that the researcher took in 2021, at the invitation of the Comunidade Associativa Arcanjos S. Miguel e S. Gabriel, in Fontoura. The visit was also reported in the local newspaper, according to the link: https://radioaltominho.pt/noticias/camara-municipal-de-valenca-participa-em-visita-guiada-a-freguesia-de-fontoura/ (Accessed on 20.04.2023)

[36] Definition for «*who occupy a unique position in the market space, as they are both providers and consumers (Chandler and Chen, 2015; Eckhardt et al., 2019; Kotler, 1986; Ritzer and Jurgenson, 2010; Toffler, 1980)*» (Lang, Kemper, Dolan, and Northey, 2020, p. 177).

Fontoura and various parishes in the municipality of Valença do Minho makes it a privilege to create a network of territorial proximity with the existing offer, and with a reality of *Eurocidade* Valença do Minho-Tui[37], and therefore of *Eurovilas* integrated and empowered, given the rurality that characterises them.

Alto Minho (Figure 22) is located on the mainland, north of Portugal, and is considered a hotspot for low-density territories, most of which have very little access to the Internet—neither by fibre nor cable. Fontoura is, therefore, considered a pilot project for connecting to the Internet network through this research and actual application.

Figure 22 - Location of Alto Minho in mainland Portugal.



Source: Adapted from *Mapas de Portugal* (n.d.).

According to Gonçalves et al. (2020)

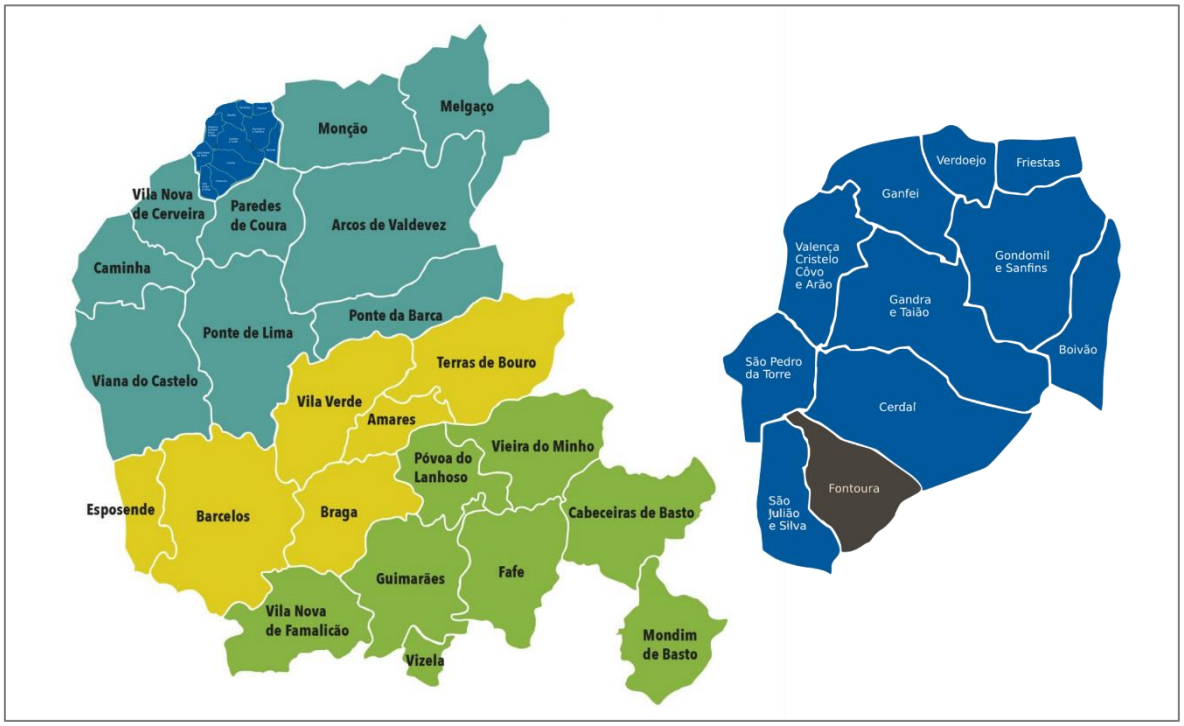
> [t]*he Minho region (Portugal) is a rural-urban coastal territory, with a singular diversity of endogenous resources – cultural-natural and heritage – dispersed throughout the ten municipalities of the NUT III Alto Minho* [Figure 23] *and which*

[37] https://www.cm-valenca.pt/eurocidade (Accessed on 20.04.2023)

constitute a destination area with different poles of potential tourism enhancement. (p. 73)

The object of study for this research goes back to the researcher's maternal roots, where belonging is synonymous with home, where societal values are recognised by the verbal good morning or good afternoon.

Figure 23 - Location of the parish of Fontoura, Valença do Minho, Portugal.



Source: Adapted from *Europe Direct*[38].

Local accommodation is a strong point in Fontoura, with around four lodges—Quinta de Real (Figure 23), Quinta do Cruzeiro, Yavanna, and Casa Alta—and one pilgrim hostel—Pilger Pause. Quinta de Santo António can also be rented out on weekdays, and seminars and scientific meetings of an Iberian nature are occasionally held there.

[38] https://europedirectminho.ipca.pt/europedirectminho/localizacao-e-area-de-intervencao/ (Accessed on 20.04.2023)

Figure 24 - Quinta de Real, local accommodation.



Source: *Booking*[39].

It has idyllic landscapes, such as cornfields, pastures and Alvarinho[40] vineyards (Figure 24).

Figure 25 - Fontoura's landscape.





Source: Mónica Silva.

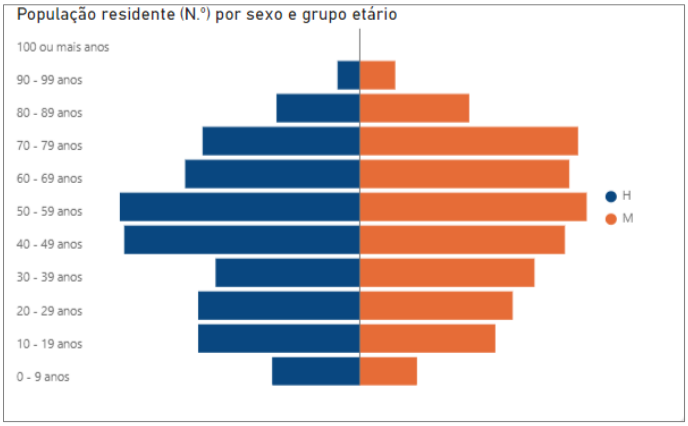
[39] https://www.booking.com/hotel/pt/quinta-de-real.pt-pt.html (Accessed on 20.09.2023)

[40] Alvarinho is a white Vitis Vinifera grape variety that produces tiny, medium-sized bunches. This variety grows best in regions with maritime climates and stony soils, such as the sub-region of Monção and Melgaço, in the Vinhos Verdes region, which is one of the favourites for growing Alvarinho, precisely because it has the ideal climate and soil conditions (Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes) (Accessed on 20.10.2023)

This research, as a pilot analysis, aims to look at this rural territory as a tourism engine, where the intergenerational factor becomes a key element - according to the INE (2021)[41] the adult population aged 35 to 74 in the entire municipality of Valença do Minho accounts for 55,4%, translating into 8,341 out of 13,290 residents. Fontoura, according to Censos (2022)[42], through provisional results

> *possui 686 indivíduos* [menos 65 do que em 2001] *e 267 agregados, com uma representatividade de 51,75% de indivíduos com 25 a 64 anos e com indivíduos acima dos 65 anos com 27,60%, sendo que 20,55% representa a faixa etária dos 0 aos 24 anos* [Chart 1]*; sendo que a maioria da população ou é solteira ou casada* [Chart 2] *e a maioria possui o 1.º ciclo e o secundário como habilitação literária* [Chart 3]. (p. 13)

Chart 1 - Fontoura Resident population by age group[43].



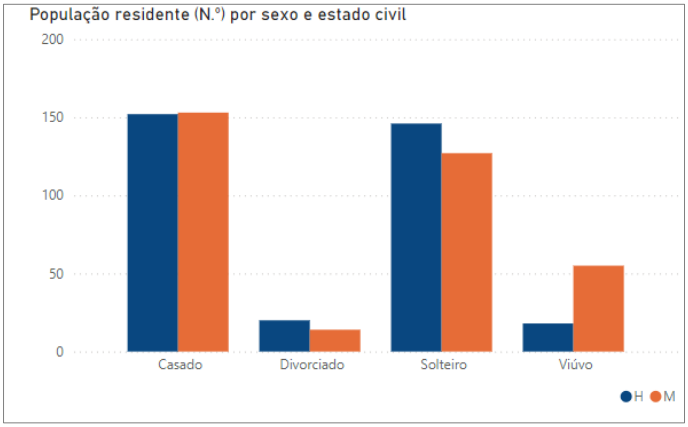
Source: *Censos* (2024, n. p.).

[41] https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_unid_territorial&menuBOUI=13707095&contexto=ut&selTab=tab3&xlang=pt (Accessed on 20.10.2023)

[42] The census or demographic census is a statistical study of a population that allows collecting various information, such as the number of men, women, children and the elderly, and where and how people live. Most countries usually carry out this study every ten years (INE, 2022b) https://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=585793364&att_display=n&att_download=y (Accessed on 20.10.2023)

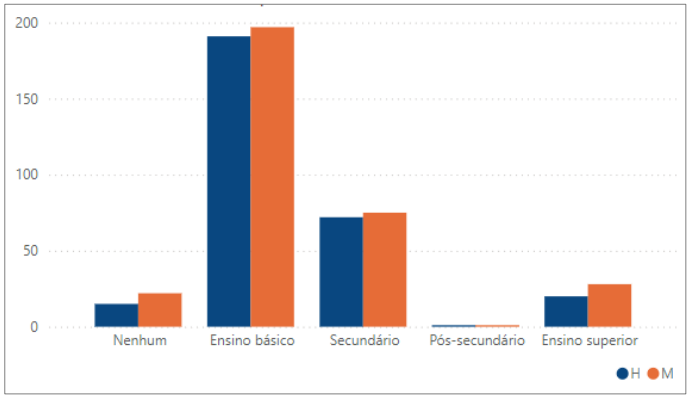
[43] Caption: H – Male | M - Female

Chart 2 - Resident population by sex and marital status[44].



Source: *Censos* (2024, n. p.).

Chart 3 - Resident population with more than 15 years old (nr.) by gender and educational level[45].



Source: *Censos* (2024, n. p.).

This research aims to enhance the abilities of rural communities lacking in infocommunication literacy and digital skills by utilising their most valuable resources: individuals and narratives. The goal is to establish a historical identity that can be appreciated by future generations, resulting in the formation of a collective memory and fostering social change that is advantageous to all. We must transform these into

[44] Caption: H – Male | M – Female / Estado Civil – Marital Status / Single (Solteiro), Married (Casado), Widow(er) (Viúvo), Divorced (Divorciado)

[45] Caption: None (Nenhum), Primary School (1.º Ciclo), Secondary School (2.º and 3.º Ciclos), College (Secundário e pós-secundário), University (Ensino Superior)

valuable commitments, such as implementing a pilot initiative to provide them with Internet connectivity, with the additional objective of addressing the isolation from the desertification of the country's interior.

Hence, we will examine how collaborative digital platforms, by employing methods and intervention models with the community, are pivotal in fostering creativity and facilitating digital transformation. To develop a strong community and foster shared experiences, this initiative aims to enhance the knowledge and understanding of each participant. Its ultimate goal is to create a comprehensive local tourism experience in rural communities with limited education. The following chapter introduces digital platforms as collaborative and co-creation strategies for promoting local tourism in rural regions with low literacy rates.

2. Digital collaborative solutions for local tourism development

Accessible tourism involves a collaborative process among all stakeholders.
United Nations (n.d., n.p.)

When it comes to digital platforms in tourism promotion, ICT is associated as a cohesive element between the creation of the digital system and its availability to the consumer/platform user. This is even more so when they assume the competence of collaboration in creating content through and for the consumer, making the consumer the basis of the process in a continuum.

Confronting tourism with both the need for and, above all, the impact of ICT, we cannot help but recognise that «[s]i pendant longtemps, le secteur du tourisme est resté un peu à l'écart du débat sur l'innovation et les TIC, on peut dire aujourd'hui que ces TIC sont devenues pour ce même secteur un enjeu stratégique» (Gaiiouj & Leroux, 2011, p. 214).

Digital platforms are crucial to facilitate remote work – lots of it happened during the pandemic – and enhance communication by increasing collaboration for an interconnected non-stop world. The tourism sector has contributed to both the emergence and the extensive and intensive development of electronic tourism, i.e. e-tourism which

> *reflects the digitalisation of all processes and value chains in the tourism, travel, hospitality and catering industries. It emerges as a term describing the entire range of applications of ICTs on tourism and the implication for the tourism value chain. Major opportunities and challenges have emerged and need to be addressed by all industry players: the level of e-Tourism developments, however, varies between regions, countries and continentes.* (Buhalis & Deimezi, 2004, p. 103)

This global situation has led authors such as Neuhofer-Rainoldi (2014) to argue that ICT improves the tourist experience. By connecting stakeholders, hotels, services and communities, the digital collaborative platforms for tourism enable communication, coordination and real-time updates, enhancing the travel experience for tourists, and all the industry players. In this research, we work with a rural community where we are

trying to understand how, with an infocommunicational model, we can aggregate the promise of value for the residents and the visitors who pass by. The digital collaboration platforms are essential for connecting local communities with the world. Managing unique rural experiences may promote the correct communication channels for a sustainable tourism practice, where the preservation of local cultures and the empowerment of the communities may offer a personalised experience to visitors seeking authentic encounters. The application of tools allied with strategies of telling stories allows us to arise in the proposal of community mapping through digital and collaborative platforms.

When creating and building community maps, the drawn image allows the user to understand better the information being communicated. InfoVis is the vehicle that takes visualisation to a new level, one enjoyed by users of digital platforms, as in the case of this participatory and collaborative research.

2.1. Digital collaborative platforms

Given the wide variety of tourist destinations and services available, it is becoming increasingly important to align supply with demand. The future of tourism will require a greater emphasis on providing sophisticated services, specialised products, segmented demand, and meeting the desires of tourist consumers (Serra, 2008). As the same author says, ICTs emerge

> *como o resultado das tecnologias aplicadas à electrónica, à computação e às comunicações. Justificando esta afirmação, constate-se a grande facilidade de acesso a verdadeiras autoestradas de informação e de disponibilização de suportes para diversas necessidades, nomeadamente aquela que mais toca à presente problemática, a prática de viagens e turismo (Rada, 1984).* (Serra, 2008, p. 2)

Despite initial appearances, tourism and ICT are interconnected and interdependent. Examining the progression of tourism reveals a clear and intimate connection to technical advancements. Furthermore, considering the distinct attributes of tourism, information conveyed through different mediums becomes a useful asset in enticing

both new and current consumers. In other words, communication and information tools play a crucial role in the tourism industry.

Howard Rheingold (2008) shows that cognition is expanded when discussing Collective Intelligence. Driven by online collaboration and mobile connectivity, Collective Intelligence is transforming how people organise, share information and make decisions. In other words, «[…] young people seek to master the use of media tools to express themselves, explore their identities, and connect with peers – to be active creators as well as consumers of culture […]» (Rheingold, 2008, p. 97). This is directly reflected in the tourism sector since «[t]echnologies revolutionise the tourism industry and determine the strategy and competitiveness of tourism organisations and destinations» (Buhalis, 2020, n.p.), it is important to comprehend the potential benefits of collaborative digital platforms, specifically in terms of creating narratives through community storytelling and collaborative cartography. Storytelling is a powerful instrument for enhancing destinations in the tourist sector (Bassano et al., 2019; Cao, 2019; Calvi & Hover, 2019; Moscardo, 2020; Moscardo, 2021). When used successfully, it can improve the entire experience of visitors, contribute to the branding of a place, and promote a stronger connection between tourists and the local area (Di Pietro et al., 2018; Mei et al., 2020; Paiva et al., 2023). Storytelling can play a crucial role in safeguarding and advancing the cultural legacy of a particular location (Figure 26).

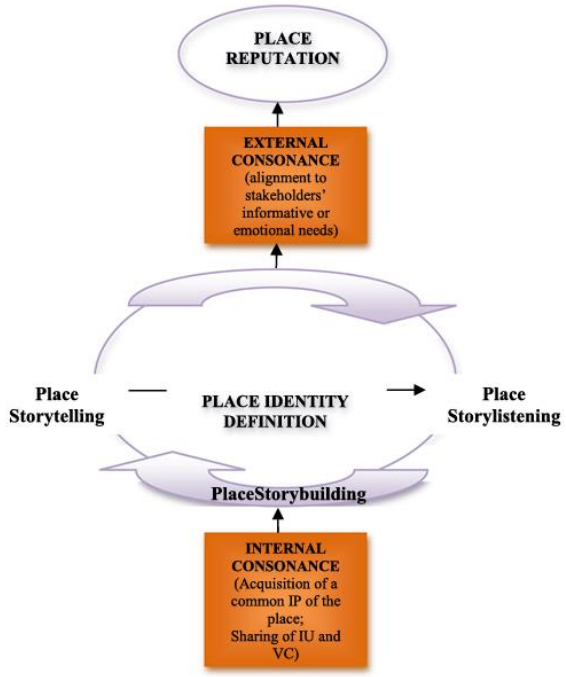
Figure 26 - Storytelling management – stages of story building, storytelling and story listening.



Source: Piciocchi at al. (2011, n.p.).

By disseminating regional narratives, customs, and myths, a location can establish its distinctiveness and cultivate an atmosphere of genuineness that resonates with tourists in search of exceptional encounters. Through sharing their personal narratives and unique viewpoints, residents assume the role of representatives and advocates for the destination. Engaging local communities in the narrative creation process. The employment of digital platforms to narrate stories using tools such as text, photos, and videos allows the dissemination of material via these platforms to reach a broad demographic, drawing in prospective tourists (Figure 27) and cultivating a community of avid travellers (Emmendoerfer et al., 2023).

Figure 27 - Location storytelling to boost the competitiveness of territorial brands.



Source: Bassano et al. (2019, n.p.).

These platforms can be particularly advantageous in supporting rural communities, which is the focus of this research. According to Borges-Tiago et al. (2022)

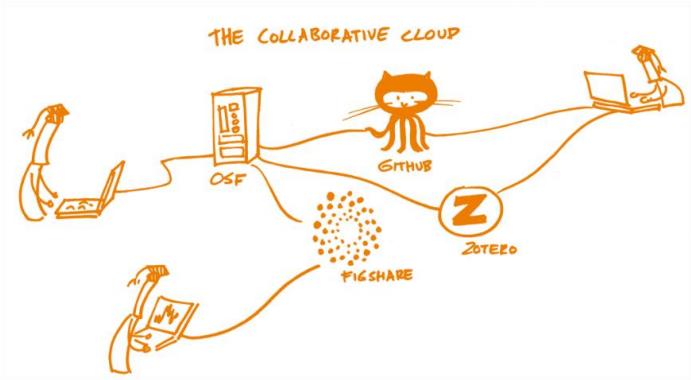
> […] *the e-tourism and web evolution, providing the infostructure to create innovative value proposals for all stakeholders. The author also claims that the next step of this evolution will be Ambient intelligence (AmI) Tourism, where individual and collective interests will be aligned to promote the optimization of collaborative performance and competitiveness* […] (Borges-Tiago et al., 2022, p. 2)

Through an engaging narrative that emphasises the location's distinct history, culture, and attractions to small places, it is possible to be creative with the resources and develop new opportunities for the communities (Richards, 2017; Flores et al., 2019). This narrative can be included in promotional materials, websites, and local guides to captivate and enlighten visitors (Mathisen, 2018; Münster et al., 2019; OECD, 2014).

Therefore, the term digital platforms are considered to be structures that connect people and companies with complementary interests, in the sense that «[p]eople like to

tells stories, and people enjoy listening to storytelling. […]. Through modern digital media, they can tell stories and share their experiences of their beloved place» (Bassano et al., 2019, p. 11). According to Reim et al. (2022) «[d]igital platforms are transforming almost every industry today and are expected to revolutionize future value creation» (p. 3926) (Figure 28).

Figure 28 - The collaborative cloud on online digital platforms.



Source: *GitBook*[46] *– Manual de Formação em Ciência Aberta*.

These can be described as «today's platforms, empowered by digital technology to annihilate barriers of time and space, and employing smart, sophisticated software tools that connect producers and consumers more precisely, speedily, and easily than ever before, are producing results that are little short of miraculous» (Parker et al., 2016, n.p.). The same authors also argue and believe that

> *digital connectivity and the platform model* […] *are changing the world forever. The platform-driven economic transformation is producing enormous benefits for society as a whole and for the businesses and other organizations that create wealth, generate growth, and serve the needs of humankind.* (n.p.)

Digital platforms take shape through the Internet, which according to INE defines it as «[l]igação ao conjunto de redes informáticas mundiais interligadas pelo protocolo

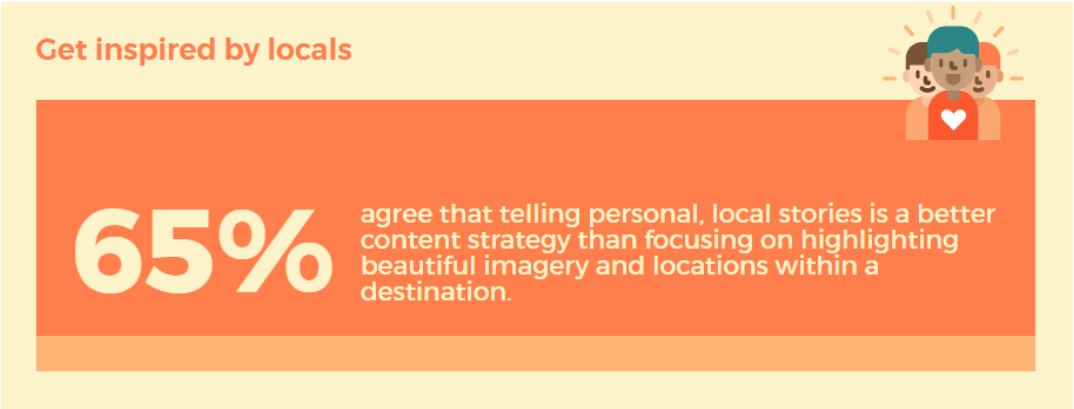
[46] https://book.fosteropenscience.eu/pt/02IntroducaoaCienciaAberta/07Plataformas_Colaborativas.html (Accessed on 16.02.2022)

TCP/IP – *Transmission Control Protocol/Internet Protocol*, onde se localizam os servidores de informação e serviços (FTP, WWW, E-mail, etc.)» (INE, 2001, n.p.)[47]. Furthermore, in accordance with this idea, the notion of the Internet as the «[i]nterface gráfica para a *Internet*, constituída por servidores que permitem o acesso a dezenas de milhares de páginas, muitas das quais contêm gráficos, fotografias, combinadas com texto e mesmo clips de som e vídeo, através de um motor de pesquisa» (INE, 2021b, n.p.)[48].

For this research, the aim is that through collaborative digital platforms using web solutions, storytelling narratives emerge to empower rural communities and, therefore, propose the creation of cultural and natural community maps. Place storytelling refers to utilising narrative techniques by an integrated territorial system to effectively offer itself to the market and gain a unique competitive advantage. Storytelling in the digital era is becoming more crucial as locations fight for tourism, funds and economic development, and the ability to transmit culture and information (Bassano et al., 2019) to create memories for the future through the application of InfoVis under GIS platforms, with open access. According to Patrícia Correia, associated with Turismo de Portugal, storytelling is characterised by being «a capacidade de contar histórias de maneira relevante onde os recursos audiovisuais são utilizados juntamente com as palavras» (Correia, 2020, n.p.) and according to its original word refers to the storyteller, through the term "*tell a story*" (Figure 29).

[47] https://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes?id=2256&lang=PT (Accessed on 16.02.2022)
[48] https://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/11438?modal=1 (Accessed on 16.02.2022)

Figure 29 - Storytelling tool for tourism.



Source: *Skift – Destination Storytelling 2020: A Guide to Telling Great Stories* (2023)[49].

Place storytelling is part of new communication modalities. It is related to the ability of an integrated territorial system to narratively present itself to the market and achieve a distinctive competitive advantage.

It is seen as a strategy for promoting tourism, particularly when used persuasively to construct narratives about a particular community or setting. According to the *National Storytelling Network*[50] the concept is «an ancient art form and a valuable form of human expression. […]. Storytelling is the interactive art of using words and actions to reveal the elements and images of a story while encouraging the listener's imagination»[53]. Once again, the collaboration and active participation by consumers or by those who run the tool is aimed at «a two-way interaction between a storyteller and one of more listeners. The response of the listeners influences the telling of the story. Storytelling emerges from the interaction and cooperative, coordinated efforts of teller and audience»[53].

Rural tourism leads to a greater cultural appreciation of rural spaces and communities in such a way that, in recent years

> *o turismo pode dar um importante contributo para as regiões mais desfavorecidas por organizações internacionais, pelos governos e pelos*

[49] https://skift.com/destination2020/ (Accessed on 16.10.2023)
[50] https://storynet.org/ (Accessed on 16.02.2022)

> *académicos, favoráveis para o desenvolvimento das regiões menos favorecidas (CCE, 1992), sendo uma via natural para o desenvolvimento das áreas rurais da Europa (LEADER, 1993) e um meio de valorização do mundo rural e de reequilíbrio económico e social*. (Cunha, 2017, p. 239)

Digital platforms embody the principles of collaboration, participation, and interactivity, which are essential for their functioning and sustainability in the online realm. They bring together consumers, servers, and services with the common goal of marketing and/or enjoying a product or destination. This is achieved through the sharing of content among various individuals and organisations.

The digital, collaborative platforms currently available online have a wide variety when it comes to developing and promoting the tourism sector, such that «[t]echnology is increasingly becoming a driving force in support of the value chain. Global reservations systems are key levels of competitive advantage for airlines, hotels, car rental companies, etc.» (UNWTO, 2007, p. 23). More recently, UNWTO created an initiative in 2021 that goes by Best Tourism Villages (2023) to «[a]dvance the role of tourism in valuing and safeguarding rural villages along with their associated landscapes, knowledge systems, biological and cultural diversity, local values and activities»[51] (n.p.). Academic discourse and research papers explore the significance of cooperative digital platforms in enabling rural communities to become tourist attractions. Rural communities can enhance their communication with digital platforms by utilising various resources, such as delving into journals that specifically address community informatics, rural development, and tourist studies. Therefore, rural places have traditionally been promoted through informal and unorganised means, where individuals share their experiences directly with others, instinctively inspiring the latter's desire to have the same sentiments (Maquera et al., 2022; Zhu & Shang, 2021).

Information and communications technologies «have changed tourism in very fundamental ways. The magnitude of these changes is not only evident in their degree

[51] https://www.unwto.org/tourism-villages/en/news/unwto-names-its-best-tourism-villages-2023/ (Accessed on 10.10.2023)

of disruptiveness […] it pushes along a wave of tourism and hospitality innovations that influence consumer cultures, preferences, choices, and identities» (Gössling, 2020, p. 849). Rural tourism aims to improve human safety and welfare through sustainable socio-economic development, with the main goals of reducing poverty, inequality, and regional disparities, generating opportunities for residents, and establishing and sustaining a small-scale tourism industry (Abad & Álvarez, 2020; Zhu & Shang, 2021).

The exponential expansion of these platforms has generated prospects for ingenuity and economic ventures in rural areas, namely in promoting tourism through implementing a business model centred upon collaborative consumption (Ritcher et al., 2017). Successful navigation of the tourism value network necessitates proactive collaboration among institutions, stakeholders, industry participants (e.g., suppliers, intermediaries), government departments, and technology providers to effectively cultivate and sustain technological skills in response to consumer demands.

With a centralised offer in culture and nature, it is necessary to understand who the tourist is who arrives in the rural communities and this sense, according to data from *Lord Cultural Resources*[52], the profile of the likely tourist arriving at the rural destination is drawn:

- *Highly motivated by the benefits of cultural travel;*
- *Is looking for a "Meaningful Personal Experience;*
- *Has a higher propensity to 'explore';*
- *Seeks a total 'experience' that includes cultural landscapes, cityscapes and Townscapes;*
- *Is motivated by high impact 'time specific' cultural events, such as blockbusters and festivals;*
- *Is concerned about environmental, economic and cultural sustainability;*
- *Is increasingly 'worldly';*
- *Uses the Internet to identify where and how to travel;*

[52] http://www.mtc.gov.on.ca/en/publications/Ontario_Cultural_and_Heritage_Tourism.pdf (Accessed on 11.03.2022)

- *Has a higher level of education attainment than other tourists;*
- *Spends more money at their destination.* (LORD, 2009, pp. 9-10)

Cultural Services and Cultural Activities (Table 7) also emerge according to a plural profile, with a varied offer, such that according to ATLAS, by Richards (2009) they assume that

> *experiences enjoyed most by cultural tourists tend to be those small scale, less visited places that offer a taste of 'local' or 'authentic' culture. Tourists increasingly say that they want to experience local culture, to live like locals and to find out about the real identity of the places they visit.* (n.p.)

Table 7 - Services/Products and Tourism Cultural Activities.

Products	Activities
1. Accommodation services for visitors	1. Accommodation for visitors
2. Food and beverage serving services	2. Food and beverage serving activities
3. Railway passenger transport services	3. Railway passenger transport
4. Road passenger transport services	4. Road passenger transport
5. Water passenger transport services	5. Water passenger transport
6. Air passenger transport services	6. Air passenger transport
7. Transport equipment rental services	7. Transport equipment rental
8. Travel agencies and other reservation services	8. Travel agencies and other reservation services activities
9. Cultural services	**9. Cultural activities**
10. Sports and recreational services	10. Sports and recreational activities
11. Country-specific tourism characteristic goods	11. Retail trade of country-specific tourism characteristic goods
12. Country-specific tourism characteristic services	12. Other country-specific tourism characteristic activities

Source: Csapó (2012, p. 227).

As a result, tourism is taking on a new role, reaching a new level of global competitiveness. Two significant factors profoundly alter our comprehension of how visitor experiences might be generated. The experience economy, which has been dominant until recently, has been propelled by the concept of co-creation. This concept acknowledges the role of engaged and empowered consumers in creating their own experiences. Furthermore, the widespread use of information and communication technologies has resulted in tourist experiences being both collaboratively developed and influenced by technology (Neuhofer-Rainoldi, 2014; Prahalad & Ramaswamy, 2004; Rid et al., 2014; Tussyadiah & Fesenmaier, 2009). Efficient destinations are crucial in

developing effective offer marketing strategies (Gájic et al., 2021; Pétrovic et al., 2017; Zhang et al., 2019).

Knowledge about the tourist experience becomes an asset in creating a relevant and competitive destination (Agapito et al., 2014; Cébrian & Sanches, 2016; Lee & Smith, 2015; Loureiro, 2014; Mateiro, 2018; Tung & Ritchie, 2011; Villa, 2015).

Establishing partnerships with tourism organisations and institutions that are embracing the Internet and the Web for digital transformation is crucial. Sharing tales, comments, and images opens up new business prospects.

2.2. Interaction Dynamics in Web 2.0

More than ever, concepts such as sustainability, inclusion, media convergence, collective and integrated participation, collective intelligence, sharing, flexibility, and transparency are terms that government bodies need to implement as public policies for the tourism sector to make the offer effective.

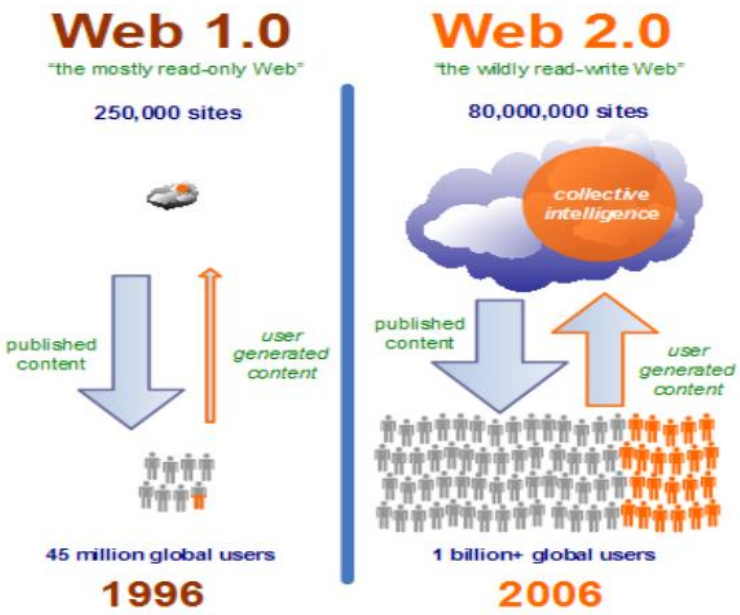
In the technological field, the World Wide Web has revolutionised how we communicate, albeit in a unilateral sense

> *was introduced by Tim Burners-Lee in late 1989. The view of the capabilities of the World Wide Web was expressed by three innovations, typically associated with three phases, namely, the Web of documents (Web 1.0), the Web of people (Web 2.0) and the Web of data* […]. (Kujur & Chhetri, 2015, p. 134)

In Web 1.0, information is only made available through content and virtual addresses, using text, images and graphics to provide better clarification for the consumer. It has been defined as the Web of connecting information, and according to «Tim Berners-Lee […] the Web as "read-only" Web. It provides very little interaction where consumers can exchange information together but it was not possible to interact with the website. […] was referred to as the first generation of the World Wide Web» (Kujur & Chhetri, 2015, p. 134). However, the World Wide Web process (Figure 30) has an increasing direction, i.e.

> [t]*he first stage, Web 1.0 composed by static web pages enabling global information sharing but not interactivity. It was mainly a one-way publishing medium and information-centric. The second stage called Web 2.0, often called the social or community web, linked people and users, and with user generated content capability and it is considered the mostly as people-centric* [Figure 30]. *Introduced in 2001, the third stage of web development Web 3.0 is the Semantic Web, where meaning of content recognized and understood by computers, enabling computer to computer interaction.* (Noti, 2013, p. 117)

Figure 30 - Characteristics between Web 1.0 and Web 2.0.



Source: Kujur & Chhetri (2015, p. 135).

The Internet has emerged as a crucial tool for accessing information on tourist demand. It allows customers to directly engage with the services they purchase, enabling continuous identification of the tourist's profile regarding their requirements and expectations. On the other hand, services can connect the complexity of increased demand and the diversity sought more easily and effectively. The digital platforms most sought after and developed by tourism markets are centred on Web 2.0 since two-way communication happens naturally, where content is generated and absorbed by other

consumers, allowing the user to take a position between product functionality and distribution, in the sense of being the centre of development of tourism activities.

Digital platforms for tourism promotion «enable the process of connecting to consumers, but at the same time, it is difficult to control the reaction of about the message/photo/audio or video file that is received» (Noti, 2013, p. 122). However, when there are shares, that is, «[w]hen people share their travel experiences through weblogs, this can also create a possibility for travelling and visiting the same tourism destinations or services providers by other people who read those experiences» (Noti, 2013, p. 122).

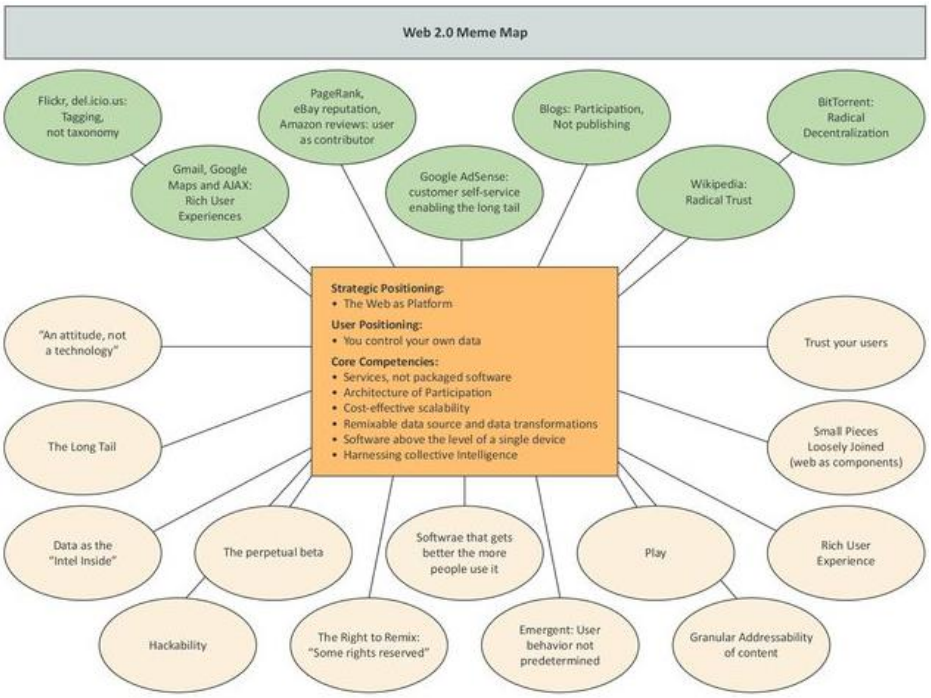
For O'Reilly and Castells, virtual communities have the competence to promote cultural values in the sense of transforming the Internet into an information and communication tool that has the power to share, generate and recreate activities in what characterises the Information Age (O'Reilly, 2009; Castells, 2004). According to O'Reilly[53] (2009), the characteristics of Web 2.0 (Figure 31) are as follows:

> ***A Web como plataforma*** *– serviços que utilizam a Web como plataforma, pois oferecem ao utilizador formas de trabalhar sem que o programa seja instalado no seu computador, mas sim acessível de qualquer computador com browser ligado à Internet, como por exemplo o Google Docs;*
>
> ***Misturar a Web*** *– sítios Web que partilham os recursos que são utilizados por outros sítios Web, como por exemplo o Panoramio que utiliza fotografias importadas pelos utilizadores com o serviço de mapeamento do Google Maps;*
>
> ***Arquitetura de participação*** *– não se pretende que o utilizador pesquise a informação do sítio Web, mas sim que participe, construindo os próprios conteúdos, partilhe fotografias, escreva um blogue, comente as suas leituras e que esteja em contacto com os seus amigos, como por exemplo o Flickr;*

[53] Tim O'Reilly and Dale Dougherty orchestrated the Web 2.0 Conference in 2004, delineating fundamental principles and distinctive attributes of what they perceived as a novel stage of the internet. Their publication titled "What Is Web 2.0" elucidated the progressive characteristics of the internet, highlighting user-generated content, cooperation, and the transition towards more dynamic and participatory online experiences (https://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html) (Accessed on 10.10.2023).

> ***Inteligência coletiva*** *– uma Web cada vez mais inteligente que interliga várias funcionalidades, como por exemplo a aplicação Google Mobile que ao reconhecer a palavra pizza dita pelos utilizadores através do seu smartphone, retorna uma lista de pizzarias mais próximas, coordenando o reconhecimento de voz, a procura e a localização do utilizador.* (Soigné, 2014, p. 38)

Figure 31 - Concepts emerging from the core principles of Web 2.0.



Source: Chawinga & Zinn (2016, n.p.).

Castells & Cardoso (2005) assume that the network - the Internet - is a more flexible and adapted system according to the field of human sciences. The correlation between Information and Communication Technology and the Tourism industry has been a subject of research since the 1990s (Buhalis, 2003; Buhalis & Michopoulou, 2013; Buhalis & O'Connor; 2015; O´Connor, 1999; O´Connor, 2008; Poon, 1993; Ramos & Rodrigues, 2011; Sheldon, 1997; Werthner & Klein, 1999).

And in line with the meeting with infocommunication, it's important to note that

> [i]*nformation and communication technologies (ICTs) and tourism are two of the most dynamic motivators of the emerging global economy.* […]. *Tourism and ICTs*

> *are therefore the two key catalysts for enabling dynamic, innovative and knowledge communities and organizations to communicate and interact with the outside world in order to import expenditure and benefits. In this sense, both tourism and ICTs increasingly provide strategic opportunities and powerful tools for economic growth, redistribution of wealth and development of equity around the globe.* […]*. ICTs enjoy particular relationship with tourism.* (Buhalis, 2003, p. xxiv)

The World Wide Web has emerged as a vehicle for building collective intelligence in the sense that it enables the collaborative use of resources over multiple digital platforms. The essence of Web 2.0 (Lopes, 2012) allows access between organisations, institutions, and individuals, where the consumer becomes a prosumer.

Several authors (Buhalis & Law, 2008; Burgos & Mertens, 2016; Keskinen et al., 2020; Schroeder & Pennington-Gray, 2014) defend the participatory and collaborative culture applied to destinations as an added value, even more so in times of pandemic, such that the organisations must examine the variables that impact the specific segments of the general public that are more inclined to search for crisis information through social media. Social media have greatly influenced the tourism business and distribution due to its facilitation of communication between tourism suppliers and travellers. The continuous advancement of technology and the widespread use of smartphones have enabled travellers to instantly access information and make prompt decisions when visiting different places (Huertas & Orden-Mejía, 2022). Collaborative digital platforms can intersect with the interaction dynamics of Web 2.0 in various ways, improving the user experience and promoting a more active and immersive online environment.

Through the use of User-Generated Content in Web 2.0, collaborative platforms generally flourish by relying on content created by users. Users actively create and develop the platform's information environment by contributing content like reviews, images, and suggestions. Users actively interact with the platform by generating, distributing, and providing feedback on content. The platform's engagement deepens its depth and offers useful insights to others. By utilising social networking and collaboration (Burgos & Mertens, 2016), we may frequently integrate social networking

elements that allow users to connect, follow, and interact. Within collaborative digital platforms for tourism, this phenomenon can be observed in the form of users exchanging and disseminating travel experiences, advice, and suggestions. Additionally, prioritise and highlight the importance of immediate and live engagement. Collaborative systems facilitate immediate communication, enabling users to interact, exchange updates, and coordinate tasks.

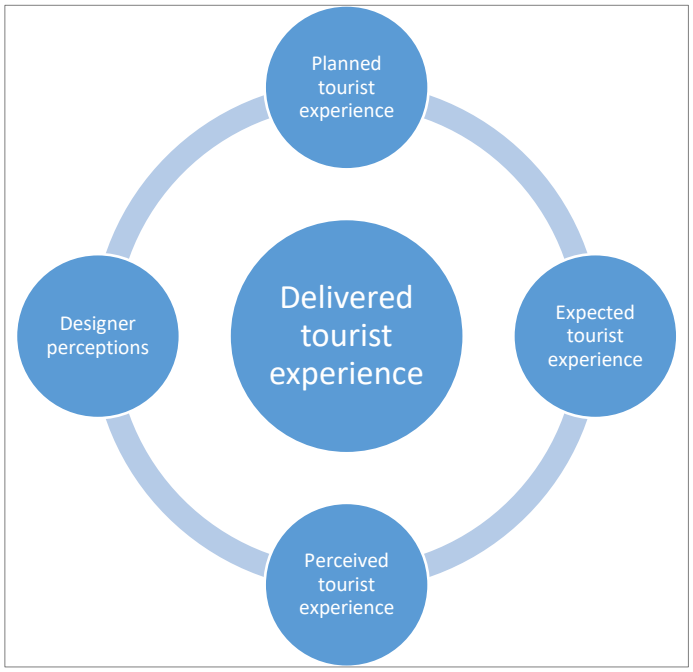
Keskinen et al. (2020) recommend that:

> […] *sustainable digital service platforms for CBT* [Community-Based Tourism] *should be developed and assessed including their features in addressing long-term impacts on livelihood. We propose the following topics for consideration in future development of digital CBT platforms: the role of surrounding communities, rewards to platform contributors, enabling of indirect economic activities, understanding conflict-of-interest between communities and platform, empowerment all of the users, and monitoring the local performance of the platform for its users.* (p. 3)

And also, according to Cuomo et al. (2021)

> […] *the development of ICT on the growing attractiveness of destinations and cultural cities increasingly characterized by intensive information sharing and value co-creation* [Figure 32] *(Akehurst, 2009; Da Costa Liberato et al., 2018; Porter and Heppelmann, 2014). Hence, the culture of sharing and its participatory implications are becoming more and more part of the travel experience for experts and scholars in the sector.* (p. 2)

Figure 32 - System for creating tourist value.



Source: Cuomo et al. (2021, p. 5).

Concerning the concepts of interaction for this literature review, technological ubiquity enables

> *computers would become part of the environment, embedded in a variety of everyday objects, devices and displays.* [Mark Weiser (1991)] *envisioned a world of serenity, comfort, and awareness, where people were kept perpetually informed of what was happening around them, what was going to happen, and what had just happened.* (Sharp et al., 2019, p. 88)

Big Data is shaped «to be understood by software agents bring forward Web 3.0 (…) to support computer-to-computer interoperability. Linking and integrating big data, from a range of data sets, improves data management, supports interoperability, stimulates creativity and innovation, and encourages collaboration across the social web» (Buhalis, 2020, p. 268). In a sense

> *that refers to multiple ways humans interact to create and communicate knowledge, experience and aspirations about the world in maps. Participatory*

> *mapping has been defined as the creation of maps by local communities, often with the involvement of supporting organizations including governments, non-governmental organizations, universities, and other actors engaged in the development and land-related planning.* (Brown & Kyttä, 2018, p. 1)

Web 2.0 platforms facilitate the exchange of diverse multimedia material. Collaborative tourism platforms allow users to share multimedia content such as movies, images, and interactive maps. This enhances the experience by creating compelling and immersive content that can be iterated upon. According to Huertas & Orden-Méjia (2022), several information retrieval methods based on the type of tourists prove valuable in evaluating tourists' activities.

Dynamic interactions enable users to visually narrate their stories, capturing the core of their travel experiences and influencing others' travel choices to foster community development and engagement. This is facilitated by collaborative platforms utilising Web 2.0, which grant active participation, insights, and interactive discussions through forums where people come together (Shirky, 2008; Rheingold, 2008). Digital platforms facilitate users' offering feedback and suggestions, establishing a perpetual feedback loop that enables the platform to adapt and improve according to user requirements and preferences.

Collaborative digital platforms for tourism effortlessly incorporate Web 2.0 collaboration dynamics, resulting in an engaging and dynamic arena where users can actively participate, work together, and influence the platform's content and features—the collaborative digital tourism ecosystem benefits from this synergy since it increases user engagement and overall value. The place branding theory assumes that destinations neglect to utilise their intelligent attributes in their approach. It is important to realise that branding encompasses more than managing and publicising a brand. The destination management process must encompass all the fundamental aspects of its identity, reality and development. It must also be adaptable to incorporate aspects and realities of the territory, even if they were not initially included in the brand, such as intelligent elements (Huertas et al., 2021).

Based on inter- and intra-community collaborations with destinations and for people, social networks and online digital information are converging to create open data platforms that are defined as elements that can coexist in a network, in line with what is advocated in the practice of Community-Based Tourism.

2.3. e-Tourism: Community Mapping and InfoVis

Web 2.0 plays a crucial role in a media convergence era by transforming how information is created, consumed, and shared. The dynamics of interaction on digital platforms, particularly web-based solutions, play a crucial role in constructing community maps (Figure 33).

Figure 33 - Creating community cartography.



Source: *Actua's Community Mapping*[54].

Community mapping for e-tourism can greatly benefit from the interaction dynamics of Web 2.0. To make the map more user-friendly and accessible to more people, community mapping platforms can include interactive and intuitive features that let users easily add, edit, and explore the map. The map can be made more accessible to a

[54] https://www.youtube.com/watch?v=r8UPn5boko0 (Accessed on 14/06/2023).

wider audience by including interactive and user-friendly elements that allow people to contribute, update, and explore it quickly. The accessibility of these types of experiences enhances the offer in the destination through on-the-go exploration made possible by the rise of mobile devices like smartphones and tablets. In addition, when people in a community can take an active role in decision-making, they develop a sense of pride in their knowledge and a sense of responsibility for the integrity and diversity of their region or territory. This, in turn, strengthens their sense of local ownership.

Community maps are developed for different societal sectors - health; human resources and education; community development at an economic, social, cultural and environmental level; and public safety – although, in this specific research, particular emphasis will be placed on community development under the parameter of the cultural and natural offer, in the realm of tourism.

According to Duxbury (2019) and Freitas (2016), cultural mapping has two possible approaches to development and in common, they advocate it as a development tool; however,

> *one is driven from top-down (cultural mapping for policy development) with instrumental approaches dominated by utilitarian rationality and by a notion of development measured in terms of economic growths, and the other is driven from bottom-up (cultural mapping for community development), with constitutive approaches that consider the complexity of the link between society and culture and are dominated by concerns of integrated human development.* (Freitas, 2016, p. 9)

Mapping results and local development is the cognitive basis for recovering memories and stories told to make communities unique places with their own identity. In this sense, the need for interaction between people arises, in addition to the evolution of cartography from the horizontal to the vertical and three-dimensional dimensions, according to a technological interaction design. The opportunity to make residents and consumers participatory and collaborative agents in the process of exploring, analysing and creating community maps allows the technological mediation between what is

known and knowledge to function as a «mechanism to foster democratic governance citizen-led interventions (…) based on processes that spearhead new modes of participatory interaction with citizens and use new technologies» (Ortega-Nuere & Bayón, 2015, p. 9).

With the recent advancements in technology, engaging and analysing various types of community maps by utilising open data is feasible. This can be done through collaborations with government entities, associations, and the local population, including residents and tourists, who actively promote human mobility empowerment ecosystems. McNaughton et al. (2020) propose six levels of collaboration for the development of a smart community. These levels include: i) Institutions that serve as catalysts for mobility, partnering with communities and governments to access geo-referenced data; ii) Cartographers and technology enthusiasts with expertise in geographic information techniques, utilising mapping software like OpenStreetMap; iii) Developers, often students, who possess the technical skills to transform data into programming tools; iv) Entrepreneurs who identify new opportunities to create specialised human resources for prototyping; v) Data owners, typically government agencies, who collect and contribute to managing geographic information data; vi) Users who benefit from the aforementioned process, utilising mobile devices and social networks to globalise the product. Soon, territories that possess user-centric technological mediation capabilities will be highly desirable as secure and transparent communities, as

> *a community mapping project launched (…) sought to combine open government data with crowdsourced mapping data to enable a more participatory development of the tourism sector. Built around open tourism data and the efforts of government agencies, civil society organizations, developers, and a group of motivated community mappers, the initiative is providing early insight into how data and collective intelligence can impact an industry that in many ways represents the lifeblood of the country.* (Young & Verhulst, 2017, p. 3)

All players have a central role to play in making open data a reality, and this includes «a wide range of actors, including tourists themselves, stakeholders in the local tourism

industry, and the country at large, which stands to gain from the economic benefits of a more widely dispersed tourism industry» (Young & Verhulst, 2017, p. 9). McNaughton (2016) says

> [c]*ombining the Internet and new low-cost, interactive, map-based technologies with official Open Government data and indigenous content creates the opportunity for the active engagement of community members in the planning, development and increased visibility of the community tourism product, as well as enhances the interactions between the community, the tourism agencies.* (n.p.)

Cultural mapping makes it possible to connect, understand, use and recreate community places and identify the resources and attractions of the territory's different aggregate scenarios. The interaction of technological mediation with individuals in communities, thinking about heritage and cultural resources for the construction of community maps, allows preservation and future maintenance to be leveraged through platforms through the creation of unique InfoVis according to the characteristics of the place (Freitas, 2016; Segel & Heer, 2010; Silva & Raposo, 2023; Windhager et al., 2019). They allow collaborative design with multidimensional and interactive maps to articulate cultural assets with meanings and stories, which assumes plurality and participatory approaches.

Community mapping is the preserve of many communities (Figure 34), but the interactivity factor beyond the platform associated with a computer is scarce.

Figure 34 - Community Mapping Process.



Source: *Maptionnaire* (2023)[55].

According to current parameters, such as sustainability and inclusion for all, cultural maps make it possible to empower communities and their cultural assets from the perspective of the community becoming an identity and authentic product, according to the place and its participants, residents and visitors; in addition to the synergies created between government partners and associations (Figure 35).

[55] https://www.maptionnaire.com/blog/guide-to-community-mapping-for-planning (Accessed on 12.17.2023)

Figure 35 - Community mapping for preservation of local identity.



Source: Burini (2017, n.p.).

This research aims to promote collaborative design, which is assumed to be constant during the process. Collective initiatives and direct involvement with residents and tourists become assets so that the information obtained generates new perspectives (Belotti, 2019).

Understanding the available resources within the rural community and actively engaging all individuals in collaborative efforts is imperative. By connecting the community, particularly the elderly residents, we ensure the acquisition of information directly from reliable sources who possess the most comprehensive knowledge of the locality and its inhabitants. Nevertheless, the involvement and assistance of the community in the advancement of tourism enables the expansion of the mapping project beyond the immediate area, allowing its use in comparable regions. Therefore, establishing education and training programmes for a rural community and collaborating with reputable institutions to offer specialised support to the local population are valuable commitments. These initiatives aim to empower individuals and enhance their skills

while raising awareness about the importance of receiving the highest quality services from experts.

Some projects reveal these principles and purposes, which have been considered for developing this research, such as the *CeNTER Integrated Programme* (2022a) (Figure 36)—*Networks and Communities for Territorial Innovation, DigiMedia*, from the University of Aveiro (UA).

Figure 36 - Presentation of the *CeNTER* programme website.



Source: *CeNTER Project*[56].

Its mission is to

> *as regiões são consideradas os motores de inovação, através das suas comunidade e redes locais, as quais devem ser fomentadas e estimuladas. Em muitos casos, as atividades de inovação estão focadas em nichos concentrados no território e resultam de iniciativas em rede individuais ou de pequena dimensão (nichos sociais) em vários domínios (turismo, saúde, TIC, etc.). Estas atividades são o resultado da concentração, no espaço, de grupos de cidadãos e comunidades, que procuram soluções personalizadas que respondam aos desafios que lhes são impostos. De uma perspetiva política, estas iniciativas de*

[56] http://center.web.ua.pt/ (Accessed on 04.04.2022)

> *inovação social são consideradas, de um modo geral, como um dos mecanismos que permite às regiões melhor responder aos desafios que lhes são colocados.* […]. *Assim, a abordagem conceptual e analítica do presente Programa está focada em três temas principais:*
>
> *1. Território;*
>
> *2. Mediação e valorização; e*
>
> *3. Emprego e qualidade de vida*[57].

In line with this research, this project makes it possible to focus competencies on the territory's added value, using the *CeNTER* project as a guiding model so that supply can be aligned with the other demands encountered during the development process.

The *LOCUS* project, *playfuL cOnneCted rUral territorieS* (2022b), DigiMedia, also from the University of Aveiro, has the following main objectives

> *the co-design, development, and evaluation of an IoT system and the understanding of its potential to support playful intergenerational engagement in creating and exploring cultural content and learning about the cultural heritage of rural territories from the Centre Region of Portugal, namely Amiais Village, in Sever do Vouga*[58].

The *LOCUS* project (Figure 37) includes a tourism component central to this research. This component focuses on how the territory and landscape, the place itself and its surroundings, and even Fontoura's cross-border reality can be presented.

[57] http://center.web.ua.pt/?page_id=1309 (Accessed on 04.04.2022)
[58] https://locusproject.pt/ (Accessed on 04.04.2022)

Figure 37 - Locus Project image.



Source: *Locus Project*[59].

The *Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas, of Universidade de Aveiro, GOVCOPP* (2022c)[60] has as its mission «conduct research and produce knowledge that contributes to economic efficiency and the development of good practices in governance in specific territorial contexts: at European, national and regional levels, while focusing on the regions of Centro and Aveiro»[49].

As far as the groups and their research work are concerned, the ones closest to the research project are *The Overall Rural Tourism Experience and sustainable local community development* e *Meanings of the Rural in Portugal: Between special representation, consumptions and development strategies* which are based on valuing rural territories as centres of local development and enhancers of inherent communities, to respond to conditions of equality and sustainable references.

The *2014-2020 Rural Development Programme, LEADER - PDR2020*[61] (2022), «promove ligações entre ações de desenvolvimento rural, Minha Terra» (n.p.), according to *Portugal 2020* funds and the *European Agricultural Fund for Rural Development*. It was set up in 1991 (Figure 38) with the aim of

> *abraçar a causa do desenvolvimento de zonas rurais diversificadas recorrendo a uma abordagem ascendente, valorizadora de comunidades e recursos locais. Face à diversidade das zonas rurais, criou-se um instrumento para o desenvolvimento local alicerçado em sete pilares essenciais, interdependentes e*

[59] https://locusproject.pt/ (Accessed on 04.04.2022)
[60] https://www.ua.pt/pt/govcopp (Accessed on 04.04.2022)
[61] http://www.pdr-2020.pt/ (Accessed on 04.04.2022)

complementares – estratégias locais de desenvolvimento; conceção e implementação ascendente das estratégias; parcerias locais entre entidades privadas e públicas, materializadas nos Grupos de Ação Locais (GAL); ações integradas e multissectoriais; inovação; cooperação e ligação em rede[62].

Figure 38 - 30 years of the LEADER Project.



Source: *LEDA-Partenariat Association (LDnet)*[63].

The relevance of *Associações de Desenvolvimento Local* (ADL) becomes an asset for direct application in this research, since it is based in a rural community with objectives of meeting sustainability guidelines to create equal opportunities in terms of community and local development. For the local reality of the rural community under study, the following will be contacted *ADRIMINHO – Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Vale do Minho* –, with

base de criação através de Escolas Profissionais; Associações de agricultores, Associações Comerciais e Industriais; Adegas Cooperativas e o Sector Público. A ADRIMINHO intervém em núcleos rurais de interesse arquitetónico como forma de fixação da população e de melhoria das condições de vida nas zonas rurais[64].

About European projects, the ENRD (2022b) aims to support and create strategies for the 2014-2020 timeframe for rural communities, such that «*the ENRD has four key*

[62] http://leader2020.minhaterra.pt/leader-pdr2020.T223.php (Accessed on 04.04.2022)
[63] https://ldnet.eu/leader-30-years-celebration-conference-30-11-3-12-21-halmstad-sweden/ (Accessed on 04.04.2022)
[64] https://www.adriminho.pt/ (Accessed on 04.04.2022)

objectives: 1. Increase the involvement of stakeholders in rural development; 2. Improve the quality of Rural Development Programmes (RDPs); 3. Better inform on the benefits of Rural Development policy; 4. Support the evaluation of the RDPs»[65]. Existem três grupos essenciais que são definidos como

- **Policy and programme designers and implementers***: political decision-makers; public administrators in national, regional and local authorities and European institutions; and LEADER Local Action Groups.*
- **Interest group representative bodies***: organisations representing farmers, landowners, forest managers, rural businesses, actors along the food chain, environmentalists, researchers, rural communities, and disadvantaged groups.*
- **Stakeholders in the field**: *potential and actual beneficiaries and participants in EAFRD projects, with farmers and land managers at the forefront*[66].

Projects that have already been finalised and are closest to the current research include: (i) *Diversification of rural activities in Borino*, Bulgária[67] (2007-2013) with the development of new tools and tourist attractions that facilitate access to the region's cultural and natural landmarks (ENRD, 2022c); (ii) *Armob – Mobile app to experience of ancient reality* in Germany (ENRD, 2022d) and Luxemburgo[68] (2014-2020) which allows archaeological sites and remains from ancient times to be viewed via a mobile app; (iii) *Promoting village tourism in Portugal – Aldeias de Portugal*[69] (2007-2013) (ENRD, 2022e) (Figure 39) aims to identify village tourism experiences that have resulted in successful models to share and replicate in other territories.

[65] https://enrd.ec.europa.eu/about/brief_en (Accessed on 04.04.2022)
[66] https://enrd.ec.europa.eu/networking/stakeholder-involvement_en (Accessed on 04.04.2022)
[67] https://enrd.ec.europa.eu/projects-practice/diversification-rural-activities-borino-bulgaria_en (Accessed on 04.04.2022)
[68] https://enrd.ec.europa.eu/projects-practice/armob-mobile-app-experience-ancient-reality_en (Accessed on 04.04.2022)
[69] https://enrd.ec.europa.eu/projects-practice/promoting-village-tourism-portugal_en (Accessed on 04.04.2022)

Figure 39 - Aldeias de Portugal.



Source: *Aldeias de Portugal* – Facebook[70].

Other projects also relevant for this research include *(iv) LEADER case study – A smart approach to cultural and natural heritage improvement*, Spain[71] (2014-2020) with the integration of landscape as a support for conservation, climate change mitigation and the use of smart sustainable tourism development (ENRD, 2022f); (v) *Bâti-Botte – Identification and promotion of local heritage to the wider public*, Belgium[72] (2014-2020) which sees the built heritage as a springboard for development in the rural community and which is committed to the younger generation to re-educate and sensitise them to its conservation and long-term preservation (ENRD, 2022g); (vii) *It happens in Loco – Alto Minho Moutain*, Portugal[73] (2014-2020) is a technical assistance project to empower communities and local actors for more effective production to revitalise and empower rural communities (ENRD, 2022h); (viii) *Smart ruralité Alpes-Provence-Verdon*, France[74] (2014-2020) mobilised actors from the communes of Alpes, Provence and Verdon to establish a strategy for the digital transformation and transition of the

[70] https://www.facebook.com/AldeiasdePortugalATA/photos/ (Accessed on 04.04.2022)
[71] https://enrd.ec.europa.eu/projects-practice/leader-case-study-smart-approach-cultural-and-natural-heritage-improvement_en (Accessed on 04.04.2022)
[72] https://enrd.ec.europa.eu/projects-practice/bati-botte-identification-and-promotion-local-heritage-wider-public_en (Accessed on 04.04.2022)
[73] https://enrd.ec.europa.eu/projects-practice/it-happens-loco-alto-minho-mountain_en (Accessed on 04.04.2022)
[74] https://enrd.ec.europa.eu/projects-practice/smart-ruralite-alpes-provence-verdon_en (Accessed on 04.04.2022)

territory (ENRD, 2022i); (ix) *Restoration of small rural villages in the Media Valle del Tevere*[75], Italy (2014-2020), he aim of the project was to revitalise small-scale villages that were suffering from desertification and that, with strategies to promote rural tourism, affirmed the importance of the population's identity (ENRD, 2022j); (x) *Purchase of 3D printing Equipment for Increasing quality of Servies to the Visually Impaired*, Latvia[76] (2007-2013) arises through an association for social inclusion and local development – *Socintegra* – which promotes the integration of everyone, specifically the blind, to produce educational materials, signs and 3D maps by touch (ENRD, 2022k).

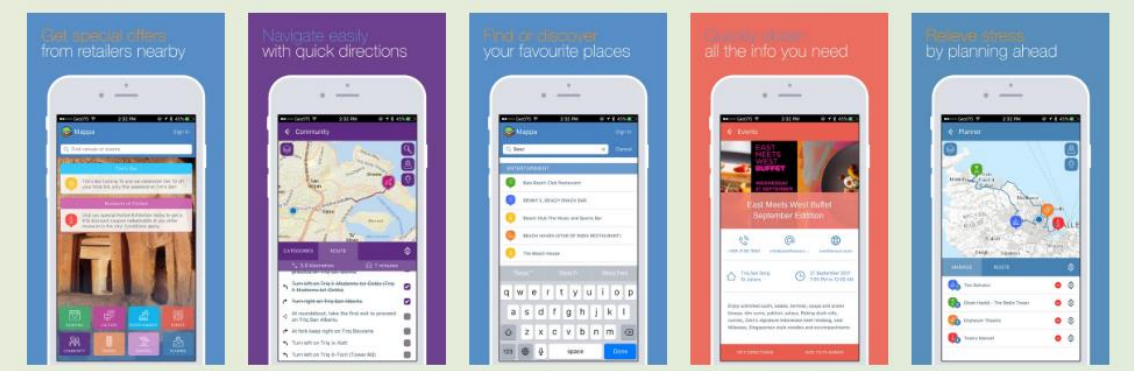
While none of the projects mentioned directly address the specific research question guiding this study, they all contribute in some manner to Fontoura's overall development goals. These include empowering the local population and adhering to sustainability principles, cohesion, and competitiveness with neighbouring territories.

Various projects exemplify the optimal methods for georeferencing, including the case of *Mappa Malta*, from the enterprise *GeoSYS, Eurisy* (2020), with the vision of *Acting Collectively to Bridge Space and Society*[77] with the digital transformation becoming more and more active in everyday life. *GeoSYS* has taken on the role of centralising the information available to all the inhabitants of Malta about specific data and information volumes. The project initially appeared (2013) as a web platform and the mobile app was launched in 2014 under the brand name *Mappa Mobile*. Here, Maltese residents can find information on entertainment, the weather forecast or the state of the beaches. The entire mobile application is presented via georeferenced maps that can be shared in real time. The application uses *geo-fencing*[78] to aggregate location-based information, especially about the tourist offer (Figure 40).

---

[75] https://enrd.ec.europa.eu/projects-practice/restoration-small-rural-villages-media-valle-del-tevere_en (Accessed on 04.04.2022)
[76] https://enrd.ec.europa.eu/projects-practice/purchase-3d-printing-equipment-increasing-quality-services-visually-impaired_en (Accessed on 04.04.2022)
[77] https://www.eurisy.eu/stories/geosys-developing-a-locationbased-community-map-for-a-bustling-malta_195/ (Accessed on 04.04.2022)
[78] According to Ryoo, Kim, and Das (2012), «*Geo-fencing defines such places [airports, shopping centres, home, offices] as geographic areas bounded by polygons. It assumes people move from fence to fence and stay inside fences for a while*» (n.p.).

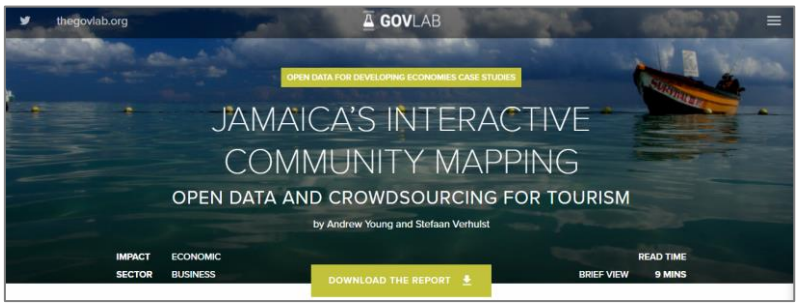
Figure 40 - *Mappa Mobile* – presentation of layouts.



Source: *App Device*[79]

At an international level, *Jamaica's Interactive Community Mapping*, *TheGovLab*[80], Jamaica (New York University, 2022) (Figure 41) is still an embryonic project for a community mapping proposal. However, it has already led to the creation of new products, given skills to the community and inspired other regional initiatives. It is the one that comes closest to the proposal that this research aims to develop.

Figure 41 - *Community Interactive Mapping*, Jamaica.



Source: *The Gov Lab*[83].

The Treasure Beach community has developed into an open-data initiative that benefits everyone. Utilising crowdsourcing makes the growth of community tourism in the region possible, catalysing its diversity and distinctiveness. Geographical information systems enable the development of databases in an open data format that can be used in

[79] https://appadvice.com/app/mappa-malta/882513602 (Accessed on 04.04.2022)
[80] https://odimpact.org/case-jamaicas-interactive-community-mapping.html (Accessed on 04.04.2022)

different regions. These systems also facilitate training specialised personnel in the digital and technological transition. Additionally, they allow for cultural mapping into the Open Street Map.

There is also a project in South America called *Redturs, Red de Turismo Sostenible Comunitario para América Latina* (2022)[81], *Servicio de Gestión del Conocimiento para Latinoamérica y El Caribe*, Guatemala, Costa Rica, Nicaragua, Ecuador, Bolivia, Chile and Brazil. It is a network of indigenous and rural communities, institutions, and human resources dedicated to supporting the sustainable development of tourism so that it becomes an economically viable, socially oriented, culturally enriching, and environmentally responsible activity.

The projects and work aim to foster productive transformation processes, enhance institutional capacity, and support public development policies that have measurable effects and influences on vulnerable populations at the local, national, and regional levels. Additionally, these efforts aim to strengthen capacity building, business management, the integration of innovation and added value, and collaboration with actors involved in production chains and social and *The Rede Tucum, Rede Cearense de Turismo Comunitário*[82] (Figure 42), and the *Rede Turisol, Rede Brasileira de Turismo Solidário Comunitário* (2022)[83], have all been subjects of study endeavours.

[81] https://webapps.ilo.org/public/spanish/knowledgefair/download/policy/1_3.pdf (Accessed on 04.04.2022)
[82] https://www.equatorinitiative.org/pt/2020/04/24/solution11128/ (Accessed on 04.04.2022)
[83] https://turisol.wixsite.com/redeturisol/sobre (Accessed on 04.04.2022)

Figure 42 - Postcard created for the Community Tourism Associations of Latin America.



Source: *Ecotumismo*[84].

All the groups and projects presented were considered to develop this doctoral research. They are relevant because they all emphasise sustainability principles, collaboration, and active community participation. These principles guided the design of the proposed model, which resorted to an InfoVis solution to showcase the cultural and natural heritage offerings. This approach aimed to address potential gaps in demand within the territory compared to existing offerings. Therefore, we present the methodology used for the particular situation of the rural village of Fontoura.

[84] V. https://www.ecotumismo.org/las-asociaciones-de-turismo-rural-comunitario-en-america-latina/ (Accessed on 04.04.2022)

3. Methodological approach

Strategic foresight consists of a mindset and a methodology in tune with it.
Lewrick et al. (2018, p. 200)

This chapter presents the methodological approach used in this research, which encompasses research in the fieldwork dimension and the conceptual dimension of infocommunication applied to the reality of low-literacy rural communities under the proposal of a collaborative model in a tourism context.

We intend to present a mixed methodological approach, both qualitative and quantitative, for community mapping, with the presentation of an analysis model, where the operative concepts are explored under different scales of application - dimension, indicators and components. The research approach is on the practical and strategic implementation of this research, based on a systematic literature evaluation. The focus is on infocommunication and its impact on rural populations with low literacy levels. The research employed interviews, focus groups, and questionnaires, all administered systematically. A three-dimensional topographical model was created at a scale of 1/5000 to represent the parish of Fontoura. The model includes the locations of all tourist attractions, which are marked with different coloured pins to indicate cultural and natural heritage. Additionally, service signposts are included to facilitate the identification of these places.

The research itself was shared through a guided tour, invited by the Arcanjos S. Miguel e S. Gabriel de Fontoura Associative Community, in co-creation with the former President of the Junta, Rui Ferreira, which took place in 2022, attended by: the current President of the Junta, André Rodrigues; the current Mayor of Valença, José Manuel Carpinteira; Councillor Ana Paula Xavier and the seniors and leaders of the Associative Community, chaired by Filomena Caldas. Throughout the research process, the development of critical thinking and the writing of this doctoral thesis, the need arose to share the research produced scientifically, with the presentation and publication of

scientific articles[85] at national and international conferences, not only because of the necessary scientific production but also because of the sharing of knowledge and the transparency of the research in terms of its content, to increase knowledge in the sector and with the associated research areas.

3.1. Analysis Model

Using operating ideas in the analysis model entails cognitive processes aimed at comprehending data and phenomena. They are crucial for providing a framework for the methodological approach, ensuring is organised and strong (Brailsford et al., 2019; Creswell, 2009).

The definition of the operative concepts that take place at the beginning of the research are key concepts for the development of how it will be observed and measured. With the creation of indicators and the specification of data collection methods, qualitative and quantitative research makes it possible to detail the statistical procedures applied; qualitatively, it allows a better understanding of the analytical methods (Patton, 2002). For example, understanding how senior residents view the introduction of digital platforms in the parish of Fontoura, to develop e-tourism there. The triangulation of results allows the application of different methods and practices for a more comprehensive understanding of the phenomenon under study (Aguilar Solano, 2020). Consequently, the mixed methodological approach represents a structured strategy for a comprehensive understanding and advancing this investigation (Eisenhardt, 2021; Tashakkori & Teddlie, 2010).

During the exploratory phase of the systematic literature review for the research in question, several practical cases emerged that were used to understand and develop strategies and tools to boost rural communities through digital transformation, based on cultural and natural mapping as a development engine for these communities. For this specific research, the parish of Fontoura is the geographical area to be analysed, as

[85] All the scientific articles can be found on the ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5094-7281 (Mónica da Silva e Silva)

it is a neighbourhood and border territory. An analysis model is developed following the research question presented above – *What infocommunication strategies based on sharing stories through collaborative digital platforms can be adopted to promote e-tourism in the rural community of Fontoura?* Based on the operational concepts, with their respective dimensions, indicators and components, according to the research problem to be developed in the area in question, as shown in the table:

Table 8 - Analysis model.

Concepts	Dimensions	Indicators	Components
INFOCOMMUNICATION	Analogue	Information Communication Cognition Knowledge/Insights	meetings | story time photos videos texts
	Digital		
RURAL COMMUNITIES	Tourist	Profile Segmentation Motivation Resources Activities	collaboration participation publications/shares comments visits
	Pilgrim		
	Inhabitant		
(E)-TOURISM (RURAL)	*e*-Tourism	Economic Social Cultural Environmental	associations/partnerships rural tourism Local Accommodation cultural heritage natural heritage
	Smart tourism		
	InfoVis		

Source: Mónica Silva.

The three general operating concepts presented in the Analysis Model were broken down in Chapter 1 to understand the scientific offer for each specific field under study and to cross-reference them. As for the concept of infocommunication, the analogue and digital dimensions were assumed to understand how communicated information is received and offered, what the level of cognition is on the part of those involved and, consequently, their ability to get to know the reality in which they find themselves, through meetings, sharing photographs, videos, texts and, above all, experiences.

To gain a more comprehensive understanding of the demographics of tourists, pilgrims and inhabitants in rural communities, it is necessary to consider the various dimensions of these groups. This allows for a more nuanced analysis of the individuals who travel through Fontoura and the purposes for which they travel. Therefore, it is necessary to understand the profile, the segmentation that should be worked on in terms of supply and demand, the motivation for travelling, and what resources and activities should be explored in a rural area. Collaboration, participation, sharing and visits become key components in understanding and developing an integrated and responsive collaborative model for the Fontoura community.

As far as rural tourism is concerned, the dimension that we want to develop goes hand in hand with e-tourism, which in turn branches out into smart tourism to create conditions for sustainability through the pillars that define it: the economy, society and the environment. On a cultural level, education in this sector is increasingly important since it is by teaching that preserving and conserving allows us to leverage our identity for tomorrow. In such a way, associations and partnerships are fundamental elements, so in cross-border territories such as the one we are investigating, monitoring supply and demand becomes an asset not only at a local level but also at a regional level.

The analysis model requires building a «relação (hipótese)» (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 260) between one or more variables, in the

> *exploratório* [que] *tem como função alargar a perspectiva de análise, travar conhecimento com o pensamento de autores cujas investigações e reflexões podem inspirar as do investigador, revelar facetas do problema nas quais não teria certamente pensado por si próprio, e por fim, optar por uma problemática apropriada.* (p. 109)

Therefore, the hypothesis - governed by the emerging need to transform rural territories digitally - aims to understand how infocommunicational capacity can be a lever for the active development of the rural community of Fontoura and for e-tourism through digital transformation and creation.

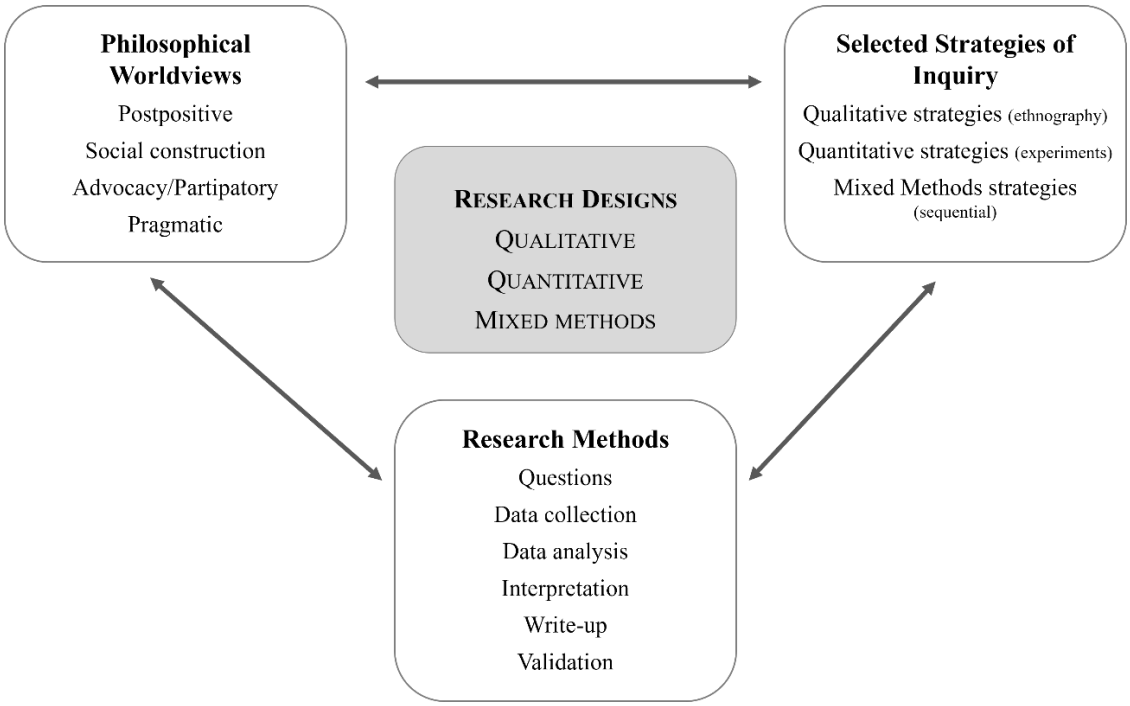
The research problem focuses on understanding how infocommunicational tools can turn rural communities with low infocommunicational literacy and no digital skills into empowered communities by creating a collaborative model that generates cultural, natural, community, and interactive maps through InfoVis.

The aim was to turn rural communities into a lever so that the local offer becomes singular and unique, where all its resources, both endogenous and human, can be capitalised on and become competitive with other nearby territories, both in terms of creating new opportunities and in terms of keeping people in the area. Furthermore, this collaborative model accelerated the transformation, enabling its replication in other inland territories. This is due to the cross-border nature and proximity to Spain.

Within the social sciences, research can be understood as «uma actividade de natureza cognitiva que consiste num processo sistemático, flexível e objectivo de indagação» (Coutinho, 2011, p. 7), to «apporter une réponse inédite et explicite à un problème bien circonscrit ou de contribuer au développement d'un domaine de connaissances» (Legendre, 1998, p. 1068).

As mentioned, a mixed methodology (Bryman, 2006; DeLeeuw, 2018), quantitative and qualitative, was used, with reflection, design, testing, and evaluation as its methodological approach. It combines empirical research with theories based on design and narrative review to understand the quality, timing, and cause of the innovation phenomenon to be put into practice; its characteristic is that it is a reality-based approach and research. Mixed research is an approach that combines quantitative and qualitative methods (Figure 43).

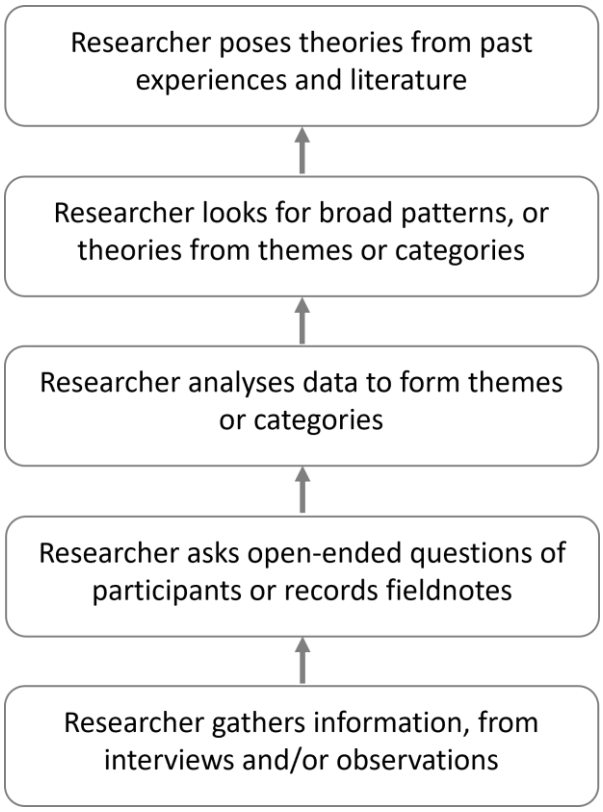
Figure 43 - The three types of designs in methodological research.



Source: Creswell (2009, p. 24).

Qualitative research is a methodology that seeks to explore and understand the meaning that individuals or groups attribute to a social or human problem. The research process involved the emergence of questions and procedures, which were then analysed in the participant's context. This analysis was conducted from the most specific details to the most general themes, with the researcher analysing the meaning of the data. The interview is a method that allows for the implementation of inductive research (Figure 44), focusing on the individual and the importance of interpreting the complexity of a situation (Creswell, 2009; Elliot et al., 2023; Sá et al., 2021).

Figure 44 - Inductive approach used in qualitative research.

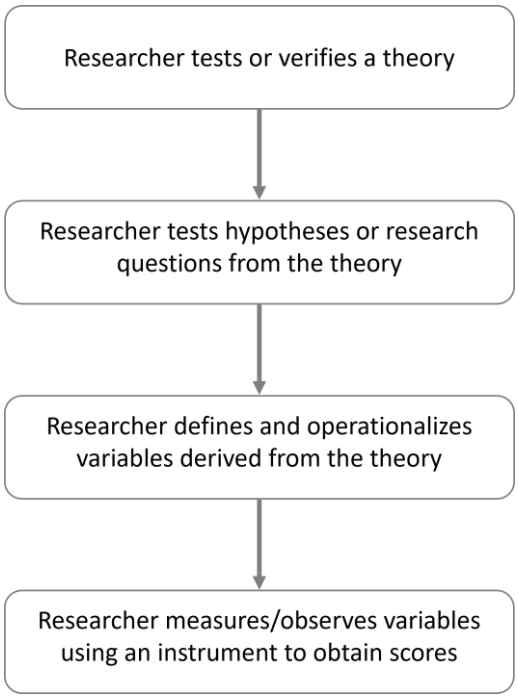


Source: Adapted from Creswell (2009, p. 71).

Qualitative research uses tools such as in-depth interviews and participant observations (ethnographic observations) to explore social mechanisms. Qualitative content analysis in tourism is a systematic method: it involves preparing and analysing data, communicating the results and evaluating the process (Caminha et al., 2022; Stalmirska & Camprubí, 2022).

The qualitative approach involves «análise de factos observáveis e na medição/avaliação de em variáveis comportamentais e/ou sócio afetivas passíveis a serem medidas, comparadas e/ou relacionadas no decurso do processo da investigação empírica» (Coutinho, 2011, p. 24). Quantitative research is the means of testing objective theories, verifying the relationship between variables. Research is carried out using deductive theories (Figure 45), controlling explanations and analysing data systematically.

Figure 45 - Deductive approach used in quantitative research.



Source: Adapted from Creswell (2009, p. 66).

In the field of tourism, qualitative approaches were dominant, as researchers became flexible enough to delve into existing content in other articles and gain a deeper understanding of specific topics (Mehraliyev et al., 2019). However, a quantitative approach is necessary to increase the objectivity of the process in a given area of research, especially in e-tourism, creating trend lines of the state of the art and possible research directions (Köseoglu et al., 2016). Thus, quantitative research is centred on bibliometric information; by identifying the social structure of a particular area, it is possible to build and broaden the field of knowledge (Furuwaka et al., 2011; Hall, 2010; Kuhn, 1970; Zupic & Cater, 2015). The instruments, such as questionnaires, are measured using statistical procedures (Creswell, 2009; Kuhn, 1970; Sciberras & Dingli, 2023).

The quality of qualitative research must be understood in terms of epistemological and ontological positions, and not in contrast to positivist foundations. At a conceptual level, it aims to verify the «intenções e situações, ou seja, trata-se de investigar ideias, de

descobrir significados nas acções individuais e nas interações sociais a partir da perspectiva dos actores intervenientes no processo» (Coutinho, 2011, p. 26).

As for mixed methodology research, the research approach combines qualitative and quantitative research (Figure 46).

Figure 46 - Qualitative, Mixed and Quantitative methods.

Qualitative Methods ⟶	**Mixed Methods** ⟵	**Quantitative Methods**
- Emerging methods - Open-endend questions - Interview data, observation data, and audiovisual data - Text and image analysis - Themes, patterns interpretation	- Both pre-determined and emerging methods - Both open-data and close-ended questions - Multiple forms od data drawing on all possibilities - Statistical and texto analysis - Across databases interpretation	- Pre-determined - Instrument based questions - Performance data, attitude data, observational data, and census data - Statistical analysis - Statistical interpretation

Source: Creswell (2009, p. 32)

It seeks not only to collect and analyse both types of data but also to involve the approaches together, to offer research with a superior study than the application of just one type of research (Creswell, 2009). Mixed methods research strategies lead to developing concepts such as convergence, integration, sustainability and combining techniques in active collaboration (Molina-Azorín & Font, 2016; Singh et al., 2012; Tosun, 2006; Tutenges, 2012;). This approach applied to tourism offers researchers several practical and conceptual issues; it becomes valued in the development of complex investigations (Creswell, 2009; Khoo-Lattimore et al., 2019). Mixed research leads to a debate on paradigms (Figure 47), sensing how they should be applied and mixed by the collection methods and the data analysis strategy implemented (Creswell, 2009).

Figure 47 - Qualitative, Mixed and Quantitative approaches.

CRITERIA	Qualitative Approaches	Quantitative Approaches	Mixed Methods Approaches
PHILOSOPHICAL ASSUMPTIONS	- Constructivist - Advocacy - Participatory knowledge claims	- Post-positivista knowledge claims	- Pragmatic knowledge claims
PRACTICES OF RESEARCH	- Positions him or herself - Collects participant meanings - Focuses on a single concept - Brings personal values into the study - Studies the contexto or setting of participants - Validates the accuracy of findings - Interprets the data - Creates an agenda for change - Collaborates with participants	- Tests or verifies theories or explanations - Identifies variables to study - Relates variables in questions or hypotheses - Uses standards or validity and reliability - Observes and measures information numerically - Uses unbiased approaches - Employs statistical procedures	- Collects both qualitative and quantitative data - Develop a rationale for mixing - Integrates the data at diferent stages of inquiry - Presents visual pictures of the procedures in the study - Employs the practices qualitative and quantitative research

Source: Creswell (2009, p. 34)

Given that this research is studying rural communities, it is necessary to understand the whole, almost as a triangulation. According to Saunders et al. (2016) and Strijker et al. (2020), «[…] research where methods are wholly integrated as well as those where they are carried out separately to provide different perspectives or to enable data triangulation» (p. 262). The application of mixed methodologies in rural communities ultimately enables the utilisation of scientific research, thereby facilitating the contributions of all participants – residents, tourists and pilgrims – to an effective improvement in the provision of services by the parish (Haartsen et al., 2003). Rural communities make it possible to prepare the ground for implementing an action-oriented and transformative concept. The paradigm influences the methodology applied, which includes the realisation of mixed methods that give residents a voice (Moran Jackson et al., 2018).

Concerning paradigms, it is through Thomas Kuhn that we start to look at science as a whole. Kuhn's theory has shown us that science is not the result of a linear process of accumulating knowledge but rather the result of a more controversial scenario characterised by defensive strategies. In the book *The Structure of Scientific Revolutions* (1970, 2nd Edition), the author explains paradigm as «a tool to explain the conflicting evolutionary practices» (Munar & Jamal, 2016, p. 2). Kuhn (1970) says that «universally recognised scientific achievements that for a time provide model problems and solutions to a community of practitioners» (p. 10). Thus, paradigms allow for a better

understanding of the history of science, as if they were a lens through which to examine complex processes of scientific knowledge applied to the field (Coutinho, 2011; Munar & Jamal, 2016).

The interpretive paradigm establishes a difference between objectivity and subjectivity and consequently moves forward with recognising the existence of the real world under an interpretive and objective view of human experiences (Paillé, 2006). This paradigm is characterised by understanding reality by understanding similar phenomena and contexts, and the researcher's presentation takes place through motivations and deliberations (Allard-Poesi & Perret, 2014). It focuses on human actions and the processes of understanding and comprehension of the participant's lives (Neuman, 2006; Punch, 2009). There are several moments in the interpretive paradigm: The first refers to transforming human experiences that allow for creating multiple realities through collective intelligence and cognition (Cohen et al., 2011; Creswell, 2009; Vialle et al., 2005). The second moment assumes how individuals understand through linguistic and non-linguistic activities (Cohen et al., 2011; Creswell, 2009; Flick et al., 2004). The creation and organisation of social environments through these activities represent underlying meanings, classifications and relationships between individuals. The third moment pertains to the use of language in the meanings that are interpreted and constructed according to a specific community (Cohen et al., 2007; Denzin, 2004). Language emerges as a tool in constructing symbols for a given social context and for elaborating meanings, which can be subjective or objective. In other words, «individual [person] constructs, modifies, pieces together, weights up the pros and cons and bargains» (Cohen et al., 2011, p. 20).

As an interpretive paradigm, the ethnographic approach combines qualitative methodological techniques and resources (Wallen & Fraenkel, 2009). It aims to implement interactive strategies, participant observation, formal and non-formal interviews, and the use of technology, with the scientific principle of understanding through the imaginative, creative, interactive, and relational (Figure 48).

Figure 48 - The ethnographic approach process.



Source: Wallen & Fraenkel (2009, p. 500).

It is mainly ethnologists and anthropologists developing the ethnographic approach, which requires researchers to participate in local research and conduct an in-depth study of social groups associated with a particular community (Lewis, 2021). According to Fraenkel et al. (2012), «ethnographic researchers do their best to see beyond the immediate scene or event occurring… in a location to understand the larger picture of which the particular event may be a part» (p. 509). The ethnographic approach assumes principles such as understanding the place's culture[86], from a holistic perspective[87],

[86] The concept of culture is multidisciplinary and complicated to define under a specific concept. For this research, we have taken culture associated with ethnography as «[…] the sum of a social group's observable patterns of behaviour, customs, and ways of life» (Harris, 1968, p. 16).

[87] A transversal perspective means that the researcher spends time in the field collecting different types of data and obtaining the history of the community through informal contacts (Morgan-Trimmer & Wood, 2016).

contextualising the community[88], an insider's view of reality[89], multiple realities[90] and non-judgemental guidance[91].

The literature review is an exploratory approach, i.e., it seeks to gain an understanding of the problem under study. Based on ethnography, the literature review is introduced at the beginning of the research as a guiding framework (Creswell, 2009). For this research, the literature review was structured thematically, through operative concepts, with a search for scientific articles and documents through science-based platforms - *Scopus, Science Direct* and *Web of Science* - to filter out the main themes for the specific study.

The critical paradigm emerges as a response to positivist and interpretive thinking and aims to overcome reductionism and conservatism, admitting the possibility of a social science. This paradigm

> *introduce la ideologia de forma explícita y la autorreflexión crítica en los procesos del conocimento. Su finalidade es la transformación de la estrutura de las relaciones sociales y dar respuesta a determinados problemas generados por éstas, partiendo de la acción-refleción de los integrantes de la comunidad. El paradigma que nos ocupa se considera como una unidad dialéctica entre lo teórico y lo práctico.* (Alvarado & García, 2008, p. 189)

Its self-reflective nature characterises it. It aims to defend human beings' rational autonomy and stimulate community participation and transformation.

---

[88] Ethnography examines the patterns of daily communication interaction of a culture or subcultures, including specific communities and spaces of interaction. The interaction becomes the focus of the results (Clements et al., 2022).

[89] Through a specific community, it is possible to define its context to analyse the relationship between tourism and the community in and of itself (Ruiz-Ballesteros, 2022).

[90] To understand multiple realities, the ethnographic approach makes it possible to analyse how a community manages tourism, incorporating the solidarity economy and the social aspects of a specific community (Mora et al., 2022), such as the library parks in Mendelín, Colombia.

[91] Because tourism and communities are holistic fields, it is necessary to understand which elements attract tourists and residents. Collaborative and participatory strategies become an asset for understanding the whole and for community empowerment (Silva et al., 2024).

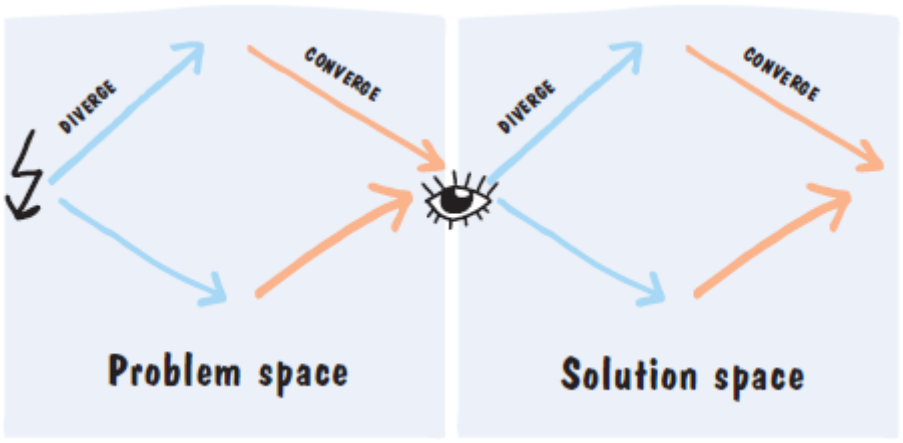
Methodology lies in the interaction between theory and method and is translated into questions that fit the course of the research. It relates to the links between what we want to know and what we take to get there. It clarifies how the course of the research is determined by the nature of the starting questions and the phenomena being studied.

3.2. Hybrid Method

Design Thinking[92] is a hybrid methodology that integrates systems thinking, organisational learning and action research to solve complex problems in various areas of knowledge and sectors (Bender-Salazar, 2023; Brown, 2010; Calado & Springer, 2022). It becomes a valuable methodology in low-literacy communities, fostering relationships, transforming cognitive models and developing competencies (Lake et al., 2022). Participants come to value the tools and processes of Design Thinking, such as a three-dimensional model, to make it easier to understand the territory and the location of the existing heritage in the parish. With people at its centre, Design Thinking is suitable for the application of the Design-Based Research[93] (DBR) in the sense that the search process and proposed solutions are carried out from the user's point of view. There are generally two states of mind (i) we develop lots of new ideas (we diverge) or (ii) we concentrate and limit ourselves to individual needs, functionalities or solutions (we converge) (Design Council, 2024; Lewrick et al., 2018). This situation is usually represented by the Double Diamond model (Figure 49).

[92] The model was introduced by John Arnold, a *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) Professor who described the first questions as Questioning, Observing, Associating and Predicting (von Thienen et al., 2018).
[93] The model was introduced in 2004 (https://www.designcouncil.org.uk/).

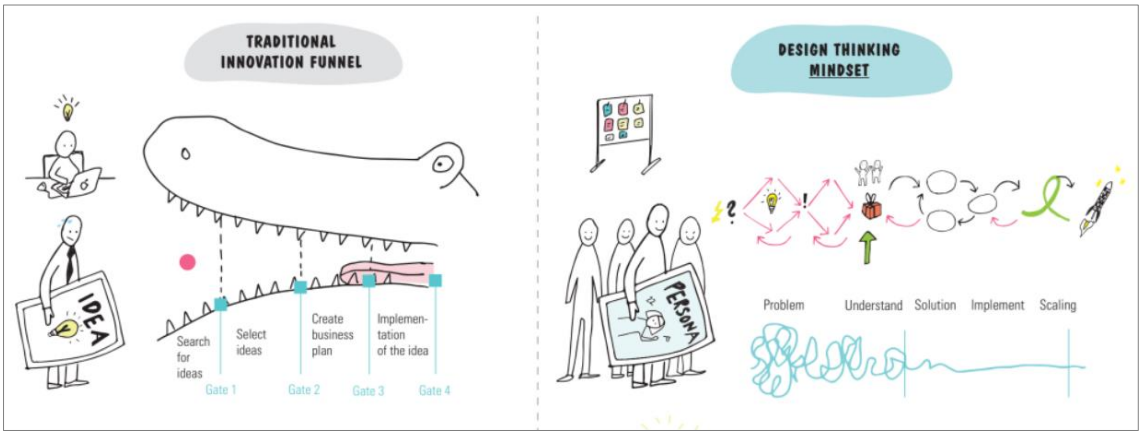
Figure 49 - The Double Diamond process.



Source: Lewrick et al. (2018, p. 36).

Design Thinking (Figure 50) provides a convenient mental model of the decision-making process. It breaks down the innovation process into simple steps and helps teams know where and when to focus.

Figure 50 - Systemic-evolutionary approach: Traditional idea vs Design Thinking.

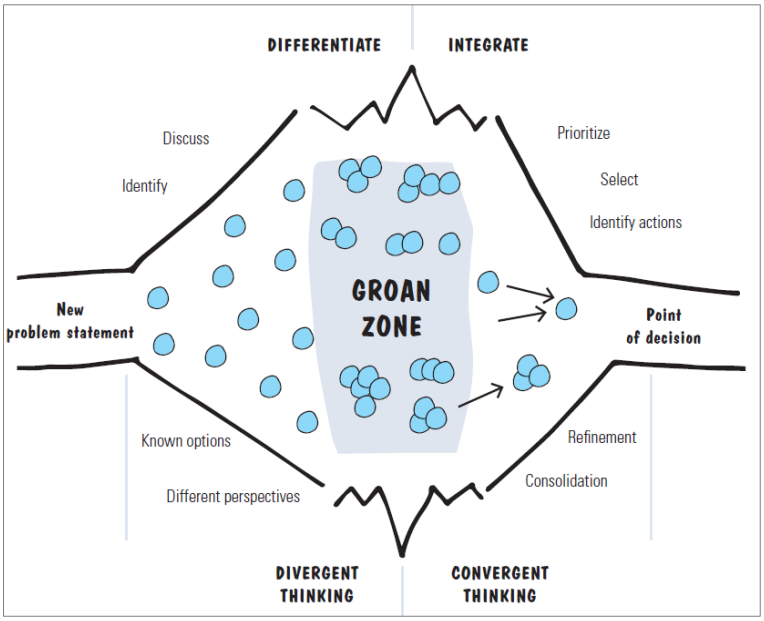


Source: Lewrick et al. (2018, p. 314).

Therefore, the methodological process for this thesis project centres on the complementarity of quantitative and qualitative methods through the DBR research method, in the sense that theory are translated into the research process.

Defining functionalities and characteristics early in the Design Thinking process (Figure 51) is advisable. This selection allows us to eliminate some ideas at this stage. It can also be useful for consolidating or combining ideas into logical groups.

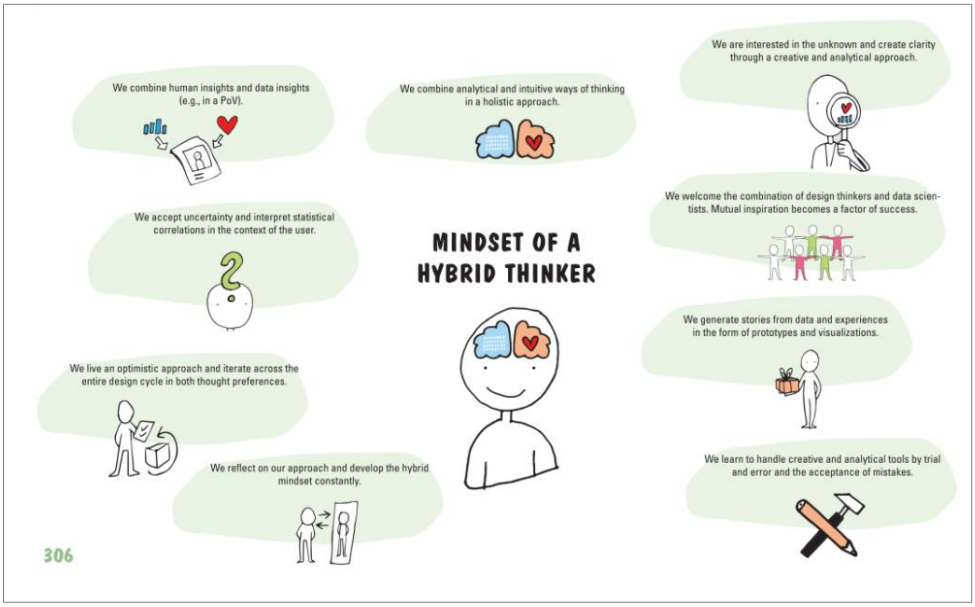
Figure 51 - The Double Diamond process in detail.



Source: Lewrick et al. (2018, p. 37).

Design Thinking «refers to a human-centred problem-solving process, which is an effective framework and mindset for human-centred innovation» (Mahato et al., 2021, p. 396). It allows users to work interactively on solutions and collaborate with several partners (Figure 52).

Figure 52 - The mentality of a hybrid thinker/researcher.



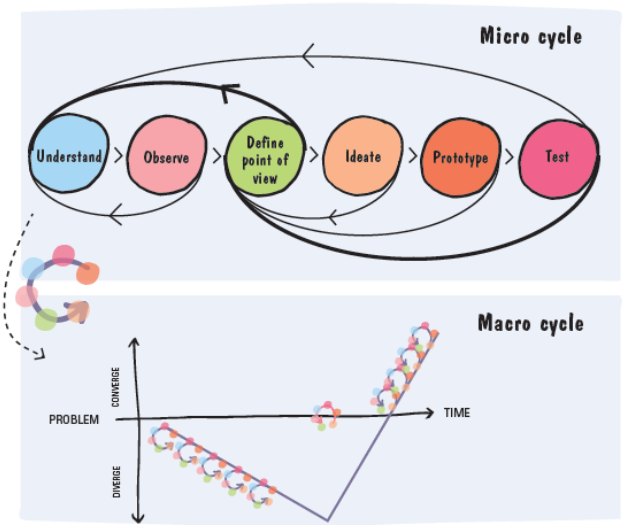
Source: Lewrick et al. (2018, p. 306).

There are three fundamental stages to this research method:

> [t]*he three stages of design thinking are inspiration, ideation and implementation (Brown & Katz, 2011). The inspiration phase emphasises empathy as a key element and includes framing the research and understanding communities for product design and community inclusion for deep insights. The ideation phase evolves collectively making sense of data from the inspiration phase, identifying opportunities for design, generating ideas, and engaging the community in feedback. Interaction, refining ideas, and developing prototypes with user feedback are crucial. Finally, the implementation phase includes live prototyping for feedback, forming networks, refining the business model, and piloting the idea. Processes such as resource building, partnerships, forming an implementation team, implementation, funding strategy, setting milestones and feedback, creating a sales pitch and revenue strategy, evaluation and feedback from the community form an integral part of this phase.* (Mahato et al., 2021, pp. 396-397)

The methodology focuses on the human being, often known as Human-Centred Design. Below, we present the methodology and method under the micro-cycle and macro-cycle phases (Figure 5), as well as the central idea of each phase.

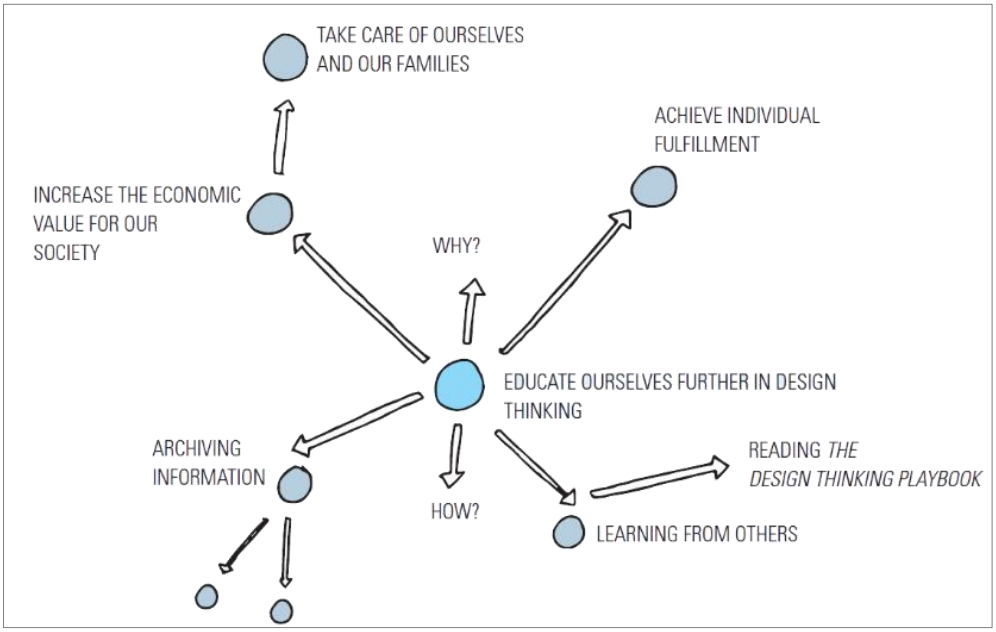
Figure 53 - Design Thinking's micro and macrocycles.



Source: Lewrick et al. (2018, p. 38).

The “Understand” phase aims to understand the need to solve a problem. When the problem is recognised, two types of questions should be asked: "Why?" (to expand knowledge about the problem) and "How?" (to restrict the creative structure) (Figure 54).

Figure 54 - Understand phase of the Design Thinking process.

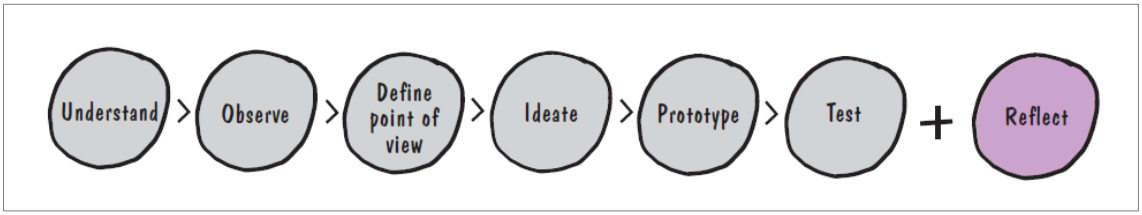


Source: Lewrick et al. (2018, p. 40).

In the «Observe" phase, we take a closer and more detailed look at the people and the environment in which they find themselves. This is the domain of the qualitative method of ethnographic observation, whereby the documentation of the process is undertaken. This encompasses data from sources, including the analysis of photographs, the perception of the mood of the participants and the situation itself, as well as the conduct of interviews and focus groups.

In the «Define Point of View" phase, it is important to interpret situations and structure them to interact with the group of participants to talk about their own experiences based on similar knowledge. «Ideate» allows us to apply various methods associated with creativity to create concepts through iterative methods. The «Prototype» phase is linked to the previous phase. Our proposals must be tangible and tested with potential users. Finally, the "Test" phase is the moment of evaluation and even monitoring that leads to reflection (Figure 55) to realise whether we should use new means to reach a new community.

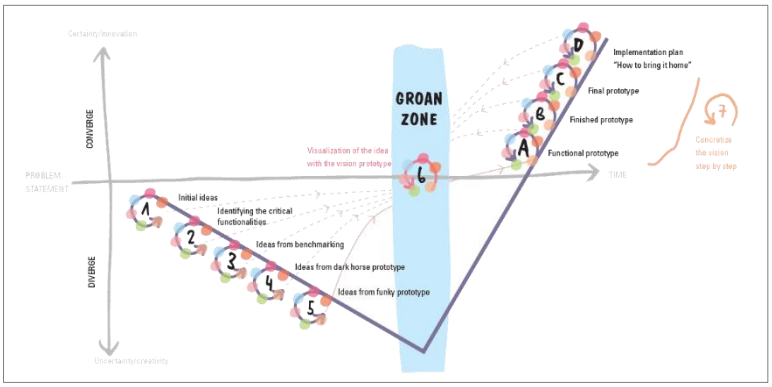
Figure 55 - Stages of the Design Thinking process in the microcycle.



Source: Lewrick et al. (2018, p. 43).

The macrocycle (Figure 56) sees the phases of the microcycle as a whole; in the divergent phase, the number of ideas that emerge increases exponentially.

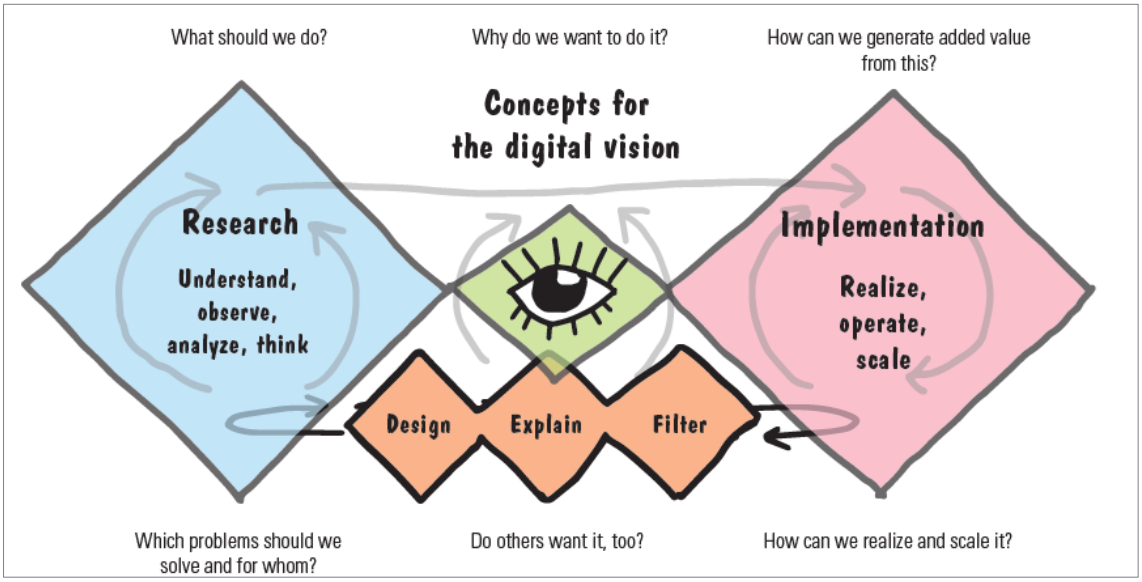
Figure 56 - Stages of the Design Thinking process are in the macrocycle.



Source: Lewrick et al. (2018, p. 45).

Through strategic integration with Design Thinking, the DBR method, based on the Double Diamond model (Figure 57), emerges with a centralised vision. It looks at design, explanation, and filtering between diamonds so that between research and implementation, a solution applied to the scenario in question emerges.

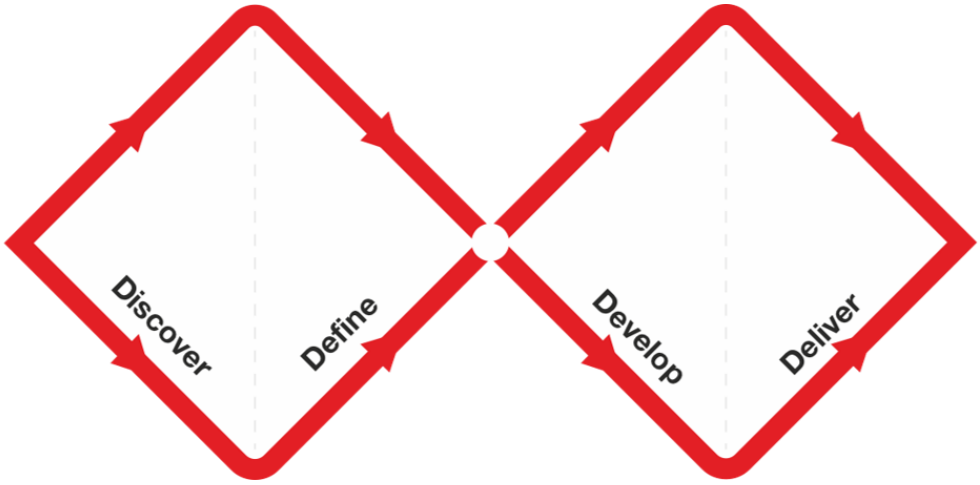
Figure 57 - Stages of the Design-Based Research Process, through the Double Diamond.



Source: Lewrick et al. (2018, p. 205).

The Double Diamond model is one of the most influential models in the Design Thinking framework. It helps fix underlying concepts for the world of work. Specifically, the Double Diamond model (Figure 58) describes how the two phases of thinking, divergent and convergent, work together to develop ideas.

Figure 58 - Design Thinking: Double Diamond model.

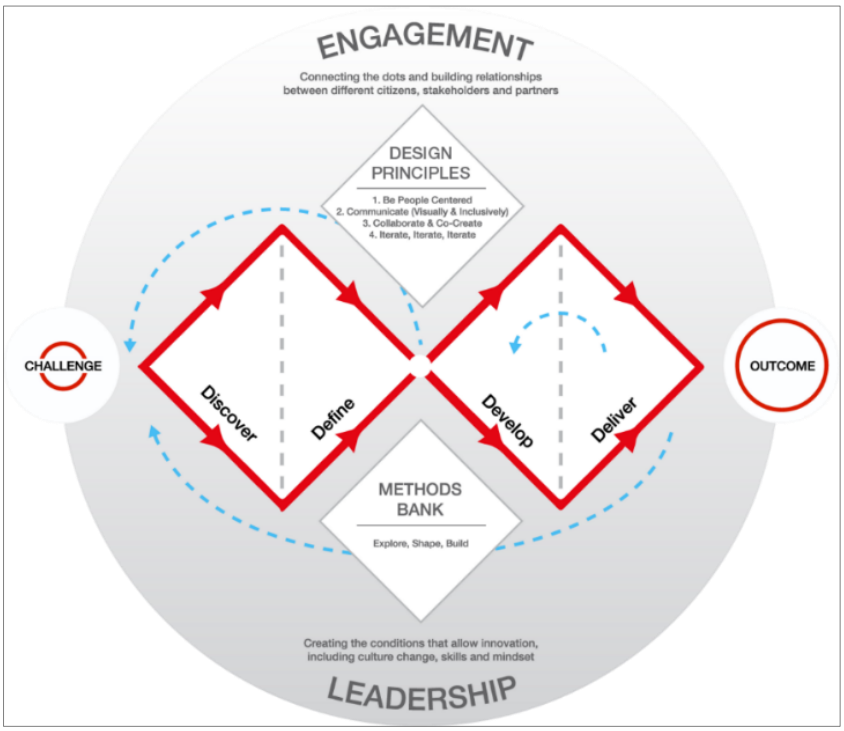


Source: *British Design Council* (2023).

According to Lewrick et al. (2018) é «[b]asically, there's a problem statement at the beginning and a solution at the end, and the solution is reached in an iterative procedure» (p. 38).

The Double Diamond model has been upgraded to the so-called Framework for Innovation (Figure 59).

Figure 59 - Design Thinking – Framework for Innovation.

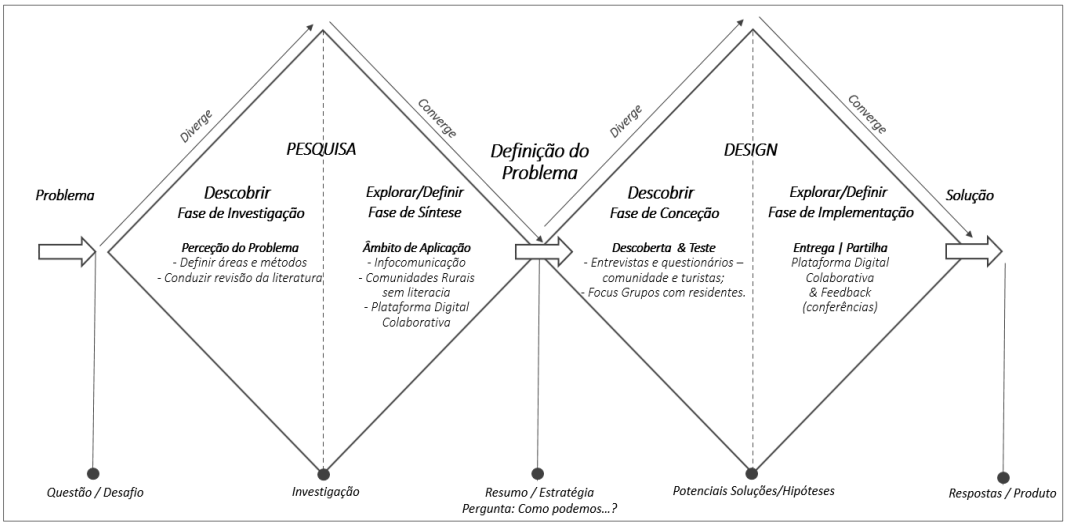


Source: *British Design Council* (2023).

The framework for innovation is based on four principles: (i) people come first; (ii) communication must be visual and inclusive, ensuring that all participants understand and share ideas; (iii) collaboration, participation and cooperation are key concepts to be considered; (iv) iterative processes are essential for detecting errors and creating ideas with confidence. The database enables each scenario to be analysed by its specific characteristics. During this process, the design to explore (challenges, needs and opportunities), the shape (ideas and visions) and or the build (plans and shared knowledge) can be assumed.

The specific scenario for this research is the rural parish of Fontoura, for which we created our Double Diamond process (Figure 60) in the first phase.

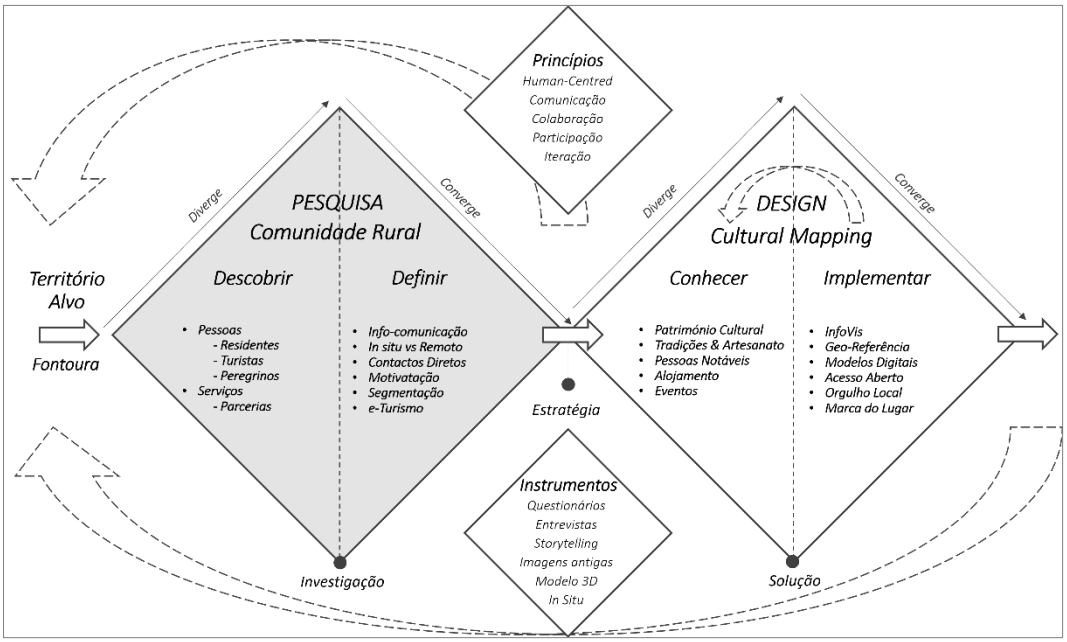
Figure 60 - Design Thinking – Double Diamond model for the parish of Fontoura.



Source: Adapted from *British Design Council* (2015).

The Innovation Framework process is in a second phase (Figure 61).

Figure 61 - Design Thinking – Framework for Innovation for the parish of Fontoura.



Source: Adapted from *British Design Council* (2023).

Mixed research based on the DBR aims to understand contexts and design systems and propose significant changes to the subjects under study; this research is to refine theory and practice (Barab & Squire, 2004; Collins et al., 2004). Analysis is a key component of this type of research and must be applied throughout the process. At the beginning of LIC research, it is essential to understand and define the problem that will be addressed. In collaboration, researchers seek to understand all aspects of a problem. In addition, they «seek out and learn from how others have viewed and solved similar problems» (McKenny & Reeves, 2012, p. 85). In the specific case of this research into the development of e-tourism in a rural community, it is assumed that

> *Tourism is contingent upon diverse sectors working synonymously to deliver a complete experience, thus promoting level development (Aquino, Lück, & Schänzel, 2018). Interrelated products and services along with interactions between tourists, destination organizations and local communities enable innovation at multiple levels with diverse actors.* (Mahato et al., 2021, p. 396)

As for the type of method, the research is centred on Design-Based Research[94] – DBR, that

> *combines empirical research with design-based theories could be considered as an effective method for understanding quality, time and the cause of the phenomenon of educational innovation in practice. Usually, DBR is formed by initial evaluation of a problem that occurs in a particular context, and this assessment continues throughout design and implementation.* (Vaezi et al., 2019, p. 26)

[94] The concept was created in the 1990s with the definition of the term "research design". In 1992, the term "experimental design" was proposed by Ann Brown, in the article *Design Experiments: Theoretical and Methodological Challenges in Creating Complex Interventions in Classroom Setting*s, published by *Journal of Learning Sciences, 2(2)*, pp. 141-178. The latter term was intended to eliminate the gap between educational studies and the methodologies applied. However, various terms have emerged, such as "*design experiments*" and "*design research*". The term as applied in this research – *design-based research* – surged in 2012, by Dolmans and Tigelaar, with the article *Building Bridges between Theory and Practice in Medical Education using a Design-based Research Approach*, published by the *Association for Medical Education in Europe* (*AMEE*). It is commonly «*described as interventionist or pragmatic in its literature, and like other scientific research, involves identifying, evaluating, applying change and modifying, or intervening to solve a problem (Ford, McNally & Ford, 2017)*» (Vaezi et al., 2019, p. 28).

Therefore, using quantitative and qualitative methods has emerged as «important in design-based research, because they lead to a deep understanding of the results» (Vaezi et al., 2019, p. 28).

The characteristics of the DBR are various, such as:

> [a]*n important feature of DBR is that it does not occur in an experimental and theoretical environment, but in a real environment* […]. *The second feature is that it relies on the complex nature of training and learning.* […]*, the design is implemented and evaluated in a standardized and natural learning environment, which leads to the identification of new dimensions of problems that the design can rely on. The third feature of DBR is its reliance on theory – it aims to advance theories in the complex* […] *environment and the factors affecting it. The fourth feature is that in DBR it involves both quantitative and qualitative methods to understand the complex relationships between and the tools and content as well as the contradictions in the same relationships. Finally, its fifth feature, which leads to collaborative work among designers, instructors and learners in each level and expertise, it is designed and evaluated (Collective, 2003; Dolmans & Tigelaar, 2012).* (Vaezi et al., 2019, p. 29)

For this research, the application of the hybrid method focuses on the realisation of qualitative moments, especially the interview and focus group moments (story time). For this reason, the research team had to find a way of communicating the territory with the residents we would interview, most of whom were senior citizens. With the researcher having a background in architecture, the work process was geared towards constructing a three-dimensional model, in the form of a territorial model, on a scale of 1/5000. This allowed the model to be present throughout the interview process, so it was almost intuitive to understand the location of the different types of resources in the parish. The design strategies are based on visualisation methods (Wang et al., 2023), and with the help of physical and printed material - such as the focus group to revive memories of past spaces and places in the parish - we were able to improve and ensure a qualitative, more reliable and safer development work. The need to introduce the community was the first observation considered. Given that the low-density areas of

Alto Minho are small parishes with fewer than 2,000 inhabitants, providing knowledge of what is being done for an academic project through a participatory approach allows local learning to provide the necessary support for its development, to valorise human environments from a future cognitive perspective, with sustainable objectives in mind (Ferreira & Ferreira, 2023).

The primary objective of qualitative research is to elucidate the phenomenon under observation, to narrate and comprehend its essence, and to propose hypotheses through observation. In contrast, quantitative research is a statistical study that aims to describe the characteristics of a specific sample context through a survey.

According to the method being applied it aims for collaboration and participation on the part of the local community, i.e. it proposes that it be «communicative, interactive, empathetic and stimulating to understand people's needs desires and experiences (Giacomin, 2019*)*» (Mahato et al., 2021, p. 398). Therefore, in terms of the instruments applied, interviews and questionnaires will not be enough to meet the research objectives, so the working method will have to be hybrid in the sense of collecting data through storytelling. They should always be used as a basis for recreating the local tourist offer at a cultural and natural level, to implement practices that increase social inclusion and, consequently, minimise social inequalities and facilitate access to digital tools, in line with the different National Territorial Cohesion Plans and Programmes, as well as the Sustainable Development Goals for the 2030 Agenda.

3.3. Research Design

During this research, the participants who were part of the investigation were tourists who pass through as pilgrims on the Way of St. James in the parish of Fontoura and stay overnight in hostels in the parish, as tourists who stay overnight in rural accommodation. Since the research aims to develop the rural community, though with low literacy, and by the principles of Community-Based Tourism, as presented in this document, it is intended that the resident population were also a relevant sample for the development and application of the collaborative model proposed and therefore be part of the collection.

Therefore, as mentioned above, the methodology was mixed with a hybrid method. Exploratory research serves as a starting point and is used to formulate problems and develop hypotheses to establish priorities and clarify concepts. The instruments used were literature reviews, experimental surveys, discussion groups and the analysis of cases similar to the one proposed in this research. As far as descriptive research is concerned, it was designed to describe the characteristics of specific groups (pilgrims, tourists and residents) to answer the questions of who, how, what, when and where about Fontoura as a rural destination. This will make it possible to make specific forecasts with representative samples. Surveys will be used as instruments, both online and in paper format, and pre-tests will be carried out.

About causal research, the scenario was in situ, with so-called ethnographic observation[95], with external and internal validity. In terms of instruments, the story moment was applied through a focus group: the objective was to utilise tools such as storytelling and narratives with immediate cause and effect. The application of the mixed quantitative and qualitative methodology, with the application of the DBR, more specifically, through the presentation of the research and the model, with discovery and exploration phases, allowed us to understand the problem statement for the structured definition of the methods and instruments to be applied.

To understand the existing scientific literature, it was necessary to explore some databases, including *Scopus, Web of Science* and *Science Direct*. This process is outlined in greater detail in Chapter 1 of this research. The literature review is essential because it «is an important chapter, providing the background and justification for the research undertaken» (Thomas, 2021, p. 263). Detect significant material, such as books and magazines related to the work, allows us to identify what is known or not known in the thematic area(s) associated with the research, even generating controversy or discussion, to help formulate the questions that require further investigation (Burgers et al., 2019; García, 2022; Synder, 2023; Thomas, 2021). Consequently, there is a lack of scientific articles and documents addressing the interrelationship between low digital

[95] Referred to in point 3.1. of this doctoral thesis.

literacy, rural communities and tourism. To be able to understand more hierarchically how the concepts correlate, the field of health was the one that offered us the most value for the practice of health and well-being in rural communities, not from a tourist point of view but from the point of view of the information made available and the communication carried out. We hope this research thesis will become a valuable scientific document, both for the communication sciences and the tourism sector and rural communities. In terms of creating community empowerment and offering tourism resources, not only because of the tourism offer itself and how the concepts can be interrelated but also taking into account the Sustainable Development Goals, which through pillar 11 provide for cities and communities to be more sustainable, from the point of view of basing it on the community itself, as a promise of value for the destination in question, at a local, regional and national level. Our aim was also for the solutions presented or developed here to emerge as innovation frameworks for other parishes with similar characteristics to Fontoura, focusing on non-networked public policies between the different local municipalities.

As for the qualitative data collection method, interviews take centre stage in the instruments (Elliot, 2018). It involves cognitive stimuli to create an orderly discursive structure on the part of the participants to obtain important information about the interviewees' perceptions, which can be explored more or less according to the answers we get (Utibe, 2020). It becomes a tool with many advantages when applied to the study of tourism, as it allows us to explain more complex and current situations since the field of tourism is increasingly a transversal and multi-structured experience, with plural values and results, according to the destination in question (Hillman, 2022). The interviews used in this research were semi-structured, with the possibility of open questions. The participants were senior residents of the parish, and municipal sources, such as the President of the parish council, have made it possible to consolidate knowledge of the territory and what it once offered and to create relationships to continue the research process in a collaborative and participatory way.

According to the proposed collaborative model, questionnaire surveys were made available to tourists, pilgrims, and residents to help them understand their profile and

the degree of acceptance of an open-access web-based tourist platform. For this particular research, surveys were crucial in investigating the behaviour of tourists over time (Marusic et al., 2017; Goodfellow, 2023), improving the proposal of solutions for the community of Fontoura. Especially in tourism, questionnaires are used as quantitative data collection tools since those available online are efficient, and those shared on the ground are more representative of the local community, both positive and negative, due to the lack of responses. We took a flexible methodological approach to data collection (Benckendorff et al., 2016). We obtained conclusions validated by pre-tests (Dolnicar, 2020), which is vital for ensuring high-quality studies. The responses to the surveys, the same ones we used for this research, allow us to understand movements, motivations, and preferences (Bursa & Mailer, 2024) of the use of open-access platforms applied to tourism. Nevertheless, we also realised the trends for Fontoura's destination regarding what is on offer and what they would like to access, allowing us to highlight the strengths and weaknesses to turn them from weaknesses into opportunities.

Introducing a three-dimensional model for our team had a central impact on implementing the qualitative instruments, both interview surveys and focus groups. The importance of a three-dimensional model in the process of scientific research into rural communities makes it possible to provide a comprehensive understanding of geographical dynamics, with information on topography, infrastructure and resources, to residents and researchers alike (Goussios & Faraslis, 2023; Onitsuka et al., 2018). We found that the 3D model[96] facilitated the involvement and participation of the community in the research process. For the senior interviewees, it was important when we talked about heritage and its location, as some interviewees live in the so-called "lower band" and others in the "upper band", the most mountainous area of the parish. The 3D model that was built tells the story of the parish of Fontoura, with information on its religious, cultural, civil, and natural heritage. The model has already been requested to be exhibited at the Fontoura Parish Council for certain events that have

[96] Appendix I – 3D model construction process

taken place there. As for the existence of written and scientifically recognised documents on the importance of three-dimensional models in scientific research have to be done in areas such as architecture or urban planning to justify their use.

We also tried to find researchers who had worked on cases similar to the one being developed in this research and we only interviewed a professor from the University of Aveiro due to the ease with which she could be interviewed, associated with the Locus project[97]. The aim was to determine the methodologies applied to recognise the territory regarding access to information and communication with the population and other means of accessing and sharing content. Throughout the thesis development process, there was a need to create a logbook to understand the contributions of this research to the field of Information and Communication Sciences.

[97] Referred to in chapter 2 of this doctoral thesis.

This diary also allows us to create a cross-section between all the documents published in terms of scientific articles[98], as events[99] associated with the development of this doctoral research.

[98] The opportunity arose to publish articles at national and international conferences. In the 2022/2023 academic year we took part in four conferences:
- TWINE Conference, Portugal – Co-creating sustainable rural tourism experiences with food & wine, local culture, landscapes, and people: https://doi.org/10.48528/6m6s-8615;
- 6th International Conference on Tourism Research, Cyprus: https://doi.org/10.34190/ictr.6.1.1331;
- 6.º Congresso Internacional, Casa Nobre – Um Património para o Futuro, Portugal - *Preservação de Identidade Histórica Local: Gentes de Melgaço*;
- IV Congreso Internacional de Sociología y Antropología del Turismo, Spain - *Un enclave rural en el Alto Minho: estrategias colaborativas y participativas en la difusión del turismo digital*.
In the 2023/2024 academic year, which is still underway, with the researcher embarking on a European doctorate at the University of Vigo, we have already taken part in two:
- 5th International Conference on Tourism Technology & Systems, ICOTTS'23, Mexico: https://doi.org/10.1007/978-981-99-9765-7_33;
- XV International Tourism Congress (ITC23) – The Image of Sustainability of Tourism Destinations - *Community Mapping as a Tool for Technological Mediation: Collaborative Design in Tourism Communities*.
We also plan to take part in three more conferences as a doctoral student:
- INVTUR 2024 – Tourism in unprecedented times: Looking for new directions - *The benefits of community co-creation for saving destinations at risk*;
- INVTUR 2024 – Tourism in unprecedented times: Looking for new directions - *Community-based info-communication for rural territories: participatory collaboration tools for Fontoura*;
- 6th International Conference on Cultural Sustainable Tourism - *Connecting Communities: a collaborative model for tourism development in rural areas with low digital literacy;*
- 19th Iberian Conference on Information Systems and Technologies (CISTI2024) - *Visual Data using Community Storytelling – Cultural Tourism Mapping.*
Since the researcher became a Research Fellow (According to Annex II) at the DigiMedia Research Centre of the Department of Communication and Art at the University of Aveiro in July 2022, new publication opportunities have arisen on information visualisation and evaluation models for research centre projects. To this end, three articles were published jointly with the DigiMedia team: Digital Media Doctorates: Trends, Methodologies and Contributions; *The Power of Information Visualisation for Understanding the Impact of Digital Media Projects*; *From Data to Insights: Research Centre Performance Assessment Model (PAM)*.
The opportunity also arose to publish an entry on legends and myths associated with the city of Braga in the Encyclopaedia of Place Branding, in partnership with a colleague from the Faculty of Philosophy and Social Sciences of the Portuguese Catholic University, where the researcher was a visitor Professor from 2021 to 2023, according to Appendix II.

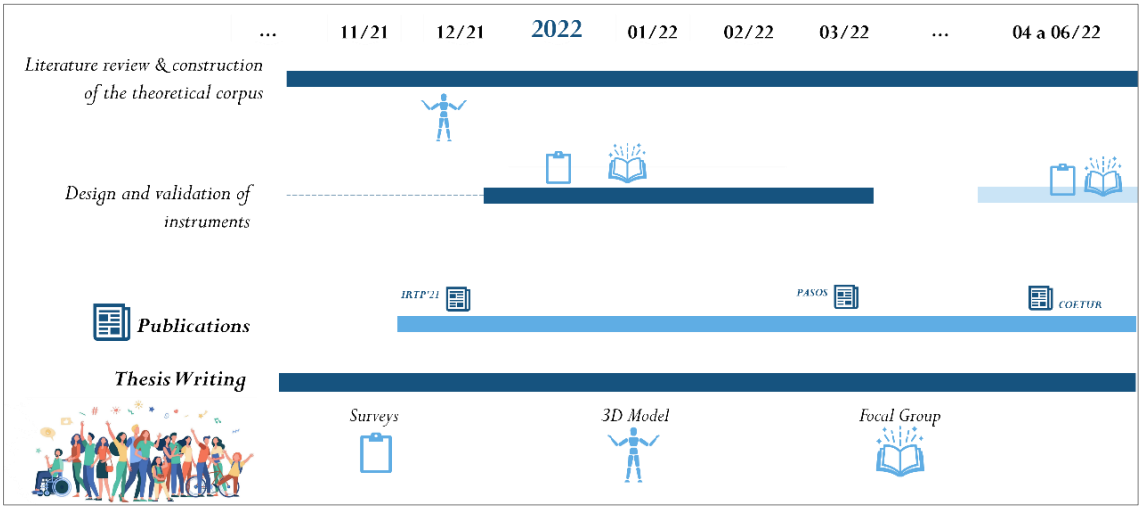
[99] About events: we took part in a guided tour of the parish of Fontoura, at the invitation of the *Comunidade Associativa Arcanjos São Miguel e São Gabriel*, from Fontoura (Annex III). The visit was organised in partnership with the previous president of the Junta, Rui Ferreira. The visit was publicised on local social networks, such as the Radio Alto Minho (https://radioaltominho.pt/noticias/camara-municipal-de-valenca-participa-em-visita-guiada-a-freguesia-de-fontoura/) and at Jornal do Correio do Minho (https://correiodominho.pt/noticias/executivo-de-valenca-difunde-memoria-colectiva-da-freguesia-de-fontoura/135857).
As a Research Fellow, the researcher took part in Students@DigiMedia#2 (academic year 2022/2023) and currently in Students@DigiMedia#3 (academic year 2023/2024), in which two articles were presented, with the teams she was tutoring and co-tutoring, at the Research Summit at the University of Aveiro and two posters in a session aimed at the Students@DigiMedia event.

As far as the Focal Group or Story Time is concerned, it didn't materialise with the Senior Club. We therefore opted to bring together a group of residents from the parish - seven people - with whom the researcher has contact to hold this event. We used storytelling techniques with the presentation of a visual narrative (Davey & Benjaminsen, 2021; Singh & Tomar, 2023) services that once existed in the parish, such as an apothecary; notable people, such as Queen St. Isabel, who is thought to have passed through here as a pilgrim on the Way of St. James; religious heritage, such as chapels in a state of ruin or that have disappeared over time, or that were thought to have disappeared, such as the Chapel of Nossa Senhora da Conceição[100], in place of Valinha. This part of Story Time aimed to capture relevant information about the place's history and culture (Schvingel et al., 2017), about the existing cultural and natural heritage, and recreations of heritage that have since disappeared, to enhance the cognitive contribution (Luke & Goodrich, 2019) of the parish's senior citizens.

We also present the timetables for the implementation of these instruments, the moments, publications and events of the entire development process of this doctoral research, by the objectives and hypotheses proposed:

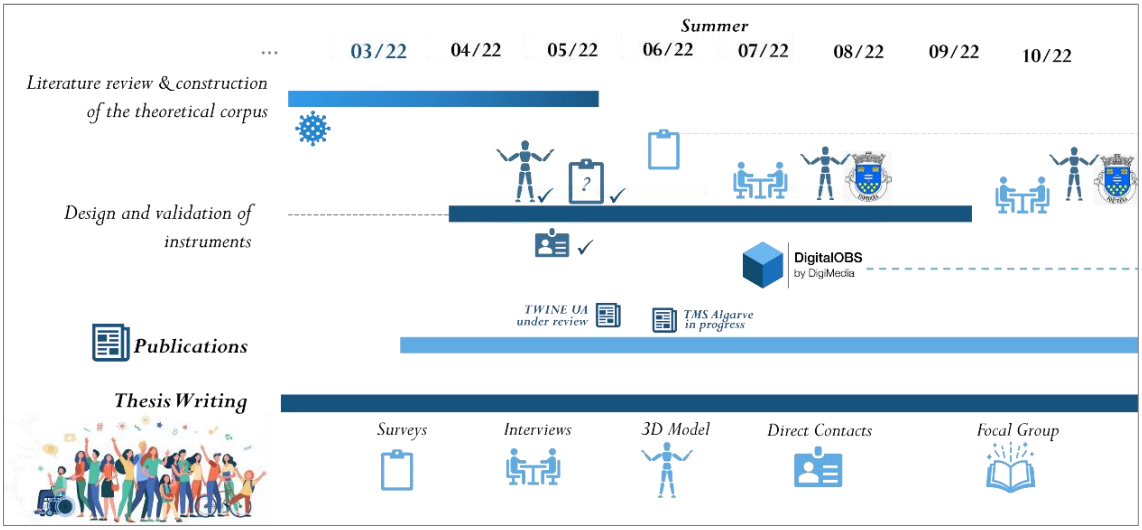
[100] During the research process for my doctoral thesis, a question arose: "Where did the Chapel of Our Lady of the Conception once exist, in São Miguel de Fontoura, Valença do Minho?" In the Diário do Minho Supplement of 29 January 2019, on page IV, written by journalist José Carlos Ferreira (Diário do Minho), it appears in text: «Deste lugar da Valinha diz existir uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, que era particular e que pertencia ao padre Pedro Soares».
After two years of extensive research, I would like to thank my colleague from the doctoral programme, N.M.. Recently, the researcher obtained the following information using the Archeevo software and the Portal Português de Arquivos platform:
https://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1267611... (that proves its existence, around 1747);
https://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1263307... (with a request for another blessing, in 1749);
https://portal.arquivos.pt/record... (with a request for a confessional for the female part of the family, 1749). After almost three years of searching, we learnt that the Memórias Paroquiais de 1758, already told the story of the parish of Fontoura: «[…]; Nossa Senhora da Conceição, no lugar da [Valinha] padroeiro o padre Pedro Soares […]» (Viriato Capela, 2003, p. 110).

Figure 62 - Timetable: November 2021 to June 2022.



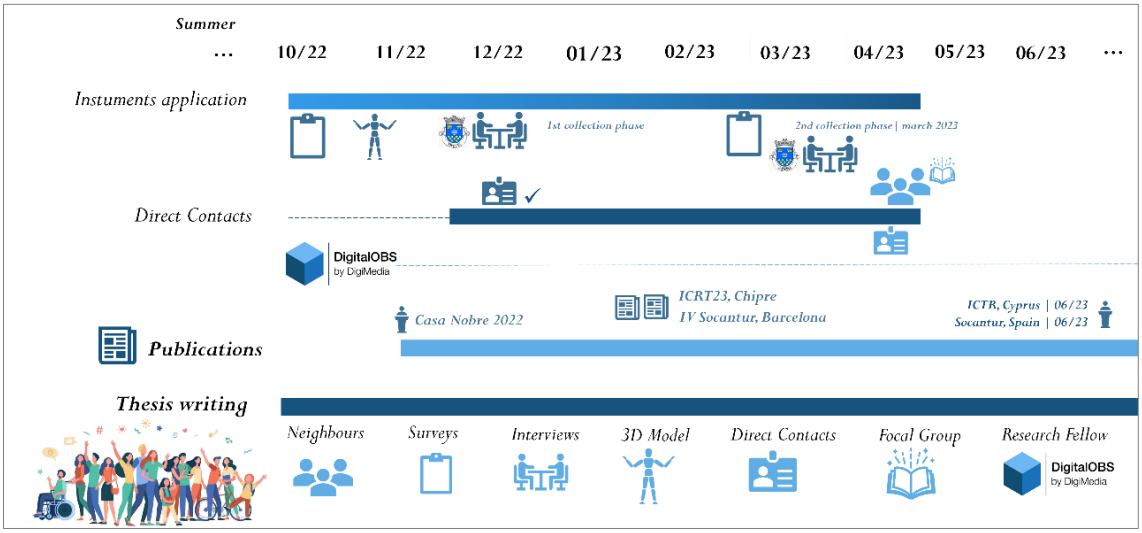
Source: Mónica Silva.

Figure 63 - Timetable: March 2022 to October 2022.



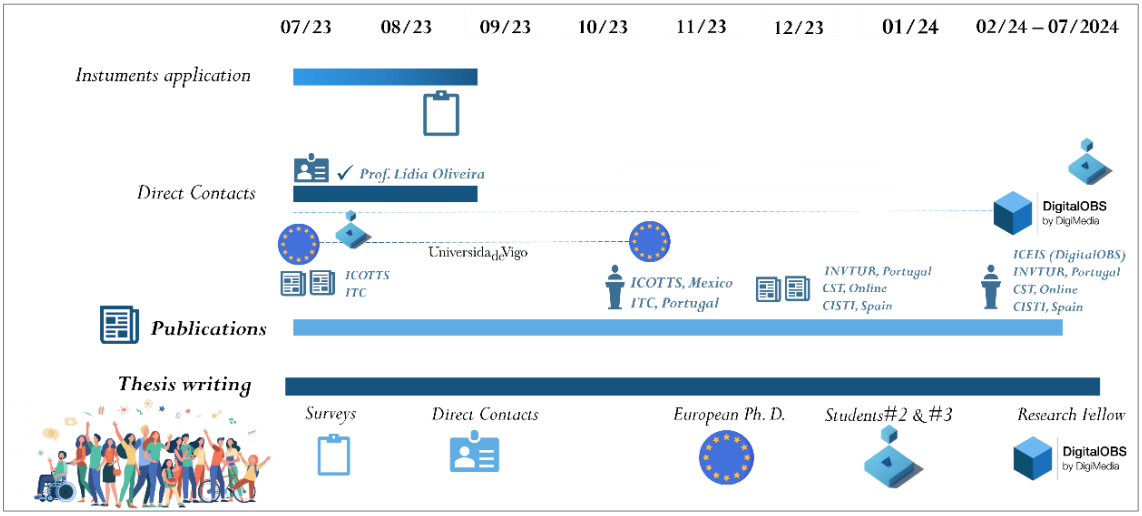
Source: Mónica Silva.

Figure 64 - Timetable: October 2022 to June 2023.



Source: Mónica Silva.

Figure 65 - Timetable: July 2023 to July 2024.



Source: Mónica Silva.

The results suggested that the sample to be designed consisted of stories and other data contributing to the construction of the participatory and collaborative guidance model.

As a DigiMedia[101] research fellow, the proximity to projects and researchers has allowed the researcher to learn and apprehend knowledge and contribute to this research, considering the enhancement of the territory and communities, the management of networks and connectivity, the revitalisation and economic dynamism of rural centres with tourist characteristics, for their endogenous resources and their residents.

[101] *Digital Media and Interaction* is an interdisciplinary research centre at the University of Aveiro, focused on innovation in the design of new interaction approaches for human-centred digital media applications. (https://digimedia.pt/).

4. Instruments applied and data collected

The spatial impact of national policies and individual developments can be traced throughout a nation, thanks to the multi-scale interpretation and interlinkage of the term "community".
Murphy (1985, p. 1)

Analysing rural communities with low literacy to apply infocommunicational strategies based on story sharing, supported by mixed methodologies, offers an innovative approach to promoting e-tourism. Considering the research question of this study and the hypotheses presented, the combination of quantitative and qualitative data allows us to build a narrative that values local culture and attracts new audiences, visitors and tourists sustainably. By unifying the community and working together towards the same goal, we can propose future guidelines for empowering the parish's economic, social and collective memory development and preserving its tangible and intangible heritage.

The parish of Fontoura has emerged as the centre of this research because of its importance to the researcher of this doctoral thesis. From an early age, her mother's family contacted the countryside and nature available. Her love and passion for architectural renovation and the countryside led the researcher to move to Fontoura in May 2021, where she could maintain a closer relationship with the residents she already knew. Being a community with societal values - where you can say good morning even if you do not know each other - and with a unique cultural identity, it emerged as the territory to carry out this research.

According to the field of Communication Sciences and the direct association with the theme of this research, the application of collaborative digital platforms through various cases of good practice (Rural Move, Aldeias de Portugal, Pueblos Acogedores, Arraigo Project, Projects associated with ENRD), is proving to be an asset for the dissemination of information and for promoting the active participation of the local community and those passing through the territory. To maximise the application of tools and understand how the territory works within a rural community, we realised from the outset that we would need to create a three-dimensional model. This allows us to locate the territory geographically and idealise the construction of cartography that goes beyond the tourist offer. At this point, we also realised that we would have to be innovative in applying

diagrams and iconography to communicate the information acquired while implementing the methodological tools, so we opted to use information visualisation to create interactive maps, specifically community cultural maps. To make such a narrative, we had to implement interview surveys and a focus group to have access to authentic stories about local life, traditions, culture and heritage to create an emotional connection with tourists, visitors and pilgrims, encouraging them to visit and value the authenticity of the parish of Fontoura.

One of the critical points of this research is the possible guidelines and proposals that could be implemented in similar areas. Much of this is due to the immediate and constant collaboration and interest we received from the Fontoura Parish Council through its President, André Rodrigues. The entire research process was monitored in collaboration with[102], where we discovered a new type of cultural offer that, until then, had not been included in the research for this doctoral thesis but which was introduced because of its heritage value - the cereal and sulphur milling mills on two water courses, one at Grove and the other at Azevinheira. Since the development of research allows for the creation of new narratives, we were asked by the Mayor of Fontoura if we could implement the creation of two themed routes to take in the Mills in Fontoura's heritage. However, this will be a project to be developed at a later date by the researcher of this doctoral thesis.

Another of the stages that took place over the four years of my doctorate was the search for primary and secondary sources of information, with a presentation of the problem addressed, considering the different points of view of various authors. However, the research becomes limiting when specific operational concepts come into play, as in the case of rural communities associated with community cartography and, in turn, information visualisation. To cover such a wide range of concepts, we had to resort to different sources of information from various fields of knowledge and the market, such

[102] As this research is being carried out under the principles of active participation and collaboration, we asked for the help and partnership of the Fontoura Parish Council, which permitted us to use its heraldry in a signed letter, as seen in Annex IV.

as sociology, anthropology, tourism, health, public policy, governance, technology and ethnography.

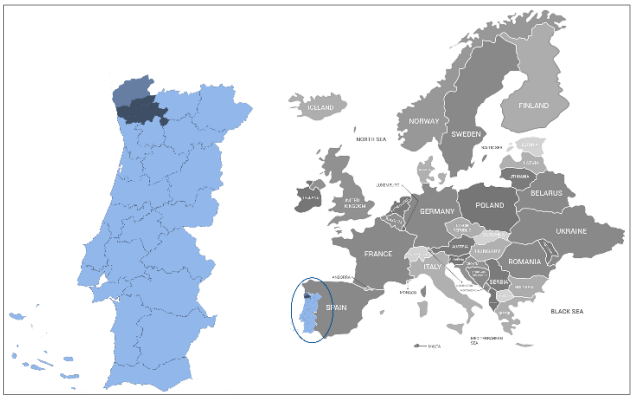
This chapter provides an in-depth analysis of all the steps taken to collect and process data using the following instruments: ethnographic observation, questionnaire surveys, interview surveys, focal groups (story time, using photographs of old Fontoura), and a three-dimensional model. Under the methodological procedures proposed and distributed to residents, visitors, tourists and pilgrims, we proceeded to request an Ethics Opinion by the General Data Protection Regulation (GDPR), considering the defence of the respondents' answers by the Ethics Committee of the Faculty of Letters, University of Porto, which was duly sent and accepted[103].

We present the objectives, the research question and the hypotheses drawn up at the starting point of this research to try to answer what we set out to according to the responses obtained.

4.1. Indicators of Observations

For the community under study, it is located in mainland Portugal (Figure 66).

Figure 66 - Location of Fontoura with Europe and mainland Portugal.

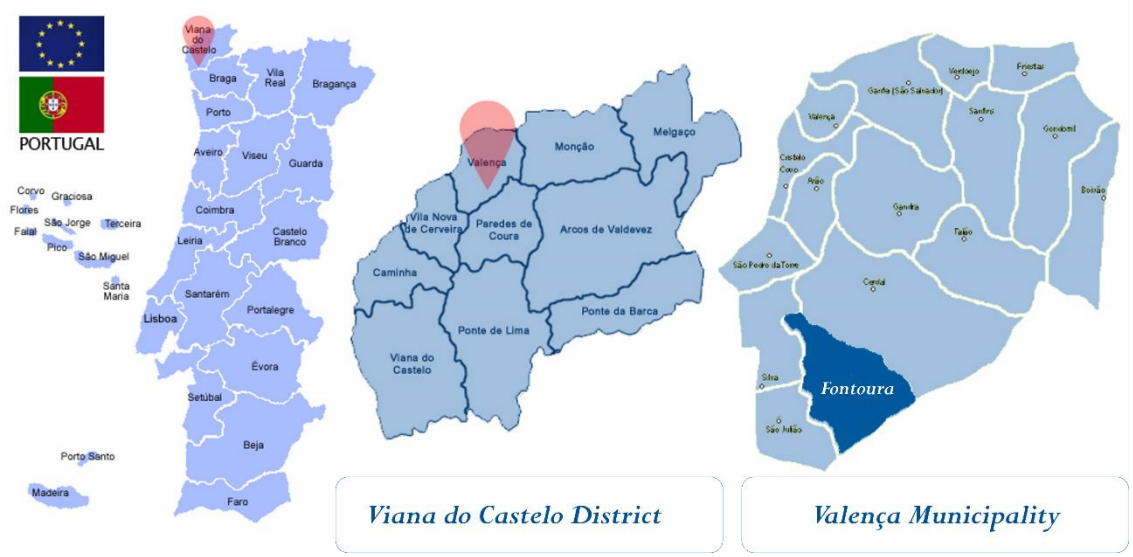


Source: Adapted from CIM Alto Minho (n.d.).[104]

[103] Annex V - Favourable Opinion recognised and signed by Ethics Committee, Faculdade de Letras, da Universidade do Porto) and Appendix III - Documents sent to request Favourable Opinion.
[104] https://www.cim-altominho.pt/pt/ (Accessed on 09.11.2023)

In the Minho region, more specifically Alto Minho[105] (Figure 67).

Figure 67 - Location of Fontoura to mainland Portugal and the District of Viana do Castelo (district capital)



Source: Mónica Silva.

Since the research is mixed, we now present the data for the rural community of Fontoura in terms of quantitative analysis. For this purpose, two questionnaire surveys were proposed with different target audiences. One was aimed at tourists, visitors and pilgrims and was available in four languages: Portuguese, English, French and Spanish; the second was aimed at the community living in Fontoura. Both questionnaires were pre-tested[106], to check questions. Since direct collaboration with the Parish Council was a crucial point in this research, members of the Council also participated in proposing changes and adding some questions. In the case of the questionnaires, the data from all the instruments was duly informed and consented to with an indication of the GDPR, so whoever carried out the survey consented. The general objective for both questionnaires was to understand how a digital and interactive tourism platform could be well received by those who live in the community and those who come to it.

[105] Presented in the chapter 1.3.
[106] Appendix IV (Pre-testing the questionnaires).

The questionnaires for visitors, tourists and pilgrims were shared online[107], on social media, via Facebook and Instagram, with the help of the Fontoura Parish Council, which also shared them. Two signposts were also built along the Way of St. James route, with access to QR Codes in the languages available, as shown in the image below.

Figure 68 - Signposts for answering surveys placed along the Way of St. James in the parish of Fontoura.



Source: Mónica Silva.

The questionnaire's reliability level is 0.900, and Cronbach's α reveals the evaluation of its internal consistency. Below, we present the questionnaire structure made available to Visitors, Tourists, and Pilgrims, divided into three main groups: Identification (Table 9), with information on the sample's socio-demographic data.

Table 9 - The first group of the questionnaire was designed to analyse the respondents' socio-demographic profile.

Identification	Options	Scale
1. Where do you usually live? (*i.e. city, country*)	Open Paragraph	Nominal
2. Gender	*Female* *Male*	Nominal

[107] Appendix V - Surveys for tourists, visitors, pilgrims (A.) and residents (B.).

	I prefer not to say	
3. How old are you?	*Under 18 years old* *19 to 29 years old* *30 to 40 years old* *41 to 51 years old* *52 to 62 years old* *Over 63 years old*	Ordinal
4. What is your marital status?	*Single* *Married* *Divorced* *Widow(er)* *Domestic partnership*	Nominal
5. What is the highest level of education you have completed?	*Primary School* *Secondary School* *College* *University*	Ordinal
6. What is your primary professional activity or occupation?	*Employee* *Self-employed* *Student Worker* *Student* *Housekeeper* *Unemployed* *Retired*	Nominal
7. What do you do for a living?	Open Paragraph	Nominal

Source: Mónica Silva.

This group of questions aims to understand which countries seek culture and unique experiences when visiting a particular destination. The correlations made will demonstrate this below.

Concerning the second group of questions, we propose the degree of acceptance of *Open-Access Tourism Platforms* (Table 10). All the questions in this second group are closed-ended and aim to understand the importance of the internet and the main sources of information that users look for when travelling to a destination and once they are there.

Table 10 - The second group of the questionnaire analyses the level of acceptance of open-access tourism platforms with different content offerings and promotion formats.

Degree of acceptance of open-access tourism platform	Options	Scale
8. When preparing your trip, what sources did you use to search for information?	*Websites* *Social Networking* *Travel Agencies* *Tourist Info. Office* *Travel Guidebooks* *Mobile App* *Family* *Friends* *Influencers* *Blog/Vlog*	Likert Scale *I used for Fontoura* *I have never used* *I've used it but not for Fontoura*
9. What kind of attractions do you think you can visit in Fontoura?	*Chapels & Churches* *Parks & Belvederes* *Fairs* *Manor houses/Wine Tourism* *Traditional events*	Likert Scale *I will not visit* *Maybe I will visit* *I will visit* *I will definitely visit*
10. If available, how would you access information about Fontoura?	*Guided tours* *Sharing Forum* *Open-Access Platform* *Tourism Platform* *Blog/Vlog* *Mobile App*	Likert Scale *I would not use* *Maybe I would use* *I would definitely use* *No opinion*
11. Imagine that Fontoura as a rural community, with unique endogenous resources, is presented as an information system in the format of a collaborative and participatory open-access digital tourism platform (i.e. the consumer interacts through it and can add data of what visiting). How strongly do you agree with the following statements?	*Internet access is important* *Innovative product* *I would use the platform* *Should include audiovisual* *Should be participative* *Should be collaborative* *Should have storytelling* *Asset for tourist community* *Asset for rural community* *Should include a forum* *Infocommunication important*	Likert Scale *I strongly disagree* *I disagree* *I agree* *I completely agree* *No opinion*

Source: Mónica Silva.

The last group is reflected in the analysis of the Visitor/Tourist/Peregrim Profile (Table 11) to understand the motivations for travelling and the days spent overnight in Fontoura, as well as the importance of the type of trip, focusing above all on the rural offer, regarding the choice of visitor profile.

Table 11 - The third group of the questionnaire aimed to analyse the Profiles of visitors, tourists, and pilgrims.

Visitor/Tourist/Pilgrim Profile	Options	Scale
12. What types of territories have you visited the most in the last 5 years?	*Rural* *Urban* *Highlands* *Coastal*	Nominal *Yes* *No*
13. How often have you visited rural territories in the last 5 years?	*Once* *Twice* *Between 3 and 4 times* *Over 4 times* *Every month* *Every week* *Every day* *I never visited*	Nominal
14. On your visit/pass to Fontoura you came?	*By myself* *With one more person* *With a group of friends* *With my family*	Nominal
15. How do you identify yourself as a visitor?	*Tourist* *Pilgrim (Way of St. James)* *Digital Nomad* *Group traveller*	Nominal
16. As a pilgrim, what kind of activities do you consider important to stay overnight in Fontoura?	*Open Church* *Hostel with flexible hours* *Hostel with laundry facilities* *Hostel with meal* *Market* *Events in the Village Square*	Likert Scale *Not important at all* *Not very important* *Important* *Very important* *I am not a pilgrim*
17. How did you arrive in Fontoura?	*By foot* *By bicycle*	Nominal

	On motorbike *By car* *By bus* *Hitchhiking* *By taxi*	
18. In which type of accommodation are you staying in Fontoura?	Open Paragraph	Nominal
19. How many nights will you stay in Fontoura?	*1 night* *2 nights* *3 nights* *≥ 4 nights* *I am not staying overnight*	Nominal
20. What is the reason for your visit?	*Visiting Fontoura* *Visiting friends/family* *Being with family* *Breaking out of the routine* *New experiences* *Participation in education service activities* *Participation in volunteer work*	Nominal *Yes* *No*
21. If you are visiting/passing through the region, what is the main reason for your trip?	*Holiday* *The Way of St. James* *Local Commerce* *Attraction/Cultural Heritage* *Attraction/Natural Heritage* *Cultural Event* *Events and Festivities* *Visiting friends/family*	Nominal *Yes* *No*
22. If you are on holiday, what is your choice of level of importance?	*Cultural Holidays* *Nature Tourism/Ecotourism* *Rural Tourism* *Adventure Tourism* *Educational Holidays* *Beach & Sun* *Health & Wellness*	*Likert* Scale *Not important at all* *Not very important* *Important* *Very important* *Not on holiday*

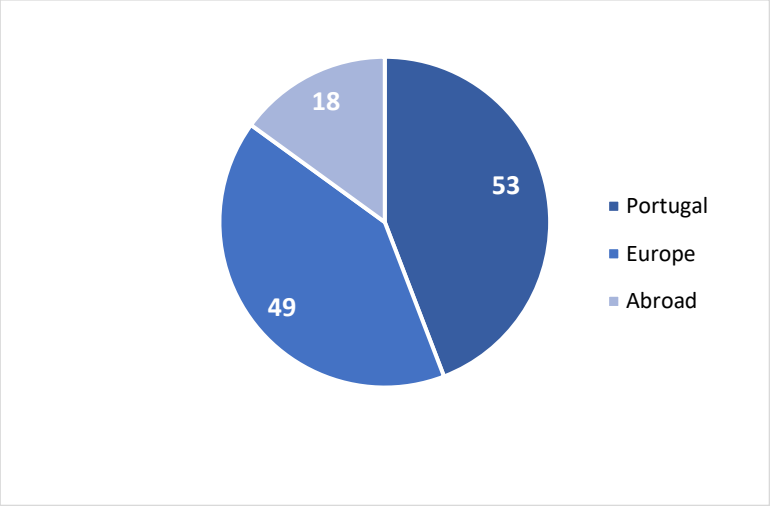
Source: Mónica Silva.

The last question is to thank the participants for taking the time to fill in the survey, with an open answer for anyone who would like to leave their contact details to obtain information about this research regarding statistical data.

The questionnaire survey sample for visitors, tourists, and pilgrims was made available on 1 July 2022 and ended on 31 August 2023. One hundred and twenty (120) responses were rated as non-probabilistic for convenience. The analysis was carried out by creating graphs using Microsoft Excel and the Statistical Packages for the Social Sciences (SPSS) tool, to provide an efficient and organised statistical analysis to understand the data and create a visualisation of the information that allows it to be interpreted (Field, 2009).

Most respondents are European (85,0%), of which 44,2% are Portuguese (Chart 4).

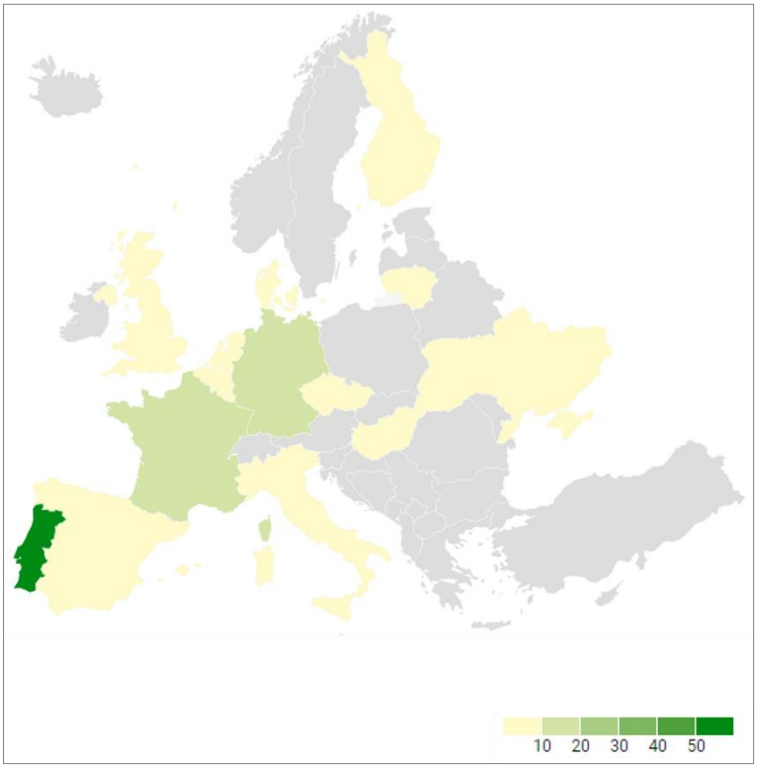
Chart 4 - Number of responses by area of residence of visitors, tourists and pilgrims.



Source: Mónica Silva.

A wide range of visitors, tourists, and pilgrims come to Fontoura from various nationalities and continents, with a focus on Europe (85,0%), as shown in Figure 69.

Figure 69 - Normal residences distributed at the European level.

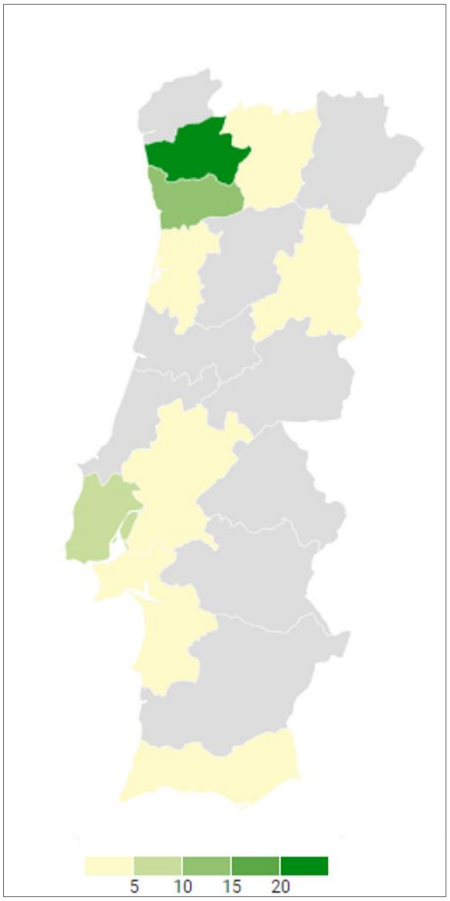


Source: Mónica Silva, exported from *Datawrapper* (2024).

There was a strong presence in North America from other continents, with 10,8%, with respondents from the United States of America and Canada; South America, with 2,5%, with three respondents from Brazil; and one respondent from Australia and one from Asia, specifically Singapore.

Regarding geographical location in Portugal, most come from the northern region (Figure 70).

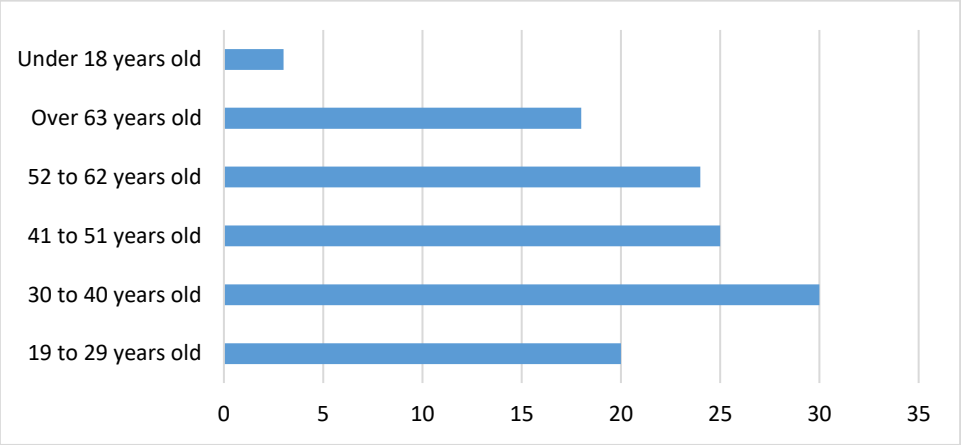
Figure 70 - Normal residence of Portuguese visitors, tourists and pilgrims, distributed by district.



Source: Mónica Silva, exported from *Datawrapper* (2024).

As for gender, there is a slight difference, with more female respondents (50,8%) than male (49,2%). Concerning age, the most representative groups are those aged between 30 and 62, as shown in the following chart:

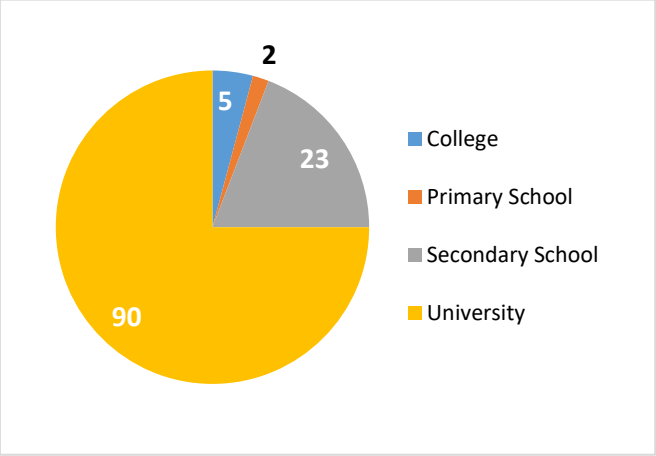
Chart 5 - Age of respondents.



Source: Mónica Silva.

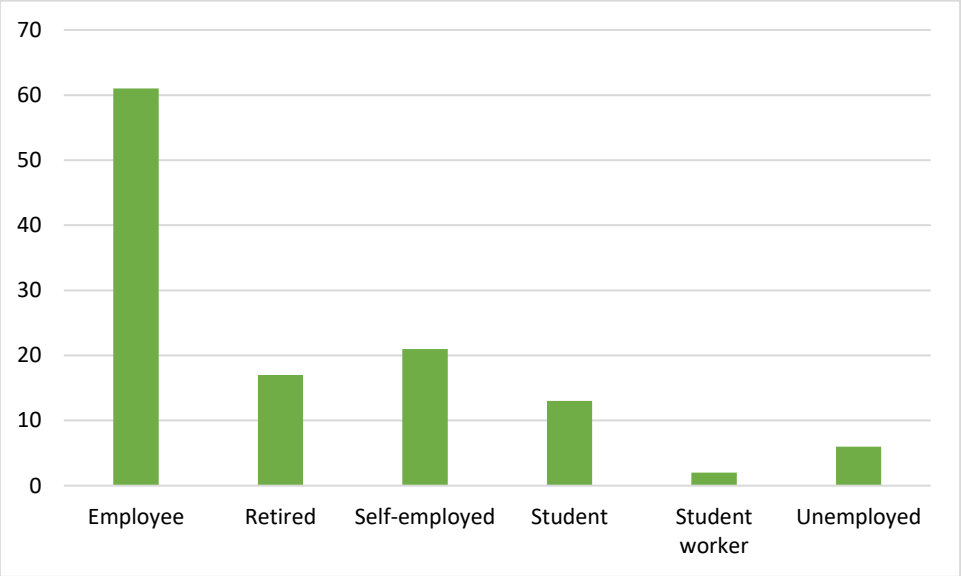
Most are married (40,8%) and single (34,2%), which shows that they often travel as a family or on their own, especially tourists and pilgrims on the Way of St. James, respectively. In terms of level of education, the majority of respondents (75,0%) have a university degree (Chart 6) and work as employees (Chart 7).

Chart 6 - Education level.



Source: Mónica Silva.

Chart 7 - Type of occupation.



Source: Mónica Silva.

Regarding the specific study in this research, two of the hypotheses[108] were to understand the strategies applied. These questions lead us to analyse which sources of information are most used when travelling and how digitalisation can increase demand for them to meet the expectations created by visitors, tourists and pilgrims when they arrive at their destination - in this specific case, the rural community of Fontoura. In this sense, we presented data that allows us to understand how respondents search for information before and during their visit and/or visit to the destination, as well as the importance of the existence of an open-access platform that allows interaction, participation and collaboration between those who arrive and those who live in the parish, in line with hypothesis 3[109]. To determine the level of acceptance of open-access tourism platforms, most respondents do not apply the sources presented for Fontoura and have never used them. *Travel agencies* and *influencers* have the least impact on the

[108] According to Hypotheses 1 and 2, we would like to understand how infocommunication strategies can significantly empower rural communities with low literacy levels and whether they should be designed with the active participation of the community. Therefore, it is necessary to understand what sources of information visitors, tourists, and pilgrims look for when travelling to better offer the community what it expects.

[109] Infocommunication strategies designed by rural communities with low literacy should include activities that promote the participation and collaboration of others.

search for sources of information when preparing for a trip. In turn, when it comes to looking for sources of information for the parish of Fontoura, *Family and Friends* are the most representative.

Table 12 - Type of information sources used to prepare a trip.

Information source	*I used for Fontoura*	*Never used*	*I've used but not for Fontoura*
Websites	**19,2%**	19,2%	**61,7%**
Social Networking	**17,5%**	28,3%	**54,2%**
Travel Agencies	**2,5%**	67,5%	30,0%
Tourist Info. Office	**6,7%**	45,0%	48,3%
Travel Guidebooks	**18,3%**	32,5%	49,2%
Mobile App	**19,2%**	21,7%	**59,2%**
Family	**23,3%**	35,8%	40,8%
Friends	**28,3%**	24,2%	47,5%
Influencers	**3,3%**	74,2%	22,5%
Blog/Vlog	**10,8%**	58,3%	30,8%

Source: Mónica Silva.

Fontoura is a territory with a vast cultural and historical heritage and a very distinctive sense of community. With the continuous development of events, the question arises as to what tourist attractions the visitor, tourist, and/or pilgrim would like access to.

Table 13 - Types of attractions to visit in Fontoura.

Attractions	*I wil not visit*	*Maybe I will visit*	*I will visit*	*I will definitely visit*
Chapels & Churches	10,8%	**40,8%**	**30,8%**	17,5%
Parks & Belvederes	15,0%	**33,0%**	**30,0%**	**21,7%**
Fairs	35,0%	**37,5%**	15,8%	11,7%
Manor houses/Wine Tourism	**35,8%**	**34,2%**	**20,0%**	10,0%
Traditional events	20,8%	**46,7%**	**22,5%**	10,0%

Source: Mónica Silva.

Attractions such as *wine tourism* are not yet particularly well represented, even though the parish is in the geographical area of Vinho Verde. *Parks and belvederes* are the attractions that more than 20.0% say they will definitely visit, in the sense of the Nature Tourism offers. As for the other attractions, there is a constant average for the possibility

of visiting, with only the *Fairs* below 20.0%, so we can conclude that local commerce is not a motivation for visiting the destination of Fontoura, as there is no such offer. Concerning information about and for use in Fontoura, we have the following:

Table 14 - Information available on Fontoura, to enjoy on arrival at your destination.

Information about Fontoura	*I would not use*	*Maybe I would use*	*I would definitely use*	*No opinion*
Guided tours	30,0%	**44,2%**	19,2%	6,7%
Sharing Forum	25,0%	**51,7%**	18,3%	5,0
Open-Access Platform	3,3%	30,8%	**61,7%**	4,2%
Tourism Platform	6,7%	39,2%	**50,0%**	3,3%
Blog/Vlog	29,2%	**45,0%**	19,2%	6,7%
Mobile App	20,0%	35,8%	**40,8%**	3,3%

Source: Mónica Silva.

The majority of those surveyed said that using various types of information would be something they might use and would definitely use. It should be noted that at a technological and digital level, open-access Platforms, Tourism Platforms, and Mobile Apps are the types of information that they see themselves using definitively and with a representation of over 50,0%, which shows the importance of using digital and technological bases to activate a destination when there is demand for it.

Since the sources of information and the attractions available in Fontoura strongly impact the respondents' opinions, it is important to understand the significance between variables using Pearson's r (Almashhadani et al., 2023).

Figure 71 - Pearson coefficient correlation scale.

Scale of Correlation Coefficient	Value
$0 < r \leq 0.19$	Very low correlation
$0.2 \leq r \leq 0.39$	Low correlation
$0.4 \leq r \leq 0.59$	Moderate correlation
$0.6 \leq r \leq 0.79$	High correlation
$0.8 \leq r \leq 1.0$	Very high correlation

Source: Selvanathan et al. (2020, p.71).

The correlation coefficient between variables above 0.9 is assumed to be a very strong correlation for some realities, such as:

Table 15 - Pearson's correlation coefficient between the type of attractions available in the parish and the information provided.

Attractions	*Available Information*	*r de Pearson*	*Value*
Chapels & Churches	Tourism Platform	**0.958**	**Very high correlation**
Parks & Belvederes	Sharing Forum	**0.514**	**Moderate correlation**
Fairs	Tourism Platform	**0.573**	**Moderate correlation**
Manor houses/Wine Tourism	Tourism Platform	**0.673**	**High correlation**
Traditional events	Tourism Platform	**0.566**	**Moderate correlation**

Source: Mónica Silva.

We therefore realised that if information about attractions were available on a tourism platform, the search would be immediate, especially about religious heritage. As for parks and viewpoints, the information would be more likely to be accessed through a sharing forum. Both correlations assume the need for digitalisation to access information on the tourist attractions available in the area.

Concerning the proposal for an open-access, participatory and collaborative digital platform, the respondents consider the Internet an important element when visiting destinations (Table 16). They also think that an open-access platform for Fontoura should have access to multimedia content, with texts, images and videos representing over 90,0%. The options *I strongly disagree* with and *disagree* with are taken as negative opinions, while *I agree* and *completely agree* with are positive.

Table 16 - Responses to a digital, collaborative, and participatory platform are available at Fontoura.

Statements	*Negative opinion*	*Positive opinion*	*No opinion*
Internet access is important to me when visiting a destination	5,8%	**90,8%**	3,3%
The open-access digital platform be an innovative product for Fontoura	5,0%	**86,7%**	8,3%
I would use an open-access digital tourism platform in Fontoura	9,1%	**80,0%**	10,8%
Should include texts, photographs and videos	4,2%	**90,8%**	5,0%
The digital platform should be participative	11,7%	76,7%	11,7%
The digital platform should be collaborative	13,3%	78,3%	8,3%
Must be updated and customised data, i.e. storytelling	10,0%	74,2%	11,8%
Be an asset to the tourist community of Fontoura	5,0%	**83,3%**	11,7%
Be an asset to the rural community of Fontoura	6,7%	**81,6%**	11,7%
Should include a forum	9,2%	78,3%	12,5%
Infocommunication sharing is important to rural communities	5,0%	**87,5%**	7,5%

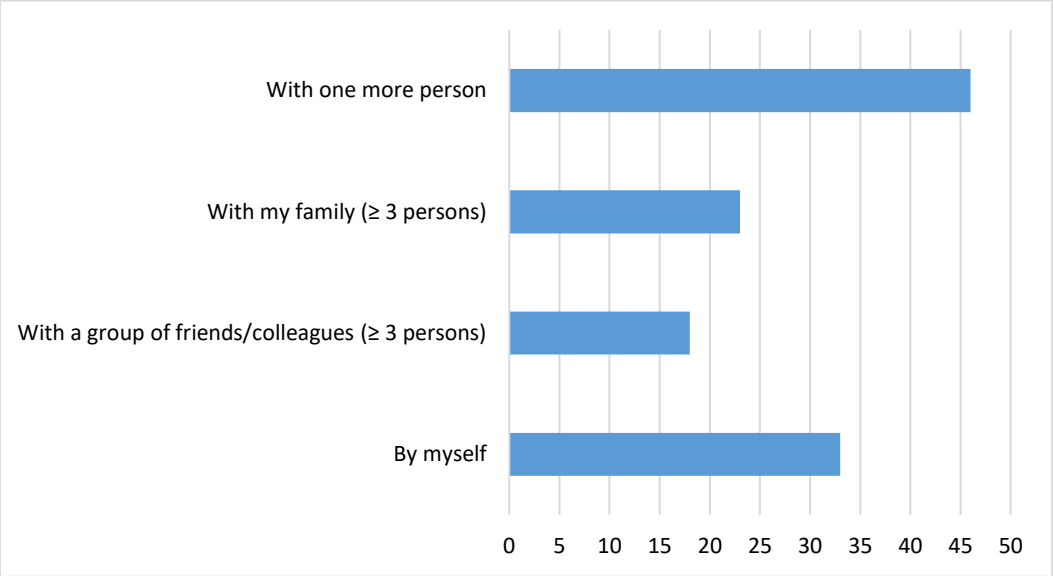
Source: Mónica Silva.

Less than 15% of respondents answered negatively about platform access and features. The majority responded positively to all the statements, and above 70% agreed with the proposed offer. The green table shows that concepts such as innovation, digitalisation, tourism, the rural community, and infocommunication are central to the platform's development.

Determining the profile of the visitor, tourist and/or pilgrim looking for Fontoura is very similar to what is described by a cultural tourist profile (Richards, 2003)[110]. Respondents usually travel alone or with a partner, i.e. as a couple (Chart 8).

[110] According to Richards (2003), the cultural tourist profile is young (under 40), with a university-level education and medium-high standards of living.

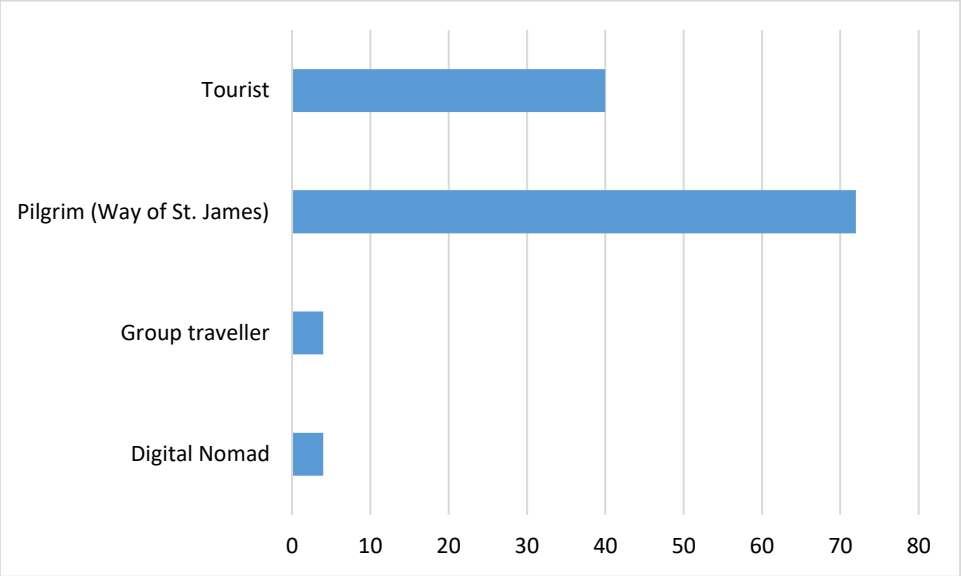
Chart 8 - How visitors, tourists and/or pilgrims travel.



Source: Mónica Silva.

Most consider themselves pilgrims on the Way of St. James (60,0%) or tourists (33,3%).

Chart 9 - Identification as a visitor.



Source: Mónica Silva.

Since the Central Portuguese Way passes through the parish of Fontoura, it is essential to understand how pilgrims feel welcomed and what they would like to see improved for a new experience. As mentioned above, this research was supported by the Fontoura

Parish Council, which also asked us to ask some questions about the Way of St. James so that the response could be improved and become attractive to those passing through the parish. For this reason, we tried to talk to people we know and friends, as well as Facebook groups that manage the Way of St. James, to understand what questions to ask, given the reality of being a pilgrim, in the sense of religious belief.

Table 17 - Activities to stay overnight in Fontoura as a Pilgrim.

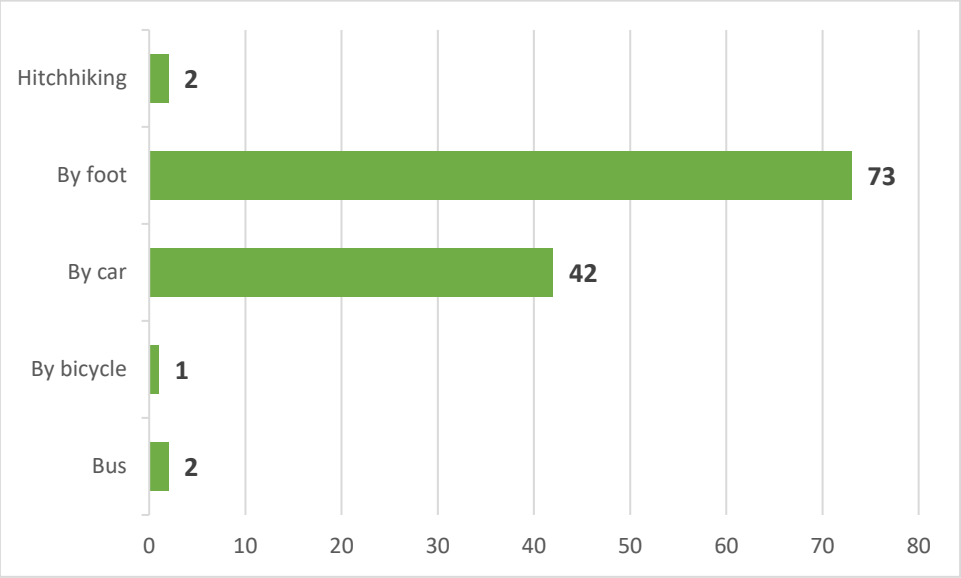
Activities to stay overnight in Fontoura as a Pilgrim	*Without importance**	*With importance***
Open Church	**29,2%**	**52,5%**
Hostel with flexible hours	5,8%	**77,5%**
Hostel with laundry facilities	19,2%	64,2%
Hostel with meal	14,1%	**70,0%**
Market	15,9%	68,4%
Events in the village square	35,8%	48,3%

* *Without importance* includes the options *Not important at all* + *Not very important*
** *With importance* includes the options *Important* + *Very important*

Source: Mónica Silva.

Nineteen (19) respondents (15,8%) don't consider themselves pilgrims. Pilgrims consider the existence of a hostel with flexible opening hours and the availability of meals most urgent in Fontoura. Since most respondents are pilgrims, they arrive and leave the parish on foot (Chart 10).

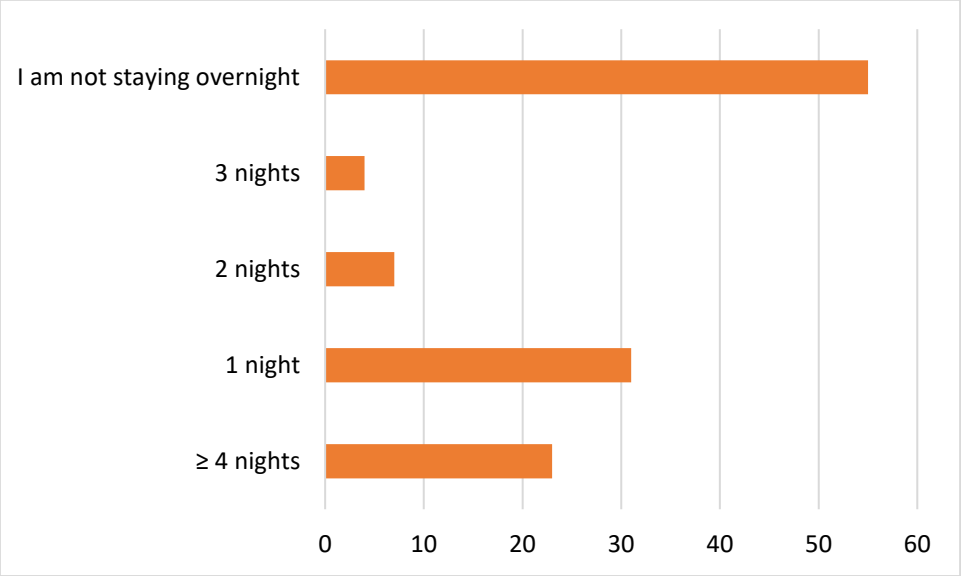
Chart 10 - How respondents arrive in Fontoura.



Source: Mónica Silva.

And the majority do not stay overnight (45,8%) in Fontoura (Chart 11).

Chart 11 - Number of nights staying in Fontoura.



Source: Mónica Silva.

The respondents in Fontoura stay in a *Family House* or *Hostel*. Those who stay in *Family House* are mainly Portuguese tourists (20,8%) and French tourists (6,7%), who are the

children of emigrants who live in Fontoura and return to the village for their summer holidays, as shown in the following table:

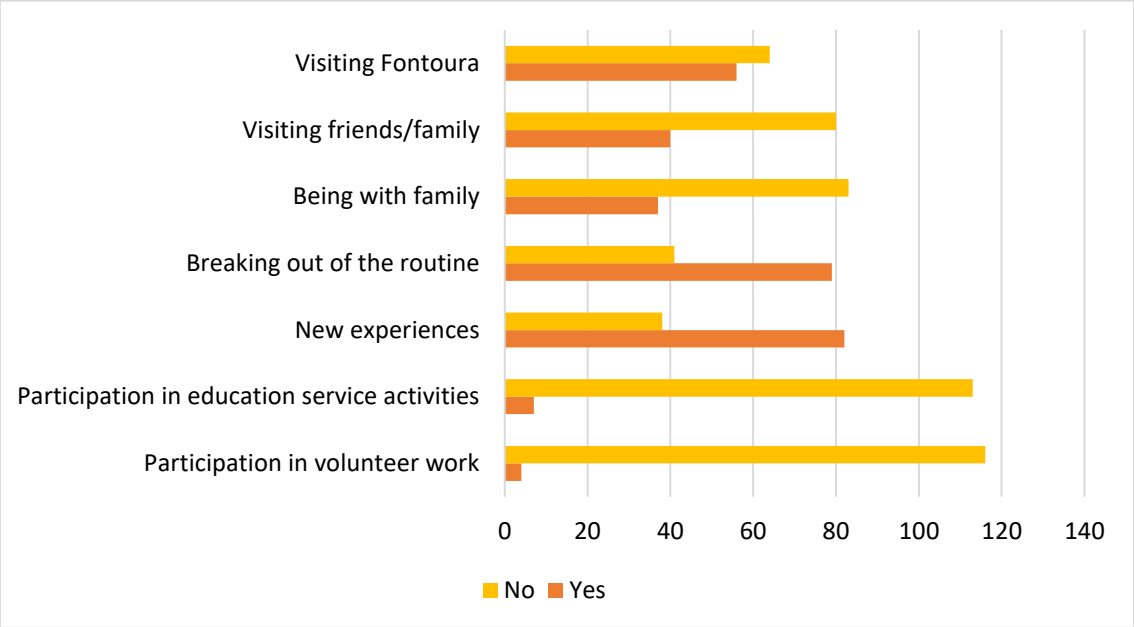
Table 18 - Staying in the type of accommodation by residence.

	Passing	Hostel	Local Accommodation	Friends/Family house	I don't know yet
Belgium	0	0	0	1	0
Czechia	1	0	0	0	0
Denmark	0	1	0	0	0
Finland	0	1	0	0	0
France	4	0	2	8	0
Germany	6	2	0	2	0
Hungary	0	1	0	0	0
Italy	1	0	0	0	0
Lithuania	0	1	0	0	0
Luxembourg	0	0	1	0	0
Netherlands	1	1	0	1	0
Portugal	20	5	2	25	1
Spain	1	4	1	0	0
Ukraine	1	0	0	0	0
UK	6	1	0	0	0
USA	9	2	0	0	0
Canada	2	0	0	0	0
Australia	0	1	0	0	0
Brazil	2	0	1	0	0
Singapore	1	0	0	0	0

Source: Mónica Silva, exported from *Datawrapper* (2024).

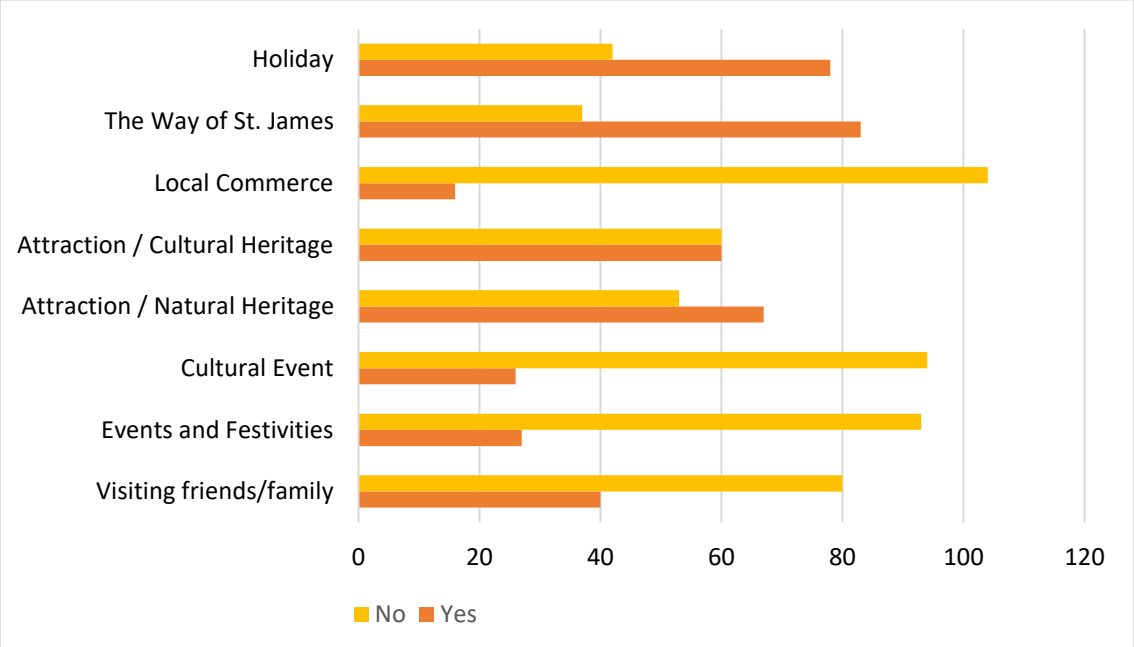
Understanding the *Respondent's visit* (Chart 12) and *Reason for travelling* (Chart 13) is important for defining their profile.

Chart 12 - Respondent's visit.



Source: Mónica Silva.

Chart 13 - Reason for travelling.



Source: Mónica Silva.

Concerning the *Type of tourism* respondents prefer *when on holiday*, it is necessary to understand the importance of this when choosing a destination, as shown in the following table.

Table 19 - Type of tourism they prefer to do when on holiday.

Types of tourism	*Without importance**	*With importance***
Cultural Holidays	17,5%	70,8%
Nature Tourism/Ecotourism	9,2%	80,8%
Rural Tourism	17,5%	**71,7%**
Adventure Tourism	38,3%	50,0%
Educational Holidays	40,0%	49,2%
Beach & Sun	**42,5%**	47,7%
Health & Wellness	20,8%	67,5%

* *Without importance* includes the options *Not important at all* + *Not very important*
** *With importance* includes the options *Important* + *Very important*
Source: Mónica Silva.

According to the table and the visitor profile presented, the data is in line with the cultural profile since holidays are sought after *Cultural Holidays* (70,8%), in contact with *Nature Tourism* (80,8%) and *Rural Tourism* (71,7%). This shows the importance of developing this research and the proposal to create a digital platform with open access, which can be collaborative and participatory, for those passing through the parish to protect the collective memory into the future.

The *Beach & Sun* type of tourism is one of the most sought-after segments in the Portuguese domestic market. Still, visitors consider it unimportant when deciding when to go on holiday.

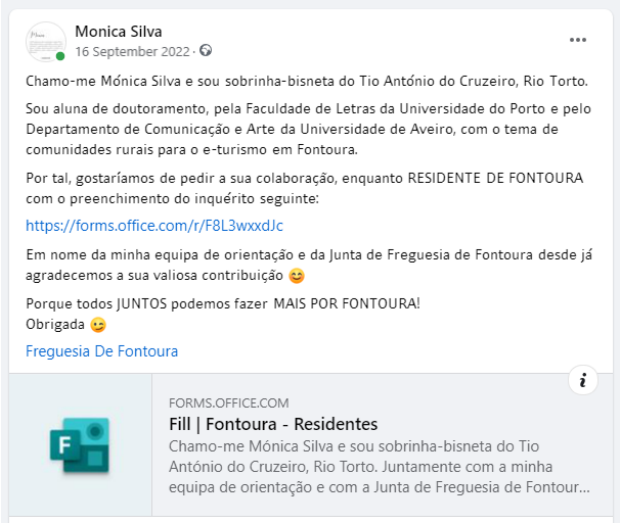
We now present the questionnaire survey aimed at residents of the rural community of Fontoura to understand and analyse the degree of acceptance of creating an open-access tourism platform in web format[111]. Like the previous questionnaire, this one is divided into three parts: identifying the socio-demographic profile of the respondents,

[111] All the elements created for the Parish of Fontoura and which give rise to a digital platform, with information from different angles, can be found at: https://monicassilva.wixsite.com/portfolio/fontoura

the degree of acceptance of open-access tourism platforms and the resident's profile. Since the sample is made up of Fontoura residents, the questions diverge more in the sense of capturing information in a more general sense about motivations, expectations and reasons for travelling to a particular destination; on the other hand, at a specific level, we try to understand what residents would like to have access to in terms of activities and events made available by the parish for community enjoyment.

The sample was representative of 35 responses. It was made available at the Parish Council in paper format and shared via the Fontoura Parish Council members' social networks, Facebook and WhatsApp (Figure 72).

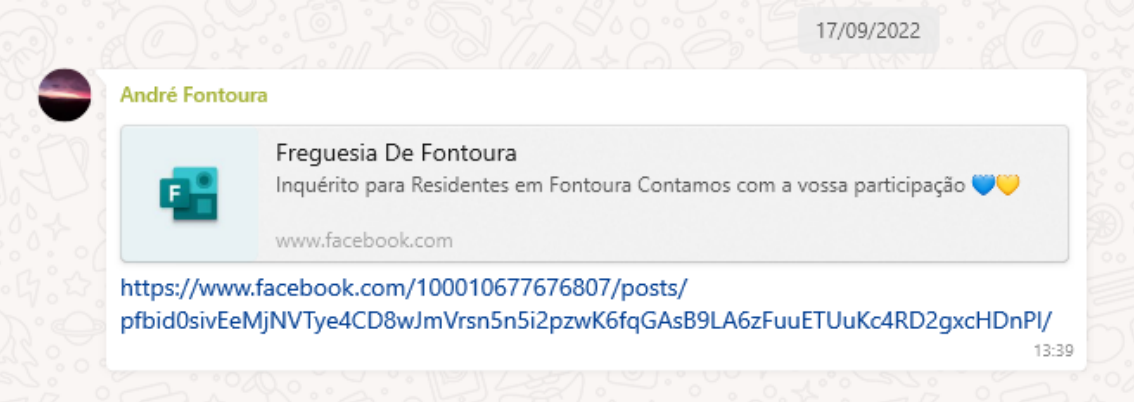
Figure 72 - The questionnaire was disseminated to residents on the official Facebook page of the Researcher and Parish Council.



Source: Mónica Silva.

Several shares (Figure 73) occurred during the year the questionnaire was available – 1 September 2022 to 1 October 2023. This questionnaire was delivered later than the one for visitors, tourists, and pilgrims so that the latter could be more expressive during the months associated with the big holidays.

Figure 73 - Dissemination of the questionnaire to residents by Fontoura Parish Council on the Fontoura Alerts WhatsApp page[112].



Source: Mónica Silva.

Concerning the specific sample, we obtained responses from 35 residents, so we can already conclude that the population is inactive in participation, even with several attempts over a year. The questionnaire's reliability level, Cronbach's α, is 0.917, revealing an assessment of its internal consistency, as is the case with the other questionnaire presented.

The structure of the questionnaire provided to Fontoura residents is similar to that presented to visitors, tourists, and pilgrims, so it is divided into three main groups: Identification (Table 20), with information on the sample's sociodemographic data.

Table 20 - Sociodemographic profile of the participants.

Identification	Options	Scale
1. Gender	*Female* *Male* *I prefer not to say*	Nominal
2. How old are you?	*Under 18 years old* *19 to 29 years old* *30 to 40 years old*	Ordinal

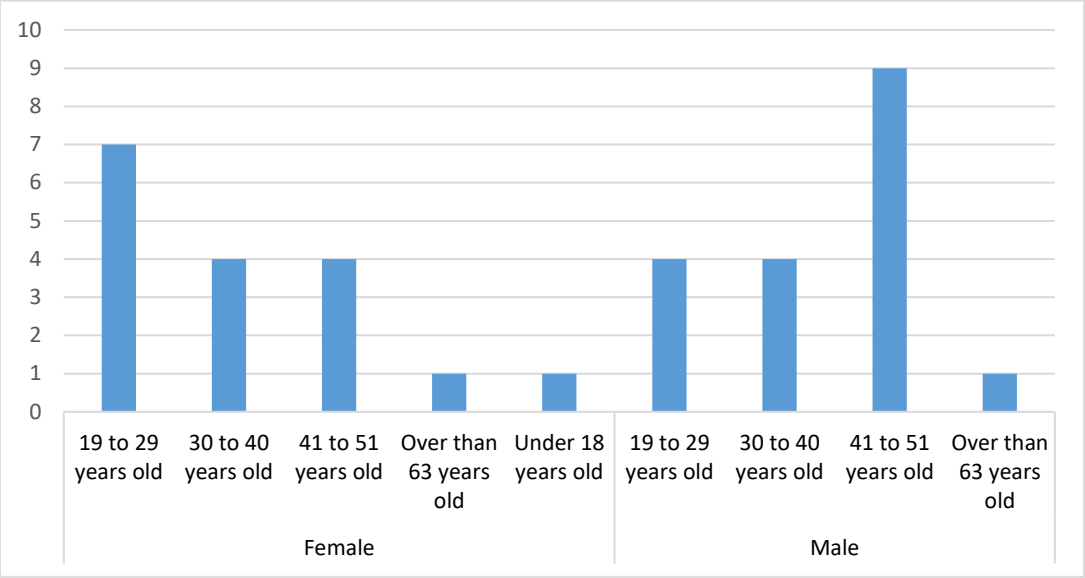
[112] Group associated with the parish with all the information related to it and published by the President of the Parish Council, André Rodrigues, and/or by all the users of the WhatsApp account.

	41 to 51 years old *52 to 62 years old* *Over 63 years old*	
3. What is your marital status?	*Single* *Married* *Divorced* *Widow(er)* *Domestic partnership*	Nominal
4. What is the highest level of education you have completed?	*Primary School* *Secondary School* *University*	Ordinal
5. What is your main professional activity or occupation?	*Employee* *Self-employed* *Student Worker* *Student* *Housekeeper* *Unemployed* *Retired*	Nominal
6. What do you do for a living?	Open Paragraph	Nominal

Source: Mónica Silva.

We have a female representation of 48,6% and a male representation of 51,4%, aged between 19 and over 63, with a larger group of female participants aged between 19 and 29 and male participants aged between 41 and 51 (Chart 14).

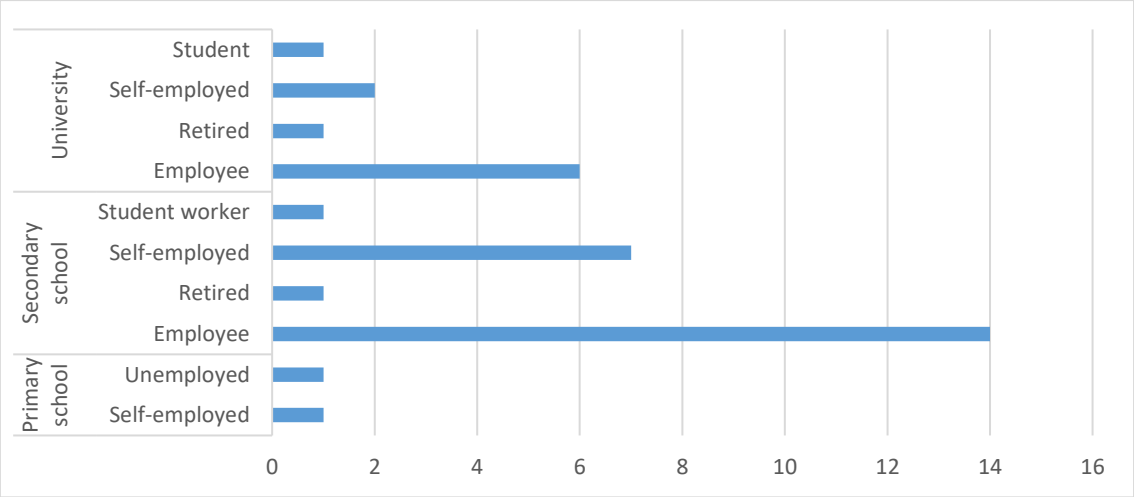
Chart 14 - Relationship between gender and age group of Fontoura residents.



Source: Mónica Silva.

There were more single (42,90%) than married (37,10%) participants. Regarding *Educational level* and *Type of occupation*, participants mainly have secondary education, where the majority are employees and university graduates (Chart 15).

Chart 15 - Education level and type of professional occupation of Fontoura residents.



Source: Mónica Silva.

About the second group of the questionnaire (Table 21), the *Degree of acceptance of open-access tourism platforms*, the questions go in the same direction as the previous

questionnaire; however, for Fontoura residents with a more generalised level of information, vis-à-vis making trips to different destinations.

Table 21 - Analysing the level of acceptance of open-access tourist platforms with different types of content for Fontoura residents about their trips.

Degree of acceptance of open-access tourism platform	Options	Scale
7. When preparing your trips and looking for information, what sources do you use?	*Websites* *Social Networking* *Travel Agencies* *Tourist Info. Office* *Travel Guidebooks* *Mobile App* *Family* *Friends* *Influencers* *Blog/Vlog*	Likert Scale *Never used* *Use it occasionally* *Use frequently* *Always use*
8. If available, how would you access information about Fontoura?	*Guided tours* *Sharing Forum* *Open-Access Platform* *Tourism Platform* *Blog/Vlog* *Mobile App*	Likert Scale *I would not use* *Maybe I would use* *I would definitely use*
9. Imagine that Fontoura as a rural community, with unique endogenous resources, is presented as an information system in the format of a collaborative and participatory open-access digital tourism platform (i.e. the consumer interacts through it and can add data of what visiting). How strongly do you agree with the following statements?	*Internet access is important* *Innovative product* *I would use the platform* *Should include audiovisual* *Should be participative* *Should be collaborative* *Should have storytelling* *Asset for tourist community* *Asset for rural community* *Should include a forum* *I would share content* *Infocommunication important*	Likert Scale *I strongly disagree* *I disagree* *I agree* *I completely agree* *No opinion*

Source: Mónica Silva.

As such, the majority consider the *Internet* (45,7%) to be an essential source of information (47,1%) when travelling, as well as *Social Networks* (37,1%), *Mobile*

Applications (48,6%), and *Family and Friends* (51,4% each) (Table 22). Analogue sources of information, such as *Travel Agencies*, *Tourist Offices*, *Travel Guides*, *Influencers*, and *Blogs/Vlogs*, are the sources they never use.

Table 22 - Type of information sources used by Fontoura residents when travelling.

Information source	*Never used*	*Use it occasionally*	*Use frequently*	*Always use*
Websites	8,6%	20,0%	**45,7%**	**25,7%**
Social Networking	5,7%	**37,1%**	**34,3%**	22,9%
Travel Agencies	**54,3%**	**31,4%**	8,6%	5,7%
Tourist Info. Office	**74,3%**	**20,0%**	2,9%	2,9%
Travel Guidebooks	**57,1%**	**37,1%**	2,9%	2,9%
Mobile App	17,1%	**20,0%**	**48,6%**	14,3%
Family	8,6%	**51,4%**	**28,6%**	11,4%
Friends	11,4%	**51,4%**	**22,9%**	14,3%
Influencers	**51,4%**	**22,9%**	**22,9%**	2,9%
Blog/Vlog	**54,3%**	**34,3%**	8,6%	2,9%

Source: Mónica Silva.

Regarding the *Information to access information about the destination* (Table 23).

Table 23 - Information is available on the destination to enjoy upon arrival.

Information about destination	*I would not use*	*Maybe I would use*	*I would definitely use*
Guided tours	14,3%	**65,7%**	20,0%
Sharing Forum	14,3%	**68,6%**	17,1%
Open-Access Platform	---	31,4%	**68,6%**
Tourism Platform	---	**71,4%**	28,6%
Blog/Vlog	**31,4%**	**60,0%**	8,6%
Mobile App	5,7%	**54,3%**	40,0%

Source: Mónica Silva.

The majority of those surveyed said that using various information sources would be something they might use and would use. It should be noted that here, the analogue offer has a positive expression, with *Guided Tours* (65,7%); in terms of technological and digital offer, all sources of information are assumed to be possible, with only *Blog/Vlog* having an acceptance of 60.0% and a denial of 31,4%. *Open access and tourist platforms* are the most representative, with the certainty of use (68,6%) and the possibility of use (71,4%).

Regarding the existence of an *Open-access, collaborative, and participatory digital tourism platform* in Fontoura, one more statement emerged – I would share content – to understand how the residents of Fontoura are willing to participate in the sustainability of the platform itself, which can be fed by those who know the parish best (Table 24).

Table 24 - Opinion on the existence of an open-access, collaborative and participatory digital tourism platform in Fontoura.

Statements	*Negative opinion*	*Positive opinion*	*No opinion*
Internet access is important to me when visiting a destination	---	**100,0%**	---
The open-access digital platform be an innovative product for Fontoura	---	**100,0%**	---
I would use an open-access digital tourism platform in Fontoura	---	**97,1%**	2,9%
Should include texts, photographs and videos	2,9%	**97,1%**	---
The digital platform should be participative	8,6%	**85,7%**	5,7%
The digital platform should be collaborative	2,9%	**97,1%**	---
Must be updated and have customised data, i.e. storytelling	2,9%	**88,5%**	8,6%
Be an asset to the tourist community of Fontoura	2,9%	**97,1%**	---
Be an asset to the rural community of Fontoura	8,6%	**91,5%**	---
Should include a forum	---	**97,2%**	8,6%
I would share content		**97,1%**	2,9%
Infocommunication sharing is important to rural communities	---	**100,0%**	---

Source: Mónica Silva.

The residents of Fontoura consider all the information extremely relevant, with more than 85,0% of responses. Most notably, *Internet* access is essential when visiting a destination. The open-access digital platform is an *innovative product* for Fontoura, and Infocommunication sharing is important to rural communities. According to the participants ' responses, this research is very relevant to the community of Fontoura. Bearing in mind that all the negative opinions come from participants over 63 years old, we can assume that the introduction to digital information is more complicated for individuals who are considered senior, with a moderate correlation in which Pearson's r is 0.654, concerning the application of *storytelling tools* on the *digital tourism platform*.

The last group of questions in the questionnaire aims to understand the profile of Fontoura residents (Table 25), considering aspects of their lives, the importance of

crossing the Way of St. James, their *motivations for travelling*, the *activities* proposed by the different associations in the parish, the *importance of tourists for Fontoura*, and the possibility of them *collaborating in the parish's tourism development*.

Table 25 - Questionnaire questions used to analyse the profile of Fontoura residents.

Fontoura's Resident Profile	Options	Scale
10. Live & Work	*I live and work in Fontoura* *I live in Fontoura and work in another parish in the municipality of Valença* *I live in Fontoura and work outside the municipality of Valença* *I live in Fontoura and do not work* *I don't live in Fontoura and I work in another country (I'm an emigrant)* *I don't live or work in Fontoura* *I'm in Fontoura for short periods (less than 3 months).*	Nominal
11. How long have you lived in Fontoura (years)?		Open-question
12. How often have you visited rural territories in the last 5 years?	*Once* *Twice* *Between 3 and 4 times* *Over 4 times* *Every month* *Every week* *Every day* *I never visited*	Nominal
13. How important are you when travelling, according to the reason for your visit?	*Being with family* *Visiting friends* *Escape from routine* *New experiences* *Volunteering* *Accommodation* *Business trips* *Religion*	Likert Scale *Not important at all* *Not very important* *Important* *Very important*

14. How important are you when travelling, according to the type of visit?	*Cultural Tourism* *Nature Tourism* *Religious Tourism* *Wine Tourism* *Sun & Beach* *Local Commerce* *Cultural/Traditional Event* *Sport Event*	Likert Scale *Not important at all* *Not very important* *Important* *Very important*
15. What is important for Fontoura to offer its residents?	*Guided tours of the parish* *Guided tours of other parishes* *Local Products Fair* *Music Festivals* *Traditional events* *Sport events*	Likert Scale *Not important at all* *Not very important* *Important* *Very important*
16. About the previous question, which other activities should be offered?		Open-question
17. How Fontoura should be boosting and publicising the Way of Saint James Route?	*Cleaning the Way* *Fountain Cleaning* *Tourist signs* *Open Church* *Hostel with flexible opening hours* *Mini-market* *Events in the Square*	Likert Scale *Not important at all* *Not very important* *Important* *Very important*
18. Are tourists important to Fontoura?	*Not important at all* *Not very important* *Important* *Very important*	Nominal
19. Would you like to collaborate on projects to boost tourism in Fontoura?	*I wouldn't like* *I would like, occasionally (1x/a semester)* *I'd like to, often (1x/quarter)* *I'd like it a lot (1x/month)*	Nominal

Source: Mónica Silva.

As in the previous questionnaire, the last question is open, and participants can leave their e-mail addresses if they would like to receive additional information about this research.

The profile of Fontoura residents is characterised by working outside the municipality of Valença (40,0%), as shown in the following table:

Table 26 - Profile of the Fontoura Resident: Living and Working.

Live and work	Frequency	%
I live and work in Fontoura	11	**31,4%**
I live in Fontoura and work in another parish in the municipality of Valença	6	17,1%
I live in Fontoura and work outside the municipality of Valença	14	**40,0%**
I live in Fontoura and don't work	1	2,9%
I'm in Fontoura for short periods (less than 3 months)	3	8,6%

Source: Mónica Silva.

Most have lived in the parish for around 30 years (20,0%), 17,1% for around 5 years, and 14,3% for over 40 years. As for the level of importance when travelling to a particular destination, the reasons for visiting are to *be with family* and to *visit friends* (Table 27), but *business trips* and *religion* are not reasons for choosing a destination.

Table 27 - Level of importance according to the reason for visiting a particular destination.

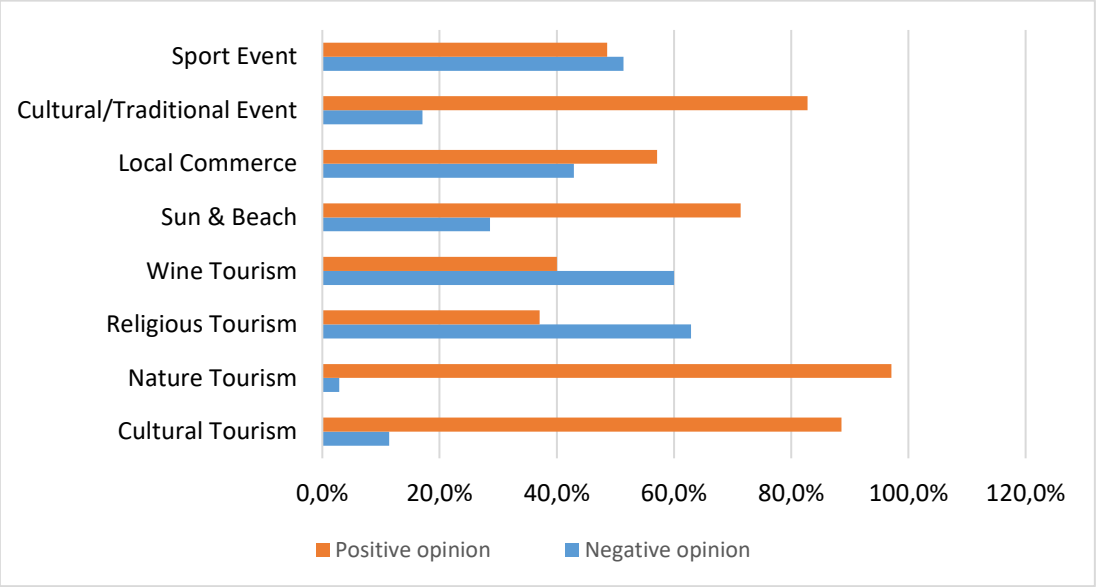
Reason for visiting	*Negative opinion**	*Positive opinion***
Being with family	2,9%	**97,2%**
Visiting friends	5,7%	**94,3%**
Escape from routine	8,6%	**91,5%**
New experiences	11,4%	**88,6%**
Volunteering	42,8%	**57,2%**
Accommodation	28,6%	**71,5%**
Business trips	**54,2%**	45,7%
Religion	**62,9%**	37,2%

* Not important at all and/or Not very important
** Important and/or Very Important

Source: Mónica Silva.

According to the type of visit about the type of tourism, *Cultural Tourism* (88,6%), *Nature Tourism* (97,1%), and *Cultural and Traditional Events* (82,8%) stand out most (Chart 16).

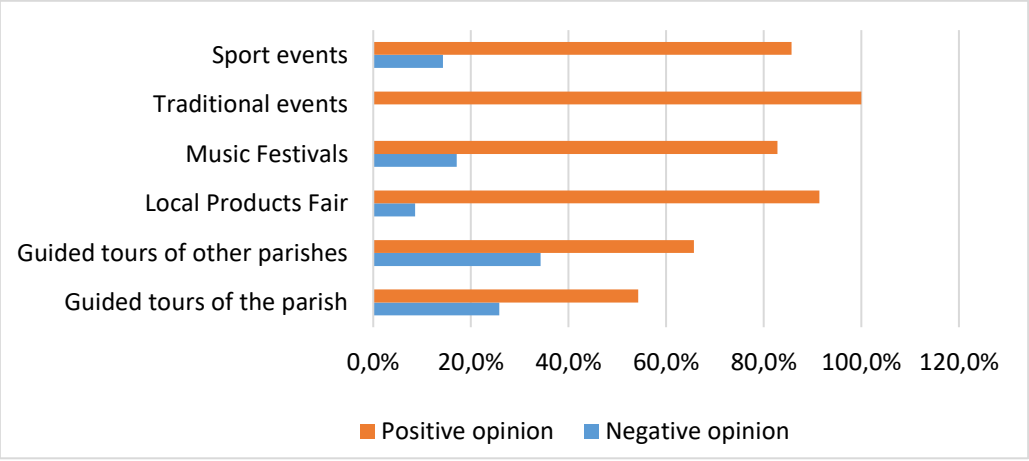
Chart 16 - Type of visit by the type of tourism on offer.



Source: Mónica Silva.

Residents consider the parish's most important types of activities to be *Local Product Fairs* and *Traditional Events* (Chart 17).

Chart 17 - Activities are organised by the parish, such as associations or the Parish Council.

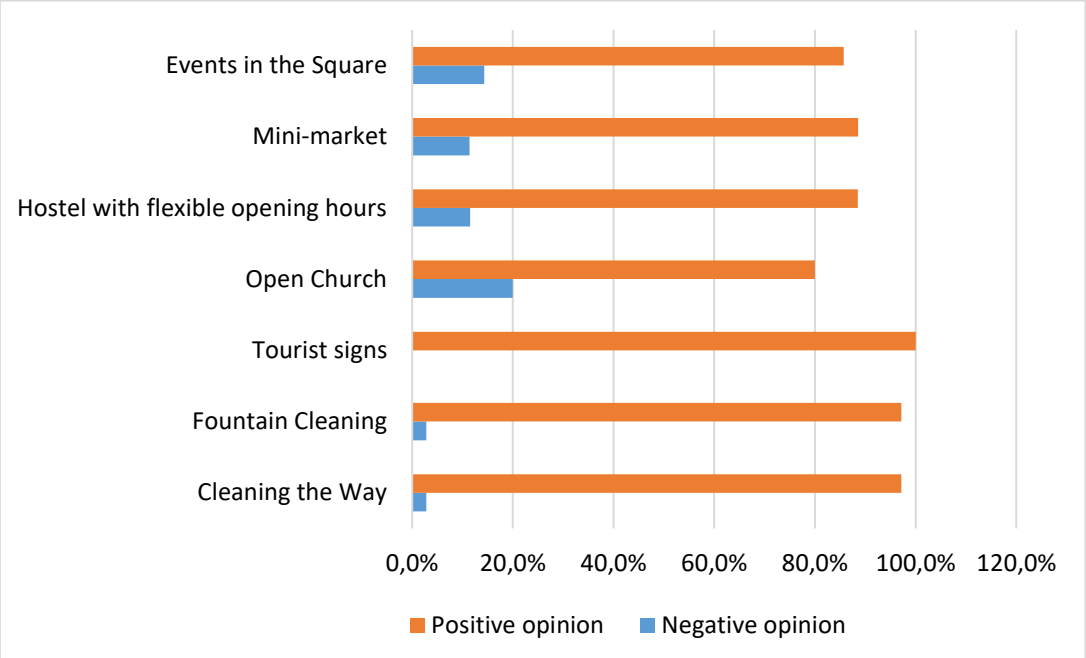


Source: Mónica Silva.

Around 45,0% of those who participated in the questionnaire also said other activities, such as socialising and games, could be aimed at young people. Since the Way of St. James runs through the parish, it is important to understand how residents view it and

assume its importance, considering a series of indicators, as shown in the following chart.

Chart 18 - The importance of indicators in boosting and publicising the Way of St. James.



Source: Mónica Silva.

Around 90,0% of the residents who took part say that they consider tourists important for the parish and would like to collaborate *occasionally (1x/week)* and *a lot (1x/month)* with the parish of Fontoura to boost tourism.

There are some Pearson correlations, both negative and positive, in the correlation of the variables age and level of education, which are in line with the statistical reality found in the different questions of the questionnaire, such as:

Table 28 - Correlation according to the variables Age and Level of Education.

Variable	Question by options	Correlation	r de Pearson
2. Age	15. Guided tours to other parishes	Positive* Very high	0,80
2. Age	18. Tourists are important for Fontoura	Positive Very high	0,80
4. Education level	14. Religious Tourism	Negative** High	0,67
4. Education level	14. Wine Tourism	Negative** High	0,62

4. Education level	14. Cultural_Traditional Events	Positive Very high	0,95

* Positive means Important and/or Very Important
** Negative means Not very important and/or Not Important
Source: Mónica Silva.

Therefore, we can understand that, according to *age* (question 2), Fontoura residents consider it important to offer *guided tours* to other parishes (question 15), especially residents aged between 19 and 29 and 41 to 51. The same applies to tourists, who are important to the parish.

In terms of educational level (question 4), they consider that *Religious Tourism and Wine Tourism* (question 14) have no impact on their choice of destination; however, they consider *Cultural and Traditional Events* (question 14) very important, with those with secondary education accounting for 65,7% and those with university education accounting for 28,0%. The fact that *Traditional Events* are decisive in Fontoura residents' choice of destination shows how important they are in the work carried out by the Associations and the Parish Council.

Applying infocommunication strategies through collaborative digital platforms can play a relevant role in developing e-tourism strategies in rural communities with low literacy. Following the data analysis process, we will present the qualitative analysis resulting from the research process involving interviews and the focus group (which we call story time, as we will explain later in this research). We will briefly describe the cognitive process that allowed us to leverage both methodological tools, especially with the senior residents who collaborated in this research.

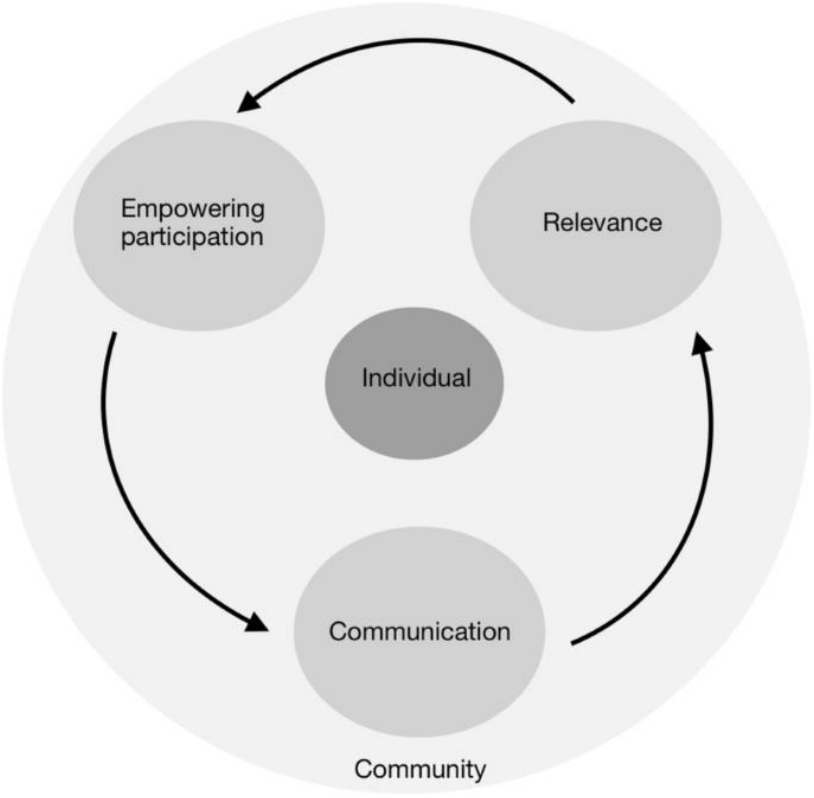
4.2. Interviews, Story Time and Collective Memory

To understand the perspective of the parish's senior residents and provide stories that would enable us to create narratives using storytelling tools, we used qualitative analysis tools such as interviews and a focal group called Story Time. During this research, we realised that in addition to the residents, it would be interesting and impactful to interview experts in the field of rural communities with tourism applications, as well as

journalist José Carlos Ferreira, from the Diário do Minho newspaper, who has written several supplements on the heritage of Alto Minho, and specifically Fontoura.

For qualitative research, it is necessary to analyse the complexity of human experiences, both individual and collective, which requires in-depth but also flexible data collection, especially with senior residents in rural, low-literacy communities. The application of this type of instrument makes it possible to share motivations, tools and needs that the community considers could be of added value (Neville et al., 2021; Clair, 2021; Silva et al., 2024; Stoecker & Witkovsky, 2023). Among the instruments used, interviews and focus groups stand out as structural tools, allowing us to analyse a wealth of data and shared information. Interviews allow for a detailed exploration of participants' thoughts, emotions, feelings and behaviours (Figure 74).

Figure 74 - Community members' perspectives on conducting interviews.



Source: Pelletier et al. (2020, p. 5).

In this case, the interviews were semi-structured, which meant that new data could emerge from one question so that we could present others that arose during the

interview. On the other hand, the focus group – Story Time – emerged as a complement to the interviews that allowed us to observe the social dynamics and the collective construction of opinions on major themes previously explored in the individual interviews. This allowed us to collect data in which the interaction between the participants revealed valuable insights in a cognitive sense that would not have emerged in an individual interview. As such, the researcher, as moderator, facilitated the discussion, using photographs associated with the questions posed, which allowed the participants to give their opinions and react to the ideas presented by the others, evoking memories that stimulated recollection, providing a more contextualised and collective understanding of the parish of Fontoura.

Cognition is one of the main indicators we have considered in developing this research, not only to understand it in its existing content but also to project it into the future through collective memory. This plays a crucial role in how participants process information, recall past experiences and articulate discourse through their perceptions and feelings (Bacsu et al., 2019; Miller et al., 2023). The objective of the Story Hour was to understand and learn about old stories and histories, and the seniors enhanced our knowledge through the richness of their experiences, which encouraged the group's participation as a whole, with all the participants complementing each other's data. Clarity was considered when formulating the questions to make it easier for everyone to understand and respond. The focus group comprised six participants: five seniors and one considered adult (55 years old). It allowed everyone to speak, and participation proved to be extremely active.

Both instruments required ethical consideration for the confidentiality of the information transmitted, with permission to share through informed consent to ensure that participants felt comfortable sharing information. For this reason, the data on the conduct of the interviews[113], the motivation of the interviewee, the importance of

[113] Tables presented to the Ethics Committee of Faculdade de Letras of Universidade do Porto, with a favourable opinion for the interviews and focus group. According to Annex V - Request for an opinion recognised and signed by Faculdade de Letras, of Universidade do Porto and Appendix III - Documents sent at the request for an opinion. The documents are in Portuguese.

participation and the processing of the data collected; biographical data on the participant, with characteristics (gender, age), verification of data requirements, how the data is processed. We also present a table with the objectives and stages for conducting the interviews in Fontoura[114], for one year, from August 2022 to August 2023. As for the objectives, we present the framework for the interviews, as well as the definition of the objectives according to the research question and the hypotheses proposed in the research; what decisions we had to take into account when carrying them out, such as who we would interview, the period of application, the logistical conditions (printing of scripts, audio recording by recorder and mobile phone, video recording for the creation of future short films), which media were used, the spaces where the interviews were carried out and the average time taken to carry out the interviews.

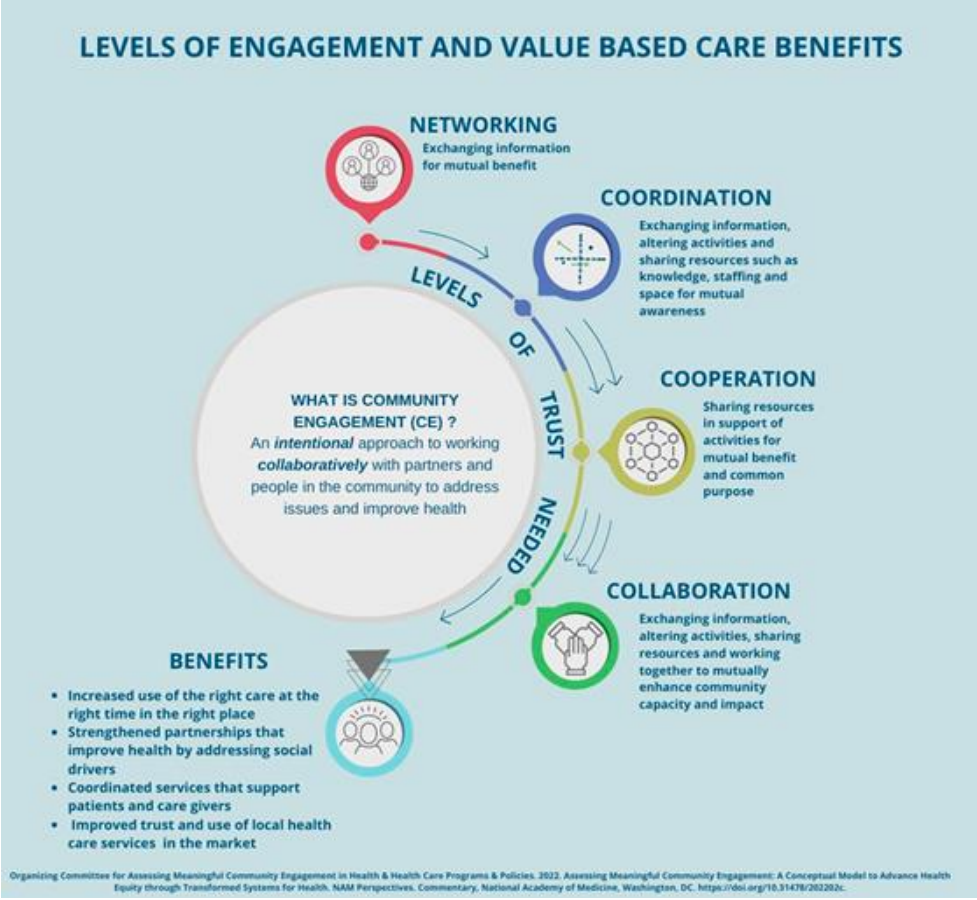
As for the indicators for drawing up the interview, we present the variables to be studied, the structure and description of the items and the interview scheduling itself. As far as conducting the interview is concerned, it was important for us to define the general criteria to be taken into account (the participant's state of mind, since we are talking about senior residents; contradictions that might arise when carrying out the interview; body language based on Neuro-Linguistic Programming[115] so that the researcher could understand whether she would have to change the way she communicated; the type of language used and the environment in which the interview took place). We also defined the formal aspects to be considered in terms of creating a relaxed atmosphere; formal aspects to be taken into account include the description of the project, informed consent and the final moment of the interview - informing people of the purpose, objective, conditions of confidentiality, encouraging participation, keeping to set times, drawing a final sketch of each interview and giving a final thank you. All the interview and focus group scripts were also submitted to the Ethics Committee of the Faculdade de Letras, da Universidade of Porto in an individualised

[114] According to Appendix III, B.).
[115] Training acquired by the researcher in 2013.

format: interview with the journalist from Diário do Minho, José Carlos Ferreira, interview with the President of the Parish Council and/or Members of the Parish Council; interviews with senior residents (the focus group took charge of these); Interviews with experts in the field of this research.

Since the environment in which the interviews and focus groups are carried out is decisive in the participation of senior residents, they were asked where they would like to occur. The individual interviews were therefore carried out at the Fontoura Parish Council, with the permission of the Fontoura Parish Council team, whom we would like to thank for once again providing us with all the structure and ease of access to a community space, with the due importance of networking, coordination and collaboration for the benefit of all (Figure 75); the focus group was held at the researcher's home at the request of the participants; the interview with the expert in the field took place online using the Zoom platform; the interview with the journalist took place in a café in the city of Braga, close to the researcher and the researcher.

Figure 75 – Levels of participation by the Parish Council and the Fontoura community.



Source: *Rural Health Value* (2023, n.p.)[116].

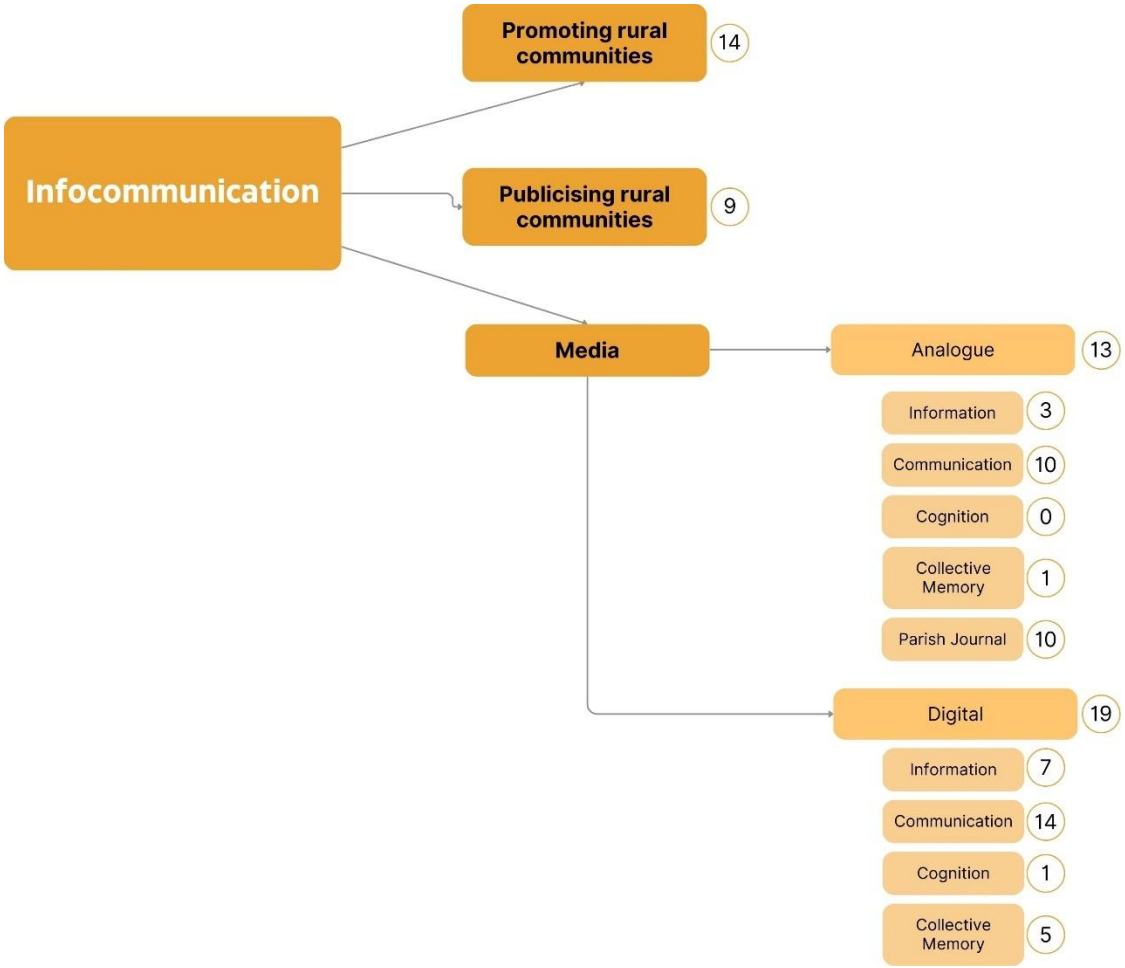
Interview transcripts[117] and focal group[118] were carried out using the Microsoft 365 transcription tool, with subsequent corrections by the researcher using all the audiovisual material. All the instruments were analysed using the WebQDA tool, which Universidade de Aveiro licensed[119], with identifying a map of identified codes.

Based on the operational concepts mentioned in this research's analysis model for Infocommunication, the coding was distributed across three fields: promotion of rural

[116] https://ruralhealthvalue.public-health.uiowa.edu/TnR/Community.php (Accessed on 06/04/2024).
[117] Appendix VI - Interview transcripts: five individual interviews (A), three with seniors and two with adults; an interview with the journalist (B); an interview with an expert in the field (C.).
[118] Appendix VII - Focus Group transcript: Participation of five senior citizens from the parish and one adult.
[119] As the researcher is doing a double-degree PhD, she is associated with the Universities of Porto and Aveiro.

communities, dissemination of rural communities and media, analogue and digital, about the region's offer in general and the parish's offer in specific (Figure 76).

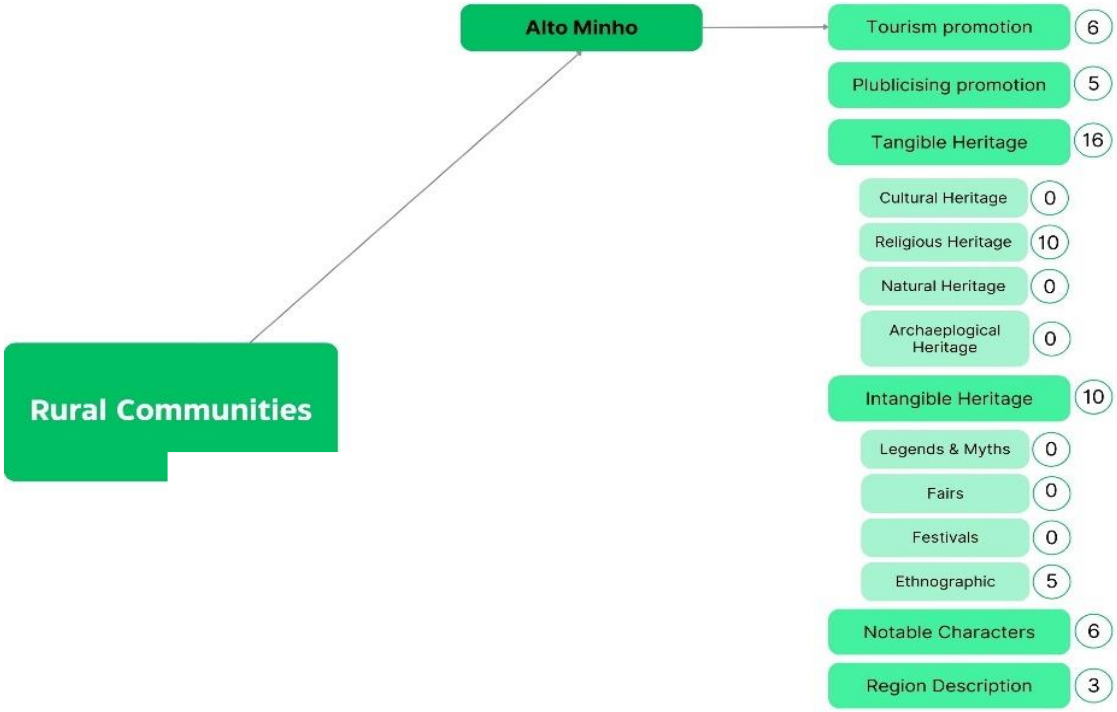
Figure 76 - A code map was developed for qualitative analysis using the WebQDA tool, which provides a detailed view of information communication.

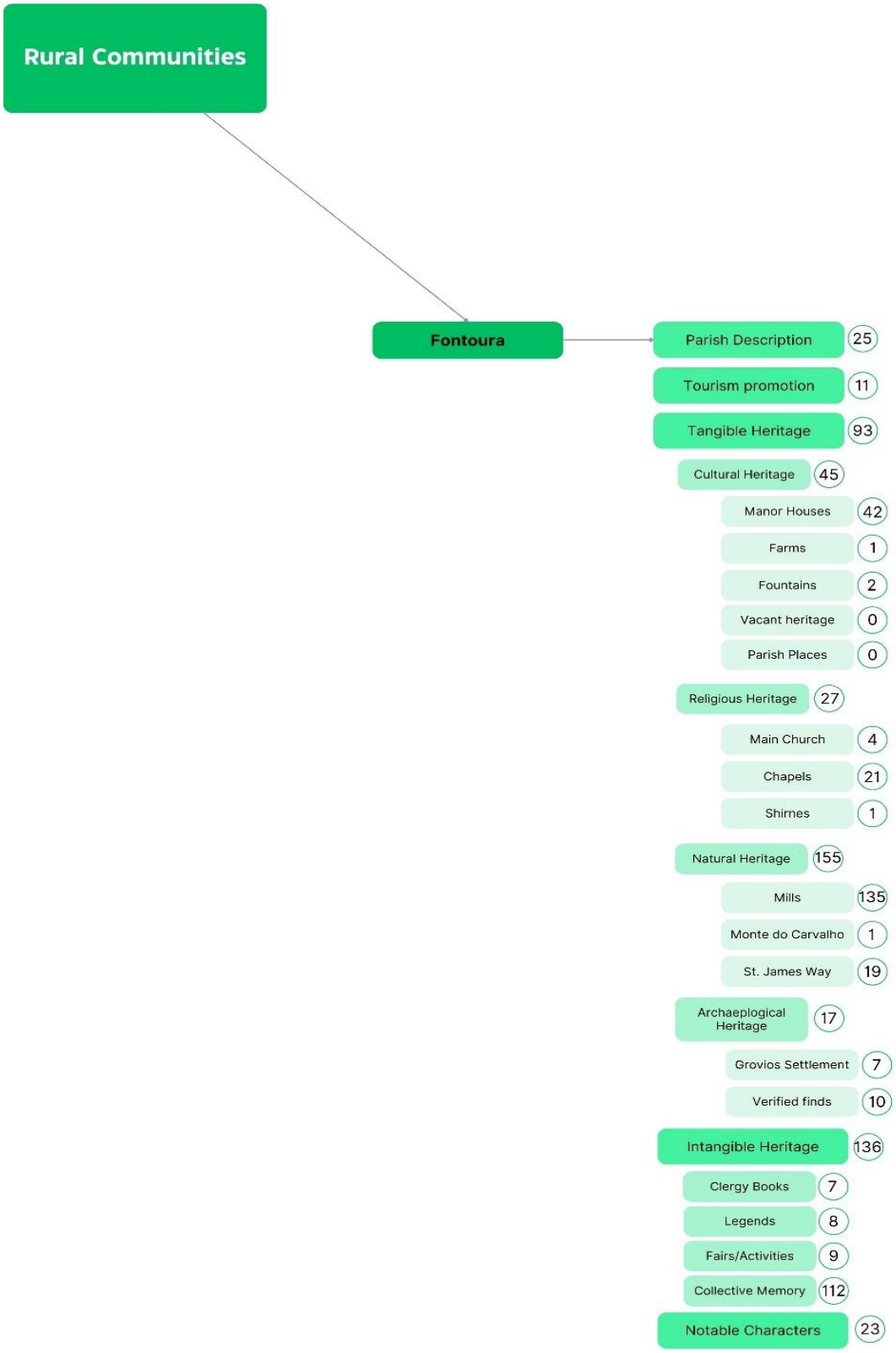


Source: Mónica Silva.

The operative concept of Rural Communities was organised according to the regional reality, Alto Minho, and the specific reality of this research, the parish of Fontoura, according to its tangible and intangible characteristics (Figure 77).

Figure 77 - A code map was developed for qualitative analysis using the WebQDA tool, which provides a detailed view of rural communities.

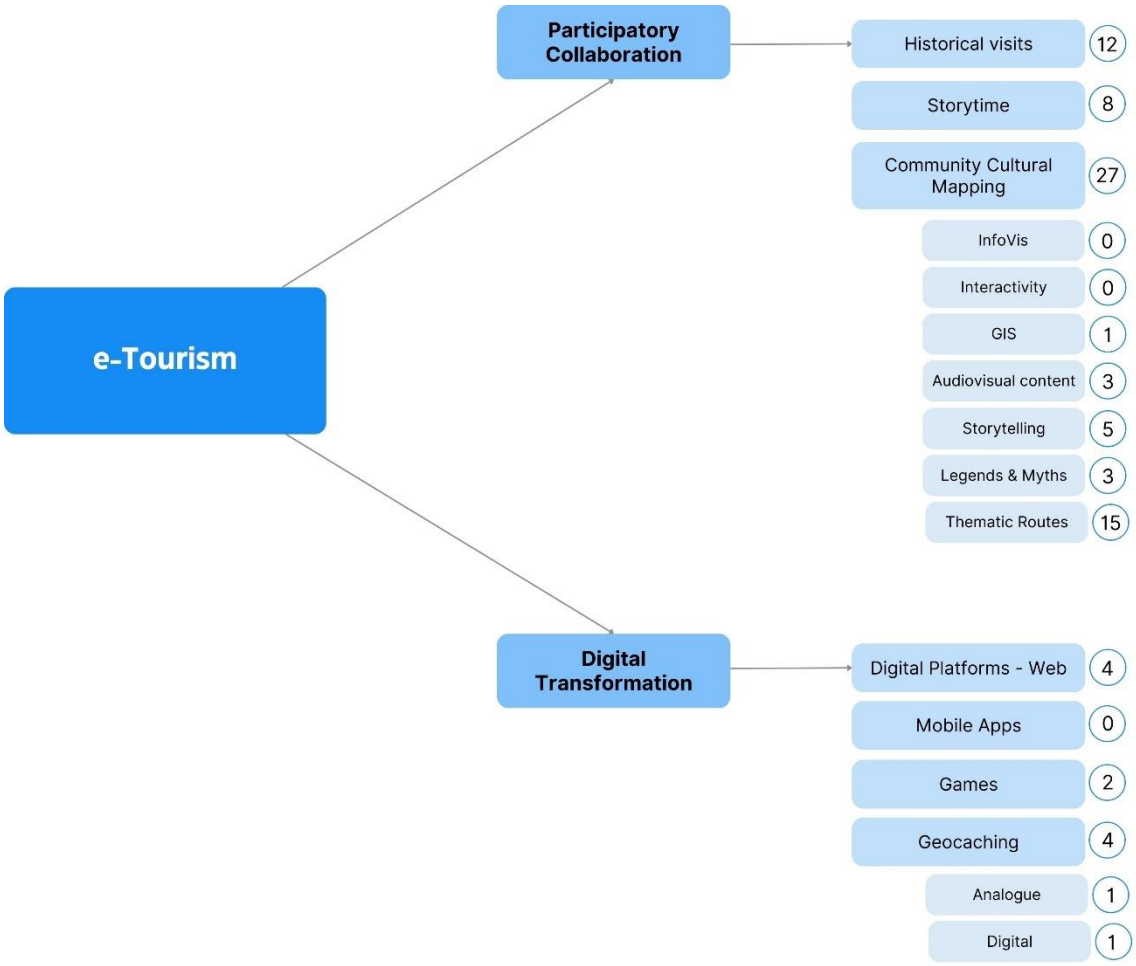




Source: Mónica Silva.

Coding for e-tourism was divided into participatory collaboration and digital transformation, with new proposals to increase the parish's tourism offer (Figure 78).

Figure 78 - A code map was developed for the qualitative analysis using the WebQDA tool: a detailed view of e-tourism.



Source: Mónica Silva.

We present the structures of the interviews (Table 29) carried out with the participants, according to the tables presented to the Ethics Committee, as mentioned above, considering the indicator(s) to be answered, the question itself and the answers given by the participants. We present data from the individual interviews carried out with three senior citizens from the parish of Fontoura – two men (JA and AG) and one woman (TF) – and two adults (RF and AR) – the former and current presidents of the Fontoura parish council.

Table 29 - Semi-structured interviews with senior residents.

Geral	1. Em linhas gerais, como define Fontoura?
Infocomunicação	2. Considera que a informação e a comunicação são importantes numa freguesia como Fontoura para a promoção turística e divulgação?
	3. Que meios considera que se devem aplicar para divulgar o património de Fontoura?
Património cultural e natural	4. Gostaria de ver os Moinhos inseridos numa Rota Turística?
	5. Recorda-se de algum património – cultural e/ou natural – que tenha existido em tempos na freguesia, como a Capela de Nossa Senhora da Conceição, no lugar da Valinha?
Divulgação do património	6. Considera que a freguesia deve trabalhar mais a divulgação do Caminho de Santiago? Se sim, como?
Colaboração participativa	7. Gostaria de vir a colaborar com projetos para dinamizar o turismo em Fontoura, como por exemplo, fazer parte de visitas históricas que possam ser propostas? Onde possa contar a perspetiva de um residente que viu a freguesia crescer.
Transformação digital	8. Considera, que para a geração futura, a transformação digital, com oferta de meios adequados são importantes para a comunicação e divulgação do património de Fontoura?
Extras	9. Existe algo que queira acrescentar a esta entrevista, ou que considere pertinente referir?

Source: Mónica Silva.

The five participants' descriptions of the parish in the individual interviews stand out most because of the social, economic, cultural, and historical patterns. The knowledge and type of territory of an agricultural nature is also referred to as a whole community.

Table 30 - Semi-structured interviews with senior and adult residents, according to their opinion of the parish of Fontoura.

Question 1. In general terms, how do you define Fontoura?		
Indicators	**Information to be obtained**	**Themes**
General	JA: *Fontoura é uma freguesia que eu considero melhor do que o que é… porque tem boa gente.*	Social pattern
	AG: […] *freguesia essencialmente agrícola… pessoas de uma maneira geral bem educadas.*	Territory type Social pattern
	TF: […] *acho que as pessoas já têm algum conhecimento,* [….] *é uma freguesia desenvolvida.*	Knowledge Economic pattern
	RF: *… é muito interessante, tem muita história. É uma freguesia que consegue ainda ter bastante bairrismo nas bastantes atividades… chegou a ser sede de concelho*	Historical pattern Social pattern
	AR: *Fontoura é uma freguesia histórica… que tem um vasto património, quer cultural quer monumentos históricos,* […]*, tem também alguma história de carácter passado, inclusive consta que seria* […] *um refúgio das pessoas que seriam mais abonados, digamos assim, daí a ter uns vastos solares e quintas.*	Historical pattern Cultural pattern Economic & social patterns

Source: Mónica Silva.

Regarding information and communication, residents believe promoting and publicising the parish (Table 31) should be considered, especially for senior citizens in the community and as tourists and visitors. Improvements are also mentioned for the promotion of pilgrims on the Way of St. James, as well as consequent investments by private individuals that lead to an improvement in the proposed activities

in partnership with the Fontoura Parish Council so that the community's participation and collaboration become active and is reflected in the participation in guided tours, with stories told by the parish's senior citizens.

Table 31 - Presentation of the information obtained from the individual interviews, taking into account the tourism promotion of the parish through infocommunication.

Question 2. Do you think information and communication are important for tourism promotion and publicity in a parish like Fontoura?		
Indicator	**Information to be obtained**	**Themes**
Infocommunication	AG: *Comunicação para as pessoas seniores da aldeia…*	Elderly people
	TF: *Talvez um bocado de cinema, de teatro, assim umas coisas que as pessoas vissem e ficassem entusiasmadas.*	Activities for residents and tourists
	RF: *Conseguias criar uma dinâmica na freguesia* […]. *O ideal era deslocalizar a mercearia* […]. *Tentar criar a coisas e depois havendo pessoas, pois os privados vão-se chegar à frente, não é?*	St. James Way Investments
	AR: […] *que os residentes de Fontoura viessem a colaborar com projetos para dinamizar o turismo em Fontoura ou outras atividades. Como por exemplo, fazia parte de visitas históricas que possam ser criadas, principalmente seniores.* *A ideia é fazer com que se crie alguma curiosidade às pessoas parar que nos venham visitar.*	Collaboration Activities – historical visits Elderly people & tourists

Source: Mónica Silva.

Concerning the type of media, residents consider that analogue and digital media could be used in Fontoura. Senior residents prefer analogue media, especially due to the continued distribution of the local newspaper, as shown in the following table.

Table 32 - Responses were obtained according to the type of media used to promote heritage in Fontoura.

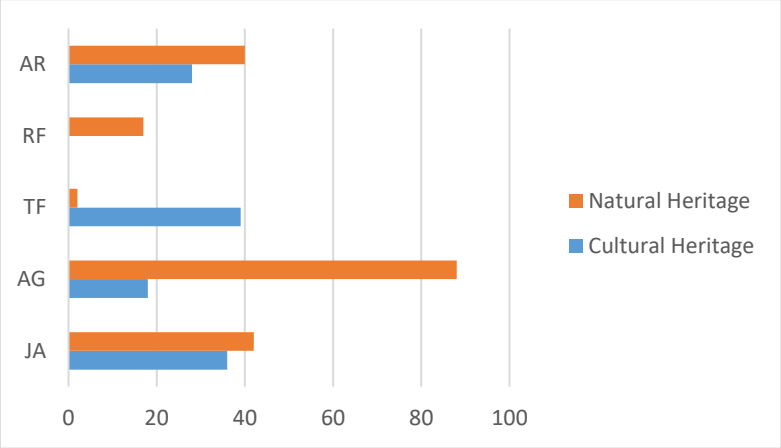
Question 3. What means do you think should be used to publicise Fontoura's heritage?		
Indicator	**Information to be obtained**	**Themes**
Infocommunication	JA: *Gostaria que o Perico de Fontoura mantivesse a distribuição. Era de quinze em quinze dias.*	Analogue Media Parish Journal
	AG: […] *mais idosos veriam muito mais no jornal* [Perico de Fontoura], *porque é uma raridade, só em Fontoura e São Julião é que ele existe.* […] *divulgação quer do património natural, quer religioso, quer o Caminho de Santiago, podia ser tudo aplicado no jornal, na rádio Alto Minho.* […] *meios digitais mais para os peregrinos.*	Analogue Media Parish Journal Alto Minho Radio Digital Media 4 Pilgrims
	RF: *Sou contra apagarem a história das redes socias.* […]. *São coisas que depois vão ter importância…* […] *o futuro é o marketing digital.* […] *uma plataforma, por exemplo.*	Social Media Digital Platforms Digital Marketing
	AR: […] *temos insistido através das redes sociais no Facebook.* […] *estamos a tentar agora aderir a uma plataforma chamada Travizco em que pensamos também, que irá ter algum sucesso junto das pessoas em geral, iremos apostar, de início, numa fase inicial no Caminho de Santiago. Mas pretendemos alargar essa plataforma a outros pontos da freguesia, penso que será interessante porque também é a gente divulgar o que temos, mas também que as pessoas percebam o porquê das coisas* […].	Social Media Travizco: Way of St. James Points of interest

Source: Mónica Silva.

As for digital media, the parish council will soon launch a mobile app via the *Travizco* platform. It will initially provide a route for the Way of St. James, and later, it will be possible to implement other points of interest for the parish

According to the *Cultural and Natural Heritage indicators*[120] (Chart 19), 121 references were obtained for Cultural Heritage and 189 references for Natural Heritage.

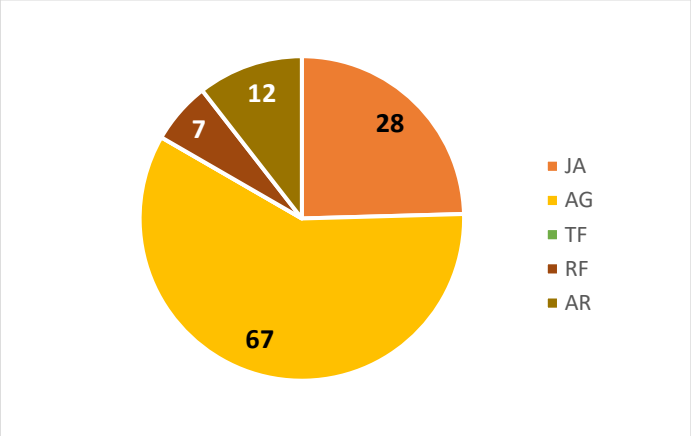
Chart 19 - Number of references to Cultural and Natural Heritage obtained from participants in the individual interviews.



Source: Mónica Silva.

Mills are central to the *Natural Heritage* offer, with 114 references (Chart 20).

Chart 20 - Number of references to the Mills obtained from the participants in the individual interviews.



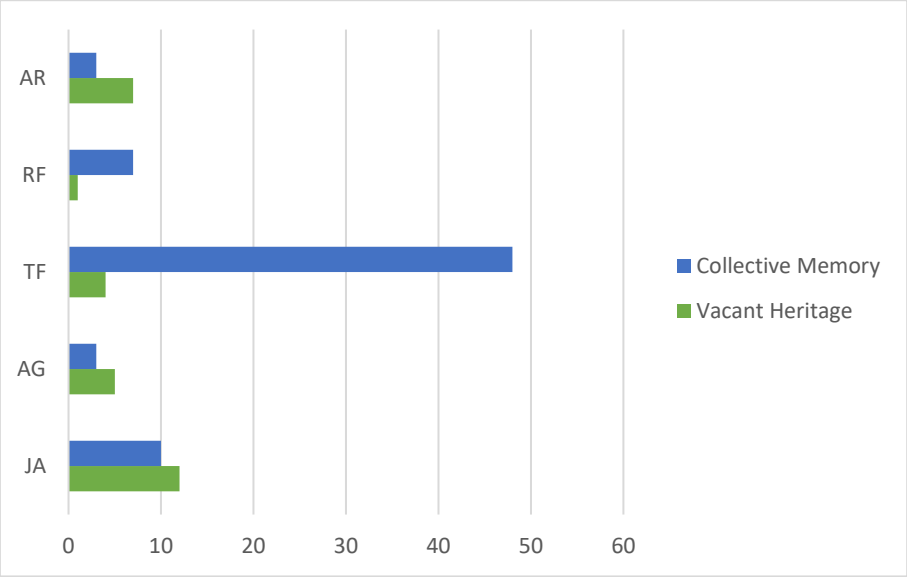
Source: Mónica Silva.

[120] As can be seen in the table in the Appendix VII, A1 – Cultural & Natural Heritage.

During the research, more and more were found, so it made sense to incorporate them into the documents presented during the interaction with residents so that we can have validated and recognised answers based on the knowledge of those who have seen the community grow and those who have heard stories from other times. The questions put to the President of the Junta have been slightly altered, considering the proposals they intend to implement during the term of office, compared to the general questions so that we can understand if there is an agenda on a particular indicator.

In line with this cognitive process, it was important to understand whether any assets in the parish were already vacant [121] (Chart 21), as in the case of Capela de Nossa Senhora da Conceição, at Valinha.

Chart 21 - Number of references obtained by the participants in the individual interviews regarding the Devolved Heritage, both cognitive and physical.



Source: Mónica Silva.

To this end, this heritage was divided into two groups: Ruins - which have since disappeared or are in an advanced state of ruin, and *Cultural, Natural and Religious Heritage*. In the Cultural segment, the Quinta da Poça do Monte and the Quinta da Carcavelha; in the *Natural* segment, reference is made to the Mills; in the *Religious*

[121] As can be seen in the table in the Appendix VII, A2 – Vacant Heritage & Collective Memory.

segment, the Capela de Nossa Senhora da Guia, the Capela do Pópulo, the Capela de Nossa Senhora da Conceição and the Capela de São Francisco The second group was assumed to be *Collective Memory*, with an association to experiences from the past, in heritage that still exists.

About *Cultural Heritage*, the themes included stately homes, fountains and non-tangible heritage such as memories. The parish council president pointed out some vacant heritage, with the prospect of improving national laws to halt monuments' degradation.

One of the indicators in this research is infocommunication for pilgrims on the Way of St. James, via the Portuguese Central Route that runs through the parish of Fontoura. There were several references to the Way of St. James, but because of its harshness. For this question, only the former and current Chairman of the Parish Council responded to show the importance of having a hostel with flexible opening hours, a supermarket and a restaurant in closer proximity. The current president of the parish said that the

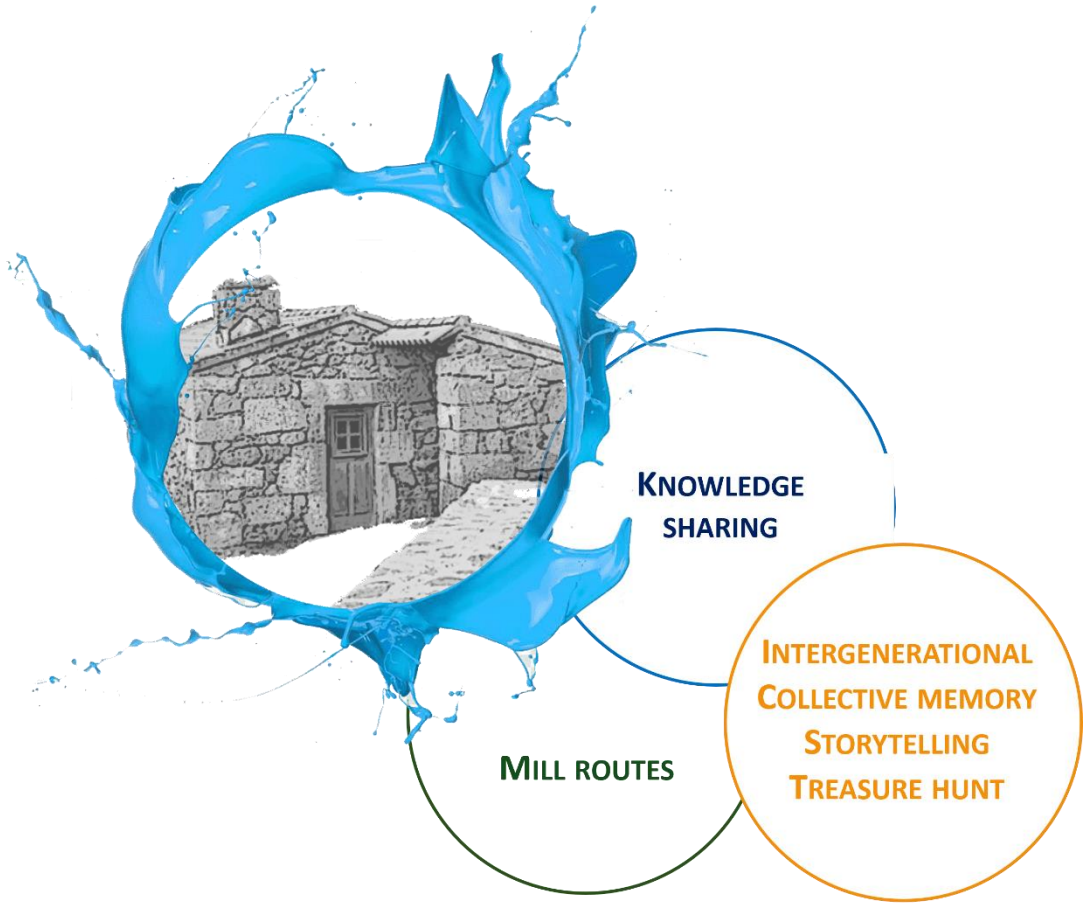
> *município que também tem feito uma boa divulgação do Caminho de Santiago.* […] *fizemos até uma intervenção recentemente, foi todo limpo. Levou um protetor para evitar que cresçam vegetação na própria pedra.* […] *O outro é um Marco miliário, possivelmente será dos monumentos mais antigos da nossa Freguesia. Aquilo data do ano 2 a.C., salvo erro. E essa Marco estaria algures…, o local original dele seria algures no Monte de Contença que fica próximo do Moinho de Contença, supostamente existia a Poça de Contença que alimentava os moinhos.*

The Way of St. James is seen as an offer to promote tourism since the community and the parish council do a small quantity of everything to make the heritage that has since disappeared known to those who live in Fontoura and those who pass through the parish, even though specialised offers such as the *Travizco* app.

In *Collaborative Participation*, we understand that all the interviewees are interested in taking part in historical visits (Figure 79), intending to tell the stories and histories they have heard from friends and family, memories of other times that make up today and

envision the future according to the collective memory and projection of the residents' cognition.

Figure 79 - Interest in taking part in guided tours of the parish.



Source: Mónica Silva.

Although the two senior male participants did not mention their enjoyment of storytelling during the interview, they told me afterwards that they would like to participate. Telling memories and permitting visitors to see things from a new point of view, from someone who has seen the parish grow, allows us to offer a unique and identifiable experience that is increasingly sought after. I want to take this opportunity to mention that JA even said that, despite his lack of mobility, if I were to pick him up, he would tell me all the stories he knew. He certainly would not be able to travel to the destination because "*his legs are not what they used to be*", but he would be happy to share his knowledge in his home or an appropriate place so that when visitors arrive at

the destination, they can make their interpretations, based on the memories they have heard.

We asked them what they thought about the future generation regarding digital transformation and the use of communication to publicise rural communities like Fontoura. Here, the two senior interviewees did not give a direct answer, saying they did not understand the subject and that it was no longer for them. However, during the interview, they gave little hints that they believe digital media is for young people and pilgrims and that people their age prefer traditional media, such as the local newspaper, which they would like to reactivate.

At the end of the interviews, the participants were asked if they wanted to add more information they thought would be valuable for the research's development. Some intangible heritage topics were presented, such as the São Gabriel Traditional Fair (Figure 80), the parish's evolution, the division of the farms into places, and the presentation of tangible archaeological heritage.

Figure 80 - São Gabriel Traditional Fair, 1957.



Source: Mónica Silva.

To analyse the individual interviews, we present visualisations below that allow us to relate and correlate codes, references, and sources about the participants' responses.

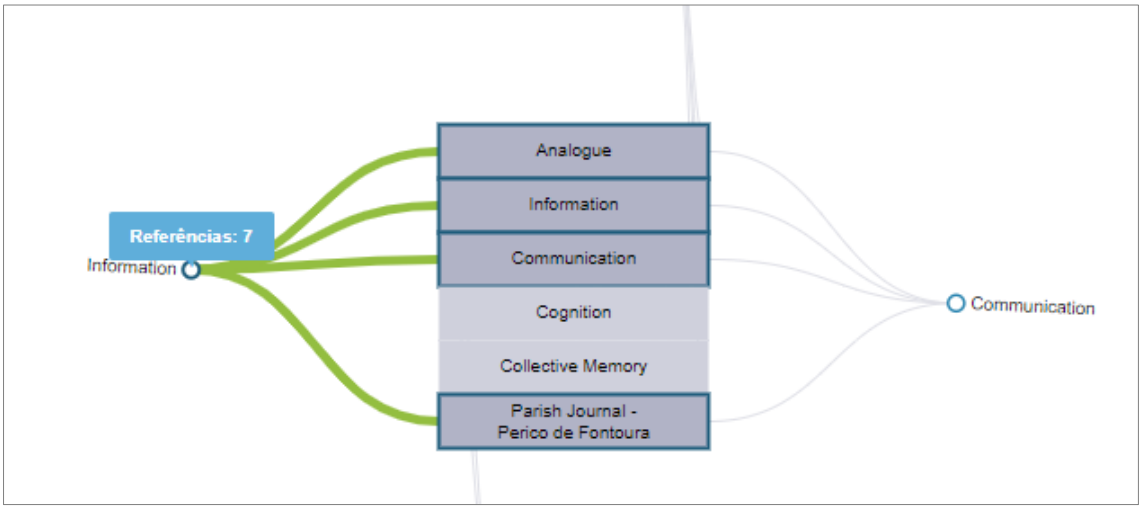
Figure 81 - Word cloud: most frequently used in interviews.



Source: Mónica Silva, exported from *WebQDA* (2024).

Based on the analysis carried out in the qualitative analysis programme *WebQDA*, we extracted some data visualisations, such as word clouds (Figure 81). Using the matrices in the qualitative data analysis tool, we can correlate variables such as analogue and digital media (Figure 82), about indicators such as information and communication, against the answers obtained from the participants, which allows us to check the number of references associated with each code, as well as which references were made between codes.

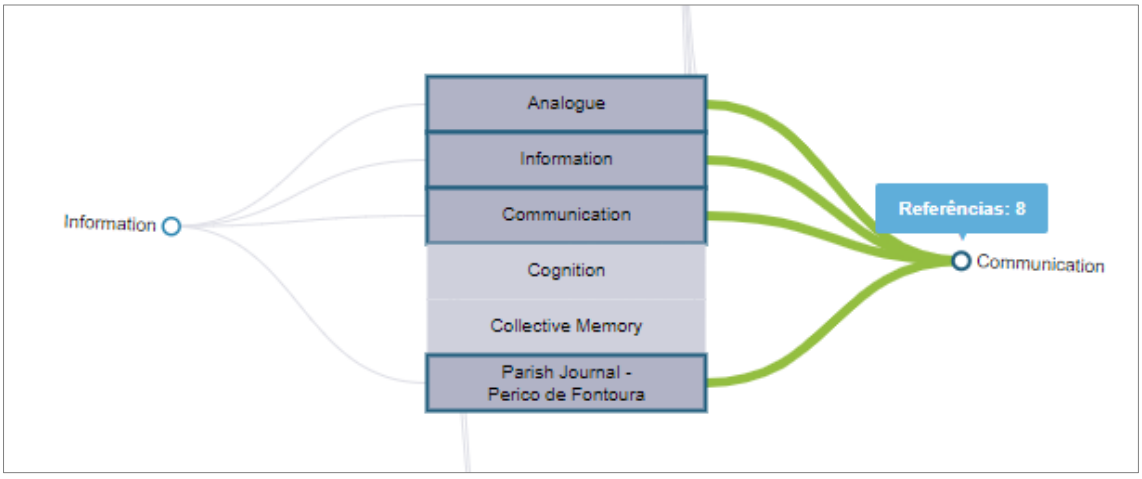
Figure 82 - Analogue Infocommunication vs Digital Infocommunication, according to Information.



Source: Mónica Silva, exported from *WebQDA* (2024).

We can see seven references associated with the Information indicator about Communication via the local newspaper, *Perico de Fontoura*. In turn, when we look at the visualisation from the point of view of Communication, we get eight references associated with the analogue offer, information, communication and also the local newspaper, according to the following image:

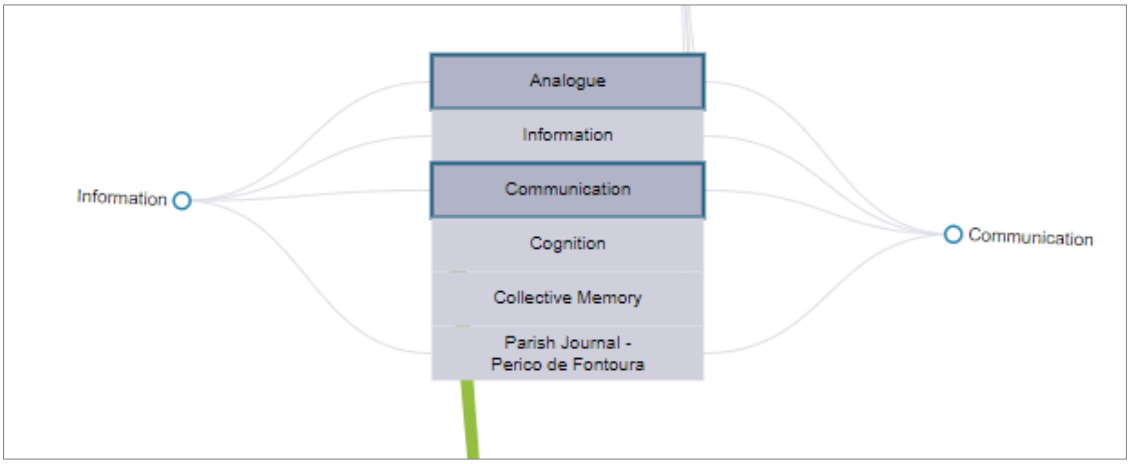
Figure 83 - Analogue Infocommunication vs Digital Infocommunication, according to Communication.



Source: Mónica Silva, exported from *WebQDA* (2024).

On the other hand, when we analyse the Collective Memory code, we understand that it is at the level of the analogue offer and communication that we achieve it (Figure 84).

Figure 84 - Analysis of the Collective Memory code in the face of Analogue and Digital Infocommunication.



Source: Mónica Silva, exported from *WebQDA* (2024).

Regarding collective memory, this research associates the different types of heritage - tangible and non-tangible—with cultural, religious, and natural heritage (Figure 85), with manor houses, Chapels, the Main Church, and the Way of St. James[122], respectively. The following are mentioned for the manor houses: São José, Poça do Monte, Cinco Chagas, and Casa Alta. As for the chapels, Capela de Nossa Senhora da Conceição; Mills are referred to as a whole.

[122] The Way of St. James is considered to be Natural Heritage, since we are referring to the Way as part of the territory and landscape, and not to the walk itself, whether for faith or tourism.

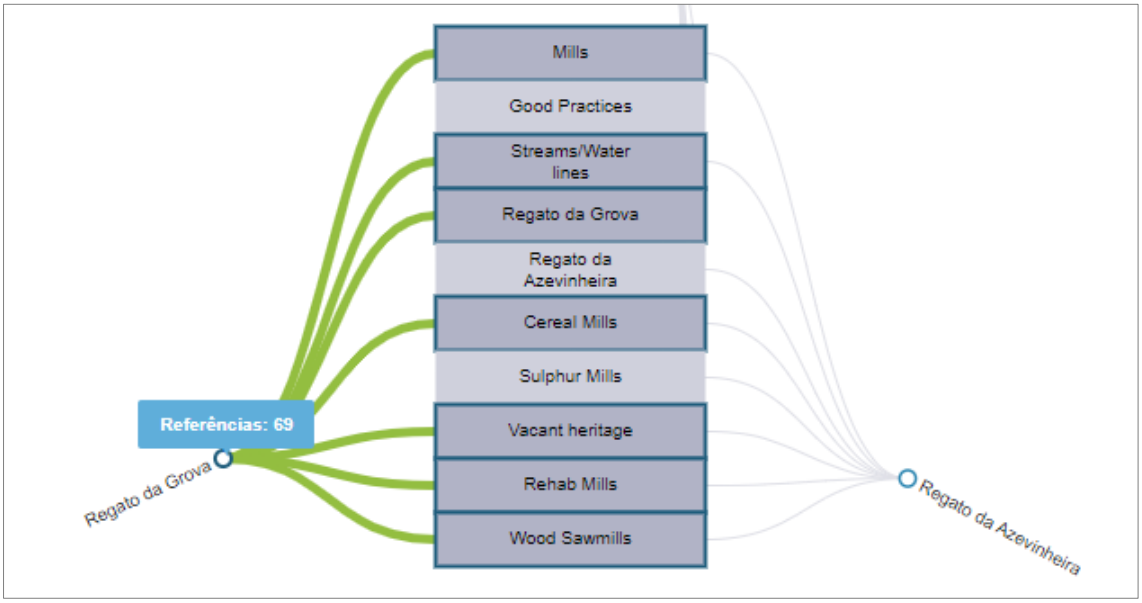
Figure 85 - The relationship between collective memory and the type of heritage mentioned in the interviews.



Source: Mónica Silva, exported from *WebQDA* (2024).

Regarding the reality of heritage, more specifically natural heritage, through the Mills, with two existing streams, the Grove and Azevinheira, we realise the existence of grain mills, wood sawmills, ruins mills, and rehabilitated mills in the first stream mentioned, with 69 associated references (Figure 86).

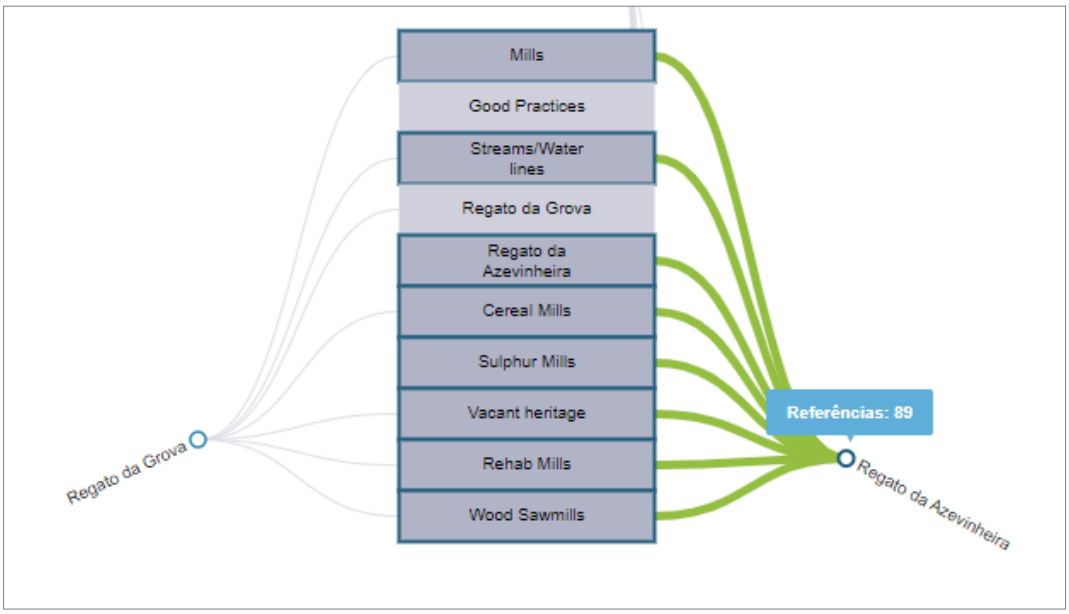
Figure 86 - Correlation between existing streams and mills - Grove Stream.



Source: Mónica Silva, exported from *WebQDA* (2024).

We have 89 associated references about the Azevinheira Stream, which clearly shows the importance of mills in capturing information in the interview process. The following figure shows that all types of mills are in this stream.

Figure 87 - Correlation between existing streams and mills – Azevinheira Stream.



Source: Mónica Silva, exported from *WebQDA* (2024).

Regarding Story Time[123], as mentioned above, it was presented with major themes (Table 33), associating them with images the researcher shared (Figure 88).

Table 33 - Themes presented for the development of Story Time.

General Themes
Religious Heritage
Capela de N. S. do Pópulo
Capela de N. S. da Conceição
Services
Tailor
Apothecary/Pharmacy
Nurse
Legends
Rainha Santa Isabel – The Pilgrim Queen
Fonte D'Ouro
Ethnographic/Collective Memory
Trapicheiras – Women Smugglers
Farruco Chocolate
Parish Description

Source: Mónica Silva.

[123] The transcript can be found in the Appendix VII, A.

Figure 88 - Photographs were presented to the Story Time participants so they could jog their memories.



Source: Mónica Silva.

The Story Time took place at the researcher's home, as mentioned above, at the request of the participants. The group was characterised by five seniors, two men and three women, aged between 73 and 79 (AA, AV, PA, JR and LA) and one adult female participant (LM), aged 55. Since the Story Time is a complement to the interviews, we tried to understand the level of knowledge about the heritage that once existed in the parish, especially about the Mills and the *Trapicheiras*, women who smuggled goods between the border in Valença (Portugal) and Tui (Spain). The following tables show the level of knowledge about religious heritage, with the specific cases of the Chapel of Nossa Senhora do Pópulo (Table 35) and the Chapel of Nossa Senhora da Conceição.

Table 34 - Level of knowledge about religious heritage in the parish: Chapel of Nossa Senhora do Pópulo.

Chapel/Capela de Nossa Senhora do Pópulo		
Indicators	**Information to be obtained**	**Themes**
Religious Heritage	AA: *Ainda lá estão as paredes! Era pequenina e havia ali um depósito de madeira, do lado de cima da estrada e já aquilo estava assim!*	2 Oaks inside Only with walls
	AV: *Não, aquilo já existia assim ali!*	
	JR: *Aquilo ainda está de pé!*	

Source: Mónica Silva.

The Chapel of Nossa Senhora da Conceição (Table 36) tells the story of the first lords who lived there and how the inheritance process went with the daughters of the owner of Quinta da Poça do Monte, where the chapel is located outside the walls. However, there are caricature stories of how one of the daughters locked her mother inside the chapel for several days until the neighbours noticed.

Table 35 - Level of knowledge about the parish's religious heritage: Chapel of Nossa Senhora da Conceição.

Chapel/Capela de Nossa Senhora da Conceição		
Indicators	**Information to be obtained**	**Themes**
Religious Heritage	AA: *Essa existe! Essa Capela existe! Ela prendia a mãe! Chamavam-lhe a Quinta da Amélia!* […] *metiam-se dentro da Capela as duas* [mãe e filha]*, ela* [filha] *fechava a porta por dentro e ficavam ali! Até os vizinhos se aperceberem* [a Quinta ficava muito afastada de vizinhança, na altura]. *Ela* [a filha] *andava sempre internada! Ela nem sabia o que fazia!* […], *porque ela tinha um irmão que morreu e depois a cunhada é que tomou conta dela!*	Mother - dressmaker The daughter locked her mum in the Chapel Psychiatric problems
	AV: *A Quinta da Rocha… Mas aquilo existe! Ela* [a filha] *era compulsiva!*	
	LM: […] *essa não era aquela rapariga… aquela senhora, que eu recordo-me, de ela ir comungar, levava o lenço assim* [a exemplificar que o lenço ia enfiado na cabeça], *só se via o nariz…* […] *E quando foi internada ela recebia o rendimento mínimo. Porque até quem tomava conta dessas coisinhas ela ali a Luísa. E depois iam lhe levar lá, pronto, as compras. E depois uma altura, ela começou a piorar, a piorar e depois a minha Lena* [filha da LM] *e a diretora e um praça da Guarda foram-na levar para internar… Por isso é que eu digo que ela deve estar lá para baixo, para Vila Praia de Âncora. Está na Clínica Psiquiátrica!*	

Source: Mónica Silva.

During the conversation, memories emerged of a tailor's shop on the researcher's neighbour's land. The entrance to the tailor's house was via a side road. "*Tinha uma lata, que fazia uma avenida. Pois, ali, havia um alfaiate que fazia ali fatos. Mas um alfaiate de luxo!*" (AA). They also remembered that the aunt of one of the participants was the nurse "*ao redor daqui*" (LA) and the participant says "*Ainda no outro dia falei-lhe: Oh Tia, tinha uma caixinha onde você guardou as agulhas?*"; saying that the needles were disinfected with brandy and boiling water and that the tip was already "blunt".

When presented with the image associated with the existence of an apothecary in the community, none of the participants remembered it, mentioning that in their youth, they used to have to travel to the apothecary São Pedro da Torre (parish bordering Fontoura) to have access to medicines and say that "*Era um farmacêutica, o Sr. Ângelo […] avô da atual diretora*".

As for the memory of the legends associated with Fontoura - Queen St. Isabel, the Pilgrim Queen and the Golden Fountain at Quinta da Casa Alta – they remember hearing from the "old-timers", but the theme was not developed. The topic that got the most attention from all the participants was windmills. There was an active conversation, and with the support of the three-dimensional model (Figure 89), which was on the table where story time took place, extremely pertinent conclusions were reached, with the addition of a few more existing examples, compared to those already mentioned in the individual interviews.

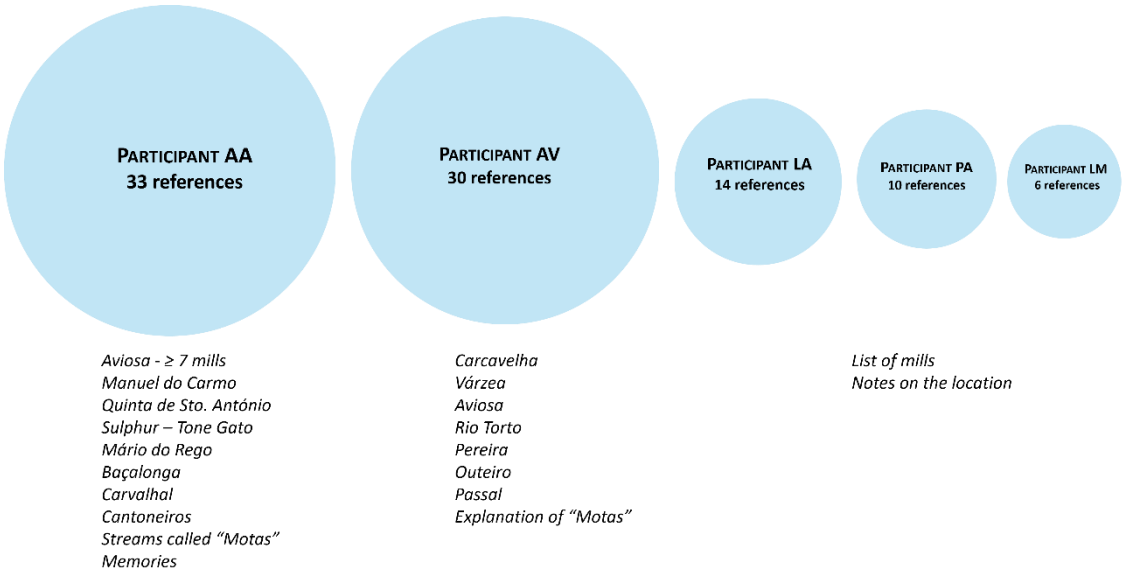
Figure 89 - Talk about the existence of mills in the Azevinheira stream.



Source: Mónica Silva.

For this reason, we present some results obtained during the Story Time about the mills of both the Grove and Azevinheira streams. For this specific case, we present the participants' discourse in the form of a scaled graph to understand who participates more in the conversation and also who has the most active memory about the existence of the mills in the parish, as shown in the following image:

Figure 90 - Relating the references to mills to the participants in Story Time.

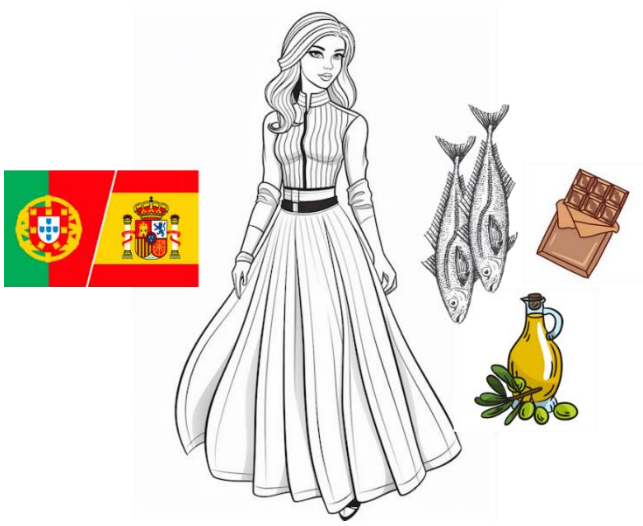


Source: Mónica Silva.

From all the active discourse, there was the possibility of adding more mills to those the team had already verified, with the help of the Parish Council and the participants in the individual interviews. It became clear how important the mills were to the parish, whether for grain or sulphur, because of the quantity and the need to respond to the agricultural land that once characterised the parish. There were two types of systems, the mills and the puddles, distributed over two/three streams and at a certain point they were fed by water-filled puddles that acted as dams, in the place of Aviosa.

On the *Trapicheiras*, women who smuggled along the border between Portugal and Spain, the participants remember that a resident of Fontoura was one. They also mention that the old women from the early 20th century, wearing long skirts, carried fish, olive oil, chocolate and other goods on their legs (Figure 91).

Figure 91 - *Trapicheira*: Women who practised smuggling between Portugal and Spain.

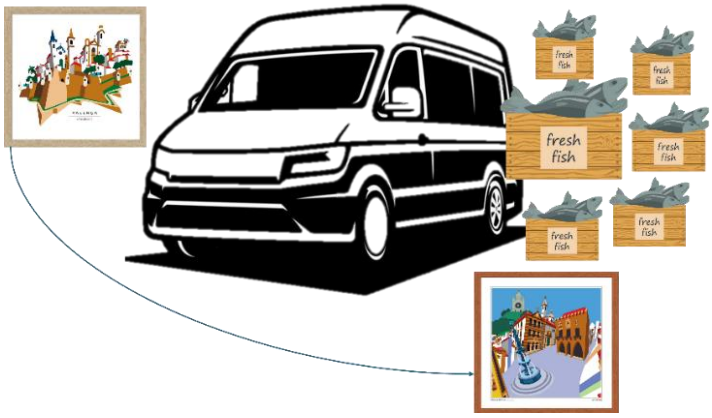


Source: Mónica Silva.

The modern ones, using a veyicle, had boxes that put the goods in the lining of the car "*das portas, nos tabliers, debaixo dos assentos, uns buracos preparados, uns fundos falsos*". As one of the participants said: "*uns buracos falsos, tudo pelo cumprimento da… e tinha outro no fundo, em baixo! E ela, pronto, tinha ali o peixe metido! Metia, metia, metia para ali! Quando chegamos lá baixo a Viana, ela começa a tirar caixas de peixe, o*

peixe para as caixas [Figure 92]*, "olha, puxa para trás, puxa para trás", ela tirava o peixe pelo rabo para cima, puxava…".*[124]

Figure 92 - Travelling between Valença and Viana do Castelo [125], to sell fish at the time of smuggling.



Source: Mónica Silva.

With the opening of the borders after 25 April[126], *Trapicheiras* ceased to exist. All that remains is the memory and the ability of the senior residents of Fontoura and other territories to remember these traditions. This is why it is so important to create records of these experiences so that they can be projected into the future, in the sense of collective memory, so that the tourist offer can gain from the uniqueness of the place through its unique cognitive attractiveness.

At the end of Story Time, a description of the parish of Fontoura was asked, according to the following table:

Table 36 - Storytime participants' opinions on the parish of Fontoura.

Indicators	**Information to be obtained**
Description of the parish	AA: *Fontoura, olha, eu acho que é uma boa terra.*
	PA: *É a minha terra, foi onde eu nasci, é a melhor de todas, vá lá!*

[124] The full transcript of Story Time can be found in Appendix VII, A.
[125] https://www.urbicaturas.pt/ (Accessed on 10/04/2024)
[126] Event in Portugal's history that ousted the dictatorial regime of the Estado Novo.

	LA: […] *Não é a minha terra onde cresci, mas é a minha terra onde estive mais de 50 anos e para mim é a terra onde eu vou ficar até ao fim! Tem tudo de bom, Fontoura! Dos vizinhos, amigos e tudo! Fontoura é a minha terra!...*
	LM: […] *não sou natural daqui, sou de Paredes de Coura! Mas Fontoura para mim é a minha terra!*
	JR: […] *Tenho mais anos de estrangeiro do que de Fontoura.*
	AV: […] *Tenho Fontoura como uma terra qualquer.* […] *Por amor a Fontoura e ao amor que encontrei, tenho esta freguesia como uma freguesia normal! Um povo pacífico, com coisas boas e coisas más, como tem todas!*

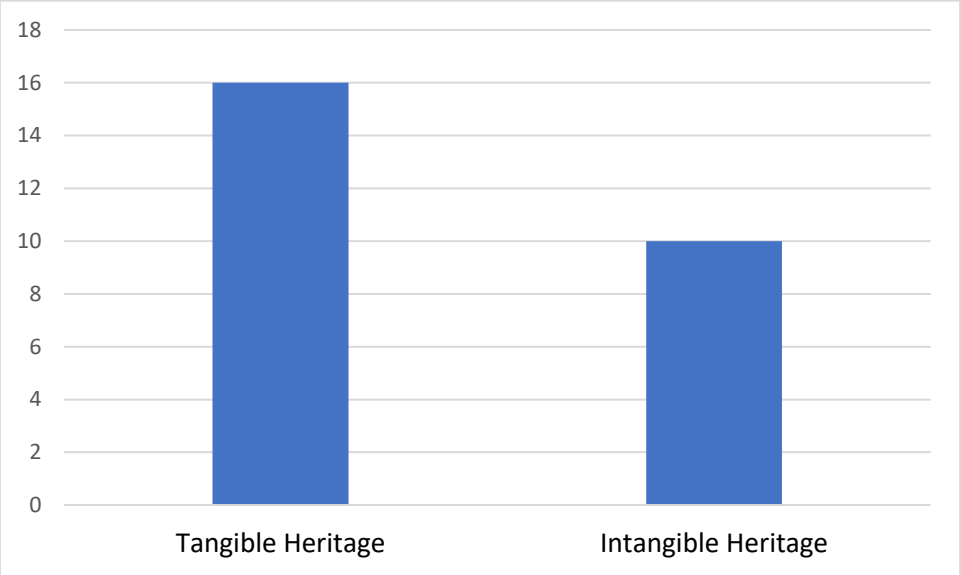
Source: Mónica Silva.

The other two interviews, with the journalist from Diário do Minho, José Carlos Ferreira[127]; and an expert in the field, Professor Lídia Oliveira[128], were individual interviews on more general topics. The first is the reality of Alto Minho's heritage and tourism offer, and the second is the professor's experience in the LOCUS project as the lead researcher. The aim of these two interviews was different to understand and analyse the territory where Fontoura is located more concretely, in the first case, bearing in mind that they were analysed in the same coding order as the individual interviews and the Story Time; in the second case, to understand how participatory work, through digital platforms, with the application of good practices can be replicated in other territories, under an active and collaborative language.

According to the WebQDA software, in terms of coding, the journalist's interview was largely about the importance of rural communities associated with Alto Minho, more specifically, Tangible Religious Heritage and Intangible Heritage through Collective Memory (Chart 22).

[127] Appendix VI, B.
[128] Appendix VI, C.

Chart 22 - The most discussed topics during the interview with journalist José Carlos Ferreira.



Source: Mónica Silva.

More specifically, concerning the religious heritage and monuments in the parish, as shown in the following word cloud, with the most repeated during the interviewee's speech:

Figure 93 - Word cloud from the interview with journalist José Carlos Ferreira.



Source: Mónica Silva, exported from *WebQDA* (2024).

In this interview, the themes are analysed from the perspective of territory at a regional level, the Alto Minho, because of the tangible and intangible heritage on offer, collective memories, and, above all, the stories and experiences told by journalist José Carlos Ferreira. The importance of folk wisdom, storytelling, and the chronology that makes us Portuguese is evident throughout the interview.

Specifically, this interview arose in the research process to answer questions about some of the issues presented in the Heritage Supplements[129] (Figure 94), of Diário do Minho, such as the reference to Capela de Nossa Senhora da Conceição, which, until then, nobody knew where it was located, as well as wanting to analyse, from a historian's point of view, the vast and rich offer in the region and specifically in Fontoura.

Figure 94 - Example of the Heritage Supplement of 20 January 2019, Diário do Minho, written by journalist José Carlos Ferreira.



Source: Diário do Minho.

We now turn to a specific case study and an interview with an expert in the field to understand how the ethnographic offer can be transformed into a digital offer to empower rural, low-literacy communities.

4.3. Analysing reality to develop the collaborative model

To gain an insight into the reality of application in real practical cases, several direct contacts were made - interviews with researchers with cases of good practice similar to

[129] Annex VI – Heritage Supplements, Diário do Minho.

this research - we chose to interview the expert in the field, Professor Lídia Oliveira (LO)[130], due to the ease with which the interview could be carried out and the fact that it had the most similar project to the one we wanted to highlight in this research.

Collaborative participation with the implementation of storytelling tools aimed at ethnographic research, reflection and creativity, participatory design and sustainability in a low-density territory with senior residents. The aim was to understand how a project that has already been completed – *LOCUS: playful connected rural territories* –, where the collective memory of a specific rural community - Amiais, Sever do Vouga - was worked on, transporting it to a digital tourism offer could be an asset for understanding how to work in an ageing territory with collaborative and participatory practices.

Therefore, the most repeated words in the interview with Professor Lídia were information, territory and Amiais, according to the following word cloud:

Figure 95 - Cloud of the most repeated words during the interview with the expert in the field.

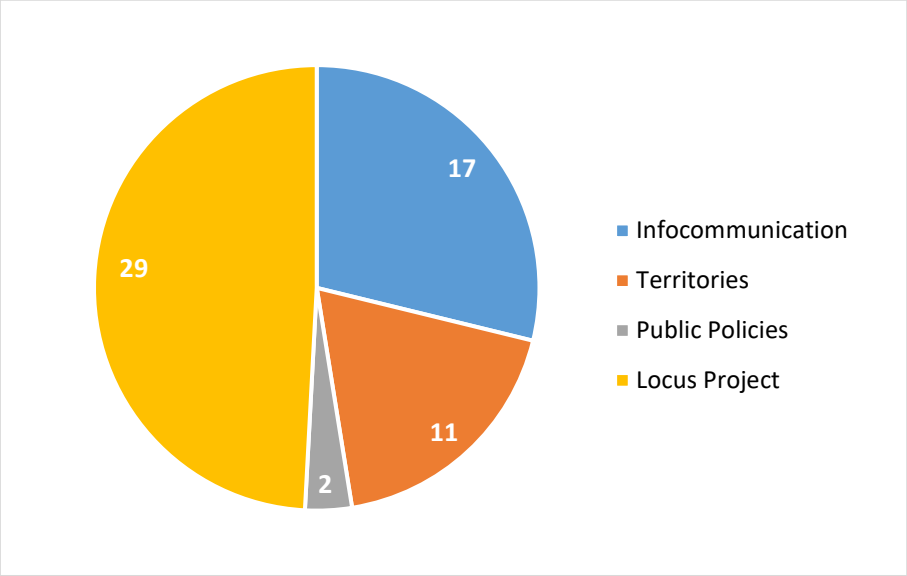


Source: Mónica Silva, exported from *WebQDA* (2024).

[130] Associate Professor, Department of Communication and Art, University of Aveiro.

Since the interview with the expert in the field focussed on a specific project, the coding done for the *WebDQA* qualitative software was more targeted, with four groups being divided: infocommunication, territories, public policies and the project itself, with a total of 59 associated references (Figure 96).

Figure 96 - Number of references per code during the interview with the expert in the field.



Source: Mónica Silva.

According to the project developed, the initial aim was to

> [o] *Locus foi desenhado para uma localidade chamada Amiais. E era para ser tudo feito no mundo físico, no mundo de pedra. A versão Second Life foi porque veio a pandemia e, nós não podíamos ir para Amiais.* […]. *Tivemos que, no fundo, … tivemos de escrever outro projeto e esperar que a FCT aprovasse*.[131] (LO)

The majority of rural territories have differentiating offers and cultural, historical, natural, economic and social singularities, which allow them to achieve and design the

[131] To understand the data obtained from the interview with the expert in the area, it was necessary to translate it. So, "Locus was designed for a town called Amiais. Moreover, it was all supposed to be done in the physical world, in the world of stone. The Second Life version was because the pandemic came, and we could not go to Amiais. [...]. We had to, in essence, ... write another project and wait for the FCT to approve it".

ability to attract resources to empower communities above all in terms of the quality of life of their residents (Amr Saad, 2022; Aragona, 2021; Heleno et al., 2021; Remoaldo & Jelincic, 2022). And it is these details that make the territory unique in the face of a wide and increasingly diversified offer:

> *Amiais tem várias peculiaridades. Uma delas é que fizeram uma barragem no Rio* [Gresso]. *É dali foi a primeira Cooperativa leiteira de Portugal.* […]. *É o nome do Rio e ao barrarem o Rio, na verdade, a maior parte dos territórios agrícolas de Amiais ficaram submersos e com eles uma série de coisas, de moinhos e por aí fora. Amiais é uma das aldeias de uma constelação de aldeias que pertence à freguesia Couto de Esteves.* [132] (LO)

In addition to all the cultural and natural heritage, it is often the collective memory that makes these places, such that

> *[d]epois tem ainda a peculiaridade de ter um professor de história que, na verdade, é de Montemor, de Montemor-o-Velho, ao pé da Figueira da Foz, mas casou-se, lá, com uma pessoa daquele sítio. E ele mapeou tudo, fotografou tudo, antes da barragem de água subir e têm os livros. Tem um livro publicado com todo o material. Então, isto é curioso que um sítio tão pequeno, de repente, tem uma série de dinâmicas.*[133] (LO)

The relationship between the *LOCUS* project and the reality of Fontoura is very close due to all the cultural and natural heritage on offer, as they are characterised by ageing territories full of memories and experiences of their residents that can be projected into the future in the form of collective memory, through narrative. In such a way that

[132] "Amiais has several peculiarities. One of them is that they built a dam on the River [Gresso]. That is where Portugal's first dairy cooperative was built. [...]. It is the name of the river, and when they dammed it, most of the agricultural land in Amiais was submerged, and with it, a series of things, mills and so on. Amiais is a constellation of villages belonging to the parish of Couto de Esteves".

[133] "Then there is the peculiarity of having a history teacher from Montemor, from Montemor-o-Velho, near Figueira da Foz, married to someone from there. Furthermore, he mapped everything and photographed everything before the water dam went up, and they had the books. He had a book published with all the material. So it is curious that such a small place suddenly has a series of dynamics".

> *Amiais, na verdade, também tem moinhos que nós também nunca chegamos a ver, mas que estão em ruínas para além dos que ficaram debaixo de água. Uma coisa que eu gostava de sublinhar destes territórios de baixa densidade e que eles tendem a não ter espaço público. E isso é uma coisa, que não é, não costuma ser muito refletida, mas na verdade acaba por ser relevante, relevante do ponto de vista da dinâmica do lugar por si próprio.*[134] (LO)

In itself, the identity of a place is what allows it to capture its originality as a promise of value according to the territory in which it is located. As mentioned at the beginning of this research, Alto Minho is a hotspot of low-density rural communities, many without internet access. Because of this, it is crucial to realise that the people and activities associated with a given territory make the place a destination, whether touristy or not. Through a physical space, the sense of belonging becomes preponderant in bringing the community together for debates, dynamics and activities.

At Amiais, the application of participatory design and focus groups were decisive for the team to have the content to be able to generate the offer on the Second Life platform, "*nós já tínhamos esses conteúdos todos dessas dinâmicas de grupo na Capela, não é, que tivemos de pedir ao Senhor Padre para usar como espaço de encontro*"[135] (LO). The content was applied to the daily reality of the residents of Amiais. At the same time, in Fontoura, we tried to understand how the residents view the parish as a tourist destination, largely because of the Way of St. James that runs through it. We understand that both territories are similar, and we're pleased to say that our analysis of reality was undoubtedly the right one. All the more so because of the heritage, also lost in time and space, which is applied in gamification by "*narrativa, das coisas que elas contavam, não é, que as senhoras contavam… mais as senhoras que os senhores*" [136] (LO).

---

[134] "Amiais, in fact, also has windmills that we never got to see either, but which are in ruins apart from the ones that are under water. One thing I'd like to emphasise about these low-density areas is that they tend to lack public space. Moreover, that is not often reflected on, but ends up being relevant, relevant from the point of view of the dynamics of the place itself."

[135] "[…] we already had all the content of these group dynamics in the Chapel, didn't we? We had to ask the Father to use it as a meeting space."

[136] "[…] narrative, of the things they told, didn't they, that the ladies told... more the ladies than the gentlemen

However, for all realities to be put into practice, we have to realise how public policies allow us to be flexible and offer quality of life to the residents of a given community. According to the expert in the field, it is with local strategies that the global is made

> *Acho que a mudança só se consegue efetivamente fazer ao nível local, e são os presidentes das juntas de freguesia, a dimensão de associativismo, depois, as câmaras municipais que conseguem efetivamente ir fazendo mudança, não é, a mudança também é trabalho de formiguinha.*[137] (LO)

Work has also been done in Fontoura, in direct association with the parish council, to understand who we want to attract, how the heritage infrastructure exists, the infrastructure of the routes. And everything will be offered through technology, such that

> [o]*bviamente que, se queremos um percurso, se queremos o que é que é tradicional daqui ou se é um alojamento, todas as camadas de interação vão passar pela tecnologia. Por isso, naturalmente, se queremos dar visibilidade a algo ou o que quer que seja, vai ser por essa camada, vai ser por essa camada digital.* [138] (LO)

According to experts in the field, understanding a rural, ageing community with the potential to tell unique stories, with particular heritage and collective memory, becomes a natural tourist product for publicising and promoting a given territory.

The researcher recently participated in two webinars presented by the World Tourism Organisation to officially present the *Self-Assessment Tool to Assist Rural Destinations* (STAR). Sandra Carvão (director of this programme) presented that communities are part of creating a rural destination; tourism helps preserve the territory in terms of heritage and memories for a more inclusive and sustainable offer. During the

---

[137] "I believe that change may be most successfully achieved locally through the efforts of parish chairmen, the associative dimension, and town councils. It is not solely the responsibility of these entities, but also the collective efforts of individuals working diligently towards change."

[138] "Obviously, if we want a route, what is traditional here or if it is accommodation, all the layers of interaction will go through technology. So, naturally, if we want to give visibility to something, it is going to be through that layer, through that digital layer."

presentation of the tool, some rural communities were presented, including *Sharing Good Practices - Heritage Conservation - Mills Day Initiative, Good Practice of Slunj*, Croatia. At this time, a route of mills in a region of Croatia was presented, which presents it through routes, as well as a whole differentiated offer, in which during one day it is possible to experience the traditional customs of the village (Figure 97).

Figure 97 - Practical case: Rastoke, Slunj, Croatia.



Source: *Slunj Rastoke*[139].

The offer is diverse, through an online platform, with information on gastronomy, accommodation, virtual tours, identification of maps and routes of areas to visit, stories in audio format, maps and brochures, nearby attractions, and all kinds of adventure tourism offers. The researcher got in touch with the destination's representative, J. M., and there was an opportunity for a meeting to discuss ideas and understand the working methodology they had applied to the specific place. Most of the stories told come from the active participation of the community, telling them through audios that are available on the website, as well as active participation when Mills Day appears on the calendar.

As for the meeting and discussion of ideas, the destination has games hidden in tables and associated with a cycling route, thus mixing the analogue with the digital. In conversation, it was proposed that a treasure hunt be introduced in addition to the geolocalisation source they already have and the Natura 2000 network they are part of.

[139] https://slunj-rastoke.hr/en/a-path-where-time-is-measured-with-a-different-unit/ (Accessed on 12/05/2024).

As for the stories they have audio-recorded at the time of the conversation, the idea was put forward of transforming the content into interactive content, associated with photos and illustrations containing the history of the village's residents, through tools such as "slow motion" or illustrations created by local artists, thus involving the nearest communities and creating a networking network.

As for the maps, we discussed the possibility of creating intergenerational maps for residents with different segmentations, such as children and seniors. Regarding tourists, it was proposed that the map be transformed into a collaborative element, where the consumer becomes the product, and the tourist experience becomes available to others.

Rastoke has a Congress Centre, restaurant, and accommodation, so they discussed transforming the destination into a co-working and digital nomadism community. This would create possibilities for working, travelling, and staying there, making Rastoke a unique destination and an authentic experience. Finally, the meeting concluded with a summary in which the researcher proposed that Rastoke be presented as an open-air museum with a unique analogue and digital offer for all types of public.

In this sense, the future possibility of twinning Fontoura and Rastoke has arisen since the destinations' similarities intersect, and both gained notoriety and relevance as tourist destinations. Fontoura will thus present itself next year (2025) as a rural destination to the World Tourism Organisation's Community of Rural Destinations.

This second case of good practice becomes an example of the reality of Fontoura and other similar territories. Their vision is to safeguard the territory as an active community and possible tourist destination, implementing infocommunication, participatory, and collaborative models, as will be presented in the next chapter.

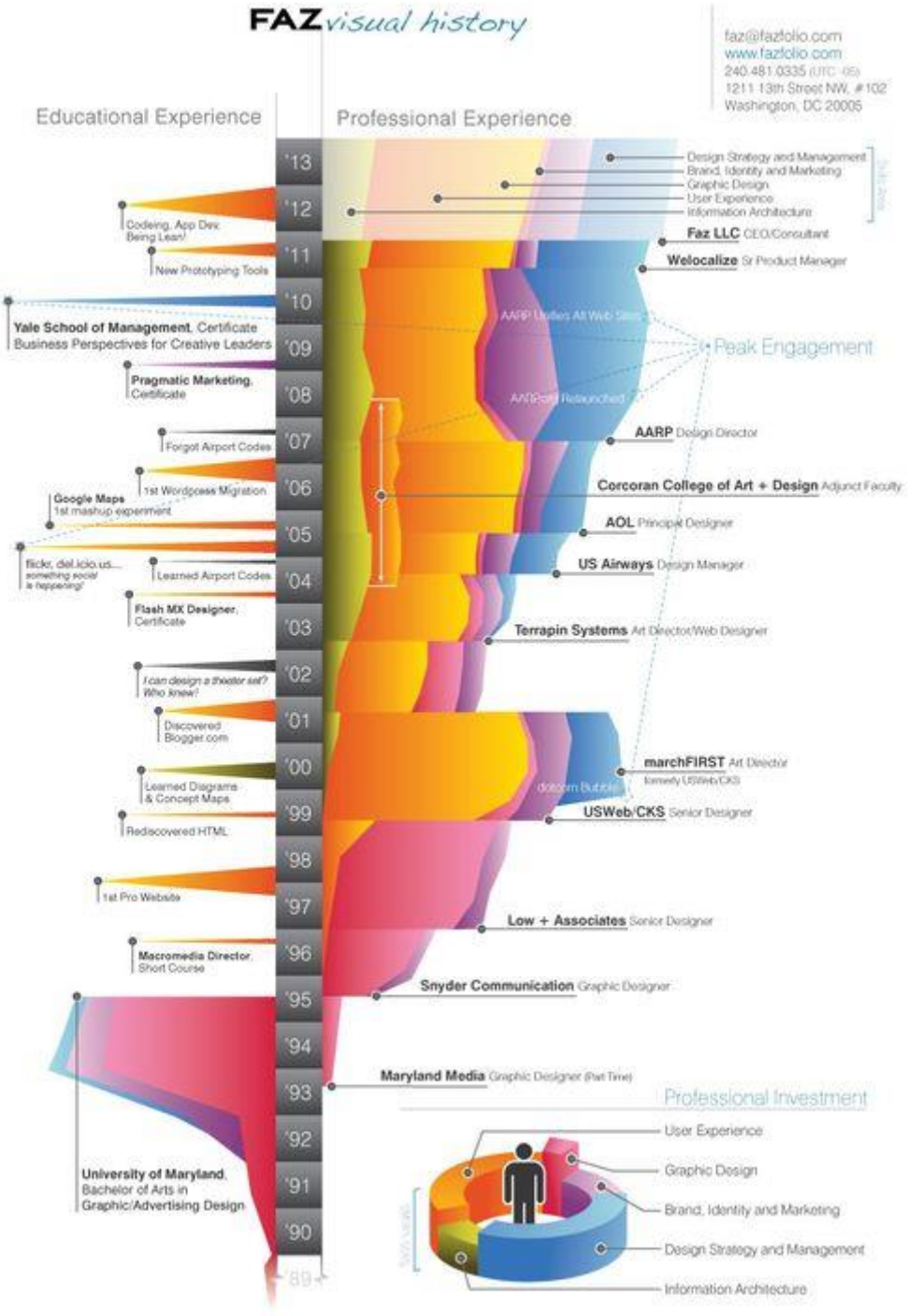
5. Proposal for a collaborative guidance model for InfoVis in Fontoura

A core ability of Information Visualisation is to translate information into knowledge. It is also to facilitate understanding and aid cognition.
Lima (2009, n.p).

According to the analysis carried out in the previous chapters, innovation is needed when discussing a tourist destination, specifically a rural community. Fontoura is characterised by its ageing population, low literacy and poor Internet connection, so it is necessary to find strategies to develop and empower communities through their endogenous resources and their added value as a low-density territory. This community is also characterised as a cross-border rural territory, which represents a convergence of unique challenges and significant opportunities, with the possibility of holistically intersecting different components of the two countries, Portugal and Spain, at a cultural, socio-economic and regional level. It makes it possible to develop and present innovative approaches to managing resources for economic development, providing services and the quality of life of its residents, tourists and passers-by.

In this sense, the guidance proposal using information visualisation (InfoVis) makes it possible to communicate the territory initially, using a powerful tool to promote shared understanding and informed decision-making. InfoVis can facilitate the identification and visualisation of patterns, trends, and problems, allowing partners to develop informed and effective solutions (Figure 98).

Figure 98 - Example of InfoVis standards from an educational perspective.



Source: Krum (2014, p. 179).

These territories have economic development with poor infrastructure and bureaucratic barriers; public services such as health and education often lack integrated data and a coordinated and planned approach.

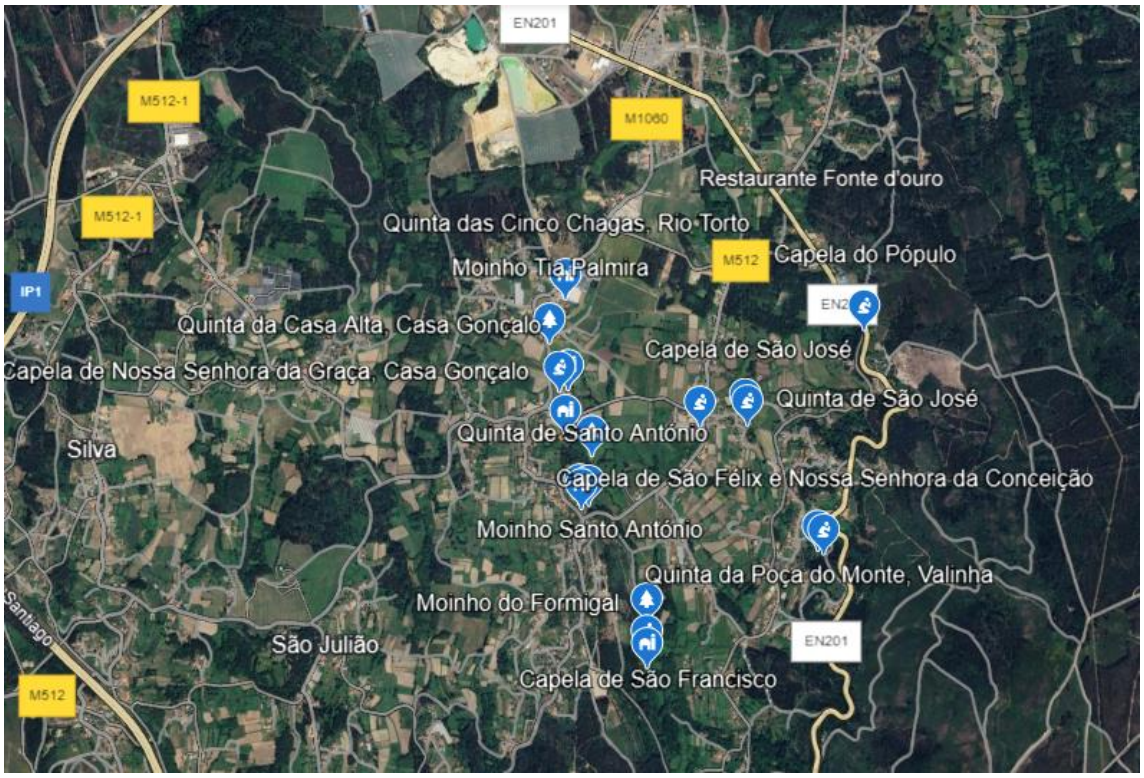
Collaboration is the central pillar for successfully implementing visualisation information in rural territories. Throughout the research, it was realised that involving all stakeholders, including local communities and entities such as residents, the parish council, and researchers, is necessary. This is essential to ensure that data visualisations are relevant and useful for a collaborative, inclusive and participatory approach. This allows local communities to play an active role in the design and development process, feeling an integral part and a sense of belonging to the place where they live.

Community empowerment through inclusion and participation makes it possible to involve the local community in the planning and implementing projects, such as tourist routes, thus promoting a sense of belonging to the initiatives vis-à-vis the community. In addition to increasing the commitment and sustainability of the projects presented, it allows the projection of the cognitive component through collective memory. The data collected from the parish's senior citizens through interviews, experiences, moments and events such as defoliation, the grape harvest and/or local fairs can be transported to preserve and safeguard the intangible heritage in these communities. By encouraging tourism practices that respect and preserve local culture and the environment, local communities feel familiar with their traditions and environments, which can provide valuable insights into sustainable tourism development.

Collaborative approaches in rural communities are powerful strategies that can turn challenges into opportunities by involving all stakeholders. By promoting inclusion, participation, and sustainable development, tourism initiatives can benefit visitors and local communities. Despite the challenges, collaboration offers a promising path to economic development, cultural preservation, safeguarding cognitive and collective memory, and environmental sustainability in rural areas.

In this research, in particular, the collaborative approach in rural communities, in the case of Fontoura, is presented with the application of cultural mapping aimed at digital transformation (Figure 99).

Figure 99 - Example of digital cultural mapping for Fontoura using the Google Earth tool.



Source: Mónica Silva, exported from *Google Earth* (2024).

Digital transformation has the potential to revitalise rural communities by promoting economic, social, heritage and cultural development and improving quality of life. Cultural mapping aims to enable communities to identify and promote their cultural resources, history, legends and myths, whether tangible or intangible, so active participation and the recognition of diversity promote the inclusion of different groups within the community and project it outwards. By digitising resources, traditions, stories, and local knowledge can be preserved for future generations, and the communication of heritage and endogenous resources can be made globally accessible, attracting tourists.

During this research, there have been moments of sharing with the academic community, including the presentation of articles and participation in national and international conferences, and today, we understand that territories like Fontoura are hotspots for creating co-living, coworking and co-creation spaces. Support from the Framework for Innovation model made it possible to realise that the development

methodology must be iterative and adaptable, focusing on data collection through a continuum timeline. The iterative process allows for continuous adjustments and improvements, ensuring that the proposals evolve to meet the needs of residents and tourists better. In turn, the active participation of local communities during all project phases is essential to guarantee the relevance and effectiveness of the solutions developed.

For this specific case, maps will be created using the StoryMaps tool[140], where maps, narratives, photographs, audio, and videos can be associated through overlapping layers. These are then embedded in a web platform associated with the researcher's work.

Co-creation with local communities ensures that cultural mapping proposals through InfoVis meet their expectations and needs. Soliciting regular feedback and iterating based on that feedback is essential for continuous improvement; flexibility and adaptability are equally important, allowing the project to respond to changes in requirements and context over time. The aim is for this research to be replicable for application to similar territories and, perhaps in the medium to long term, to integrate the model into public policies to enhance rural territories, their quality of life, empowerment, and self-sustainability. This model represents an important step towards integrated and sustainable development, promoting in-depth understanding and coordinated action in the face of possible challenges.

5.1. InfoVis Cultural and Natural, through web solutions

Information and Communication Technologies (ICT) play a crucial role in linking the construction of digital platforms in tourism promotion and their accessibility to consumers and users of the platforms, especially when they presuppose the ability to work together in developing content for consumers, this being the central focus of the process.

[140] https://storymaps.arcgis.com/ (Accessed on 01.06.2024)

Heritage management and community preservation can help promote tourism and allow communities to offer personalised experiences to visitors looking for genuine interactions. Visual representation helps users better understand the information conveyed when creating community maps. This interactive and collaborative research has shown that visual data improves visualisation and makes the experience of using digital platforms more attractive. Before discussing information visualisation, we need to understand the impact of graphic communication and its role in promoting tourist destinations. In addition to logos, colours, typography, images, videos and even promotional designs, graphic communication makes it possible to enhance the perception of visitors, increase the visibility of the destination and boost the economic development of the place.

Through graphic elements, it is possible to convey the values and culture of the place, i.e. the incorporation of local cultural and historical elements can convey the values and heritage of the destination, making it more attractive to tourists interested in authentic experiences. In turn, images and graphics can tell stories about the destination, highlighting its unique features and available attractions. InfoVis plays a key role in preserving and promoting the values and culture of rural communities. Tools such as interactive maps, infographics, data visualisations and stories communicate these communities' unique characteristics and heritage. InfoVis simplifies complex data, making it accessible to a wide audience and facilitating an understanding of local traditions, customs and values.

Interactive cultural maps indicate the location of points of cultural interest and contextualise destinations within history and geography. These tools educate about the importance of cultural and natural heritage and promote a deep emotional connection by allowing the public to connect with the stories and experiences of rural communities visually. In addition to tourism, the creation of visual documents and collaborative information visualisation help preserve and safeguard heritage, i.e. by visually documenting traditions, craft practices and cultural landscapes, these projects contribute to the collective memory of rural communities, encouraging preservation and respect for cultural heritage. Therefore, applying elements of InfoVis becomes

crucial to ensure that the values and culture of rural communities are transmitted and preserved over time. This approach not only celebrates the cultural and natural diversity of destinations but also strengthens community identity and promotes the sustainable development of rural regions.

Highlighting a destination's cultural and natural attractions attracts visitors and encourages the growth of local tourism infrastructure, such as accommodation, catering and guide services. This generates jobs and boosts the local economy in a planned and structured way, so the importance of visual communication in publicising cultural and natural heritage is undeniable. Not only does it create a striking and attractive visual identity, but it also plays a fundamental role in educating, raising awareness and developing the economy of the communities that depend on these resources for their development.

Concerning cultural heritage, the visualisation of information is an essential bridge between the past and the present. By using visual elements such as images, for example, it is possible to convey the richness and importance of heritage and arouse interest and direct contact with the public. Visual communication effectively conveys stories through illustrations and historical photographs, making it possible to tell the memories and experiences behind each monument or cultural tradition. Thus, the visibility of cultural heritage is increased through planned visual and digital communication strategies designed to attract the target audience's attention by highlighting the uniqueness and importance of cultural sites. Information leaflets, tourist guides and promotional videos can be created to inform and inspire visitors to explore and appreciate the cultural heritage of a particular destination. It is assumed that visual and graphic communication is fundamental to the ongoing maintenance and preservation of cultural heritage, and above all, it is important to educate people about the importance of conservation and sustainability of these cultural resources to ensure their protection through cultural identity and projection for future generations.

In turn, visual communication for natural heritage makes it possible to create a representation of ecosystems, landscapes, natural habitats, and themed tourist routes such as windmills, where places are transported in images that inspire and emphasise

the importance of preservation. This makes it possible to explain complex concepts about biodiversity, natural cycles, climate change and environmental impacts through visual and accessible content. As far as sustainable tourism is concerned, visual communication plays a key role in promoting destinations that offer natural resources: parks, trails, viewpoints, conservation areas and unspoilt landscapes, which not only attract visitors who enjoy ecotourism or nature tourism but also promote a greater understanding and appreciation of these resources. Tourist infrastructures, such as interpretation centres and guide services, benefit from the awareness and interest generated by visual communication. In short, the importance of visual communication for natural heritage lies in its ability to inform, inspire and mobilise society towards conservation and the sustainable use of natural resources. Investing in visual and graphic communication is essential to protect the destination's natural resources, promoting a balance between human development and environmental preservation.

Visually communicating cultural and natural heritage through web platforms is a strategy for reaching a wide and diverse audience. Using images, graphics, and interactivity, web platforms engage visitors with the tourist offer and the importance of preserving and enhancing these resources. Web platforms offer various tools and techniques to communicate cultural and natural heritage visually, and through an intuitive and responsive structure, users can easily navigate and find relevant information. A layout with well-defined sections and intuitive navigation menus improves the user experience and maintains visitor interest.

There are many ways in which the offer of the tourist destination can be applied, in this specific case to rural communities, to promote and publicise the tourist and community offer. High-quality photographs, featured images and photo galleries on a web platform can provide a wider view, showing everything from historical monuments and cultural traditions to natural landscapes and biodiversity. Videos are another effective tool for visual communication through web platforms, with the introduction of short documentaries, virtual routes and explanatory videos that tell stories about cultural and natural heritage to identify details that can be difficult to capture in a single image. Interactive maps can be used to explore cultural and natural heritage and allow users to

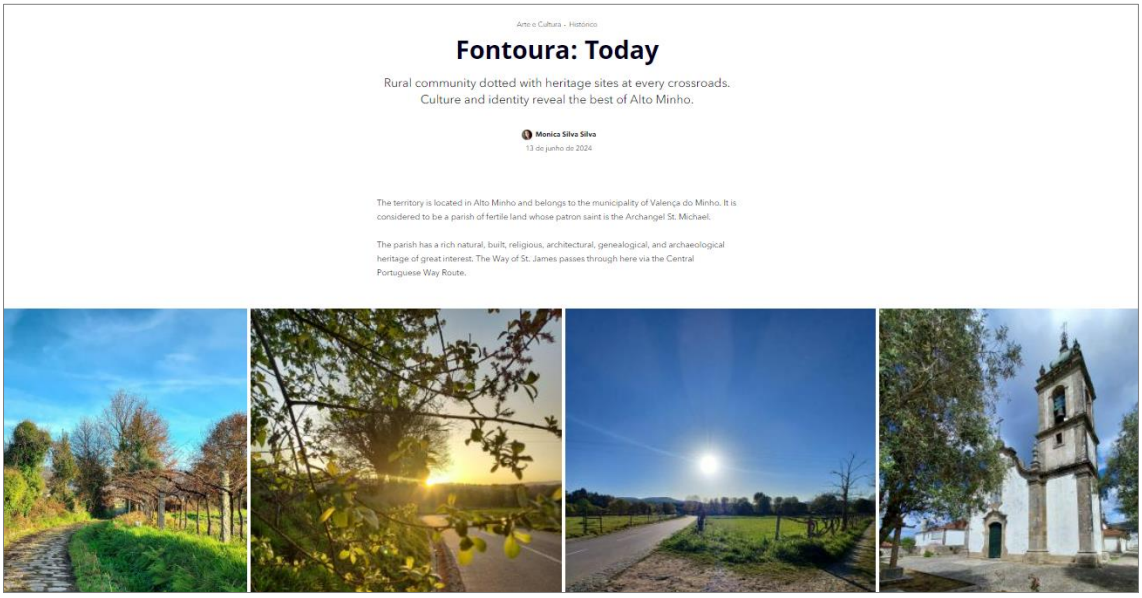
discover places of interest, obtain detailed information about each tourist attraction and understand the territory and history of the destination. Maps with interactive features such as augmentations, filters and layers of information enrich the experience, making it more dynamic and educational.

Social networks integrated into web platforms extend the reach of visual communication, mainly through sharing, which increases visibility. They also communicate bidirectionally with the public through likes, shares, and comments. Social networks are the biggest channel allowing the general public to interact, ask questions, and participate in cultural and natural heritage discussions through forums and digital communities. However, there are other tools for visually communicating cultural and natural heritage through web platforms, such as Augmented Reality (AR) and Virtual Reality (VR), which allow users to be transported to virtual museums, archaeological sites and nature reserves, offering an immersive and sensory experience, as well as an understanding of cultural and natural heritage through integrated technologies, providing innovative and unique experiences.

Cultural mapping was applied to this research based on the infocommunicational model of collaborative guidance. StoryMaps ArcGIS was the chosen tool, combining interactive maps with narratives to create informative stories about Fontoura's cultural and natural heritage. Two stories are presented, one called *Fontoura Today*[141] and another *Ancient Fontoura*[142]. The first shows all the heritage in the parish to date, even if it is vacant or in ruins (Figure 100).

[141] https://monicassilva.wixsite.com/portfolio/fontoura (Accessed on 13.06.2024)
[142] https://storymaps.com/pt-pt/stories/d2fa17b58814442abf47f6c251288998 (Accessed on 14.06.2024).

Figure 100 - Presentation of *Fontoura Today* by the *StoryMaps* platform.



Source: Mónica Silva, exported from *StoryMaps* (2024).

In the second, a map is created and presented, with the possibility of building on a continuum through collective memory, with data collected through individual interviews and the focus group carried out with the Fontoura community, where the territory is known from time. This map will include old photographs[143] (Figure 101), from the researcher, hoping that the residents will share, with georeferenced points, so that stories, experiences and moments from the past can be enjoyed in the present, projecting and envisioning the collective memory of the parish of Fontoura for the future of the territory and its people.

[143] More examples can be found in Appendix VIII.

Figure 101 - Presentation of *Ancient Fontoura* by the *StoryMaps* platform.



Source: Mónica Silva, exported from *StoryMaps* (2024).

The tool allows users to integrate text, images, videos, and other visual elements with geospatial data, creating an immersive experience. One of StoryMaps' main features is the ability to present geographical information intuitively and visually appealingly, with interactive maps that allow users to explore different geographical areas using the zoom-in or zoom-out layer to visualise specific details or get an overview. This feature is useful for interactively illustrating points of interest in a tourist destination such as Fontoura.

The StoryMaps platform is designed to be accessible to geographic information system professionals and users with little or no mapping experience. It has an intuitive interface and drag-and-drop tools, allowing anyone to create stories without advanced technical

skills. This type of platform democratises access to the creation of georeferenced content, allowing local communities like Fontoura to share their stories and promote the cultural and environmental diversity of their territory. It also offers collaborative functionalities, i.e. it allows multiple users to work together on a single project. This is particularly useful for community projects where different perspectives and integrated knowledge make it possible to create more comprehensive and global narratives. Online sharing to social networks and web platforms is simple, as is adding an HTML i-frame to a web platform. This tool allows the work to become versatile and accessible so that we can transform cultural and natural heritage into structured, easy-to-understand communication by combining interactive maps with narratives. The platform allows for creating immersive and informative stories that unleash the public's imagination, which can reach the community of Fontoura. To promote sustainable tourism, educate about environmental conservation, or celebrate a community's cultural heritage, this tool offers a platform for visually communicating the territory and the tourist destination, which is available to everyone in a simplified and effective way.

The combination of cultural mapping and *ArcGIS StoryMaps* allows for the creation of visual narratives that attract tourists and encourage the conservation of cultural and natural heritage. Using this tool, tourist destinations can be presented dynamically, highlighting their main attractions, such as cultural, religious, historical and civil monuments, museums, cultural festivals, nature parks and trails.

Users can explore this information interactively and be guided through a cultural itinerary that includes visits to historical sites and places of cultural interest. Each point on the map can be accompanied by explanatory texts, high-quality images, and videos that offer an in-depth insight into the local history and culture. This offer enriches the tourist experience and helps build a coherent and attractive narrative that can be easily shared online.

Cultural mapping is a methodology that identifies and documents a community's cultural resources, such as physical sites, historic buildings and monuments, and intangible cultural practices, such as traditions, festivals, crafts and local stories. Cultural Mapping can be integrated with *StoryMaps* to create a comprehensive visual and

narrative representation of a particular destination's cultural heritage. In addition, involving the community in the cultural mapping process strengthens the sense of identity and belonging, encouraging the preservation and valorisation of heritage. The ability to tell visual and interactive stories allows rural communities to stand out in the global tourism market, attracting intergenerational audiences looking to explore new, unique, immersive cultural and natural heritage offerings.

5.2. e-Tourism plan for the rural community

Before drawing up a tourism development plan with the specificity of e-tourism, it is necessary to understand how a rural community can be transformed into a smart tourist destination. It must integrate advanced technology with sustainable tourism practices to create an innovative, efficient, attractive visitor experience. Below are some steps and strategies to be taken to this end: (i) carry out a detailed survey and categorise the community's tourism resources, identifying its natural, cultural, and historical attractions. This categorisation serves as the basis for (ii) developing a strategic plan to promote these resources and integrate them with technological solutions that improve the visitor experience and destination management, in this case, low-literacy rural communities.

In Fontoura, the Internet network is scarce, so the digital infrastructure is somewhat precarious. However, it is possible to access the parish's official website, developed and maintained by the Junta, which provides information on tourist attractions, available services, events and activities, local events and, soon, it is hoped that suggested routes will be introduced. The latter will emerge through this doctoral research, with the production of themed routes, and the proposal will focus on two trails of mills and mills in the parish of Fontoura. In addition, conversations with the parish council, more specifically with its president, André Rodrigues, led to the conclusion that Fontoura is an area that has the potential to become part of the network *Tourism Connects Rural*[144],

[144] https://www.unwto.org/news/unwto-launches-new-tool-to-promote-collaboration-among-world-s-best-tourism-villages (Accessed on 03.03.2024)

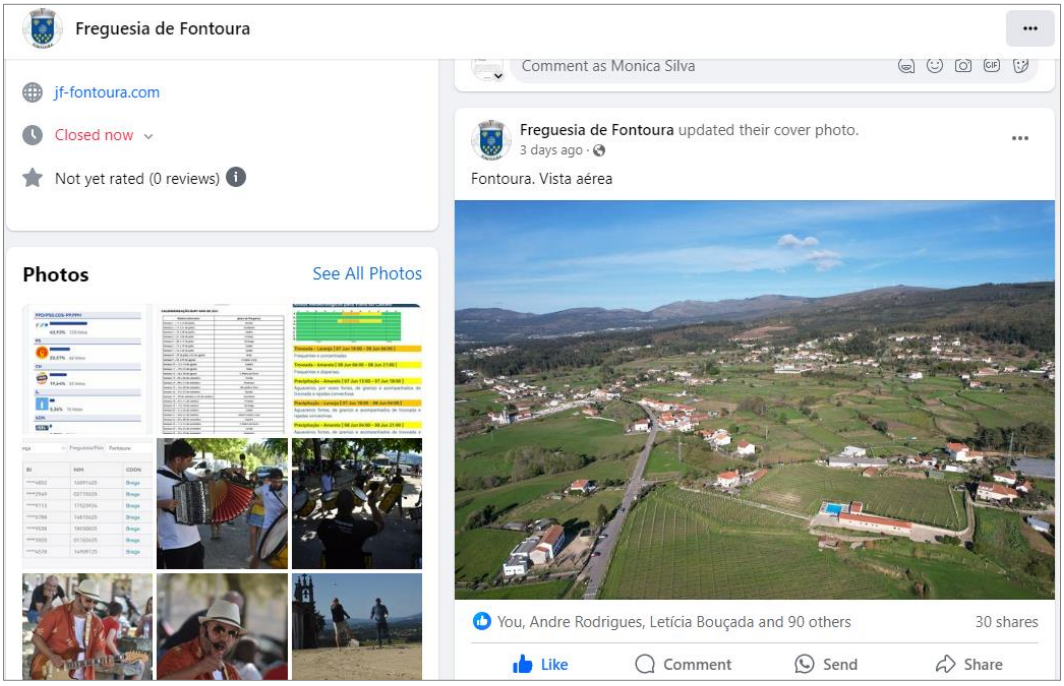
recognised by the *World Tourism Organisation*. Therefore, an application will be made for the next opening of villages and rural communities that could become part of this same network, with the application of the *STAR management tool*[145], presented in chapter 4.3 of this doctoral thesis.

Since we are talking about a rural, low-density area, it is assumed that tools such as sensors and devices, or augmented reality and virtual reality, are still far off for the Fontoura community. However, through cultural and community mapping, with the integration of interactive maps using the *StoryMaps* tool mentioned in the previous subchapter, the community will allow visitors to discover Fontoura's cultural and natural wealth by discovering trails and points of attraction on cultural routes, using co-creation and promoting responsible tourism practices, with the aim of minimising environmental impact and respecting local culture, its heritage and its residents.

The education and involvement of the Fontoura community are essential to the success of this research, where we can empower residents to actively participate in tourism development by including the community to create social benefits, promote the development of the territory and residents and therefore improve the local quality of life. Digital promotion and dissemination are fundamental channels for attracting visitors through social networks, the creation of web platforms, targeted marketing campaigns and advertising, even in analogue media such as local newspapers, which allow us to increase the visibility of the Fontoura destination (Figure 102).

[145] Self-Assessment Tool to Assist Rural Destinations (UNWTO).

Figure 102 - Fontoura Parish Council Facebook page.



Source: Facebook[146].

We now present the e-tourism plan for the rural community of Fontoura, which is aimed at digital transformation, sustainable tourism, cultural mapping and the application of information visualisation for integrated and structured communication, intending to promote the parish of Fontoura, increasing the place's capacity as a tourist destination and stimulating local economic development. The e-tourism plan combines digital promotion, interactive technology, community involvement and sustainable practices through a proposal in which the consumer can be the producer of their own experience by sharing narratives or multimedia and visual content, which can be shared through a community group created for this purpose and which will later allow the introduction of mapped stories on the Infocommunication platform.

The first step in proposing an e-tourism plan is to assess the community's strengths and opportunities (1. Initial Analysis and Planning). This includes an inventory of cultural resources, such as stories, traditions, and festivals, and natural resources, such as

[146] https://www.facebook.com/profile.php?id=100079288223800 (Accessed on 01.06.2024)

landscapes and trails. Understanding the demographic makeup and needs of the local population is important in creating an inclusive plan. An economic feasibility study should be taken into account to ensure the project's practical implementation.

Developing an interactive cultural map (2. Definition of the Cultural Mapping Project) using analogue and digital tools allows geography to be combined with stories, photos and videos, creating an engaging experience for visitors. The digital transformation (3. Development of the Digital Infrastructure) is gaining increasing prominence in low-density territories, where the Internet offer is still in its infancy but where tourism can be a driver for creating a good infrastructure for sharing and collaborating on content.

To promote tourism (4. Marketing, Digitisation and Promotion) through digital offer and digital marketing, there is a whole panoply of offers regarding social networks, travel blogs, newsletters and Search Engine Optimisation (SEO)/ Search Engine Marketing (SEM) to reach a wider audience. In addition, analogue marketing material, such as leaflets and posters, should be distributed in tourist information centres, hotels and restaurants and published in local newspapers and magazines.

Identifying and documenting the oldest residents' stories, legends and memories, and visually documenting cultural sites and events through photographs and videos (5. Analogue Narratives and Digital to Interactive). Historical documents and old photos should also be digitised for preservation and easy access. Training the community in ICT (6. Education, Training and Destinations) is essential so that local members can actively participate in the promotion and management of tourism, as well as promoting sustainable tourism practices and the conservation of cultural and natural heritage.

Partnerships and collaborations (point 7) are increasingly geared towards creating good practices through global networks and organisations for holistic and shared co-creation between territories. Reporting, using the performance indicator approach (8. Monitoring and Evaluation) to measure initiatives' economic, social and environmental impact, is becoming decisive in understanding what can continue to be applied and what needs to be adjusted, given the reality and results obtained.

This plan combines digital and analogue elements (IAPMEI, 2016), ensuring that all members of the community can participate, as well as tourists, to benefit from responsive tourism with a unique and sustainable offer:

Table 37 – Proposal of e-Tourism plan for the parish of Fontoura.

E-TOURISM PLAN
1. Initial Analysis and Planning
1.1. Assessment of Strengths and Opportunities
1.1.1. Resource Inventory: Identifying and cataloguing the community's natural, cultural, historical and cognitive resources
1.1.2. Market analysis: Studying tourist demand, market trends and the profiles of potential tourists, both in terms of target audience and segmentation
1.1.3. Community involvement: Hold meetings with residents to understand their needs and expectations and support future projects
1.2. Setting Objectives and Targets
1.2.1. Main objectives: Promote sustainable tourism, increase the visibility of the community, increase job opportunities
1.2.2. Specific goals: Increase the number of visitors, improve tourist infrastructure, and preserve and safeguard cultural and natural heritage
2. Definition of the Cultural Mapping Project
2.1. Setting Objectives and Targets
2.1.1. Specific objectives: Preserve collective memory by holding meetings to involve the community in collecting stories, myths and legends and to promote the community's cultural and natural heritage
2.1.2. Specific goals: Create a cultural map, document local histories and traditions and develop proposals for tourist routes based on collective memory
3. Development of the Digital Infrastructure
3.1. Oficial Website
3.1.1. Functional Design: Create a website with detailed information about the community, tourist attractions, events and services
3.1.2. Interactive Maps and Guides: Incorporating interactive maps, itineraries and digital guides
3.1.3. Multimedia content: Use photos, videos and virtual tours to promote the community
3.2. Mobile App (medium-long term)
3.2.1. Real-time information: Update events, track and weather conditions

3.2.2. Guides and Trails: Accessible tourist routes and information, with the possibility of integrating augmented reality
4. Marketing, Digitisation and Promotion
4.1. Social Networks
4.1.1. Social media channels: Create profiles on Instagram, Facebook, TikTok and other relevant platforms
4.1.2. Participatory Content: Create regular posts with community stories, events, and highlights on cultural and natural heritage
4.2. SEO and SEM
4.2.1. Search Engine Optimisation (SEO): Ensure the web platform and content are easily found on Google and other search engines
4.2.2. Paid advertising (SEM, Search Engine Marketing): Use Google Ads and adverts on social networks to reach a wider audience
4.3. Email Marketing – Monthly Newsletters
5. Analogue Narratives and Digital to Interactive
5.1. Collect Stories from the Community
5.1.1. Participatory and Collaborative Content: Encourage residents to share stories, photos and videos
5.1.2. Collective Memories: Collect stories, legends and memories from the oldest residents
5.1.3. Interviews and testimonies: Capture oral narratives from residents, artisans, farmers and other community members
5.1.4. Archives: Digitise historical documents and old photos
5.2. Developing Tourist Routes
5.2.1. Thematic Routes
5.2.1.1 Historical Tours: Propose walks and tours that allow visitors to experience historical sites, with narratives about past events told by senior residents of the community
5.2.1.2. Cultural Routes: Explore local traditions such as festivals, craft markets and agricultural practices (defoliation, grape harvest)
5.2.1.3. Nature trails: Integrate elements of the natural heritage with cultural stories, such as trails that pass by significant sites (e.g. mills)
5.2.2. Analogue Content
5.2.2.1. Printed maps: Produce physical, detailed maps with points of cultural interest, trails and tourist routes

5.2.2.2. Printed guides: Develop tourist guides with stories, photos, itineraries and practical information for tourists
5.2.2.3. Information panels: Install signposts and information panels at tourist attractions with historical and cultural information
5.3. Digital Narrative Platforms
5.3.1. StoryMaps: Create visual narratives with a combination of interactive maps, photos, videos and texts
5.3.2. Shorthand: Develop immersive stories using multimedia content
6. Education, Training and Destinations
6.1. Training in Information and Communication Technologies (ICT)
6.1.1. Workshops: Training community members in the use of information and communication technologies to promote and manage tourism
6.1.2. Continuous support: Establish a technical support system to help solve problems and update digital skills
6.2. Tourism Sustainability and Management
6.2.1. Regional tourism: Collaborate with other communities to promote regional, integrated tourism
6.2.2. Sustainable Practices: Educate about sustainable tourism practices and the preservation of cultural and natural heritage
6.2.3. Destination Management: Training in people management, customer service and digital marketing
7. Partnerships and Collaborations
7.1. Government and Non-Governmental Organisations (NGOs)
7.1.1 Government support: Seek support and funding from government bodies for infrastructure and promotion
7.1.2. Partnerships with NGOs: Collaborate with non-governmental organisations that promote sustainable tourism and heritage, cultural and natural preservation
7.2. Private Sector
7.2.1. Local businesses: Create partnerships with local businesses to offer tourist packages, promotions and events
8. Monitoring and Evaluation
8.1. Key Performance Indicators
8.1.1. KPIs (Key Performance Indicators): Establish key performance indicators to monitor the success of the e-tourism plan
8.1.2. Tourist feedback: Collect and analyse visitor feedback to improve the offer and services
8.2. Reports and Iteraction

	8.2.1. Evaluation: Drawing up periodic reports on the progress of the plan, challenges faced, and adjustments needed
	8.2.2. Transparency and Ethics: Keep the community informed about the results and benefits of the project

Source: Mónica Silva.

This plan strengthens the local economy and aims to preserve and safeguard cultural and natural heritage, promoting community cohesion and creating a sustainable basis for future development. Adopting digital solutions in rural tourism allows for the valorisation and preservation of tangible and intangible heritage. It facilitates the inclusion of the local population, especially seniors, in the new technological age. The active participation of the community is crucial to the success and sustainability of the plan, making e-tourism a powerful tool for revitalising rural communities.

5.3. Proposal of Collaborative Infocommunication Model

Considering the concepts of community, it is also necessary to understand how to achieve a culture of collaboration and sharing among the target public, tourists and residents, especially the elderly. Considering concepts such as sustainability, inclusion, media convergence, collective and integrated participation and collective intelligence, these should be terms to be put into practice as public policies.

The *SDG (Sustainable Development Goals) Rural Laboratories* have recently emerged. Guided by the 2030 Sustainable Development Goals and working with social innovation for rural and peri-urban contexts since 2019, they aim to promote the implementation of the SDGs through participatory, collaborative, and educational processes for different age groups and communities (Figure 103).

Figure 103 - Presentation of the SDG Rural Laboratories: an example case, La Puebla de Alfindén.



Source: *SDG Rural Labs* (2021)[147].

There are currently five laboratories under development, most in Spain and one in Colombia. During the lockdown caused by the COVID-19 pandemic, they were forced to adapt to digital technology, using community platforms that allowed them to contact each other to implement different action plans (SDG Rural Labs, 2021).

The concept of e-tourism arises through community maps, cartographic construction and creation, where the application of ICT is applied to the tourism process so that the range of services available is broad, diverse and interactive (Banerjee & Chua, 2016; Buhalis, 2003; Buhalis & Jun, 2011; Kazandzhieva & Santana, 2019; Kontogianni & Alepis, 2020). Creating community and digital cultural maps is increasingly available at the regional and local levels. Various organisations recreate library park spaces to bring the population together and "everyone is part of it" or toolkits that help smaller communities configure the space for tourism (Creative City, Network of Canada, 2010). The former serve as aggregating elements between the landscape and residents, especially in areas with various social problems, such as Medellín in Colombia (Figure 104).

[147] https://www.odsrurallabs.com/ (Accessed on 01.06.2024)

Figure 104 - Parques-Biblioteca, em Medellín, Colômbia.



Source: *Bibliotecas Abiertas* (2024)[148].

They are urbanised areas that positively affect the community's identity and culture. This leads to the conception of territorial planning, achieved by revitalising geographical areas to combat various social problems, violence, and poverty (Polit-Duenas, 2013). Not only for its architectural innovation but also for its principles of collaboration and community participation, Medellín is now part of the *Global Network of Learning Cities* of UNESCO. It promotes public policies geared towards knowledge and good practice (UNESCO, Global Network of Learning Cities, n.d.). Participation is fundamental to promoting understanding and acceptance of deeper interventions in the territory. Integrated and participatory communication are two vital processes for success (Volkmann, 2018), onde a população inicia o processo de ideação a ser, posteriormente, desenhado pelas entidades competentes (Figure 105).

[148] https://bibliotecasabiertas.com/2017/02/27/parques-bibliotecas-de-medellin-lugares-que-transforman-el-espacio-urbano/ (Accessed on 01.03.2024)

Figure 105 - An example of mapping as a local activity in Finland.



Source: *Anglo American* (2024)[149].

Partners increasingly see technological mediation through information and communication in the social sectors as an asset for developing the uniqueness of new products. Destinations have the dynamisation and collaboration strategies with neighbouring regions as their main objective. In this sense, the need arises for interaction between people, the opportunity to turn residents into consumers as participatory and collaborative agents in the exploration process to effectively create a cultural cartography. Community cartography is a collection of many communities, and considering current parameters such as sustainability and the inclusion of all, cartography enhances communities and their assets. Communities become a product of identity and authenticity, according to place, residents and visitors, and the synergies between public and private partners. Residents become the main actors in the community, as they make it possible to liaise with tourists through the content created and acquired.

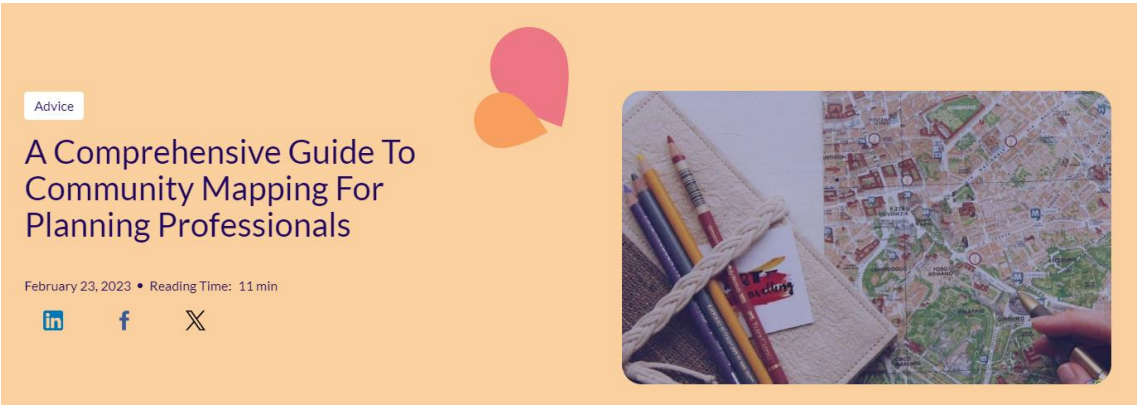
Through development tools, collaboration, participation and interaction with its people and the territory, interaction occurs between technology and the human being,

[149] https://finland.angloamerican.com/en/community (Accessed on 02.06.2024)

specifically in community-centred design. Fontoura's cultural cartography, supported by a structured narrative, arouses interest and promotes a cognitive sense of belonging and memory; it fosters the visitor's desire to become a protagonist and actor as a consumer and producer of content. Thought of in terms of heritage and cultural resources for community building, cultural cartography makes it possible to boost preservation and safeguarding in the future through mobile platforms and applications for the construction of pluralities and participatory approaches.

Narratives between partners and services allow synergies to be created to project collective memory about the place's identity, destination and history. Tourism is fundamental to creating a brand image (Naef, 2018). The guides/toolkits thus appear as tools aimed at the mapping process, from creating the database to drawing up the final product (Figure 106).

Figure 106 - Example of a Guide to Community Mapping, for planning professionals.



Source: *Maptionnaire* (2023)[150].

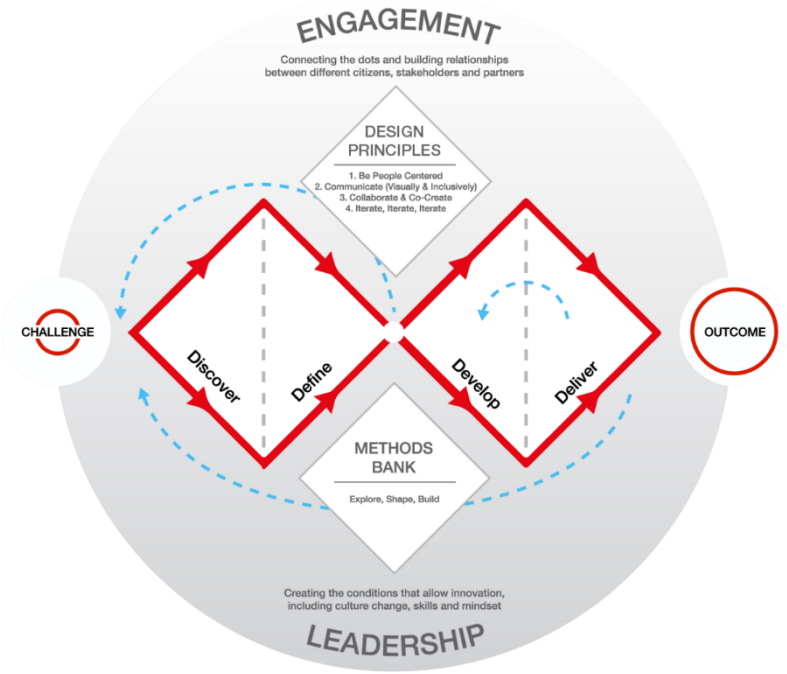
This research reflects the importance of all municipal entities in getting closer to the resident population associated with the active use of ICT in the face of participation and collaboration policies (McNaughton, 2016). Tourism development requires the creation of an environment of collaboration and participation, which implies the definition of common objectives and the implementation of an intervention framework so that rural

[150] https://www.maptionnaire.com/blog/guide-to-community-mapping-for-planning (Accessed on 02.04.2024)

areas become attractive resources. As this research is aimed at more than tourists and visitors and extends to pilgrims on the Way of St. James who travel the Portuguese Central Way, multiplatform dissemination is essential. Li et al. (2016) advocate strengthening the digitalisation of tourism, where more research is needed on low-density territories and rural characteristics of cultural digital cartography associated with the creation of InfoVis.

This research process was guided by the double diamond model (Figure 107), which is associated with participatory design. This model promotes better integration and the ability to create relationships between the Fontoura community and local tourism.

Figure 107 - Modelo do Duplo Diamante, centrado no design participativo.



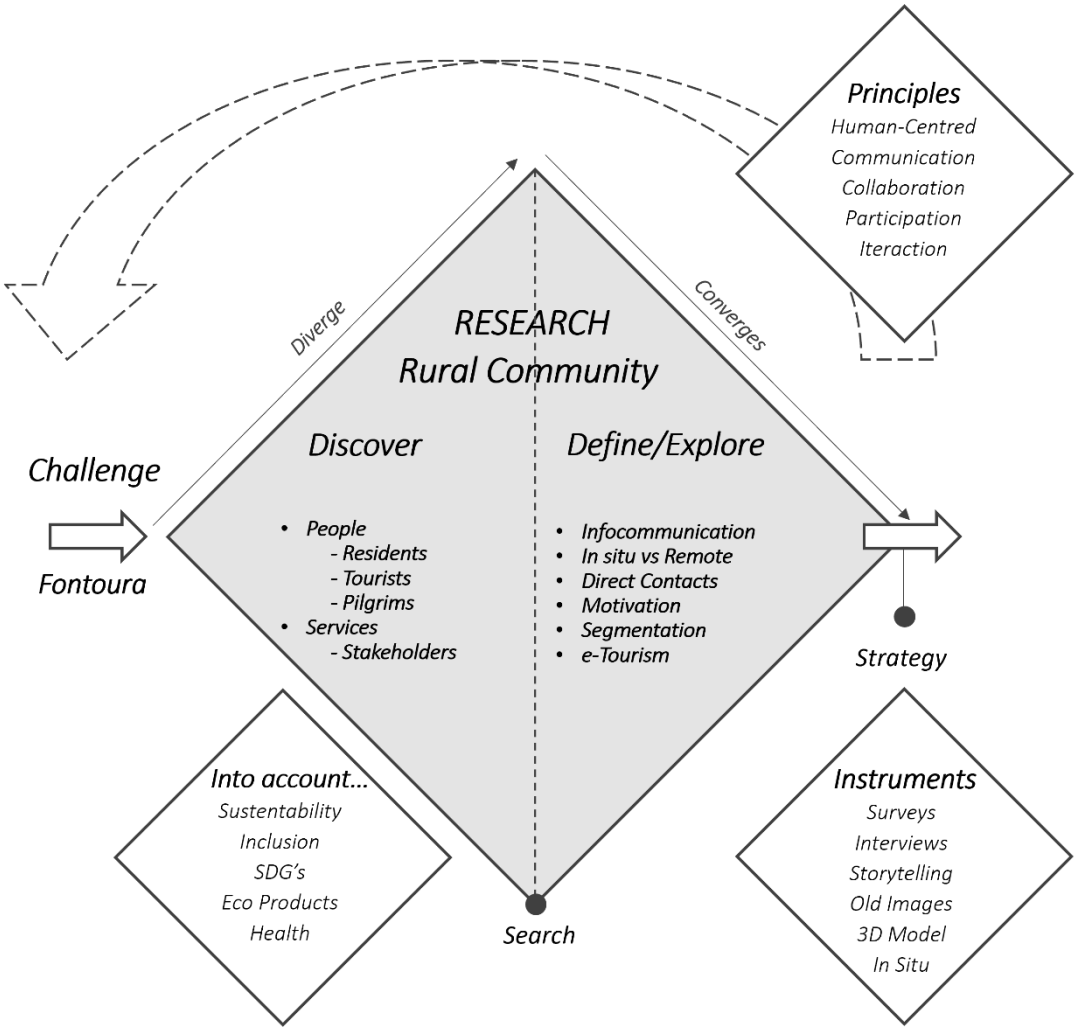
Source: *British Design Council* (2023)[151].

Throughout the research process, this model has been updated to understand better how, through a target territory, Fontoura, which diverges into an investigation and converges into a strategy, can define itself by discovering and defining the rural

[151] https://www.designcouncil.org.uk/our-resources/framework-for-innovation/ (Accessed on 03.05.2022)

community. Discovery leads us down a path of searching for the different types of people in the community: residents, tourists, and pilgrims, as well as for the services made available by the community, such as partnerships. As for the definition of the rural community, the operative concepts, such as infocommunication, rural communities and e-tourism, helped to outline the research and define different indicators adopted, such as the motivation and segmentation of the target audience and the reality, online and analogue. To organise this first diamond (Figure 108), we considered sustainability, inclusion, ecological offer, health and safety criteria, and defining principles and instruments.

Figure 108 - Construction of the first diamond of the methodological model, applied to Fontoura.

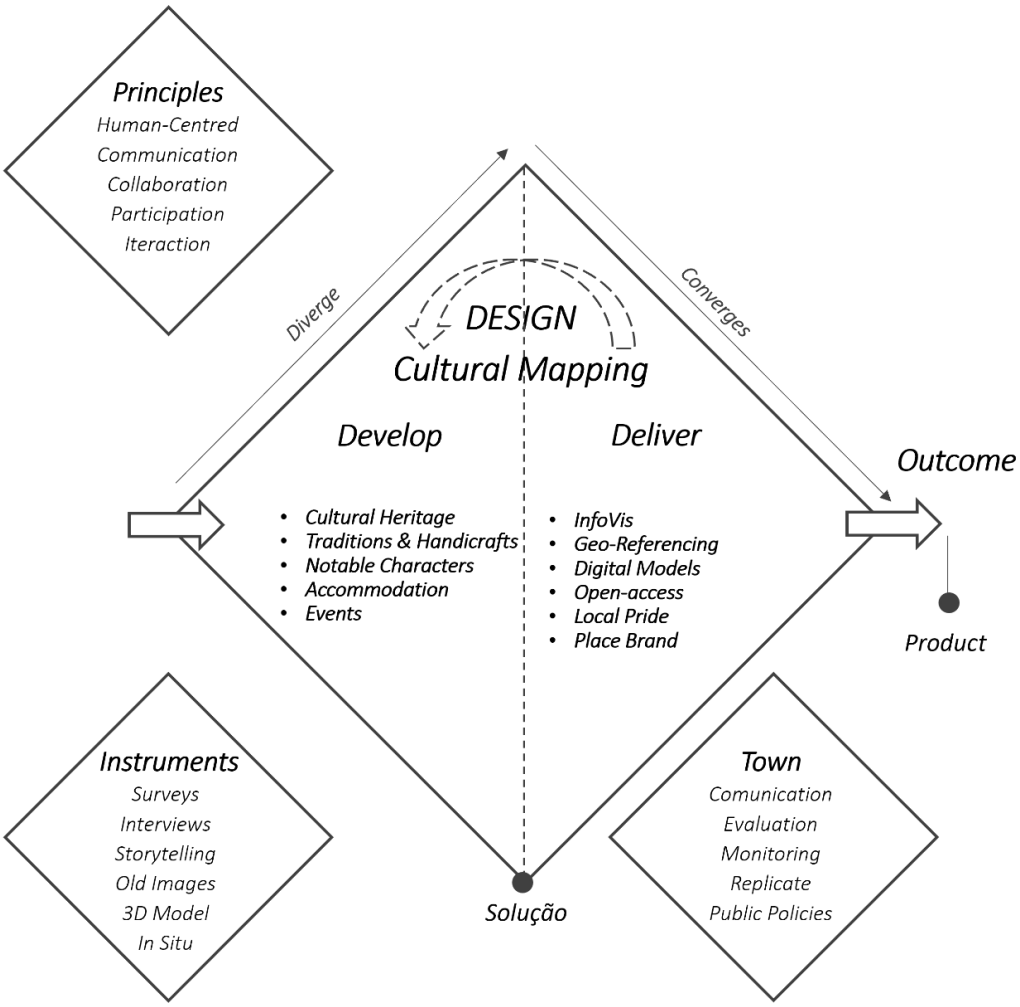


Source: Mónica Silva, adapted from Framework for Innovation.

The principles were user-centred, with active communication, considering collaboration, participation and iteration. As for the instruments, according to the objectives proposed in this research, questionnaires, interviews, storytelling tools, old images, a three-dimensional model and on-site ethnographic observation were developed and applied.

Following on from the model, and after defining the strategy, with the application of the instruments as mentioned above, we diverged once again into the design proposal through cultural mapping, which led to the convergence of the creation of the final product. Bearing that the research is taking place in a low-density area, it is necessary to understand what type of communication should be adopted according to its residents, their age groups, expectations and needs. As for the design proposal, getting to know the territory through its cultural and natural heritage, traditions and crafts, notable people, accommodations, events, and activities is necessary. In orienting the product, it is necessary to understand how its implementation can be integrated into this rural community. By proposing information visualisation, geo-referencing, and digital models with open access, such as web platforms, we can identify the added value of the destination and the sense of belonging for the community and those who receive the community (Figure 109).

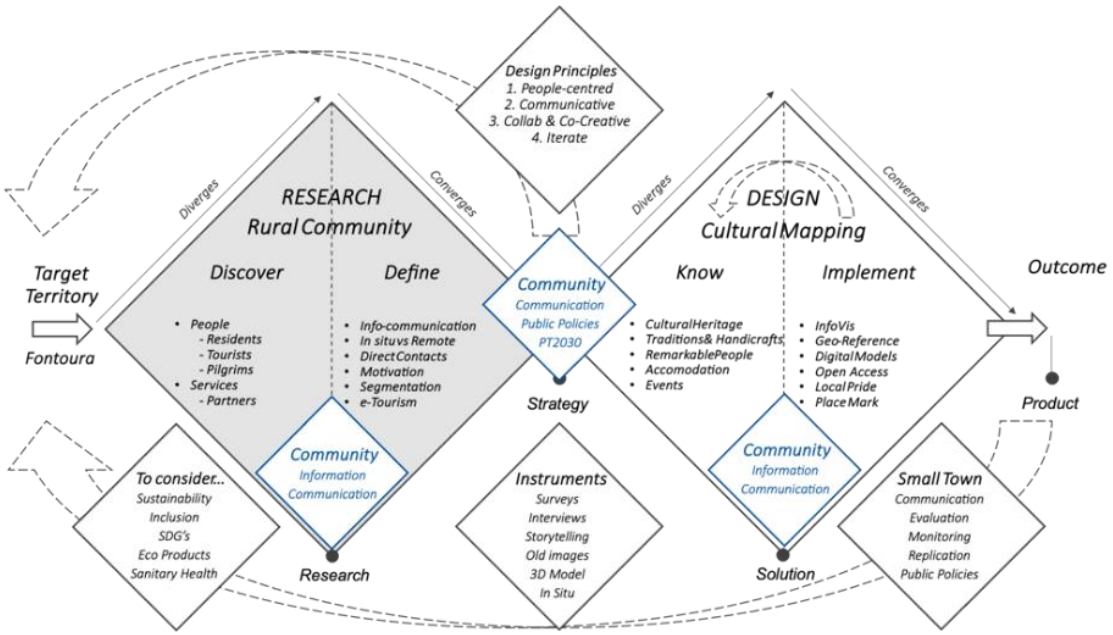
Figure 109 - Construction of the second diamond of the methodological model, applied to Fontoura, with an impact on the target territory.



Source: Mónica Silva, adapted from Framework for Innovation.

While getting to know the area and recognising the community and its tourism supply and demand, it became clear that the community had always to be present to coordinate and implement this research. Therefore, our proposed collaborative infocommunication model is based on the Framework for Innovation. However, for this specific case, it was necessary to add small diamonds to structure the model to be implemented with the resident population (Figure 110).

Figure 110 - The infocommunicational model with a collaborative orientation was created based on the Framework for Innovation.



Source: Mónica Silva, adapted from Framework for Innovation.

The proposal of the collaborative-orientated infocommunication model arises to understand how multi-layered rural communities manage to approach the challenges and opportunities of the tourism market holistically.

For this research in particular, constructing the three-dimensional model was crucial to better understanding the territory's evolution, both in terms of tangible and intangible heritage. The need, therefore, arose to categorise it so that in terms of layers, its understanding in terms of its offer could stand out from the rest:

(i) Tangible Heritage
   a. Cultural Heritage
   b. Religious Heritage
   c. Natural Heritage
   d. Archaeological Heritage

(ii) Intangible Heritage
   a. Books and documents
   b. Legends

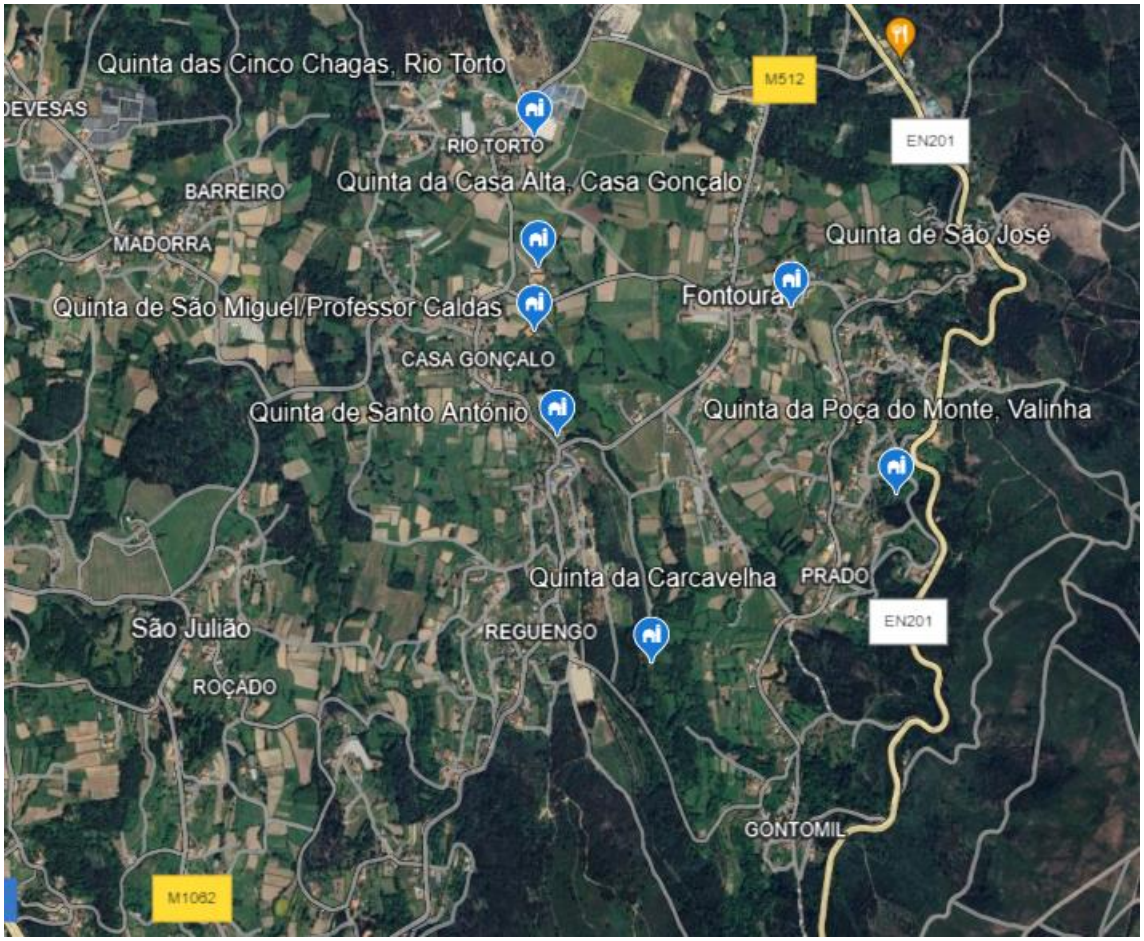
c. Fairs and activities

d. Collective Memory

(iii) Notable Characters.

As far as cultural heritage is concerned, an exhaustive survey was carried out of the manor houses (Figure 111), existing farms in the parish of Fontoura, fountains and heritage that has disappeared or is in ruins, represented here using GoogleEarth, to get a broad perception of the territory.

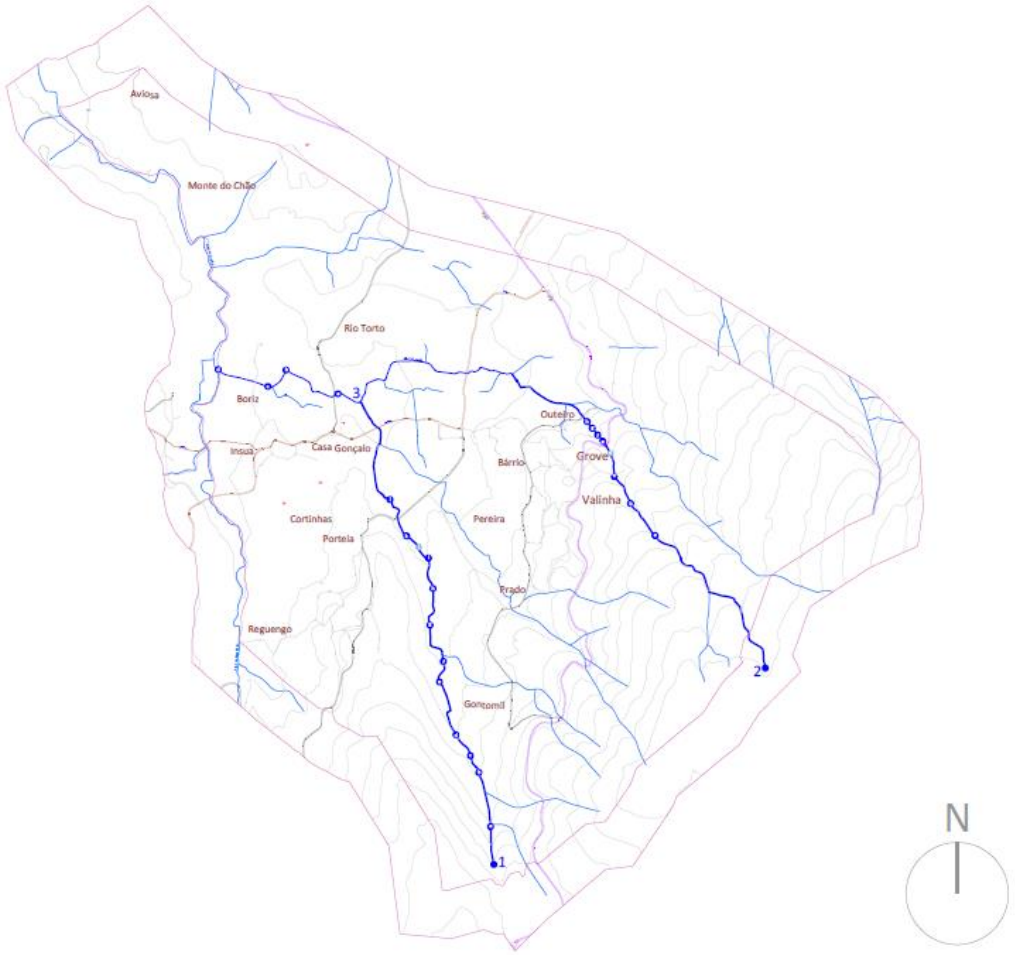
Figure 111 - Cultural heritage mapped by Google Earth: manor houses.



Source: Mónica Silva, exported from *Google Earth* (2024).

The religious heritage was analysed in the parish church, the chapels throughout the parish and the shrines. The windmills (Figure 112) are a natural offering, characterised by their territory and route (scale 1/20.000).

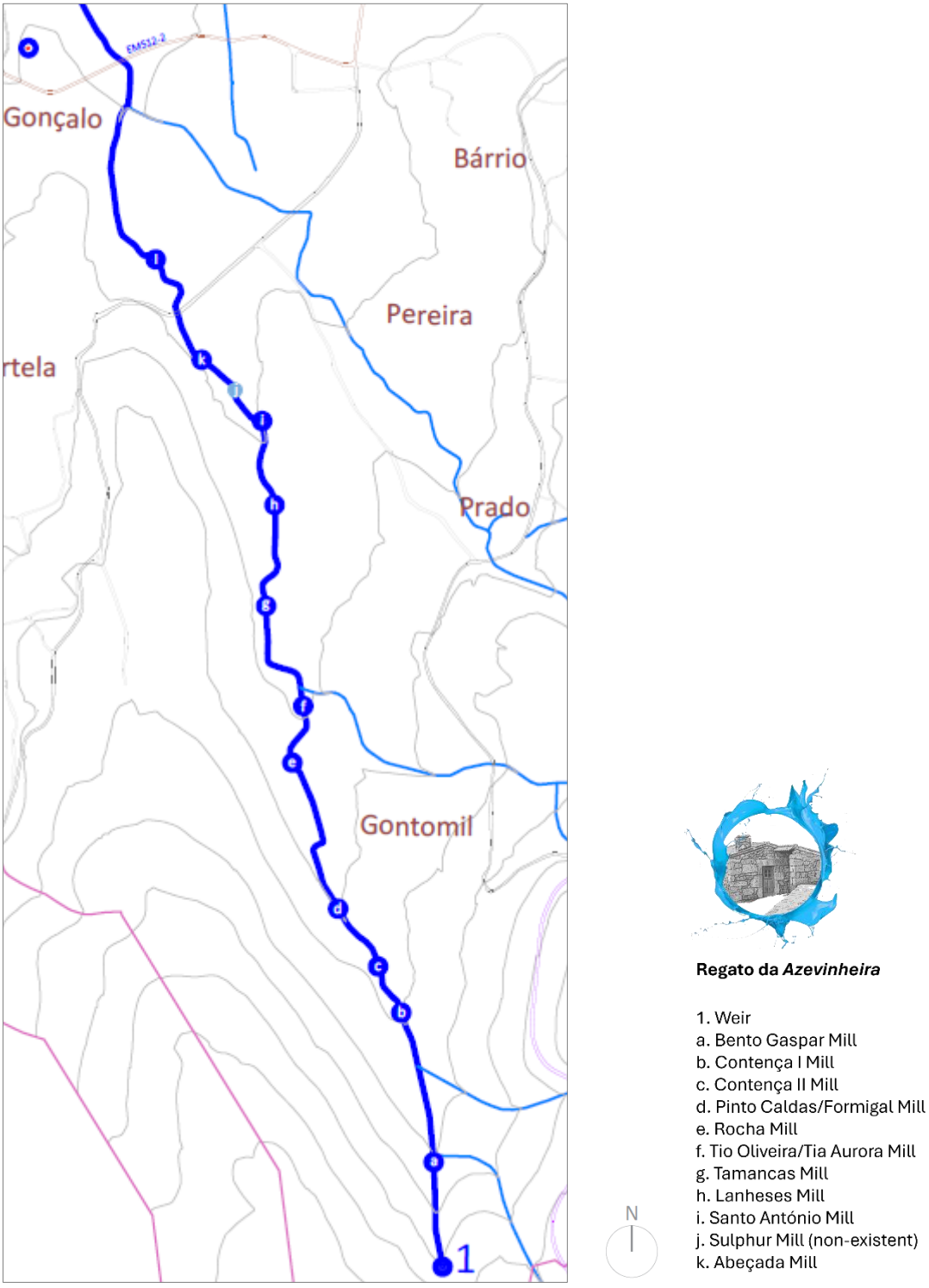
Figure 112 - Natural Heritage: Mills were mapped using the AutoCAD tool.



Source: Mónica Silva.

There are three streams: Azevinheira (1), Grove (2) and Boriz (3). In the first stream there are thirteen mills: Presa (1); Moinho Bento Gaspar (a); Moinho de Contença I (b); Moinho de Contença II (c); Moinho Pinto Caldas/Formigal (d); Moinho Família Rocha (e); Moinho Tio Oliveira/Tia Aurora (f); Moinho dos Tamancas (g); Moinho dos Lanheses (h); Moinho de Santo António (i); Moinho do Enxofre (j), no longer in existence due to a fire; Moinho da Abeçada (k) (Figure 113).

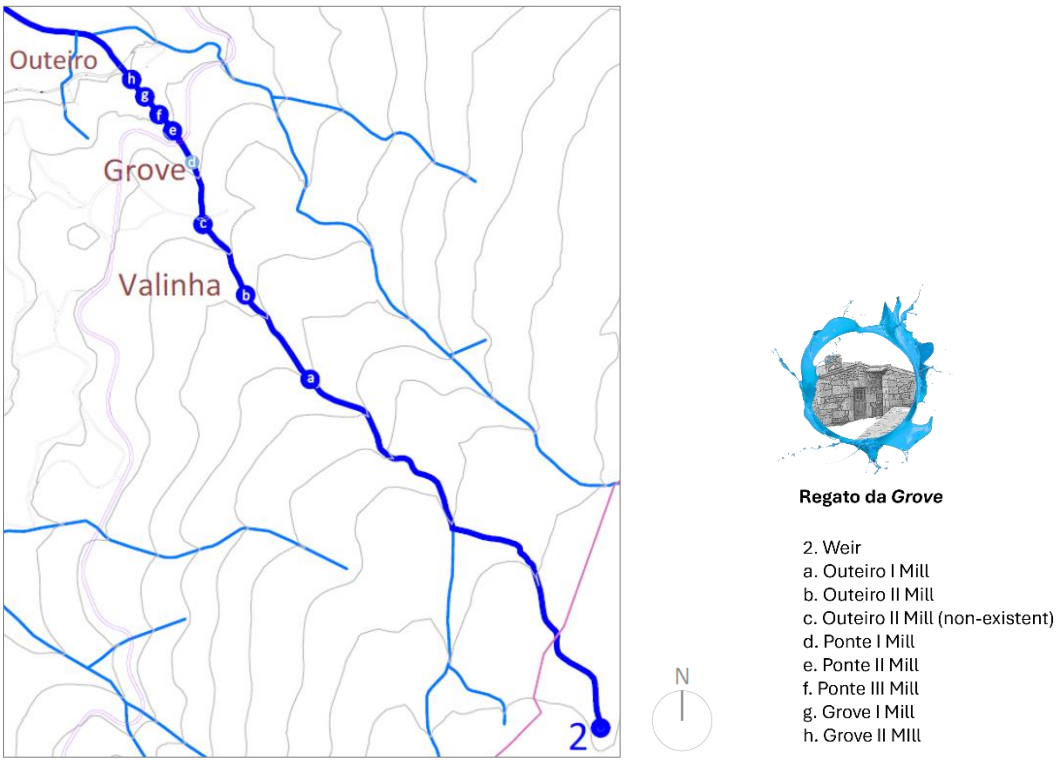
Figure 113 - Mills at Azevinheira Stream.



Source: Mónica Silva.

Regato da Grove has eight mills (Figure 114), which have so far been discovered. According to Story Time, it is thought that there may be three more, as yet unconfirmed.

Figure 114 - Mills at Grove Stream.



Source: Mónica Silva.

The first two streams meet via the Regato/Ribeiro de Boriz (Figure 115), where four more mills cross the parish's eastern part to Silva's parish.

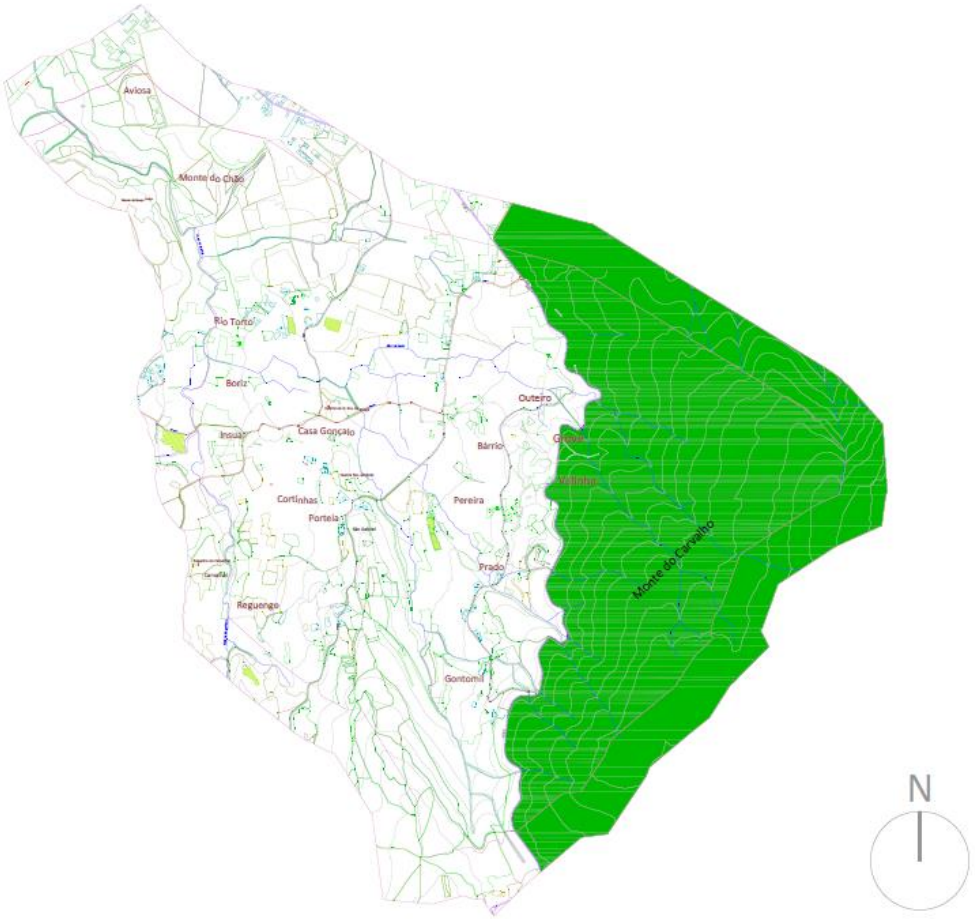
Figure 115 - Mills at Boriz Stream.



Source: Mónica Silva.

Monte do Carvalho, agricultural land and green areas (Figure 116), represented by a vector drawing on a scale of 1/20.000, and the parish's natural offerings characterise the Camino de Santiago; finally, the archaeological heritage analyses Grovios settlements and archaeological finds in the Grove area.

Figure 116 - Monte do Carvalho and farmland scattered around the parish of Fontoura.



Source: Mónica Silva.

As far as intangible heritage is concerned, it was important in this research to understand how heritage that has been lost in time can be visualised once again through the existing offer, such as the library in the Casa Paroquial, legends and myths that transport the parish to what it is today, especially about its toponymy, fairs and activities from the past and collective memory, as they appear on StoryMaps, through the story Ancient Fontoura.

The importance of drawing up a proposal for a collaborative infocommunication model, considering the tourist offer of a rural community in the Alto Minho region, is significant, especially in terms of empowering it and improving the quality of life of its residents. This model presupposes the integration of various local agents, including residents, companies, associations and public bodies, so that through a cohesive system, the

tourism region and its offer can be promoted and local identity strengthened, guaranteeing the preservation of cultural and natural resources. Through community empowerment, the model encourages a sense of ownership and responsibility among residents, who actively promote and develop local tourism.

Creating a tourism information and communication database provides a platform where all players can contribute information and collaborate in managing and promoting tourist attractions. This collaboration improves the coordination and efficiency of tourism activities and strengthens social cohesion and community spirit. Creating an online community group (Figure 117), both in analogue format with occasional meetings and in digital format, opens up a space for dialogue and collaboration.

Figure 117 - Presentation by the Fontoura Online Community Group [152], to aggregate content for later publication on an open-access, georeferenced platform.



Source: Mónica Silva, exported from *Wixsite* (2024).

[152] https://monicassilva.wixsite.com/portfolio/community-group (Accessed on 10.06.2024)

This bridging element between information and communication has the potential to transform the way tourism is managed and promoted, generating numerous benefits for the rural community of Fontoura. The community group strengthens regular meetings, which facilitate the exchange of ideas and experiences between residents, allowing everyone to contribute their perspectives, knowledge and experiences as an integral part of a whole. These moments foster personal relationships and strengthen social ties between the different intergenerational layers characterising the Fontoura community.

As for its digital aspect, the online community group extends the reach and accessibility of discussions, where the online platform, available via the web platform presented by the researcher, allows more people to participate, regardless of their location or availability for face-to-face meetings. It also offers a continuous space for interaction, where discussions can occur in real-time or asynchronously, ensuring everyone can contribute at their own pace. This collaborative and participatory accessibility is crucial to engage a wider and more diverse audience, including young people, the elderly, and people with reduced mobility. By incorporating this element of collaborative participation into the tourism development of the Fontoura destination, it is possible to offer a direct channel for residents to express their needs and expectations, ensuring that tourism development is aligned with the interests and values of the community.

The creation of this online community group also guarantees the promotion of sustainability since it involves communities in discussions that can ensure that the tourism practices adopted are environmentally responsible and culturally sensitive. The need to combine and cross-reference analogue and digital formats allows for a hybrid approach that maximises the benefits of both: face-to-face meetings promote face-to-face interaction and the strengthening of personal relationships, while the digital platform offers continuous flexibility and accessibility for the creation of a robust and inclusive system of community participation.

In short, developing rural communities with unique offerings for the tourism market is becoming increasingly necessary to promote economic diversification, cultural and natural preservation, social empowerment, an authentic tourist experience, the

deconcentrating of tourism and the improvement of local offerings. By adopting sustainable and inclusive practices, these communities can guarantee balanced and lasting development, where locals and visitors benefit.

The potential of rural tourism for promoting and preserving cultural and natural heritage is transformed into a unique offer about the destination's traditions, cultural practices and natural landscapes. The search for authentic offers connected to nature and local cultures is increasingly becoming an active demand for differentiated tourism experiences. The offer of unique experiences, such as participating in agricultural activities, staying with families, ecological and nature trails, tasting local products and attending local fairs and events, attracts a specific niche market that values these genuine experiences. This authenticity offer can translate into a constant and growing flow of tourists interested in personalised and memorable experiences.

Tourism orientated towards rural communities contributes to deconcentrating tourism in urban areas and traditional destinations, relieving the pressure on these areas and distributing the economic benefits equitably. Since the tourism sector generates the most income for localities and regions, rural development can improve local infrastructure, which benefits tourists and improves residents' quality of life. The findings of the PhD research, outlined below, provide light on the growing potential of rural experience tourism as a promising opportunity for small rural towns.

Conclusions

Smart villages are made up of rural people who take the initiative to explore practical solutions to the underlying challenges they face and to seize new opportunities.
ENRD (2018, p. 6)

The exploration of collaborative infocommunication strategies in this research is based on recognising that rural development is a complex and multifaceted endeavour. It requires a holistic approach that addresses economic, social and environmental dimensions. Through an in-depth analysis of case studies, best practices and emerging trends, this research seeks to provide a comprehensive framework for the promotion and development of rural areas. The strategies proposed here aim to increase visibility and establish a sustainable foundation for rural communities in the digital age. The application of cultural mapping involves a versatile framework that can be replicated in similar regions of Portugal and Spain. It values community involvement and the collaboration of many individuals, including visitors, tourists and pilgrims, who contribute to content production.

Rural areas are characterised by their extensive cultural and natural heritage and close-knit communities. However, they often face obstacles such as a lack of resources, physical remoteness, and a digital divide that prevent them from integrating into the global information society. Collaborative communication activities, whether analogue or digital, for exchanging information bring the community together, and problem-solving emerges to bridge disparities and define rural areas as destinations on the international platform.

Fontoura has a rich cultural and religious heritage, including chapels, churches and manor houses. This study analyses the characteristics that make rural places attractive and appealing to tourists and inhabitants. The community is characterised by identity and authenticity, influenced by location, residents and visitors, and collaboration between public and private partners. Residents play a key role in the community, facilitating links with tourists through the content they develop and source. Technology and people interact through development tools, collaboration, participation and involvement, especially in community and user-centred design.

Fontoura involves everyone who wants to foster a sense of belonging and encourage tourists and locals to contribute actively as producers and consumers of content. This approach allows for a deeper understanding of communities and their resources, encouraging community building through interactive and participatory activities to showcase cultural values with diversity and inclusion. We can connect, understand, use and reflect on the places in the community and recognise the resources and attractions in different territories combined in the region.

In response to the proposed research question, *What infocommunication strategies based on sharing stories through collaborative digital platforms can be adopted to promote e-tourism in the rural community of Fontoura?*

We can assume that the active participation of residents is the main driving force, which, in addition to enriching the content, strengthens the community itself, as well as local traditions and heritage. This leads to creating a narrative in the continuum, generating a unique, inclusive, and analogue offer that considers the senior audience and digital for a younger audience. This assumes the great importance of the intergenerational layer in these communities, which allows the gearing of today to be revisited tomorrow (according to hypotheses 1 and 2).

We can affirm that implementing storytelling in community mapping has proven to be a powerful means of preserving cultural heritage and traditions. By incorporating stories from senior citizens and residents, the work emphasises the richness and authenticity of the community's identity. It became evident that community mapping can bridge the gaps and create a cohesive, digitally connected environment that serves residents and tourists/visitors. As the research unfolded, it became clear that community cartography is not just a technological tool but a catalyst for socio-economic development. It empowers communities to shape their destinations, driving sustainable growth and responsible tourism practices. Its integration into tourist communities improves the visitor experience, strengthens the sense of community and promotes local pride (according to hypotheses 3 and 4).

Cultural mapping enables the preservation and conservation of heritage and cultural resources by using platforms and mobile applications to create communities. The platform enables the development of a collaborative design using multidimensional and interactive maps, which link cultural assets to their meaning, incorporating diversity and participatory methods. Cultural mapping reinforces communities and their values, considering characteristics such as sustainability and inclusion.

In line with the main goal [153] We realise that the creation of authentic, locally produced content should be a priority to encourage residents to share their stories—as was the case in this research—their traditions, their social experiences and, above all, because it is an ageing area, their cognitive capacities, which are transported to a collective memory projected onto an offer made available on digital platforms that imprint the identity of the Fontoura community.

The best technique for informing and communicating is "word of mouth", in direct contact with residents, especially the elderly, who disbelieve in the application of digital, assuming that this reality does not even apply to their experiences. However, for tourists and visitors, and above all for the pilgrims who pass through the parish of Fontoura, it is essential to integrate digital systems that show the parish as a destination for travellers so that in the future, they can create the reality of staying overnight and exploring the area. As a result, we will have access to comments and evaluations to reflect the work in transforming a consumer-orientated offer. Therefore, for this research, even with a proposal for an infocommunication model applied to a digital platform, we will never forget the senior citizens who make the parish a collection of stories.

[153] To determine the suitable infocommunicational and collaborative techniques that may be implemented in the rural community of Fontoura, involving both local inhabitants and tourists. The objective is to establish a community-oriented and participatory model that effectively promotes the tourism context in the area.

A strategy was drawn up to identify[154], categorise[155], analyse[156] and develop[157] the community of Fontoura, according to academic sources that proved the need for research, especially in Communication Sciences, allows tourism to be designed to inform and communicate with low-literacy communities. Models were categorised to understand how we could get closer to an introverted and concentrated public and analyse an entire rural territory with different dimensions of offer for this research's collaborative and participatory effect. Finally, we have developed a model proposal to leverage the parish towards a digital and electronic offer, but more than that, to leverage the community for its social, cultural, historical and cognitive importance between its residents and the reality of rural communities. These are increasingly becoming links between urban and peri-urban territories for a logic of territorial equity regarding geographical areas, social and economic development, quality of life for all and the best destinations offer, people and stories.

From the outset of this research, we assumed the importance of two-way communication to project tourism in Fontoura. However, the research itself was just that, an ongoing acquaintance that took place between the researcher, the multidisciplinary guidance team, the community of Fontoura, with its residents, visitors and tourists, who passed through the streets of the parish and where, from time to time, a coffee conversation was created; and with the Fontoura Parish Council, which was always available. We can assume that, beyond the proposed infocommunication model, this research is a whole with a common goal: to inform and communicate local

[154] Identify the scholarly sources that discuss the infocommunication interaction in the rural community of Fontoura, specifically focusing on those with poor infocommunication literacy and lacking digital competencies. The purpose of this research is to propose an orientation model for InfoVis, which involves interactive and collaborative community mapping;

[155] Categorise the many modes of engagement in e-communication, community cooperation, and involvement within low-literacy rural areas like Fontoura;

[156] Analyse the diachronic and historical dimensions of Fontoura's growth to obtain a full understanding of the community's utilisation of infocommunication technologies and its participation in collaborative and participatory efforts;

[157] Develop an orientated collaborative Information Visualisation (InfoVis) guide model in a web format with free access. The primary objective is to promote e-tourism by highlighting the endogenous resources of Fontoura, including its natural, cultural, architectural, and cognitive aspects.

knowledge for a greater good, based on more than tourism, community, people or heritage.

Research Limitations

During the research process, some inconveniences arose during the pandemic, which led to a delay in the application of instruments to be carried out in physical format. There was a sense of "resistance to change" in the early stages of this research, which was gradually dispelled by the information provided to residents and the Parish Council as the research communication evolved.

Applying the instruments, whether questionnaires, interviews or focus groups, was one of the most complicated points to carry out with the Fontoura community. Even though the questionnaires were shared in analogue and digital form by the researcher and the parish council, only 35 responses were received over a full calendar year. For the interviews, unforeseen circumstances arose, including the disappearance of some people during the pandemic, which led to them being reorganised for residents and experts in the field. As for Story Time, it began with a proposal from an association in the parish, which, after being postponed three times, we opted for a fourth option: the researcher created a group of senior residents in the parish, making direct contact with them, so that we could obtain stories centred on the community and Fontoura's prospects.

Monitoring and testing with other territories was impossible at this research stage, although this research may be replicable and scalable for similar territories. Therefore, it is suggested that future work be planned to analyse and identify the best collaborative and participatory guidelines to consider in a specific rural territory similar to Fontoura to outline a more targeted and structured infocommunication model for application in rural communities.

Future (Research) Work

This research has unique characteristics that have allowed it to contribute to the Parish Council's ongoing future work and has much potential for future research. This could

include carrying out a post-doctoral study on a small scale in another rural and sparsely populated town to explore the potential for promoting collaborative and inclusive involvement in the cultural mapping of the territory. It is believed that areas equipped with user-centred technological solutions should attract more visitors, as they can improve community relations and quality of life.

In the future, further research and implementation of community mapping will undoubtedly contribute to advancing tourism and community development, paving the way for more inclusive and sustainable destinations. In short, community cartography is a transformative force that unites technology, culture and people in a collaborative journey towards a better future.

In collaboration with the Parish Council, we intend to continue developing and promoting sustainable tourism in the parish of Fontoura to preserve the local culture and improve everyone's quality of life by identifying and analysing new resources that may be discovered, such as the windmills mentioned during Story Time. Proposing new interviews and community meetings to understand what life was like for the residents of Fontoura through dances and historical events, such as the harvest.

Moving forward with the route of the mills, with storytelling by senior citizens, is a project to be developed: sketching and drawing will give way to imagination and the recreation of memories from yesteryear, where the story told can be associated with local knowledge and community flavours. Through exhibitions integrated into festival days, the narratives are recognised not only by the Fontoura community and its residents but also to reach new audiences. The process aims for strategies that are inclusive and respectful of local traditions and aspirations to help mitigate "resistance to change" and ensure that the good of the community is seen as a positive force for community development.

As a researcher and researcher fellow, it is clear to see how a research project has become a prospect for future work, with the need to take part in academic and professional events that will allow us to gain more comprehensive knowledge and perhaps apply for funding in the area from the *DigiMedia Research Centre*, or even from

the partnership with the University of Vigo. It is necessary to understand how territories at a global level understand the information and communication system as a whole to design and create more capable, inclusive, sustainable and responsive destinations. To transform the uniqueness of rural communities into moments and memories of territory for an entire world, full of opportunities and motivations to do more and better.

References

Abad, C. J. P. & Álvarez, J. F. (2020). Landscape as Digital Content and a Smart Tourism Resource in the Mining Area of Cartagena – La Unión (Spain). *Land, 9*(4), 1-21. https://doi.org/10.3390/land9040112

ADRIMINHO (2022). Apresentação. https://www.adriminho.pt/

Agapito, D., Valle, P., & Mendes, J. (2014). The sensory dimension of tourist experiences: Capturing meaningful sensory-informed themes in Southwest Portugal. *Tourism Management, 42,* 224-237. https://doi.org/10.1016/j.tourman.2013.11.011

Aguilar Solano, M. (2020). Triangulation and Trustworthiness – Advancing Research on Public Service Interpreting through Qualitative Case Study Methodologies. *FITISPos International Journal, 7*(1), 31-52. https://doi.org/10.37536/FITISPos-IJ.2020.7.1.249

Aldeias de Portugal (2022). *Aldeias de Portugal*. Facebook. https://www.facebook.com/AldeiasdePortugalATA/photos/

Allard-Poesi, F. & Perret, V. (2014). Fondements épistémologiques de la recherche. In R. A. Thietart (Ed.), *Méthodes de recherche en management* (pp. 14-46). Dunod. https://doi.org/10.3917/dunod.thiet.2014.01.0014

Aliyah, I., Setioko, B., & Pradoto, W. (2017). Spatial flexibility in cultural mapping of traditional market área in Surakarta (A case study of Pasar Gede in Surakarta). *City, Culture and Society, 10*, 41-51. https://doi.org/10.1016/j.ccs.2017.05.004

Almashhadani, M., Mishra, A., Yazici, A., & Younas, M. (2023). Challenges in Agile Software Maintenance for Local and Global Development: An Empirical Assessment. *Information, 14*(261), 1-15. https://doi.org/10.3390/info14050261

Almeida, M.C. (2017). Resiliência e Gestão de Risco no Turismo. Em F. Silva & J. Umbelino (Eds.), *Planeamento e Desenvolvimento Turístico,* pp. 105-120. Lidel – Edições Técnicas Lda.

Alvarado, L. & Garcia, M. (2008). Características más relevantes del paradigma sociocrítico: su aplicación en investigaciones de educación ambiental y de enseno de las ciencias realizadas en el Doctorado de Educación del Instituto Pedagógico de Caracas. *Sapiens – Revista Universitaria de Investigación, 9*(2), 182-202. http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=41011837011

Amr Saad, D. (2022). Rural Tourism. *International Journal of Modern Agriculture and Environment, 2*(1), 45-56. 10.21608/IJMAE.2023.214688.1001

AngloAmerican (2024). Community. https://finland.angloamerican.com/en/community

AppDevice (2022). *Mappa brings you the Maltese archipelago in one convenient map – Mappa Malta*. https://appadvice.com/app/mappa-malta/882513602

Aragona, S. (2021). Rural Areas as an Opportunity for a New Development Path. In A. Bisello, D. Vettorato, H. Haarstad, & J. Borsboom-van Buerden (Eds.), *Smart and Sustainable Planning for Cities and Regions*, SSPCR 2019, Green Energy and Technology. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-030-57332-4_23

Azevedo, R. & Adeodato, J. (2015). A comunidade como valor: de Aristóteles à Pós-Modernidade. *Revista do Curso de Direito da UNIABEU, Volume 5, n.º 1*, 43-56. https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/rcd/article/view/2319/1589

Bacsu, J. D., Viger, J., Johnson, S., Novik, N., & Jeffery, B. (2019). Rural Older Aldult's Perspectives of Activities to Support Cognitive Health. *Activities, Adaptation & Aging, 44*(3), 177-191. https://doi.org/10.1080/01924788.2019.1626203

Baldi, V. & Oliveira, L. (2013). Território hipermediatizado e convergência multilocalizadas: dialética entre terra e nuvens. Em P. Bieging & R.I. Busarello (Org.), *Experiências de consumo contemporâneo – pesquisas sobre mídia e convergência*, 28-46. Pimenta Cultura.

Banerjee, S. & Chua, A.Y.K. (2016). In search of patterns among travellers' hotel ratings in Trip Advisor. *Tourism Management,* 53, 125–131 https://doi.org/10.1016/j.tourman.2015.09.020

Barab, S. & Squire, K. (2004). Design-Based Research: Putting a Stake in the Ground. *Journal of the Learning Services, 13*(1), 1-14. https://doi.org/10.1207/s15327809jls1301_1

Bassano, C., Barile, S., Piciocchi, P., Spohrer, J. C., Iandolo, F., & Fisk, R. (2019). Storytelling about places: Tourism marketing in the digital age. *Cities, 87*, 10-20. https://doi.org/10.1016/j.cities.2018.12.025

Beeton, S. (2006). Community Development through Tourism. Land Links.

Belotti, S. (2019). "Sharing" tourism as an opportunity for territorial regeneration: the case of Iseo Lake, Italy. *Hungarian Geographical Bulletin, 68*(1), 79-91. https://doi.org/10.15201/hungeobull.68.1.6

Benavente, A. (1996). A Literacia em Portugal – Resultados de uma Pesquisa Extensiva e Monográfica. Fundação Calouste Gulbenkian.

Benckendorff, P., Moacardo, G., & Murphy, L. (2016). Contrasting online and onsite sampling methods: Results of visitor responses to a destination survey. *Travel and Tourism Research Association: Advancing Tourism Research Globally, 40*, 13-22. https://scholarworks.umass.edu/ttra/2007/Presented_Papers/40?utm_source=scholarworks.umass.edu%2Fttra%2F2007%2FPresented_Papers%2F40&utm_medium=PDF&utm_campaign=PDFCoverPages

Bender-Salazar, R. (2023). Design Thinking as an effective method for problem-setting and need-finding for entrepreneurial teams addressing wicked problems. *Journal of Innovation and Entrepreneurship, 12*(24), 1-23. https://doi.org/10.1186/s13731-023-00291-2

Best Tourism Villages (2023). Best Tourism Villages by UN Tourism. https://tourism-villages.unwto.org/en/

Bethune, E., Buhalis, D. & Miles, L. (2021). Value co-creation enhancing destination resilience through smartness. *Travel and Tourism Research Association: Advancing Tourism Research Globally, 6*. https://scholarworks.umass.edu/ttra/2021/grad_colloquium/6

Bibliotecas Abiertas (27 february, 2017). Parques Bibliotecas de Medellín, Lugares que transforman el espacio urbano. https://bibliotecasabiertas.com/2017/02/27/parques-bibliotecas-de-medellin-lugares-que-transforman-el-espacio-urbano/

Borges-Tiago, T., Veríssimo, J.M.C. & Tiago, F. (2022). Smart tourism: a scientometric review (2008-2020). *European Journal of Tourism Research, 30*, 1-18. https://doi.org/10.54055/ejtr.v30i.2593

Brailsford, S. C., Eldabi, E., Kunc, M., Mustafee, N., & Osorio, A. F. (2019). Hybrid simulation modelling in operational research: A state-of-the-art review. *European Journal of Operational Research, 278*(3), 721-737. https://doi.org/10.1016/j.ejor.2018.10.025

British Design Council (2023). Design Thinking – Double Diamond Model. https://www.designcouncil.org.uk/our-resources/the-double-diamond/

British Design Council (2015). Double Diamond Model. https://www.designcouncil.org.uk/our-mission/

Brown, T. (2010). *Design Thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias.* Elsevier.

Brown, G. & Kyttä, M. (2018). Key issues and priorities in participatory mapping: Toward integration or increased specialization? *Applied Geography, 95*, 1-8. https://doi.org/10.1016/j.apgeog.2018.04.002

Bryman, A. (2006). *Integrating quantitative and qualitative research: how is it done? Qualitative Research, 6*(1), 97-113. https://doi.org/10.1177/1468794106058877

Buhalis, D. (2020). Technology in tourism-from information communication technologies to eTourism and smart tourism towards ambiente intelligence: a perspective article. *Tourism Review*, Volume 75(1), 267-272. https://doi.org/10.1108/TR-06-2019-0258

Buhalis, D. (2019). Technology in tourism-from information communication technologies to eTourism and smart tourism towards ambient intelligence tourism: a perspective article. *Tourism Review, Vol. 75(1)*. https://doi.org/10.1108/TR-06-2019-0258

Buhalis, D. & O'Connor, P. (2015). Information Communication Technology Revolutionizing Tourism. *Tourism Recreation Research, 30*(5), 7-16. https://doi.org/10.1080/02508281.2005.11081482

Buhalis, D. & Michopoulou, E. (2013). Information Provision for Challenging markets: the case of the Accessibility Requiring Market in the Context of Tourism. *Information & Management, 50*, 229-239. https://doi.org/10.1016/j.im.2013.04.001

Buhalis, D. (2003). eTourism: Information technology for strategic tourism management. Essex: Pearson Educated Limited.

Buhalis, D. & Deimezi, R. (2004). eTourism developments in Greece: Information Communication Technologies adoption for the strategic management of the Gree tourism industry. *International Journal of Tourism na Hospitality Research*, 5 (2), 103-130. https://doi.org/10.1057/palgrave.thr.6040011

Buhalis, D. & Jun, S. H. (2011). E-Tourism. *Contemporary Tourism Reviews*. Goodfellow Publishers Ltd.

Buhalis, D. & Law, R. (2008). Progress in Information Technology and Tourism Management: Twenty Years on the 10 Years after the Internet – The State of eTourism research. *Tourism Management, 29*(4), 609-623. https://doi.org/10.1016/j.tourman.2008.01.005

Burini, F. (2017). Scattered tourism: community mapping for the promotion of eco-museums [Paper presentation]. 7th Annual International Conference on Tourism. https://www.academia.edu/115234977/Scattered_tourism_community_mapping_for_the_promotion_of_eco_museums?uc-sb-sw=37735083

Burgers, C., Brugman, B., & Boeynaems, A. (2019). Systematic literature reviews: Four applications for interdisciplinary research. *Journal of Pragmatics, 145*(2), 102-109. *http://dx.doi.org/10.1016/j.pragma.2019.04.004*

Burgos, A. & Mertens, F. (2016). As redes de colaboração no turismo de base comunitária: implicações para a gestão participativa. *Tourism & Management Studies, 12 (2)*, 18-27. http://dx.doi.org/10.18089/tms.2016.12203

Bursa, B. & Mailer, M. (2024). Challenges in surveying tourists' on-site activity and travel behavior. *Transportation Research Procedia, 76*, 96-107. http://dx.doi.org/10.1016/j.trpro.2023.12.041

Calado, F. & Springer, L. (2022). Contributions of Design Thinking in Inter and Transdisciplinary Communication, Research & Co-work Environment for Complex Problem Solving [Paper presentation]. *Proceedings of the 13th International Multi-Conference on Complexity, Informatics and Cybernetics, IMCIC* 2022, I (pp. 92-97). https://doi.org/10.54808/IMCIC2022.01.92

Calvi, L. & Hover, M. (2019). Storytelling for Mythmaking in Tourist Destinations. *Leisure Sciences, 43*(6), 630-643. https://doi.org/10.1080/01490400.2021.1908193

Caminha, C., Campos, F., & Correia, W. (2022, March 8-11). Qualitative Techniques and Design – Using Sequential and Thematic Analysis to Investigate Focus Group in the Problem's Exploration Phase. In M. Soares, F. Rebelo, & T. Ahram (Eds.), *Handbook of Usability and User Experience – Methods and Techniques* (pp. 83-106). CRC Press, Taylor & Francis Group. https://doi.org/10.1201/9780429343490

Cao, N. (2019). Storytelling and its effects on tourist experience. *Bachelor's Thesis, Degree Programme in Hospitality, Tourism and Experience Management*. University of Applied Sciences.

Castells, M. (2004). *Network Society – A Cross-cultural Perspective*. Edward Elgar Publishing Limited.

Castells, M. (2003). *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Revisão Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Zahar.

Castells, M. (2000). O poder da identidade. *A era da informação: economia, sociedade e cultura, volume 2*, 2 ed. Paz e Terra.

Castells, M. (1999). A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura, volume 1. Paz e Terra.

Castells, M. & Cardoso, G. (2005). A Sociedade em Rede – Do Conhecimento à Acção Política. Casa da Moeda.

Castro, A. (2010). *Valença do Minho – Terra, Gente e Património*. Empresa do Diário do Minho, Lda. ISBN: 978-989-95617-4.

Cebrián, F., & Sánchez, I. (2016). The landscape as a tourist resource and its impact in mountain areas in the south of Castilla-La-Mancha (Spain). *International Journal of Sustainable Development and Planning, 11*(3), 345–354. The landscape as a tourist resource and its impact in mountain areas in the south of Castilla-La-Mancha

Censos (2024). Censos 2021 – Resultados Definitivos. População. Valença, Fontoura. https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_dados_finais&xpid=CENSOS21&xlang=pt

Censos (2022). Censos 2021 Resultados Definitivos – Portugal. Instituto Nacional de Estatística I. P. https://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=585793364&att_display=n&att_download=y

Chawinga, W. D. & Zinn, S. (2016). Use of Web 2.0 by students in the Faculty of Information Science and Communication at Mzuzu University, Malawi. *South African Journal of Information Management, 18*(1). https://doi.org/10.4102/sajim.v18i1.694

Clements, M. L., Lagomasino, A., & Bates, B. R. (2022). Ethnography. In E. Y. Ho, C. L. Bylund, & J. C. M. van Weert (Eds.), *International Encyclopedia of Health*

Communication, (pp. 1-6). Wiley Blackwell. http://dx.doi.org/10.1002/9781119678816.iehc0787

Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2011). *Research Methods in Education*. 7th Edition. Routledge.

Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2007). *Research Methods in Education*. 6th Edition. Routledge.

Cohen, G. A. (1978). *Karl Marx's theory of history: A defence*. Oxford university Press.

Collins, A. Joseph, D., & Bielaczyc, K. (2004). Design Research: Theoretical and Methodological Issues. *Journal of Learning Issues, 13*(1), 15-42. https://doi.org/10.1207/s15327809jls1301_2

Collins-Kreiner, N. (2020). A review of research into religion and tourism Launching the Annals of Tourism Research Curated Collection on religion and tourism. *Annals of Tourism, 82*(C). https://doi.org/10.1016/j.annals.2020.102892

Correia, P. (2020). O poder de uma boa história: como usar o *storytelling* na estratégia de marketing do seu negócio. *Business Education for Smart Tourism, Turismo de Portugal*.

Costa, C., Bakas, F. E., Breda, Z., Durão, M., Carvalho, I., & Caçador, S. (2017). Gender, flexibility and the 'ideal tourism worker'. *Annals of Tourism Research, 64*, 64-75. https://doi.org/10.1016/j.annals.2017.03.002

Coutinho, C. (2011). Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática. Almedina S.A.

Creative City, Network of Canada (2010). *Legacy Now: Cultural Planning Toolkit*. https://www.creativecity.ca/wp content/uploads/2020/12/cultural_planning_toolkit.pdf

Creswell, J. W. (2009). Research Design – Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches. Third Edition. Sage Publications, Inc.

Csapó, J. (2012). The Role and Importance of Cultural Tourism in Modern Tourism Industry. Em Kasimoglu, M. & Aydin, H. (eds.). *Business, Management and Economics: Strategies for Tourism Industry – Micro and Macro Perspectives*, Chapter 10. ISBN 978-953-51-0566-4. https://www.intechopen.com/books/strategies-for-tourism-industry-micro-

and-macro-perspectives/the-role-and-importance-of-cultural-tourism-in-modern-tourism-industry

Cunha, L. (2017). *Turismo e Desenvolvimento*. Lidel – Edições Técnicas.

Cuomo, M. T., Tortora, D., Foroudi, P., Giordano, A., Festa, G., & Metallo, G. (2021). Digital transformation and tourist experience co-design: Big social data for planning cultural tourism. *Technological Forecasting and Social Change, 162*. https://doi.org/10.1016/j.techfore.2020.120345

Davey, N. G. & Benjaminsen, G. (2021). Telling Tales: Digital Storytelling as a Tool for Qualitative Data Interpretation and Communication. *International Journal of Qualitative Methods, 20*. https://doi.org/10.1177/16094069211022529

DeLeeuw, E. D. (2018). Mixed-Mode: Past, Present, and Future. *Journal of the European Survey Research Association, 12*(2). https://doi.org/10.18148/srm/2018.v12i2.7402

Denzin, N. K. (2004). The War on Culture, the War on Truth. *Cultural Studies - Critical Methodologies, 4*(2), 137-142. https://doi.org/10.1177/1532708603256627

Design Council (2024). *Framework for Innovation. Home – Our Resources*. https://www.designcouncil.org.uk/our-resources/framework-for-innovation/

Diário do Minho (2019, 20 January). *Património – Capelas XXI – Valença*. Diário do Minho.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2003). *Definição de Comunidade*. Lisboa: Temas & Debates, Instituto António Houaiss de Lexicografia – Portugal.

Di Pietro, L., Mugion, R. G., & Renzi, M. F. (2018). Heritage and identity: technology, values and visitor experiences. *Journal of Heritage Tourism, 12*(2), 97-103. https://doi.org/10.1080/1743873X.2017.1384478

Dolnicar, S. (2020). Survey research in tourism: a perspective paper. *Tourism Review, 75*(1), 20-23. https://doi.org/10.1108/TR-05-2019-0198

Duxbury, N. (2019). Cultural mapping, a new tool for community engagement and sustainability. Strengthening the Creative Economy and Culture Sector: Repositioning the Culture Sector to Secure Sustainable Development. The Eighth Meeting of Ministers of Culture and Highest Appropriate Authorities, Bridgetown, Barbados.

ECOTUMISMO (2022). *Las asociaciones de Turismo Rural Comunitario en América Latina*. https://www.ecotumismo.org/las-asociaciones-de-turismo-rural-comunitario-en-america-latina/

Eisenhardt, K. M. (2021). What is the Eisenhardt Method, really? *Strategic Organization, 19*(1), 147-160. https://doi.org/10.1177/1476127020982866

Elliot, S., Christy, K., & Xiao, S. (2023). Qualitative Research Design. In A. L. Nichols, & E. Edlund (Eds.), *The Cambridge Handbook of Research Methods and Statistics for the Social and Behavioral Sciences, Volume 1: Building a Program of Research* (pp. 420-440). Cambridge University Press. https://doi.org/10.1017/9781009010054.021

Elliot, V. (2018). The research interview: reflective practice and reflexivity in research processes. *International Journal of Research & Method in Education, 41*(2), 237-238. https://doi.org/10.1080/1743727X.2018.1425238

Emmendoerfer, M., Richards, G., Silva-Junior, A. C., & Mediotte, E. J. (2023). Turismo criativo e laboratórios de inovação para o desenvolvimento turístico no contexto pós-pandémico: Evidências e reflexões. *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos*, 1-13. https://doi.org/10.5281/zenodo.7726469

Engelhardt, R. A. (2005). Culturally and ecologically sustainable tourism development through local community management. In A. Hooper (Ed.), *Culture and Sustainable Development in the Pacific* (pp. 174-186). ANU E Press and Asia Pacific Press. https://library.oapen.org/bitstream/handle/20.500.12657/33782/1/458927.pdf#page=190

Escola Superior Agrária (2021, 05 August). Estratégia "Alto Minho 2030" apresentada em reunião ao Conselho Estratégico para o Desenvolvimento Intermunicipal do Alto Minho. *Alto Minho, Desafio 2030, Notícias*. http://www.desafio2030.altominho.pt/pt/noticias/estrategia-alto-minho-2030-apresentada-em-reuniao-do-conselho-estrategico-para-o-desenvolvimento-intermunicipal-do-alto-minho/

Eurisy (2020). *GeoSYS: developing a location-based community map for a bustling Malta*. Acting Collectively to Bridge Space and Society, Success Stories. https://www.eurisy.eu/stories/geosys-developing-a-locationbased-community-map-for-a-bustling-malta_195/

European Commission (2020). European School Education Platform. https://school-education.ec.europa.eu/en

Europe Direct (2023). *Minho – Área de Intervenção*. https://europedirectminho.ipca.pt/europedirectminho/localizacao-e-area-de-intervencao/

European Network for Rural Development [ENRD] (2022a). *About the ENRD - In Brief.* https://ec.europa.eu/enrd/about/brief_en.html

ENRD (2022b). *Networking – Stakeholder Involvement.* https://ec.europa.eu/enrd/networking/stakeholder-involvement_en.html

ENRD (2022c). *Projects & Practice – Diversification of rural activities in Borino, Bulgaria*. https://ec.europa.eu/enrd/projects-practice/diversification-rural-activities-borino-bulgaria_en.html

ENRD (2022d). *Projects & Practice – Armob – Mobile app to experience of ancient reality*. https://ec.europa.eu/enrd/projects-practice/armob-mobile-app-experience-ancient-reality_en.html

ENRD (2022e). *Projects & Practice – Promoting village tourism in Portugal.* *https://ec.europa.eu/enrd/projects-practice/promoting-village-tourism-portugal_en.html*

ENRD (2022f). *Projects & Practice – LEADER case study – A smart approach to cultural and natural heritage improvement.* https://ec.europa.eu/enrd/projects-practice/leader-case-study-smart-approach-cultural-and-natural-heritage-improvement_en.html

ENRD (2022g). *Projects & Practice – Bâti-Botte – Identification and promotion of local heritage to the wider public.* https://ec.europa.eu/enrd/projects-practice/bati-botte-identification-and-promotion-local-heritage-wider-public_en.html

ENRD (2022h). *Projects & Practice – It happens in Loco – Alto Minho Mountain.* *https://ec.europa.eu/enrd/projects-practice/it-happens-loco-alto-minho-mountain_en.html*

ENRD (2022i). *Projects & Practice – Smart ruralité Alpes-Provence-Verdon.* https://ec.europa.eu/enrd/projects-practice/smart-ruralite-alpes-provence-verdon_en.html

ENRD (2022j). *Projects & Practice – Restoration of small rural villages in the Media Valle del Tevere.* https://ec.europa.eu/enrd/projects-practice/restoration-small-rural-villages-media-valle-del-tevere_en.html

ENRD (2022k). *Projects & Practice – Purchase of 3D printing Equipment for Increasing Quality of Services to the Visually Impaired. https://ec.europa.eu/enrd/projects-practice/purchase-3d-printing-equipment-increasing-quality-services-visually-impaired_en.html*

ENRD (2020). Smart Villages and rural digital transformation. *Thematic Briefing, ENRD, Managing Authorities*, 1-8. https://enrd.ec.europa.eu/publications/smart-villages-and-rural-digital-transformation_en

ENRD (2019). *LEADER Thematic Lab – 'Working with Smart Villages' Agenda*, 1-2. https://enrd.ec.europa.eu/sites/default/files/w38_leader_smart-villages_agenda.pdf

ENRD (2018). Smart Villages – Revitalising Rural Services. https://ec.europa.eu/enrd/sites/default/files/enrd_publications/publi-enrd-rr-26-2018-en.pdf

Eusébio, C., Carneiro, M., Kastenholz, E., Figueiredo, E. & Silva, D. (2017). Who is consuming the countryside? Na activity-based segmentation analysis of the domestic rural tourism market in Portugal. *Journal of Hospitality and Tourism Management, 31,* 197-210. 10.1016/j.jhtm.2016.12.006

Ferreira, J. C. (2019, 20 January). Património – Capelas XXI, Valença. In Diário do Minho*, Suplemento Património* (pp. i-iv). Diário do Minho.

Ferreira, Â. & Ferreira, A. M. (2023). Strategic Design, Regenerative Economy and Resilient Rural Communities – The Creative Nature Hub. In D. Raposo, N. Martins, & D. Brandão (Eds.), *Human Dynamics and Design for the Development of Contemporary Societies* (pp. 49-56). AHFE 2023. http://doi.org/10.54941/ahfe1003532

Field, A. (2009). *Descobrindo a Estatística usando o SPSS*. 2.ª Edição. Artmed.

Flick, U., von Kardoff, W., & Steinke, I. (2004). *A Companion to Qualitative Research*. SAGE Publications.

Flores e Silva, Y. & Stello Farias, I. (2019). Turismo Comunitário Criativo: uma descrição da operacionalização de pesquisa na região do Algarve de 2017-2019. *Revista*

Turydes, Turismo y Desarrollo, 12(27). https://www.eumed.net/rev/turydes/27/turismo-algarve.html

Floridi, L. (2010). *Information. A Very Short Introduction*. Oxford University Press.

Fraenkel. J. R., Wallen, N. E. & Hyun, H. H. (2012). *How to design and evaluate research in education*. 8th Edition. McGraw-Hills.

Freitas, R. (2016). Cultural mapping as a development tool. *City, Culture and Society*, *7(1)*, 9-16. https://doi.org/10.1016/j.ccs.2015.10.002

Fun, F. S., Chiun, L. M., Songan, P. & Nair, V. (2014). The Impact of Local Communities' Involvement and Relationship Quality on Sustainable Rural Tourism in Rural Area, Sarawak. *The Moderating Impact of Self-efficacy. Procedia – Social and Behavioral Sciences, 144*, 60-65. https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2014.07.274

Furuwaka, T., Shirakawa, N. &, Okuwada, K. (2011). Quantitative analysis of collaborative and mobility networks. *Scientometrics, 87*(3), 451-466. http://dx.doi.org/10.1007/s11192-011-0360-7

Gájic, T., Petrovic, M. D., Radovanovic, M., Syromiatnikova, J. A., & Bajrami, D. D. (2021). Determining the Profile of Tourists as Users of Rural Tourism Product – Focus on a Developing Area)Vojvodina Province). *DETUROPE – The Central European Journal of Regional Development and Tourism, 13*(1), 39-57. https://www.deturope.eu/artkey/det-202101-0003_determinig-the-profile-of-tourists-as-users-of-rural-tourism-product-focus-on-a-developing-area-vojvodina-pr.php#:~:text=10.32725/det.2021.003

Gaiiouj, C. & Leroux, E. (2011). E-tourisme, innovation et modes d'organisation. *Management et Avenir*, *42,* 213-231. https://www.cairn.info/revue-management-et-avenir-2011-2-page-213.htm

Galeria da Casa Alta (2023). *Quinta da Casa Alta*. https://casaalta.pt/galeria/

García, M. G. (2022). Systematic Literature Review Applied to a Research Project. In M. Carrillo-Durán, & M. Pérez Pulido (Eds.), *Cases on Developing Effective Research Plans for Communication and Information Science* (pp. 45-60). IGI Global. https://doi.org/10.4018/978-1-6684-4523-5.ch003

GitBook (2022). Manual de Formação em Ciência Aberta. 7. Plataformas Colaborativas. https://open-science-training-handbook.github.io/Open-Science-Training-

Handbook_PT//02IntroducaoaCienciaAberta/07Plataformas_Colaborativas.html

Gonçalves, E., Guerra, R. & Pinheiro, A. (2020). Tourism, territory (s) and local development practices of participation and governance of the destination Minho (Portugal). *Proceedings of Cultural Sustainable Tourism (CTS) 2nd Editions*, *IEREK Press*, 73-74. https://drive.google.com/file/d/1WXSz81c7ApiZIbUktY3Id2OcpEJ6ug4x/view?usp=sharing

Goodfellow, L. T. (2023). An Overview of Survey Research. *Respiratory Care, 68*(9), 1309-1313. https://doi.org/10.4187/respcare.11041

Gössling, S. (2020). Technology, ICT and tourism: from big data to the big picture. Journal of Sustainable Tourism, 29(5), 849-858. https://doi.org/10.1080/09669582.2020.1865387

Goussios, D. & Faraslis, I. (2023). The Driving Role of 3D Geovisualisation in the Reanimation of Local Collective Memory and Historical Sources for the Reconstitution of Rural Landscapes. *Land, 12*(2). https://doi.org/10.3390/land12020364

Gretzel, U., Sigala, M., Xiang, Z. & Koo, C. (2015). Smart tourism: foundations and developments. *Electron Market, 25*, 179-188. https://doi.org/10.1007/s12525-015-0196-8

Hall, C. M. (2010). A citation analysis of tourism recreation research. *Tourism Recreation Research, 35*(3), 305-309. http://dx.doi.org/10.1080/02508281.2010.11081648

Hall, B. (2007). Stakeholders in rural tourism policy and planning: local access forums. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, (7/8), 95-100. https://doi.org/10.34624/rtd.v0i7/8.13743

Haartsen, T., Groote, P., & Huigen, P. P. P. (2003). Measuring age differentials in representations of rurality in The Netherlands. *Journal of Rural Studies, 19*(2), 245-252. https://doi.org/10.1016/S0743-0167(02)00045-1

Harris, M. (1968). *The rise of anthropological theory*. Thomas Y. Crowell.

Hartley, J. (2002). Communication, Culture and Media Studies – The Key Concepts. Routledge, Taylor & Francis Group.

Heleno, N., Brandão, F., & Breda, Z. (2021). Community-Based Tourism and Sustainable Development Development of Rural Territories. In F. Brandão, Z. Breda, R. Costa, & C. Costa (Eds.), *Handbook of Research on the Role of Tourism in Achieving Sustainable Development Goals* (pp. 193-213). IGI Global. https://doi.org/10.4018/978-1-7998-5691-7

Hillman, W. (2022). Interviews in Tourism Research. In D. Buhalis (Ed.), *Encyclopedia of Tourism Management and Marketing* (pp. 782-785). Elgar. https://doi.org/10.4337/9781800377486.interviews.in.tourism

Huertas, A. & Orden-Mejia, M. (2022). Do tourists seek the same information at destinations? Analysis of digital tourist information searches according to different types of tourists. *European Journal of Tourism Research, 21*, 1-22. https://doi.org/10.54055/ejtr.v32i.2492

Huertas, A., Moreno, A., & Pascual, J. (2021). Place Branding for Smart Cities and Smart Destinations: Do They Communicate Their Smartness. *Sustainability, 13*(19), 1-18. https://doi.org/10.3390/su131910953

IAPMEI (2016). Guia Explicativo para a Criação do Plano de Negócios e do seu Modelo Financeiro. IAPMEI – Agência para a Competitividade e Inovação, I.P. https://www.iapmei.pt/PRODUTOS-E-SERVICOS/Empreendedorismo-Inovacao/Empreendedorismo/Documentos-Financiamento/ComoElaborarPlanodeNegocioGuiaExplicativo.aspx

Instituto Nacional de Estatística [INE] (2022a). Regional Statistical Yearbooks – Regional and Municipal Statistical Data. Press Release. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_doc_municipios

INE (2022b). Censos em Portugal. Censos 2021. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_hist_pt&xpid=CENSOS

INE (2021). Conceito de Web. Lisboa: Concelho Superior de Estatística. https://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/11438?modal=1

INE (2017). *Conceito de Competência*. Lisboa: Concelho Superior de Estatística. https://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/10528?modal=1

INE (2016). *Conceito de Meio de Comunicação Digital*. Lisboa: Concelho Superior de Estatística. https://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/10227?modal=1

INE (2009a). *Conceito de Espaço de Ocupação Predominantemente Rural*. Lisboa: Concelho Superior de Estatística. https://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/6171?modal=1

INE (2009b). *Conceito de Comunidade Virtual*. Lisboa: Concelho Superior de Estatística. https://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/4617?modal=1

INE (2008). *Conceito de Turismo*. Lisboa: Concelho Superior de Estatística. https://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/5040?modal=1

INE (2001). *Conceito de Internet*. Lisboa: Concelho Superior de Estatística. https://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/11438?modal=1

IPDT Turismo & Consultoria (2020). *E-Book – Guia para a Retoma do Turismo*. IPDT. https://www.ipdt.pt/wp-content/uploads/2020/09/E-BOOK-guia-para-a-retoma-do-turismo_IPDT-1.pdf

Jamal, T. & Dredge, D. (2015). Progress in tourism planning and policy: A post-structural perspective on knowledge production. *Tourism Management, 51*, 285-297. https://doi.org/10.1016/j.tourman.2015.06.002

Jenkins, H. (2006). Convergence Culture, Where old and new media collide. New York University Press.

Kastenholz, E. & Figueiredo, E. (2014). Rural tourism experiences. Land, sense and experience-spaces in quest of new tourist spaces and sustainable community development. *Passos – Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, 12*(3), 511-514. www.pasosonline.org/Publicados/12314/PASOS38.pdf

Kazandzhieva, V. & Santana, H. (2019). E-tourism: definition, development and conceptual framework. *Tourism*, 67(4), pp 332-350.

Keskinen P., Arvila N., Winschiers-Theophilus H., & Nieminen, M. (2020). The Effect of Digital Community-Based Tourism Platform to Hosts' Livelihood. Junio D., Koopman C. (Eds.) *Evolving Perspectives on ICTs in Global Souths. IDIA 2020. Communications in Computer and Information Science*, *volume 1236*. Springer.

Khoo-Lattimore, C., Mura, P., & Yung, R. (2019). The time has come: a systematic literature review of mixed methods research in tourism. *Current Issues in Tourism, 22*(13), 1531-1550. https://doi.org/10.1080/13683500.2017.1406900

Kontogianni, A. & Alepis, E. (2020). Smart tourism: state of the art and literature review for the last six years. *Array*, *6*, 100020. https://doi.org/10.1016/j.array.2020.100020

Köseoglu, M. A., Rahimi, R., Okumus, F., & Liu, J. (2016). *Bibliometric studies in tourism. Annals of Tourism Research, 61*, 180-198. http://dx.doi.org/10.1108/ijchm-08-2013-0367

Krum, R. (2014). *Cool Infographics – Effective Communication with Data Visualisation and Design*. Wiley.

Kuhn, T. (1970). *The Structure of Scientific Revolution. Second Edition, Enlarged. Volumes I and II, Foundations of the Unity of Science*. The University of Chicago Press.

Kujur, P. & Chhetri, B. (2015). Evolution of World Wide Web: Journey from Web 1.0 to Web 4.0. *International Journal of Computer Science and Information Technologies, 6(1)*, 134-138.

Lake, D., Motley, P., Casner, M., & Flannery, K. (2022). Design thinking community health & well-being: Creating with and for community capacities. In D. Lockton, S. Lenzi, P. Hekkert, A. Oak, J. Sádaba, & P. Lloyd (Eds.), DRS2022 (pp.2-22). Spain. https://doi.org/10.21606/drs.2022.210

Lang, B., Kemper, J., Dolan, R., & Northey, G. (2020). Why do Consumers Become Providers? Self-determination in the Sharing Economy. *Journal of Service Theory and Practice, 32*(2). https://ssrn.com/abstract=4077373

Látková, P. & Vogt, C. A. (2012). Residents' Attitudes toward Existing and Future Tourism Development in Rural Communities. *Journal of Travel Research, 51*(1), 50-67. https://doi.org/10.1177/0047287510394193

LEDA-Partenariat Association [LDnet] (2022). LEADER 30 years celebration & conference. Events. https://ldnet.eu/leader-30-years-celebration-conference-30-11-3-12-21-halmstad-sweden/

Lee, H.M., & Smith, S.L.J. (2015). A visitor experience scale: Historic sites and museums. *Journal of China Tourism Research*, 11(3), 255-277. https://doi.org/10.1080/19388160.2015.1083499

Legendre, R. (1998). Dictionnaire actuel de l'éducation. Guérin.

Lewis, I. M. (2021). Arguments with ethnography: Comparative approaches to history, politics & religion. Routledge.

Lewrick, M., Link, P., & Leifer, L. (2018). The Design Thinking Playbook: Mindful Digital Transformation of Teams, Products, Services, Businesses and Ecosystems. Wiley.

Li, M., Bao, Z., Song, L., & Duh, H. (2016). Social-aware visualised exploration of tourist behaviours. *2016 International Conference on Big Data and Smart Computing (BigComp)*, 289-292. https://doi.org/10.1109/BIGCOMP.2016.7425930

Lima, M. (2011). Visual Complexity – Mapping Patterns of Information. Princeton Architectural Press.

Lima, M. (2009). *Information Visualisation Manifesto*. https://designmanifestos.org/manuel-lima-information-visualisation-manifesto/

Lopes, L. (2012). A Web como ferramenta para a construção da Inteligência Coletiva. *Dissertação de Mestrado em Informação, Comunicação e Novos Media*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Lopes, H.S., Remoaldo, P. C. Ribeiro, V. & Martín-Vide, J. (2021). Effects of the COVID-19 pandemic on tourist risk perceptions – the case study of Porto. *Sustainability, 13(11)*, 1-29. https://doi.org/10.3390/su13116399

LORD, Cultural Resources (2009). *Ontario Cultural and Heritage Tourism Product Research Paper*. Ontario: Queen´s Printer. ISBN 978-1-4249-8939-3.

Loureiro, S.M.C. (2014). The role of the rural tourism experience economy in place attachment and behavioral intentions. *International Journal of Hospitality Management*, *40*, 1-9. https://doi.org/10.1016/j.ijhm.2014.02.010

Luke, M. & Goodrich, K. M. (2019). Focus Group Research: An Intentional Strategy for Applied Group Research? *The Journal for Specialists in Group Work, 44*(2), 77-81. https://doi.org/10.1080/01933922.2019.1603741

Mahato, S. S., Phi, G. T., & Prats, L. (2021). Design thinking for social innovation: Secrets to success for tourism social entrepreneurs. *Journal of Hospitality and Tourism Management, 49*, 396-406. https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2021.10.010

Manovich, L. (2011). Trending: The Promises and the Challenges of Big Social Data. In M. K. Gold (Ed.), *Debates in the Digital Humanities*. The University of Minnesota Press. http://manovich.net/index.php/projects/trending-the-promises-and-the-challenges-of-big-social-data

Maptionnaire (2023). A Comprehensive Guide to Community Mapping for Planning Professionals. Advice. https://www.maptionnaire.com/blog/guide-to-community-mapping-for-planning

Marusic, Z., Sever, I., & Corak, S. (2017). Identifying Trends in Tourism Demand Using Longitudinal Survey. In L. Dwyer, R. Tomljenovic, & S. Corak (Eds.), *Evolution of Destination Planning and Strategy* (pp. 221-243). Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1007/978-3-319-42246-6_11

Maquera, G., Costa, B. B. F., Mendoza, Ó., Salinas, R. A., & Haddad, A. N. (2022). Intelligent Digital Platform for Community-Based Rural Tourism – A Novel Concept Development in Peru. *Sustainability, 14(*3), 7907. https://doi.org/10.3390/su14137907

Martela, F., Greve, B., Rothstein, B., & Saari, J. (2020). The Nordic Exceptionalism: What Explains Why the Nordic Countries are Constantly Among the Happiest in the World. In *World Happiness Report 2020* (pp. 128-146). Sustainable Development Solutions Network. https://worldhappiness.report/ed/2020/the-nordic-exceptionalism-what-explains-why-the-nordic-countries-are-constantly-among-the-happiest-in-the-world/

Mateiro, B. (2018). Marketing sensorial: na otimização da experiência turística. *Revista de Turismo e Desenvolvimento*, (29), 137-149. https://doi.org/10.34624/rtd.v0i29.1714

Mathisen, L. (2018). Storytelling in a co-creation perspective. In N. K. Prebensen, J. S. Chen, & M. S. Uysal (Eds.), Creating experience value in tourism, 2nd Edition (pp. 137-147). CABI International. https://doi.org/10.1079/9781786395030.0137

McKenny, S. & Reeves, T. C. (2012). Educational Design Research. In J. Spector, M. Merrill, J. Ellen, & M. Bishop (Eds.), *Handbook of Research on Educational Communications and Technology* (pp. 131-140). Springer. https://doi.org/10.1007/978-1-4614-3185-5_11

McNaughton, M. (2016). Open Data and Community Tourism: A strategy for empowering local communities. *Paper presented at the Third International Tourism Conference*, Jamaica, November 9-11. http://ocs.msbm-uwi.org/index.php/itc/index/pages/view/abstract-mcnaughton

McNaughton, M., Rao, L. & Verma, S. (2020). Building smart communities for sustainable development: Community tourism in Treasure Beach Jamaica. *Worldwide*

Hospitality and Tourism Themes, Volume 12 (3), 337-352. https://doi.org/10.1108/WHATT-02-2020-0008

Mehraliyev, F., Choi, Y., & Köseoglu, M. A. (2019). Progress in smart tourism research. *Journal of Hospitality and Tourism Technology, 10*(4), 522-538. Emerald Publishing Limited. http://dx.doi.org/10.1108/JHTT-08-2018-0076

Mei, X. Y., Hagensen, A-M. D., & Kristiansen, H. S. (2020). Storytelling through experience scape: Creating unique stories and extraordinary experiences in farm tourism. *Tourism and Hospitality Research, 20*(1), 93-104. https://doi.org/10.1177/1467358418813410

Miller, J. B., Wong, C. G., Caldwell, J. Z. K., Rodrigues, J., Pudumjee, S., John, A. E., & Ritter, A. (2023). Cognitive aging in rural communities: preliminary memory characterization of a community cohort from Southern Nevada. *Frontiers in Dementia, 2*, 1-10. https://doi.org/10.3389/frdem.2023.1236039

Milheiro, E. Eusébio, C., & Kastenholz, E. (2014). Turismo e desenvolvimento económico em territórios rurais: uma revisão da literatura. *Revista de Turismo e Desenvolvimento, 4*(2), 133-145. https://doi.org/10.34624/rtd.v4i21/22.12275

Minha Terra (2022). LEADER – PDR 2020. http://leader2020.minhaterra.pt/leader-pdr2020.T223.php

Molina-Azorín, J. F. & Font, X. (2016). Mixed methods in sustainable tourism research: An analysis of prevalence, designs and application in JOST (2005-2014). *Journal of Sustainable Tourism, 24*(4), 549-573. https://doi.org/10.1080/09669582.2015.1073739

Mora Forero, J. A. & Saavedra, J. A. (2022). Community-based tourism as an approach to a solidarity economy. *Proceedings of the 18th European Conference on Management Leadership and Governance, 18*(1), 340-346. https://doi.org/10.34190/ecmlg.18.1.717

Moran Jackson, K., Pukys, S., Castro, A., Hermosura, L., Mendez, J., Vohra-Gupta, S., Padilla, Y., & Morales, G. (2018). Using the transformative paradigm to conduct a mixed methods needs assessment of marginalized community: Methodological lessons and implications. *Eval Program Plann, 66*, 111-119. https://doi.org/10.1016/j.evalprogplan.2017.09.010

Morgan-Trimmer, S., & Wood, F. (2016). Ethnographic methods for process evaluations of complex health behaviour interventions. *Trials, 17*(1). https://doi.org/10.1186/s13063-016-1340-2

Moscardo, G. (2021). The story turn in tourism: forces and futures. *Journal of Tourism Futures, 7*(2), 168-173. https://doi.org/10.1108/JTF-11-2019-0131

Moscardo, G. (2020). Stories and design in tourism. *Annals of Tourism Research, 83*, 102950. https://doi.org/10.1016/j.annals.2020.102950

Munar, A. M. & Jamal, T. (2016). What are paradigms for? In A. Maria Munar, & T. Jamal (Eds.), *Tourism Research Paradigms: Critical and Emergent Knowledges* (pp.1-16). Chapter 1. Emerald Group Publishing Limited. http://dx.doi.org/10.1108/S1571-504320150000022020

Münster, S., Apollonio, F. I., Bell, P. Kuroczynski, P., Di Lenardo, I., Rinaudo, F., & Tamborino, R. (2019). Digital Cultural Heritage meets Digital Humanities. In *International Archives of Photogrammetry, Remote Sensing and Spatial Information Sciences* (pp. 813-820). 27th CIPA International Symposium. https://dx.doi.org/10.5194/isprs-archives-XLII-2-W15-813-2019

Murphy, P. E. (1985). *Tourism: A Community Approach*. Volume 4. Routledge Taylor & Francis Group.

Mwesiumo, D., Halfdanarson, J. & Shlopak, M. (2022). Navigating the early stages of a large sustainability-oriented rural tourism development project: Lessons from Træna, Norway. *Tourism Management, 89*, 1-11. https://doi.org/10.1016/j.tourman.2021.104456

Naef, P. (2018). Touring the '*comuna*': memory and transformation in Medellin, Colombia. *Journal of Tourism and Cultural Change, 16*(2), pp 173–190. https://doi.org/10.1080/14766825.2016.1246555

National Storytelling Network (2022). Home. https://storynet.org/

Nepal, S. (2007). Tourism and rural settlements Nepal's Annapurna region. *Annals of Tourism Research, 34*(4), 855-875. https://doi.org/10.1016/j.annals.2007.03.012

Neuhofer-Rainoldi, B. (2014). The technology enhanced tourist experience. Em Baggio, R. *et al.*, (eds.). *Information and Communication Technologies in Tourism 2014*, *eProceedings of the ENTER 2014 PhD Workshop in Dublin*, 90-96. https://core.ac.uk/download/pdf/42142121.pdf

Neuman, W. L. (2006). Social research methods qualitative and quantitative approach. 6th Edition. Pearson.

Neves, P. (2011). A Terra em Interface: o Paradigma do Mapa para o Século XXI. *Dissertação de Mestrado*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. https://run.unl.pt/handle/10362/7211

Neville, S., Napier, S., Adams, J., Shannon, K., & Clair, V. W.S. (2021). Older people's views about ageing well in rural community. *Ageing and Society, 41*(11), 2540-2557. https://doi.org/10.1017/S0144686X20000458

New York University (2022). *GOVLAB – Jamaica's Interactive Community Mapping: Open Data and Crowdsourcing for Tourism*. Open Data for Developing Economies Case Studies. Tandon School of Engineering. https://odimpact.org/case-jamaicas-interactive-community-mapping.html

Noti, E. (2013). Web 2.0 and the ITS influence in the tourism sector. *European Scientific Journal, ESJ, 9(20)*, 115-123. https://doi.org/10.19044/esj.2013.v9n20p%25p

O´Connor, P. (2008). User-Generated Content and Travel: A Case Study on Tripadvisor.Com. In P. O'Connor, W. Höpken, & U. Gretzel (Eds.), *Information and Communication Technologies in Tourism*. Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-211-77280-5_5

O´Connor, P. (1999). Cutting out the middleman! Tourism and the Internet. In P. O'Connor (Ed.), *Electronic information distribution in tourism and hospitality* (pp. 97-135). CABI Digital Library.

ODS Rural Labs (2021). *Los ODS Rural Labs durante la pandemia*, Enero 24. https://www.odsrurallabs.com/los-ods-rural-labs-durante-la-pandemia/

OECD (2014). 2014 Report on the Implementation of the OECD Strategy on Development. *Meeting of the OECD Council at Ministerial Level*, 6-7 May. Paris. https://www.oecd.org/mcm/C-MIN%282014%2914-ENG.pdf

Onitsuka, K., Ninomiya, K., & Hoshino, S. (2018). Potential of 3D Visualisation for Collaborative Rural Landscape Planning with Remote Participants. *Sustainability, 10*(9). https://doi.org/10.3390/su10093059

O'Reilly, T. (2009) What Is Web 2.0: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software. *Communications & Strategies, 65*, 17-37. http://mpra.ub.uni-muenchen.de/4578/

Ortega-Nuere, C. & Bayón, F. (2015). Cultural Mapping and Urban Regeneration: Analyzing Emergent Narratives about Bilbao. *Culture and Local Governance, 5(1-2)*, https://doi.org/10.18192/clg-cgl.v5i1-2.1455

Paillé, P. (2006). Qui suis-je pour interpréter? Chapitre 5. In P. Paillé (Ed.), *La méthodologie qualitative: Postures de recherche et du travail de terrain* (pp. 99-123). Armand Colin. https://doi.org/10.3917/arco.paill.2006.01.0099

Paiva, D., Carvalho, L., Brito-Henriques, E., Sousa, A. M., Soares, A. L. & Azambuja, S. T. (2023). Digital storytelling and hopeful last chance tourism experiences. *Tourism Geographies, 25(*5), 1428-1444. https://doi.org/10.1080/14616688.2023.2224043

Parker, G., Alstyne, M. & Choudary, S. (2016). *Platform Revolution – How networked markets are transforming the economy and how to make them work for you*. W.W. Norton & Company, Inc. ISBN 978-0-393-24912-5 (e-book).

Passarelli, B., Silva, A. M. & Ramos, F. (2014). *e-Infocomunicação – estratégias e aplicações*. São Paulo: Editora Senac.

Patton, M. Q. (2002). *Qualitative Research & Evaluation Methods*. 3rd Edition. Sage Publications, Inc.

Pelletier, C. A., Pousette, A., Ward, K., & Fox, G. (2020). Exploring the perspectives of community members as research partners in rural and remote areas. Research Involvement and Engagement, 6(3), 1-10. https://doi.org/10.1186/s40900-020-0179-6

Pétrovic, M. D., Blésic, I., Vujko, A., & Gajic, T. (2017). The role of agritourism's impact on the local community in a transitional society: A report from Serbia. *Transylvanian Review of Administrative Sciences, 13*(50), 146-163. https://rtsa.ro/tras/index.php/tras/article/viewFile/516/505

Piet Mondrian Organization (2023). *Selected Piet Mondrian Painting – Victory Boogie-Woogie, 1944*. https://www.piet-mondrian.org/victory-boogie-woogie.jsp

Piciocchi, P., Bassano, C., Sigliccolo, M, & Paduano, E. (2011). Place Storytelling as Strategic Communication to Enhance the Competitiveness of Local Tourism Service Systems. An Analysis of Some Case Studies. *UniSa – IRIS Institutional Research Information System*. https://www.iris.unisa.it/handle/11386/3881414

Polit-Dueñas, G. (2013). *Narrating narcos: Culiacán and Medellín.* University of Pittsburgh Press.

Poon, A. (1993). Tourism, Technology and Competitive Strategies. CAB International.

Portugal 2020 (2022). PDR 2020 – Programa de Desenvolvimento Rural 2014-2020. http://www.pdr-2020.pt/

Prahalad, C. K. & Ramaswamy, V. (2004). Co-creating unique value with customers. *Strategy & Leadership, 32*(3), 4-9. https://doi.org/10.1108/10878570410699249

Punch, F. K. (2009). *Introduction to research methods in education*. Sage Publications, Inc.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva.

Ramos, C. (2014). Aristóteles e o sentido político da comunidade ante o Liberalismo. *Kriterion, 129,* 61-77.

Ramos, C. & Rodrigues, P. (2011). Os efeitos da Internet na actividade turística. *Revista GEINTEC – Gestão, Inovação e Tecnologias*, 1 (2), 64-83. https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/1094/1/2011_GEINTEC_Brasil.pdf

REDTURS (2022). *REDTURS - Red de Turismo Sostenible Comunitario para América Latina.* https://webapps.ilo.org/public/spanish/knowledgefair/download/policy/1_3.pdf

Reim, W., Andersson, E., & Eckerwall, K. (2022). Enabling collaboration on digital platforms: a study of digital twins. International Journal of Production Research, 61(12), 3926-3942. https://doi.org/10.1080/00207543.2022.2116499

Remoaldo, P. & Jelincic, D. A. (2022). Creative Tourism: What is the role of urban and rural territories? In P. Remoaldo, J. Alves, & V. Ribeiro, *Creative Tourism and Sustainable Territories* (pp. 35-70). Emerald Publishing Limited. https://doi.org/10.1108/978-1-80262-681-020221004

República Portuguesa (2020). *PRR – Plano de Recuperação e Resiliência - Recuperar Portugal 2020-2026 - Plano Preliminar*. Lisboa: República Portuguesa. portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/documento?i=plano-de-recuperacao-e-resiliencia-recuperar-portugal-2021-2026-plano-preliminar

República Portuguesa (2019). *Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território, Lei n.º 99/2019, 5 de setembro de 2019*. http://pnpot.dgterritorio.gov.pt/sites/default/files/SQ_Vconc_PNPOT_0.pdf

República Portuguesa (2016). *Programa Nacional para a Coesão Territorial.* Resolução de Conselho de Ministro nº 76/2016, de 24 de novembro, 1.ª série — N.º 226 — 24 de novembro de 2016. https://files.dre.pt/1s/2016/11/22600/0415404190.pdf

Rheingold, H. (2008). Using Participatory Media and Public Voice to Encourage Civic Engagement. In W. Lance Bennet (Ed.), *Civic Life Online: Learning How Digital Media Can Engage Youth* (pp. 97-118). The MIT Press. 10.1162/dmal.9780262524827.097

Richards, G. (2017). Eventful cities: Strategies for event-based urban development. In J. Hannigan, & G. Richards (Eds.), *SAGE Handbook of New Urban Studies, Chapter 4* (pp. 43-60). SAGE.

Richards, G. (2009). Tourism development trajectories – From culture to creativity? Paper: *Asia-Pacific Creativity Forum on Culture and Tourism*, Jeju Island, Republic of Korea. http://www.tram-research.com/atlas/APC%20Paper%20Greg%20Richards.PDF

Richards, G. (2003). New directions for Cultural Tourism? Issue 2. UNWTO Seminars. https://www.e-unwto.org/doi/epdf/10.18111/unwtoseminars.2003.2.h683454637147v5p?role=tab

Rid, W., Ezeuduji, I. O., & Probstl-Haider, U. (2014). Segmentation by motivation for rural tourism activities in The Gambia. *Tourism Management, 40*(C), 102-116. https://doi.org/10.1016/j.tourman.2013.05.006

Richter, C., Kraus, S., Brem, A., Durst, S., & Giselbrecht, C. (2017). Digital entrepreneurship: innovative business models for the sharing economy. *Creativity and Innovation Management, 26 (3),* 300-310. https://doi.org/10.1111/caim.12227.

Robbins, T. (2015). *What do you Believe? 16 Limiting Beliefs that are Preventing you from Thriving*. Robbins Research International, Inc. https://www.tonyrobbins.com/wp-content/uploads/2016/09/Limiting-Beliefs.pdf

Rodríguez Díaz, P. et al. (2022). The Future of Rurality: Place Attachment among Young Inhabitants of Two Rural Communities of Mediterranean Central Chile. *Sustainability, 14*(1), 546. https://doi.org/10.3390/su14010546

Ruiz-Ballesteros, E. (2022). What community for community-based tourism? *Current Issues in Tourism, 26*(16), 2664-2677. https://doi.org/10.1080/13683500.2022.2091982

Rural Health Value (2023). Rural Community Engagement Resource Guide. In *Related Links: Tools & Resources*. https://ruralhealthvalue.public-health.uiowa.edu/TnR/Community.php

Ryoo, J., Kim, H., & Das, S. R. (2012). Geo-fencing: Geographical-fencing based energy-aware proactive framework for mobile devices. *IEEE 20th International Workshop on Quality of Service*, 1-9. https://doi.org/10.1109/IWQoS.2012.6245993

Sá, P., Costa, A. P., & Moreira, A. (Coords.). (2021). *Reflexões em torno de Metodologias da Investigação: recolha de dados* (volume 2). UA Editora, Universidade de Aveiro. http://dx.doi.org/10.34624/ka02-fq42

Saunders, M., Lewis, P., & Thornhill, A. (2016). *Research Methods for Business Students. 7th Edition*. Pearson.

Schroeder, A. & Pennington-Gray, L. (2014). The Role of Social Media in International Tourist's Decision Making. *Journal of Travel Research, 54 (5*), 584-595. https://doi.org/10.1177/0047287514528284

Schvingel, C., Giongo, I. M., & Munhoz, A. V. (2017). Grupo Focal: Uma Técnica de Investigação Qualitativa. *Debates em Educação, 9*(19), 92-106. https://doi.org/10.28998/2175-6600.2017v9n19p91

Sciberras, M. & Dingli, A. (2023). Quantitative Research. In M. Sciberras, & A. Dingli, (Eds.), *Investigating AI Readiness in the Maltese Public Administration*, *Lecture Notes in Networks and Systems* (pp. 43-115). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-031-19900-4

Segel, E. & Heer, J. (2010). Narrative Visualisation:Telling Stories with Data. IEEE *Transactions on Visualisation and Computer Graphics, 16*(6), 1139-1148. https://doi.org/10.1109/TVCG.2010.179

Selvanathan, M., Jayabalan, N., Saini, G. K., Supramaniam, M., & Hussin, N. (2020). Employee Productivity in Malaysian Private Higher Educational Institutions.

PalArch's J. Archaeol. Egypt/Egyptol., 17, 66–79. http://dx.doi.org/10.48080/jae.v17i3.50

Serra, J. (2008). As Tecnologias de Informação e Comunicação no Turismo – a emergência do e-tourism. *SOC – Publicações – Capítulos e Livros,* 21-31.

Sharp, H., Rogers, Y. e Preece, J. (2019). *Interaction design: beyond human-computer interaction*. John Wiley & Sons.

Sheldon, P. (1997). *Tourism Information Technology*. CAB International.

Shirky, C. (2008). Here Comes Everybody: The Power of Organizing without Organizations. In A. Knerr & Associates (Eds.), *Strategy Matters, 4* (pp. 7-8). https://akastrategy.com/wp-content/uploads/2017/05/AKA_SM4_2008.pdf

Silva, A. M. (2006). A Informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico. Edições Afrontamento.

Silva, J. & Hespanhol, R. (2016). Discussão sobre Comunidade e características das Comunidades Rurais no Município de Catalão (GO). *Sociedade & Natureza, Uberlândia, 28(3), 361-374*. https://www.scielo.br/j/sn/a/Z6GhsmgCyPygSPDvKr3YTZM/?lang=pt

Silva, M. & Raposo, R. (2023). Designing a Framework for Rural Community-Based Collaborative Mapping: The Fontoura Project. *Proceedings of the 6th International Conference on Tourism Research, 6*(1). https://doi.org/10.34190/ictr.6.1.1331

Silva, M., Raposo, R., & Martínez-Rólan, X. (2024). Community and Tourist's Perceptions as Contributions to Rural Destination Development: The Fontoura Collab Framework Pilot. In A. Abreu, J. V. Carvalho, P. Liberato, & H. C. Monroy (Eds.), *Advances in Tourism, Technology and Systems, ICOTTS2023. Smart Innovation, Systems and Technologies* (pp. 387-397). Springer. https://doi.org/10.1007/978-981-99-9765-7_33

Sinek, S. (2024). Simon Says – A Collection of Quotes from Simon Sinek. https://simonsinek.com/quotes/

Singh, E., Milne, S., & Hull, J. (2012). Use of mixed-methods case study to research sustainable tourism development in South Pacific SIDS. In K. F. Hyde, C. Ryan, & A. G. Woodside (Eds.), *Field Guide to Case Study Research in Tourism, Hospitality and Leisure (Advances in Culture, Tourism and Hospitality Research, Vol. 6)* (pp.

457-478). Emerald Group Publishing Limited. https://doi.org/10.1108/S1871-3173(2012)0000006028

Singh, V. & Tomar, R. (2023). The role of Storytelling as an analytical tool in scientific research. *Proceedings of the Design Society, 3*, 3486-3492. https://doi.org/10.1017/pds.2023.349

Skift (2023). Destination Storytelling 2020: A Guide to telling Great Stories. https://skift.com/destination2020/

Soigné, C. (2014). A utilização de smartphones numa experiência turística em Portugal: estudo sobre a participação nos media sociais através de aplicações para dispositivos móveis. *Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro*. https://ria.ua.pt/handle/10773/12701

Stalmirska, A. M. & Camprubí, R. (2022). Conducting a Systematic Qualitative Content Analysis in Hospitality and Tourism Research. In F. Okumus, S. M. Rasoolimanesh, & S. Jahani (Eds.), *Contemporary Research Methods in Hospitality and Tourism* (pp. 127-141). Emerald Publishing Limited. https://doi.org/10.1108/978-1-80117-546-320221009

Stoecker, R. & Witkovsky, B. (2023). Elder Civic Engagement and Rural Community Development. *Ageing International, 48*, 526-546. https://doi.org/10.1007/s12126-022-09488-4

Strijker, D., Bosworth, G., & Bouter, G. (2020). Research methods in rural studies: Qualitative, quantitative and mixed methods. *Journal of Rural Studies, 78*, 262-270. https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2020.06.007

Su, B. (2011). Rural tourism in China. *Tourism Management, 23*(6), 1436-1441. 10.1016/j.tourman.2010.12.005

Synder, H. (2023). Designing the literature review for a strong contribution. *Journal of Decision Systems*, 1-8. https://doi.org/10.1080/12460125.2023.2197704

Tashakkori, A. & Teddlie, C. (2010). *SAGE Handbook of Mixed Methods in Social & Behavioral Research*. SAGE Publications, Inc. https://doi.org/10.4135/9781506335193

Thomas, C. G. (2021). *The Literature Review. In Research Methodology and Scientific Writing*. Springer. https://www.doi.org/10.1007/978-3-030-64865-7_10

Tosun, C. (2006). Expected nature of community participation in tourism development. *Tourism Management, 27*(3), 493-504. https://doi.org/10.1016/j.tourman.2004.12.004

Tung, V. W. S., & Ritchie, J. R. B. (2011). Exploring the essence of memorable tourism experiences. *Annals of Tourism Research, 38(4)*, 1367–1386. https://doi.org/10.1016/j.annals.2011.03.009

Turismo de Portugal, I.P. (2021). *Plano de Ação Reativar o Turismo | Construir o Futuro. Turismo de Portugal.* https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/documento?i=reativar-turismo-construir-futuro-plano-de-acao

Turisol (2022). *A Rede Brasileira de Turismo Sustentável e Comunitário*. https://turisol.wixsite.com/redeturisol/sobre

Tussyadiah, I. & Fesenmaier, D. R. (2009). Mediating Tourist Experiences: Access to Places via Shared Videos. *Annals of Tourism Research, 26*, 24-40. http://dx.doi.org/10.1016/j.annals.2008.10.001

Tutenges, S. (2012). Nightlife tourism: A mixed methods study of young tourists at an international nightlife resort. *Tourist studies, 12*(2), 131-150. https://doi.org/10.1177/1468797612454250

UNESCO (2021). Culture – Protecting our heritage and fostering creativity. https://www.unesco.org/en/culture

UNESCO (2019). *Digital skills critical to jobs and social inclusion. News*. https://en.unesco.org/news/digital-skills-critical-jobs-and-social-inclusion

UNESCO, Global Network of Learning Cities (n.d.). *Strategy 2021-2023*. https://uil.unesco.org/sites/default/files/doc/lifelong-learning/cities/5th-conference/gnlcstrategy2021_2023_en.pdf

United Nations (n.d.). *Promoting Accessible Tourism for All – Social Development Issues*. https://social.desa.un.org/issues/disability/disability-issues/promoting-accessible-tourism-for-all

Universidade de Aveiro (2022). *Projeto CeNTER – Redes e Comunidades para a Inovação Territorial*. DigiMedia. http://center.web.ua.pt/

Universidade de Aveiro (2022). *Projeto LOCUS – playfyL cOnneCted rUral territorieS*. DigiMedia. https://locusproject.pt/

Universidade de Aveiro (2022). *GOVCOPP – Research Unit in Governance, Competitiveness and Public Policies.* https://govcopp.ua.pt/

Utibe, T. (2020). Impacts of Interview as Research Instrument of Data Collection in Social Sciences. *Journal of Digital Art & Humanities, 1*(1), 15-24. https://doi.org/10.33847/2712-8148.1.1_2

Vaezi, H., Moonaghi, H. K., & Golbaf, R. (2019). Design-Based Research: Definition, Characteristics, Application and Challenges. *Journal of Education in Black Sea Region, 51*(1), 26-35. https://doi.org/10.31578/jebs.v5i1.185

Vaishar, A. & Stastna, M. (2020). Impact of the COVID-19 pandemic on rural tourism in Czechia Preliminary considerations. *Current Issues in Tourism, 25(2)*, 187-191. https://doi.org/10.1080/13683500.2020.1839027

Vialle, W., Lysaght, P., & Verenikina, I. (2005). *Psychology for Educators*. Cengage Learning Australia.

Villa, D. (2015). Crowdsourced Heritage Tourism Open-Data, Small Data and e-Participatory Practices as Innovative Tools in Alps Cultural Heritage: Information Technology and e-Tourism. In V. Katsoni (Ed.), *Cultural Tourism in a Digital Era* (pp. 229-230). Springer.

Viriato Capela, J. (2003). *Valença nas Memórias Paroquiais de 1758*. Câmara Municipal de Valença. ISBN 972-97397-6-5.

Volkmann, P. (2018) The Role of Library Parks as Places of Learning and Culture in the Transformation of the Learning City of Medellín, Colombia. https://www.academia.edu/43745805/The_Role_of_Library_Parks_as_Places_of_Learning_and_Culture_in_the_Transformation_of_the_Learning_City_of_Medell%C3%ADn_Colombia

von Thienen, J. P. A., Clancey, W. J., Corazza, G. E., & Meinel, C. (2018). Theoretical Foundation of Design Thinking. Part I: John E. Arnold's Creative Thinking Theories. In H. Plattner, C. Meinel, & L. Leifer (Eds.), *Design Thinking Research*, Understanding Innovation (pp. 13-40). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-319-60967-6_2

Wallen, R. J. & Fraenkel, E. N. (2009). *How to Design and Evaluate Research in Education*. 7th Edition. McGraw-Hills.

Wang, W., Bryan-Kinns, N., & Ji, T. (2016). Using community engagement to drive co-creation in rural China. *International Journal of Design, 10*(1), 37-52. https://www.ijdesign.org/index.php/IJDesign/article/view/2458/726

Wang, W., Watanabe, M., Zhou, D., & Ono, K. (2023). Environmental and Community Regeneration: Exploring Design Approach for Inclusive Tourism Based on Visualisation Methods. *Sustainability, 15*(5), 4540. https://doi.org/10.3390/su15054540

We are Cognitive (2023). Navigate our complex world with the Power of Networks. Power Networks. https://www.wearecognitive.com/rsa-work/power-networks

Werthner, H. & Klein, S. (1999). Information Technology and Tourism: A Challenging Relationship. *Modern Economy, 6*(2). http://dx.doi.org/10.1007/978-3-7091-6363-4

Wilden, A. (2001). Comunicação. *Enciclopédia Einaudi, 34, Comunicação -Cognição*. Casa da Moeda.

Windhager, F. et al. (2019). Visualisation of Cultural Heritage Collection Data. *IEEE Transactions on Visualisation and Computer Graphics, 25*(6), 2311-2330. https://doi.org/10.1109/tvcg.2018.2830759

Wolton, D. (2009). E depois da internet? : para uma teoria crítica dos novos médias. Difel

World Tourism Organisation [UNWTO] (2020). *World Tourism Day 2020 – Tourism & Rural Development*. World Tourism Organization. https://www.unwto.org/world-tourism-day-2020/tourism-and-rural-development-technical-note

World Tourism Organization [UNWTO] (2007). *A Practical Guide to Tourism Destination Management*. World Tourism Organization. https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9789284412433

Yang, J., Yang, R., Chen, M-H., Su, C-H., Zi, Y., & Xi, J. (2021). Effects of rural revitalization on rural tourism. *Journal of Hospitality and Tourism Management, 47*, 35-45. https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2021.02.008

Young, A. & Verhulst, S. (2017). *Jamaica, Community Tourism, and Open Data – Open Data for Developing Economies Case Studies*. Project conducted in collaboration with the Web Foundation, United States Agency for International Development

(USAID), and the Mobile Solutions, Technical Assistance and Research (mSTAR) program at FHI 3

Zhang, D., Ritchie, B. W., Benckendorff, P. J., & Bao, J. (2019). The role of cognitive appraisal, emotion and commitment in affecting resident support toward tourism performing arts development. *Journal of Sustainable Tourism, 27*(11), 1725-1744. https://doi.org/10.1080/09669582.2019.1662029

Zhu, W. & Shang, F. (2021). Rural smart tourism under the background of internet plus. *Ecological Informatics, 65*(4), 101424. https://doi.org/10.1016/j.ecoinf.2021.101424

Zupic, I. & Cater, T. (2015). Bibliometric methods in management and organization. *Organizational Research Methods, 18*(3), 429-472. http://dx.doi.org/10.1177/1094428114562629

Annexes

This section contains all the documents issued by others regarding the development and procedures for realising this doctoral thesis.

ANNEX I: ACCEPTANCE OF THE EUROPEAN DOCTORAL RESEARCH PROCESS

ANNEX II: RESEARCHER AS A RESEARCH FELLOW AT DIGIMEDIA, UA

ANNEX III: GUIDED TOUR AT FONTOURA

ANNEX IV: LETTER FROM THE PRESIDENT OF FONTOURA PARISH

ANNEX V: FAVOURABLE OPINION – ETHICS COMMITTEE, FACULDADE DE LETRAS, UP

ANNEX IV: HERITAGE SUPPLEMENTS, DIÁRIO DO MINHO

ANNEX I: ACCEPTANCE OF THE EUROPEAN DOCTORAL RESEARCH PROCESS

Letter of acceptance from the host organisation, University of Vigo, for the four-month European doctorate.

Universidade Vigo

Vicerreitoría de Investigación, Transferencia e Innovación

Edificio Filomena Dato
Campus universitario
36310 Vigo
España

Tel. 986 130 325

www.uvigo.gal
selohr@uvigo.es

CARTA DE ACEPTACIÓN

Letter of Acceptance

Pola presente fago constar que: Por la presente hago constar que: *This is to state that:*	Silva e Silva, Mónica
D.N.I. – Pasaporte *ID Card-Passport:*	12435950
procedente de: procedente de: *from the:*	Faculdade de Letras, Universidade do Porto + Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro
foi aceptado en: ha sido aceptado en: *has been accepted at the:*	Facultade de CC. Sociais e da Comunicación)
baixo a supervisión de: bajo la supervisión de: *under the supervisión of:*	Luís Xabier Martínez Rolán
durante o período durante el período *during the period*	01/07/2023 - 31/10/2023

Este documento ha sido firmado electrónicamente por:
This document has been digitally signed by:

María Belén Rubio Armesto
Vicerreitora de Investigación, Transferencia e Innovación.
Universidade de Vigo, España

32760551H MARIA BELEN RUBIO (R: Q8650002B)
Firmado digitalmente por 32760551H MARIA BELEN RUBIO (R: Q8650002B)
Fecha: 2023.05.12 13:43:15 +02'00'

Rexístrese na URL(15 días antes do comenzo da súa estadía):
Regístrese en la URL (15 días antes del comienzo de su estadía):
Please register by clicking on the URL (15 days before the start of your stay):

https://secretaria.uvigo.gal/uv/web/formularios/encuesta/cubrir_paso1/6032

Letter of completion of the European doctorate at the University of Vigo.

Universidade Vigo

Faculty of Ciencias Sociais e da Comunicación

University of Vigo

CERTIFICATE OF STAY IN A FOREIGN INSTITUTION

15th November, 2023

To whom it may concern,

This is to certify that the Phd student Mónica da Silva e Silva has performed a stay in the Faculty of Ciencias Sociais e da Comunicación of the University of Vigo from 01/07/2023 to 31/07/2023 under the supervision of Professor Luis Xabier Martínez-Rólan.

Her work has been focused on

- Collect and analyse the data obtained through the instruments applied regarding the validation and implementation of the strategy with the rural community of Fontoura, North of Portugal. By surveys, interviews and a focus group through residents and tourists who stay in the rural lodgings or pass by;
- Application of storytelling tools - as for the means of communication and the collaborative strategies to promote collective participation for the concretization of community cartography with the population:
- Identification of the existing and formerly existing heritage, centred on the Human-Centred Design process to the creation of community mapping by the application of InfoVis and Infographics;
- Development of papers for national and international conferences: *5th International Conference on Tourism Technology and Systems* (Bacalar, Mexico), *XV International Tourism Congress* (Mirandela, Portugal) and *INVTUR Conference* (Aveiro, Portugal);
- Perspective on writing in national and foreign journals: *Pasos*, *Turismo & Desenvolvimento* and *Cuadernos de Turismo*.

Sincerely,

[Signature] Firmado por MARTINEZ ROLAN LUIS XABIER - DNI 34993728X el día 15/11/2023 con un certificado emitido por AC Sector Público

[Seal]

Professor Luis Xabier Martínez-Rólan

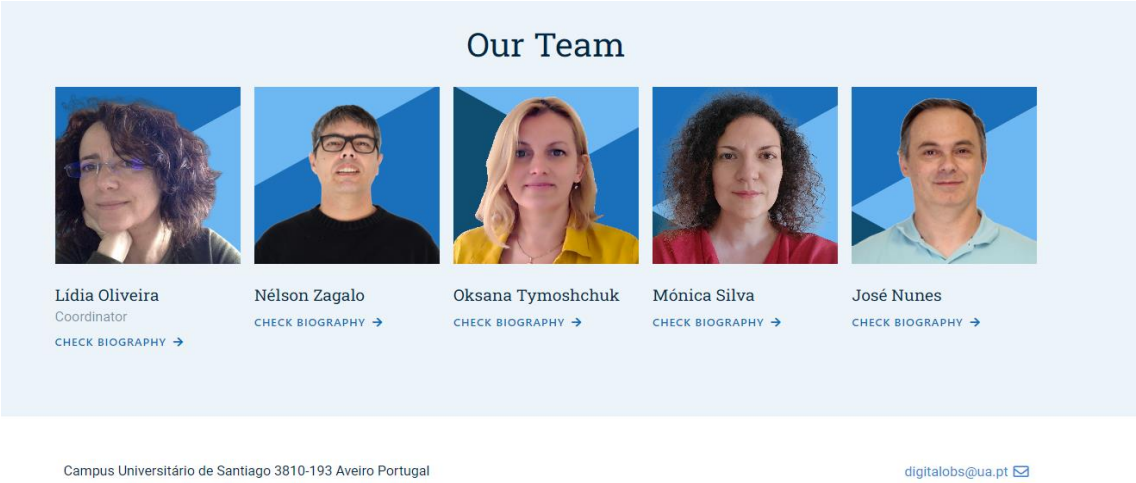
Department of Comunicación Audiovisual e Publicidade

Faculty of Communication

University of Vigo

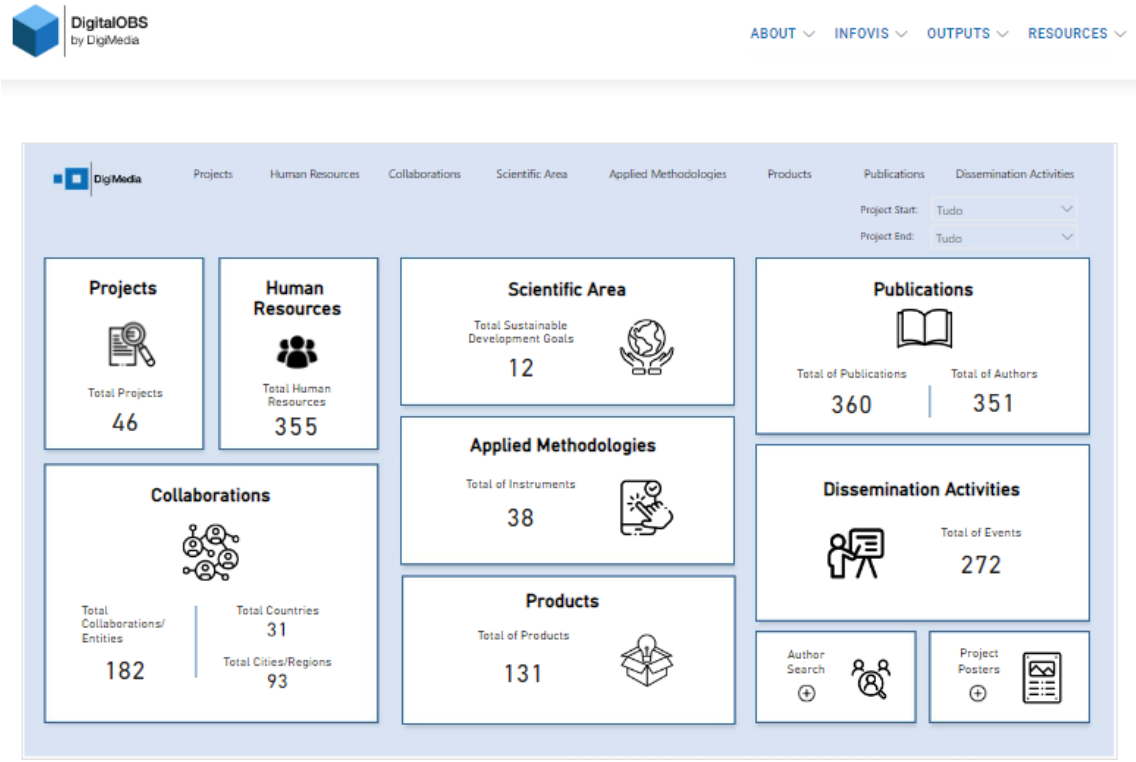
ANNEX II: RESEARCHER AS A RESEARCH FELLOW AT DIGIMEDIA, UA

As a research fellow at DigiMedia, the researcher worked on relaunching the Digital Media Observatory—DigitalOBS.



Source: DigitalObs - https://digitalobs.pt/about/#team

By surveying projects and creating a model of indicators, data could be communicated using Business Intelligence software, Power BI, thus using InfoVIs.



Source: DigitalOBS - https://digitalobs.pt/research-projects/

ANNEX III: GUIDED TOUR AT FONTOURA

Communication in the regional media - *Correio do Minho* and *Minho Digital* - about a guided tour of Fontoura organised by the researcher for the Senior Club of the Comunidade Associativa Arcanjos S. Miguel e S. Gabriel, Fontoura, at the invitation of Filomena Caldas. The Executive of Valença attended the visit to the Minho Municipal Council, the current President of the Council, André Rodrigues, and also with the collaboration of Rui Ferreira (former President of the Parish Council).



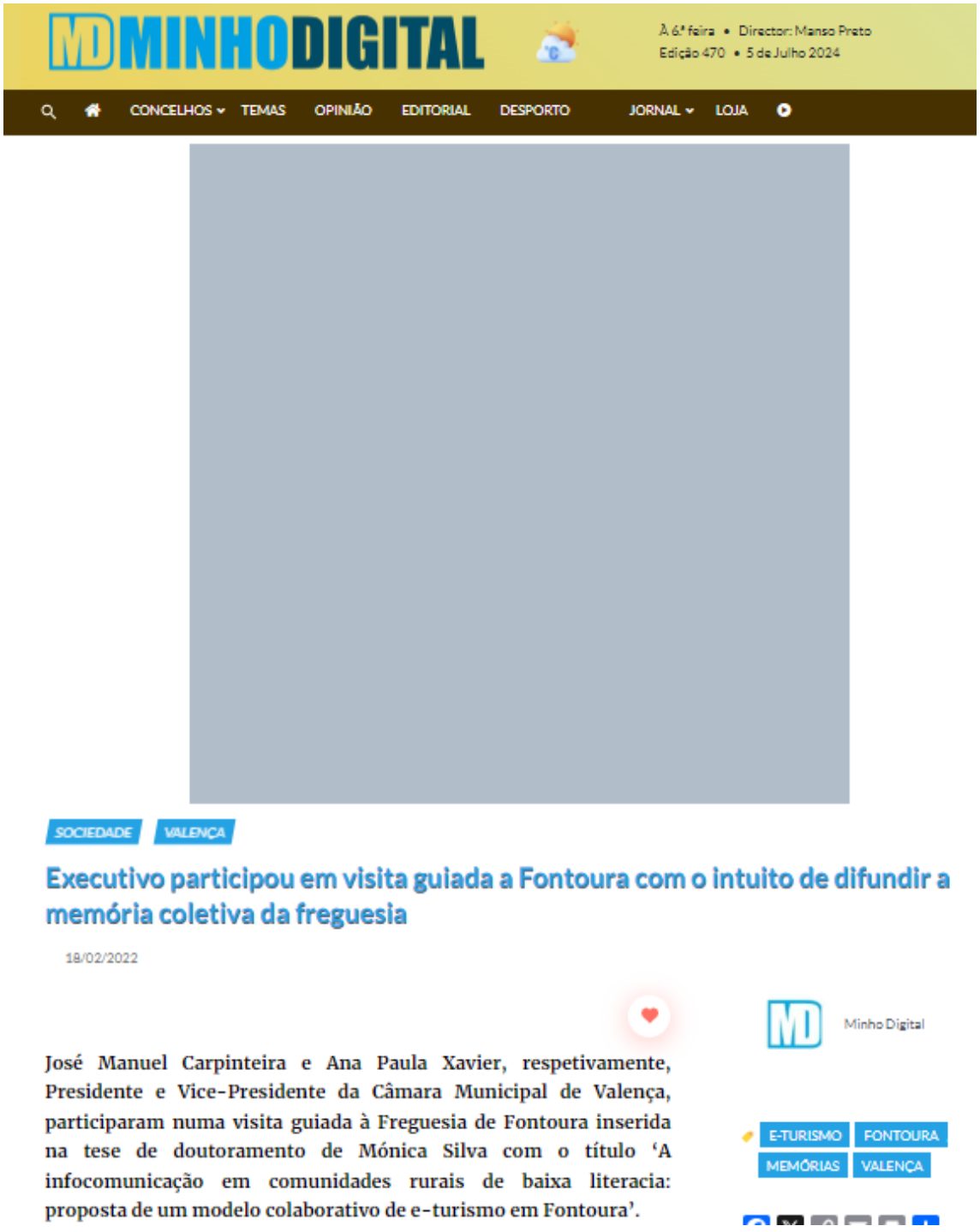
Alto Minho
2022-02-09 às 06h00

Juliana Martins

Executivo visitou Fontoura com o intuito de difundir a memória colectiva da freguesia. A visita inseriu-se tese de Mónica Silva, 'A infocomunicação em comunidades rurais de baixa literacia: proposta de um modelo colaborativo de e-turismo em Fontoura'.



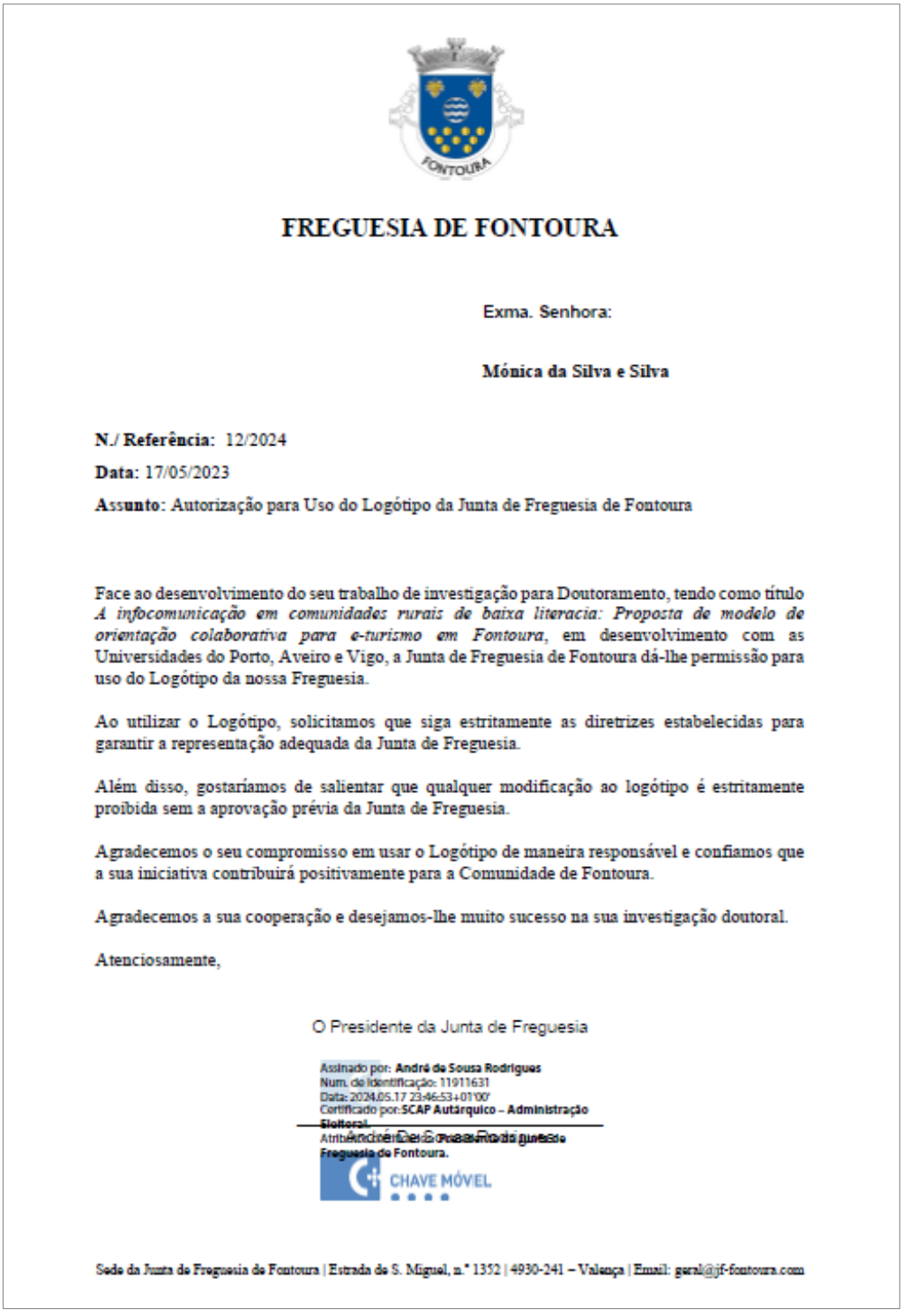
Source: https://correiodominho.pt/noticias/executivo-de-valenca-difunde-memoria-colectiva-da-freguesia-de-fontoura/135857



Source: https://minhodigital.pt/executivo-participou-em/

ANNEX IV: LETTER FROM THE PRESIDENT OF FONTOURA PARISH

Letter from the President of Fontoura Parish, André Rodrigues, permitting the use of the parish's heraldry in documents, presentations and articles developed during this doctoral research.



FREGUESIA DE FONTOURA

Exma. Senhora:

Mónica da Silva e Silva

N./ Referência: 12/2024

Data: 17/05/2023

Assunto: Autorização para Uso do Logótipo da Junta de Freguesia de Fontoura

Face ao desenvolvimento do seu trabalho de investigação para Doutoramento, tendo como título *A infocomunicação em comunidades rurais de baixa literacia: Proposta de modelo de orientação colaborativa para e-turismo em Fontoura*, em desenvolvimento com as Universidades do Porto, Aveiro e Vigo, a Junta de Freguesia de Fontoura dá-lhe permissão para uso do Logótipo da nossa Freguesia.

Ao utilizar o Logótipo, solicitamos que siga estritamente as diretrizes estabelecidas para garantir a representação adequada da Junta de Freguesia.

Além disso, gostaríamos de salientar que qualquer modificação ao logótipo é estritamente proibida sem a aprovação prévia da Junta de Freguesia.

Agradecemos o seu compromisso em usar o Logótipo de maneira responsável e confiamos que a sua iniciativa contribuirá positivamente para a Comunidade de Fontoura.

Agradecemos a sua cooperação e desejamos-lhe muito sucesso na sua investigação doutoral.

Atenciosamente,

O Presidente da Junta de Freguesia

Assinado por: **André de Sousa Rodrigues**
Num. de Identificação: 11911631
Data: 2024.05.17 23:46:53+01'00'
Certificado por: **SCAP Autárquico - Administração Sioftoral.**
Atributo Profissional: **Presidente da Junta de Freguesia de Fontoura.**

CHAVE MÓVEL

Sede da Junta de Freguesia de Fontoura | Estrada de S. Miguel, n.º 1352 | 4930-241 – Valença | Email: geral@jf-fontoura.com

ANNEX V: FAVOURABLE OPINION – ETHICS COMMITTEE, FACULDADE DE LETRAS, UP

Request to the Ethics Committee of the Faculty of Letters, University of Porto, to apply methodological instruments in Fontoura (Valença do Minho, Portugal).

U.PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

PARECER DA COMISSÃO DE ÉTICA DA FLUP

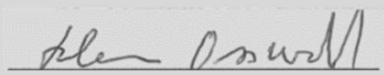
Parecer N.º 28 /CEFLUP/2022
Referência do projeto: n.a.
Título do projeto: A infocomunicação em comunidades rurais de baixa literacia: proposta de modelo de orientação colaborativa para o e-turismo em Fontoura

1. **Submetido em**: 08.09.2022
2. **Proponente / Investigador Responsável**: Mónica da Silva e Silva
3. **Equipa de investigadores**: Mónica da Silva e Silva; Armando Malheiro da Silva (orientador) e Rui Manuel de Assunção Raposo (orientador)
4. **Documentos anexos ao pedido de parecer**: Carta de pedido de parecer; resumo do projeto; informação sobre gestão dados; consentimento informado; inquérito aos residentes; inquérito aos turistas e peregrinos; informações sobre as entrevistas.
5. **Natureza e contexto do projeto** (projeto a ser desenvolvido por): Tese de doutoramento.
6. **Financiamento**:
   - ☐ Financiado
   - ☒ Não financiado
7. **Local/Locais onde será realizado**: Freguesia de Fontoura, Valença.
8. **Objetivo da investigação**: A investigadora pretende ouvir os residentes, turistas e peregrinos de Fontoura sobre a possibilidade de melhorar a infocomunicação e colaboração participativa da população rural num projeto de e-turismo, desenhando um modelo colaborativo de orientação para InfoVis.
9. **Atividades a realizar**: Para além de recolher dados sobre as características da freguesia (geografia, história, recursos) pretende levar a cabo: Inquéritos junto da população residente; inquéritos junto de turistas e de peregrinos de passagem pela freguesia; entrevistas semi-estruturadas a autarcas, a residentes seniores e a um jornalista com trabalho editado sobre a freguesia.
10. **Instrumentos de recolha de dados e tipo de suporte a utilizar**: recolha de questionários em papel e online; gravação das entrevistas áudio; gravação de entrevistas vídeo; uso das gravações para curta-metragens.
11. **Participantes**: população local; forasteiros em turismo e peregrinação; um jornalista.
12. **Critérios de inclusão** (se aplicável): n.a.
13. **Riscos/ benefícios que poderão advir para os participantes**: a investigadora sublinha os ganhos que esta participação poderá trazer à comunidade através da constituição de um instrumento de divulgação da freguesia e dos seus traços junto de potenciais turistas. Não são identificados riscos.
14. **Consentimento e confidencialidade da informação**: os entrevistados assinam um formulário de consentimento informado. Os questionários respeitam e salvaguardam o direito de cada um desistir

da sua participação em qualquer momento e guiam-se pelas normas legais de proteção de dados pessoais.

15. **Protocolo de gestão e armazenamento de dados**: ao participante é dada a conhecer a gestão dos dados em documento próprio para tal com a descrição dos procedimentos, garantindo a confidencialidade e anonimato, bem como a restrição da acessibilidade dos inquéritos preenchidos aos investigadores envolvidos.
16. **Data previsível de conclusão**: 2024

PARECER: O estudo decorre no âmbito de uma tese de doutoramento e os orientadores assumem a responsabilidade pelo desenho dos termos dos inquéritos e entrevistas em conjunto com a investigadora. Evidencia a mesma, o cuidado com a proteção de dados pessoais e integridade dos participantes, na definição das perguntas e na elaboração das entrevistas. A investigadora alude no documento de consentimento informado a uma curta-metragem. O objetivo desta curta-metragem não é explicitado no resumo do projeto, pelo que se recomenda que esta situação seja clarificada e incluída informação sobre a finalidade da mesma no texto de consentimento informado. Acautelado este aspeto e em conformidade com os dados apresentados, considera a CEFLUP dar parecer favorável à prossecução dos inquéritos e entrevistas deste projeto.

O/A Relator/a:	A Presidente:
	Assinado por: **Maria Isabel Correia Dias** Num. de Identificação: 07396720 Data: 2022.10.10 14:46:16 +0100 

ANNEX IV: HERITAGE SUPPLEMENTS, DIÁRIO DO MINHO

Example of the Fontoura Heritage Supplement of 20 January 2019, in which journalist José Carlos Ferreira writes about the Chapel of São Francisco, the Chapel of São Gabriel and the Chapel of São Félix and Nossa Senhora da Conceição.



Introdução

O suplemento do Património continua esta semana pela freguesia de Fontoura, no concelho de Valença, com a temática das capelas.

Esta semana, vamos conhecer mais três templos, dois dos quais de cariz particular.

Aliás, a primeira, dedicada a S. Francisco, é precisamente uma capela que pertence a uma quinta particular.

Afastado do centro da freguesia, este pequeno templo está completamente em ruínas, tomado pela vegetação.

As heras e plantas tomaram conta do espaço e escondem a pedra epigrafada existente na frente do edifício que nos revela os seus fundadores.

A viagem desta semana prossegue até ao cimo do monte para conhecer a capela de S. Gabriel, pertencente à paróquia de Fontoura.

Aqui decorrem as maiores festas de Fontoura, com grande afluência de fiéis, um facto já referido nas fontes documentais do século XVII.

A construção primitiva era mais pequena do que aquilo que conhecemos hoje, uma vez que foi ampliada no século XVIII. As últimas obras decorreram recentemente.

Por fim, vamos conhecer a capela de S. Félix, mas que o povo chama de S. Pedro.

TEMPLO PARTICULAR ESTÁ EM RUÍNAS E TOMADO PELAS HERAS

Capela de S. Francisco foi fundada nos finais do século XVII

A capela de S. Francisco, no lugar de Gontumil, na freguesia de Fontoura, em Valença, encontra-se atualmente em estado de ruína e completamente tomada pelas heras.

Aliás, a vegetação é de tal forma abundante que consegue dissimular o edifício, tornando-o despercebido a uma pessoa que ali passe.

Mas, nem sempre foi assim, uma vez que as fontes escritas do século XVIII dão conta desta ter sido uma das melhores capelas existente nesta freguesia de Fontoura.

No que diz respeito à sua fundação, sabemos que a origem da capela de S. Francisco remonta aos finais do século XVII.

Quem nos dá conta disto mesmo é Alberto Pereira de Castro, autor da monografia intitulada "Valença do Minho – Terra, Gente e Património".

O investigador, nesta sua obra, começa por nos situar esta capela, referindo que ela «fica no lugar de Gontumil, à entrada da quinta de S. Francisco de Carcavelha.

Segundo revela, esta capela «foi edificada em finais do século XVII», mais concretamente, em «1680, pelo capitão Brás Antunes Moreira, que em 1647 casou com D. Juliana da Rocha Dantas, filha do Reverendo Gaspar Dantas Barbosa, abade da freguesia de Mei, termo dos Arcos, trineto de Fernão Dantas, instituidor do Morgado de S. Rosendo e S. Miguel de Fontoura».

Alberto Pereira de Castro teve mesmo acesso ao documento da fundação da capela de S. Francisco, citando-o na sua monografia e dando-nos mais um dado concreto sobre este pequeno templo.

Segundo revela o autor de "Valença – Terra, Gente e Património", foi a «5 de fevereiro de 1680» que «se obrigaram os ditos instituidores, por escritura feita nas Notas do tabelião do público e do judicial Manuel de Caldas de Andrade, do concelho de Coura, a vincularem para sua fábrica e nela se poder dizer missa "cinco alqueires de pão meado casa anno"».

É interessante notar que a capela de S. Francisco encontra-se hoje em ruínas e, como já o dissemos, totalmente tomada pela vegetação, que oculta a sua estrutura arquitetónica e os seus pormenores estéticos.



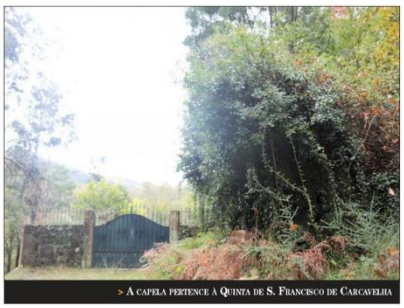
> CAPELA DE S. FRANCISCO

Alberto Pereira de Castro, na sua monografia, confessa ter encontrado o pequeno templo também em ruína mas, sem a vegetação que hoje existe. Ora, segundo salienta, isto permitiu-lhe ver e registar uma pedra epigrafada na frente da capela, que nos dá conta dos instituidores, confirmando o que se encontra da documentação escrita histórica. «Verificámos, há alguns anos que esta capela se encontrava totalmente arruinada, mas, no frontispício, pudemos ainda decifrar estes dizeres: ESTA CAPELA DE S FC[O] A MANDARÃO FAZER BRAS ANTVNES MOREIRA E SVA MER JULIANA DA ROCHA BARBOSA», afirma.

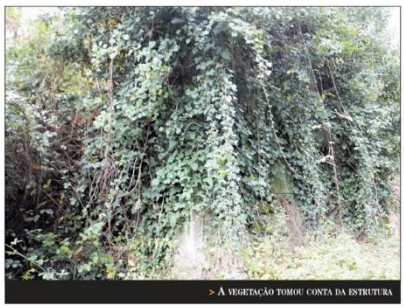
NOVO REQUERIMENTO

Entretanto, a 6 de setembro de 1717 é apresentado um novo requerimento ao Arcebispo de Braga por Mariana da Rocha e Rosa da Rocha, filhas do instituidor, nessa data já falecido, a pedir licença para se continuar a celebrar a Eucaristia nesta capela de S. Francisco. Como argumento a seu favor, conta Alberto Pereira de Castro, afirmavam que o Visitador tinha considerado a capela como "das mais bem luzidas que achou".

Já em 1758, as Memórias Paroquiais, publicadas por José Viriato Capela, no livro "Valença nas Memórias Paroquiais de 1758" também fazem referência a este templo. O sacerdote que responde ao inquérito afirma que a capela era administrada pelas «filhas do douttor Antonio Mendes da Costa». Por fim, a impressão que nos chega de 1846 é que a capela de S. Francisco já deveria estar em mau estado, por não ser referida pelo visitador.



> A CAPELA PERTENCE À QUINTA DE S. FRANCISCO DE CARCAVELHA



> A VEGETAÇÃO TOMOU CONTA DA ESTRUTURA

Capela de S. Gabriel é centro de grande romaria popular

A capela de S. Gabriel, situada, uns dizem que no lugar de Portela, outros no lugar do Reguengo, na freguesia de Fontoura, em Valença, é local de grande romaria anual, desde tempos remotos.
Aliás, as origens deste pequeno templo, situado no cimo de um monte, com uma panorâmica digna de ser apreciada, não é referida em qualquer documento consultado.
Apenas sabemos que no século XVIII a capela de S. Gabriel recebeu uma intervenção de fundo para ser ampliada, e desta forma, servir melhor os fiéis.
Mas, a notícia mais antiga sobre este templo é aquela que é escrita pelo padre António Carvalho da Costa na sua "Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens", editada entre 1706 e 1712.
Nesta sua obra, o sacerdote, que dedicou a sua vida à astronomia e à geografia, testemunha a existência do «Archanjo S. Gabriel que está no montinho com sua deveza».
As Memórias Paroquiais de 1758, outra fonte documental histórica de grande fiabilidade, também nos falam desta capela situada na freguesia de Fontoura.
O pároco de então, respondendo ao inquérito enviado pelo Marquês de Pombal, enumera as capelas existentes na sua paróquia e, neta listagem, lá encontramos a capela de S. Gabriel.
José Viriato Capela, no seu livro "Valença nas Memórias Paroquiais de 1758", transcreve, precisamente, o texto escrito pelo "abbade" de São Miguel de Fontoura, António Jozé de Magalhains Feio. E nele pode ler-se que, nesse ano de 1758, existia a capela de «Sam Gabriel, citta no alto de hum monte assim chamado que hé da freguezia ou moradores delle».



> Altar-mor da capela de S. Gabriel, em Fontoura

Ou seja, esta capela, tal como acontece hoje, já era da administração da paróquia.
A capela de S. Gabriel, tal como a conhecemos hoje, deve datar, precisamente, do século XVIII, já depois das Memórias Paroquiais terem sido escritas.
O autor de "Valença do Minho – Terra, Gente e Património", Alberto Pereira de Castro dá-nos conta da realização de grandes obras que culminaram na década de 60 da centúria de setecentos.
«Em 16 de Agosto de 1767 foi pela Autoridade eclesiástica bracarense passada licença para a sua bênçao, após ter sido ampliada para melhor acolher os devotos», afirma o investigador.
Mais recentemente, a capela de S. Gabriel tem recebido obras de beneficiação. Segundo Maria Arminda Ribeiro, da Comissão Fabriqueira da Paróquia de Fontoura, uma das alterações que foi feita diz respeito ao teto da capela.
«Este teto foi alterado. Era um teto muito bonito, muito parecido com o da igreja. Tinha umas imagens desenhadas em tela», afirma, realçando que esta é uma das memórias que guarda de quando era criança.
Outra alteração que foi feita diz respeito ao pavimento do templo que, na sua originalidade, era em lages de granito, tendo sido substituído por pavimento cerâmico. Há cerca de dois anos foi novamente intervencionado com a colocação de granito tratado. Outra obra recente é a recuperação da tribuna da capela, que foi paga com o dinheiro angariado na festa.

FESTA GRANDIOSA

A festa dedicada a S. Gabriel nesta capela é um momento grandioso, que atrai imensos fiéis a Fontoura.
Segundo Marie Arminda Ribeiro, ela acontece sempre no dia 28 de agosto, ou no domingo mais próximo desta data.
As festividades são compostas por um programa religioso, que começa com uma semana de antecedência, e outro profano.
O dia maior acontece no domingo da festa, quando se realiza uma grandiosa procissão, desde a igreja matriz até à capela de S. Gabriel. A determinado momento do percurso é feito o encontro entre a imagem de Nossa Senhora de Fátima com a de S. Gabriel, onde é feito um sermão.



> Capela de S. Gabriel



> Escadório para a capela de S. Gabriel

CAPELA PARTICULAR ENCONTRA-SE ABANDONADA E SEM CULTO

Povo chama capela de S. Pedro ao templo que foi dedicado a S. Félix

A capela de S. Félix, situada no lugar da Valinha, na freguesia de Fontoura, em Valença, é um templo particular, que se encontra abandonado e em mau estado de conservação, sem qualquer tipo de uso.

A curiosidade ligada a esta capela é o facto de, em todos os documentos históricos e na bibliografia de referência ela surgir com S. Félix como padroeiro e, a população que ali mora dizer que ela é dedicada a S. Pedro, tendo mesmo inscrito o nome deste santo nas portas do pequeno templo.

Numa pesquisa às Memórias Paroquiais de 1758, que se encontram transcritas no livro de José Viriato Capela, intitulado "Valença nas Memórias Paroquiais de 1758", não encontramos qualquer referência a esta capela. O pároco de então não dá relação de nenhuma capela cujo padroeiro seja S. Félix, ou mesmo S. Pedro. Deste lugar da Valinha diz existir uma capela de dedicada a Nossa Senhora da Conceição, que era particular e que pertencia ao padre Pedro Soares.

Para Alberto Pereira de Castro, a capela de S. Félix não é tão antiga e, por isso, não consta nesta fonte escrita histórica do século XVIII. «Situa-se no lugar da Valinha, junto à Quinta da Poça do Monte, e é propriedade dos descendentes da Família Furtado de Mendonça. Deve ter sido edificada no século XIX», afirma o investigador na sua monografia "Valença do Minho – Terra, Gente e Património".



> CAPELA DE S. FÉLIX

Olhando para a arquitetura desta capela, somos levados a acreditar que ela será, talvez, um pouco mais antiga que o século XIX, como sugere Alberto Pereira de Castro.

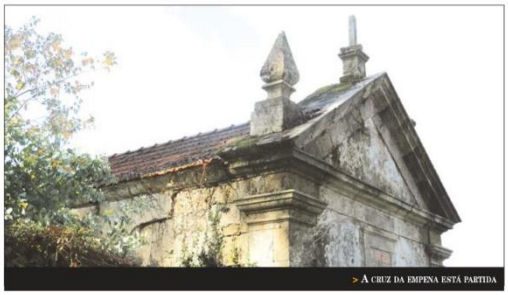
As suas linhas e a sua linguagem arquitetónica ainda nos transportam para o século XVIII, provavelmente, para a segunda metade, uma vez que, como já vimos, ela não é enumerada nas Memórias Paroquiais.

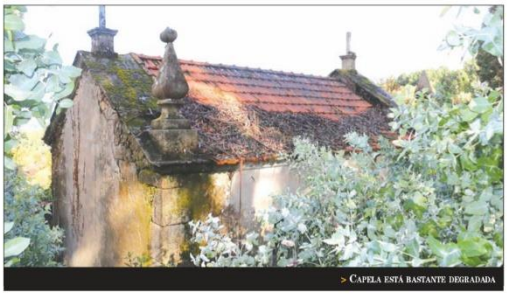
EM MAU ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Atualmente, ela encontra-se em muito mau estado de conservação, com a cruz da empena da fachada partida a meio.

As três janelas da fachada principal estão fechadas a tijolo e a porta é em chapa metálica, estando nela inscrito a tinta branca "S. Pedro", e desenhada uma cruz, com base triangular.

Mas, nem sempre foi assim. Maria Arminda Ribeiro, da Comissão Fabriqueira da Paróquia de Fontoura, ressalva que, desde pequenina sempre conheceu esta capela degradada. «Há cerca de 50 anos estava degradada, mas não tinha as janelas emparedadas. As janelas ainda tinham os ferros, mas a parte de lá já estava bastante degradada. Já não me lembro do altar nem dos santos», afirma.


> A CRUZ DA EMPENA ESTÁ PARTIDA


> CAPELA ESTÁ BASTANTE DEGRADADA

Appendices

This section contains all the documents produced by the researcher during the process of this doctoral thesis.

APPENDIX I: 3D MODEL CONSTRUCTION PROCESS

APPENDIX II: RESEARCHER AS VISITOR PROFESSOR AT FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS, UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA (BRAGA), FROM 2021 - 2023

APPENDIX III: DOCUMENTS SENT TO REQUEST FAVOURABLE OPINION TO THE ETHICS COMMITTEE

A. PROJECT DESCRIPTION
B. INTERVIEW SCRIPTS AND OBJECTIVES + STAGES
C. INFORMED CONSENT
D. SURVEYS
E. INTERVIEWS
F. DECLARATION

APPENDIX IV: PRE-TESTING OF THE SURVEYS

APPENDIX V: ONLINE SURVEYS FOR TOURISTS, VISITORS, PILGRIMS, AND RESIDENTS

A. TOURISTS, VISITORS, AND PILGRIMS
B. RESIDENTS

APPENDIX VI: INTERVIEWS TRANSCRIPTS

A. INDIVIDUAL TRANSCRIPTS
B. JOURNALIST TRANSCRIPT
C. EXPERT IN THE FIELD TRANSCRIPT

APPENDIX VII: FOCUS GROUP TRANSCRIPT

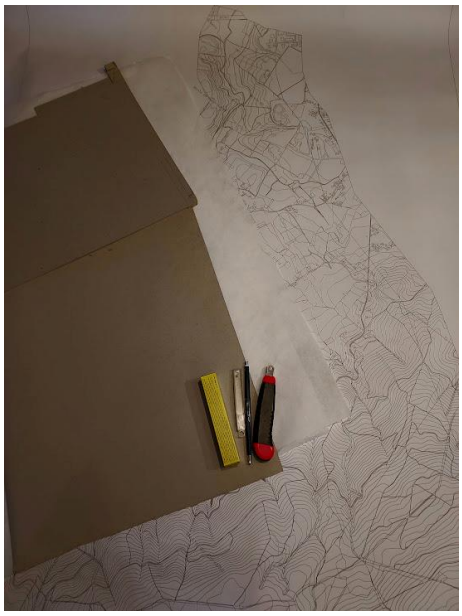
A. TRANSCRIPTION
   A1. SPECIFIC TRANSCRIPTION – CULTURAL & NATURAL HERITAGE
   A2. SPECIFIC TRANSCRIPTION – VACANT HERITAGE & COLLECTIVE MEMORY
B. VIDEOS – SHORT FILMS

APPENDIX VIII: COLLECTIVE MEMORY – OLD PHOTOGRAPHS

APPENDIX I: 3D MODEL CONSTRUCTION PROCESS

The three-dimensional model was central to the development of this doctoral thesis, especially when conducting interviews with senior residents. This allowed us to better organise our questions about visualising the territory, especially regarding the heritage that had disappeared or is vacant.

Preparation of the paper plan for cutting the support and the first contour lines in EVA foam:




Source: Mónica Silva.

Cutting the first contour lines in EVA foam:




Source: Mónica Silva.

Assembly of the snap-together model (two parts), to be assembled:

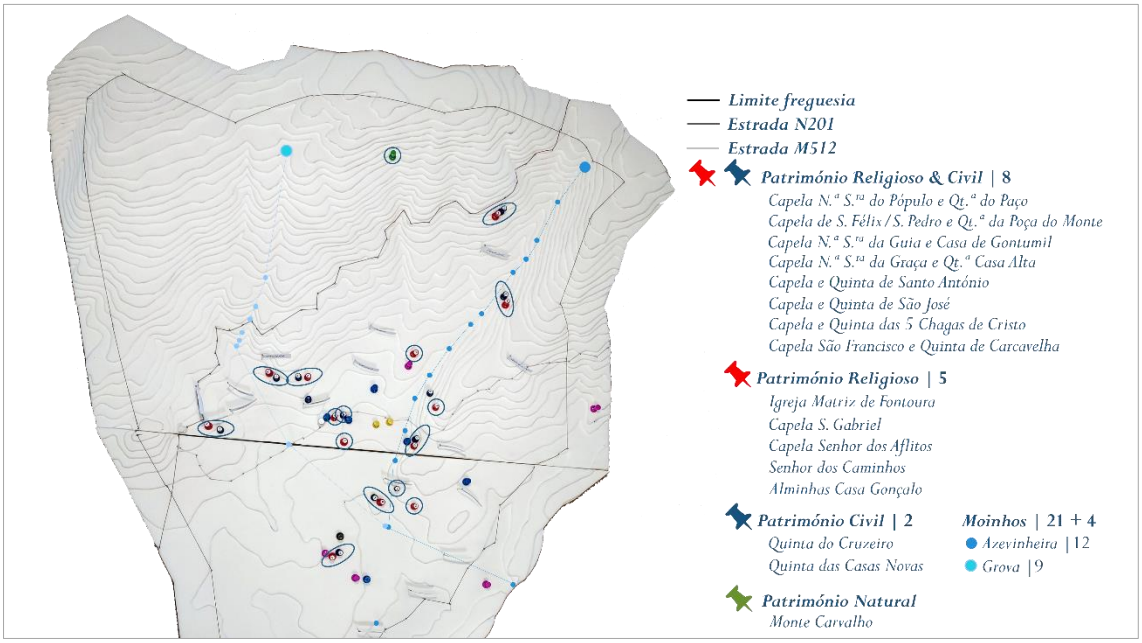


Source: Mónica Silva.

Three-dimensional model embedded with the location of the heritage site:



Source: Mónica Silva.



Source: Mónica Silva.

APPENDIX II: RESEARCHER AS VISITOR PROFESSOR AT FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS, UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA (BRAGA), FROM 2021 - 2023

The researcher taught the subjects of Environment, Tourism Planning, Territorial Management and Digital Marketing as part of the Tourism degree programme and allowed students to teach creativity and public communication during office hours.

Over the years, colleagues have been invited to give open lectures, the latest on topics developed in the Doctoral Programme in Information and Communication on Digital Platforms, with themes such as Cycle Tourism, Website Creation, Interactive Television and Sustainable Development:



Source: Mónica Silva, exported from Turismo UCP Facebook page.



Source: Mónica Silva, exported from Turismo UCP Facebook page.

APPENDIX III: DOCUMENTS SENT TO REQUEST FAVOURABLE OPINION TO THE ETHICS COMMITTEE

A. PROJECT DESCRIPTION

A document was presented with a summary, literature review, description and methodology, objectives and references.

B. INTERVIEW SCRIPTS AND OBJECTIVES + STAGES

Objetivos e etapas para a realização de entrevistas em Fontoura | 08/2022 a 08/2023

OBJETIVOS	
Enquadramento da Entrevista	As entrevistas realizadas pretendem dar resposta a que tipo de informação e comunicação se deve aplicar para dinamizar os recursos endógenos da freguesia de Fontoura.
Definição dos objetivos da entrevista	Dar resposta à questão de investigação colocada, assim como às hipóteses apresentadas.
DECISÕES A TER EM CONSIDERAÇÃO	
Entrevistados	• Residentes (sobretudo seniores) da freguesia de Fontoura; • Membros da Junta de Freguesia; • Jornalista do Diário do Minho (com publicações sobre a Freguesia de Fontoura).
Entrevistadora	Investigadora – Mónica da Silva e Silva.
Período de aplicação	Ao longo de um ano civil (agosto 2022 a agosto de 2023).
Condições logísticas	• Impressão de guiões; • Gravação áudio por gravador; • Gravação em vídeo para criação de futuras curtas-metragens.
Meios de comunicação	Oral e gravada, com consentimento do entrevistado(a).
Espaço(s) de realização	• Casas dos(as) entrevistados(as), com marcação prévia; • Espaço do Clube Sénior (atualmente Escola Primária); • Junta de Freguesia.
Tempo da entrevista	± 60 minutos.
ELABORAÇÃO DA ENTREVISTA	
Variáveis a serem estudadas	• Inventariação do património cultural e natural da freguesia, existente e já desaparecido; • Estratégias de informação e comunicação para a promoção turística de Fontoura;
	• Estratégias para a promoção específica do Caminho de Santiago; • Atividades de colaboração para dinamização da freguesia (p.e. participação em visitas guiadas propostas pela Junta de Freguesia).
Descrição dos itens	• Elaboração de questões agrupadas em categorias; • Considerar as expectativas do entrevistador; • Resumir o discurso oportunamente.
Marcação da Entrevista	• Apresentar de forma breve o projeto; • Marcar o espaço e o tempo com o entrevistado(a).
REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA	
Critérios gerais a ter em conta	• Estado de espírito do entrevistado(a); • Contradições; • Linguagem corporal; • Género de linguagem utilizada; • Ambiente onde a entrevista é realizada.
Aspetos formais a ter em conta - Apresentação	• Criar um ambiente descontraído; • Manter o profissionalismo de modo que o entrevistado(a) responda às questões colocadas e esclarecendo dúvidas que possam surgir.
Aspetos formais a ter em conta – Descrição do Projeto	Referir o âmbito da entrevista.
Aspetos formais a ter em conta – Consentimento Informado	• Solicitar a autorização do(a) entrevistado(a); • Focar o(a) entrevistado(a) nos tópicos principais; • Estimular o(a) entrevistado(a) a expor mais acerca dos tópicos mais importantes.
Aspetos formais a ter em conta – Final da entrevista	• Cumprir com o tempo estipulado; • Fazer um esquisso geral das ideias principais; • Apresentar um agradecimento final

REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA		OBSERVAÇÕES
Informar sobre o trabalho que conduz à realização da entrevista	Encontro-me a desenvolver um doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, pela Universidade do Porto e pela Universidade de Aveiro e no decorrer da investigação consideramos que as entrevistas seriam um instrumento a aplicar, para melhor conhecer o território e sobretudo conhecer o que já fora outrora.	Esta entrevista é um estudo que visa um consentimento informado da sua parte, com autorização para partilha da informação dada.
Motivar o entrevistado	Necessito da sua colaboração para saber mais sobre a freguesia de Fontoura, sobretudo no que diz respeito a histórias antigas e sobre património.	▪ Esclarecer o objetivo da entrevista; ▪ Ter em conta e referir que não existem respostas certas ou erradas.
Importância da Participação	Esta entrevista é importante para aprofundar a literatura existente.	
Utilização dos dados recolhidos	Os dados recolhidos serão tratados de forma a garantir a confidencialidade.	Na concretização das curtas-metragens serão avisados, atempadamente, sobre a publicação das mesmas.
DADOS BIOGRÁFICOS DO(A) ENTREVISTADO(A)		
Características do(a) entrevistado(a)	Sexo (Feminino/Masculino)	
	Idade	
	Tipo de Entrevistado	
Verificação dos requisitos dos dados	▪ Validade – Comparação com outros dados externos; ▪ Relevância – Importância em relação aos objetivos propostos; ▪ Clareza – referência de datas, locais, eventos.	

Tratamento dos Dados	Análise das respostas às questões	▪ Transcrição da entrevista; ▪ Análise do conteúdo da entrevista escrita; ▪ Criação de curtas-metragens.
Elaboração do capítulo 4. Instrumentos aplicados e dados recolhidos	Apresentação dos resultados obtidos.	▪ Descrever a recolha e tratamento de dados; ▪ Apresentar a análise de dados; ▪ Realizar as conclusões

Source: Mónica Silva.

C. INFORMED CONSENT

INFORMAÇÃO AO PARTICIPANTE & GESTÃO DE DADOS

Eu, Mónica da Silva e Silva, aluna de doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, da Universidade do Porto e da Universidade de Aveiro, venho por este meio pedir a sua colaboração num estudo de investigação para efeito de Doutoramento sobre "A infocomunicação em comunidades rurais de baixa literacia: proposta de modelo de orientação colaborativa para o e-turismo em Fontoura".

PORQUE TENHO DE PARTICIPAR NO ESTUDO?

*A sua participação neste estudo é inteiramente **voluntária** e pode recusar-se a participar. Se decidir participar, terá o direito de aceder, alterar, apagar, opor e limitar o tratamento dos seus dados pessoais ou a desistir do estudo a qualquer momento, sem quaisquer represálias e/ou necessidade de justificar o motivo. Para exercer esses direitos deve contactar a investigadora responsável por este estudo, para o seguinte email: up202010210@up.pt | silva.silva.monica@gmail.com*

QUAIS SÃO OS POSSÍVEIS RISCOS E BENEFÍCIOS DE PARTICIPAR?

*A sua participação no estudo **não inclui quaisquer riscos para si**.*

*A sua participação poderá **contribuir significativamente para o avanço da ciência**, dado que contribuirá para a **validação para a população de comunidades rurais de um instrumento colaborativo para o e-turismo**. A existência de um instrumento com esta finalidade facilitará, num futuro próximo, a avaliação, sinalização e intervenção dos municípios para o desenvolvimento local e para o empoderamento das suas comunidades, no sentido de trabalhar a oferta em rede.*

QUAIS SÃO OS CUSTOS PARA PARTICIPAR? EXISTE COMPENSAÇÃO?

*A participação neste estudo **será totalmente gratuita**, sem qualquer custo para o participante. Este estudo **não fornece compensação financeira** aos participantes.*

COMO É FEITA A GESTÃO DE DADOS? OS MEUS DADOS ESTÃO PROTEGIDOS?

*As suas respostas e dados (incluindo os dados pessoais sensíveis) serão estritamente **confidenciais** e **anónimas**, de acordo com os regulamentos e leis aplicáveis. Todos os dados serão identificados unicamente com um **código**. Os dados recolhidos serão apenas **utilizados coletivamente** (e.g., pontuações médias de todos os respondentes) e para **fins de investigação científica**, estando seguros e protegidos no Forms do Office365 FLUP, não sendo mantidos para além do tempo necessário para os objetivos do estudo. Somente os investigadores responsáveis por este estudo terão*

*acesso aos dados. A **privacidade** e a **proteção de dados** estão de acordo com o Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD) da União Europeia – Regulamento n.º 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 27 de abril de 2016 - aplicável desde 25 de maio de 2018.*

A Comissão de Ética da FLUP pode solicitar o acesso aos registos do investigador, para se assegurar que o estudo está a ser realizado de acordo com o protocolo, garantindo-se a confidencialidade absoluta.

COMO É FEITA A DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS DO ESTUDO?

Os resultados do presente estudo serão divulgados através da sua publicação em diversas revistas científicas e apresentação em encontros científicos (nacionais e internacionais) como, por exemplo, conferências. Os principais resultados serão partilhados na Tese de Doutoramento em causa.

A QUEM POSSO COLOCAR QUESTÕES SOBRE O ESTUDO?

Caso tenha questões adicionais sobre esta investigação, por favor, contacte a equipa de investigação:

Mónica da Silva e Silva | up202010210@up.pt, silva.silva.monica@gmail.com

Armando Manuel Barreiros Malheiro da Silva | armando.malheiro@gmail.com

Rui Manuel de Assunção Raposo | raposo@ua.pt

CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, Mónica da Silva e Silva, aluna de doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, da Universidade do Porto e da Universidade de Aveiro, venho por este meio pedir a sua colaboração num estudo de investigação para efeito de Doutoramento sobre *A infocomunicação em comunidades rurais de baixa literacia: proposta de modelo de orientação colaborativa para o e-turismo em Fontoura*.

Por tal:

- Fui informado/a que os usos dos dados serão aplicados para efeitos de investigação, com proteção de informação prestada e que a minha participação é voluntária.

- Tomei também conhecimento que a entrevista será constituída por elementos audiovisuais (áudio e vídeo).

- Fui informado/a que a gravação vídeo da minha entrevista será integrada em curtas-metragens. Permito o uso da minha imagem para efeitos das mesmas, dando autorização para publicação e partilha a Mónica da Silva e Silva.

Por tal ser verdade, eu, (Nome do Entrevistado/a) _____
assino (assinatura/impressão digital) para:

Gravação áudio: _____ Gravação por vídeo: _____

Por comprovar que todas as informações são verdadeiras e que procedemos de acordo com as Normas de Ética das Universidades, UP e UA, associadas a este doutoramento, eu, Mónica da Silva e Silva, firmo o consentimento informado e entrego um duplicado ao entrevistado/a:

_____
Mónica da Silva e Silva

Source: Mónica Silva.

D. SURVEYS

The surveys were available online for non-residents and residents and in paper format only for seniors in the parish council.

E. INTERVIEWS

ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Para residentes seniores

Geral	1. Em linhas gerais, como define Fontoura?
Infocomunicação	2. Considera que a informação e a comunicação são importantes numa freguesia como Fontoura para a promoção turística e divulgação?
	3. Que meios considera que se devem aplicar para divulgar o património de Fontoura?
Património cultural e natural	4. Gostaria de ver os Moinhos inseridos numa Rota Turística?
	5. Recorda-se de algum património – cultural e/ou natural – que tenha existido em tempos na freguesia, como a Capela de Nossa Senhora da Conceição, no lugar da Valinha?
Divulgação do património	6. Considera que a freguesia deve trabalhar mais a divulgação do Caminho de Santiago? Se sim, como?
Colaboração participativa	7. Gostaria de vir a colaborar com projetos para dinamizar o turismo em Fontoura, como por exemplo, fazer parte de visitas históricas que possam ser propostas? Onde possa contar a perspetiva de um residente que viu a freguesia crescer.
Transformação digital	8. Considera, que para a geração futura, a transformação digital, com oferta de meios adequados são importantes para a comunicação e divulgação do património de Fontoura?
Extras	9. Existe algo que queira acrescentar a esta entrevista, ou que considere pertinente referir?

Para membros da Junta de Freguesia

Geral	1. Em linhas gerais, como define Fontoura?
Infocomunicação	2. Considera que a informação e a comunicação são importantes numa freguesia como Fontoura para a promoção turística e divulgação?
	3. Que meios considera que se devem aplicar para divulgar o património de Fontoura?
	4. Quais as propostas que a Junta de Freguesia tem para a divulgação de informação no que diz respeito ao património?
Património cultural e natural	5. Os Moinhos existentes na freguesia, mesmo em situação de devolutos, fazem parte das intenções da Junta para a concretização de uma Rota Turística?
	6. Recorda-se de algum património – cultural e/ou natural – que tenha existido em tempos na freguesia, como a Capela de Nossa Senhora da Conceição, no lugar da Valinha?
Divulgação do património	7. Considera que a freguesia deve trabalhar mais a divulgação do Caminho de Santiago? Se sim, o que está a ser feito nesse sentido?
Colaboração participativa	8. Gostaria que os residentes de Fontoura viessem a colaborar com projetos para dinamizar o turismo em Fontoura, como por exemplo, fazer parte de visitas históricas que possam ser propostas?
Transformação digital	9. Considera, que para a geração futura, a transformação digital, com oferta de meios adequados são importantes para a comunicação e divulgação do património de Fontoura?
	10. De acordo com este trabalho de investigação, considera que uma plataforma turística em formato web e com acesso aberto, possa vir a ser uma mais-valia para a freguesia e para a sua divulgação?
Extras	9. Existe algo que queira acrescentar a esta entrevista, ou que considere pertinente referir?

Ao jornalista do Diário do Minho – José Carlos Ferreira

Geral	1. Em linhas gerais, como define o Alto Minho?
Infocomunicação	2. Como surge a oportunidade de escrever sobre as freguesias do Alto Minho, para o Diário do Minho?
	3. Considera que a informação e a comunicação são importantes nas freguesias do Alto Minho, como Fontoura para a promoção turística e divulgação?
	4. Que meios considera que se devem aplicar para divulgar o património destas freguesias, muitas vezes esquecidas no tempo e no espaço?
Património cultural e natural	5. Tem conhecimento dos Moinhos existentes na freguesia de Fontoura? Considera que seria uma mais-valia para a região a criação de uma Rota Turística?
	6. No Suplemento do DM de dia 20 de janeiro de 2019, o Jornalista José Carlos faz referência à Capela de Nossa Senhora da Conceição. De acordo com o suplemento "Deste lugar da Valinha diz existir uma capela de dedicada a Nossa Senhora da Conceição, que era particular e que pertencia ao padre Pedro Soares." Também Alberto Pereira de Castro faz referência à mesma. Contudo, a informação sobre a mesma é inexistente…
Divulgação do património	7. Considera que a freguesia deve trabalhar mais a divulgação do Caminho de Santiago? Se sim, como?
Colaboração participativa	8. Considera que seria uma mais-valia a participação colaborativa dos residentes de Fontoura na colaboração com projetos para dinamizar o turismo em Fontoura e de outras freguesias semelhantes, como por exemplo, fazer parte de visitas históricas que possam ser propostas, pela sabedoria muitas vezes popular?
Transformação digital	9. Considera, que para a geração futura, a transformação digital, com oferta de meios adequados são importantes para a comunicação e divulgação do património do Alto Minho?
	10. De acordo com este trabalho de investigação, considera que uma plataforma turística em formato web e com acesso aberto, possa vir a ser uma mais-valia para as freguesias do Alto Minho e para a sua divulgação?
Extras	9. Existe algo que queira acrescentar a esta entrevista, ou que considere pertinente referir?

À perita na área – Professora Lídia Oliveira

Infocomunicação	1. Considera que a informação e a comunicação são importantes para freguesias rurais para a promoção e divulgação turísticas?
	2. Que meios considera que se devem aplicar para divulgar os diferentes tipos de património - cultural, natural, de memória - nas freguesias rurais?
Projetos	3. Dos estudos/projetos nos quais já estive envolvido/a teve conhecimento de algum património que tenha, entretanto, desaparecido? Se sim, como considera que se pode projetar a memória coletiva para o futuro?
Comunidades Rurais	4. Concorda que a promoção da transformação digital nas freguesias rurais pode vir a assegurar o empoderamento e as estratégias do PT2030, no que diz respeito à exploração dos recursos endógenos, para a competitividade e coesão deste tipo de territórios?
	5. A participação colaborativa e participativa é cada vez mais aplicada em comunidades de baixa escala territorial. Neste sentido, e no decorrer deste trabalho de investigação dá-mos nos conta da importância de colocar os residentes ao corrente das atividades que vão surgindo ao longo do tempo na freguesia rural. Quais os mecanismos que considera fulcrais para envolver os intervenientes locais no identificação das necessidades digitais e na cocriação de soluções digitais?
Transformação digital	6. Considera, que para a geração futura, a transformação digital, com oferta de meios adequados são importantes para a comunicação e divulgação do património em territórios rurais?
	7. A nível de apoios, os territórios rurais ficam muitas vezes "postos de parte", apesar dos Regulamentos preverem a capacitação dos mesmos. Que entidades considera fundamentais a estarem envolvidas num projeto que vise a colaboração da comunidade rural para o e-turismo?
Extras	8. Existe algo que queira acrescentar a esta entrevista, ou que considere pertinente referir?

F. DECLARATION

Support from the DigiMedia Research Centre for this doctoral thesis:



Declaração

Para os devidos efeitos, se declara que MÓNICA DA SILVA E SILVA é membro do Centro de Investigação em Média Digitais e Interação (DigiMedia) e que esta Unidade de Investigação tem conhecimento e apoia o estudo que está a ser desenvolvido pela estudante do Programa Doutoral em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, no âmbito do seu projeto de doutoramento intitulado "A infocomunicação em comunidades rurais de baixa literacia: Proposta de modelo colaborativo para e-turismo em Fontoura", com supervisão do Prof. Doutor Armando Malheiro e do Prof. Doutor Rui Raposo.

Universidade de Aveiro, 27 de maio de 2022

Assinado por: **NELSON TROCA ZAGALO**
Num. de Identificação: 10430904
Data: 2022.07.27 18:01:57 +0100

Prof. Doutor Nelson Zagalo

Professor Associado na Universidade de Aveiro

Coordenador Científico do DigiMedia

APPENDIX IV: PRE-TESTING OF THE SURVEYS

Members of the Parish Council analysed the questionnaire pre-tests. They were asked to pose questions about the Camino de Santiago to understand what pilgrims would consider to be the basic needs for staying overnight in Fontoura. We were also asked to find out how willing senior residents were to take part in guided tours of the parish. As the sample was small compared to the number of residents in Fontoura, we could only determine this by conducting interviews.

Two colleagues from the doctoral programme, as well as a resident of Fontoura who owned a camping space, analysed it.

APPENDIX V: ONLINE SURVEYS FOR TOURISTS, VISITORS, PILGRIMS, AND RESIDENTS

A. TOURISTS, VISITORS, AND PILGRIMS

Fontoura - Tourists and Pilgrims

Welcome to Fontoura 😜

My name is Mónica Silva and together with my guidance team, we would like to ask for your collaboration with the filling of this survey,, for a doctoral study, by the Faculdade de Letras, Universidade do Porto and the Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro, with the theme of rural communities for e-tourism in Fontoura.

The goal is to understand the degree of acceptance of open-access tourism platforms among tourists.

As part of this study, we ask for your collaboration in completing this survey, which will take you about 5 minutes.

The data collected is anonymous and will be treated as a whole and for statistical and academic purposes only by the General Data Protection Regulation.

If you are interested in receiving additional information about the study leave your email address at the end of the survey.

We thank you in advance for your valuable contribution and hope to see you again soon in Fontoura.

* Obrigatória

Identification

The following questions serve to outline the demographic profile of the respondents.

1. Where do you usually live? *(i.e. city, country)* *

2. Gender *

- ◯ Female
- ◯ Male
- ◯ I prefer not to say

3. How old are you? *

- ◯ Under 18 years old
- ◯ 19 to 29 years old
- ◯ 30 to 40 years old
- ◯ 41 to 51 years old
- ◯ 52 to 62 years old
- ◯ Over 63 years old

4. What is your marital status? *

- ◯ Single
- ◯ Married
- ◯ Divorced
- ◯ Widow(er)
- ◯ Domestic partnership

5. What is the hightest level of education you have completed? *

- ◯ Primary School
- ◯ Secondary School
- ◯ College
- ◯ University

6. What is your main professional activity or occupation? *

- ◯ Employee
- ◯ Self-employed
- ◯ Student Worker
- ◯ Student
- ◯ Housekeeper
- ◯ Unemployed
- ◯ Retired

7. What do you do for a living? *

Degree of acceptance of open access tourism platforms

The following questions will serve to chart the degree of acceptance of open-access digital

8. When preparing your trip, what sources did you use to search for information? *

	I used for Fontoura	I have never used	I've used it, but not for Fontoura
Websites	○	○	○
Social Networking	○	○	○
Travel Agencies	○	○	○
Tourist Information Office	○	○	○
Travel Guidebooks	○	○	○
Mobile App	○	○	○
Family	○	○	○
Friends	○	○	○
Influencers	○	○	○
Blog/Vlog	○	○	○

9. What kind of attractions do you think you can visit in Fontoura? *

	I will not visit	Maybe I will visit	I will visit	I will definitely visit
Chapels and Churches	◯	◯	◯	◯
Parks and Belvederes	◯	◯	◯	◯
Fairs	◯	◯	◯	◯
Manor houses/Wine Tourism	◯	◯	◯	◯
Traditional events *(folklore, harvest, grapes harvest)*	◯	◯	◯	◯

10. If available, how would you access information about Fontoura? *

	I would not use	Maybe I would use	I would definitely use	No opinion
Guided tours	◯	◯	◯	◯
Sharing Forum *(contribution platform for opinions, audios and videos)*	◯	◯	◯	◯
Open-Access Platform (like Google Maps)	◯	◯	◯	◯
Tourism Platform (open-access, website type)	◯	◯	◯	◯
Blog/Vlog	◯	◯	◯	◯
Mobile App	◯	◯	◯	◯

11. Imagine that Fontoura as a rural community, with unique endogenous resources, is presented as an information system in the format of a collaborative and participatory open-access digital tourism platform (i.e. the consumer interacts through it and can add data of what visiting). How strongly do you agree with the following statements? *

	I strongly disagree	I disagree	I agree	I completely agree	No opinion
11.1 Internet access is important to me when	I strongly disagree	I disagree	I agree	I completely agree	No opinion

visiting destinations.					
11.2 The open-access digital tourism platform would be an innovative product for Fontoura.	○	○	○	○	○
11.3 I would use an open-access digital tourism platform in Fontoura.	○	○	○	○	○
11.4 The digital platform should include texts, photographs and videos.	○	○	○	○	○
11.5 The digital platform should be participative (the consumer interacts with the platform, and builds his/her own story).	○	○	○	○	○
11.6 The digital platform should be collaborative *(the consumer collaborates with the platform by adding information to it).*	○	○	○	○	○

digital platform must be updated with customised data, applying storytelling tools *(the act of encourages the consumer's imagination).*	○	○	○	○	○
11.8 The digital platform would be an asset to the tourist community of Fontoura.	○	○	○	○	○
11.9 The platform would be an asset for the rural community of Fontoura.	○	○	○	○	○
11.10 The digital platform should include a forum *(platform for sharing opinions, texts, audio files, photos and videos).*	○	○	○	○	○
11.11 Communication and information sharing are important to spread awareness about rural communities.	○	○	○	○	○

Visitor / Tourist / Pilgrim Profile

The following questions will serve to identify the respondent as a visitor/tourist/pilgrim.

12. What types of territories have you visited the most in last 5 years? *

	Yes	No
Rural	◯	◯
Urban	◯	◯
Highlands	◯	◯
Coastal	◯	◯

13. How often have you visited rural territories in the last 5 years? *

- ◯ Once in the last 5 years
- ◯ Twice in the last 5 years
- ◯ Between 3 and 4 times in the last 5 years
- ◯ Over 4 times in the last 5 years
- ◯ Every month
- ◯ Every week
- ◯ Every day
- ◯ I never visited

14. On your visit/pass to Fontoura you came: *

- ◯ By yourself
- ◯ With one more person
- ◯ With a group of friends/colleagues (≥ 3 persons)
- ◯ With your family (≥ 3 persons)

15. How do you identify yourself as a visitor? *

- ◯ Tourist
- ◯ Pilgrim *(Way of St. James)*
- ◯ Digital Nomad *(individual who works remotely while visiting other locations)*
- ◯ Group traveller

16. As a pilgrim, what kind of activities do you consider important to stay overnight in Fontoura? *

	Not important at all	Not very important	Important	Very important	I am not a pilgrim
Open Church *(key available)*	◯	◯	◯	◯	◯
Hostel with flexible hours	◯	◯	◯	◯	◯
Hostel with laundry facilities	◯	◯	◯	◯	◯
Hostel with meal	◯	◯	◯	◯	◯
Market	◯	◯	◯	◯	◯
Events in the village square *(concerts, drive-in, gastronomic fairs)*	◯	◯	◯	◯	◯

17. How did you arrive in Fontoura? *

- ◯ By foot
- ◯ By bicycle
- ◯ On motorbike
- ◯ By car
- ◯ By bus
- ◯ Hitchhiking
- ◯ By taxi

18. In which type of accommodation are you staying in Fontoura? *

19. How many nights will you stay in Fontoura? *

- ◯ 1 night
- ◯ 2 nights
- ◯ 3 nights
- ◯ ≥ 4 nights
- ◯ I am not staying overnight

20. What is the reason for your visit? *

	Yes	No
Visiting Fontoura	○	○
Visiting friends/family	○	○
Being with family	○	○
Breaking out of the routine	○	○
New experiences	○	○
Participation in education service activities	○	○
Participation in volunteer work	○	○

21. If you are visiting/passing through the region, what is the main reason for your trip? *

	Yes	No
Holiday	○	○
The Way of St. James	○	○
Local Commerce	○	○
Attraction/Cultural Heritage	○	○
Attraction/Natural Heritage	○	○
Cultural Event	○	○
Events and Festivities	○	○
Visiting friends/family	○	○

22. If you are on holiday, what is your choice of level of importance? *

	Not important at all	Not very important	Important	Very important	Not on holiday
Cultural Holidays	○	○	○	○	○
Nature Tourism/Ecotourism	○	○	○	○	○
Rural Tourism	○	○	○	○	○
Adventure Tourism	○	○	○	○	○
Educational Holidays	○	○	○	○	○
Beach & Sun	○	○	○	○	○
Health & Wellness	○	○	○	○	○

23. We thank you for taking the time to complete this survey. If you are interested in receiving further information about this study, as well as its results, please leave your e-mail address here: *

B. RESIDENTS

The residents' questions were the same, except that when we asked tourists about Fontoura in particular, we asked residents about the destination in general. There was also a question about wanting to participate and collaborate in guided tours and promoting the parish, as requested by the Parish Council.

APPENDIX VI: INTERVIEWS TRANSCRIPTS

A. INDIVIDUAL TRANSCRIPTS

Transcrição – António do Guardal

Data: Entrevista realizada em novembro de 2022
MSS - Mónica da Silva e Silva (investigadora/entrevistadora)
AG - António do Guardal (sénior entrevistado)

Entrevista/Interview

MSS: E nesse sentido, eu estou a fazer um doutoramento, sim pela Universidade de Aveiro, como André referiu, mas também pela Universidade do Porto. São 2 Universidades, e qual é o objetivo deste trabalho, é tentar perceber através das pessoas mais velhas da freguesia o que é que vocês me podem passar uma informação que não está nos livros, principalmente essa a realidade. E também saber a vossa opinião sobre as situações que eu estou a tentar implementar no trabalho para ver se é importante. Não é, portanto, OK? Sabendo que não há nenhuma resposta errada nem certa, ok, aquilo que o Senhor responder é aquilo que o Senhor quiser, não há problema, absolutamente nenhum. Está bom, então eu posso começar já em linhas gerais, como é que o senhor António define Fontoura?

AG: Pronto, ela foi uma freguesia essencialmente agrícola. Sempre foi. (Risos) Com muito pouca indústria relativamente pouca e algum comércio. O comércio até é bastante acentuado. Tem até uns comércios ricos até. A sociedade é realmente… as pessoas são de uma maneira geral bem-educadas, isso é uma coisa que … porque passaram por aqui alguns párocos realmente cultos, muito cultos mesmo e isso influenciou também as pessoas a serem dum certo modo educadas e mais cultas um bocadinho, porque eu lembro-me que um pároco que eu não me estou a lembrar o nome mais antigo que eu me lembro, ele fazia… era capaz de fazer de 1 hora, (gargalhada) mas sempre na tentativa de educar, não é? E as pessoas, algumas e tal, mas a maior parte delas gostava, não é? Aprendia-se muito, não é, efetivamente, não é? Por exemplo, havia aqui professores da Freguesia, mesmo que também eram bastante evoluídos. Estou a pensar do meu professor, Professor Vitorino António Caldas. Era um professor fora do comum. Naquela altura, por exemplo, as escolas não podiam estar abertas a partir das 4:00 da tarde. E quando era, portanto, aquilo… naquela altura chamava-se a Quarta Classe, não é, aquilo era muito exigente. E então, o que é que ele fazia? Ele tinha uma quinta, ali em baixo. Levava os alunos. Fechava a escola. Levava os alunos para a quinta e dava-nos ali. E ele queria que os seus alunos dessem, fossem o melhor possível.

MSS: Possivelmente com a biblioteca da própria quinta, ele ensinava, não é?

AG: Exato, exato! Tinha, realmente muitas coisas boas, este homem!

MSS: É a quinta que chamam a Quinta do Professor Caldas, que é lá em baixo, acima da Quinta de São Miguel, é essa, não é?

AG: Exato, exato, exato, exato!

MSS: É essa, ok. Muito bem.

AG: É que depois eu tive muita pena. Ele conseguiu a reforma antecipada e, ali … andávamos nós na terceira classe, ali por meados de Abril, ele foi se embora. Veio um… Era muito fraquinho, mesmo não valia nenhum. Depois, ele era muito curioso. E ali no mês de Junho já ia assim calor, ele apareceu ali com um chapeuzinho de palha e tal, pediu ao professor "dá-me licença que entre?" "Faça favor" não é! E ele ficou todo assombrado, lá o outro. E ele "Olhe, dá-me licença que eu faço aqui umas perguntas aos meus antigos alunos?" Vai por ali abaixo, vai, faz uma pergunta a este, faz uma pergunta a outro. E ele era muito pão, pão, queijo, queijo. Ele, a verdade era para se dizer. Sai pela porta fora, nem disse adeus ao professor e disse: "Estão pior do que quando os deixei!" - (Grande gargalhado do António do Guardal) - Mas era verdade! O que ele disse era verdade, efetivamente, disse. Pronto. E a seguir veio outro, melhor um poucadito. Mas também não tinha a qualidade que tinha o Professor. Sem nenhuma dúvida!

MSS: A nível de pároco, Senhor António, estavas a referir-se ao Padre Lisboa?

AG: Não, não! Antes dele. O Padre Constantino. Campo de Castro.

MSS: Ok.

AG: O Padre Lisboa já é muito mais moderno, claro, é evidente, não é. E tinha os seus…

MSS: Mas considera que poderia ser uma figura ilustre aqui da Freguesia, o Padre Lisboa?

MSS: Tinha os seus prós e os contras como todos. Cometeu alguns erros graves em Fontoura, nomeadamente um que eu vou mencionar. Eu até só suspeito de falar porque o meu irmão tive uma contenda com ele terrível, não é, mas ele comigo, nunca tive assim problemas. Eu não estava aqui, estava ali em cima em São Bento, mas então, a Igreja de Fontoura, se hoje ainda reparar, tem lá um local onde havia um órgão.

Aquilo era, naquele tempo era assim e tinha 3 foles tipo ferreiro para fornecer ar para o órgão. Mas órgão estava bem completinho, tinha a tubagem e tudo. E ele cai na patetice de desmontar toda aquela porcaria, aquilo tudo. Isso não se faz! E para mim, foi o maior erro que ele cometeu em Fontoura. Cometeu alguns. Pronto. Todos falhamos. Quem é que não falha?

MSS: Sim, exatamente. É verdade. Ok. Então considera que o Padre Constantino seria uma figura mais ilustre do que o Padre Lisboa aqui para Fontoura?

AG: Sim, sim, sim, sim, sim e ele era tão ilustre como isso. Ele tinha uma biblioteca estrondosa, uma coisa importante. Ele passava as noites, na biblioteca. Só se deitava lá de madrugada já. Quando vinha alguma pessoa importante de Valença, era o homem que tinha de se mostrar, era ele…

MSS: Era como é hoje o Padre Gonçalo?

AG: Exatamente. Exatamente. Um pouco isso.

MSS: E diga-me uma coisa, e eu lembro-me da minha avó e da minha bisavó também, a Tia Rosa, também falava muito que havia uma biblioteca excecional na Casa Paroquial.

AG: Havia! Havia!

MSS: E ainda existe essa biblioteca?

AG: Parte! Parcial! E aquilo era assim: grande parte dos livros eram mesmo do Padre, do Padre Constantino. Ele tinha outra parte, que era também, sensivelmente 50/50 era já da paróquia. O Padre Constantino - isto é assim ninguém pensa que morre, não é? – O Padre Constantino estava farto de dizer que ia doar tudo a Freguesia. Mas acontece que não o fez. Morreu assim, quase subitamente.

MSS: Mas faleceu antes de o conseguir fazer?

AG: Exatamente. E acontece que depois os familiares dele, e eu lembro-me disso perfeitamente, vieram por aí abaixo com uns carros de bois. Carregaram três carros de bois de livros, os que estavam rubricados pelo Padre Constantino, eram deles.

MSS: Ok.

AG: Levaram-nos todos.

MSS: E esses livros, Senhor António, peço desculpa interromper, esses livros foram levados para onde, o Senhor sabe?

AG: Sei. Foram levados para São Bento.

MSS: Aaah!

AG: Ele era dos Castros, e o irmão dele tinha um estabelecimento ali São Bento, não é, que ainda existe hoje.

MSS: Ok.

AG: E eles foram levados para lá e ficaram num coberto ali fora e a garotada… Depois, um filho desse Senhor Celestino Campo de Castro, já morreu e, ele é que me contou que iam para ali uns garotos e rasgavam folhas e deterioraram parece que muitos.

MSS: Ok.

AG: Entretanto, eles levaram, por jeito, também muitos livros que, realmente, eram da paróquia.

MSS: Então, digamos assim, património da Freguesia?

AG: O Tribunal tomou conta da questão. E eles foram obrigados a trazer os carrinhos outra vez, carregados por aí abaixo.

MSS: E tiveram de devolver à Casa Paroquial, os documentos?

AG: Resolveu-se e depois levaram os que realmente eram deles.

MSS: Então se nós quisermos ter acesso a esses livros, não temos como … ou pedindo ao Padre Alfredo temos… podemos ter acesso à biblioteca?

AG: Sim, sim. Com certeza que pode.

MSS: Ok. Sim.

AG: Com certeza que pode.

MSS: Ok. Principalmente, para fotografar e mostrar um exemplar que existe aqui, porque sempre ouvi dizer que a biblioteca…

AG: Só que penso que o Padre Alfredo nesta altura não manda nada. Por aquilo que eu sei, não é?!

MSS: Os comentários…

AG: Gargalhadas

MSS: … da Freguesia, não é?! Então, com quem acha que eu devo falar para conseguir? Para conseguir ter acesso à biblioteca, ao Padre Gonçalo, não é?

AG: O Padre Gonçalo, talvez seja mais indicado.

MSS: Pronto. Eu ouvia dizer que o Padre Alfredo vinha cá dormir.

AG: E vem. Mas a… a Freguesia está contra isso totalmente e tem razão.

AG: Já, também, tem lá uma casa na Silva, tem outra casa, claro.

MSS: Se ele não exerce serviço, não tem que…

AG: E ele utilizava o telefone! E por jeitos quem paga é a paróquia. Usava abusivamente. Não se faz.

MSS: Claro. Exatamente. Pois. Mas era o que nós estávamos a dizer. Há falta deles, não é, dos padres e como é que se resolve essa situação.

AG: Pois é.

MSS: É complicada.

AG: É muito complicada.

MSS: Então o Padre Gonçalo é a pessoa que está a fazer neste momento a gestão da Casa Paroquial?

AG: Sim. Eu penso que sim, penso.

MSS: Pronto. Ok.

AG: Eu digo, penso que sim, porque eu, embora more aqui em Fontoura, eu vivi muitos anos em São Pedro. Tenho lá casa, portanto, e daí tem o meu filho, está lá estabelecido e tal e o meu filho, …

MSS: Tem um gabinete…

AG: O gabinete exato e, portanto, eu faço a minha vida espiritual praticamente lá …porque…

MSS: Do outro lado, claro! Tem a sua família, claro.

AG: Eu estive lá, há muitos anos, desde 1961. E depois, quando a minha mulher faleceu, eu, na altura, pensei… Mas depois, estava, na altura, um Padre que era muito meu amigo. Aliás, todos passaram lá, todos meus amigos, mas este era. Tínhamos uma ligação extraordinária e eu disse assim, eu vou fazer transferir o cadáver da minha esposa para Fontoura e porque, eu, entretanto comprei uma casa em Fontoura, e…, "nem pense nisso" disse-me ele "você faz-me aqui muita falta. Não, eu não o deixo ir". Pronto, chateou-me tanto que acabei por ficar, não é? Ficou lá.

Não, não veio para aqui está lá sepultada, pois em 1997, comprei então esta Casa ali e vim para ali. E, portanto, vou lá acima, vai-se andando de um lado para outro.

MSS: Pronto. Faz a sua vida e também ao menos mantém-se ativo.

AG: É isso.

MSS: Não é?

AG: De que maneira! Ainda hoje, eu ainda faço… ainda, agora faço catequese todos os dias! Sou Ministro extraordinário da comunhão. Olhe, são 1001 trabalhos.

MSS: Já viu teve os ensinamentos por parte da … Agora é o senhor que…

AG: Já há 25 anos que eu ando nessa vida, veja lá.

MSS: Exatamente e é mesmo por gosto, não é?! Quem corre por gosto, não cansa.

AG: É exatamente. Quer dizer, é por um dever, pronto, a gente compreende que se é católico, tem de o ser de verdade.

MSS: Claro.

AG: É, então tem de ser apóstolo mesmo.

MSS: Tem de dar o corpo ao manifesto, não é?

AG: Exatamente.

MSS: Senhor António considera que a informação e a comunicação são importantes numa freguesia como Fontoura para a promoção turística e para a divulgação turística do lugar?

AG: É! É muito importante.

MSS: Ainda mais por ser um território rural? Acha que sim?

AG: Pois, é importantíssimo.

MSS: Pronto. Considera que, por exemplo, era necessário haver uma rede turística aqui entre as freguesias de proximidade, São Pedro da Torre, Cerdal, São Julião e Silva.

AG: … Importantíssimo.

MSS: Então, considera que este trabalho, que está a ser desenvolvido neste momento por mim, poderia ser expandido para outras freguesias?

AG: Sim, claro.

MSS: Ok. Que meios considera que se devem aplicar para divulgar o património de Fontoura? Como acha que poderia divulgar mais o património, não é. Nós estávamos a falar há instantes que temos um património bastante vasto, não é?! Ali pela maquete, também consegue ver que há o alinhamento dos moinhos que nós, entretanto, descobrimos que são já cerca de 34 moinhos. É possível que se venham a encontrar mais, não é?! Muitos deles estão debaixo do coberto vegetal que nós já nem sequer temos noção de que eles estão lá, exatamente.

AG: Se eles existem…

MSS: E nesse sentido também temos muitas quintas senhoriais como o Senhor António estava a falar! Temos muitas capelas, ou seja, muito património religioso. Temos mesmo caminho de Santiago também, não é, portanto, que meios é que o Senhor considera que deveríamos aplicar para a divulgação junto dos mais jovem e junto dos mais velhos, também?

AG: Eu acho que principalmente com os mais novos, porque eles é que são o futuro.

MSS: Sim, é verdade, mas vocês também fazem parte da Comunidade, não é?

AG: Sim, sem dúvida, mas como dizer? É importante que isso… portanto, a rádio, a televisão, isso tudo, isso é importante, os jornais, tudo isso é comunicação. É importantíssima, não é?

MSS: Por exemplo, O *Perico de Fontoura*, considera que deveria haver um, digamos assim, uma abertura, sempre num jornal, sempre que é publicado *O Perico de Fontoura*, haver sempre o contar de uma lenda ou de um mito ou de uma parte da história de Fontoura? Acha que isso seria uma mais-valia para o reconhecimento da Freguesia?

AG: Ah, isso é. Muito importante! Que as pessoas curiosas vão à procura de saber e *O Perico de Fontoura* É curioso, eu também tenho dois lá, não gosto de verdade! Já disse à Junta muitas vezes "olha, então vocês dão conta daquilo porque eu não preciso daquilo para nada", não é? E, este ano até por acaso, acho que não têm nada, mas alguns anos dão muitos e depois caem no chão…

MSS: Pois, a D. Júlia, a nora do Senhor João da Micas, estava-me a dizer que este ano os pericos caíram todos no chão e não há nenhum na árvore, que ela nem sabia muito bem como é que eles iam fazer para a Feira de Cerdal, deste fim de semana que passou. Ou, eles deviam estar num preço exuberante, não é?

AG: Este ano devia ser muito difícil realmente…

MSS: Ora, bem, diga-me uma coisa, a mim falou-me de meios tradicionais, como os jornais, a televisão, o rádio. E meios digitais?

AG: Também.

MSS: Ou seja, meios digitais mais para os peregrinos. Estou a ver ali um peregrino a passar, mais para os peregrinos estrangeiros, ou seja, quando eles viessem cá, se porventura, eles tivessem algum tipo de oferta, que estivesse disponível para que no Caminho de Santiago pudessem fazer, por exemplo, uma visita à Igreja que estivesse aberta, considera que seria uma mais valia, por exemplo.

AG: É que chova, quer faça vento, eles nunca falham!

MSS: É verdade

AG: Impressionante, eu admiro aquela gente.

MSS: É o que o Senhor disse, é crença, não é, a fé leva …

AG: Eu não era capaz de fazer.

MSS: Só em tempo quente!

AG: Vejo, eu vejo-os a andar às vezes com as coisas em cima da cabeça e às costas, enquanto, … Jesus! terrível, daqui a Santiago de Compostela, a pé, não é brinquedo!

MSS: Então imagina quem vem do Porto? Ou quem vem de Fátima? Ou que vêm de outros países, não é? Eu acredito que eles parem no aeroporto e depois façam a entrada a partir do Porto.

AG: É!...

MSS: Mas há pessoas que vêm mesmo de França e que fazem o Caminho todo.

AG: Sem dúvida, sei porque há diversos caminhos mesmo, em Portugal, o caminho francês…

MSS: Exatamente! A nível de informação digital, como sabe, a Junta de Freguesia de Fontoura tem a página digital na Internet, não é? O website, tem também redes sociais como o Facebook. Acha que seria importante para os mais novos fazer a divulgação aí ou considero que também deveria ser nos jornais para aumentar, digamos assim, o gosto, por exemplo, da leitura pelos mais novos? O que é que o Senhor considere?

AG: Hoje em dia, os novos métodos, claros, estão envolvidos e os novos vão mais nisso. Os mais idosos veriam muito mais no jornal, por exemplo.

MSS: E o jornal *O Perico* devia ser divulgado com mais assiduidade? Considera que sim?

AG: Eu acho que sim! Eu acho que sim! Porque é uma raridade, já! Já quase não há! São muito poucos, não é?

MSS: Sim, é verdade! E o ser colocado na caixa do correio, não é, é também uma tradição, daqui, de Fontoura.

AG: Pois, pois é uma maneira mais fácil das pessoas…

MSS: Chegarem à informação, não é, até podia haver exatamente essa mesma comunicação para as pessoas sénior da aldeia, não é. Podia haver essa informação, caso houvesse visitas guiadas e por aí fora, para que vocês se pudessem inscrever. Gostaria de ver os moinhos, por exemplo, inseridos numa rota turística, assim como as capelas?

AG: Eu acho que era importante isso.

MSS: Mas associada às capelas, associada ao património ou independente.

AG: Podia ser associado às capelas, porque muitos deles também estão próximos das tais capelas.

MSS: Exato! Muitos deles estão associados às quintas que, por sua vez, também têm um cariz religioso, não é? Ok. Recorda-se de algum património cultural e/ou natural que tenha existido em tempos na Freguesia, como a capela da Nossa Senhora da Conceição, no lugar da Valinha, como o André estava a referir. Tem lembrança dessa capela, não tem lembrança dessa, não?

AG: Não tenho. Sinceramente, eu não tenho. Não faço ideia nenhuma onde seria ali. Havia uma relativamente próxima desse sítio que é a Capela da Quinta da Poça do Monte. E essa penso que está razoável. Estava há pouco tempo, ainda. Tinham as imagens. Agora acho que já não tem, mas ainda há poucos anos, havia lá imagens, lá dentro.

MSS: Ok.

AG: Que era da família Rocha, que era uma família que tinha diversas quintas em Fontoura. Tinha a Quinta de Santo António, que depois venderam. E, portanto, e essa…

MSS: E o que se fala e o que eu estou a tentar agora criar analogias e comparações com esta informação da Capela de Nossa Senhora da Conceição, exatamente associada à Quinta da Poça do Monte, porque também existia, por exemplo, a Quinta do Rio Torto, depois foi separada por parcelas, não é, e é hoje o que é, o que nós conhecemos enquanto Rio Torto. Portanto, eu acredito que, se calhar cada lugar eram grandes quintas, não é, que depois foram separadas em parcelas, os tais ditos lugares, o facto que, como o Senhor António disse, Fontoura ser um território extremamente agrícola, não é. Depois, foi feito o parcelamento e foi dividido para as diferentes pessoas da freguesia. E fala-se possivelmente que houve uma mudança de Orago, ou seja, aquela capela, que agora a capela que o povo chama a capela de São Pedro, que não, é a capela de devoção a São Félix, mas que até tem no portão escrito São Pedro, que tenha sido, anteriormente, Capela de Nossa Senhora da Conceição e, posteriormente, tenha havido um pedido de alteração do Orago. Isto porquê? Porque nas memórias paroquiais de 1755, aparece exatamente a informação de que é feito um novo pedido para a identificação da capela, ou seja, uma capela sofreu algum acidente, ou veio abaixo, ou sofreu um incêndio, portanto, possivelmente poderá ter havido alteração do Orago, nesse preciso momento. O Senhor não tem lembrança de alguma coisa que tenham falado, dessa altura, os seus familiares?

AG: Disso não tenho, eu não. Há uma coisa muito curiosa que se calhar não conhece. Há um lugar, nesta Freguesia, que se chama Reguengo.

MSS: Sim.

AG: É claro, isto vem de Realengo, enfim… E consta-se que a Rainha Santa Isabel terá passado ali!

MSS: Hmm…

AG: A casa onde ela teria ficado…

MSS: a pernoitar…

AG: …a pernoitar, eu conhecia perfeitamente como ela era. Era uma casa rudimentar mesmo muito rudimentar, mas tinha uma porta com umas ombreiras que eu nunca vi em lado nenhum, com um trabalho, assim, em pedra, fantástico. Mas aquilo, depois, tornava-se muito estreitinho, porque de um lado e de outro, aquilo lá e depois…, mas tantos erros na vida, Jesus! Há pessoas que não têm conhecimentos e depois estragam tudo. O dono daquilo, que era um indivíduo até com uma certa capacidade e, hoje admiro-me como é que se comete esses erros? E quem cortou isso, foi o meu falecido pai. O meu pai era canteiro, pedreiro.

MSS: Sim, sim, sim.

AG: E foi lá cortar aquilo. Estragou aquilo tudo claro, ele mandava e alguém fazia. Havia, ali, um doutor, em Valença, que era o Doutor Ibérico, que era muito entendido de coisas antigas e ele sempre que ia a Fontoura, ele ia lá ver aquilo. E ele andava a dizer até a Senhora, mas ele era assim um bocado miudinho, não é, ele andava a dizer à Senhora “Olhe, eu, qualquer dia, fico

com esta portada e ponho-lhe aqui outra" e ela disse "Está bem, faça isso, eu deixo levar isso", mas ele nunca fez, não é. Mas vinha sempre ver aquilo… Veio lá quando estavam a cortar. O homem atou as mãos à cabeça. Saiu, por ali fora, tolo e com razão, não é, ó pá, "estragaram isto tudo".

MSS: Exatamente, não é. Então esse património perdeu-se?

AG: Totalmente, não é!? Porque depois quis associar a isso, há uma quinta mais abaixo um bocadinho da Quinta da Rua que tem umas ameias e tal era, portanto, senhorial. E queria, quiseram associar a vinda da Rainha Santa Isabel que ficava lá, mas ao que parece, não foi, foi na outra, foi na tal outra.

MSS: Ok. Em Fevereiro deste ano, houve, junto com o Clube Sénior, a convite da Filomena Caldas, para mim e para o Rui Ferreira um convite para nós fazermos uma visita guiada aqui em Fontoura. A Filomena, porque soube que eu estava a fazer um trabalho que é exatamente este trabalho sobre Fontoura e que tenho lido muito sobre Fontoura e tenho descoberto coisas extremamente maravilhosas sobre Fontoura, e o Rui também que me deu uma ajuda preciosa, porque tem um conhecimento excecional aqui da freguesia, e nós contamos duas lendas aos Seniores. Contamos a Lenda do Reguengo, ou seja, a do pernoitar da Rainha Peregrina, como é conhecida, não é. E contamos também a Lenda da Casa Alta: o facto de saírem folheados, digamos assim, partículas de ouro da fonte, não é, pronto e levámos exatamente o Clube Sénior, fizemos a parte, tivemos autorização por parte da Casa Alta para fazermos todo o percurso até à fonte para vermos exatamente essa situação. Mas isto de contar histórias, basta criar, haver um elementozinho para criar logo uma história …

AG: à volta …

MSS: à volta e acaba por ser isso que vende, se me permite a expressão.

AG: Sem dúvida.

MSS: Não é? Portanto, se nós conseguirmos fazer isso também aqui por Fontoura, no sentido de que haja essa mesma divulgação, apesar que eu sei que já há pessoas, que de outras universidades, também, sem ser a Universidade do Porto e a Universidade de Aveiro, que escreveram sobre, exatamente, a Rota de Santiago, não é, e sobre a passagem da Rainha Santa Isabel. Não só a Rainha Santa Isabel, mas também outras figuras notáveis de outros tempos que terão passado aqui enquanto Caminho de Santiago, portanto, mostra-nos exatamente o Caminho de Santiago e o troço que passa aqui para computador.

AG: Sabe aquela Quinta de San José chamada assim, pertence à família da Casa Alta.

MSS: Sim, sim, sim.

AG: Aquilo era do Champalimaud.

MSS: Sim. Exatamente.

AG: Era aí. E, o último dos Champalimaud morreu aqui há uns anos, ainda tentou comprar aquilo outra vez, mas eles não venderam.

MSS: Ok. Eu lembro-me da minha avó contar que quando os rapazes tinham de fazer serviço militar, não é, para ir, depois, combater, muitos dos rapazes se agarravam aos portões…

AG: Era isso!

MSS: … para estarem a salvo e de não irem, não é? Então agarravam-se aos portões da Quinta de São José.

AG: Aquilo normalmente tinha uma argola, ali. E lá, ali agarrados, ficavam isentos do serviço militar. Eu lembro-me. Fazia parte daquela família.

MSS: Exatamente. Eu lembro-me muito da minha avó contar essas histórias, exatamente. Considera que a Freguesia deve trabalhar mais a divulgação do Caminho de Santiago? Se sim? Como?

AG: Acho que é sempre bom divulgar. E de todas as maneiras.

MSS: É preciso mais sinalética turística? O que acha que é necessário?

AG: Está bom, eles têm melhorado bastante o Caminho, com os passeios em pedra e tal. Melhoraram bastante, portanto, mas a sinalética é capaz de não estar assim muito, não sei, não conheço muito porque eu raramente ando por lá.

MSS: Claro!

AG: Mas se calhar não está assim muito esclarecida, não dá, não está muito clara, não sei.

MSS: Ok. Acha que *O Perico* também ajudaria a perceber …

AG: Sem dúvida! sem dúvida!

MSS: … o que é, que através do jornal seria uma mais-valia para a criação?

AG: Sem dúvida, porque é uma raridade, só em Fontoura e São Julião é que ele existe. Não existe em mais lado nenhum.

MSS: Ok. O jornal que entrega nas caixas de correio dos residentes das freguesias. Só nestas duas freguesias de todo o Concelho de Valença?

AG: Se pudesse ser, seria bom. Mas se não pudesse ser nestas duas freguesias, pelo menos era importante para as pessoas não deixarem perder. …

MSS: Claro, exatamente. E considera que a divulgação, quer do património natural, quer religioso, quer o Caminho de Santiago, podia ser aplicado tudo no jornal, na rádio, do Vale, do Vale do Minho e por aí.

AG: Sem dúvida, sem dúvida, sem dúvida. Quanto mais reclame se fizer, vem ao de cima!

MSS: Mas sabe que a melhor publicidade é o boca a boca, não é? Portanto, às vezes estar a falar e estarmos também a criar estas entrevistas, com certeza o Senhor vai chegar a casa e vai comentar o que aconteceu…

AG: Normal.

MSS: … aqui, não é? Portanto, acaba por haver uma passagem. Se porventura houvesse projetos para dinamizar o turismo aqui em Fontoura, o Senhor António gostaria de participar nos mesmos?

AG: Era menino para isso. Você nem sabe quantos anos eu tenho?

MSS: Eu não.

AG: 85!

MSS: Não me diga!

AG: Ah, mas é verdade. Nasci em 1937, em maio de 37.

MSS: Mas olhe que não parece absolutamente nada.

AG: Pois toda a gente me diz isso, mas eles …

MSS: Está muito bem conservado!

AG: … estão cá, eles estão cá!

(Gargalhadas)

MSS: Mas fazer parte, por exemplo, de visitas guiadas relativamente a esta questão. Por exemplo, se nós tivéssemos uma rota proposta aqui para o André de situações de cariz religioso, muitas vezes o turista não quer só saber o que é que ela é, a Igreja e o que é que ela tem ou que ela não tem porque ele isso consegue ver, não é? Mas, por exemplo, essas histórias que o senhor António me contou que, por exemplo, muitas vezes, o Professor Caldas levava-os para a casa dele, não é? E vocês tinham aulas na casa dele. E não a aula na escola, com seria de esperar. Ou seja, considera que gostaria de fazer parte dessas histórias, ser um guia local por um dia, por exemplo.

AG: Se não houver mais ninguém que o faça, … (GRANDE GARGALHADA) …eu terei de o fazer, não sei!

MSS: E se houver esse pedido, por exemplo, se passar um dia com o Senhor, com o Senhor João da Micas, não digo por causa dos problemas de locomoção que o Senhor João da Micas tem, mas por outras pessoas que sejam convidados. Acha que isso seria uma mais-valia, também, para a divulgação da Freguesia?

AG: É importante! Tudo isso é importante!

MSS: Então, posso contar consigo, no futuro?

AG: Pronto agora há de ser! De ser contrariado. (GRANDE GARGALHADA) Mas sim!

MSS: Não! Contrariado, não o vou chamar! Contrariado, não vou chamar. Não … Um dos objetivos é exatamente, que este trabalho permita a criação então das ditas rotas e que é algo que o André já procura, também, há algum tempo. E se nós conseguíssemos fazer com que estas rotas se tornem participativas e colaborativas, ou seja, o que é que é isso? É toda a base do meu trabalho, a colaboração por parte das pessoas que conhecem o território, não é, e a participação de pessoas que não conhecem e passam a conhecer e, que vêm que pela sensação de pertença que as pessoas têm, principalmente as pessoas mais velhas, que realmente faz sentido, que é

algo que nós devemos valorizar e manter, não é. E é nesse sentido que nós queremos trabalhar todas estas redes turísticas que eu estou a tentar desenvolver. Considera que para a geração futura, a transformação digital, com oferta de meios adequados, claro, conforme nós falamos, seria uma mais-valia para a divulgação de Fontoura? Sim?

AG: Aí será de certeza, isso não tenho dúvidas nenhumas.

MSS: Pronto. Ok. A nível dos moinhos, o Senhor António, tem alguma coisa para me dizer?

AG: Eu tenho aqui um apanhado sobre isso.

MSS: Sim, Senhora, vamos lá então?

AG: Portanto, há diversos regatos que atravessam a Freguesia. Não são muito caudalosos, nenhum deles. Portanto, eu tenho aqui Regato da Grove nasce nos montados altos de Fontoura.

MSS: Ok.

AG: E antes de ser atravessado pela Estrada Nacional 201, movimenta, com seu caudal, o primeiro moinho. Mas eu penso que até não é o primeiro, penso que há outro antes, mas este ainda lá existe e os outros, não sei se ainda existem, não é, de moagem de milho, especialmente, no Inverno e na Primavera. Porquê? Porque o caudal depois é tão fraco que já não dava nada disso, não é?

(Risos)

MSS: Ok.

AG: Logo de seguida, na ponte na descida da Estrada 201, fazia girar mais um moinho de cubo de aduelas em granito bem trabalhado e de altura respeitável. Era o único que eu vi com tamanho altura. Não sei ...

MSS: Mas é antes da ponte ou depois da ponte?

AG: É quem vai, portanto, à direita da ponte.

MSS: À direita da ponte, que ainda se vê.

AG: Não sei se vê, do lado debaixo da ponte. Eu não sei se elas estão lá todas. Aquilo tinha uma altura descomunal mesmo. Nunca vi nenhum assim … que era para o peso da água, depois, movimentar mais facilmente, mas é esse, era muito bem trabalhado. Depois, mais abaixo, logo mais abaixo, há um que foi totalmente restaurado. E hoje, funciona como Casa de Abrigo de férias, não é.

MSS: Ah, ok.

AG: Cerca de uma centena de metros abaixo, um outro, com fins de serração de madeira, que também havia isso aqui, em Fontoura. Devido à planura dos terrenos, só encontramos um outro moinho de milho, já no lugar de Rio Torto e que está em ótimo estado. Passa-se lá, é o único mesmo impecável que eu conheço.

MSS: Então, fica em frente à casa do Carlos.

AG: Sim, sim, sim, sim.

MSS: Ficava no antigo terreno da Tia Palmira?

AG: É exatamente.

MSS: Ok.

AG: Esse tem um estado impecável. A cada passo, eu ainda o vejo a trabalhar. Às vezes, passo ali e vejo aquilo a rodar. Siga o seu caminho, o regato vai desaguar no Ribeiro do Malheiro que separa Fontoura, Santa Maria da Silva, São João da Silva. Depois, há um Regato do Formigal. Nasce no Monte de Cossourado, nos limites com Fontoura. Cerca de 200m abaixo, vemos o resto num lastimável estado, lastimável estado de conservação de um moinho de milho. Umas largas centenas de metros abaixo, um moinho duplo de milho, centeio ou trigo. Acoplado à casa de habitação, este com a vantagem de funcionar praticamente todo o ano. Pois, antecede-o uma vasta represa para regadio agrícola que, inevitavelmente, passa pelos seus cubos. Estando, logo abaixo, mais dois moinhos em estado decadente. Cerca de 1 km depois, mais três moinhos de milho, a uma distância assinalável, um casarão em razoável estado de conservação, de uma fábrica rudimentar de trituração de azeitona. E todo o seu mecanismo de fabrico de azeite, bem como mecanismo de serração de madeira, há muitas décadas desativado. Um pouco abaixo, o tal moinho que foi de enxofre, que falámos, não é? Depois o Ribeiro divide-se a freguesia de Fontoura da da Silva, de caudal bastante razoável. Entra, em Fontoura, numa grande planície. Tem apenas um moinho de milho, que é o tal que, pelos vistos, também era de produção de enxofre. Cerca de 3 km, após a entrada em Fontoura e no limite entre São Julião, Silva e Santa Maria… São Julião da Silva e Santa Maria da Silva, a confrontar com Fontoura, existe, ainda, em bom estado de conservação, um local denominado Carvalhal, um engenho de azeite, … naturalmente, há muitas décadas… e, portanto, esses são estes, é aquilo que eu conheço, mais ou menos.

MSS: O senhor permite-me que eu tiro fotografia a esses elementos?

AG: Pode ficar com isto. Isto não me faz falta nenhuma, não faz falta nenhuma.

MSS: Ah! posso ficar com isso? Muito obrigada! Com esta letra maravilhosa que lembra a da minha Avó que também escrevia assim. Que maravilha! Então diga-me uma coisa, o Senhor falou-me aqui de que… , deixe-me ver que não diga asneiras, que o que nasce em Cossourado é o Regato do Formigal, …

AG: Exato.

MSSS: …certo?

AG: Sim.

MSS: O Senhor João da Micas falou-me do Regato da Azevinheira. Será o mesmo?

AG: É o mesmo.

MSS: Ah! Ok. Só para tirar a dúvida.

AG: Certo. (Risos)

MSS: Ok. E porque é que ele assumia dois nomes? Sabe me dizer?

AG: Porque a Azevinheira faz parte do lado do Monte de Fontoura, do lado Poente é Azevinheira, do outro lado é que é conhecida como tal, como eu disse.

MSS: Ok. O Senhor se olhar, ali para maquete, eu vou agora chegar ali perto da maquete para o Senhor ver aqui uma coisa. Sempre que nós temos estes desencontros, digamos assim, das cotas, não, supostamente aqui… (já saiu, devia estar aqui preso), supostamente são pontos de água, que é o encosto, não é. Pronto. Ou seja, eu estou a dizer se aqui deveriam ser elementos que depois desaguariam exatamente… este aqui seria outro, este aqui seria outro, não é, ou seja, algures aqui teríamos outro. Pronto. Mas aquilo … aqueles que realmente alimentavam os moinhos aqui em Fontoura, seria só o da Grove, que é este aqui a azul, e, o da Azinheira, que seria este que está aqui a verde. Mais nenhum teria força o suficiente para alimentar qualquer tipo de estrutura que pudesse descer…

AG: A não ser o tal da Bogalheira que esse também falei…

MSS: Certo.

AG: … e esse é muito mais caudaloso.

MSS: Ok. Pronto. Depois falaram-me, aqui, também havia nesta zona, aqui em baixo, mais dois moinhos. Aqui um que está já do outro lado, ou seja, aqui já é São Julião e, que havia aqui o outro, que a D. Lina do Mino Manco, a esposa, disse-me que este aqui seria o Moinho do enxofre.

AG: É possível.

MSS: Mas, numa zona tão baixa, a água conseguia chegar aqui, Senhor António?

AG: É um bocado difícil. (Risos)

MSS: Não. É porque nós, eu vivo em Rio Porto e, o Rio, Rio torto é onde está o vale, ou seja, é a parte mais baixa da…

AG: Foi por aquilo que eu comecei, o tal moinho do enxofre que eu me referia. É aqui, naquela quinta, ali que se chama Quinta de Santo António…

MSS: Sim, sim, sim.

AG: … nos fundos da Quinta.

MSS: Sim.

AG: Portanto, quem vai nesta estrada, passa ali aquela ponte e, se olhar, ali vê ainda o moinho…

MSS: Sim, sim!

AG: Ainda se vê muito.

MSS: Sim, tem esse moinho. E tem outro moinho, mais abaixo, já na parte da Quinta do Professor Caldas que um …

AG: do Professor Caldas.

MSS: … bombeiro, que é um bombeiro de Valença, que é o bombeiro Miguel Lourenço… não sei se o Senhor sabe quem é?

AG: Ouço falar nele.

MSS: Fez a reabilitação desse moinho e o moinho já está reabilitado. Ok?

AG: Ouvi isso. Ainda bem, são poucos…

MSS: Pronto. Neste sentido, gostaria de saber se gostaria de acrescentar mais alguma coisa à entrevista ou algum procedimento que considera que poderia referir mais para o desenvolvimento deste trabalho?

AG: Sim queria: São Gabriel!

MSS: São Gabriel, diga-me coisas sobre São Gabriel.

AG: São Gabriel, talvez saiba que houve ali uma Feira mensal.

MSS: Sim?

AG: Que não é do meu tempo.

MSS: Ah! não é do seu tempo?

AG: Não é do meu tempo. Quer dizer, depois, fazia-se esporadicamente e, depois já foi o Padre Lisboa que fiz isso. Esporadicamente, fazia-se uma feirita hoje, amanhã, mas não tinha data certa. Mais normalmente, no mês de Agosto, que era a festa de São Gabriel…

MSS: Há sim, sim, sim, sim.

AG: … Mas antes havia uma feira, que pelos vistos, era muito concorrida. Na altura a Feira de Cerdal, que hoje é grande, na altura era…

MSS: … pequenina comparada com a de Fontoura. (Risos).

AG: Vinha gente, pelos vistos, de muito longe, a pé, a cavalo especialmente de Cornes e de Vila Meã e daqueles lados…muita gente daqui…

MSS: E a Feira, tinha o quê? Sabe-me dizer?

AG: É essencialmente agrícola, eu acho, acho que era.

MSS: Eram produtos locais, era agrícola, para ver outros produtos que as pessoas produziam em casa. Ok. O azeite? Vinho?…

AG: Essencialmente da vida. Claro, havia muito que havia imensa. Havia, ali, uns Marcos que acho que já retiraram. Também fizeram bem aquilo que não estava ali a fazer falta nenhuma, mas havia uns marcos de pedra a separar a área da Feira da área do Culto.

MSS: Ah! Ok.

AG: Olhe, quando eu andava na escola, andávamos às vezes a brincar ali com esses marcos, saltávamos por cima e tal.

MSS: As crianças transformam sempre alguma coisa que vêm num brinquedo que se possa em.

AG: Que se possa dar algum cabimento.

MSS: E que se possa assumir com outra função!

AG: É verdade.

MSS: Ok. São Gabriel… falou-me também do Reguengo, não é, que é o outro elemento que podia ser e que podia fazer parte, digamos assim, da rota ou da criação da lenda do Caminho de Santiago, não? E eu acredito que, para ser uma lenda, tem de haver factos históricos …

AG: Tem alguma base verídica? Não é.

MSS: …que … exatamente. E considera que esta Festa, Feira Mensal de São Gabriel devia ser reativada.

AG: Hoje em dia, acho que não tenha muitas hipóteses, porque os acessos não são famosos. Fica num sítio assim…

MSS: Por exemplo, em vez de ser mensal, ser trimestral ou semestral?

AG: Sim, sim, sim, talvez isso, talvez isso, trimestral…

MSS: Haver uma grande feira semestralmente, ou seja, uma na época quente e outra numa época fria?

AG: Antes de São Gabriel, no dia 15 de Agosto costuma-se fazer essa feira e, às vezes, fazem uma outra pelo Natal, depois.

MSS: Sim.

AG: Isto são… Portanto, a Junta de Freguesia, é quem dinamiza? E é a partir daí nessa, especialmente na do Natal, parece-me há pessoas aqui que são habilidosas a fazer doces e coisas e fazem maravilhas.

MSS: Sim, senhora! Pronto, então, se me permitir, eu vou fechar, vou fechar a entrevista. Está bem? Vou parar a gravação e desde já agradeço a sua colaboração. Vou então parar aqui a ver se…

AG: Não tem nada que agradecer.

MSS: Vou então parar aqui a ver se.

****

Transcrição – João Alpoim

Data: Entrevista realizada em novembro de 2022
MSS – Mónica da Silva e Silva (investigadora/entrevistadora)
JA – João Alpoim, conhecido por "João da Micas" (sénior entrevistado)

Entrevista/Interview

MSS: Senhor João, então é assim conforme o que o senhor já leu porque é que eu estou a fazer ISTO? Estou a fazer ISTO para o meu doutoramento, o Senhor já sabe sim?

JA: Sim.

MSS: Pronto, então vão surgir aqui algumas perguntinhas que vão de acordo com aquelas perguntinhas que eu já lhe tinha feito, está bem?

JA: Sim. ´Ta bem.

MSS: Portanto, o Senhor pode sentir-se à vontade, responde ao que quiser, está bem? Pronto, em linhas gerais, como é que o Senhor define Fontoura, o que é que é para si Fontoura, para o Senhor João?

JA: P´ra mim?

MSS: Sim.

JA: Fontoura é uma freguesia que eu considero melhor do que o que é!

MSS: Então, e porquê?

JA: Porque tem boa gente.

MSS: Muito bem.

JA: Há gente em boa harmonia e gente que se entende bem uns com os outros.

MSS: E foi aqui que o Senhor João cresceu.

JA: Sim aqui no mesmo sítio.

MSS: Ok. E que tem as suas peripécias, as suas historietas todas para contar. E tem as suas histórias todas para contar. O Senhor João considera que a informação, ou seja, a informação que vai sendo disponibilizada pela Junta de Freguesia, pelos seus filhos, pelas suas netas é importante para o turismo aqui da Freguesia.

JA: Acho que sim.

MSS: E que meios é que acha que podíamos trabalhar mais para que as pessoas viessem mais ter connosco? O que é que acha?

JA: Agora há muito que fazer, mas… mas não sei bem até explicar como é que …

MSS: Seria quê? … por televisão, por rádio, digamos, diga, diga-me.

JA: Terão de ter mais vontade de se entender, unir-se. Poder viver mais amigavelmente e de todas as formas…Aliás, que fosse bem para todos.

MSS: Diga-me uma coisa, o Senhor João é uma das pessoas mais velhas aqui da freguesia.

JA: Mais velha não! Há mais velho.

MSS: É, mas o senhor é uma das pessoas mais velhas, diga lá a sua idade. Mas o senhor tem que idade?

JA: Idade que tenho?

MSS: Sim. Que idade é que tem?

JA: Noventa e seis

MSS: 96?

JA: Mas há quem tenha mais!

MSS: Há quem tenha mais, mas se calhar já não tem a capacidade que o Senhor tem de falar. Não é? De saber comunicar. O senhor comunica muito bem ainda, não é? E fala muito bem comigo. Então não se lembra da última vez que tivemos 1 hora e meia na conversa. É verdade, foi 1 hora e meia que estivemos na conversa. Olhe uma coisa: hoje de manhã eu entrevistei o Senhor António do Guardal. E ele falou-me do Regato do Formigal…

JA: do Regato?

MSS: do Formigal… é o mesmo da Azevinheira?!

JA: É sim.

MSS: Porque é que tem dois nomes, sabe?

JA: Formigal é um lugar mais lá ao fundo. E Azevinheira é mais desviado.

MSS: OK.

JA: A parte que é Azevinheira é mais perto do Concelho de Paredes de Coura. A parte do Formigal é mais acima.

MSS: É mais perto do norte de Fontoura. Ok, diga-me uma coisa. Gostaria de ver os moinhos, aqueles todos que o Senhor João já me falou, gostaria de os ver integrados numa rota turística que é para as pessoas poderem visitar?

JA: Gostava.

MSS: E qual é que acha que é a importância disso para a freguesia?

JA: Isso é importante. Era bom sempre. Porque é uma coisa que é agradável até para o turismo, para mostrar o que há na freguesia.

MSS: E as histórias que o Senhor João me contou… aquele senhor que acordava de noite, quando ouvia barulho, o Senhor João e a sua irmã se escondiam, acha que era uma mais-valia ter essas histórias no meio da rota? O que é que lhe parece?

JA: É! Parece uma mais valia. Nessa altura… Naquela época, o nosso fim era para podermos desenrascar a nossa vida e assim e procuravamos o processo de nos orientarmos os dois sem magoar ninguém.

MSS: Exatamente. E os seus pais tinham um moinho também, não era?

JA: Não tinham. Era alugado.

MSS: E quer contar um bocadinho, como é que passava o dia, lá, no moinho? Lembra-se?

JA: A gente, no caso, estava parado porque aquilo é de pouco desenvolvimento, era lento. E a gente ia e vinha, não é. Estava lá um pouco, preparava as condições do trabalho e depois vinha-se embora. E depois tornava quando calculasse que era a época para continuar o trabalho.

MSS: Ok. E o caudal era maior no inverno?

JA: Acabava.

MSS: Ok. Então só ia do Outono à Primavera?

JA: Até ao meio do ano, até Junho, depois acabava. Porque as águas, que vinham fazer trabalhar essas máquinas, eram importantes para as regas. Para os campos, para as frutas, para as pessoas e o milho.

MSS: Ok. E o Senhor lembra-se de vários moinhos que existiam no regato da Azevinheira?

JA: Lembro de todos, pronto.

MSS: Aqueles 14 de que o Senhor me falou, não é?

JA: Sim, alguns. Funcionaram quase todos, mas não é porque eu frequentasse algum deles, mas conhecia-os.

MSS: E havia moinhos de enxofre e havia moinhos também de moagem de cereais, certo?

JA: Havia um moinho de enxofre, mas eu nunca vi moer isso.

MSS: Ah, nunca viu?

JA: Sabia porque era o que contavam os meus pais que era do enxofre e nós chamávamos moinho de enxofre. Mas desapareceu, a explosão foi depois desapareceu porque foi arder com aquilo. Com o incêndio foi-se embora.

MSS: Ah! Depois foram transformados. Diga-me uma coisa, nós lá em cima, nas visitas que fizemos, encontramos também um moinho, também no regato da Azevinheira, que também ajudava na serração da madeira.

JA: Sim.

MSS: Também era uma atividade aqui de Fontoura?

JA: Era sim.

MSS: E era um dos moinhos maiores que existia.

JA: Esse da serração de madeira?

MSS: Sim.

JA: Naquela altura.

MSS: Porque a estrutura que ainda existe ali, no meio do monte, não é? É bastante grande. Até era um moinho de 2 pisos, que não é muito comum, pois não, os moinhos de 2 pisos? Normalmente é só um moinho de um piso. Pronto aqui ele era de 2 pisos. O Senhor João alguma vez viu trabalhar aquele moinho?

[discurso sem sentido]

JA: Lá, assistir ao serviço dele, nunca assisti.

MSS: Ok. E o Senhor lembra-se de alguma história caricata passada em algum moinho consigo? Alguma história engraçada que queira contar?

JA: Havia histórias havia. Era a gente que às vezes sacrificava-se muito. Porque havia então, naquela altura, havia a agricultura e os lavradores que procuravam as águas para o seu proveito, não para a rega. E havia os que trabalhavam nessas fabriquetas que procuravam também.

[discurso sem sentido]

JA: Mas não era porque a gente não entendesse!

MSS: Claro! Também me lembro que o Senhor me falou de um senhor que vivia ali na atual Quinta de Real que era muito sovina com a água, não era?

JA: Esse gostava dela ser para ele, ficar com ela só para ele.

MSS: E diga-me lá, Senhor João, quando o senhor João tinha de sair de casa à noite para vir buscar a água para a sua família, eram vidas muito duras, não eram?

JA: Muito duras!

MSS: Sim. Era complicado vir de noite sozinho por aí fora. Quer contar um bocadinho disso?

JA: No tempo das… Quando havia o frio, a neve, aquela geadas… Era terrível. O nosso calçado agarrava, apegava no gelo, e aí, nós tínhamos que ir bater com eles contra, para sacudir o gelo para podermos. E quando era de chuva, a humidade, andávamos de baixo de água quase sempre com aquela humidade.

MSS: E vocês saiam de noite de casa para vir buscar água. E vinha sempre o Senhor João e a sua irmã?

JA: Era eu e minha irmã.

MSS: Vinham sempre um a acompanhar o outro.

JA: Sempre acompanhava um ao outro.

MSS: Senão ainda era mais medo.

JA: Eramos dois irmãos, eramos gémeos!

MSS: Ah! Ok.

00:10:50 JA: Eramos dois irmãos, amigos até muito amigos *[discurso sem sentido].*

MSS: Mas o Senhor João alguma vez foi sozinho?

JA: Sim muitas vezes, não é. Não dava ocasião de poder não ir.

MSS: E como é que era quando ia sozinho?

JA: Ia aventurado. Mas com receio e com bastante nervos.

MSS: Não tinha nenhuma lamparina consigo, o Senhor João?

JA: Não, não, há vezes a gente até não tinha lamparina que era para não dar sinal quando passava!

MSS: Principalmente com os senhores, como o senhor da Quinta de Real. Passavam por baixo da vegetação, não é? Ok muito bem. O Senhor João recorda-se de algum património cultural ou natural: Igrejas, capelas, alguma casa senhorial que, entretanto, tenha desaparecido e que era importante, aqui para a Freguesia? Lembra-se, por exemplo, da Quinta da Poça do Monte? O Senhor lembra-se das pessoas que viviam lá na Quinta da Poça do Monte?

JA: Lembro-me de algumas. Havia uma moça que eu conheci. O pai dela que era conhecido por Rocha. Era o patrão da Quinta da Poça do Monte. Depois uma filha é que quando ele faleceu, ela herdou essa quinta. E ela casou depois com um senhor que era de Coura e eles viveram ali uns anos, os filhos [do Senhor Rocha].

Depois, não sei porquê, eles mudaram-se lá para cima, para a terra do marido que era de Coura e aquilo ficou assim, um pouco abandonado e tal. Mas depois os filhos lá se foram encostando. Mas eu me acredito que depois que ele morreu destruturou-se a parte da Quinta da Poça do Monte. Naquela época era assim e não era certa.

MSS: Então, desde que os senhores voltaram para Paredes de Coura, ficou abandonado até agora.

JA: Até agora não. Nessa altura uma filha, depois ficou ali.

MSS: Então a filha tomou conta.

JA: Ficou a tomar conta daquilo *[discurso sem sentido].* Porque ela viveu ali mais a mãe. O pai morreu primeiro e depois ficou ela e a mãe ficaram ali a trabalhar. Depois a mãe morreu também, e ficou ela.

MSS: Diga-me uma coisa, eu tenho informações de um jornalista que trabalhou várias quintas aqui em Fontoura que dizia que uma senhora que era costureira trabalhava dentro da capela de São Pedro, ao lado da Quinta da Poça do Monte, era a filha dessa Senhora.

JA: Devia de ser.

MSS: Ok. Porque a capela está abandonada, então a filha trabalhava lá dentro como costureira. Era isso?

JA: Vá, eu não posso dizer que ela trabalhasse lá.

MSS: Não sabe da história?

JA: Nunca a vi lá trabalhar. Até se constou ali numa hora, ali numa altura que elas estavam ali, ela era muito [tola] *[discurso sem sentido]* e prendeu a mãe dentro da capela. Lá um dia ou dois, para ter o que ela queria e não deixou a mãe sair para fora. E a mãe ficou lá sacrificada.

MSS: Não jogava com os ponteiros todos?

JA: Aquilo também é lá para cima, ouvia-se pouco!

MSS: É. É lá metido para o meio do Monte.

MSS: E a que fica acima de São Gabriel? A quinta - agora estou a esquecer o nome …

JA: da Carcavelha?

MSS: Exatamente, a Quinta da Carcavelha. O Senhor lembra-se de morar lá gente?

JA: Morava lá gente, sim.

JA: Morou um senhor que se chamavam-lhe o Cachadinha. E depois morou o filho. E depois foi vendida. E pertencia à família do Padre Lisboa.

MSS: Mas, quando pertenceu à família do Padre Lisboa, havia alguma ligação entre os proprietários originais e o Padre Lisboa, ou foi comprada?

JA: Acho que foi comprada, mas não sei ao certo! Até diziam, na altura, que era do Padre. Depois dizia que também era de um irmão. Não sei ao certo.

MSS: No livro do Major Pereira De Castro diz que era de um irmão do Padre Lisboa.

JA: Pois era isso.

MSS: Mas esse irmão do Padre Lisboa tinha alguma coisa a ver com a família original da Quinta?

JA: Não.

MSS: Não. Foi comprada, não tem nada a ver. Pronto. E depois da família do Padre Lisboa passou para quem, sabe?

JA: Não sei como se chamava quem tomou conta. Não eram de cá.

00:16:38 JA: Era um menino, doutor.

MSS: Mas eram daqui da freguesia?

JA: Não sei, não os conhecia.

JA: Sei que morou ali alguém, mas não sei quem eram, porque também não foi assim muito tempo. Mas eles até se davam bem com o pessoal aqui da vizinhança, e davam se bem e eles mesmo, ali na Capela de São Gabriel, iam fazer para ali umas distrações e passar ali um bocado, eram muito ativos, só isso. E o pessoal gostava muito deles, depois não sei que volta levaram. E foram se embora.

MSS: E a Capela de São Francisco? Que fica fora da Quinta da Carcavelha.

JA: Fora do lado direito.

MSS: É do lado direito, exatamente. Aquilo está abandonado agora.

MSS: Está há muitos anos assim já.

JA: Desde que eu conheço, está sempre abandonada.

MSS: Desde que o senhor a conhece?

JA: Sim. Desde que eu conheço aquilo, já a capela estava abandonada!

MSS: Então, quando o Padre Lisboa comprou aquilo, já estava abandonada?

JA: Já há muito tempo. Já há muito ano.

MSS: Assim como a Capela do Pópulo, também lá à frente. Também, já está abandonada há muitos anos.

JA: Sempre abandonada.

MSS: Sempre com o carvalho lá dentro?

JA: Com o carvalho lá dentro, exatamente.

MSS: Ok. E alguma capela que o Senhor João se lembre que, entretanto, tenha desaparecido?

JA: Desaparecido? Que eu conheço, acho que não, eu não conheço nenhuma desaparecida.

MSS: Pronto. Nós ainda continuamos com aquele mistério que ninguém sabe onde é que fica a Capela de Nossa Senhora da Conceição da Valinha, ninguém sabe onde é.

JA: da Valinha?

MSS: Sim.

JA: Nossa Senhora da Conceição.

MSS: Não sei se o Senhor recorda, sim.

JA: Eu não sei.

MSS: Pronto.

JA: Eu conheço a Capela da Senhora da Guia! Conheço muito melhor.

MSS: Exatamente.

JA: Pois, conheço essa tal.

MSS: Também está abandonado. Também está abandonada a Nossa Senhora da Guia.

JA: Não sei! Ela abandonada, já estava assim, não tinha telhado. Agora já há muitos anos que eu até nem vejo.

MSS: Só tem silvado lá dentro agora …

JA: Hein?

MSS: Tem silvado. Está cheia de silvado.

JA: Ah! Sim, sim!

MSS: Está cheio de silvas. Fica no Caminho de Santiago.

JA: É, sim, fica.

MSS: Pronto. Então o Senhor não se lembra, por exemplo, aqui o cemitério, as pessoas aqui da aldeia, algumas pessoas dizem que o cemitério tinha uma entrada pelo Jardim dos Aflitos. O Senhor lembra-se disso?

JA: Lembro.

MSS: Foi há muito tempo isso já?

JA: Ah! não, não. Lembro.

MSS: Lembra-se disso?

JA: Lembro. Do cemitério… antes do cemitério era a bouça da Igreja, era ao lado! É que ali enterravam as pessoas. Depois a Junta lá fez o cemitério, e depois já me lembro de ser aumentado até o cemitério.

MSS: Ok.

JA: Naquele terreno, agora, temos em… Mas lembro-me sempre desse terreno ainda pertencer à família do Rocha.

MSS: Ok. A família dos Rochas era uma família muito importante aqui na freguesia, não era?

JA: Importante.

MSS: Muito importante, não é! Ok. E o Senhor João lembra-se de alguma capela pequenina que havia ao lado da Igreja Matriz ou não se lembra de nada?

JA: Não.

MSS: Não se lembrem dessa situação. Também é uma situação que está referida no livro do Major, existia uma capela que era mais pequenina, uma capela que era uma ermida, que ficava ao lado do que é hoje a Igreja Matriz.

JA: Não sei, não me lembro.

MSS: Não é do seu tempo, já?

JA: Não OK.

MSS: Ok. Sim senhor. Então o Senhor João considera que a freguesia de Fontoura devia divulgar mais o património que tem no Caminho de Santiago? Acha que deveria haver mais divulgação para as pessoas nos poderem visitar mais?

JA: Sim, quanto mais houvesse, mais seriamos visitados, não é? Melhor seria! Melhor seria!

MSS: Exatamente

JA: Alguma coisa…

MSS: Ah, com certeza, com certeza, com certeza.

MSS: O Senhor João, por exemplo, acha que seria uma mais-valia as pessoas mais velhas, aqui da Freguesia, colaborarem com passeios que nós propuséssemos aqui para a Freguesia, passeios turísticos, pelas capelas, passeios turísticos pelos moinhos. Acha que seriam mais uma mais-valia meter essas pessoas no meio quando viessem pessoas até nós visitar a freguesia?

JA: Sim! Acho que sim! É bom!

MSS: O Senhor vinha?

JA: Era capaz.

MSS: Ah, muito bem. Se eu o fosse buscar, vinha comigo?

JA: Ia…

MSS: E contava, contava aos turistas essas histórias todas que me está a contar?

JA: Contava.

MSS: Pronto. Tem alguma história engraçada que queira contar, de alguma situação de um casamento, de um batizado a que tenha assistido? De alguma situação com algum padre? Alguma coisa que lembre?

JA: Não, não tenho nada. Tenho aqui uma situação, O Padre da Freguesia, que tivemos aí… Deu grandes prejuízos à Freguesia. Eles podem até nesta obra, aqui está. Era o senhor que julgava que era o senhor da terra, os outros não eram ninguém. E depois deu sempre mau resultado.

MSS: De que padre o Senhor João da Micas está a falar, se se lembrar?

JA: Hein?

MSS: De que padres o Senhor João da Micas se lembra? O nome dos padres, lembra-se dos padres?

JA: Lembro-me do Padre Constantino

MSS: Pode dizer.

JA: Padre Lisboa… Padre António.

MSS: Ok. Esse senhor não sei quem é! Lembro-me do Padre Lisboa.

JA: Agora … E foi ultimamente o Padre...

MSS: Alfredo

JA: Alfredo. Já são muitos padres!

MSS: Mas agora quem está a tomar conta da Freguesia é o Padre Gonçalo. Pronto, Ok, sim senhora. E o Padre Constantino era boa pessoa, Senhor João?

JA: Também era um pouco político… e ameaçava… para hoje já não dava resultado, mas naquela altura dava. Ele fazia o que queria, não é?! Porque o que ele dizia é que tinha valor. O povo respeitava e era isso que ele queria. Era política.

MSS: O que não é hoje política? o que é que não é Hoje política, diga-me lá?

[Risos]

JA: Não sei!

MSS: Olhe! E a nível da geração futura, das suas netas, por exemplo, …

JA: Quem?

MSS: Das suas netas, por exemplo, a geração futura, gente nova. Acha que… como é que nós devíamos fazer a divulgação da Freguesia para essas pessoas? Devia ser assim com estas

maquinetas, o mundo da Internet, digital ou devíamos continuar, por exemplo, com o *Perico*, com o jornal. O que é que o Senhor acha?

JA: Não sei bem, não estou bem dentro do assunto, mas…

MSS: Mas gostaria que o *Perico*, o *Perico de Fontoura*, o jornal mantivesse a distribuição?

JA: Sim!

MSS: Acha que seria importante, principalmente para vocês, pessoas mais velhas da Freguesia, para terem a noção do que é que se vai passando na freguesia?

JA: Sim gostava imenso!

MSS: Pronto, Ok. O Senhor João lembra-se de quanto em quanto tempo é que é feita a distribuição do jornal o *Perico de Fontoura*?

JA: Era de quinze em quinze dias parece.

MSS: E agora? Atualmente?

JA: Agora acho que ainda é.

MSS: Mas o Senhor considera que seria uma mais-valia manter essa tradição? O senhor António do Guardal disse-me, hoje de manhã que o *Perico de Fontoura*, o jornal é só distribuído aqui e na freguesia da Silva. Não é distribuído em mais lado nenhum.

JA: Isso não sei dizer.

MSS: Não sabe?

JA: Não sei dizer.

MSS: Ok. E a televisão também acha um meio importante para passar a informação?

JA: Acho importante.

MSS: E o rádio?

JA: Hein?

MSS: O rádio? O Senhor João ouve rádio? Não ouve rádio? Não ouve as notícias na rádio.

JA: Ouço na televisão.

MSS: Na televisão? Só na televisão? Não ouve no rádio?

JA: Não, isso era quando era mais novo.

MSS: Ok.

JA: No princípio, não havia.

MSS: E o Monte do Carvalho, Senhor João, tem alguma história que o Senhor conheça do Monte do Carvalho? Há pessoas aqui que dizem que é o Monte do Amor?

JA: É quê?

MSS: Que é o Monte do amor?

JA: Não sei.

MSS: Porque pelos vistos, há duas árvores que na copa, a copa das árvores, de determinados pontos aqui da freguesia, o Senhor vê um coração.

JA: Sim.

MSS: Então as árvores fazem, desenham o coração. Sabe alguma história do Monte do Carvalho? Como é que surge o Monte do Carvalho? Se é importante aqui para a freguesia de Fontoura.

JA: Se ele é importante, seja. Mas histórias assim de extraordinárias, não conheço. Este Monte é importante para a Freguesia.

MSS: Antigamente havia aqui um boticário, o Senhor lembra-se disso? Não, não se lembra do boticário?

JA: Boticário aqui não.

MSS: Não? E da figura do Champalimaud, da Quinta de São José, lá em cima?

JA: Sim.

MSS: Sim. Para si, é alguma coisa nova que eu estou a dizer ou o senhor lembra-se dessas alturas?

JA: Da quinta?

MSS: A quinta de São José, na altura do Champalimaud.

JA: Na quinta no tempo do Champalimaud!

MSS: Sim, claro, mas lembra-se de ouvir histórias dessa altura?

JA: É um das quintas que pertence aqui à Casa Alta, mas as histórias que ela tinha, não sei dizer bem dizer o sítio. O Penha e Costa, acho que tinha comprado várias quintas, vários terrenos ali assim.

MSS: Ok.

JA: O Penha e Costa comprou.

MSS: E a Quinta da Casa Alta.

JA: Hein?

MSS: E a Quinta da Casa Alta?

JA: A Quinta da Casa Alta. Na Quinta da Casa Alta lá do senhor Penha e Costa. Penha e Costa era quase da minha época era mais velho! E que até me lembro mal dele, lembro-me pouco de o ver. Mas lembro-me bem dele existir. E a Quinta ficou sempre a Quinta da Casa Alta. E há a mulher dele, a Cristina, lá existiu até a morte, morte não, que ela não morreu ali. Esteve ali até lhe roubarem os terrenos… Ela que falava. E lembro-me perfeitamente. Ela depois, como o 25 de Abril para ela foi … Porque deu-lhe ali um ataque muito grande…

MSS: Acabou por falecer. Ok. A Quinta de Santo António. O Senhor João lembra-se da Quinta de Santo António, dos primeiros… das primeiras pessoas que lá viveram?

JA: Trabalhei lá eu muitos anos.

MSS: E então, quer contar alguma coisa da Quinta de Santo António?

JA: Casei e trabalhei lá muitos anos.

MSS: Ok.

JA: Mas os rendimentos foram pouco.

MSS: O senhor que está lá agora, nada tem a ver com a família anterior?

JA: Como?

MSS: O senhor que está agora na Quinta de Santo António não tem nada a ver com a família original?

JA: Sério! Não conheço o senhor que lá está.

MSS: É um senhor espanhol.

JA: É Espanhol?

MSS: Sim.

JA: Não conheço. Mas já foi de outro antes disso.

MSS: E o Senhor lembra-se da casa? Tinha muita riqueza dentro?

JA: Como?

MSS: A casa, da Quinta de Santo António.

JA: Riqueza lá dentro não tinha nenhuma. Tinha as paredes

MSS: A sério?

JA: E pouco mais. Tinha a capela. E pouco mais tinha lá. Lá, de resto, do interior, não tinha nada. Tinha as paredes.

MSS: Eu lembro-me que a minha avó falava muito da biblioteca da Casa Paroquial. O Senhor lembra-se da biblioteca da Casa Paroquial?

JA: De quê?

MSS: Da biblioteca.

JA: A biblioteca foi ... uma questão grande aqui na freguesia, quando morreu o padre, o Padre Constantino é que a família quis levar a Biblioteca para lá, para cima [Paredes de Coura]. E depois houve aí uma questão grande com a família. O padre que veio substituir na freguesia…

MSS: Assumir o cargo, não é?

JA: Houve para aí umas discussões. Houve aí até muito… nessa altura, por causa da biblioteca. E havia aqui uma.

MSS: Na freguesia. Mas era uma biblioteca farta, não era?

JA: Hein?

MSS: Era fraca ou era farta?

JA: Não sei…

MSS: E o Senhor nunca viu?

JA: Também não era assim, grande quantidade, acho. Tinha lá o seu próprio valor.

MSS: Claro.

JA: Claro que tinha.

MSS: E o Senhor João sabe se, hoje, ainda existe a biblioteca na Casa Paroquial?

JA: Não sei

MSS: Não sabe.

JA: Nunca mais a vi. Via-a na altura que foram. Eles chegaram a doar para soldado lá para cima. Depois vi a chegada dela para baixo outra vez, para a Residência. Mas à minha frente, eu nunca mais a vi.

MSS: Ok. Eu sempre ouvi dizer, também, pela minha avó, que a Casa Paroquial, dentro, era muito bonita, é verdade? Tinha os tetos que eram com caixotões como se fossem tabuados de madeira. É?

JA: Sim. Era tabuada sim.

MSS: Muito bem. Tenho de ver se ainda continua assim. Tenho de ver. O Senhor João considera que se devem aplicar e devem fazer trabalhos deste tipo para divulgar o património daqui de Fontoura e das outras freguesias vizinhas? Acha que este tipo de trabalhos como eu estou a fazer aqui com o Senhor João acha que são importantes?

JA: Acho muito importante. Muito bonito, muito bom.

MSS: Existe alguma coisa que o Senhor queira acrescentar a minha entrevista?

JA: Eu não. Para mim, não existe mais nada. Isto para mim é sempre novidade, não é? Não estou…

MSS: Eu acredito que sim. Mas o Senhor sabe mais do património que muita gente aqui da Freguesia.

JA: Eu não tenho assim mais coisas importantes. Posso me lembrar de qualquer coisa, mas não é a toda a hora…

MSS: Claro, mas nós vamos falando, não se preocupe. Olhe, Senhor João, queria lhe agradecer pelo facto de se ter disponibilizado a vir cá abaixo para eu lhe fazer a entrevista, está bem? Agradeço-lhe.

JA: Não tem nada que agradecer.

MSS: E espero que tenham gostado.

JA: Muito.

MSS: Espero que não se tenha sentido bloqueado com alguma pergunta que eu lhe tenha feito.

JA: Não.

MSS: Tudo bem, certo? Estamos todos serenos, não estamos?

JA: Hein?

MSS: Estamos todos serenos?

JA: Ah! Sim!

MSS: Pronto, Ok! E depois, então, se nós avançarmos com as rotas, posso contar consigo? Posso contar consigo, com a sua ajuda para as rotas turísticas?

JA: O que tiver ao meu alcance, pode ser…

MSS: Ok. Então eu vou parar aqui a gravação.

****

Transcrição - Teresa Ferreira

MSS – Mónica da Silva e Silva (investigadora/entrevistadora)
TF – Teresa Ferreira (sénior residente em Fontoura, entrevistada)
RF – Rui Ferreira (filho de Teresa Ferreira, ex-presidente da Junta de Freguesia de Fontoura, a ser entrevistado de seguida)

Entrevista/Interview

Mónica Silva (MS): Para o projeto está bem?

Teresa Ferreira (TF): Está bem.

MS: Deixe-me meter isto com som. Isto é para o caso de quê? Caso um falhe, temos o outro. Ok? Sinta-se à vontade e não se preocupe com nada.

TF: Está bem.

MS: Olhe é o seguinte, então, esta entrevista vai acontecer no sentido de corresponder a uma tese de doutoramento. Tese de doutoramento, essa que passa-se aqui em Fontoura.

TF: Sim.

MS: Em que nós pretendemos perceber de que forma é que toda a oferta, histórica e cultural que existe aqui na freguesia se possa vir a revelar como sendo um produto turístico. Produto turístico este que nós achamos no caso do doutoramento, eu juntamente com a minha equipa de orientação, achamos que é extremamente importante que os residentes façam parte dessa mesma construção de todo o conhecimento. Não é?

TF: Sim, sim.

MS: Até para a projeção da memória futura. Pronto, quero lhe dizer que não há respostas certas nem erradas, ok?

TF: Pois, com certeza,

MS: Portanto é para a Senhora se sentir 100% à vontade, está bem?

TF: Sim, sim Mónica.

MS: Pronto e diga o que quiser… pode derivar nas perguntas, pode me responder a outras coisas que considere que são importantes na pergunta que eu lhe fizer… esteja à vontade, está bem? Pronto e então, em linhas gerais, como é que define a freguesia de Fontoura?

TF: Olhe eu defino uma freguesia, já um bocadinho, já… há freguesias aqui no concelho que é… Aqui já… acho que as pessoas já têm algum conhecimento, já são pessoas com acho que já é uma freguesia um bocadinho desenvolvida.

MS: OK.

TF: A nível de muita coisa. Sei lá, já há pessoas muito interessadas, há um grupo de jovens já há… vai-se a freguesias que não tem nada, não é?

MS: Sim… E a D. Teresa acha que as pessoas que vivem aqui na freguesia valorizam aquilo que têm como património, por exemplo?

TF: Algumas valorizam outras não, não é!? Mas é sempre assim.

MS: A nível de percentagens, o que é que me diz? 50 / 50?

TF: Talvez… não! Mais talvez. Há pessoas que gostam de morar aqui.

MS: Ah, eu vim para cá morar, exatamente há dois anos.

TF: Eu acho, mas acho que há mais de 50%.

MS: Muito bem. Então, considera que a informação e a comunicação são importantes numa freguesia como Fontoura para a promoção turística e para a sua divulgação?

TF: Ah sim, são muito.

MS: E de que forma é que acha que isso deve ser feito?

TF: Olhe, divulgar às pessoas a forma como que realmente disso nos vai trazer vantagens….e …

MS: Acha que devia haver sessões, então de esclarecimento, por exemplo?

TF: Havia! Só que as pessoas não adirem muito, é o mau! Faz-se aqui qualquer coisa, convidam-se as pessoas e vêm meia dúzia. A gente temos um exemplo aqui nas reuniões da Junta. Eu já fiz

parte da Assembleia, é… são sempre as mesmas pessoas, 2 ou 3 que se vêm manifestar as pessoas. Aqui, depois as pessoas manifestam-se é nos cafés, é nas ruas…

MS: Então a D. Teresa acha que se a reunião acontecesse no café haveria mais gente?

TF. É… Provavelmente.

MS: Diga-me uma coisa: considera que, por exemplo, rotas turísticas ou algum tipo de oferta pontual? Hum… Como, por exemplo, o mesmo troço do Caminho de Santiago que passa aqui à nossa frente, do sítio onde nós estamos, teria algum tipo de peso, digamos assim, nesta promoção e nesta divulgação?

TF: Tinha, sim senhor.

MS: E acha que as pessoas aderiam, a fazer?...

TF: Eu acho que sim. Uma parte, uma percentagem aderiria, outras não, porque há pessoas que pronto, não sei não…

MS: Que tipo de evento foi que acha que que poderíamos trazer aqui para Fontoura para dinamizar essa…

TF: Olhe talvez.

MS: Para chamar os jovens, não é por aí fora? O que é acha? O que poderia ser?

TF: Talvez um bocado de cinema, de teatro, assim, umas coisas que as pessoas vissem e ficassem entusiasmadas.

MS: Ok. E a nível de plataformas digitais, acha que também seria uma mais-valia?

TF: Ai era sim, sim, pelo menos para os mais novos. Já não digo para os de mais idade, mas para os mais novos, sim.

MS: Pronto ok. Ora bem... Como sabe, há aqui várias rotas de moinhos que nós temos, não é? Aqui na maquete tem representado a Rota dos Moinhos da Azivinheira e aquela ali com os pontinhos azuis, que é a Rota dos Moinhos da zona de Grove. Hum… gostaria de ver os moinhos inseridos numa Rota?

TF: Ah sim. Gostaria muito, sim.

MS: Acha que seria uma mais-valia para a divulgação?

TF: Acho que sim, poderia ser que entusiasma-se mais as pessoas, sei lá…

MS: E como é que acha que essa rota podia ser proposta ou feita?

TF: Eu não sei!

MS: Fisicamente, acha que devia haver, por exemplo, troços em que as pessoas pudessem visitar?

TF: Sim. As pessoas tinham que ser informadas e tinham que ser, tinham que ser levadas aos locais porque senão não conheciam…

MS: Sim, porque há momentos, há zonas em que não se consegue aceder porque há muito silvado, não é? Mas, por exemplo, nesses sítios podia haver um centro de interpretação em que as pessoas pudessem ver através de desenhos e de história e por aí fora todo o percurso que foi feito e toda a evolução que foi feita...

TF: Sim, sim, sim, sim. Eu não digo que as pessoas aqui da aldeia, que isso até… prontos conhecem e nem, mas as pessoas que vem de fora gostam e eram capaz de visitar.

MS: Sim, em Cerdal, não é? Aconteceu exatamente esse exemplo, não é? Ok, muito bem, recorda se algum património, cultural ou natural, todo o tipo de património, religioso, que tenha existido em tempos na freguesia, como a Capela de Nossa Senhora da Conceição, no lugar da Valinha?

TF: Olha que eu nem…

MS: Ninguém conhece esta capela é uma coisa impressionante!

TF: Eu não conhecia.

Rui Ferreira (Próximo entrevistado): Posso falar?

MS: Podes!

RF: Fica naquela quinta quem sobe para o Luís do Assobio, aquela que tem lá no alto, não é?

MS: Não é Rui, essa é da Poça do Monte.

TF: Essa é da Poça do Monte, é. Da Poça do Monte eu conheço.

MS: É a Capela de São Félix.

TF: Que até íamos lá à costureira.

MS: Sim, a Capela de São Félix, mas que o povo chama-lhe de São Pedro.

00:05:25 Speaker 5

RF: Não, não estou a falar dessa. Estou a falar, da quem sobe para o Luís do Assobio, mesmo à esquerda que tem aquele muro alto.

TF: Havia ali uma Capela?

RF: Sim! A única quinta que havia ali, e se era na Quinta da Valinha, é ali. Aquela quinta, vai depois bater lá em cima na casa da Flora e do marido e assim sim, sabes? Pela casa tem aquele caminhinho, logo a seguir à tia rosa e assim… aquele caminhinho para cima chega lá em cima à Flora e é aquele do lado esquerdo, aquela quinta toda que vem cá baixo até ao…

MS: Mas existe ainda reminiscências dessa capela lá?

RF: Não sei, aquilo….

MS: Não sabes?

RF: Não sei. Mas eu penso que aquela que lá está foi ajeitada.

MS: Então guarda aí para ti que daqui a bocado já respondes.

TF: Olha isso, eu não conheço, portanto, também não conheço. Muitos locais aqui da freguesia, nem os conheço, não é? Porque…

MS: Mas lembra-se de alguma coisa, por exemplo, que existisse uma fonte, uma coisa qualquer que, entretanto foi destruída?

TF: Não, as fontes que eu conhecia era a Fonte do Covelo que existe; era a de Rio Torto que existe ainda, não era? Depois na banda acima muita coisa não conhecia, porque não ia para lá e minha vida foi feita mais na parte de baixo. Olha, não sei, ouvia falar noutros tempos que, por exemplo, ali naquela quinta, a pé da minha casa, que chegou a dizer lá missa… aquela quinta, que foi… que havia… e depois fecharam depois… que as pessoas iam ali a fonte… iam ali as coisas, mas…. E sempre me falaram na Quinta, que pernoitou lá a Rainha Santa Isabel. Isso é que desde pequenina, que sempre ouvi essa lenda, ali na Quinta da Rua. E lembro-me… é que pronto… é que aquela quinta tinha, tinha umas entradas muito bonitas, com umas pedras e tudo isso e depois fizeram obras, mas lembro-me bem disso, foi uma pena.

MS: Pois já me falaram disso também, que as pedras que havia nas portas eram alguma coisa, não é?

TF: Eu lembro-me, lembro-me bem disso e daqueles portões. Eram 2 portões em madeira grandes, um mais pequeno, outro maior, com aquelas pedras bonitas em cima… isso recorda-me bem disso.

MS: E foi tudo ao ar quando fizeram a reconstrução.

TF: Foi, foi.

MS: Considera que a… ah desculpe!

TF: Conhecia ali a Fonte de Ouro que era a Casa Alta porque íamos… desde pequenina que ia lá o leite, os meus pais compravam leite lá, os meus pais não tinham lavoura tinham uma mercearia e uma taberna e íamos lá todos os dias ao leite, todos, todos, todos!

MS: À Casa Alta?

TF: Sim. Isso é que tenho memórias e de passarmos lá no túnel e de sermos miúdos, eu e os meus irmãos e dizermos, olha aqui é que estavam os mouros. Não era nada, eram as cortes das vacas antigas. [gargalhadas] Era as cortes das vacas. Depois é que quando cresci mais é que a empregada de lá, que era aqui nossa cliente, a empregada de lá, a Senhora Vincesa dizia: "não era, elas é que diziam que eram os mouros… e tínhamos um medo que aquilo era escuro agora… Já aqui há 5 anos foi o casamento da tua irmã [filha da D. Teresa ferreira e irmã do Rui Ferreira], fui lá e aquilo está diferente, não é mesmo? Nós subimos uns patinhos e depois eramos… e depois tínhamos, às vezes íamos às cortes das vacas buscar o leite, outras vezes davam-nos ali na varanda. Mas nós passamos tempo por ali, porque do outro lado tinham os cães, cães muito grandes, aqueles… a gente não podíamos passar… portanto, tínhamos que passar sempre por baixo daqueles túneis onde existiram ali os mouros. Não sei quem nos incutiu aquilo na cabeça… Isto na ordem da Fonte, muitas vezes íamos lá de propósito só para ver a Fonte, porque todos os dias íamos lá, mas de resto…

MS: Dona Teresa lembra-se das histórias do António Champalimaud, de contarem histórias?

TF: O meu pai contava algumas, mas o meu pai diz que ele que passou aqui, que morou na Quinta de São José. Acho que a família dele que vem de Ferreira, as ascendências de alguns familiares, pelo menos que vêm de Ferreira. Não sei se era uma prima, se era uma parenta que se chamava Teresa. Disso recordo-me, meu pai falava muito. O meu pai era um contador. A História de Portugal, aquilo ele sabia-a toda! Eu não sei nada, mas ele sabia tudo! O meu pai para a História de Portugal naquele tempo todos sabiam, não é?

RF: Eles tinham ali um grupo de intelectuais que era meu avô e os meus vizinhos…

TF: Então era porque era assim, era uma mercearia e uma taberna, era um alfaiate, era um guarda fiscal e era um senhor que era o Tio Isac, que esse era meio… como é que era antigamente, chamavam àquelas pessoas que andavam a medir os terrenos…

MS: Os topógrafos?

TF: Que agora são os topógrafos. Ele era mais quando, por exemplo, morria uma pessoa da família. Depois tinha que fazer as partilhas e ele era chamado.

MS: Ah ok. E ele era chamado para fazer as divisões a nível geográfico.

TF: Era isso.

RF: O avaliador, talvez não?

TF: Não. Depois também tinham que dar um valor aos terrenos!

RF: E o tio Maciel?

TF: Ah o Tio Zé Maciel já era uma pessoa culta, isso já era uma pessoa, já não…

RF: Esse era o líder! Ele e os Caldas, não é?

TF: Sim, isso esse era o Professor Caldas. Calma, eu nasci ali naquele lugar, Casa Gonçalo.

RF: Naquela casa vivia essa gente toda.

MS: Ali num circuito fechado.

TF & RF: Sim, sim.

TF: Até porque o nosso lugar, onde eu nasci e vivi muitos anos, hoje já não vive lá há 40 e tal. Era Casa Gonçalo. E era casa Gonçalo porque aquilo ali era uma quinta, que foi vendido ao Baiximor, ao Espanhol. A minha mãe falava, não conhecia eu já. Eu já conheci a quinta dividida. Nós morávamos dentro da quinta! Com espaço para a rua, para a estrada, mas vivíamos dentro daquela quinta. A nossa casa, era… também estava incluída lá dentro da quinta… Mas a meu pai falava muitas vezes na… que aquilo que pertencia só ao Tio António Maciel esses anos…

MS: Que é conhecida como a Quinta do Professor Caldas?

RF: Não, não! E a Casa Gonçalo.

MS: Ah a área, toda a região, aquilo tudo era uma quinta?

RF: Não… 80% do lugar é a Quinta.

TF: Porque olha, a Quinta começava nas Cortinhas, quem vai para a tia Aurora Pedreira por ali, que dá para a Rocha e vinha até cá abaixo....

RF: Tens a descida em paralelo. Tens aquela portada à esquerda. Dás aquela volta toda…

TF: Vai até à Ínsua!

MSS: Sim, sim, sim, sim, sim!

RF: … sempre com os muros ao lado direito e vem-te sair cá baixo, abaixo da mercearia, àquela esquina e vens por ali. Até ali era tudo a Casa Gonçalo. Era a maior Quinta da freguesia, de longe. Era maior que a Casa Alta.

MSS: Porque normalmente a nível topográfico é isso que acontece.

RF: Mas não tem Capela. Aquilo era enorme, via-se que aquilo era enorme, mesmo a casa em si, se fores lá ver foi reconstruída e mudaram um bocado a tipologia da casa, mas era enorme, aquilo tinha para aí umas sete ou oito casas depois…

TF: A casa da minha mãe… Tinha uma porta assim, não era Rui?

RF: Depois tinhas as portas para cada casa… ainda estão lá!

MSS: Ah, ok! Porque, normalmente, topograficamente e historicamente os lugares são associações de antigas quintas

Porque normalmente poderá topograficamente historicamente, os lugares são associações de antigas quintas, por exemplo Lugar de Rio Torto era a Quinta de Rio Torto. Que depois foi dividido em parcelas e as pessoas foram comprando. Não é? Geograficamente e arquitetonicamente é assim que funciona. Não quer dizer que tenha sido assim aqui na freguesia, não é? Mas os lugares normalmente assumem.

FR: Desculpa… havia lá uma coisa… como se chamavam as quintas romanas era as…

MSS: As Vilas.

RF: Sim havia… ou seja, era uma Quinta e era mais ao menos o mesmo funcionamento.

MSS: Pois, exatamente.

RF: O lugar todo era a Quinta.

MSS: OK! Faz sentido, não é?... Considera que a freguesia deve trabalhar mais a divulgação do Caminho de Santiago, se sim, como?

TF: Deve, deve… Olha divulgar… fazer talvez a… mostrar aos peregrinos o que nós temos aqui para se ver. As pessoas paravam e…

MSS: Ok! Acha que ajudaria, se porventura, houvesse um alojamento com horário flexível?

TF: Então não ajudava?! Eu acho que sim.

MSS: E um supermercado?

TF: Um supermercado não sei! Isso é… que, também, não quer dizer que não ajudasse, não é?

MSS: E a vocês, residentes, não ajudaria a existência de um supermercado? [Tu guarda as perguntas que daqui a bocado vou-te fazer a ti] *[A falar com o Rui, filho de Teresa Ferreira, que estava ao lado].*

TF: Pois é, mas é com um supermercado para viver…. Eu já eu também já tive supermercados, não sei isso eu. Já Não Sei, não sei se chegam. Agora as pessoas estão tão habituadas a ir fora para comprar.

MSS: Conhece o albergue peregrinos ali de Rubiães…

TR: Conheço, sim senhora!

MSS: Tem aquele restaurante depois daquele carvalho muito grande, tem aquele restaurante, também tem mercearia e as pessoas ficam lá albergadas, exatamente, por haver essa proximidade, com uma oferta de serviço de venda de alimentação e por aí fora, não é?!

TF: Nós já tivemos mercearia aqui… a mercearia da Igreja e…

MSS: Entretanto, foi anulada, não é? A Senhora ainda se lembra da haver Boticário aqui em Fontoura? Ou não? Ou já não é do seu tempo?

TF: Boticário, não! O meu marido é que era capaz de saber! O Boticário? Eu não sei. Sei é a… Nós também tivemos uma mercearia. E como é que ela funcionava? Eu ainda sou do tempo de medirmos o azeite na medidora… e o petróleo ao litro. Ainda me lembro que quando ia muito frio, muito frio, muito frio, a minha mãe tinha umas grelhas grandes onde punha a…. tirava, tinha que meter um pauzinho de de loureiro… que depois que ele saía assim… às torcidinhas…

RF: O azeite?

TF: Sim. E depois punha-se o azeite em cima lá da grelha que era assim um caldeiro grande, para se coalhar, não é!? E depois é que ia para a medidora, porque se não a medidora, não tirava o azeite. Lembra-me perfeitamente, de pelo menos de Rio Torto… tenho muitas, muitas… os de Rio Torto vinham todos os dias à mercearia. Todos os dias, aqueles miúdos, todos os dias, vinham! Quando chovia muito… Ainda há pouco tempo falei… Choveu muito um ano em que foi preciso virem os pais, porque os miúdos tinham medo de passar… este ano diz-se que a água se passou… a eu disse ainda me lembra disso! Não disse isso lá em casa?! Lembro-me de um ano a minha mãe dizer: "Olha, hoje, os miúdos de Rio Torto não puderam vir à mercearia"…

MSS: Por causa do caudal…

TF: Da água, pois… Tiveram que vir os pais. Porque aquilo era todos os dias… Porque aquilo era assim: era um quarteirão de azeite, era 50 gramas de cevada, era um… aquele cartuchinho que se faz assim, ainda sei fazer, de açúcar… Para fazer 50 gramas partíamos o papel… era tudo muito poupado, não é?

MSS: Sim, sim, sim, sim, a vida era muito complicada.

TF: Partia-se o papel ao meio para fazer só… isso era para a cevada, para o colorau e assim… E depois traziam aquelas garrafinhas, já diziam lá antigamente os pirulitos… As garrafinhas do pirulito é que ia o azeite, que aquilo era um quarteirão. Aquelas pessoas que pediam mais era… meio litro ou assim…

MSS: Sim, o meu pai também vem de uma freguesia que é de Felgueiras e os meu… e a minha avó paterna também tinha uma mercearia. E meu pai lembra-se como, e conta muitas vezes essa história, que ele, lembra-se de a minha avó, tinha carne de porco a ser salgada, não é? Não é frigorífico, não havia nada disso! E as pessoas mais pobres vinham lhe pedir uma tigela de sal para dar sabor ao caldo que iam fazer à noite naquele dia, não é?! Que era para ter algum tipo de sabor. Havia muita pobreza, não é?!

TF: Sim, havia… havia, sim senhor! Havia e foi a França e depois a imigração que ajudou… Mas por aqui, eu acho que Fontoura nunca foi aquela freguesia pobre pobre, porque havia muita gente. Toda a gente… havia sempre um carpinteiro em casa, havia sempre um pedreiro em casa, e aquela pessoa trazia sempre dinheiro… madeireiro… Eu lembro-me da minha mãe dizer: As do Bento… a minha mãe dizer: "Ainda está à espera que o Tio António venha do Monte com o dinheiro"… que eram madeireiros, iam para o monte deitar madeira com os carros das vacas e assim…

MSS: Sim! Sim!

TF: Tinham sempre um bocadinho de dinheiro para trazer… E há freguesias que não era isso porque havia… muitos carpinteiros, havia muitos pedreiros… Eu lembro-me perfeitamente de estar lá na casa da minha mãe, na mercearia, e ver, que aqui na banda de cima, havia muitos pedreiros! Aquelas mulherzinhas passarem aí às 11h30, com a com as bolsinhas daquelas de palha à cabeça que iam levar o almoço os maridos, à Silva e a São Julião.

MSS: Eu lembro da minha avó dizer que ia para a feira de Coura, a pé pelos montes e sem sapatos.

TF: Aquelas mulherzinhas todos os dias, a levar o almoço! Porque também não tinham muito e assim e então levavam o caldinho quentinho, mas é o que eu digo, não é? Eu acho que a nossa freguesia não foi da, não era das freguesias… havia freguesias que viviam só mesmo da agricultura, mas quase todas as casas, havia um pedreiro ou um carpinteiro, ou havia sempre alguém que ganhasse… Lembra-me de pessoas que iam para a fábrica. Para a Fábrica de São Bento de Cima, para a Gadeira. Mas até chegaram a ir mulheres, no princípio…

MSS: Ok! Era uma freguesia muito à frente já?

TF: Já!

MSS: Para irem mulheres a trabalhar para as fábricas.

RF: A Casa Alta dava muito trabalho!

TF: Ah, a Casa Alta…

MSS: As pessoas diziam que a D. Cristina era muito má…

TF: Era, era. Ela… quando era ela a medir o leite, que ela não… às vezes a Sra. Vicenza estava muito ocupada e era ela que media o leite. Trazia um pratinho e punha a medida… o litro ou o meio litro, ou as medidas… parece que estou a ver como era… e ela media… para não cair a mais, se caísse a mais ela botava no pratinho. A Sr. Vincenza não! A criada, não… a criada botava ali e

media bem e até nos dava leite para um copinho pequenino, às vezes quentinho… morninho, dava-nos a nós, à canalha, aos miúdos…

MSS: Pois, mas a D. Cristina….

TF: A D. Cristina, não…

MSS: Algumas pessoas contam me que a dona Cristina, visse já as pessoas a vir [da igreja paroquial] obrigava as pessoas a despacharem-se mais depressa, porque ela estava na varanda a visualizar…. não é?! Quem é que vinha e quem não vinha!

RF: Da charrete!

TF: Da charrete, quê?

RF: Ela não vinha à missa de charrete…

TF: Não, era de táxi!

MSS: Ai que chique!

TF: Era… era! Ah… e de chapelinho, sempre! Eu só conheci a D. Cristina, sempre de chapelinho. Quando ia lá à Casa Alta, não. Trazia uma bananinha.

MSS: Então, era o único carro da freguesia?

TF: Era o senhor… era o táxi!

MSS: Era um veículo… o único que existia…

TF: Fontoura teve sempre táxi. Que eu me recorde.

MSS: E onde é que ficava? Ali na Praça da Igreja?

TF: Era, praça da Igreja, que era o Sr. Serafim, o dos móveis.

MSS: Ah, ok!

TR: E depois dele, é que já foram outros, mas o Sr. Serafim, sempre foi…

RF: Ele tinha que estar aqui algum tempo…

MSS: A Senhora lembra-se da fábrica?...

TF: Ela [D. Cristina] ia de táxi. O meu marido até falou nisso há bocado! Eu disse que ficava a meio da Igreja? Não, não ficava ali à beira dos funcionários. Eu lembra-me… ela de chapelinho, de bengalinha, ir comungar, todos os domingos. E ia de táxi, ia o Sr. Serafim buscá-la e levá-la. E antes do Sr. Serafim não sei se houve taxista, não é?! Houve… que era o Sr…, ou foi depois, olha não sei…

MSS: A D. Teresa tem conhecimento de alguém que trabalhasse na fábrica do "Farruco", do chocolate que vivesse aqui em Fontoura?

MSS: Não, disso não.

TF: Mas lembro-me bem que comprámos muito… e o amendoim! Ah, o amendoim ainda vinha quentinho. Na casa dos meus pais havia apoiado… Que eram uns caixotes para meterem o arroz,

o açúcar, que aquilo era tudo vendido assim! E depois tinham as prateleirinhas em vidro por cima e umas capinhas que era… um era para amendoim, outra para o grão de bico, outro era não sei que mais e o amendoim ainda vinha quentinho às vezes….

MSS: Lembra-se da Serração?

TF: Não, não me lembro! Mas, lembro-me de pessoas de andarem na fábrica de São Bento: a Arminda Pinta, a Tina da Anjinha. Na Serração de São Bento de Cima.

RF: Na de São Pedro?

TF: Na de São Pedro… penso que elas nunca foram. E daqui da banda de cima iam também muitas mulheres.

MSS: Mas isso já era uma freguesia bastante avançada… da mulher não ser doméstica…

TF: A Sra. Tina, se hoje fosse viva, tinha 91 anos. E ela chegou a ir para a Fábrica.

MSS: Por acaso, não sei se a minha avó alguma vez foi, não sei, não faço ideia.

TF: Mas foram… e a Arminda Pinta também trabalhou na fábrica e mais pessoas….

MSS: D. Teresa, gostaria de vir a colaborar com projetos, no caso comigo, para dinamizar o turismo em Fontoura, como, por exemplo, fazer parte de visitas históricas que possam ser propostas?

TF: Se eu tiver tempo faço… olhe também!

MSS: Pronto!

TF: Dentro do possível, partilho os meus conhecimento que não são muitos, mas….

MSS: Já lhe disse que não há respostas certas nem erradas…

TF: Mas dentro que aquilo que eu souber, faço!

MSS: Então nós arranjamos o tempo. Se a Sra. não pode à semana nós fazíamos ao fim de semana. Não há problema nenhum… até porque à semana também há trabalho.

TF: Se tiver os netos não dá; assim que não tiver, já tenho mais tempo.

MSS: Considera que, então faria uma visita guiada, com o seu filho junto?

TF: Faço, faço. Eu faço qualquer coisa, então não faço!?

MSS: Se a Rota dos Moinhos for para a frente, posso convidá-la para fazer?

TF: Pode, pode!

MSS: Considera que para a geração futura, a transformação digital, com oferta de meios adequados, são importantes para a comunicação e divulgação do património aqui existente na freguesia?

TF: Então não são!? São! Agora é o futuro.

MSS: A tecnologia não é que está em cima da, de todos os governos e por aí fora. E acha que seria que através de um jogo, através de apenas uma plataforma informativa, como é que acha

que nós conseguimos angariar mais gente a passar aqui em Fontoura?... Um jogo que tem interatividade, ou seja, podia ser quase como uma Caça ao Tesouro que nós propuséssemos para um telemóvel, não é? E a pessoa tinha que obrigatoriamente passar aqui…

TF: Acho que é uma boa ideia, talvez, acho que sim!

MSS: Fazer a Caça ao Tesouro, in loco, com as crianças do grupo de jovens, por exemplo, que é uma coisa que estamos a tentar ver se conseguimos fazer este Verão e depois passar isso também para um aplicativo móvel, como aquele *Pokémon Go*.

TF: Era uma boa ideia, acho eu!

MSS: Existe algo mais que queira acrescentara esta entrevista? Considera que seja pertinente para referir, esteja à vontade. Essas histórias todas contam são deliciosas, portanto, eu ficava aqui horas a ouvi-la.

TF: Não sei. Olhe, por exemplo, a casa da Portela… Eu venho de… O meu pai, pronto, já vem de uma família, já era a casa da Portela. Ainda Hoje é a casa da Portela, Deus queira que eu ainda possa restaura-la. Gostava imenso. Eu lembro-me que o meu pai, ainda temos lá uma corte que eu digo quando foi… que era… Hoje, agora tem galinhas, mas naquele tempo era o quarto do criado. E tínhamos lá em cima da casa, ainda, um há poucos anos, ainda tinha um depósito que era bombada água para aquele e já existia casa de banho lá dentro.

RF: E tinha esquentador.

MSS: Isso é raríssimo.

TF: Esquentador? Não sei…

RF: Tinha, tinha!

MSS: Isso é raríssimo de acontecer.

RF: Tinha lá uma coisa…

TF: Tínhamos uma casa de banho com banheira… Na Casa dos meus pais, não havia! Mas na Casa dos meus avós havia…

MSS: E a casa de banho estava dentro de casa…

TF: Estava, sim senhor! A Senhora era D. Maria. O meu pai chama-lhe Bobó. Não era nada, nem era família. O marido dela é que era parente da minha avó… não era do meu avô, porque o meu avô era de Cerdal. E depois essa Sra. morava no Porto. E o Senhor Francisco, esse parente da minha avó, foi para o Porto, casou lá com uma Senhora e eles… era na Rua Fernão de Magalhães. O meu pai adorava…, tinha uma coisa pelo Porto e por a Rua Fernão de Magalhães… Foi passar a Lua-de-mel lá.

O meu pai casou… é verdade. O meu pai casou, foram de comboio e foram passar a Lua de mel, não sei quantos dias, ao Porto, à Rua Fernão de Magalhães. Também tínhamos lá casa, não é? Tinha a casa da Bóbó.

MSS: O seu filho está-se a rir, mas era uma viagem longínqua, agora que se fazem em duas tretas, não é?

TF: Ah pois!

MSS: Mas antigamente está bonito!

RF: Estamos a falar de há 70 anos ou 60…

MSS: Pois exatamente. É que nem havia as estradas que há!

TF: Não, 60 e tal… E, então a minha mãe?

RF: Quantos anos tinhas quando foste…

TF: Uma irmão minha foi primeiro, mas que morreu… Sei que a minha mãe foi. Nunca tinha ido ao Porto a minha mãe! O meu pai tinha ido muitas vezes, ui, desde pequeno que iam com a madrinha e então essa Sra., eles tinham uma fábrica onde transformavam ouro… era… transformavam ouro! Formavam… pronto vinha o ouro em peça e depois daquela peça,…

MSS: … transformavam em líquido para depois fazer as barras.

TF: Era, era… Só que depois o Sr. Francisco…

RF: Faziam várias coisas?

MSS: Ah, acessórios?

TF: Faziam várias coisas, faziam brincos…transformavam o ouro em peças. É isso que eu estou a dizer. E então… essa, depois a Bobó, o marido quis vir para cá, ficou lá e então ficou. Então compraram a casa da Portela. E a minha avó era afilhada dela… dela nem sei se era… era do Tio Francisco que eram parentes, era irmã do pai dele. E ela passava mais tempo cá do que no Porto, porque ela gostava mais de estar cá do que estar no Porto, porque aonde ela tinha deixado também muito dos bens dela… Não gostava tanto, não se sentia tão bem com ela lá,… mas levava… ela ia lá passar temporadas ao Porto e levava a minha a minha…. o meu pai e as irmãs. Levava-as com ela… e ela era uma Sra. muito, muito fina. Comiam-se dois pratos, dizia o meu pai: vinha um prato com a carne e com o peixe, depois, mas tinha que vir sempre o prato do arroz.

RF: Foi a pessoas que deu o dinheiro para as escadarias de São Gabriel.

TF: Ajudou, n ão deu só! Foi a Bobó, a D. Cristina… a D. Cristina não dava nada! Foi a Bobó, foi então, a D. Maria como o meu pai lhe chamava, … a D. Aninhas que era a do Professor Caldas, … a mulher do Sr….. Daquelas da Rocha, na Rocha, na Ínsua…

RF: Aquelas velhinhas…

TF: Aquela casa que há lá na Rocha, uma casa grande, lá era o Sr. Soares, a mulher do Sr. Soares.

RF: Não é da família de um Padre, esse Sr. Soares?

TF: É! E a minha mãe também era, a minha mãe, era da Silva, mas era tetraneta desse Padre Soares. A minha mãe, o nome dela é Rosa Soares Pires.

MSS: Que engraçado, não está a dizer isso. Sabe porquê? Porque a tal Capela de Nossa Senhora da Conceição foi identificada pelo Padre Pedro Soares.

TF: Então era capaz de ser ele, porque ele tinha uns poucos de filhos, sabe? Tudo é capaz disso!

RF: [começa-se a rir….] Filhos de um padre…

MSS: Era normal isso! Mas isso é perfeitamente normal, olha a questão do Padre Lisboa.

RF: Sim, sim!

MSS: É igual! Eu acho que devia ser permitido, se fosse permitido não faziam tantas asneiras!

RF: Pois, pois!

TF: À minha mãe… eu fazia esta pergunta muitas vezes à minha mãe, porque eu dizia assim… Nós tínhamos um campo ali na Rocha que era aparado, e eu dizia assim "Oh mãe ai este campo é hérdimo meu, da Silva", porque a minha mãe era da Silva. E eu dizia assim: "Oh mãe então você era da Silva e veio buscar uma bouça ali na…

RF: Na Azivinheira…

TF: Não, aqui na… no Reguengo. "Oh mãe então você era da Silva como é que tinham propriedades i em Fontoura e assim? E ela respondia: "Não vês que o meu avô… o meu trisavô, ou não sei quê, era daqui, que era o Padre." Eu nem sabia…

MSS: Eu estou a fazer a minha árvore genealógica. Já cheguei à 17ª geração para trás. A minha família fazia parte da família que tinha a Casa… a Quinta das Cinco Chagas. Pronto, mas depois a esposa matou o marido com uma pistola, com uma carabineira, porque ele estava a jogar e apostou-a na mesa de jogo. Ela descobriu e quando ele estava a dormir, deu-lhe cabo da saúde.

TF: Eu já ouvi contar essa história!

MSS: Pronto, então a geração seguinte foi despromovida…

TF: Pois foi…

MSS: Para não ter acesso a qualquer tipo de testamento. Então, foi aí que depois os meus avós…, eu nem sei, porque é que os meus bisavós compraram aquele terreno, ali, onde eu atualmente vivo, em Rio Torto. Porque aquilo…

TF: Não eram dali?

MSS: Pois não… Eles trabalhavam para a D. Cristina. A minha família é considerada… é conhecida como a Família dos Cruzeiros, porque eram os caseiros…

TF: Na Quinta…

MSS: Na Quinta do Cruzeiro. Exatamente. Eram eles que cuidavam…

TF: Eu conheci bem o seu Tio António e a Tia Teresa…

MSS: Eu o Tio António nunca cheguei a conhecer, mas…

TF: Não?

MSS: Ele faleceu um ano antes de eu nascer. Mas toda a gente me diz que eu sou muito parecida com ele, do ajudar as pessoas, de estar sempre presente, de estar sempre disponível… E dizem também que eu gostaria muito de o ter conhecido.

TF: Nunca me esquece… que antigamente havia muitos bailaricos…

MSS: Ainda temos lá o pau…

TF: Os bailaricos… e o Tio António do Cruzeiro fez um bailado no Largo de Rio Torto, ainda eu era jovem, e nós fomos todas com a cruz para baixo e depois ficamos todos lá no baile. Que era o Tio António do Cruzeiro, nós chamávamos de… nós e toda a gente, de Tio António, que tocava acordeão. Ficamos lá todos a dançar até às tantas, até quase à noite, numa vez num dia de Páscoa, quando ele veio embora da Bélgica.

MSS: O meu avô também é daqui de perto, o meu avô era de Cerdal. Pois, era aqui da freguesia do lado. Não é? Está tudo em família!

TF: Não, mas essa Bóbó, as pessoas… depois tudo leva caminho…, mas eles criaram a minha avó e eu os vestidos para elas vinham de Paris! Veja lá com as pessoas eram antigamente.

MSS: Era onde havia a elegância, a luxuria, não é? Todas aquelas questões da… que ainda hoje é considera a cidade da Luz, portanto já era conhecida desde então.

TF: E no Porto, então aquilo era muito… era mais talvez do que Lisboa. Era o que o meu contava, dizia que… o meu pai, falava muitas vezes nesse passados! E pronto, há assim casas que realmente ainda merecem um certo destaque e não irei falar deles, não é o que é.

MSS: Sim, até porque o objetivo destas entrevistas é que depois, também com essas entrevistas, eu já entrevistei dois senhores: o Sr. Tone do Guardal e o Senhor João da Micas! E o objetivo é que com estas entrevistas, nós possamos depois fazer uma curta-metragem, digamos assim, dos residentes conhecedores de Fontoura, para projetar a memória coletiva, não é? Para ficar para o futuro.

TF: A mãe do senhor João da Micas… eu quando casei depois vim tomei conta da mercearia. Ela vinha à tarde que era para conversar comigo. E ela contava coisas dela, contava coisas deliciosas que eu gostava muito de ouvi-la. Ela a dizer em que o marido foi para a América e que depois ela ficou com os filhos, tinham os moinhos, não sei para aí. E que ela ia de noite, às tantas da noite, aos moinhos… ela a contar-me…

MSS: O Sr. João da Micas… eu tenho isso em gravação… O Sr. João da Micas conta-me que ele e a irmã iam sempre, que eles tinham medo de ir sozinhos… então depois havia ali um senhor que era muito sovina e que queria ficar com a água toda… onde agora é a Quinta de Real…

TF: Pois…

MSS: E eles escondiam-se atrás dos arbustos porque que eles eram pequenos, escondiam se e depois, quando ele ia para casa, eles voltavam para ir buscar a água do regato… porque o tal senhor tentava ficar com a água toda do regato. Pronto, ele "Oh Mónica ele era muito sovina, era muito sovina". Acho piada e é engraçado porque o Sr. João da Micas ainda tem essa capacidade toda de pensamento, não é?

TF: Ai tem… tem. Tem, sim, senhor, ele ainda está muito bem de memória...

MSS: Ou seja, se nós não aproveitarmos agora estas pessoas com o conhecimento que elas têm conhecimento, depois acaba por se perder, não é? E o objetivo deste trabalho é exatamente

criar um modelo de informação de modo a que possa ser angariada esta informação. E sendo agregada e colocada numa plataforma digital para qualquer pessoa ter acesso a ela.

TF:

Eu recordo-me da Feira dos Santos, nós nunca íamos à Feira dos Santos porque tínhamos a mercearia e naquele tempo, a partir das 2 da manhã já começava a passar pessoas a pé que vinham de Paredes de Coura, de Gondar, de Bico, de Parada… tudo a pé, pois vinha tudo por meio dos montes. tudo para ir para a Feira dos Santos. Nós nunca íamos, mas íamos no Dia das Trocas. No Dia das Trocas, íamos à Feira e a minha mãe ia lá mais o meu pai e iam comprar os paus dos soques, louça, pratos, tigelas, porque depois as pessoas tinham pouco dinheiro... Depois vinha a matança do porco e não tinham louça. Iam lá à mercearia comprar e a minha mãe vendia pratos, tigelas, que era o que se vendia mais e lembra-me… e então, o meu pai ia à Feira dos Santos que era no 1º de novembro, não é? Depois a partir dali é que se começavam com as matanças do porco… e comprava e depois tínhamos lá para um senhor… esse senhor no outro dia, ali de Passos, numa carroça com um burro e vinha nos trazer as coisas todas no burro.

MSS: A D. Teresa era pequenina quando a sua mãe tinha a mercearia?

TF: Pequena. A minha mãe teve a mercearia, depois modificou-a, mas era pequena. Mas nós ainda trabalhamos muito na mercearia….

MSS: Tem as memórias muito frescas, ainda!

TF: Trabalhei muito na mercearia, eu e os meus irmãos! Trabalhamos muito. Até o Rui ainda trabalhou lá. Porque depois a minha mãe ficou viúva e ele ia lá [Rui] e a minha mãe deixava-o…

RF: Eu ia buscar o leite à Quinta da Casa Alta…

TF: Ah ia com o meu irmão! Ainda iam buscar o leite nesse tempo. Nós fomos… o que me lembro foi… fomos 30 anos ou mais buscar leite à Casa Alta. Como não tínhamos animais, não tínhamos gado e naquele tempo não havia leite de pacotes… E então, no Dia das Trocas nós íamos, nunca me esqueço que a minha mãe dava-nos sempre uns bonequinhos para o Presépio, a nós. O Vitor [irmão da D. Teresa] quando chegava a casa, já chegava com ele partido… eram de barro! E nós eram sempre umas ovelhinhas e eu ainda cheguei a fazer um presente… porque depois da minha casa levava para a casa dos meus filhos com as coisinhas que eu tinha lá na minha mãe. Depois a minha mãe emigrou e foi para a Suíça, o meu irmão não ligava nenhuma àquilo e eu trouxe!... E ainda cheguei a fazer… porque era… tínhamos que trazer sempre um bonequinho da Feira dos Santos: uma ovelhinhas, umas coisinhas…

MSS: Mas isso é o que faz as nossas memórias, não é?

TF: É, é! Eu lembra-me que ainda trabalhava-se muito nas mercearias. A minha mãe trabalhava muito! Algumas pessoas andavam até de noite nos campos, quando iam comprar as coisas, era de noite… era até às 10 da noite. No Verão, os miúdos de Rio Torto vinham sempre à noite, mesmo quando já era escuro, mas como vinham muitos…A minha mãe, ahmmm…, havia mais umas mercearias mais em cima, mas a minha mãe era das Cortinhas para baixo até Rio Torto, vinham alguns ali de Passos e depois vinha gente até ali, de São Julião, das primeiras casas, e tudo, viam-se ali. E então lembro-me de termos um armazém grande…. A minha mãe neste

tempo, lavava aquele… era o armazém do sal, o sal era a granel. O meu pai ia a Ovar, com o camião, buscar o sal, com umas pás… botavam…. Para nós que éramos pequenos era uma festa… E lembra-me do meu pai saía na madrugada, com o camionista, para Ovar e depois vinha à noite e já tínhamos ali uns homens preparados… E a minha mãe, antes disso, aquilo… o armazém do sal era todo forrado a madeira! A minha mãe… o pote estava sempre com água a ferver, a ferver, a ferver e com a água quente, ela lavava aquelas tábuas, todas, uma a uma, com aquela água a ferver. Depois lavava o alqueiro, o meio alqueiro… o pauzinho… depois aquilo, a gente botava para dentro, mas depois tinha que nivelar… pôr raso. A minha mãe levava aquilo tudo… coitadinha da minha mãe. A minha mãe, ela tinha que ela tinha lá uma senhora, tínhamos uma criada que, também, a minha mãe tinha 3 filhos pequenos. A mercearia dá muito trabalho. Meu pai, meu pai, negociava… coisas fora. Depois foi-se embora a criada ficamos com um empregado. Depois a gente já foi crescendo. Já ajudávamos, claro, mas quando era mais pequena, tinha sempre alguém para ajudar, mas trabalhava muito, trabalhava muito e depois era tudo a granel, era tudo a peso, era tudo, levava tudo muito tempo. Eu lembro-me do tempo do sulfato, era cal e pedra; o sulfato em pedra… A minha mãe a pesar aquilo tudo, depois pesava noutra balança, porque não podia pesar na balança da mercearia. Aquilo perdia-se… não era como hoje chega-se às prateleiras, tira-se e põe-se em cima do balcão. E já está tudo. Mas naquele tempo não era assim. Dava muito trabalho, muito trabalho é.

MSS: Passava-se pelo processo todo…

TF: Aproveitava-se tudo! Ainda me lembro do… o açúcar amarelo. A minha mãe punha um lençol lá na cozinha no chão e depois o meu pai sacudia-se. Porque o açúcar amarelo ficava mais agarrado ao saco, aquilo devia dar para aí umas 100 gramas de açúcar, ou pouco mais, mas… olha não sei, aquilo não devia pagar o trabalho! Mas recorda-me disso! A minha entrevista está feita, senão falamos aqui a tarde toda.

MSS: Muitíssimo, muito gosto e muito obrigada. Muito obrigada, D. Teresa.

****

Transcrição - Rui Ferreira

MSS – Mónica da Silva e Silva (investigadora/entrevistadora)
RF – Rui Ferreira (ex-presidente da Junta de Freguesia de Fontoura, entrevistado)

Entrevista/Interview

MSS: Criar um modelo infocomunicacional, ou seja, nós temos a informação de que forma é que transportamos aquilo para comunicação, para que aquilo possa ficar acessível a qualquer pessoa que tenha que queira conhecer um bocadinho mais sobre a freguesia? Está bom? Pronto. Para além disso, qualquer eventualidade que surja com as gravações, só eu é que tenho acesso a elas, eu e a minha equipa de orientação, por isso é que nós vos pedimos para vocês preencherem aquele consentimento informado que depois …. (Tens de levar depois o da tua mãe) qualquer situação vocês podem dizer, mas eu não permiti, eu tenho comprovado a dizer, mas você permitiu, tá bom?

Pronto, então começando a entrevista desde já te agradeço pelo facto de te teres disponibilizado para isso. Em linhas gerais, como é que defines Fontoura?

RF: É linda, bonita, maravilhosa. É minha Terra.

MSS: Sim a tua Terra, mas podes descrever no sentido de…

RF: É uma freguesia … é bonita. É uma freguesia que tem, … é muito interessante, tem muita história, … o próprio lidar das pessoas é algo que … É uma freguesia que consegue ainda ter bastante bairrismo nas bastantes atividades … penso que temos um passado que não sabemos dele, … já de muito desenvolvimento de… Pelo que eu sei, ao ponto de deixar que isto chegou a ser sede de concelho.

MSS: Certo

RF: Daí a conversa da minha mãe dos artistas, nós dele temos essa variedade tão grande de artistas, porque durante algum período da nossa história isto chegou a ser o centro …

MSS: Sim!

RF: Sabemos historicamente que isto não pertencia a Valença, por isso era do Rei ou era de outra, tinha um estatuto especial. Sei que a nossa casa de Real não é bem uma casa normal, uma casa especial, sei que ali … do tempo das guerras com a Igreja e assim, já no nosso período, mas também aqui há uns anos, e encontrei umas coisas do Major que ele metia… então a falar da freguesia. Acho que haja … falar da freguesia de Fontoura, então que …

MSS: O Pereira De Castro, é esse, é do Major Pereira Castro que te estás a referir?

RF: Sim sim

MSS: Ok

RF: Então estavam… aqui enviadas umas patrulhas, à freguesia de Fontoura, porque estava com cismas religiosas, mandavam soldados nessas épocas à freguesia e depois pronto alguma coisa com que tinha sido sanado. Não se soube qual era a cisma religiosa.

MSS: Estou a ver que a nível de religião, Fontoura tem história, não é?

RF: Acho que não somos terra assim de muito bem-mandados!

MSS: Ok.

RF: Vem da nossa história anterior.

MSS: Ou seja, é cronologia histórica, não é?

RF: Falo como se… queres que eu falo como se estiver a falar para quem não soubesse nada?

MSS: Como tu considerares que deves… definir a freguesia.

RF: Prontinho anos de…

RF: Nós somos uma freguesia que temos vestígios pré-romanos, dos Grórios, temos vestígios romanos. Temos uma quantidade abismal de moinhos e de lagares e de serrações e assim vai mais uma vez ao encontro dessa minha teoria que é de que … Fontoura chegou a ser a sede de

concelho, chegou a ser uma aldeia muito industrializada, uma das mais industrializadas. Eu nasci num café da aldeia e uma pessoa ouve histórias de toda a vida e ouvi histórias com 6, 8 e 10 anos de pessoas que tinham 80, estás a perceber? que já vinham… pessoas aqui muito interessantes de entrevistar, com coisas mesmo muito fiches. Mas isso dos Moinhos, dos artistas, a própria… aquela Cruz é bastante importante… é muito importante porque aquela cruz, diz-se que o juiz vinha dar e fazer cumprir sentença, ou seja, faziam-se ali tribunais e cumpriam-se ali sentenças. Ou seja, isso é uma coisa que deveria existir, na sede do Conselho, ou seja, uma vez que os Gróvios, segundo a história, pelo menos os que fizeram parte do exército de Aníbal quando defendiam Roma, o sejam os Gróvios é um povo que historicamente se diz que era…, penso que quer era impossível porque naquela altura, há 2000 anos atrás, há 2000 e tal, a densidade demográfica devia ser tão pequena que era impossível fazer parte do exército a nível que se calcula que era de trinta a cinquenta mil homens que foram rodear Roma, os Gróvios, como mercenários, não-mercenários… mercenários voltamos às guerras atuais, não é, uns são terroristas, os outros são defensores. Depende de quem ganha. Tem a ver com as alianças que tiveram. Eram aliados dos Cartagineses e do Norte da África e não da Europa Central isso é histórico e penso que isso, por muito que queira dizer, nem acredito sinceramente que 90% da nossa população tenha alguma coisa a ver com os Celtas. Isso dos Celtas é tentar embelezar para fazermos parte do Império.

MSS: Ok pode ser, é uma teoria como qualquer outra, é valida, não é?

RF: O Império do mundo.

MSS: Não é verdade?

RF: E pronto. Fontoura faz parte dessa história. Os mercenários ou soldados do exército de Aníbal, que foram rodear Roma, foram nomeados pela cidade de TUI.

MSS: Certo.

RF: Ou seja, isto seria em princípio uma cidade que devia ser ou a capital de todos os Gróvios ou uma das cidades importantes dos Gróvios, dependendo de como fosse a organização na época.

MSS: Sim.

RF: E nós seríamos uma…

MSS: Sim. Uma comunidade

RF: Uma comunidade fruto dessa cidade. Além dos Gróvios, nós temos então como eu disse, temos como vou dizer? Temos lá em cima, na Grove, que tem o mesmo nome Grove, mesmo naquela zona de São Gabriel e assim que existe a lenda da telha, das telhas, ou seja, das fábricas de telha, da telha voltamos ao mesmo ali não há telha até porque ali não há barro, não há nada. Há aqui montes de sítios onde há barro, tanto que até havia uma fábrica de telha na freguesia e não era ali, ou seja, essas telhas fazem parte de construções antigas e a telha que eles encontravam que é o que se encontra ali, muito na Grove… Já encontrei telha lá 2 vezes, mas sem procurar

MSS: sim.

RF: dar uma volta, uma das vezes, foi na visita dos Séniores estava para ali, até encontrei na altura, mas depois foi uma vez com a Raquel da Câmara, encontramos mesmo um pedaço de uma loiça trabalhada, tudo lá na Grove

MSS: Sim, ou seja, remanescências arqueológicas.

RF: Na parte de baixo do Paço, aparecem muito essas telhas e ali as que aparecem não tem nada a ver com telheira. Sei que foram descobertas moedas romanas, ali no caminho dos Telhões.

MSS: Sim, lá em cima.

RF: Daquelas telhas aos Telhões voltamos aquela telha romana. Que agora voltamos à história, não se sabe se foram os Romanos que trouxeram para cá, ou se levaram de cá para lá. Os impérios têm isso o comércio, as comunicação e o ensino.

MSS: As trocas claro.

RF: É comum hoje em dia com a Rússia. Somos inimigos, mesmo assim negociamos.

MSS: É verdade.

RF: Nós fazemos feiras, entre Cristãos e Árabes, em Portugal, comuns. Durante o período da reconquista.

MSS: Exatamente

RF: Que foi o período relativamente pouco curto. Na época do D. Afonso Henriques. Graças aos Templários chegou lá abaixo muito depressa…

MSS: Consideras que a informação e a comunicação são importantes numa freguesia como Fontoura para a promoção turística e para a sua divulgação? De que forma? Através de que meios? Como é que achas que se pode catapultar, digamos assim, a informação que já é feita, que já é divulgada, que já é partilhada. Que meios é que achas que são necessários?

RF: Os meios são todos os possíveis.

MSS: Como por exemplo?

RF: Acho que deveria ser feito um trabalho prévio que era criarmos um produto, ou seja, definir-se uma estratégia ver o que Fontoura vai oferecer? Depois trabalhar esse produto agora, claro, hoje em dia o futuro é o marketing digital principalmente. E pronto, depois tudo que seja roteiros, fóruns e coisas assim. Penso que nem é uma questão de…

MSS: Os fóruns de partilha, achas os importantes, por exemplo, o próprio turista dar informação e colocar informação na plataforma, de modo que outra pessoa que venha possa ter acesso a essa informação, ou seja, ser o turista a ser o produtor e o consumidor de informação, achas importante isso?

RF: Claro. A importância das coisas dá a quantidade de consultas. Tudo o que seja consultado por muita gente, é útil.

MSS: É quase como se fosse a publicidade boca-a boca, mas a formato digital. É um fórum.

RF: Aí, tens direito a tirar dúvidas e coisas assim, estar a controlar.

MSS: E achas que seria uma mais-valia para Fontoura ter esse tipo de plataforma, ou seja, que a plataforma turística que eu vou implementar aqui, que eu vou implementar uma plataforma turística com todo este digamos assim, desenho que está aqui na maquete, achas que seria importante ter uma componente de menu na plataforma em que a pessoa pudesse partilhar coisas, fotografias, comentários, pensamentos?

RF: Estares na vanguarda seja no que for, é uma mais-valia sempre. Na freguesia, se está, vai chegar a quem está. Cada vez que passa mais gente, vai ficar lá porque mais gente vai consultar aquele tipo de plataformas. Mesmo se não resultar, haverá outra do género ou outra coisa, pois vai transformando…

MSS: Sim é pode ser. Pode ser feito um upgrade, não é? Pode ser anotada, claro.

RF: … as marca sociais não é, começou-se no Face. Agora já se tem Face, Twitter e não sei quê e quando dás por ela…

MSS: OK, então, a mesma pergunta que fiz a tua mãe quando tu entraste há bocado, gostarias de ver os moinhos inseridos numa rota turística?

RF: Penso que é uma grande mais-valia.

MSS: E de que forma é que seria essa rota na tua forma de ver? O que é que teria? Se teria espaço físico, teria troços, teria museu de interpretação, teria o quê?

RF: Pronto. O nosso projeto era… um trilho, pelo menos. Era um trilho.

MSS: Mas há muitas zonas que têm silvado. Como é que tu resolverias esse problema do silvado?

RF: É cortar.

MSS: E o facto de ser propriedade privada?

RF: Falar com os donos, pedir autorização.

MSS: E achas que se consegue aceder a todas as pessoas desses moinhos perdidos aí pelo meio do monte?

RF: Se algum tiveres de ver ao longe, vês ao longe.

MSS: Pois exatamente.

RF: A maior parte deles não tem terra e os que tem não é deles.

MSS: E consideras que um centro interpretativo seria uma mais-valia dessas rotas ou não?

RF: Claro, tudo que seja melhorar o serviço, assim é melhor. Agora, uma freguesia tem sempre essa vertente, que é o custo, o ser apoiados, se não é.

MSS: Sim, mas a rota turística também… imagina-se que tenha proveito do lucro, não é, portanto, a ter proveito de lucro, não é? Acaba por haver uma ligação direta para com…

RF: Estamos a ver a mesma coisa, se estivermos na vanguarda desse tipo de produtos…

MSS: Vamos ver se meu produto chega lá.

RF: Para, às vezes…

MSS: Em acordo com aquela pergunta que eu também fiz à tua mãe, que é, se te recordas de alguma situação de património que tenha existido aqui e que não exista mais, de histórias que ouviste falar e por aí fora, eu até vou mostrar aqui o documento. É um documento do Diário do Minho, de um jornalista que é o Dr. José Carlos Ferreira, que já entrevistei, em que ele fala exatamente aqui da Capela, da dita Capela de Nossa Senhora da Conceição, no lugar da Valinha, eu passo-te já o documento, e ele disse-me na altura quem lhe mostrou onde é que fica esta capela foi o padre Gonçalo que eu ainda vou entrevistar OK sim. Portanto se vires aqui …olha …vês ali?

RF: Não é esta?

MSS: Não, esta é de são Félix OK? O povo chama São Pedro. Mas depois tem esse parágrafo aí em que ele refere exatamente a Capela de Nossa Senhora da Valinha.

RF: Que é dos Soares…

MSS: Que é dos Soares, exatamente. Se calhar tem a ver com aquela família que a tua mãe estava a falar agora anteriormente.

RF: Isto é minha!

MSS: Que é tua exatamente olha. Portanto, a capela da Valinha, que também já se falou doutra coisa que era esta capela de nossa Senhora da Conceição ter sido … o santo que estava antes de São Félix, ou seja, porque consta a história, dos livros todos que eu li, que a Capela de São Félix sofreu um incendio muito grande, foi destruída. Portanto eles tiveram de pedir a beatificação da capela de novo.

RF: Não usaram o mesmo santo

MSS: Exatamente.

RF: Qual era?

MSS: Possivelmente a nossa Senhora da Conceição anteriormente, e atualmente São Félix.

RF: Porque é que se podia…?

MSS: Mas é estranho mudar de homem, de mulher para homem, não é? naquele tempo, principalmente. É um mistério do caneco que está aí. Mas se o Padre Gonçalves o diz, não é?

RF: Portanto, acho que…

MSS: É uma questão de lhe perguntar, pronto, OK? Então, recordas-te de algum tipo de património que tenha, entretanto, desaparecido?

RF: Voltamos à mesma para mim, às escavações groives, é um património que está.

MSS: E como é que achas que esse património podia ser divulgado aqui na freguesia?

RF: Tinha-se de fazer umas sondagens arqueológicas, ali no lugar.

MSS: Acho que isso entrava perfeitamente bem na rota dos Moinhos, por exemplo?

RF: Absoluto, nós chegamos a tentar fazer isso aqui, só que nunca nos deram andamento, reuniões, tudo muito bem, não sei quê, mais foi o receio, nunca havia primeiro passo, não havia vontade mesmo.

MSS: Não havia vontade por parte política?

RF: Política.

MSS: OK.

RF: Se fossemos sozinhos, se calhar teríamos… Pronto existe também uma mina romana ali naquela parte por baixo do Paço.

MSS: Sim já me tinhas referenciado isso, sim.

RF: Havia um castelo, uma fortaleza ou qualquer coisa no Carvalho.

MSS: No Monte Carvalho.

RF: Havia um campo de tiro.

MSS: Mas ainda tenho acesso a isso visual ou já está tudo cheio de silvado essa Fortaleza de que falas?

RF: Não sei nunca a vi.

MSS: Ah! nunca a vistes.

RF: Podemos marcar com o Luís do Assobio, tentar ir lá ver, que é na bouça dele. São umas pedras. Agora, o que é na prática…

MSS: OK. Mas então, quem é que conta essa história, que tu soubeste essa história que seria uma torre de quem? Por parte de quem?

RF: Não é uma torre, é um forte.

MSS: Um forte, sim. Quem é que te disse isso para tu saberes que poderia ser um forte,

RF: Não me recordo

MSS: não te recordas.

RF: Penso que deve ter sido esse do Assobio. Quem me disse informou-me que ele era…

MSS: Ok.

RF: Também havia um campo de tiro, outra história, ali p´ro Reguengo.

MSS: Que já não existe.

RF: Tone Samuel para falar nos nomes para ficar registado. 00:16:26RF: Isso eu vou morrer Hoje. Era ele que me falava nisso.

MSS: A questão dos pedreiros que tu também queres lançar essa rota, também acha que seria importante, por exemplo…

RF: A língua?...

MSS: Sim, acha que seria importante também incorporar isso, por exemplo, associada a uma rota cultural aqui da freguesia?

RF: Isso era fantástico. É algo da nossa identidade cultural. Nós nem sabemos exatamente o que é que essa língua é, se é uma língua de uma determinada profissão ou se é o que sobreviveu de uma língua…

MSS: SIM um dialeto anterior sim OK?

RF: Pré latino, não é? E assim nós podemos ter aí um tesouro sem saber, não é? Faz todo sentido.

MSS: Sim um dialeto anterior, sim OK. Temos de tratar disso. Consideras que, para além de toda essa oferta cultural que nós temos, o caminho de Santiago torna-se numa mais-valia aqui para a freguesia, no sentido de dinamização e divulgação?

RF: Estou ressentido que seja.

MSS: E nesse aspeto, faço também uma pergunta, conforme há bocado fiz no sentido em que se houvesse um albergue com horários flexíveis, se houvesse supermercado, se houvesse se calhar um restaurante mais próximo, por exemplo, que o Fonte d'Ouro, achas que seriam mais-valias também? Pontos de água no caminho, por exemplo.

RF: Isso acabas por ter… o projeto … O albergue ali … a ideia era que… mesma uma piscina que é tão criticada. Eu penso que é assim tudo… Tu tens que marcar a diferença em alguma coisa, e se queres que as pessoas… podem ficarem em Cossourado, podem ficar ali assim, se queres fazer uma diferença, por exemplo, os peregrinos que chegam entre as 13 e as 15 horas normalmente ao albergue, para mim faz todo o sentido que se houver uma piscina, posso dar uns mergulhos...

MSS: Sim, eles fazem isso na vida real, não é?

RF: Será uma mais-valia, que pronto… ganhou-se ali um bocado de nojo… por outros interesses, por um lado, e por… Agora acho que era uma… uma coisa que até não é assim tão cara como isso e melhorava o teu serviço, seja nós agora já temos ali a casa de Real. Penso que acima estão a tentar também fazer qualquer coisa engraçado, mas se nós conseguíssemos criar…

MSS: Uma rede quase?

RF: Quanto mais oferta houver, já começa a haver tanta oferta de habitação, com mais alguma coisinha a ajudar.

MSS: Com algum serviço extraordinário?

RF: Conseguias criar aqui uma dinâmica na freguesia, como acontece um bocado ali em Rubiães. E assim que que são pontos de paragem, os peregrinos cada vez não querem ficar sempre no mesmo sítio e assim. Isto na minha opinião, tinha, tinha todas pernas para andar. Penso que depois, outras coisas que podem também fazer para os peregrinos, a mercearia e assim pronto, já nós já temos uma mercearia. O ideal era deslocalizar a mercearia ou o caminho. (Risos). Que às vezes não vai… agora que seria uma mais-valia, seria e principalmente inserida… se esta dinâmica conseguisse ser criada. Estamos a falar ali de 30 e tal camas…

MSS: Sim.

RF: pronto que sejam vinte…

MSS: Sim.

RF: A juntar a isso tudo, sei lá já fazia mais sentido, por exemplo…

MSS: Sim exatamente um espaço de oferta de venda de alimentos.

RF: Se aqui vão estar aí em Fontoura das 15:00 às 6:00 da manhã ou 5:00 do dia a seguir

MSS: Tem de haver algum motivo de oferta que motive.

RF: Ali já faz muito mais sentido ter até o servir refeições e assim, mas voltamos ao mesmo, havendo a dinâmica, havendo as pessoas. Sempre vemos isso por essa lógica. Tentar criar a coisa e depois havendo as pessoas, pois os privados e assim vão se chegar à frente, não é?

MSS: Claro, sim.

RF: Começas a ver aí que o Albergue começa a ficar cheio, se começas a ver que vai vender muito lá em cima e vai merecer … e que até acaba por ser relativamente perto, até não é assim tão longe como isso e mais até aquela subida para um peregrino, não ter de fazer aquela subida, porque se fosse habitação em si…

MSS: Há aqui uma pergunta que eu vou te passar à frente, depois vou te fazer outra no sentido de ti enquanto ex-presidente da Junta está bem, mas que eu quero deixar registado, que é o facto de tu ter sempre teres colaborado com a dinamização da freguesia, entre os quais com visitas guiadas até para o clube sénior, para a Memória Cognitiva, para eles poderem relembrar situações do seu passado e que acabam por depois haver muitos sorrisos porque eu também já tive o privilégio de fazer essa visita contigo, portanto, acho que é uma coisa que se deve manter aqui na freguesia, principalmente pela questão de criar cognição ou obrigar entre aspas as pessoas a repensarem aquilo que Fontoura já foi e eu queria deixar isso também registado. Consideras que para a geração futura transformação digital é importante, principalmente na divulgação, no caso aqui do património daquilo que se pretende fazer como objeto de estudo deste doutoramento?

RF: É importante, é inevitável, é o caminho.

MSS: Achas, então quem não fizer vai ficar completamente para trás?

RF: Quero um tempo com Flyer, não me Tainá não confundir….

MSS: Ok. Então, por exemplo, O *Perico de Fontoura* achas que deveria se transformar para uma versão digital ou não, ou ter as duas vertentes, uma vez que são pessoas mais velhas que o lêem

RF: Voltámos aí eu tinha a noção que *O Perico* era se calhar quem dava mais valor ao *Perico* era aquele senhor reformado.

MSS: Aham vocês abriram?

RF: Que isso é coisa?

RF: Tem ali uma coisinha, tem ali um entretenimento e lê aquilo e assim…estás a perceber?

MSS: Claro. Mas achas que também deveria haver uma informação digital, nem que fosse de menos tempo, por exemplo, enquanto *O Perico* ou era a edição com o tempo habitual que costuma ser, o outro seria, por exemplo, anual, uma vez por ano, fazer um registo.

RF: Depois de tudo, nós tínhamos um.

MSS: Em formato digital?

RF: Sim claro. Era metido nas redes sociais estava pronto.

MSS: Ah pronto OK.

RF: Aquilo é um papel.

MSS: Mas achas que devia haver, por exemplo, uma plataforma, por exemplo, o site daqui da Junta de Freguesia tem a parte do arquivo. Achas que nessa parte do arquivo devia fazer parte toda a história que já foi passada aqui em Fontoura, entre os quais o jornal do *Perico* de Fontoura?

RF: Claro

MSS: Sim OK.

RF: Não nem achava… não sei o que… que fizeram já. Sou contra apagarem a história das redes sociais.

MSS: Sim claro é a identidade do local.

RF: Não interessa, faz parte da nossa história. São coisas que depois vão ter a importância que vão ter na política é…

MSS: A nível de então, agora vai surgir a pergunta, enquanto tu, ex-presidente da Junta, o que é que gostarias de ter feito no período que foste Presidente da Junta? E o que é que gostarias de vir a fazer se porventura um dia vieres a concorrer a um novo mandato?

RF: Não vou concorrer a um novo mandato, em favor da lei, dessa lei… Acho que cada um deve ter um período, fazer a sua perna e depois deixar.

MSS: Contar a sua história OK.

RF: Assim que o mundo corre depressa demais, para nós estarmos na vanguarda, para servir. Os mais jovens que que são a maior escassez da nossa freguesia, do nosso país e do mundo ocidental, que é os jovens. Ou seja, eu considero que uma pessoa de 50 anos está atrasadíssima, nem consegue compreender, mesmo depois de lhe explicar as necessidades de um jovem de 15 anos. Estás a perceber nem que lhe digo ela não consegue perceber…

MSS: Então, OK, não vais concorrer a nenhum mandato, então o que gostarias de ter concebido a nível histórico-cultural, a nível patrimonial, no mandato que tu tiveste, que não conseguiste fazer e que gostaria de ter feito.

RF: Eu gostava dessa parte dos trilhos. E mesmo não conseguir… Deixei as pedras montadas, ou seja, foram montadas e coisas assim, não é? Mas isso não quero meter-me nisso. Era a minha missão. Agora é a missão de outros. É a visão de outros. É tão valida como a minha, como de outro qualquer. Agora se tenho acabado e se tenho conseguido pôr a funcionar…

MSS: Então teria sido a rota, o trilho da rota dos Moinhos, gostaria de ter posto a funcionar.

RF: Os trilhos tentamos várias vezes com…

MSS: Também dos elementos arqueológicos, também fazer essa integração, não é? E depois…

RF: Ao fazer os trilhos, acabavas por fazer um desenvolvimento. A ideia era fazer vários trilhos pelo menos 2 ou 3 no mínimo.

MSS: E depois a questão do albergue…

RF: Albergue, piscina e a dinamização de…

MSS: OK. Tu consideras, por exemplo, eventos na Praça, ali na Praça da Igreja seriam importantes para angariar pessoas, visitantes, por aí fora, principalmente no Verão.

RF: O projeto que está, e que existe, e que está pago, e que está aí na freguesia, aquilo é uma praça.

MSS: Sim é uma praça para realização de Feirinhas, de mostras e eventos, o que for.

RF: Concertos, o que quiseres.

MSS: OK. E consideras que isso deveria ser feito ali ou em São Gabriel?

RF: Acho que há coisas para tudo.

MSS: Poderia ser dividida entre os 2 momentos.

RF: A nossa piscina, a ideia inicial era ser São Gabriel,

MSS: Okay.

RF: Estás a perceber, foi para ali por causa disso, porque achamos que era uma mais-valia…

MSS: Certo. Por estar num ponto centralizado.

RF: Não, é uma mais-valia para o albergue…

MSS: Ah, ok!

RF: um ponto centralizado porque em São Gabriel também tínhamos o Parque das Merendas, ou seja, nós lutamos contra essas duas coisas. Nós queríamos dentro da nossa estratégia de dinamização turística da freguesia. Queríamos dinamizar as duas coisas, … nós temos um Parque de Merendas ali queiras que não queiras e…

MSS: Sim.

RF: Tens assadores, tens onde lavar a louça, tens água, tens mesas, tens sombras, tens o parque de merendas, seja, uma piscina ia dinamizar ali e ajudava a Comissão.

MSS: Claro.

RF: E a outra opção era ser aqui, ficava mais central, tudo muito bem, mas também pronto, é quase igual, mas porque ia ser uma mais-valia para o Albergue e até para os idosos.

MSS: Ou seja, eram um apoio descentralizar os serviços e a oferta. Ou seja, ficavam alguns eventos em São Gabriel e depois vinham alguns eventos aqui para a Praça.

RF: Sim. Claro.

MSS: Ok.

RF: Sim e pronto. Eu não entro em guerras de santos. Para mim a freguesia é tudo bandas de baixo e de cima, em parte até tem graça no fogo e brincamos quem ganha assim, agora, pelo amor de Deus, estamos…

MSS: Existe algo mais que queiras acrescentar a esta entrevista ou que consideres pertinente referir?

RF: É para acabar num… Em relação ao fazer outras coisas e assim? Ó pá! fiz o que pude.

MSS: Claro, com os meios que tinhas.

RF: Poderia fazer diferente agora, não saía muito da estratégia que andei assim e apostou se muito na pessoa, principalmente no fim, quando o pré-covid e covid e assim, prontos, limitou-nos, por exemplo, o desenvolvimento de determinados projetos a nível financeiros.

MSS: Sim, veio complicar muita coisa.

RF: Mas sou uma pessoa que já não tive fé nenhuma e agora tenho muita e por algum motivo não teve de ser.

MSS: Pronto.

RF: Podia ter acontecido isso tudo, as coisas que eu digo que podia fazer e que não fiz e assim, mas depois as coisas arranjaram-se de tal maneira no sítio que pronto… Não, não era para acontecer. Não está no nosso caminho. Eu chegar lá. Hum… E qual era a última pergunta?

MSS: Se existe algo que queiras acrescentar ou consideres pertinente para esta entrevista que eu não te tenha questionado?

RF: Acho que … Voltando à minha fé. Acredito que Deus manda nos anjinhos com asas e sem asas e como a Filomena, foi um que ajudou a desenvolver, por exemplo, a parte social e os idosos e assim. Agora também te mandou a ti, é assim é. No fundo viver é isso era trazer uma freguesia toda bonita, pô-la maior, com o maior número de serviços possíveis, para ser agradável para a vida, para… Este … é mais para orgulho até do que para as pessoas andarem, é um bocado a vaidade, assim também faz parte, ´tas-me a perceber, das pessoas sentirem bem para quem nascer aqui, tentar fazer a casa aqui, quem vier de fora queira fazer, veja a freguesia como… e notamos isso, as pessoas que… Descendentes daqui que também venham para cá e assim, porque cada pessoa que vem viver para Fontoura é uma vitória.

MSS: OK. Então, então consideras que este trabalho em doutoramento é algo importante aqui para a freguesia.

RF: Tudo o que seja … O registar …

MSS: Há muita gente aqui que fica a olhar de canto, não Ruí, tu sabes disso? Não é novidade.

RF: Isso muita gente é uma coisa esquisita, muita gente são 20, nós somos 800. Percebeste? Se acontecer mal, ah era no café? No café passam 80 por mês dos 800, ou seja, um em cada 10. Não é aquela opinião da freguesia.

MSS: Ok.

RF: Nas eleições, eu vi isso.

MSS: Vou-te pedir ajuda numa coisa que é: nós estamos neste momento, também, eu e a minha equipa de orientação, pode ficar em gravação não há problema nenhum, a distribuir questionários. Nós estamos com muita dificuldade para os residentes nos responderem. Neste momento, só temos 33 respostas. Obviamente que eu não estou à espera que sejam as pessoas mais idosas a responderem, porque não percebem nada de transformação digital que é …

RF: Não sei se já respondi, acho que sim.

MSS: Não sei. Eu não vejo lá o teu nome. Não. Aquilo é anónimo. Respondes outra vez, tens bom remédio. Pronto.

RF: Já. Já recebi já!

MSS: Ou seja, que estratégia achas tu que eu deva tomar para que tenha mais respostas por parte da população residente. Já está ali. No Senhor Paulo. É falar diretamente, ou seja, porta a porta com gratificação, ou seja, bolachinhas entregues ou coisa assim do género. Achas que responderia mais facilmente?

RF: Não precisa disso, não.

MSS: Pronto então ir porta a porta e pedir às pessoas para fazer a resposta.

RF: Ó pá certos idosos, por exemplo, fazer em papel e …

MSS: Os idosos não vão, possivelmente não vão ter competência, não denegrindo a imagem deles. Mas o questionário funciona muito pela parte da transformação digital das plataformas digitais e por aí fora.

RF: Então os jovens … Os jovens, é mais simples.

MSS: Tu consegues, por exemplo, se eu te mandar isso, consegues fazer tu essa partilha com as pessoas que tu conheces e pedir para fazer o preenchimento do questionário?

RF: Posso ajudar nisso, mas não é tu entras tu através dos coisas, pois lixa-lhes a cabeça… eh pá, manda me isso, … faz-me isso… A sério, até que ele já não tem um, não sei.

MSS: Bem, eu já mandei 2 vezes.

RF: Mas podes encontrar na rua, e dizes: Ó pá, não te esqueças disso! Ao fim do dia…

MSS: Já mandei 2 vezes para o Grupo dos… de Fontoura, só que as pessoas não respondem.

RF: Mas isso é normal.

MSS: Pronto. Tenho de arranjar.

RF: Manda uma mensagem que eu mando para o pessoal que eu vir e peço.

MSS: Pronto, eu bastava ter cem respostas. Nós neste momento temos 33. Mais dez em papel.

RF: Trinta e três é um número que diz qualquer coisa.

MSS: Mas não chega.

****

Transcrição – André Rodrigues (Atual Presidente da Junta da Freguesia de Fontoura)

MSS – Mónica da Silva e Silva (investigadora/entrevistadora)
AR – André Rodrigues (atual presidente da Junta de Freguesia de Fontoura, entrevistado)

Entrevista/Interview

MSS: Bom dia, André. Esta entrevista, como tu sabes, é um estudo que visa o meu doutoramento, não é? A nível do doutoramento de informação e comunicação em plataformas digitais pela Universidade do Porto e pela Universidade de Aveiro. O objetivo é tentar perceber de que forma é que as pessoas que são entrevistadas veem o Concelho, tu mais como Presidente da Junta e falar um bocadinho também sobre o património e saber o que é que vocês pretendem fazer num futuro próximo, está bem? Então começava com esta entrevista a perguntar-te, em linhas gerais, como é que defines Fontoura?

AR: Pronto. P´rá além de mais, bom dia e agradecer esta oportunidade. Assim Fontoura é uma freguesia histórica, aqui na zona, em que tem um vasto património, quer cultural quer monumentos históricos, digamos assim, e é uma freguesia em que tem vasto património, tem também alguma história de caracter passado, inclusive consta-se que seria praticamente um refúgio das pessoas que seriam mais abonadas, digamos assim, daí a ter uns vastos solares e quintas etecetera. A justificação que se encontra teria a ver com a zona de Valença ser uma zona de guerra, digamos assim, em que as pessoas tentavam se afastar para viver mais tranquilos. E à parte disso, temos a nível da freguesia, em geral, temos também uma vasta área agrícola e temos um vasto património que define que já fomos, em tempos, uma freguesia possivelmente bastante produtiva, tendo em conta, por exemplo, moinhos e outras situações dessas que estão neste momento, infelizmente em ruínas, mas em traços gerais será mais ou menos isso, mas…

MSS: E a nível pessoal, para ti, o que representa Fontoura, enquanto residente fontourense, daqui da terra. Não como Presidente…(Gargalhada)

AR: É uma freguesia onde já resido aqui praticamente desde criança, é como se tivesse nascido em Fontoura, nasci na Alemanha. Vim para aqui com cerca de dois anos. E nasci praticamente, cresci aqui, fiz a escola aqui, e vivo desde essa altura, que vivo em Fontoura. Uma freguesia que gosto, é uma freguesia em que há um bom ambiente, que há uma boa relação com as pessoas, é uma freguesia tranquila, é uma freguesia em que há bastante convívio, há muita união, principalmente na juventude, é uma freguesia divertida, digamos assim.

MSS: OK. Então, agora, relativamente à informação e à comunicação, consideras que a informação e a comunicação são importantes, numa freguesia como Fontoura, para a promoção turística e para a sua divulgação?

AR: Sim, claro, muito importante. É assim, é um trabalho que temos vindo a fazer, principalmente a nível social, notícias, etecetera, mas obviamente que é muito importante não só para a freguesia de Fontoura, mas para qualquer freguesia, seja a divulgação e partilha de informações é importante porque, claro, quando essa informação quanto a mais pessoas chegar, possivelmente mais probabilidade teremos de ter visitas em Fontoura.

MSS: OK. Que meios consideras então, para termos mais pessoas aqui, que se devem aplicar para divulgar aqui o património, quer seja natural, quer seja cultural e quer seja aquilo que nós também queremos vir a trabalhar, que é o de Memória.

AR: Exato assim nós estamos, neste momento, temos insistido bastante através de redes sociais no Facebook, neste caso. Consideramos ser talvez uma das maiores redes sociais que temos. Temos insistido também em divulgação, quer a nível até de comunicação social, a nível dos jornais, etc. Mas vamos, por exemplo, estamos a tentar agora aderir a uma plataforma que chamada *Travisco* em que pensamos também, que irá ter algum sucesso junto das pessoas em geral, iremos apostar, de início, numa fase inicial no caminho de Santiago. Mas pretendemos alargar essa plataforma a outros pontos da freguesia penso que será interessante porque também é importante a gente divulgar que temos, mas também que as pessoas percebam o porquê das coisas, nomeadamente nós temos que algum tipo de monumentos, em que muita gente até se calhar, gerações mais novas, nem conheciam que existia e é isso que nós temos que catalogar, preservar e, acima de tudo, divulgar, mas é importante que as pessoas que possam vir a visitar a freguesia percebam o significado do que temos para mostrar, mas também percebendo o significado, então essa plataforma será uma das ferramentas que iremos utilizar.

MSS: E mesmo essa ferramenta ou outras que venham a surgir, por exemplo, a nível de jornais foram os de jornais… Esses jornais são os jornais daqui, da região, ou seja, o *Jornal do Alto Minho* e por aí fora são uma grande… essas entidades.

AR: Sim. Sobretudo serão os jornais e meios de comunicação mais locais por uma questão de facilidade de promover essas publicações, porque quando vamos para certos outros meios de comunicação social de maior envergadura, é, assim, a parte económica, o preço que isso poderá custar muitas vezes não é aceito.

MSS: Por exemplo, com esses suplementos que estão aí à tua frente, já houve uma parceria, digamos assim, com o *Diário de Minho*, um jornal de Braga, achas que, se porventura vier a acontecer a *Rota dos Moinhos* que estamos a tentar planear, não é, e que vai muito também de encontro com o desenvolvimento deste doutoramento, achas que pode haver uma parceria novamente para que haja maior promoção e divulgação daquilo que se vai propor aqui a nível de moinhos? Ou achas que não?

AR: Sim, claro. É assim, da nossa parte, obviamente, estamos completamente disponíveis. Agora é uma questão de tentar perceber se eles poderão ou não. É um problema, eu sei.

MSS: Mas nesse mesmo formato suplemento, por exemplo, como aconteceu com estas capelas e com as quintas aqui de Fontoura?

AR: Sim, isso eu penso que este suplemento que foi publicado no *Diário do Minho* ou quando sair se tiver a ver com … Mas… explicar … uma iniciativa que eles tiveram, isso, nós, foi a questão do património religioso que foi publicado, mas acho que aquilo foi uma iniciativa que o jornal teve em várias vertentes.

MSS: Sim, em vários municípios.

AR: Eu penso que esta situação aqui, teve a ver, porque na altura creio que quem acompanhou de perto isto foi o Padre Gonçalves, salvo erro. E, obviamente claro que tentou se calhar

defender mais a parte religiosa, que não quer dizer se fosse outra pessoa, poderia eventualmente ter sido outro assunto, mas não deixa de ser. Um trabalho interessante e importante.

MSS: Também têm levantamento das quintas, da construção civil, digamos assim,

AR: Sim senhor, claro.

MSS: Mas muitas vezes está associado a uma capela por aí fora. OK. Quais as propostas que a Junta de Freguesia tem para a divulgação de informação, já disseste relativamente à *Travizco*, há uma primeira fase que é o Caminho de Santiago. A segunda fase, há já planeamento para isso?

AR: Sim, nós vamos, brevemente, inaugurar essa plataforma no Caminho de Santiago. Não fizemos ainda, estamos a aguardar que terminem as placas identificativas de entrada na freguesia, locais a visitar, etecetera, junto ao Caminho de Santiago, obviamente, e a nossa ideia nessa altura, iremos oficialmente inaugurar essa plataforma com o Caminho de Santiago. Depois iremos, possivelmente, catalogar tudo o que é capelas, quintas ou outros monumentos de interesse que temos na freguesia …E mais tarde, se calhar, até outros rotas possam vir a ser criadas, a dos moinhos, por exemplo, é uma delas e obviamente, até porque os moinhos alguns poderão ficar não muito próximo da rota, que será mais fácil para criar, mas prontos, pelo menos na zona próxima do moinho, haver alguma informação …

MSS: Alguma informação até gráfica, não é?

AR: … para identificar.

MSS: Exatamente OK. Então pegando nos moinhos, exatamente, faz parte a intenção de fazer a concretização de algumas melhorias em alguns moinhos ou não?

AR: Assim, nos moinhos, obviamente, que seria de todo interesse. Haverá uma intervenção, reiterar colaboração, o maior problema com que nos deparamos tem a ver com a questão de os moinhos serem privados. Praticamente são todos. À parte disso, há muitos moinhos, a grande parte deles também, que não são só de um proprietários, são de vários, o que torna por vezes difícil haver um consenso entre o…**,** os próprios proprietários. Já vi uma situação, que até chamou a atenção, aqui na freguesia vizinha de Cerdal, que é um aglomerado de moinhos, em que foi aos poucos e poucos, foi adquirido por uma única pessoa e neste momento já está numa fase bastante avançada de reconstrução ou recuperação de alguns deles. Mas pronto, é um trabalho que demora muito tempo e tem de haver, obviamente alguém de interesse que possa eventualmente ter capacidade financeira para prosseguir esse trabalho.

MSS: Por uma questão de curiosidade, até te digo que o moinho de Contença está à venda neste momento.

AR: Sim.

MSS: aquele grande, não é?

AR: Sim. Exato.

MSS: O maior que nós temos aqui na freguesia.

AR: Como nós… como está esse há outros. Agora voltamos ao mesmo problema. Eu sei que há pessoas que estão interessadas em alguns deles. O problema é que, como eles, os moinhos, eram construídos por várias famílias, por exemplo, cada um tinha direito a uma parte de utilizar uns dias o moinho. E acontece, infelizmente, muitas vezes são pessoas que falecer há muitos anos, os moinhos ficaram aí, mas nunca entraram em partilhas, digamos assim, e muita gente nem sabe o que tem neste momento e a informação a que nós temos acesso é muito pouca, ou quase nenhuma, relativamente a quem serão, e muito ou grande parte dos proprietários desses moinhos.

MSS: Hum. André, nós já falámos disto noutros momentos de conversação informal, digamos assim, e também está exatamente aqui disponibilizado nestes suplementos e eu acho que já sei qual é a resposta que tu me vais dar, mas de todas as maneiras fica registado no sentido de… se te lembras dos teus pais ou dos teus avós falarem de algum tipo de património que tenha existido aqui na freguesia que tenha deixado de existir, entre os quais, por exemplo, os moinhos. Muitos deles estão devolutos, não é, como nós acabámos de referir e acabaram por ser destruídos pelo tempo, não é, e pela florestação intensa. Mas, por exemplo, a Capela Nossa Senhora da Conceição, na Valinha que ninguém sabe onde é que é. (RISOS). É um mistério aqui da freguesia.

AR: Honestamente, já ouvi falar nessa capela, e foi através da Mónica, obviamente, mas nunca ouvi falar dessa capela, nem me lembro dos meus antepassados me falarem sobre isso. Eu, a única capela que lá conheço é a que lá existe neste momento e praticamente em ruínas, que é a capela de São Pedro, salvo erro.

MSS: É São Pedro, vocês chamam São Pedro, mas é a capela de São Felix.

AR: Ou será isso. Aqui é assim conhecida, porque é a Quinta de São Pedro.

MSS: Exatamente. Porque nas memórias paroquiais de 1755 vem referido exatamente que havia lá uma capela na mesma zona, digamos assim, na Quinta da Poça do Monte, não é?

AR: Exato.

MSS: Existia uma capela que se chamaria capela nossa Senhora da Conceição, julga-se é, agora com todas as informações que nós temos, que tenha sido uma mudança de santo. Ou seja, possa ter havido um incêndio, uma coisa qualquer desse género, e depois houve a necessidade de refazer a capela, pedir novas obras e ao pedir novas obras, foi pedida mudança de santo. Também não te lembras de nada a ocorrer desse género aqui?

AR: Não, nem nunca ouvi falar, mas é provável que possa ter sido uma situação dessas.

MSS: OK.

AR: Porque normalmente, as capelas estavam associadas a quintas. E que eu saiba, a única quinta que existe naquela zona, é aquela, há outra quinta, mas é uma quinta mais recente, até ao próprio edifício é mais recente, que é o que chamam a Quinta da Cacharela, uma coisa assim, mas até aliás, aquela quinta até foi em tempos trabalhada pelo Padre Lisboa. Tinha algumas vinhas.

MSS: A Copa do Monte. Não … a atual, a tal Cacharela?

AR: Sim. Isso é outra quinta. Não é a mesma!

MSS: Ok.

AR:

Então é assim. Aquilo foi trabalhado em tempos pelo Padre Lisboa. Ele tinha lá uma vinha, mas até o próprio edifício que existe era um edifício aparentemente recente, não é, nem me lembro lá sequer haver capela, nem nunca vi lá nada parecido, mas penso que essa será, aliás, é uma quinta muito mais pequena e, aparentemente, será bastante mais recente. É a única porque a capela que eu conheço e que eu tenho ouvido falar, é precisamente essa capela de São Pedro.

MSS: Ok. Capela do Pópulo… Há vistas de retirar os carvalhos, há vistas de recuperação, de manter a ruína arqueológica para visita? O que é que se pretende fazer?

AR: É assim, a Capela do Pópulo voltámos a uma solução semelhante aos moinhos. É uma capela privada. Pertence a uma família que, ao quanto sei, não tem tido uma boas relações entre eles. Penso até que não haverá nenhum legítimo proprietário neste momento, porque aquilo deduzo que está ainda em herança. E, obviamente que nós já tivemos conhecimento, em tempos, que poderá eventualmente um dos carvalhos estar em perigo de ruir. Já foi alertada a Proteção Civil. Já fizeram a visita ao local, estamos a esperar o parecer deles para fazer algum tipo de intervenção. Obviamente que isso carece sempre de informar os proprietários que, como eu disse, pronto, é uma família que tem alguns problemas e eu nem sei quem é que será neste momento o legítimo proprietário da capela, obviamente se houvesse abertura por parte da família, assim, obviamente que era do nosso interesse preservar, até pelo local onde se encontra, porque fica junto à estrada principal.

MSS: Pois. Era isso que eu também queria questionar, ou seja, a nível de informação, quando tem que se informar o ICMF, que está algum carvalho em risco de cair para a estrada nacional, não é, tem… é a própria Câmara que contacta neste caso o Serviço Nacional de Proteção da Conservação da Natureza. E vocês comunicam à família. Mas para a manutenção do património, achas que as leis deviam ser mais flexíveis nesse sentido, que é um património que neste momento faz parte de uma estrutura camarária, faz parte da estrada, não é? Já não está associada a nenhuma quinta, digamos assim.

AR: Ela está sempre associada a uma quinta, porque aquilo, a capela era uma capela de uma quinta, que era a Quinta do Paço. O que acontece, entretanto, ficou a quinta foi dividida, porque quando foi construída a estrada atual e, obviamente ficou separada da quinta, mas não deixa de ser propriedade da quinta, embora o terreno onde ela está em um terreno muito pequeno, mas não deixa de ser de pertencer à quinta, agora, obviamente perante as leis, eu penso que deveria ser revista essa parte de conservação, porque problemas de situações destas deve haver milhares no país e, o que acontece, é com o passar dos anos, vai-se degradando, não sei!

MSS: Vai se degradando e até pode até colapsar e essa é a questão e perde-se um património que é uma identidade, porque eu lembro-me na entrevista do Senhor João da Micas que é uma das pessoas velhas aqui da Freguesia… 97 anos agora, ele disse que era criança e já se lembrava de a Capela estar assim com os dois carvalhos lá dentro, portanto, isto, possivelmente fará mais do que um século já, em que os carvalhos estão lá dentro!

AR: Possivelmente. Até pela dimensão, pela estrutura e a dimensão que os carvalhos têm obviamente!

MSS: Ok. E gostarias que isso fosse um bocadinho mais flexível a nível de passagem, digamos assim, para entidades camarárias, para que pudesse haver uma limpeza mais fácil, digamos assim?

AR: Sim, eu penso que, como disse, como já referi, eu penso que deveria haver alguma forma de flexibilização a nível legal em que se pudesse, principalmente preservar os monumentos, porque quando nós temos situações destas, o que acontece, isto… a situação vai se degradando, ou seja, o monumento vai acabando por ir perdendo características, não há nenhum tipo de conservação, ou seja, a tendência é piorar. Ou seja, e quer nós, freguesias, quer o próprio município, quer o próprio Estado estamos de pé e mãos atados porque, legalmente, não podem intervir numa propriedade que é privada, a não ser que seja expropriação!

MSS: OK. Então, consideras que a freguesia deve trabalhar mais na divulgação do Caminho de Santiago?

AR: Sim, o Caminho de Santiago é um…

MSS: Por quem? Sem ser por vocês. Já referiste que possivelmente, possivelmente não, vai haver aqui esta apresentação da *Travisco* que vai trabalhar o Caminho de Santiago. Por que entidades mais é que julgas que poderiam ser trabalhadas… pelas associações da Freguesia, por exemplo?

AR: Sim, a Freguesia também pode em parte colaborar. A situação é que nós pretendemos e estamos a trabalhar nesse sentido, junto com o município que também tem feito uma boa divulgação do Caminho de Santiago. Agora o Caminho de Santiago tem uma situação que se está a trabalhar para ela, que é certificar este caminho, porque este é o caminho central português. Como a reunião que tivemos em tempos na apresentação de um vídeo de promoção ao Caminho de Santiago, em Barcelos, conforme isso, o Senhor Presidente da Câmara de Barcelos, que não faz sentido certificar uma coisa que é original, mas o que acontece é que o Caminho da Costa, efetivamente está certificado. E o caminho da Costa é um caminho que é conhecido como um caminho comercial, não um caminho original. Este é o caminho que temos aqui em Fontoura, o caminho central, o caminho original, até porque basta olhar para os locais onde ele passa, entre pontes romanas, entre zona romanas, onde existiam, inclusive em Fontoura, tínhamos um Marco Miliário que, entretanto, foi desviado para uma freguesia vizinha e está lá a segurar o telheiro numa capela, não me perguntes, porquê? Mas ele realmente está lá. Infelizmente, essas situações acontecem e pronto, não sei como.

MSS: … estivemos a ver quando foi da visita, com o Hernâni, foi esse?

AR: Euh… não.

MSS: Não é esse?

AR: Não. Esse Marco que estava a falar é o Marco de Caminho de Ponte.

MSS: OK.

AR: Que já fizemos até uma intervenção recentemente, foi todo limpo. Levou um protetor para evitar que cresçam vegetação na própria pedra. Esse é o Marco que sinaliza o Caminho de Ponte. Não, não me parece que esteja num local original ou até pela forma que não se vê, mas toda a gente diz que o Marco era ali que estava e pronto e nós… e obviamente que vai continuar ali. Vamos tentar melhorar um bocadinho o acesso para que as pessoas o possam visitar em segurança, porque aquilo está muito próximo do Caminho de Santiago e o própria acesso à pedra, considero um pouco perigoso e vamos tentar melhorar aquilo um bocadinho. O outro é um Marco miliário, possivelmente será dos monumentos mais antigos da nossa Freguesia. Aquilo data do ano 2 a.C., salvo erro. E essa Marco estaria algures, o local original dele seria algures no Monte de Contença que fica próximo do Moinho de Contenças, supostamente existia a Poça de Contença que alimentava os moinhos. Não sei dizer qual é, qual é a localização exata onde ele estaria, mas seja como… não sei desde que data, nem como é que isso aconteceu! Mas o que é certo, é que esse Marco desapareceu daqui. E eu apercebi-me disto há relativamente pouco tempo, que eu nunca ouvi falar desse Marco se quer, e foi numa visita ao Núcleo Museológico de Valença em que encontramos lá uma réplica. E a Senhora Diretora do Museu Museológico, nos disse que esse Marco estaria em São Martinho, na Capela de São Bartolomeu das Antas. Isto é uma freguesia que é a freguesia de Antas, é uma freguesia de Rubiães, salvo erro. Eu já estive no local, estive lá a verificar e o Marco efetivamente está lá, infelizmente, a segurar um telheiro de uma capela. Não está lá só o nosso. Eles têm lá vários marcos miliares.

MSS: Mas acontece isso com frequência, não é? mesmo aquela pedra também que foi vista por nós naquela visita guiada na qual tu me convidaste? E que eu desde já agradeço, que está na quinta do Manuel Lisboa.

AR: Exato. É um brasão.

MSS: Está na construção de um poço também.

AR: O quanto consegui apurar dessa pedra que também, honestamente, fiquei a conhecê-la naquele dia, é uma pedra muito bonita, é pena, enfim, efetivamente estar onde está. O que eu consegui apurar, não sei se será verdade ou não, aquilo seria o brasão da quinta. Só que aquela quinta foi vendida e foi dividida em dois. E penso que na altura, o proprietário, quem ficou… Acho que uma parte da quinta ficou …que era o atual proprietário, então entendeu que não deixava ficar o Brasão na…, porque aquilo estaria algures numa fachada, numa entrada normalmente deveria ser isso. Então o senhor, como a quinta foi dividida, então decidiu retirar o brasão e possivelmente o colocou ali, mas não parece que seja efetivamente de todo…

MSS: Penso que não estou equivocada, mas no livro *Valença do Minho*, do Alberto Pereira de Castro aparece lá que, ou seja, quando olhas para aquilo, tem 4 quadrados, não é? Ou seja, penso que cada quadrado representa uma família. Mas depois eu também te posso mandar o descritivo para tu perceberes o que é que é aquela pedra. E dizia lá, salvo erro, onde é que estava colocada inicialmente. Portanto, também pode haver essa informação.

AR: Foi o que eu consegui saber, porque achei curioso o estar naquele local e foi o que me disseram que seria isso agora. Não acredito de todo que seja o local original naquela pedra estaria colocada.

MSS: O próprio Manuel Lisboa diz que não é, porque lembra-se de o Padre Lisboa referir que aquilo fazia parte exatamente de um edificado, mas que depois era uma pedra que estava lá estendida no campo e que eles aproveitaram para fazer a construção do poço.

AR: Pois possivelmente.

MSS: Por isso, ele próprio já me disse: «Ó Mónica, aquilo não está propriamente no sítio onde haveria de estar, nem tão pouco a dar o valor que a pedra tem, mas olha, foi onde eles construíram».

AR: Exato. Isso acontece também um pouco… essa pedra do Marco no Caminho de Ponte que está numa parede de uma propriedade, não me parece que o leva… pela estrutura da pedra, parece ser o tipo de um marco. Normalmente, esses marcos são colocados no chão. Deveria ser junto a um caminho algures.

MSS: Sim, mas isso é uma coisa muito comum de acontecer, por exemplo, Braga, que é uma cidade com muita arqueologia da época romana, é muito normal. Lembro-me da Doutora Isabel, antiga diretora do Museu de Arqueologia de Braga, a Doutora Isabel Silva me dizer exatamente que muitas vezes as pedras apareciam pedras em colunas de casas particulares, em telhados, a fazer ombreiras, janelas e por aí fora. Portanto, acho que é uma prática comum no nosso país.

AR: É uma situação que acredito … também foram situações que aconteceram no passado e onde as pessoas não davam devido valor.

MSS: Exatamente. Também não havia a capacidade, se calhar, de conhecimento do que é que era o quê, não é?

AR: No exato. Agora, por exemplo, a nossa questão do Marco miliar é, obviamente que o que está a assegurar o telheiro, obviamente que aquilo quem levou para lá o Marco não tinha noção do que estava a levar. E dá-me a entender que entenderam… aperceberam-se que a pedra redonda que era muito bonita, já estava feita, força chegar lá e colocá-la, mas que ninguém… e aliás, e continua a acontecer… a sensação de que alguém deveria ter algum cuidado… Porque nessa capela, nessa dita capela onde está o Marco e fazem-se lá festas de romarias, etecetera, anuais e, obviamente, que eu acredito que quando vão lavar o Marco não vão estar com certos cuidados, aquilo é uma máquina dela var à pressão e, vai-se lavar, ou seja, isso ao longo dos anos vai acabar por danificar, desgastar o Marco.

MSS: Mesmo que lá estiver algum tipo de detalhe, de encravamento de pedra e por aí fora com a máquina de pressão, acaba-se por perder, não é?

AR: Sim. O Marco tem umas inscrições, não recordo agora, assim de cor, o que lá está escrito, mas sei que aquilo foi mandado colocar pelo imperador Nero, salvo erro, a sinalizar a milha, uma milha qualquer, não me recordo agora, mas está lá escrito no Marco e esse Marco, é assim, nós temos uma réplica no Núcleo Museológico de Valença, e vamos ver se um dia não vamos fazer uma réplica em pedra e tentar recolocá-la no sítio onde ele estaria, original, mas o que deveria ser era a réplica ir para a capela e o Marco original vir para ali. Mas da forma que está colocado, penso que retirá-lo irá danificar o marco, porque ele está com cimento por cima, está com um cimento para baixo.

MSS: Sim, possivelmente uma pedra que nunca aprendeu a viver num ambiente de sobrecarga e neste momento está com uma sobrecarga, não é?

AR: Sim. É assim, não sei como, nem quem, mas o que é certo é que eles têm lá vários marcos miliares, ou seja, aquilo é um telheiro, porque está a ser seguro por dois marcos, um é o nosso, o outro não sei de onde é que ele é. Mas mesmo em volta da capela tem uma espécie de vedação de marcos miliares, ou seja, e está-se a falar numa zona onde não há registo, quanto sei, que passasse ali um caminho romano, ou seja, aquilo foi retirado, algures, em vários pontos de caminhos romanos e foram arrastados para ali.

MSS: OK. Como sabes este trabalho vai muito de acordo com a colaboração participativa e fazer com que as pessoas participem. Daí estas entrevistas também, os inquéritos que estão a ser realizados aqui na freguesia e, neste sentido, gostaria de saber a tua opinião se gostaria de ver ou gostarias até de promover ou a própria junta, se alguma vez pensou nisso, que os residentes de Fontoura viessem a colaborar com projetos para dinamizar o turismo em Fontoura ou outras atividades. Como, por exemplo, fazia parte de visitas históricas que possam ser criadas, principalmente as pessoas séniores. Ou seja, por exemplo, como o Senhor António do Guardal, com quem eu fiz já a entrevista. Foi o primeiro Senhor que eu entrevistei, que se mostrou disponível para fazer parte da entrevista, peço desculpa, de visitas guiadas para contar histórias que muitas vezes não é o rame-rame da história que se vê dos livros, mas é contar para além da história, ou seja, a experiência vivenciada por eles, que muitas vezes é por isso que o turista é motivado a viajar e gosta de ter acesso a. Gostarias que isso acontecesse cá, em Fontoura, há previsão de promover esse tipo de atividades?

AR: Sim gostava é evidente que gostaria, estamos sempre limitados, muitas vezes pelas condições físicas das pessoas. As pessoas mais idosas, já não estarão muitas vezes em condições desse tipo de situações, mas sim, temos pensado nisso. Nós, inclusive, temos um projeto com a associação aqui da freguesia, que é a Comunidade Associativa dos Arcanjos São Miguel e são Gabriel. Em que estaremos… estamos neste momento, numa fase de tentar, sendo a Associação já uma IPSS, estamos a tentar que seja apoiada pela e financiada em parte pela Segurança Social e, uma das situações, que podemos fazer, tem a ver com um programa diferenciado e numa das reuniões que nós tivemos, até foi proposto por mim, que haja uma interação entre os mais idosos e mais jovens isso no sentido de, obviamente, fazer também sentir às pessoas mais idosas que ainda estão ativas e ainda têm… não se sentirem, digamos, que pronto, praticamente inúteis, praticamente assim, não. A ideia é precisamente que elas experienciem o contrário e toda a informação que eles saibam que seja devidamente registada até, porque, obviamente que, como disse há momentos, as gerações mais novas que nem conhecem parte do património que nós temos na freguesia e, obviamente, as pessoas mais idosos, conforme vão partindo, obviamente, o conhecimento que eles têm vai-se perdendo, ou seja, a ideia era antes disso acontecer que pelo menos fica algum registo feito.

MSS: Ou seja, para ti seria importante que as camadas intergeracionais cruzassem.

AR: Sim.

MSS: OK. Consideres que, por exemplo, a nível de produto, como sabes, eu sou desenvolvedora de produtos turísticos, então obviamente tu falas e a minha cabeça começa aqui a pensar 200

000 à hora. Pronto. Consideras que, por exemplo, tu disseste «Ah, as pessoas mais velhas têm a dificuldade muitas vezes da mobilidade, portanto, não conseguíamos fazer as visitas, se calhar como idealizaríamos», que as pessoas fossem até ao local, andassem, caminhassem e, por aí fora. Imagina tu que, um Modelo 3D como aquele Modelo 3D que eu tenho e que idealizei para este doutoramento, que eu tenho todo o gosto depois de te fornecer aqui para a junta de Freguesia, após o término deste doutoramento, em que havia uma reunião primeira aqui na Junta de Freguesia onde essas pessoas mais velhas falavam, não é, e mostravam determinados pontos de interesse, com vivências associadas e depois, por exemplo, fazer uma caça ao tesouro para os mais jovens. Achas que isso teria saída, digamos assim?

AR: Penso que sim. Isso, aí, é um ótimo ideia.

MSS: Sim? Achas que era de concretizar?

AR: Sim. Acho que sim. Tudo que venha por bem, é sempre bom! Acho que era interessante. Eu sei que continuo a dizer que é importante, porque há muita coisa que as pessoas mais de idade têm conhecimento. Algumas, acredito que sejam verdade. Depois, há aquela fase, as histórias, as lendas, por aí fora, mas não deixa de ser interessante, não é? Nós temos, aqui, a lenda da Rainha Santa em Fontoura. Ou seja, não há ninguém vivo que diga que ela efetivamente esteve cá, não é? Mas existe essa lenda, ou seja… que já nos deu, já me deu, no ano passado, nas festas do Concelho, foi o tema do nosso cortejo etnográfico. Foi precisamente o Caminho de Santiago, onde fizemos a recriação da passagem da Rainha Santa Isabel por Fontoura, existem vários registos, mas não deixa de ser uma lenda. E como essas há outras, mas não deixa de ser interessante, não? E isso é importante.

MSS: Consideras que, por exemplo, o projeto etnográfico possa vir a trazer mais pessoas para cá, exatamente por conhecerem uma componente histórica da Freguesia que não conheciam antes?

AR: Sim, acredito que sim. A nossa intenção, no cortejo etnográfico, este ano, fizemos uma forma diferente, também não vamos fazer igual todos os anos, mas obviamente é sempre o objetivo de promover a Freguesia. No ano passado nós fizemos, como já disse, a recriação do Caminho de Santiago desde a Rainha Santa Isabel até aos dias de hoje, ou seja, a ideia foi as pessoas perceberem, ou seja, o registo mais antigo teremos do caminho Santiago seria a peregrinação da Rainha Santa Isabela a Santiago de Compostela, onde supostamente pernoito em Fontoura. E fizemos a recriação da Rainha Santa Isabel a cavalo com os soldados que seriam os guardas dela. Depois fizemos uma recriação mais atual e sempre atualizando a nível de traje, a nível de pessoas até aos dias de hoje, ou seja, as outras pessoas do cortejo seriam peregrinos de bicicleta, ou seja, que é uma peregrinação que é muito recente. E, mas pronto, foi a ideia, foi promover e acredito que sim teve algum impacto. Este ano, decidimos fazê-lo através de várias associações, também uma forma de promover o que nós temos cá e no próximo ano, não decidimos o que vamos fazer, mas é interessante.

MSS: OK. Indo ao encontro, então, daquilo que estávamos a falar, relativamente às camadas intergeracionais, a transformação digital, com a oferta de meios adequados é importantes para a comunicação e divulgação do património de Fontoura, para a geração futura, que será a geração de hoje que vai-se manter no futuro, não é? porque a geração de hoje, a nível de jovens,

já é 100% digital, consideras que são importantes esses meios de continuar a fazer essa mesma comunicação? Gostarias que a freguesia ampliasse para além do Facebook?

AR: Sim, sim, obviamente, quanto mais meios tivermos, mais acredito que… mais pessoas vamos alcançar. Até porque não temos ainda, mas uma das coisas que já estávamos a pensar fazer é aumentar as redes sociais, ou seja, no momento, principalmente no Facebook, mas aumentar a nível de Instagram e outras redes. Obviamente, da parte digital importantíssimo e é assim uma das situações também … infelizmente não houve muita adesão, foi um programa, que até foi proposto pela Câmara Municipal de Valença, seria haver uma equipa de voluntários… que a intenção seria ajudar as pessoas de mais idade a dominarem as tecnologias digitais, nomeadamente criar um e-mail, se estivessem interessados, criar um perfil, uma conta no Facebook, por exemplo, ou outra coisa qualquer, saber trabalhar, por exemplo, com o Messenger, onde podem fazer uma videochamada para um familiar que está no estrangeiro, essas situações… e infelizmente, não tivemos grande adesão. Eu sei que isso foi transversal ao Concelho de Valença, ou seja, quer a nível de pessoas interessadas, quer a nível de voluntários disponíveis. Pronto, vamos tentar perceber o que é que falhou aqui e tentar melhorar no futuro. Isso acontece porque, deduzo eu que as vantagens que os voluntários teriam para fazer esse trabalho não seriam assim muito aliciantes, ou seja, aquilo passava para um bilhete para um concerto de rock, uma coisa assim, não me parece que seja de todo, não seja exato, é.

MSS: A compensação não era assim tão aliciante ao ponto de concretizar. E conseguir desenvolver isso com as próprias freguesias, ou seja, localmente seria uma boa aposta?

AR: Sim, sim, nós temos, por exemplo, a associação dos Arcanjos São Miguel, são Gabriel, que já faz esse trabalho, ou seja, trabalha principalmente com pessoas de idade, o grupo Sénior e sei que já há várias pessoas, que neste momento, já dominam basicamente algumas tecnologias. Eles têm feito esse trabalho. Nós já apresentámos à comunidade, até inclusive a nível de equipamentos, porque a ideia era evitar que se esteja a investir num equipamento que as pessoas depois não vão utilizar. Porque acredito, se calhar, em dez, há 2 ou 3 pessoas que até realmente aderiram e querem continuar com aquilo e, a ideia é assim, se quiserem e puderem comprar equipamento e é deles. Agora estar a comprar equipamentos para depois não utilizarem também não é de todo a melhor solução. E até estamos a falar nesse sentido, porque aparentemente a Câmara Municipal de Valença terá uns equipamentos que poderá, eventualmente, ceder, a título provisório, e pronto. Estamos a ver se é possível isso acontecer e depois, obviamente, se houver pessoas que realmente estão interessadas e até gostam desse tipo de tecnologias, pronto.

MSS: E essa implementação será com certeza dada às novas instalações da Comunidade dos Arcanjos?

AR: Sim. Aliás, o que me disseram é que o Clube Sénior, neste momento, já está a funcionar no edifício que é sede da Associação.

MSS: Ok. De acordo com este trabalho de investigação, consideras que uma plataforma turística em formato Web, de acordo com, e conforme está a ser proposto, com acesso aberto, possa vir a ser uma mais-valia para a freguesia e para a sua divulgação?

AR: Sim, obviamente, nós estamos neste momento, e até com a vossa colaboração, até já fizemos uma atualização do site da Freguesia, porque no site que nós tínhamos, era um site bastante obsoleto praticamente e, obviamente que é, em absoluto, das plataformas que nós temos que melhorar bastante e explorar melhor, porque obviamente que, quando a gente fala em Fontoura, se formos procurar no Google, por exemplo, o que aparece normalmente quer seja Fontoura, quer seja Cerdal, quer seja outra freguesia qualquer, normalmente aparecem as páginas oficiais das freguesias. E penso que isso será o primeiro impacto que poderá ter… inteira a pesquisar e, a nossa ideia é precisamente melhorar essa parte e até a nível de oferta turística e privada, por exemplo, também que seja disponível aceder por aí, porque pronto, nós, à parte o património que temos, há privados que têm albergues, há privados que têm alojamento disponível, há restaurantes, há outro tipo de comércios que também me parece que não é demais estar na página da Freguesia. Temos de trabalhar isso com muito cuidado, porque tem de ser igual para todos. Mas acho que é importante isso acontecer e é o que nós estamos precisamente a fazer com o Caminho de Santiago, é precisamente quando as pessoas entrarem na freguesia. Ou seja, o primeiro impacto que vão ter é uma placa de boas-vindas, mas a ideia ao chegarem a essa placa, perceberem já no início do caminho, na freguesia Fontoura o que é que temos, ou a quantos quilómetros estamos, que é para as pessoas perceberem e se prepararem, se tem uma casa de banho, se querem um café, se querem uma zona de descanso, se querem… onde é que temos alguns monumentos que ficam próximos ao Caminho de Santiago e tentarem identificar e catalogar para perceberem o significado da situação e obviamente nas plataformas e penso que o site da Freguesia será, neste momento, uma das melhores ferramentas que poderemos explorar.

MSS: OK. Eu sei que a *Travizco* faz muito esse trabalho a nível de implementação de mapas turísticos e por aí fora. Contudo, são fases, conforme tu potenciaste no início e, referiste no início desta entrevista. Ou seja, este doutoramento vai ter um término mais cedo do que a implementação dessa segunda fase da *Travizco*. Julgas que há abertura da vossa parte para que nós possamos implementar estes mesmos mapas comunitários dentro da página da Freguesia?

AR: Sim, claro. A nossa ideia é quanta mais informação tiver por que, … por exemplo, a *Travizco* é uma plataforma que funciona a nível de proximidade. E proximidade quer dizer que quando as pessoas aderirem a essa plataforma e conforme se vão deslocando, quer seja num percurso pedestre, quer seja num automóvel, quer seja numa bicicleta, a ideia é, se estiver a funcionar, conforme se vão aproximando do local, eles vão receber uma mensagem, uma mensagem que tem de ser elaborada e podemos lá pôr o que a gente bem entende, mas a ideia é pôr a mensagem que realmente identifique e explique o significado. Não quer dizer que toda a gente adira a essa plataforma, ou seja, é importante também porque, é assim, se a plataforma, obviamente que é muito recente ainda, ou seja, está agora a começar, e espera que vai ter algum impacto no futuro, mas no site da Freguesia ou na página da Freguesia, vai ser sempre, penso, o principal onde as pessoas irão procurar alguma informação.

MSS: OK. Então neste sentido, gostaria de te agradecer pela entrevista e gostaria de saber se gostarias de acrescentar algo mais, considerado pertinente referir, quer para o trabalho, quer para a Freguesia em si, que queiras deixar.

AR: Então é assim… Falar um bocadinho de tudo. Quero antes de mais agradecer por esta oportunidade de prestar estas declarações, mas também a nível da Freguesia. Já se falou um bocadinho de tudo. Penso que o trabalho que vocês estão a fazer, acho que é um trabalho fantástico, quer para vocês, quer para nós e quero desde já agradecer a colaboração, mas acho que é muito importante o que falamos aqui hoje e principalmente a nível das tecnologias digitais de informação e promoções, isso é importante. E é uma situação que nós temos de tentar explorar da melhor forma. Não quer dizer que tenhamos de estar limitados a uma, ou duas ou três plataformas, não. A ideia é tentar o mais possível e obviamente que … claro que é de todo interesse à freguesia, até porque, tendo em conta o vasto património histórico que nós temos, penso que é… dos solares, quer de muitos monumentos, quer a nível da quantidade de quintas e as capelas que nós temos e que são muitas, penso que seremos a única Freguesia do Distrito de Viana com 12 capelas, salvo erro! Não é qualquer freguesia que tem esse tipo de património. Acho que é um património que nós temos, que deve ser explorado e penso que temos de trabalhar muito nesse sentido e, quanto mais a gente divulgar, quanto mais a gente promover, penso que mais pessoas virão a Fontoura. A ideia é tentar fazer com que se crie alguma curiosidade às pessoas para que nos venham visitar. Obrigado.

MSS: Ok André. Obrigadíssima pela entrevista, vou encerrar.

B. JOURNALIST TRANSCRIPT

Transcrição - Jornalista José Carlos Ferreira

MSS – Mónica da Silva e Silva (investigadora)
JCF – José Carlos Ferreira (jornalista do Diário do Minho, entrevistado)

Entrevista/Interview

Preparativos para começar a entrevista…

MSS: Então é o seguinte, esta entrevista, que visa um consentimento informado da sua parte, ok? Esta autorização tem por objetivo o consentimento para a realização desta entrevista. Uma será assinada por si e outra por mim; uma fica para o senhor e outra para mim, ok?

JCF: Ok!

MSS: Ora, bem, temos que ter em atenção, como o senhor sabe melhor do que ninguém que não há nem respostas certas, nem respostas erradas, portanto, a responder aquilo que considerar da sua opção e que todos os dados recolhidos são tratados de forma a garantir a sua confidencialidade, está bem?

JCF: OK muito bem.

MSS: Pronto, então, neste sentido, agradecia que lesse o documento, assinasse ambos, são os dois iguais. E depois eu assino no final. Não, não, não aí não. Eu Mónica, eu Mónica Silva. Depois o senhor aparece aqui em baixo, está bem?

JCF: Ok, portanto…

MSS: Esta parte é introdutória, digamos aqui, não é?!...

JCF: Eu fui informado que os usos dos dados serão aplicados para efeitos de investigação com proteção de informação prestada e que a minha participação é voluntária. Fui informado que entrevista será gravada por meio de algo tal… Eu José Carlos Ferreira assino e consinto para comprovar que toda a informação, seja verdadeira…

MSS: Isso é da minha parte já também. Pronto se puder assinar, agradecia.

JCF: Já?

MSS: Pode assinar quando quiser, esteja à vontade. Pode colocar o seu nome… para exatamente… a ver o seu nome está em baixo, não é? Mas é para haver confirmação de que é o senhor.

JCF: Vou pôr tal e qual como está no meu bilhete de identidade, está bem?

MSS: Ok, sim senhor.

JCF: Porque José Carlos Ferreira o nome profissional, ok?

MSS: Pedia-lhe para fazer o mesmo com a folha que está atrás, por favor, que assim o Sr. José Carlos fica com uma e eu fico com outra! Depois é só assinar da minha parte e eu dou-lhe já um

duplicado. Isto agora com as questões éticas, não é? Nós temos que cumprir toda esta questão e com RGPD também, que sai a Lei em 2016…

JCF: Claro que sim.

MSS: Temos que justificar todas estas questões, porque caso venha uma equipa ou uma auditoria, nós temos que mostrar que fazemos tudo conforme a lei manda, digamos assim.

JCF: Claro, é verdade. Eu… eu sei.

MSS: Esta já pode ficar consigo…

JCF: Ok, obrigado.

MSS: Pronto, então neste sentido, antes de mais, gostaria de lhe agradecer a sua disponibilidade para a realização desta mesma entrevista. A Entrevista… qual é o objetivo?... É tentar perceber de que forma, que tipo de informação e de comunicação é que nós devemos aplicar para que face a recursos endógenos que nós temos numa região muito específica, que é o Alto Minho. Como é que o podemos transportar para as pessoas que vêm até nós, sejam elas residentes na própria freguesia, sejam elas visitantes, turistas e mesmo peregrinos. Não é?! Como o senhor sabe, nós temos uma linha de Caminho de Santiago. Neste sentido, então o doutoramento que me encontro a desenvolver é em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, quer pela Universidade do Porto, quer pela Universidade de Aveiro, e então visa, exatamente, perceber de que forma é que através do conhecimento de outras pessoas que são conhecedoras do território se pode criar valências para a freguesia de Fontoura. No que diz respeito a esta colaboração, é mais relativamente ao que tenho vindo a escrever nos suplementos [do Diário do Minho], pelo menos relativamente ao património e também tirar dúvidas sobre a literatura existente, conforme eu já lhe tinha referido, nas mensagens que andámos a partilhar. E então podemos passar para as perguntas em si…

JCF: Com certeza.

MSS: Em linhas gerais, como é que define o Alto Minho?

JCF: O Alto Minho é um território que é muito particular até se distingue do próprio Baixo Minho. É um território que que encerra, eh, provavelmente tem mais história, provavelmente até património mais genuíno. Porque nós conseguimos perceber que há uma transição... Do Porto até ao Monte Santo. Nós aqui temos um património que não deixa de ser importante, até temos, por exemplo, a Sé que é uma das Sés… a Sé de Braga é a mais antiga de Portugal, com os seus 900 anos, ok? Mas nós conforme vamos evoluindo, vamos encontrando património provavelmente de menor dimensão, mas com o valor patrimonial, se calhar tão bom como a Sé de Braga ou às vezes até melhor. Eu estou-me a lembrar, a primeira coisa que me vem à cabeça, assim é a Capela de Santa Luzia, existente em Vila Nova de Cerveira, ok? Onde na fachada que foi desmontada e que agora é um verdadeiro puzzle… eles têm a primeira epigrafia que se acredita ser a primeira assinatura de D. Afonso Henriques.

Eu estive com a arqueóloga e ela disse-me e mostrou-me, exatamente, que ela que foi desmontada e, portanto, a epigrafia está deslocada, mas é possível ter alguma noção, é? A frase continua, mas só esta Capelinha de Santa Luzia, não é?! Tem este valor onde está a primeira

assinatura do D. Afonso Henriques e depois pelo valor patrimonial direta cultural que está à volta… por baixo tem uma fonte que se acredita que seja até milagrosa. Na noite de Santa Luzia as pessoas vão lá lavar os olhos… Isto é só um pequeno exemplo daquilo que depois vamos encontrando neste território chamado de Alto Minho. Onde tudo até está num estado ainda de alguma pureza, de alguma até ingenuidade. no aspeto não depreciativo, mas talvez até no uso lisonjeoso da palavra.

MSS: Certo, certo! Eu estive nessa capela este Verão. Foi muito engraçado, exatamente, ver a pedra, não é, talhada com a inscrição que seria a primeira onde D. Afonso Henriques teria passado.

JCF: E por isso nós encontramos todo este património no Alto Minho… o território do Alto Minho, em termos de património, é acho que ainda um tesouro a descobrir. Até pelos próprios locais! Pelas próprias pessoas que lá moram. E eu digo isto porque muitas vezes… Passo por algum suplemento ou por algum património, com a divulgação do património e tenho pessoa a dizer-me: "Olhe mas eu não conhecia… Você deu-me a conhecer uma coisa que eu não conhecia, não sabia que existia…". O caso mais recente foi em Monção. Estamos a falar da Igreja paroquial de Badim, não confundir com Abadim, que é perto dos Arcos de Valdevez. É Badim fica na correnteza do Rio de Mouro, que é uma Igreja que está… ela não está adaptada, mas temos ali, conseguimos perceber pela própria documentação que… medieval, mas conseguimos perceber pela arquitetura que ela é oitocentista, talvez com regulações, certamente, mas ela tem uma capela lateral que foi instituída por uma família, que era a proprietária da Quinta da Porteleira, que fica ao lado da Igreja. E a capela lateral tem o escudo deles, no cimo. E tanto no exterior como no interior ela é nitidamente, não tem nada que diga… Ela transborda barroco. Não há outra hipótese… nós olhamos e vemos que é de uma beleza verdadeiramente excecional, e é uma pequena peça… E tenho 2 imagens que são duas preciosidades do século XVIII, que eu fiquei abismado… Que eu fotografei e naturalmente dei conta disso… eu até achei que é a joia da Igreja em si. Ela tem dois painéis azulejares que são também eles do século XVIII, são contemporâneos, são contemporâneos de toda a capela e aqueles dois painéis contam a vida de um Santo que eu não consegui identificar, que nem o padre conseguiu identificar… Deve ser algum Santo que deve dizer alguma coisa à própria família, da vida senão não teriam colocado aquilo ali. Eu fotografei-os e também os divulguei no Suplemento… o Suplemento tem sempre, cada página tem sempre três fotos, porque as pessoas comem mais com os olhos com as fotografias do que a ler, não é?! Não se perde tanto tempo a ler, mas aquilo que estamos a dizer são as fotografias e eu pus as fotografias do altar e duas dos azulejos. Passado pouco tempo, recebi um e-mail a pedirem-me as fotografias daqueles dois e eu conhecia o investigador e, literalmente, eu enviei. Sabia quem era. Passado um dia ou dois, ele manda me um mail com uma cópia de um outro… não é cópia é o redirecionar de um outro mail. Era uma senhora, uma investigadora da Universidade de Nova de Lisboa está a fazer o mapa de azulejo do século XVIII em Portugal e que tem neste momento a maior acumulação de azulejaria do século XVIII e que agradecia imenso porque não conhecia aqueles painéis que tinham um elevado interesse para o seu estudo da azulejaria em Portugal. Isto mostra, isto para mim é um exemplo de que nós, no Alto Minho, temos património que ainda não está conhecido. Tem que se divulgar, não temos um tesouro… nós temos ali muitos pequenos tesouros, que têm… que podem constituir roteiros até

temáticos ou se não forem temáticos, pelo menos… a melhor opção é que sejam sempre temáticos… se formos para o barroco, se formos para…

MSS: Das épocas arquitetónicas, digamos assim…

JCF: Por exemplo, ou mesmo… ligados a um Caminho, pode ser o de Santiago… Haver um tema, pode ser nomeado até a uma determinada época. Porque há gente… há nichos de interesse! Há muita gente que procura aquilo e vem de propósito só para ver aquilo. Em Fontoura deu-me um gozo fantástico, por exemplo, há exemplos fantásticos… Há um senhor que tem uma casa que é um dos melhores fabricantes de concertinas do país!

MSS: O Carlos Pedrosa!

JCF: Ele tem a casa dele, ali, à entrada de Valença. Estávamos na casa a conversar e eu fiz um suplemento sobre património e depois ele.. expliquei-lhe o trabalho… e ele "ah eu tenho uma casa que pode ter algum interesse…" e fui à casa dele que fica mesmo em frente à Igreja Paroquial de Fontoura…

MSS: Sim, é em Bárrio, fica junto ao Café da Igreja.

JCF: Exatamente! E ao contar aquela história daquela igreja, daquela casa… ele tem uma fotografia do dia da inauguração da casa, ele até mandou ampliar… e acho que era o avô dele que era um republicano e não se dava com o Padre que era monárquico! E então o que é que ele faz? Ele constrói aquela casa, em frente à Igreja, não é?! Então pelas palavras do Sr. Carlos…. agora, o senhor tinha dinheiro porque ele era comerciante, comerciava em Sines, salvo erro… e como tinha dinheiro mandou abrir uma avenida em direção à Igreja que era para o Padre ver bem a casa dele. E hasteia no dia da inauguração a bandeira ad República. E está ele numa varanda e está a esposa noutra varanda, está o povo cá em baixo e está a bandeira da República e aquela fotografia tem um simbolismo está cheio de… portanto, para quem gosta desta temática, da Monarquia vs. República é pá, isto é um documento que é imperdível.

MSS: Estou a ver que o problema que os Padres em Fontoura é um problema com muitos anos.

JCF: É de há muitos é, é um problema. Não, não é de agora!

MSS: Então acontece como agora, com o Padre que lá esta. Ele recusa-se a fazer casamentos, batizados, comunhões… tem de vir o Padre Gonçalo de Cerdal para realizar todos esses atos…

JCF: Pois lá está… já me contaram… Por isso, respondendo-lhe agora mais concretamente, sim, o Alto Minho tem um património fantástico… que permite ao visitante andar alguma temporada por ali e até assentar arrais durante 2 dias. Por volta de um fim de semana e percorrer o território. E tem um pormenor interessante, como o património não tem fronteiras, isto é o Alto Minho…

MSS: Exatamente, até porque o Dr. José Carlos tinha referido que a Igreja do Carmo ficava em Fontoura, que não fica. Já demos conta até que o Dr. José Carlos já me passou a informação que tinha feito…

JCF: Fica em Ganfei…

MSS: E que fica de frente, ou seja, o portal da Capela do Carmo faz frente com a Catedral de Tui, em linha reta.

JCF: Eu estou convencidíssimo que aquilo é propositado!

MSS: Pois exatamente!

JCF: Eu estou convencidíssimo que aquilo foi propositado, porque a Capela pode ser… a Casa está lá atrás! E a Capela podia ser lateral, também virada para a rua até porque eles têm, não sei se já reparou, tem uma entrada lateral com um relógio de sol lindíssimo e ela podia ter sido construída ali, mas não… ela é construída naquela zona de fuga do terreno, a fazer frente com a estrada…

MSS: e tem uns degrauzinhos para subir, exatamente…

JCF: Isso é quase uma exigência do Bispo.

MSS: Sim, todas as capelas ficarem fora para que todas as pessoas possam ir para a essa localidade e…

JCF: Possam usufruir, porque se o dono de uma casa pede uma… privilégios de construção de uma capela, alegando que a Igreja Matriz fica muito longe ou porque no Inverno, quando chove o caminho é enlameado, tudo isso são argumentos que são apresentados ao Bispo. E o Bispo diz que se é válido para si é válido para os vizinhos, e portanto sim, mas com a condição que…

MSS: Toda a gente faz igual!

JCF: Exatamente. Que aponta para um cenário e que é isto, se é vizinho pode vir ali à missa. Por isso é que elas são semipúblicas, são chamadas semipúblicas. A grande maioria delas até… para não haver… Estamos a falar de famílias de nobreza ou famílias endinheiradas com nobreza comprada, ok?! E não se querer misturar com o povo, não é?! Geralmente, o coro alto tem ligação à casa e eles não entram no mesmo sítio onde entra o povo.

MSS: Como surge a oportunidade de escrever sobre as freguesias do Alto Minho, para o Diário do Minho?

JCF: Assim, o suplemento o diário do Minho tem um suplemento dedicado ao património. Já vai em 20 anos, tem 20 anos de existência. Sempre feito pelos jornalistas da casa. Começou com o Francisco de Assis e com a Marta Encarnação. A Marta já não está no Diário do Minho, ok. O Francisco continua no Diário do Minho. E surgiu na ideia e foi concebido pelo então Chefe de Redação e agora diretor do Diário do Minho, Damião Pereira, que achou que podíamos, como esta é uma zona rica em património, e a cidade de Braga foi o ponto inicial. É uma cidade rica em património e o jornal poderia ser um veículo de divulgação deste património, contando a história dos patrimónios. É a aproximação com outros territórios, também, digamos assim. Dando a conhecer a todos os territórios. E numa linguagem que tem de ser acessível. Porque o grande desafio deste suplemento, e eu contino a dizê-lo e direi sempre, é pegar naquela informação que os académicos produzem. Nós temos de recorrer das fontes fidedignas, não podemos estar a vender legado, ok? E quando eu digo isto, nunca excluo a questão da lenda. A lenda, mas salvaguardamos que é uma lenda e podemos dizer não. E podemos dizer que onde há fumo, há fogo. E portanto, a lenda tem sempre, quando não há uma explicação lógica, quando

as pessoas não conseguem ter uma explicação lógica para uma coisa, inventam uma lenda. Mas a verdade é que é para explicar algo que é real. Exatamente. O medo ou a crença da altura, não é? Para mim, o exemplo mais flagrante é a Ponte chamada de Ponte do Diabo, a Ponte de Misarela. Que une o destino de Braga ao destino de Vila Real. Não há documento nenhum, nem há memória de como é que ela foi construída. Ninguém sabe como é, procura-se e ninguém sabe como é. Então o povo criou a história do diabo. Pois, exatamente. Do ladrão que foge, que está a ser perseguido e que chega ali estafadíssimo, o diabo aparece e em troca da alma destrói a ponte. Eles vão embora, a ponte desaparece, o homem fica desesperado porque à hora da morte vê que vai para o inferno e há um padre que vem num mesmo sítio, pede a invocação do diabo que quer oferecer a alma e quando o diabo aparece e quando está a firmar a doação da alma ao diabo, ele pega em água benta, atira e a ponte aparece. O diabo estourou e a ponte aparece. Mas a verdade é que nós olhamos para ela e percebemos que ela é de uma beleza fantástica. Aquilo é uma obra de engenharia verdadeiramente excecional porque os pontos de apoio são muito distantes um do outro e aproveitam o relevo, aproveitam a orografia do terreno. E perguntamos mas quem construiu isto? Não se percebe quem construiu aquilo, não há ninguém.

MSS: É engraçado hoje estar a falar da questão das lendas e dos mitos porque eu tenho um artigo, que está em suspenso que eu gostaria de lhe dar a conclusão que tem a ver aqui sobre as lendas e os mitos da cidade de Braga. Em que existe uma história em Sequeira que é muito parecida com a história do Aladino: uma gruta onde a pessoa entrou e não se sabe muito bem como o rapaz que saiu de lá vinha cheio de ouro. Por exemplo, na Rua de Janes julga-se que terá sido a casa, não dos Coimbras [Casa dos Coimbras, Braga], mas a casa que está ao lado, aquela igreja pequenininha julga-se que tem alguma coisa a ver com a ermida como a Sé começou. A Sé começou com a ermida em relação com o Imperador Augusto e na Rua de Janes pensa-se que tem a ver com o Rei Jano assim como lá em cima, à beira da Porta de Santiago, ali na praça, em frente ao Governo Civil julga-se que era ali que enforcavam as pessoas na época medieval.

JCF: E portanto, tudo isto são... E isto é só um bocadinho. Há uma coisa que eu acho que é muito interessante que é a memória do povo. Exatamente. É a memória do povo que faz a história de hoje. Porque isto, não é? Isto passa. Vai passando. Vai passando. Não há documento que nos diga, ok? Mas aquilo vai passando. Foi o bisavô que contou ao avô, o avô que passou ao pai, o pai ao neto, ao filho. E agora isto houve... Já o meu bisavô dizia. E isto é muito importante quando nós vamos... Porque... Estava-lhe a dizer. O suplemento que nós pegamos na bibliografia e tentamos olhar para a bibliografia e perceber, naturalmente, falamos com os investigadores, falamos com os arqueólogos, percebemos o que é que eles nos estão a transmitir e depois a grande dificuldade é pegar naquilo que nos dão e transformar numa linguagem de tal forma equilibrada que o professor da universidade leia e não saia daquilo que está escrito e que a pessoa com a 4ª classe leia, perceba e até se sinta vontade de ir lá visitar. Esta é a grande dificuldade. E desde o primeiro número. Isto começou há 20 anos. O desafio era olhar para Braga, inicialmente. Eu hoje, falando com o Damião, eu nunca pensei que este suplemento atingisse a dimensão que atingiu porque a minha primeira... O que eu queria, inicialmente, era, por exemplo, num suplemento... Falava-se da CEF, falava-se da Igreja de Santa Cruz, falava-se de fazer-se um suplemento porque ele tinha 8 páginas. Mas houve destreza e houve muita

inteligência por parte do Francisco Assis e da Marta de fazer mais do que isso. De pegar num momento e contar-lhe a história dele. Ir buscar, contar esta história. Isto não nasce por acaso. Aquela cena não está ali por acaso. E por isso nasceu assim. E contar a evolução dela e aproveitar o suplemento para dizer que, ok, este é o passado. Mas hoje há um presente e se calhar até há um futuro. Porque se eu tenho uma igreja, se eu tenho um monumento, ele está nestas condições neste momento e o futuro pode ser passar por uma reabilitação. Ou deitar abaixo, quem sabe? Há imagem, não é? Há imagem do que seria noutros tempos, digamos assim, até. E por isso o suplemento foi... E depois isto Braga acabou e começou a ideia de ok, agora vamos fazer o quê? Isto pode ser replicado nos outros concelhos. Então vamos para os outros concelhos. E fomos para Guimarães, que era outra cidade cheia de história, não é? E depois eu apanho o comboio e é Barcelos. Porque a Marta gosta muito de jornalismo. História não era muito a praia dela e foi até que o Damião pediu se havia a possibilidade de continuar. E o Damião sabia que eu era licenciado em História. E chama-me e não me deu a hipótese, não me perguntou se eu queria. Disse-me que "tu vais". E eu confesso que já não olhava para a História há anos e fiquei com receio, com medo. Até porque História de Arte foi uma cadeira que me passou ao lado, por exemplo. Eu fiz História Científica. História de Arte foi uma coisa que não me cativou na altura na Universidade e portanto passou-me completamente ao lado. E eu li os Suplementos, porque eu era um leitor dos Suplementos, porque aquilo era delicioso. E a maneira como os meus colegas, que nunca tinham tido História, tratavam a História, eu achava que o Francisco era para mim um herói. E da maneira como ele descrevia até a própria arte do barroco, com os putos, as flores de campo e as uvas. Ele dizia que eu era um historiador honoris causa. E ele ria-se. E eu ainda hoje lhe chamo de mestre, na brincadeira, porque ele chama-me de senhor investigador e eu sigo-lhe a dizer que tu és o meu mestre. E portanto isto vai evoluindo. E há 20 anos também se percebeu uma coisa. Percebeu-se que as igrejas, 80% do património está nas mãos da igreja. E percebeu-se, há 20 anos, que havia uma lacuna muito importante nas igrejas. Que não havia inventários. E então nós, quando chegávamos a uma igreja, fotografávamos aquilo que havia para fotografar. Pormenores arquitetónicos exteriores e interiores. E fotografávamos a imaginária que acreditávamos que era a mais importante. A mais recente, podíamos fotografar, mas aquilo não nos interessava muito. Porque imagens de Nossa Senhora de Fátima, a não ser que tivesse sido assinada por alguém muito importante, mas aquelas imagens de Nossa Senhora de Fátima compradas em Fátima, em termos patrimoniais, não têm aquele interesse que, por exemplo, uma imagem do século XVIII em pedra de Ançã têm. E falando com os padres, nós percebemos que há muitos deles que até nem sabiam o que é que tinham em mãos. E então, no final da nossa visita, perguntávamos sempre se ele tinha fotografias daquilo que tinha na igreja. Alguns diziam sim, uma boa parte diziam que não. E nós entregávamos depois, na altura, a disquete. Com as fotografias, ou se não me engano, estão aqui as fotografias. E aquilo quase começou a servir de base para um inventário.

MSS: Sim, memória coletiva.

JCF: Houve um caso de uma imagem que foi roubada, em que a polícia judiciária tomou conta da ocorrência, e o padre disse, eu não tenho fotografias, mas conheço, sei quem tenho. Então, quem tem? O Diário do Minho. E eles vieram ao Diário do Minho buscar as fotografias e a

documentação que tínhamos recolhido, para a utilização da bibliografia que tínhamos recolhido, e o próprio artigo. E a verdade é que, passado uns tempos, a imagem foi encontrada.

MSS: E também, com o canhão faz Valença, não é?

JCF: Exatamente, exatamente. E isto, portanto, para dizer o quê? Na altura, o atual Arcebispo Benemérito, o Dom Jorge Ortiga, percebendo deste clicar de chama, este acendido de chama para uma vontade de inventário, desafiou o Diário do Minho a não olhar para o distrito de Braga, mas a olhar para a arquidiocese de Braga. São dois territórios diferentes. O distrito de Braga vai até Esposende, a Arquidiocese vai até ao Rio Ave, que tem Vila do Conde e a Póvoa de Varzim, que já pertencem ao distrito do Porto. E nós, lá fomos nós. E foi uma aventura muito interessante, continuámos a encontrar gente fantástica, fabulosa, que é interessante, porque inicialmente, quando começamos a caminhar no território, toda a gente nos olha com desconfiança, ok, quem são estes gajos? Mas que depois estabelece-se uma relação de amizade profunda, que eu tenho amigos de há 20 anos, que são arqueólogos, e continuamos a conversar, porque muitas vezes eu tenho dúvidas, e as pessoas dizem-me que me mandam na fotografia, o que é que eu vejo aqui? Às vezes são eles que me surpreendem, e dizem-me, olha, e tu, o que é que vês aqui? E eu digo, desculpe, não é uma grande coisa, mas dou um palpite. E inclusive cometemos o erro de atravessar o Rio Ave, porque percebemos que do outro lado, era concelho… Era rico, também, em oferta. Percebemos, assim, o arquidiocese de Vila do Conde, por exemplo, só vai até o Rio Ave, mas atravessando a ponte, logo em seguida, tem o Convento de São Francisco, que é lindíssimo, e a Igreja de Azurara, que é contemporânea da matriz de Vila do Conde. E aquela coisa de atravessamos ou não atravessamos, eu e o Chico, é pá, tapamos os olhos e vamos. E fomos, e tratamos, e justificámos isto muito simplesmente, não estamos a olhar para os simplestados, mas, no caso de Vila do Conde, é o Concelho de Vila do Conde. E fomos, e entrámos no... E tivemos ecos da Diocese do Porto. Dizemos, é pá, parabéns. Porque houve um padre, já muito perto, muito perto do fim, da fronteira entre o Porto e Vila do Conde, um senhor que não tinha absolutamente nada escrito sobre a Igreja. Nada. E nós começámos a olhar, nós olhámos para a Igreja e ele dizia assim:

- "É pá, eu não sei o que é que vocês vão escrever sobre isto, bibliografia não há. O que é que vocês vão escrever?"

E nós começámos a olhar para a Igreja. Conseguimos ver a corrente arquitetónica, conseguimos perceber o próprio detalhe. E a certa altura, tinha-se uns cortinados, e o afasta-se um bocadinho, afasta-se desse lado. Então numa parte tinha 17 e no outro lado tinha 60 e qualquer coisa, ou 70 e qualquer coisa: 1700! Temos o altar-mor assinado, pelo menos datado. Já o conseguimos situar no tempo. E o Padre começou a olhar para nós. E a verdade é que, passados uns tempos, nós passámos lá, e o suplemento estava escarrapachado no sítio onde eram os editais. Estavam lá escarrapachados e pessoas a ler. E eu, agradecer-lhes porque conseguimos escrever a história da freguesia. Outra que nós tivemos foi em São Pedro de Rates, num mosteiro na igreja de São Pedro de Rates, em que a Dra. Deolinda esteve connosco, que é a historiadora, ela é a Diretora do Museu da Póvoa de Varzim. O marido, o Dr. Flores é o arqueólogo da Câmara. E nós, quando chegamos a um sítio, temos uma preocupação, que é escolher o monumento que é o património mais importante. É a estratégia. E explica-se muito rapidamente: primeiro porque é o maior, é o mais bonito, é o mais emblemático, vamos começar pelo mais emblemático. Depois é aquele

que tem mais bibliografia. É aquele que permite trabalhar melhor e dá-nos ali uma almofada de tempo para descobrir o que é que vem a seguir. E descobrir o que é que há de bibliografia naquele concelho e ver as pistas. Portanto, temos ali uma almofada interessante, que nos permite depois começar já a trabalhar no futuro.

E fomos com a Dra. Deolinda e a Dra. Deolinda:

- "Sim senhora, não há problemas, vou estar convosco".

E arranjou-nos a bibliografia, trouxe-nos fotocópias e nós fizemos dois suplementos sobre a Igreja de São Pedro de Rates, que é um monumento do românico em Portugal. Acho que não há nenhum manual que não fale da Igreja de São Pedro de Rates. Deve ser, sim. É um dos pontos principais, também, para a minha estratégia. Exatamente. E eu achei piada que quando aquilo saiu, a Dra. Deolinda vira-se para nós e dizia:

- "Tenho que vos confessar uma coisa: eu tinha algum receio. O receio é que não é fácil. A bibliografia deste monumento não é nada fácil. Aliás, eu pedi à nossa técnica na Câmara que ela elaborasse um texto, uma coisa que resumisse, que tornasse a coisa mais ligeira para poder até distribuir aos peregrinos, distribuir às pessoas, e ela anda há cinco anos à volta disto e vocês em duas semanas resolveram a situação. Portanto, eu já lhe vou dizer que ela não precisa de fazer mais nada".

Portanto, nós ficámos contentes e pensámos, ok, lá está aquela missão de poder simplificar, sem dúvida. Qualquer tipo de público. Exatamente. E esta vinilhada/vingança foi-se fazendo e quando acabámos o arquidiocese de Braga, ok, e agora? E agora os diretores disseram-nos assim:

- "Agora é simples, continuem a vossa caminhada pelo Alto Minho. E até vos desafio que elaborarem esta caminhada, já que começou em Braga, que ela acabe em Viana do Castelo. Ok? Unindo as duas capitais de distrito através do património".

Ok, pronto, lá vamos nós. E estamos a certa altura com a grande crise de 2011, em que todos nós sentimos a crise, não é? Houve a necessidade, no Diário do Minho… houve uma altura que tinha um suplemento por dia, ok? À segunda-feira era o suplemento de televisão; à terça-feira era o suplemento de desporto salvo erro; à quarta-feira era o suplemento de cultura; à quinta-feira era o Igreja Viva, que é um suplemento dedicado à Igreja, à sexta-feira não me recordo; ao sábado acho que era o único que não tinha nada; e no domingo era o suplemento de televisão. E tinha que se reduzir custos. E então houve uma opção editorial de acabar quase com os suplementos, deixando a cultura e o património. Porque inclusive houve, a certa altura… o Diário do Minho, eu acho que já havia intenções, já havia, se fosse um inquérito, lançou-se um inquérito online, qual o suplemento que mais gostas? Ah, ok, claro. Qual o suplemento que mais gostas? Ah, o da terça-feira era o da Economia, que era liderado pelo Dr. Ricardo Lima. Sim! Antes de entrar para a Câmara. Porque eu lembro-me que nós ganhámos: o suplemento do património ganhou a votação. E em segundo lugar ficou o suplemento da Cultura. E eu encontrei o Ricardo Lima e ele dizia assim:

- "Aqui é que andaste a pagar para ganhar. Olha, então quantas vezes votaste tu?"

E eu ria. Mas a verdade é que o Diário do Minho acabou por optar por ficar só com estes dois suplementos. Mantendo os dias em que eles eram inventados. Sim! E fez uma outra coisa para reduzir custos. Que foi, ok, nós continuamos, não acabamos, mas na vez de oito páginas passamos até às quatro páginas. Isto nós dissemos, ainda bem, que não acabam, porque o trabalho não estava acabado. Ok? E isto é não há problemas nenhum reduzir de oito para quatro. Aqueles monumentos que nos ocupavam as oito páginas e que nós achávamos que até eram bem ocupadas, porque havia sítios em que nós tínhamos alguma dificuldade em encontrar material para as oito páginas. Havia sítios, havia locais em que a bibliografia não era grande, não havia muita bibliografia. E aí era um bocado difícil. Às vezes tínhamos estratégias. Aproveitávamos, por exemplo, se aquele monumento tinha sido edificado numa determinada altura, fruto de um contexto, porque não explicar às pessoas esses contextos, dando-lhes cultura, também, ok? Ou então, se uma igreja que nós não sabíamos bem, mas tinha um patrono. Por exemplo, em Cerveira temos o São Cipriano, que é um padroeiro muito fora de comum. Não há São Ciprianos por aí adiante. E as pessoas que falam de São Cipriano até têm uma boa impressão de São Cipriano. Notam logo com outras coisas. Então, por que não falarmos de São Cipriano? Quem foi São Cipriano? Não é nada daquilo que vocês mostram. É também dar cultura. Dar saber. E pensámos assim, isto é pacífico, porque aquilo que fazíamos em oito páginas, fazíamos em dois números. Se é que são um, se é que são dois. É simples. E continuamos a tratar o património da mesma forma, com o mesmo critério, só que dividimos. Até temos mais trabalho para apresentar durante mais tempo. E foi bem aceito. Essa é uma estratégia que nós aceitámos. E o resultado é que, a partir dali, só deixámos de ter dois jornalistas para fazer quatro páginas. Mas está bom, continua o Francisco. E eu saio. E, entretanto, há uma remodelação. Isto foi em Arcos de Valdevez. O Francisco acaba Arcos de Valdevez, faz Ponte de Lima e começa a fazer Caminha. E a meio de Caminha, ele, o Francisco, é convidado para ir para o desporto e vai para o desporto. E eu pego no suplemento, como já tinha estado no suplemento, pego no suplemento e trouxe-o até os dias de hoje, até agora. E tem sido uma caminhada muito interessante, porque tem uma lógica. Uma lógica interessante. Eu comecei a fazer ali, o cordão do Rio Minho. E, a certa altura, eu estava em Cerveira e virei-me para a Paula Ramalho, que era a arqueóloga. E disse-lhe:

- "Paula, eu agora vou para Valença porque sigo o Rio Minho".

E ela vira-se para mim e diz-me assim:

- "Ah, e depois, a seguir vais para Monção". E eu, exatamente.

- "E depois vais para Melgaço". E eu:

- "Agora, e para a Escora". E ela é que me sugeriu fazer o desvio para Paredes de Coura, já que Cerveira tem ligação a Paredes de Coura. E depois voltar outra vez nesta corda do Rio Minho. A corda que estou a seguir e que agora estou é em Monção. E foram quatro anos em Valença com a pandemia pelo meio. Pois, não tinha sido mais rápido com toda a certeza. Teria sido ligeiramente mais rápido. Mas se calhar foi bom, assim também. Se calhar seis meses mais rápido. Não é grande coisa.

MSS: Ora bem, considera que a informação e a comunicação são importantes nas freguesias do Alto Minho, como Fontoura para a promoção turística e para a sua divulgação?

JCF: Sem dúvida nenhuma. Aliás, quem é que gosta daquilo que não conhece? Eu pergunto... Dito de outra maneira, sem conhecer é possível gostar de alguma coisa? Portanto, é preciso uma divulgação para se gostar. Na minha opinião, não é sempre atualizada, digamos assim. Porque o património é algo que... Aliás, há medição. Porque quando acabar as vezes o título terá um ponto de partida.

MSS: Exatamente, porque ele renova-se. E isto é uma constante. É a chamada memória coletiva. O jornalista José Carlos é a primeira pessoa que eu entrevisto, da quantidade de entrevistas todas que eu tenho que fazer. E umas das que eu acho que vão ser mais caricatas, digamos assim. Eu até hoje vou adquirir um equipamento para conseguir fazer estas gravações porque eu quero transformar as gravações que eu vou fazer em Fontoura para os seniores. Estamos a escolher pessoas a dedo que conhecem a freguesia. Isto muito com a ajuda da presidência, da Junta. O André [presidente da Junta de Fontoura] tem sido completamente incansável a esse nível. E neste momento já temos 10 pessoas que vamos entrevistar. Vamos começar às quintas-feiras de manhã. A partir da segunda quinzena de outubro. Exatamente, com o intuito de que estas gravações com as pessoas que não vão só assinar um consentimento informado para áudio, mas também para vídeo, para me permitirem que eu faça a gravação da imagem delas para que isto fique numa memória coletiva para a geração vindoura, transformadas em curtas-metragens que vai ser a identidade da freguesia. E o meu doutoramento, também, visa exatamente isso. Não visa só a aplicação da InfoVis, que eu depois posso explicar mais adiante, que é o que eu pretendo fazer, especificamente. Não visa só a implementação de uma política pública, mas também que as pessoas sejam parte porque sem pessoas não se faz turismo. Portanto, as pessoas são a base de todo o meu trabalho. Que seja a cultura participativa e colaborativa que exalte para que algo aconteça na freguesia e que Fontoura ganhe mais. O objetivo é que depois tudo isto se multiplique nas freguesias adjacentes. Portanto, vamos ver qual é a minha sorte.

JCF: Em Fontoura encontrei uma coisa que foi demasiado evidente e tão evidente, mais evidente do que em qualquer outro sítio que eu tenha procurado. Que foi a diferença entre os ditos senhores e o povo. E que ainda hoje parece que é um fantasma que anda ali em Fontoura porque há uma grande discrepância entre a família Reimão e o resto do povo.

MSS: Eu senti isso durante o meu doutoramento em que eu pedi a uma das pessoas que está associada à família mais importante de Fontoura, para colocar os meus questionários lá e a pessoa não aceitou. Porquê? Porque a minha família vem dos caseiros dessa mesma casa.

JCF: Ah ok, pronto. Eu tive mais sorte, então, porque falei com o proprietário da casa de Santo António [São José], um engenheiro. E depois falei com o proprietário, o irmão que é o proprietário da Casa Alta que estava em São Tomé e Príncipe e que veio passar férias. Primeiro fui fotografar e ele deu autorização ao caseiro para eu ir lá fotografar. E depois ele veio e eu tive o privilégio de o entrevistar. E depois mais tarde não fazendo ideia…, naturalmente sabia que aquela casa que está ao lado da igreja que é turismo.

MSS: É essa mesmo que eu me estava a referir.

JCF: É turismo rural, salvo erro.

MSS: É a Quinta do Cruzeiro. A minha família é considerada a família dos Cruzeiros porque eram caseiros da Quinta do Cruzeiro.

JCF: Porque aquela era a casa do caseiro. E portanto… e eu percebi que depois falei com outras pessoas, aquilo que era a mãe deles, era a D. Cristina e ainda hoje há ressentimentos, em relação à D. Cristina. Eu percebi isso. As pessoas ali…

MSS: O jornalista José Carlos se depois tiver interesse nisso eu posso lhe mostrar. Eu tenho um pau em casa deste tamanho, com dois metros, todo trabalhado, que era do meu trisavô que foi o primeiro homem a fazer frente à D. Cristina. Bateu com o pau no chão e disse:

- "Aqui, nas terras onde eu trabalho com a minha gente, a Senhora não trata ninguém assim. E a D. Cristina disse:

- "António, não sabes com quem estás a falar?" E o meu trisavó replicou:

- "Não, minha Senhora. Não está a falar aqui com ninguém que tem que ser tratada abaixo de cão. As pessoas são pessoas humanas como a Senhora". E bateu com o pau e disse

- "Toda a gente embora". Daí a minha família passou toda para Rio Torto. A minha família teve a Quinta das Cinco Chagas, lá em cima à beira do horto, depois perdeu-a, porque em 1765 a esposa que era a D. Joana mata o marido com uma carabineira porque ele apostou-a na mesa de jogo; ela vem a saber e mata-o durante o sono. A família que vem a seguir, ou seja, a geração seguinte perde qualquer tipo de acesso a bens, mas toda aquela Quinta era a Quinta de Rio Torto e o meu trisavó comprou um terreno mais a baixo que é atualmente onde eu vivo.

JCF: Maravilha. Fantástico. Podíamos nos ter conhecido mais cedo e fazermos um trabalho.

MSS: É verdade. Já lhe disse em Melgaço que eu gostava de ter o seu trabalho. Eu adoro história. Eu tenho sede do património. Eu sou arquiteta de formação base, de reabilitação em património, não de construção nova. E quem fez a reabilitação da minha casa onde eu moro, atualmente, em Fontoura, fui eu. Lembro-me na altura que o empreiteiro queria deitar a pedra toda abaixo e disse-lhe:

- "Eu sei porque o senhor quer deitar a pedra a baixo, quer ficar com ela! Mas não, as paredes são de 80 centímetros, vão ficar aqui". Agora tenho muitos problemas de ligação de Internet por causa das paredes.

JCF: O que prova que o aparelho era muito bom.

MSS: Exatamente! Então, gosto muito de viver no sítio onde vivo, mas eu sempre que vou a algum sítio quero visitar património. Amanhã viajo para Madrid. A primeira coisa que eu quero ver… vivi lá seis meses porque trabalhei nas Nações Unidas, … mas a primeira coisa que quero fazer, no dia a seguir quando aterrar, é visitar o Museu Cerralbo, que é um museu palaciano e tudo o que seja aquela história que o jornalista José Carlos estava a dizer que é dar a conhecer ao residente aquilo que o próprio residente não sabe que tem no próprio território. Eu quando fiz o meu mestrado na Católica que depois fui convidada a dar aulas lá, que ainda dou atualmente e que gosto muito. Dou aulas à Licenciatura de Turismo, terceiro ano. A minha dissertação de mestrado foi sobre o Museu dos Biscainhos, com a Dra. Isabel Silva, que eu conheço muito bem e eu quando falava… quando apresentei na minha defesa pública e disse

que o jardim do Museu dos Biscainhos era gratuito e que as pessoas só pagavam para visitar o palacete, as pessoas ficaram:

- "Ah… é gratuito?" E eu:

- "Sim, vocês têm um jardim do século XVIII, maravilhoso, onde vocês podem levar uma toalha no verão pousá-la na relva e ficar lá a tarde toda a apanhar banhos de sol, a ler, a fazer um piquenique, o que vocês quiserem, a Dra. Isabel dá abertura para isso, gratuito: 365 dias por ano. As pessoas não têm consciência disso. Vão para o Bom Jesus, vão para o Parque da Ponte, vão para aqui, vão para acolá quando em pleno centro histórico têm um pulmão verde. As pessoas não sabem porque está entre muros e não vêm. E lá está, aquilo que não se vê, não se sabe que lá está!

JCF: Exatamente e não se pode gostar!

MSS: Nem se tem tão pouco a tendência de querer gostar porque não se sabe que existe, vê-se as paredes e pensa-se, ok… é por um edificado! Não é, há muito mais do que isso, depois toda a história que envolve…

JCF: Isso aconteceu-me muito recentemente e foi em Monção. Porque eu saio de Valença e tenho aquela fortaleza que é tão vincada, que é tão presente, que está em todo lado. Eu consigo dar a volta à fortaleza e vejo muros em todo lado, vejo aquela arquitetura valorizada, está lá e chegar a Monção eu não conseguia perceber aquilo… Eu ia a Monção e entrava em Monção e dizia:

- "Mas onde é que está a fortaleza? Então, eu vejo este muro vejo este pano, esta muralha mas e o resto? Onde é que está o resto?

E foi com a com a Dra. Odete, que é a arqueóloga da Câmara, que tirou uma tarde inteira comigo e me explicou e eu sai de lá maravilhado. Ótimo, agora já percebo, agora já entendo, pronto, já estou situado! E isso é preciso fazer com os nossos leitores e muitas vezes… até eu, por exemplo, eu gosto muito dos suplementos que trabalho os museus porque o sítio onde o museu está, geralmente, nem sempre, mas o sítio onde o museu está é uma casa que tem história, é um sítio que tem história, foi aproveitado e foi … é de tal maneira importante que se decidiu ali colocar um museu…

MSS: Tal como o Museu dos Biscainhos onde ficaram os trabalhadores que vieram da Biscaia para trabalhar na cúpula da Sé [de Braga]…

JCF: E por isso… e portanto… explicar primeiro aquilo… é a base!

MSS: Daí nasce outra coisa!

JCF: E depois, o segundo suplemento é dizer assim agora que já conhecemos o porquê disto olha, pegar na mão vamos visitar porque a arqueóloga ou a… vai-nos… é a nossa cicerone. E depois andar a volta ao museu pelo escrito é uma coisa que me dá muito gozo porque é quase como dizer… aguçar o apetite para depois dizer: "olha isto é tão bonito que para a semana eu vou…

MSS: Exatamente, é chamada escrita criativa! Que meios considera que se devem aplicar para divulgar o património destas freguesias muitas vezes esquecidas no tempo e no espaço?

JCF: Há aqueles meios tradicionais que eu acho que se perdem no tempo, que são aqueles placares e que há alguns até estão obsoletos e até em vez de nos elucidar até atrapalham.

MSS: A informação está completamente desgastada.

JCF: E depois até tapam uma parte… estão ali à frente e até uma boa fotografia, não é? E está aquele mono ali a atrapalhar…

MSS: Exatamente. Acontece isto na Torre da Lapela. Eles fizeram lá uma renovação à torre deixaram lá quem é que foi a obra que foi feita e agora aquilo está a tapar parte da Torre da Lapela, em Monção.

JCF: E por isso há esses meios… agora a moda são os meios digitais é aquilo que…

MSS: Mas meios digitais, o que é que o jornalista José Carlos, pensa? Redes sociais, plataformas web, aplicativos móveis, o que é que considera que deve ser o meio básico para desenvolver ou os vários que considera que poderão vir a ser um atrativo para?

JCF: Eu começo por outro lado. Eu começo por perguntar quem é que nós queremos levar aos nossos monumentos, quem é que nós queremos cativar para levar aos nossos monumentos? Eu continuo a dizer que os nossos monumentos são peças de história e nós temos que conhecer a nossa história, porque se não a conhecemos não temos coluna vertebral. Seremos gelatinas… é isto que nos dá solidez… dizer que eu sou do Alto Minho porque há uma romaria lindíssima que se chama Senhora da Agonia, isto dá solidez! Não é porque há um restaurante, porque aquele restaurante também é… é isto que nos dá e nós queremos transmitir esta mensagem a quem?

MSS: Para si é importante definir um perfil de quem visita ou de quem nós queremos que visite para depois definir o meio para chegar a essas pessoas?

JCF: Ou os meios para chegar a essas pessoas. Neste momento em Monção está-me a acontecer uma coisa interessante que é: eu pergunto

- "Quem é que visita Monção? Quem é que vem ao Museu de Monção e Memórias? Quem é que vai ao Museu do Alvarinho?

MSS: Mas há essa informação?

JCF: Há essa informação!

MSS: Mas é trabalhada?

JCF: Está trabalhada!

MSS: Estou-lhe a perguntar porque aqui em Braga nos museus a informação não é trabalhada!

JCF: Em Monção ela é trabalhada e a arqueóloga sabe perfeitamente que… ainda me disse isto esta semana foi a Lapela: saiu a Lapela 1 e a Lapela 2. A Lapela 1 para contar a história da Lapela, do Castelo. Nós hoje só conhecemos a torre e chamamos-lhe de Torre, mas na verdade aquilo é um Castelo…

MSS: Aquilo é uma parte do um castelo!

JCF: E portanto contar a história do castelo, primeiro. E agora dizer que as pessoas podem ir lá e podem conhecer essa história porque a historiografia está dentro da Lapela.

MSS: Está dentro a parte de baixo tem toda a mostra e depois tem um vídeo até por cima que mostra. que depois se pode subir…

JCF: Até lá em cima e ver a estratégia do sítio. Isto é viver, não é só apreender, é também viver é viver! Sentir-me como aquele fulano que está a recuar… e ver assim… eu consigo controlar os galegos daqui, não é? E eu perguntei:

- "Mas quem é que visita?"

- E ela [a arqueóloga da Câmara] diz-me que mais de 50% são galegos. Grande maioria são galegos, são espanhóis e eu começo a perguntar mas quer dizer os locais… quer dizer nos primeiros anos foram os locais porque é um museu diferente de todos os outros, porque tem fotografias "olha o teu trisavô está ali" e as pessoas iam ver o trisavô ao museu. E isto é engraçado, isto tem piada e ela diz que no início quem ia visitar era gente de Monção. Agora, eles têm já a experiência de dois anos, agora mostra que… Os galegos, os espanhóis têm uma predisposição para a cultura que nós não temos e por isso atravessam a ponte, fazem a ciclovia e param nos museus e vão ver os museus e vivem os museus, enquanto que o público português é "olha, já que aqui estamos vamos ver? Eh pá estás com pachorra para ir ver?"

MSS: Eu ainda falava sobre isso com uma colega minha de Aveiro, no outro dia, que estava a fazer teste de usabilidade, a trabalhar com um grupo de Salamanca, de jovens com condições especiais e ela disse-me:

- "Oh Mónica, eles não dizem só sim e não! Não concordo, sim concordo. Não ficam por aí. Eles fundamentam!" Ou seja, culturalmente eles têm uma capacidade muito mais alargada e perspetivada do que nós temos, mas sem sombra de dúvidas. E eu disse-lhe:

MSS: Mas Oksana há uma razão para que isso aconteça! Porque eles às quartas-feiras, é como em França e Inglaterra, a educação deles às quartas-feiras não é lecionação… a educação deles é museus e eles vão com os professores e vão com o intuito de agora uma memória descritiva crítica e são obrigados a fazê-la e esse é o trabalho da disciplina… isto é pensamento crítico! Porque é que os nossos alunos chegam à universidade e não têm capacidade de fundamentar coisa nenhuma, em que eu disse-lhes:

- "Se vocês não fundamentarem tudo aquilo que vocês me disserem, eu não tenho ponta por onde lhe pegar. Mas se vocês não me fundamentam eu apanho -vos em todas as esquinas, mas eles não têm capacidade de fundamentar. São alunos que estão no terceiro ano e que me chegam e me perguntam: "mas a professora vai nos dar a estrutura do trabalho?" E eu digo "vocês estão a sair para o mercado de trabalho, vocês dentro de dois meses vão trabalhar e eu tenho que vos dizer que um trabalho começa com introdução, desenvolvimento e fim?" Enfim, estamos neste estado!

JCF: Eu sou pai tenho um filho que tem 21 anos e a minha filha com 18 anos e no verão vamos sempre fazer férias e vamos onde a maioria dos portugueses vão, que é vamos ao Algarve. Para baixo temos sempre muita pressa, para cima vimos devagarinho e aproveitamos para ver coisas que não, provavelmente, são distantes…

MSS: Não salta o olho de qualquer pessoa que passe pelo caminho!

JCF: E não é só isso, também é o facto de é distante, não vou propositadamente… só se eu for passar o fim de semana…

MSS: Mas têm um pai que tem o bichinho!

JCF: E vamos. E inicialmente é uma seca… e "outra vez a ver igrejas, oh Pai?!" Uma vez estávamos em Évora e fomos ver os Cromeleques de Almendre e para lá chegar:

- "E nunca mais chegamos e nunca mais chegamos… Quando chegamos foi para ver pedras ao alto!"

Uma pessoa quando tem miúdos com 7, 8 anos sujeita-se:

- "Ah e tal vê lá, isto é um sítio único da Península Ibérica, já ouviste falar de Stonehenge, isto é muito parecido…"

- "Não, é totalmente diferente!"

- "Mas o princípio é o mesmo, eram quase da mesma época…"

E voltamos para cima uma vez, Tomar:

- "Estás a ver a janela manuelina…"

E é um dia que nós vínhamos para cima e uma vez vim, mais ou menos do centro, e vou a Almourol. Estacionei em Almourol e vamos ver o Castelo de Almourol:

- "Aqui tem mais piada!"

- "Tem mais piada porquê?"

- "Porque a gente para ir para o Castelo é de barco." E vamos de barco!

Fomos de barco… quando chegaram a ver o castelo no meio da ilhota, no rio, andámos lá pelo meio e já acharam mais piada. Nós chegámos cá acima e fomos comprar os livros da escola e o meu filho estava na 4ª classe. O livro de história, ele começa a abrir e de repente aparece o Castelo de Almourol. E ele vira-se para mim, mas a fotografia era pequenina e o miúdo já tinha estado e viu a dimensão daquilo e a pergunta:

- "Oh pai, olhe, estivemos lá!"

- "Estás a ver, eu levo-te a sítios interessantes". E ele começa a ler e eu pergunto-lhe: "Já viste pergunta? Porque é que o Castelo de Almourol era difícil de tomar?"

- "Está numa ilha, dahhh!"

- "Tu respondes assim, porque já estiveste lá, mas os teus colegas não vêm na fotografia, no plano, não sabem que tem uma passagem por trás, não sabem, mas tu sabes!"

Daí a importância de ir ao sítio, ir ao local. E há um dia, já que o meu filho foi para a Universidade, vamos a Madrid e fomos ao Reina Sofia e éramos dois casais, e de repente onde é que está o Miguel? E o Miguel em frente a um documentário sobre a Guerra Civil Espanhola, mas vidrado naquilo. E eu disse:

- “Então, Miguel?”

- “Isto foi matéria que eu tenho no meu décimo 12º ano e está muito bem tratado aqui, estou a gostar imenso!”

- “Ok, ótimo, continua!”

É preciso é dar ferramentas! Nós temos que lhes dar a ferramenta, é isto que cria hábitos!

MSS: Eu sou defensora disso tanto é que eu em vez de dar as minhas aulas que eu considero que toda a gente se ri quando eu digo isto, mas é uma realidade! Nós damos aulas e perante as aulas que nós damos nós temos que dar x horas de atendimento. Se eu der as minhas horas de atendimento, eu fico a olhar para as moscas, ninguém aparece! Então, eu faço com que seja criativa! O que é que eu lhes dou? As minhas aulas de atendimento, para quem quiser aparecer, pode aparecer eu tiro as dúvidas todas, não há problema nenhum, mas as minhas aulas de atendimento viram aulas de criatividade com formação extracurricular, gratuita. Onde vocês aprendem a fazer CVs criativos, onde vocês aprendem a trabalhar com softwares de imagem, onde vocês aprendem a trabalhar a escrita criativa, para escrita de blogs, onde vocês aprendem a fazer apresentações públicas eu dou-lhes estas 4 vertentes, porquê? Porque isto depois quando eles têm de fazer uma apresentação pública na minha disciplina, a papinha já está toda feita!

JCF: Exatamente e não é só na sua disciplina… é a vida académica deles!

MSS: Tanto é que eles este ano, eu dou o terceiro ano, o último ano, depois eles vão para o estágio. Eles disseram-me:

- “Professora Mónica, se nós tivéssemos tido isto desde o primeiro ano, todos os anos, nós agora… em qualquer balcão trabalhávamos, não queríamos trabalhar no back-office queríamos trabalhar é no front-office, estávamos completamente à vontade para apresentar o que quer que seja, para fazer software, para trabalhar escrita criativa, para saber como é que se faz uma apresentação sem aquele texto corrido, que aquilo já não se faz, que o PowerPoint já está completamente ultrapassado, que atualmente tem que se apresentar coisas como se fizemos nas aulas de marketing!”

- “Pois é, mas se vocês querem, peçam! Se vocês pagam propinas, vocês também têm direitos! Têm deveres, mas têm direitos, então peçam por isso!”

- “Mas a Professora foi a única que nos mostrou este mundo!”

- “E se vocês não têm cabeça para pensar nas valências que a universidade vos pode dar?”

- “Não é qualquer pessoa que se oferece a dar aulas gratuitas, como a professora Mónica!” E eu disse:

- “Pois não, mas basta haver um para os outros replicarem!” O que interessa é dar o exemplo!

JCF: Exatamente, porque depois aquilo tem resultados!

MSS: Tem reflexo direto! Tanto é que eu tive miúdos meus que disseram:

- “Professora Mónica, eu não tenho estágio!”

- “Oh meninos e que quere que eu vos faça?”

- “Nós queremos trabalhar imagem, podemos trabalhar em marketing? Eu nunca tinha pensado nessa situação, Professora, pode ser?

- “Pode!”

- A professora pode-nos arranjar empresas que trabalhem, aqui em Braga, com a realidade turística?”

- “Eu posso com todos, trabalhar e ficar.”

Quando se ensina e este é o resultado é que o ensino foi bem dado.

JCF: É verdade!

MSS: É tão simples quanto isso. Não é puxar a brasa à minha sardinha, mas é saber o que é que se anda aqui a fazer! É não ir-se dar uma aula por ser mais uma aula! Não! É dar-lhe a ferramenta para que eles possam aplicar no futuro! É dar-lhes, ok, eu dou-vos a estrutura do trabalho, mas vocês agora não peçam mais a estrutura do trabalho a nenhum professor, que isto é vergonhoso! Portanto, esta questão é fazer e saber que o aluno mesmo a fazer o estágio vem-me pedir:

- “Professora Mónica, pode-me ajudar a ver o plano de marketing e distribuir assim e assim?”

- “Eu posso, bora lá sentar!”

- “Mas a professora tem tempo?!”

- “A pandemia veio-nos mostrar que não temos que estar no sítio para estarmos a trabalhar, portanto, faz-se!”

JCF: Em relação àquilo que estava a perguntar…

MSS: Sim, os meios que se devem aplicar?

JCF: Eu acho que nós devemos perceber quem queremos e às vezes queremos toda a gente!

MSS: E, então, o jornalista José Carlos considera que nós devemos primeiro fazer um estudo sobre o perfil do mercado que nós gostaríamos de vir a ter, para depois saber como divulgar?

JCF: Como divulgar! Mas cuidado, muitas vezes queremos tudo! Queremos todos e quando digo todos… eu tive conhecimento de um projeto muito interessante… que era uma coisa tão simples: foi de um grupo de miúdos da escola Carlos Amarante que decidiu nos monumentos da cidade de Braga, eu não sei se eles acabaram o projeto, sei que existiu, que eu falei com o Professor. Que era à frente dos monumentos pôr uma placa explicativa do que é um monumento… sinalética estava em português, estava em inglês, estava traduzido em espanhol, estava traduzido em francês e tinha a linguagem hebraica.

MSS: Acessibilidade e inclusão para todos!

JCF: Exatamente! Até isto… essas pessoas gostam… eu achei aquilo delicioso porque estamos a falar de uma coisa que aconteceu há 5 anos. Portanto, há 5 anos, eu achei aquilo muito à frente

e até, na altura, salvo erro, até fiz reportagem porque eles tiveram… a ideia era tão boa… que foi um projeto que teve o acolhimento da Comissão Europeia!

MSS: No Canadá, já agora, apresento-lhe também uma ideia, que eu estou ligada a uma associação no Canadá que é a LORD, que é a Associação de Património Cultural e de Mapping no Canadá. E eles têm para pessoas invisuais, eles têm tipo uns telemóveis que têm textura e que a pessoa vai passando no museu e aquilo vai saltando, ou seja, a textura vai saltando e eles vão tocando quase como se fosse um áudio-guia, mas é um áudio-guia visual, ou seja, tem o som, mas eles não leem… então eles tocam e vão-se apercebendo no que é que se vai passando e, não sei como é que eles fazem aquilo, aquilo é um dispositivo qualquer em que a tela vai tendo altos e baixos para eles conseguirem fazer a leitura!

JCF: Uau, fantástico!

MSS: É isto que é turismo, é isto que é turismo para toda a gente!

JCF: E depois havia em Cerveira… teve um projeto, não sei se eles implementaram este projeto, eu acho que foi… eu lembro-me que a Paula Ramalho que já não está lá, está em Guimarães agora, e é uma pessoa que eu gosto muito porque ela tem uma capacidade de trabalhar fora do comum! Trabalhar em Cerveira com ela foi assim das melhores coisas que me aconteceu, porque eu não fazia a mínima ideia que havia gente com tanta capacidade de trabalho e ela todos os dias, ela vive em Santo Tirso, e ela ia e vinha todos os dias de Santo Tirso para Cerveira, com o filho pequeno e com o marido ia e fazia… aquilo era uma paixão, encarava aquilo como uma paixão… e a Paula firmou um projeto com uma empresa que, salvo erro, era aqui de Braga que quando eu acabei o trabalho em Cerveira, estava na fase de implementação, já tinha sido feito o trabalho todo que era necessário e era só fazer mesmo… o que era? Era um projeto muito engraçado que era com o QR Code em que eu chegava ao castelo, entrava dentro do castelo e tinha um QR Code onde o turista põe o telemóvel e tem um ficheiro um ficheiro PDF que me conta a história do monumento que eu estou a ver… e depois tem um ficheiro áudio onde eles gravaram os relatos! Era um senhor que tinha morado dentro do castelo… essa empresa que há para aí!?

MSS: Não sei, mas eu sei que estive na… foi em Monção, foi no Mosteiro de Longos Vales, exatamente com o tipo de sistema que o jornalista está a falar.

JCF: Ah ok!

MSS: Exatamente igual, em que abre a história e conta… há uma pessoa a falar…

JCF: É engraçado porque depois a pessoa tem o ficheiro áudio e ouve o senhor a dizer eu morei aqui desde os meus 5 anos; a rua era em terra e eu brincava com os meus amigos… ou seja, o turista não leva só a história do museu, ele leva histórias para contar…

MSS: E é isso que o turista, atualmente… o que perfil do turista cultural procura: são pessoas, normalmente, com um nível literário alto e que não querem só visitar, querem experienciar como se residissem no sítio.

JCF: E eu acho que uma coisa fundamental para mim, querem levar histórias para contar; eles não querem só mostrar a fotografia ao amigo, querem dizer assim "e tu sabes que neste castelo

viveu há não sei quantos que dizem que aparecia durante a noite e o povo diz que não houve aquilo, a sério é pá, temos que la ir para o ano."

MSS: Não quero tirar muito tempo ao jornalista, mas é uma coisa que a mim me faz muita confusão, cá em Braga. Que é Braga é Romana durante 3 dias; Braga é barroca durante 3 dias. Eu vivi em Inglaterra. Em Inglaterra, Nottingham é terra de *Robin Hood* todo o ano! Porque é que Braga é Barroca durante 3 dias; porque é que Braga é Romana durante 3 dias?! Não, Braga é Romana sempre; Braga é Barroca sempre! Como é que isto podia funcionar? Podia funcionar com redes e serviços: metade do ano trabalhava a *Brasileira*, os cafés, os serviços de público, de cafeterias e por aí fora com a Braga Romana; trocava Braga Barroca! Mas era um ano todo não era só um tempo específico do período de estar bom tempo, de as pessoas estarem em alta sazonalidade. Há uma sazonalidade no trabalho, mas Braga deixa de ser Romana ou Barroca na altura do inverno?!

JCF: Eu acho que há uma coisa mais profunda do que isso… o que está a dizer tem toda a verdade é toda a verdade, mas a minha pena, ainda mais, é alguém que vem cá e vem por visitar Braga e vai embora sem ter visto a Fonte do Ídolo, ou porque está fechada ou porque ninguém lhe disse que existe uma Fonte que é Romana e que está musealizada!

MSS: Sim! Depois de fechar o áudio aqui, eu vou lhe dizer uma coisa que a Dra. isabel já me deu força para avançar, só que eu não consigo, eu sou só uma… e por muito que eu quando era mais nova idealizava se que conseguia fazer as coisas todas, não se consegue precisa-se de mão de obra, precisa-se de capacidade, precisa-se de pessoas que queiram trabalhar…

JCF: E às vezes vontade política que não existe!

MSS: A minha razão por ter voltado para Fontoura, por ter ido viver para Fontoura, no ano passado, foi porque me cansei de tentar promover Braga e ninguém me abriu portas. Foi essa a razão…

JCF: Porque aqui o protagonismo tem que estar sempre no mesmo sítio… e já sabemos onde é que é… já sabemos e por isso que não pode sair dali e por sair dali é... oi, cuidado…

MSS: Tem conhecimento dos moinhos existentes na freguesia de Fontoura?

JCF: Os moinhos, curiosamente, é um património ao qual eu não tenho dado a devida importância. Tenho falado de moinhos quando eles estão...

MSS: Mas gostaria de dar num futuro suplemento, digamos assim?

JCF: Eu gostava de dar, mas aqui deparamos com um problema que é muito grande: que é a própria propriedade do moinho. Porque aquilo… a experiência tem mostrado que um moinho é de uma linha sucessória que depois se divide e quando damos por ela temos 300 proprietários daqueles moinhos e basta um dizer não, e é muito fácil, e eu não posso lá pôr os pés… não posso! E então o que é que acontece aqui? Eu tenho olhado para os moinhos quando eles são… por exemplo, estou-me a lembrar em Cerdal, acho que é em Cerdal…

MSS: Sim, sim, um senhor espanhol que comprou os moinhos…

JCF: Exatamente. E a seguir uma pessoa pode ir visitar. Eu falei com o senhor ele é muito reservado…

MSS: E haver uma rota, por exemplo?

JCF: Era importante, mas com o consentimento das pessoas, também!

MSS: Sim, mas haver uma rota mesmo que não houvesse esse consentimento das pessoas, que fosse desenhado para que estivesse, por exemplo, na Junta de Freguesia para que as pessoas soubessem que existia e se tivessem interesse faziam o percurso e chegavam até lá! Mesmo que não conseguissem ver o moinho, por o facto de estar com mato, por o facto de estar com silvado… lá está, como o jornalista disse, não se pode limpar quando vamos entrar em propriedade privada… mas com ligação de GPS, a pessoa consegue lá chegar o que é que lhe parece isso?

JCF: Associado a todas as histórias de moinhos, que é das coisas mais ricas que eu já vi até hoje.

MSS: Eu posso lhe dizer que em Fontoura já temos um levantamento de 34!

JCF: Pronto! E depois conta as histórias das cruzes, porque é que as cruzes estão lá? Porque é para afastar o diabo porque queima a farinha, não é?

MSS: Aqui em Fontoura há dois tipos de moinhos… não sei se tem conhecimento disto, há o moinho do enxofre e há o moinho dos cereais. O moinho do enxofre, para quê? Os moinhos de enxofre, que era para moer o enxofre para fazer a vindima, ou seja, para pôr o sulfato. Só que o enxofre tinha um problema… que é explodia! Então, houve a situação, que já me foi contado pelo senhor João da Micas, que é uma das pessoas que eu vou entrevistar novamente [oficialmente]. Explodiram três na freguesia, então, eles viam que não tinham…

JCF: E desistiram…

MSS: E transformaram o moinho para moagem de cereais, mas existem dois moinhos ainda do enxofre em Fontoura.

JCF: Então deixo-lhe aqui um desafio que eu acho que é importantíssimo, acredite… isso só vem mostrar a importância da vinha e do vinho no concelho de Monção, que está perfeitamente esquecido e que relegaram para Monção e Melgaço e parece que criaram ali uma fronteira… e parece que não há mais nada!

MSS: Que não há história por trás dos moinhos é isso que está a querer dizer!?

JCF: E que Valença tem também uma página a escrever na história do vinho neste Rio Minho porque o Alvarinho não chega ali e morre!

MSS: Exatamente, tanto é que nós temos campos gigantescos em Fontoura com o Alvarinho.

JCF: E sabe quem lá as vai buscar? As uvas do Olheiro e do Solheiro, também, lá vai buscar. E não é por acaso que a uva faz parte do símbolo heráldico de Valença e portanto, aquilo que lhe está a dizer só vem demonstrar a importância da vinha, de todo o ciclo da vinha, para Valença e portanto devolver a importância do vinho e da vinha a Valença acho que é uma tarefa árdua, mas que vale a pena e dizer ao mundo que esta questão do Alvarinho não é só sobre a região de Melgaço e Monção, é Valença também, que tem muita coisa a dizer.

MSS: Já está a ser escrito um artigo sobre isso!

JCF: Ainda bem, mas prove e o mostre porque o mundo precisa de saber isso… e é importante que o mundo saiba isso porque o Alvarinho não chega ali e morre. E não é por acaso que o Solheiro veio ali, ao lado da Quinta de Santa Luzia… aquilo é de um espanhol de Barcelona e eles contrataram um engenheiro que pertencia à Direção-Geral da… eu entrei lá eu tive consentimento… não imagina a sofisticação daquela vinha! Ele para já analisou o terreno e disse assim: "isto é terreno de Alvarinho, então quer a Loureira ele está a ser substituído calmamente, está a apostar no Alvarinho e depois ele tem uma antiga adega que é uma coisa, uma peça de arte excecional, e aquilo havia um projeto… acho que é um dos maiores livreiros de Barcelona que comprou aquilo e que pretendia fazer daquilo um Turismo de Habitação, mas como entretanto…"uma coisa para me entreter" e para a família vir passar férias e o canal do TGV veio a alterar… eles não podem construir, alterou o PDM e então eles desinteressaram-se do projeto de habitação, mas estão a explorar o projeto da exploração vitivinícola e contrataram o tal indivíduo. Eu fui visitar a adega, a adega é uma peça de arte arquitetónica porque mantém todas as características do século XIX: o travejamento é delicioso, quase que conseguimos imaginar o trabalho das vindimas, antigamente ainda, e depois tem uma espécie de… tem umas estruturas que deviam ser dedicadas a celeiros onde ele tem a maquinaria onde ele guarda os tratores… Eu fiquei deliciado com aquilo porque ele tem a maquinaria com sondas; ele tem sondas no terreno e a sonda deteta que falta, por exemplo, um mineral qualquer naquela zona da vinha, aciona o computador e injeta no tubo de rega o aminoácido que é necessário para enriquecer aquela zona da vinha… aquilo está tudo automatizado!

MSS: É um sistema completamente inteligente?

JCF: Um dos mais modernos que eu já vi e está ali ao lado da Quinta de Santa Luzia e eu fui lá porque aquilo pertenceu… aquela quinta pertenceu a um indivíduo que estava ligado a, salvo erro, à gestão… Era um militar e tinha aquela quinta… e ele hoje… não está na família. E eu:

- "O que é que vocês fazem? A adega está completamente vazia e as uvas vocês fazem a vindima, naturalmente, e para onde vai a uva?" E ele começa a sair assim: "O Soalheiro vem as buscar". Se a uva do Soalheiro que é um vinho, dos melhores de Alvarinho, uma parte é produzida em Valença, há que devolver… há que dizer ao mundo que Valença também é território… é uma sub-região!

MSS: Então vamos lá ao suplemento: no suplemento do Diário do Minho de dia 20 de Janeiro de 2019, o jornalista José Carlos faz referência à Capela de Nossa Senhora da Conceição. De acordo com o suplemento diz "Deste lugar da Valinha diz existir uma capela de dedicada a Nossa Senhora da Conceição, que era particular e que pertencia ao padre Pedro Soares." Também Alberto Pereira de Castro, no seu livro de Valença, faz referência à mesma. Contudo, a informação sobre a mesma é inexistente…

JCF: Posso ver?

MSS: Pode claro!

JCF: Isto é tudo sobre a mesma Capela, não é?

MSS: É sim senhor! É a Capela de devolução a São Félix, mas que o povo chama a Capela de São Pedro! Diz aqui, exatamente. São Pedro! Está toda devoluta por dentro, está toda caída toda a quinta…

JCF: Eu lembro-me desta Capela.

MSS: A Quinta da Poça do Monte está toda destruída.

JCF: E a memória que eu tenho é que aqui dentro trabalhava uma costureira. Eu não cheguei a referir isso, mas todos me contaram que aqui dentro era uma costureira que trabalhava e portanto o abandono do culto já é uma coisa antiga, deixe-me só… Portanto, o que eu quero dizer com isto, é que é a Capela que é de São Félix, mas que o povo diz que é de São Pedro, até fez questão de lá escrever o nome São Pedro, na bibliografia ela aparece como São Félix associada à casa. Mas em 1758 ela não está referida pelo Padre, como Capela de São Félix ou São Pedro, ela não está referida. O Padre não fala em nenhuma destas capelas com esta designação, foi o que eu quis dizer e portanto isto quer dizer o quê? Que ou ela não existia em 1758…

MSS: Ok, porque eu vi nas Memórias Paroquiais de 1758 que eles pedem nova… pedem bênção para novo reerguer da capela, portanto pode ser que tenha havido um incêndio?!

JCF: Ou uma demolição ou alguma coisa… a verdade é que em 1758 não há qualquer referência a esta capela!

MSS: Certo!

JCF: No lugar da Valinha porque estamos a falar… No lugar da Valinha, o Padre diz que há uma capela no lugar da Valinha e o pároco de então não dá relação de nenhuma capela que os padrões, seja de São Félix ou mesmo de São Pedro. Deste lugar da Valinha diz que existe uma capela que é dedicada a Nossa Senhora de Conceição…

MSS: Então não é a da Quinta da Poça do Monte?

JCF: Não sabemos se é esta…

MSS. Ah não sabemos! Não sabemos se tinha dois oragos por exemplo, é essa a questão?

JCF: A questão aqui é em [17]58 há uma capela que é dedicada a Nossa Senhora, mas será esta? Ele diz que no lugar da Valinha, nós estamos no lugar da Valinha. Nós no lugar da Valinha não encontramos mais nenhuma. Encontramos esta e ele diz que no lugar da Valinha há uma que é a dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Agora, eu não sei se é esta…

MSS: Acha que o Pe. Gonçalo nisso me poderá vir a ajudar?

JCF: Pode dizer alguma coisa, mas acho que nós todos ficamos com essa ideia, porque ele andou comigo.

MSS: Sim, sim, o Jornalista disse-me. Porque eu já perguntei às pessoas mais velhas lá da freguesia e ninguém sabe onde é que era a Capela de Nossa Senhora. Disseram-me logo mas Mónica: "a Capela de Nossa Senhora da Conceição não existe nenhuma cá Fontoura!"

JCF: Pois! É assim em 58, em 1758…

MSS: Mas a questão é que o [Major] Alberto Pereira de Castro também a refere…

JCF: Porque ele também consultou as Memórias Paroquiais. O pároco de 1758 diz… vai dizendo: "no lugar tal, Capela tal" e depois diz… Há uns que dizem até que sendo particular, se é administrada pelo povo!

MSS: Exatamente. Se nós encontrássemos aqui este Padre Pedro Soares, provavelmente conseguiríamos lá chegar?

JCF: O Padre Pedro Soares devia ser o dono da…

MSS: Da Quinta da Poça do Monte!

JCF: Ou então da família!

MSS: Ah, ok!

JCF: E ele… Porque as famílias também, outra coisa que diz é… que nós podemos mandar… eles podem mandar e dizer que uma Capela tem que obedecer a alguns critérios. Têm que garantir que há que há azeite, têm que garantir que há pão, têm que garantir a paramentação, os paramentos… Isto é o que eles chamam de manter! O azeite para alumiar o Santíssimo Sacramento porque muitas, não todas, é preciso ver… Mas aqui é quase um… Há Igrejas Paroquiais que em 1758 que ainda não têm Santíssimo Sacramento que isso era uma coisa que se requisitava, também, à Arquidiocese. E há documentação sobre isso! Porque há Igrejas que não têm condições para ter o Santíssimo e o Bispo não deixa. Mas o garantir azeite é para alumiar o Santíssimo, o pão para a Eucaristia e os paramentos para o Padre celebrar. E as famílias dizem: "Nós temos isso tudo e temos Padre na família… O meu irmão é Padre ou o meu cunhado é Padre…"

MSS: Ah, ok! Ah é familiar, ok!

JCF: E este Padre Pedro Soares… E depois há Padres, inclusive, que pedem para erguer a Capela, mas é quase um panteão para enterrar depois a família. E nós encontramos disso em Valença! Encontramos disso em Valença e está ali…Como é que se chama… eu lembro-me que eu fui lá com o irmão do Padre Gonçalo, o Padre José Maria. Há uma quando vamos em direção ao Monção há um monte que tem lá uma Capela em cima…

MSS: Capela de Sant'Ana? Monte do Faro?

JCF: Não, não. Mesmo quem vai para Monção, já na Estrada Nacional tem uma Capela… é até onde havia aquele fulano que era um poeta popular que escrevia as…

MSS: Não é onde se vê o Rio Minho?

JCF: Lá de cima vê-se o Rio Minho, sim!

MSS: Uma Capelinha Branca, toda branca?

JCF: Acho que sim.

MSS: Então é a Capela Sant'Ana que fica abaixo do Monte de Fora!

JCF: Não, então não é!

MSS: É mais para lá? [sentido de Monção]

JCF: É mais para lá! Porque eu sei que desci a encosta e depois atravessei a Estrada Nacional e tem ali uma casa… que aquela casa… É assim, está completamente…

MSS: É uma casa ou é um convento?

JCF: Não, é uma casa! Do outro lado da Estrada Nacional. É uma casa a casa e está completamente destruída… se alguma coisa sobrou foi a Capela. A Capela sim, a Capela sobrou, mas da casa que era senhorial, se alguma coisa escapou foi um lance de escadas, ok? O resto foi simplesmente arrasado e construção nova e a Capela… eu sei que entrei… aquilo tem um caminho de terra, um portão… eu entrei e a Capela era uma Capela… O senhor tinha aqui muito mal… Porque aquilo depois foi… mudou de proprietário e dividiram aquilo em heranças e cada um fez o que lhe apeteceu, deitou abaixo e fez o que lhe apeteceu. E o dono da parte da Capela, restaurou a Capela, teve um bom senso de restaurar, não deitou abaixo e encontrou ali alguns elementos primitivos e conseguiu datar aquilo a século XVI. E no chão estavam três esculturas… E percebe-se que aquilo era da família Pereira de Castro e quem pediu para instituir a Capela foi alguém da família, dono da casa e que era Padre e que quis fazer da Capela um panteão dos Pereiras de Castro, daquela família, e por isso é que estavam lá várias esculturas, ok? Neste caso concreto, eu lembro-me que a Memória Paroquial fala em 1758 e não refere nenhuma Capela de São Pedro ou de São Félix, diz que há uma Capela que sim, que é dedicada à Nossa Senhora da Conceição e hoje em dia perguntamos às pessoas e as pessoas dizem: "Só há a Capela de São Pedro e há uma memória de ter aqui trabalhado uma costureira, que era dona da casa… e que tinha aqui um ateliê e que ensinava a costurar". Agora, como eu não consegui fazer a ligação entre esta Capela e o que vem documentado nas Memórias Paroquiais… é assim… eu quis… este também é um bom exercício para pôr as pessoas a pensar, deixar a dúvida, quer dizer… eu não afirmo taxativamente que esta era a Capela… só digo:

- Neste sítio, onde não encontramos mais nenhuma Capela, o Pároco em [17]58 dizia que havia uma Capela…

MSS: E que podia ter sido o oráculo que naquele momento foi alterado…

JCF: Podia, não sabemos. Eu não tenho nada que me diga…

MSS: Por isso é que eu já perguntei ao meu orientador, o Jornalista também deve conhecer, que é o Professor Armando Malheiro!

JCF: Sim, perfeitamente!

MSS: E disse-me: "Ó Mónica e se tentar ir pelo Padre Pedro Soares, mas não perca muito tempo… senão vai ficar sem cabelo…".

JCF: O Padre Pedro Soares…

MSS: E pela Arquidiocese não conseguiremos saber?

JCF: O Major Pereira de Castro tem um livro que se chama "A Clerezia do Concelho de Valença" que é dos últimos dele, onde ele elenca todos os padres de Valença. Todos os padres que paroquiaram em Valença e lá pode…

MSS: Ter alguma informação. Ok!

JCF: Muitas vezes é só dizer onde é que ele nasceu, onde é que ele paroquiou e quando é que ele morreu. Às vezes é informação…depois a partir dali conseguimos perceber…

MSS: Pois, eu estou a árvore genealógica da minha família através, exatamente dos registros paroquiais.

JCF: E o livro foi impresso no Diário de Minho e acho que é "A Clerezia do Concelho de Valença"[158], ok?

MSS: Está bom, eu vou verificar esta questão do Padre Pedro Soares[159]. (01:34:12)

JCF: Porque São Félix e São Pedro isto não batia a bota com a perdigota…

MSS: Eu quando digo às pessoas mais velhas que aquilo era a capela de São Félix dizem "não Mónica, é a capela de São Pedro". Não, não é! Vocês é que a chama assim, mas o padroeiro não era!

JCF: Exatamente.

Pergunta 7: Considera que a freguesia deve trabalhar mais a divulgação do Caminho de Santiago? Se sim, como?

JCF: Eu acho que deve… Eu acho que o Caminho já está de tal maneira divulgado… não há grande coisa a fazer, já está feito.

MSS: Melhorar talvez a sinalética, por aí?

JCF: A sinalética também,…Eu já fiz o caminho e eu acho que não há assim que está tudo feito porque o melhor disto tudo é…

MSS: Acha que é necessária renovação do Caminho de Santiago que passa por Fontoura?

JCF: E quê? Vamos descaracterizar o Caminho?

MSS: Pois, também há essa questão, mas no ano passado um peregrino partiu lá um pé, naquelas pedras…

JCF: Mas vamos descaracterizar o caminho?...

MSS: Eu entendo, eu entendo isso perfeitamente!

JCF: Vamos fazer o quê? Vamos asfaltá-lo? Vamos nivelá-lo? Vamos o quê? Pôr saibro? A piada do Caminho não está exatamente na agrura do Caminho?! A minha peregrinação não é só em peregrinação física ou não é só peregrinação em exterior espiritual, é também física é aquilo que me faz doer os pés é eu poder dizer assim, caramba, que caminho difícil de fazer, mas valeu a pena…

---

[158] O livro chama-se *Livro da clerezia valenciana : subsídios para a história eclesiástica e social de Valença do Minho* / Alberto Pereira de Castro. - Valença : Câmara Municipal de Valença, 2017. - 294 p. ; 25 cm. - ISBN 978-989-8067-08-1

[159] https://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1263307&detailsType=Description

MSS: Porque conta a lenda que a Rainha Santa Isabel passou em Fontoura com certeza o Caminho estaria em bem pior estado que está agora e fê-lo!,

JCF: Oiça, quem fez o Caminho, qual é a maior memória que tem do Caminho? Não é a subida da Labruja?

MSS: Eu nunca fiz, não sei…

JCF: Então tem que fazer…

MSS: As minhas costas não deixam…

JCF: Vai devagarinho e vai ver quando chegar a Santiago e abraçar Santiago as costas ficam…

MSS: A prótese não sei se achar muita piada a isso…

JCF: Mas há de perguntar a quem faz o Caminho Central, qual foi a parte do Caminho que o massacrou?... Qual foi aquilo que… Aposto consigo que 99% vai dizer "a subida da Labruja, caramba" e a subida da Labruja é uma coisa do outro mundo, são 4 quilómetros em que nós quando chegamos à Labruja temos duas hipóteses: ou contornamos o monte e não tem piada nenhuma; ou subimos, a meio temos a cruz dos franceses e eu fiz de bicicleta que a certa altura a bicicleta não sobe…

MSS: Tem que ir com ela…

JCF: Às costas, não tem Caminho! Aquilo são pedregulhos em que a certa altura eu já ficava em cima de um pedregulho ficava a andar de bicicleta virava-me e tinha um pedregulho em cima de mim e depois contornava e as pessoas o que é que recordam? Recordam a subida da Labruja e com toda a gente que tenho falado "tu fizeste o Caminho? Fiz a Labruja" por isso esta é agrura do Caminho… vamos intervir no Caminho? Mas vamos tirar… vamos torna-lo mais fácil, mas não estamos a desvirtuar…

MSS: O pressuposto do Caminho…

JCF: O pressuposto, a essência, a alma…

MSS: Sim, sim, nisso concordo consigo a 100%.

JCF: Desculpe a minha sinceridade…

MSS: Eu concordo consigo. Nunca tinha pensado sobre esta perspetiva mas faz todo o sentido, claro que sim! Ainda mais quando já o fez!

JCF: É a minha sinceridade… o jornalista desviou e foi o Zé Carlos que falou porque eu acho que é muito importante manter isto…

MSS: Sim, claro que sim!

JCF: Porque depois chega a Espanha e encontra-se desvirtuado. Porque já encontra o Caminho asfaltado em muitos sítios e que é muito fácil fazer. Há sítios onde coincide com a estrada, a única coisa boa que eles fizeram foi criar uma proteção… que cá… se calhar uma aposta que eu faria se houvesse alguma coisa a melhorar seria… em criar segurança, mas uma barreira física que separasse carros de peões ou de bicicleta, pode ir a cavalo, pode ir a pé… mas alguma coisa que ali fizesse uma separação…, isso do outro lado está bem trabalhado! Fizeram uma outra

coisa que foi asfaltar, que deixou de ter piada e eu quando fiz de bicicleta, o piso pior que eu encontrei foi do lado de Paredes de Coura até… que andámos quase a fazer BTT e tinha chovido e aquilo enlameado… Em Fontoura aliás, no concelho de Valença aquela parte rural é lindíssima sim, atravessa-se os campos… Descemos e começamos a atravessar aqueles campos e depois passamos na capela de São Bento em Cerdal..

MSS: A partir de Rubiões para baixo passam nas eiras das pessoas…

JCF: E depois quando chegamos a Valença chegamos à civilização! É pá, pronto, ok…

MSS: Para continuar, mas para um outro cenário!

JCF: Exatamente!

Pergunta 8: Considera que seria uma mais-valia a participação colaborativa dos residentes de Fontoura na colaboração com projetos para dinamizar o turismo em Fontoura e de outras freguesias semelhantes, como por exemplo, visitas históricas promovidas por Fontoura, mas com as pessoas séniores da aldeia que é aquilo que eu pretendo implementar…

JCF: Isso é essencial porque onde é que nós temos a sabedoria? Onde é que estão… onde é que estão armazenados os vestígios e os costumes? É nestas gentes que são livros abertos que quando morrem perde-se um livro!

MSS: O jornalista sabe o que é que se fez na Irlanda? Para se eliminar os sem-abrigo?

JCF: Levaram-se para as aldeias?

MSS: Não, os sem-abrigo vivem a cidade como nenhuma pessoa! Vivem a cidade como ninguém conhece! Então, para lhes dar trabalho e para eles terem capacidade de viver com uma certa qualidade de vida que não seja viver nas ruas…

JCF: E dignidade…

MSS: Passaram-nos para guias turísticos!

JCF: Pronto, então eu vou-lhe contar uma coisa que nenhuma das Misericórdias fez cá em Portugal. Que foi dizer… isto era um projeto piloto, também há cerca de 5 anos depois eu acho que eles ou abandonaram ou continuam a implementar, não tenho certeza, mas sei que eu cheguei a falar com o Dr., o Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Braga, foi ele que me até deu os contactos, foi ele que me contou… [interrompidos por um senhor que nos veio fazer uma pergunta] Não há Misericórdia que não tenha a sua igreja, não é? E então há cidades maiores, outras menores, mas não há nenhuma Misericórdia que não tenha a sua igreja e chegaram aos lares e perguntaram aos velhotes assim: "Vocês estão aqui, não é chegar aqui e dizer assim deixei de ser útil, não! Vocês continuam a ser úteis e a vossa utilidade sabem quem vão ser? Nós queremos a Igreja da Misericórdia aberta durante todo o dia porque temos visitantes, há gente que quer visitar e quer ir ver então vamos abrir a Igreja, a nossa Igreja da Misericórdia aberta todo o dia e quem lá vai estar? São vocês e vocês vão ser os nossos guias" e houve quem disse assim, isto contaram-me, "ah, mas eu não conheço nada da história da Igreja" e o projeto era este! "Não, eu não quero que você conte a história porque a história elas já trazem no livro eu quero é que você diga, olhe, eu fui batizado aqui e foi aqui que eu fiz a minha primeira comunhão

e foi um dia de festa, porque a Igreja encheu íamos todos de branco e contar o dia da sua primeira comunhão ou o dia do seu batismo, não se lembra naturalmente, porque era pequenino mas viu as fotografias e dizer onde é que estava a pia batismal, seguidas no mesmo sítio,… eu quero é que você conte isto aos turistas"! Então puseram uns idosos que no lar de tal um dia todo assim em frente à televisão, a deixar de estar em frente à televisão para estar dentro da Igreja da Misericórdia a acolher turistas, a falar com gente que vinha visitar e a contar histórias de quando eles eram miúdos!

MSS: Espetacular!

JCF: E portanto é esta vivência…

MSS: É isso que o turista quer, o turista quer sensações

JCF: Coisas que o façam arrepiar!

MSS: Quer memórias!

JCF: Exatamente e portanto isto de pegarem gente de Fontoura e até os próprios homens têm utilidade nisto porque é um miúdo que vai traduzir em inglês e vai dizer "what it means", não é? Portanto, envolver toda a gente nisto estamos a fazer duas coisas: estamos a criar património e estamos a criar uma coisa que é muito mais importante que é sentimento de pertença desse património, é meu é meu e amanhã se vir um gajo que diz que vai com um aparelho que vai deitar abaixo eu não deixo porque é meu!

MSS: Exatamente, a pergunta seguinte tem exatamente a ver com isso, ou seja, como é que a geração futura pode trabalhar esta oferta que é passada pelos seniores, que o Jornalista José Carlos já respondeu. Então…

Pergunta 10: De acordo com este trabalho de investigação no caso, o meu trabalho de investigação considera que uma plataforma turística em formato web e com acesso aberto possa vir a ser uma mais-valia para as freguesias do Alto Minho e para a sua divulgação, como no caso específico de Fontoura?

JCF: Claro que sim, porque é assim nós estamos a falar do turismo. Temos que olhar para o turismo nacional e o turismo internacional e qualquer um deles gosta de ir com as coisas planeadas.

MSS: Exatamente.

JCF: Eu gostava… uma coisa que eu acho que é essencial e que é muito importante é saber se a Igreja está aberta para eu poder ver, porque eu já vi fotografias e aquele altar ficou-me no meu olho e eu quero vê-lo, eu preciso saber, preciso ter uma,,. que me diga assim, "Aberta das nove ao meio-dia e das três às quinze"!

MSS: Exatamente. Ou pelo menos haver uma chave disponível e saber quando começa a chave está disponível e com quem essa chave está disponível!

JCF: Para ver a igreja, vá ao café e peça a chave…

MSS: É uma das perguntas que eu coloco no meu questionário. Eu faço entrevistas e também faço questionários. Depois ia pergunto, exatamente, ao jornalista José Carlos se conhece Fontoura e se poderia, depois, preencher o meu questionário. Se eu lhe pudesse enviar e se fizer o favor de o preencher… uma das perguntas é exatamente isso "Enquanto peregrino e uma vez que o senhor já fez o Caminho o que é que considera importante que a Junta de Freguesia de Fontoura ofereça: uma das coisas é a Capela aberta, com chave disponível, porque eu considero que… eu nunca fiz o Caminho de Santiago, mas quem o faz por uma vertente muito espiritual, quer chegar ao sítio e quer falar com alguém e dizer o que é que aconteceu naquele dia e falar com quem? Falar por quem eles estão a fazer o Caminho…, pode haver um altar no Albergue onde eles vão estar, mas não é igual! Não é sentar, não é sentir o cheiro da mirra que está associado aos incensos, não é ver toda a ornamentação que oferece a espiritualidade, a calma, confesso… quando nós entrámos numa igreja, para quem tem fé, nesse sentido, e portanto eu considero que seriam um dos pontos fulcrais se Fontoura fosse inovadora a esse nível ganharia muito…

JCF: Uma coisa que Esposende fez é que… o peregrino procura isso! O peregrino leva o passaporte… e o carimbo naquela capela pode ter um carimbo… e na Capela da Misericórdia de Esposende, o carimbo está lá preso a uma corda e ninguém rouba, que é o que eu acho piada! Cada vez que eu lá vou… deixa-me ver se já roubaram…não roubaram! Está lá… posso não ir rezar, mas pelo menos o carimbo… e o carimbo pode estar em cima do altar, pode estar num banco, pode estar num púlpito que se ponha lá propositadamente, porque a pessoa põe a credencial, carimbou…

MSS: Não é preciso estar lá ninguém…

JCF: Não é preciso!

MSS: O próprio peregrino pode fazê-lo basta ter uma esponja com tinta passa-a num e passa-a noutro e está feito!

JCF: Vai pedir a chave, benze-se, carimba, fecha a porta e vai embora.

MSS: Portanto considera que seria uma mais-valia?

JCF: É sem dúvida nenhuma! Até para nós, não imagina, nós jornalistas, e para entrar ali difícil… E agora, em Monção, na Igreja de Ceivães, ok? Não imagina o quanto ouvi falar da Igreja… bonita, um tesouro e a bibliografia e todas as fotografias eram da fachada, só a fachada! Carlos Alberto Ferreira da Almeida a falar, a elogiar o interior, a bibliografia … especialista em frescos Carlos que agora não me recordo o nome mas que é aqui da Universidade do Minho a referir quase exclusividade no fresco lá existente que eles descobriram porque representa a Epifania e é rara a representação da Epifania no Alto Minho e no Norte de Portugal e ela está lá… E eu tive sorte numa coisa foi… antes de sair de Valença virei-me para o Padre Gonçalo e disse assim: "O Senhor conhece o Arcipreste, seu vizinho, o Padre Salvador? Faça-me um favor, meta-me aí uma cunha por mim e diga-lhe que este trabalho que…, eu não tenho nenhum intuito de maldade, o meu objetivo é só dar a conhecer e o Senhor que trabalhou comigo sabe que é o meu trabalho se lhe puder só dizer, olha, vem um jornalista tenta fazer o melhor por ele eu agradeço. Está descansado e eu quando cheguei, o Padre Salvador: "é o jornalista do Diário do Minho? Seja

bem-vindo! O Padre Gonçalo falou consigo! Sim, falou comigo!" Eu agradeci-lhe uma coisa nas suas reuniões com os padres do Arcebispado se lhes puder dizer que vai haver um jornalista do Diário do Minho que está a fazer um trabalho sobre património e que 80% do património está nas mãos da Igreja e que o objetivo é dar a conhecer as igrejas que eles têm, eu agradeço. E eles assim "eu tenho reunião para a semana e vou lhes falar disso!" E a verdade é que comecei a telefonar a um: "Oh, sim, esteja à vontade" e sem mais "oh, esteja à vontade" e eu entrei! Quando vi aquele que eu tinha lido era para ir 10 vezes melhor do que aquilo e eu pude fotografar e a senhora que veio comigo… o padre não pôde estar… mas mandou uma senhora com 82 anos, conhecida como professora primária, e que me diz assim:

- Olhe, eu vou-lhe pedir um favor!

- Diga?

- Fale bem, sim?

- Senhora Professora é impossível falar mal disto porque isto é tão lindo, é tão bonito!

- Sabe é que na paróquia há quem queira deitar isto abaixo e se você falar bem pode ser que os convença!

E eu assim:

- Ai, conte comigo que eu vou! E olhe, isto é do melhor que eu já vi e vou pôr-lhe os píncaros!

E ela:

- Ai, faça isso, por favor!

Portanto, este também é um trabalho! Este é o nosso trabalho e portanto e é preciso abrir as portas para as pessoas olharem para os tesouros que estão lá dentro porque às vezes um embrulho não diz o que está lá dentro…

MSS: Sim, e a promoção de boca em boca é o melhor que existe, mesmo atualmente mesmo neste mundo digital…

JCF: A promoção da boca em boca faz-me lembrar, foi há 3 anos eu não tive férias em Agosto e a minha esposa mais os meus dois filhos foram passaram uma semana a Ofir e eu fui levá-los ao OFIR era quarta-feira… eu folfo ou à quarta-feira ou à segunda dependendo da semana… e eu fui levá-los ao hotel, passei o dia com eles e onde é que vamos jantar? E aquilo estava naquela fase de pandemia… tinha aberto há pouco tempo e eu fomos… vamos a Esposende. E quando chegámos a Esposende, aquilo era só por marcações… já eram oito e meia… já ninguém nos podia atender, então a minha esposa dizia assim vamos ali para a zona dos mudos que têm muitos restaurantes e eles lá de certeza… encontramos qualquer coisa e andamos a procurar e havia um restaurante e eu perguntei e a senhora disse-me para esperar 2, 3 minutos eu digo-lhe qual é a mesa e o senhor vai para lá!

MSS: Não foi a Cabana?

JCF: Não, foi o Casal Azul. E eu passado 2, 3 minutos chamaram, eu subi e já era tarde e eu comi costela assada mais a minha filha e o meu filho e a minha esposa comeram um costeletão e era

com arroz de feijão… espero não estar a aguçar o apetite… mas era delicioso e aquilo demorou meia hora… passou a meia hora e o senhor veio à mesa e disse "

- Pedimos desculpa, mas o arroz é servido fresco e nós tivemos muito arroz de marisco a sair e o Chefe deixou o arroz de feijão para o fim e está quase!"

Mas ninguém reclamou! Tivemos ali a conversar, entretanto, apareceu um casal amigo tivemos ali a conversar um bocadinho e passaram… foram quase 45 minutos e chegam as nossas costelas para a mim e para a minha filha e chegam o costeletão e o arroz fresquíssimo e começámos a comer e passaram um bocado chega uma nova travessa de costelas e eu disse

- Queres ver que era a primeira parte e agora vem a segunda parte! E ele, diz assim, o chefe:

- Manda pedir desculpa e aceitem as desculpas e aceitem este miminho da parte dele! Eu disse assim este trabalho está a mil anos longe de qualquer outro restaurante porque ele está-me a cativar pela barriga, porque ele sabe que demorou e pediu desculpa, não o levei à mesa, trouxe-lhe mais um bocadinho…

MSS: Do bem que ele sabe fazer…

JCF: Do bem que ele sabe fazer e agora eu pergunto qual é a melhor publicidade? E estou-lhe a contar isto a si! E provavelmente, amanhã, vai ter com um amigo, a ver porque ouvi dizer que os gajos servem bem que o chefe até faz isto assim…

MSS: É verdade!

JCF: Isto vale 4 páginas no Diário do Minho, vale muito mais do que 4 páginas no Diário do Minho. A sair em quase um mês inteiro! E isto é o que o turista também leva para casa…

MSS: Eu posso dizer por experiência própria!

JCF: Percebe?

MSS: Eu agora vivo lá em cima e acho que nunca fui tantas vezes ao Mosteiro de Sanfins, durante um ano!...

JCF: Sanfins é uma paz, não é?!

MSS: É espetacular! Eles estão a fazer agora uma melhoria que eu acho que eles vão começar a pedir dinheiro para entrar lá, começaram a colocar as câmaras, depois limparam, agora estão lá a construir um edifício… aproveitaram umas das paredes das ruínas, depois de entrar a Porta do Sol… eu acho que nunca fui tantas vezes a Sanfins e nunca levei tanta gente a Sanfins porque toda a gente diz:

- Mónica quero ir a Sanfins… Mónica quero ir a Sanfins! Toda a gente que vai parar a minha casa e vai a Sanfins!

JCF: Sabe onde é que eu me sinto em paz em Sanfins? Na Capelinha da Senhora do Loureto…

MSS: Lá em cima!

JCF: Sim, eu sento-me lá e fico ali…

MSS: Eu gosto de me sentar e olhar… ver o lado onde está o monóculo… eu gosto de me sentar para trás!

JCF: Ai eles puseram um monóculo

MSS: Puseram um monóculo que não é pago e que o jornalista vê para a Espanha… vê a janela da casa da vivenda que está na rua…

JCF: Não apanhei, só vi aquilo quando era puro, sem monóculo!

MSS: Quando sobe as escadas e vira na esquina as escadas que sobe tem um monóculo apontado… vê a Lamela, vê tudo… mas eu não gosto de olhar para essa parte, gosto de olhar para trás e pensar o que é que era a vida que os monges tinham aqui, uma vida simples, mas que tinha tudo… só o facto de estar no meio da natureza era ter a maior riqueza que se podia ter neste mundo…

JCF: Não se esqueça de uma coisa os sítios que os mouros escolheram para colocar os… todos aqueles terrenos têm qualquer coisa que é uma coisa impressionante mesmo…

MSS: Eu estive lá em setembro e..

JCF: Houve uma das encostas que ardeu…

MSS: Sim, desde o parque de estacionamento de trás quando se chega a Sanfins agora pode-se chegar mesmo até a zona medieval, até costuma estar lá a GNR às vezes durante o dia porque agora têm câmara e tudo mais. Mas antigamente não se podia descer até mesmo a zona dedicada… deixávamos o carro cá em cima! Essa encosta toda do estacionamento em cima até cá abaixo que vê-se bem da capela é desolador…

JCF: Eu a Sanfins… e há outro sítio que também fica para… a Capela de Santo Ovídio… quem vem de Valença sobe…

MSS: Tem um miradouro também…

JCF: Aqui a Capela é um miradouro…

MSS: É como a de Sant'Ana, é igual…

JCF: Mas ali Santo Ouvido é uma magia fora do normal… aliás foi em Santo Ovídio, a RTP foi lá fazer um trabalho foi lá entrevistar-me. A Maria Cerqueira um dia encontra-me e diz-me:

- Olha os teus suplementos já há quanto tempo é que têm?

- Tem 18 anos!

- 18 anos?!

- Sim, só paramos uma vez por ano que era a altura das férias, que é agosto, por causa da logística da redação, mas aquilo foram 18 anos…

- Tenho que fazer uma reportagem contigo!

- Vais fazer agora uma reportagem comigo?

- Não, tenho que fazer uma reportagem contigo! E ela acabou de fazer uma reportagem comigo e ela:

- Escolhes um local em Valença!

- Queres um local sim, mas toda a gente…

- Um local que poucas pessoas conhecem mas que seja para ti bonito! Capela de Santo Ovídio e fomos para a Capela de Santo Ovídio. Capela de Santo Ouvido para mim tem uma história verdadeiramente excecional porque as pessoas aqui têm uma devoção a Santo Ovídio, mas do outro lado do rio têm uma outra devoção: vêm as promessas, vêm lá todas. Santo Ovídio para nós é doenças do ouvido! Mas para os galegos, do outro lado do rio, é para as mulheres traídas.

MSS: Eu lembro-me de ler esse documento seu!

JCF: As mulheres traídas e então a piada daquilo é que eu prometo e vou ao Santo Ovídio e prometo o quê? Não prometo dinheiro, nem velas, nem nada! É telhas, prometo telhas e as telhas porquê? Têm uma razão de ser porque aquilo é uma zona ventosa e leva os telhados… voam num instante, mas cuidado não pode ser uma telha qualquer tem que ser uma telha roubada eu prometo telhas roubadas. Quando eu vou ao Santo Ovídio eu não vou comprar telhas para oferecer ao Santo Ovídio eu tenho que passar por uma obra qualquer roubo as telhas e levo-as ao Santo Ovídio. E eu não estava a perceber… toda a gente conta esta história! O Narciso Oliveira no livro dele sobre Sanfins porque Sanfins fica muito perto do capelo de Santo Ovídio!

MSS: Sim, sim, sim, são pertíssimos, é ao descer!

JCF: Exatamente. E o Narciso conta esta devoção e toda a gente fala do Capela, toda a gente fala das telhas roubadas e a minha pergunta era, mas porquê roubadas? Tem que haver uma razão se eu não posso roubar, uma comprada porque é que tem de ser roubada? E a resposta que eu tive ninguém me soube responder, nem o padre… a resposta foi de um senhor de 80 anos que foi abrir a Capela para eu ver! O senhor de 80 anos virei-me para ele e disse-lhe:

- É o senhor que vai ter a chave para a minha resposta… para a minha pergunta! E ele assim:

- Diga lá amigo!

- Porquê que as telhas têm de ser roubadas? E o homem olha para mim e diz-me assim:

- Eu não sei como é que é com o senhor, mas sabe a mim custa-me roubar como o caraças. Eu percebi, duplica o sacrifício: eu prometo se ele me refizer e comprar ofereço, compro a promessa mas se for roubada o sacrifício é ainda maior porque é a angústia de ser apanhado… eu achei aquilo delicioso…

- Você foi a resposta e a chave também, sim muito obrigado e agradecido.

MSS: Lá está as pessoas seniores.

Pergunta 11: Existe algo que queira acrescentar a esta entrevista ou considera pertinente?

JCF: Eu acho que já fui tão seca consigo!

MSS: Não foi nada, por amor de Deus foi deliciosa, a nossa conversa! Não diga isso… que eu adoro… quem me dera ter estas entrevistas todos os dias só temos a ganhar com isto… só temos a ganhar com isto!

JCF: Eu acho que lhe dei uma seca tão grande! Desculpe!

MSS: A mim não deu, a mim deliciou-me com aquelas histórias todas que me contou, não me deu seca nenhuma, de verdade, absolutamente nenhuma! Queria fazer-lhe esta pergunta se porventura houver necessidade, depois, quando eu resumir o trabalho de fazer nova entrevista pode me dar outra seca!

JCF: Maravilha!

MSS: E quando estiver lá por cima diga que eu tenho todo o gosto de receber lá em casa e mostro-lhe…

JCF: É este tipo de património que é importante porque nós temos Igrejas muito parecidas com outras… o que é que nos difere dos outros? São as histórias que estão associadas a todos estes monumentos. Eu lembro-me perfeitamente na igreja de Rio Mau, românica que aparece nos grandes compêndios do românico internacional, no concelho de Vila do Conde, estar lá um novo senhor que era padre que tinha 80 anos e nessa altura o Suplemento tinha 4 páginas… tinha 8 páginas, e era eu e o Francisco e fomos bater à porta do Sr. Padre. O Padre que tinha 80 anos abriu-nos a porta e explicámos:

- Olhe, para a semana a gente vem cá!

- Estou à vossa espera e almoçam comigo!

Ok, pronto, agradecemos utilizamos o convite… dizer que não estas pessoas é quase colocar … é má educação e se elas estão a fazer, estão a fazer de boa vontade!

MSS: Exatamente! E eles têm muito que gostar de fazer isto!

JCF: E o Sr. Padre recebeu-nos na semana a seguir, mostrou-nos a igreja, ele já estava lá há 40 e tal anos e uma das coisas que nós fazemos neste suplemento e acho que isto é importante referir: é que o suplemento evidencia o património, sem dúvida, mas além de evidenciar o património evidencia quem sabe cuidar dele também. Por isso é que quando falo com os padres é importantíssimo dizer às pessoas que isto ainda não veio abaixo porque você decidiu intervir e porque você conseguiu convencer uma comunidade inteira ou alguns que se atravessam financeiramente e que pagam e depois a comunidade paga alguma coisa! E é devido assim à sua perseverança, ao seu olhar que isto está de pé ou isto está melhor ou o que está preservado e dizer isso no suplemento é importante porque para dizer de mal toda a gente está…

MSS: É o reconhecimento direito!

JCF: Isso tem que ser feito porque assim também estamos a reconhecer… é um reconhecimento e portanto falamos com o Sr. Padre. Nesse dia fomos almoçar com ele e estávamos a almoçar com ele e o Padre era assim… era uma pessoa de 80 anos, mas de uma boa disposição, sabia bem, sabe energias positivas… saímos dali e vamos renovados. E eu a certa altura dizer assim:

- Oh Sr. Padre, diga-me uma coisa, já está cá há 40 anos?

- Sim!

- E vem cá há muita gente ver esta Igreja?

- Você nem imagina!

- Sim, mas gente, estou a dizer não é turista! Investigador?

- Investigadores? Vem cá gente… investigadores olhe, no outro dia telefonaram-me… era o fotógrafo do Presidente da República, porquê? Porque houve um investigador alemão que queria uma fotografia desta igreja, estava-lhe a pagar e ele estava-me a telefonar-se, se eu lhe abri à porta para ele tirar a fotografia! Eu disse sim senhor, amanhã por aí acima e ele veio, eu abri-lhe a porta e ele foi diretamente àquilo que queria, foi diretamente, tirou as fotografias, cumprimentou-me e foi-se embora!

- Isso é fantástico, isso é fabuloso! Olha, e qual foi, já que está a falar nisso, já agora qual foi o pedido mais esquisito que teve em toda estes 40 anos?

- Quatro monges alemães que entraram aqui dentro e que vieram ter comigo, identificaram-se que eram monges, estavam a fazer investigação, eram historiadores, sabiam da importância do românico desta igreja, mas queriam fazer uma coisa, queriam dormir dentro da igreja porque queriam fotografar o interior desde a penumbra, ao nascer do sol até o meio-dia, para ver a difusão da luz do românico!

- Epá, isso é fantástico!

- Eles depois até me mandaram um artigo, aquilo ficou muito interessante!

- Espera aí, o Sr. Padre sabe falar alemão?

- Não, não!

- Então como é que falou com os monges?

- Latim, meu caro, latim!

- Ok epá, fantástico muito bom!

MSS: Como é que isto não pode ser delicioso, explique-me! Tem de ser! Ainda mais eu que tenho sede de história, meu Deus do céu…

JCF: Achei isto tão bom, tão bom, quer dizer…

MSS: Tenho sede de identidade, história, cultura, património tudo isso faz a pessoa que eu sou, sem isso eu não sou a Mónica Silva, com toda a certeza, por isso é que estou a fazer um trabalho exatamente que vai a esta génese. Ok, jornalista José Carlos, agradeço desde já o tempo disponibilizado não foi seca nenhuma, foi delicioso ouvi-lo e agradeço de verdade e espero que haja outras oportunidades de encontro para que possamos falar um bocadinho mais sobre as coisas. Se me permite então, vou parar.

C. EXPERT IN THE FIELD TRANSCRIPT

Transcrição – Professora Lídia Oliveira (Professora UA)

Data: Entrevista realizada em julho 2023
MSS - Mónica da Silva e Silva (investigadora/entrevistadora)
PL - Professora Lídia (Lídia Oliveira, Professora Associada com Agregação, Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro)

Entrevista/Interview

MSS: Ok, neste sentido, eu ia lhe pedir também que estas entrevistas inicialmente eram para ser feitas de forma próxima do presencial. Nós temos depois um consentimento informado. Se eu puder passar depois à Professora, a Professora assinar para depois, caso haja alguma estranheza na defesa da tese em relação a isso, está bom?

PL: Pode mandar que eu assino digitalmente e mando-lhe.

MSS: Pronto. Ok. Perfeito. Aquilo tem dois tipos de assinaturas, tem a assinatura de áudio. Caso algum professor não permita fazer a gravação e tem assinatura de visualização de audiovisual, portanto, se me puder assinar as duas, eu agradecia. Está bem? Pronto, então neste sentido, agradeço desde já a disponibilidade da Professora Lídia para a realização desta entrevista. Esta entrevista vai de encontro à temática da minha tese, que visa trabalhar os territórios de baixa literacia a nível rural. E perceber de que forma é que nós podemos criar um modelo infocomunicacional para o e-turismo, no caso de Fontoura, que é a freguesia que eu estou a trabalhar neste momento. E neste sentido, começo com a primeira pergunta para saber a opinião da Professora no sentido de que… considera que a informação e a comunicação são importantes para freguesias rurais para a promoção e divulgação turísticas?

PL: É a informação, foi isso?

MSS: Sim. Se a informação e a comunicação são importantes para freguesias rurais?

PL: Bem, eu penso que aqui precisamos de um bocadinho de esclarecer de que a informação e de comunicação estamos a falar, não é. Para já, qual é que é o sentido do fluxo da informação, se é das pessoas que são estranhos, não é para o porque o turista é um estranho ao território ou o seu inverso ou são ambas as coisas? Quem é o emissor da informação, não é quem gere esta informação e esta.

MSS: O emissor da informação, no caso é tudo aquilo que já existe, não é. Todas as fontes que já existem, muitas delas até já trabalhadas por um senhor que, infelizmente, acabou por falecer no tempo da pandemia, que é um Major, que é uma pessoa muito importante aqui para todo o território valenciano, não só para Fontoura, que é o Major Gabriel Pereira de Castro. Em que ele faz um levantamento exaustivo por freguesia de todo o tipo de recursos endógenos quer a nível

de oferta patrimonial, oferta histórica, oferta religiosa, oferta até mesmo de personagens notáveis, ou seja, quem foram as pessoas importantes para cada freguesia e qual foi o, digamos assim, o papel que elas tiveram no desenvolvimento da freguesia, por exemplo, aqui em Fontoura houve um nome bastante sonante, que foi Champalimaud. Lembro-me muitas vezes da minha avó contar histórias de quando era criança e lembrar-se de que havia, por exemplo, pessoas que se agarravam aos muros da porta do Champalimaud, para não terem de ir para a guerra porque se se agarrassem aos muros da porta, eram considerados que estavam a ser protegidos pelo Champalimaud, que foi um general (tosse) – perdão - que teve um papel muito importante aqui na situação das guerras com Castela, no caso. Ou seja, a informação existe toda em livros, sobretudo em livros. Neste momento também estou a conseguir retirar muita informação a nível das entrevistas que estou a fazer com os residentes. E perceber de que forma é que nós vamos comunicar isto, depois, com uma plataforma turística, ou seja através de quê? Através do bonequinhos, através de um mapa, através de uma maquete, através de um museu de interpretação? Através do quê? Então, nesse sentido, tentar perceber de que forma é que a Professora considera que a informação, no caso, com todas estes dados existentes e a comunicação da mesma, se considera que é importante para a promoção do turismo?

PL: Pronto eu diria que isso é uma pergunta que, tendencialmente, é respondida por si sempre, não é porque a informação é obviamente relevante, por isso é que eu estava a tentar obter mais informação, porque, pronto, para não ser uma pergunta que é a que a resposta é só simples assim, é importante e pronto. Eu acho que mais do que perguntar se ela é importante, é como ela é capaz de ganhar visibilidade porque, como a Mónica dizia, a informação existe, mas está, digamos assim, entre aspas na cabeça do senhor Major e está nos livros, ou seja, está em fontes com baixo índice de acessibilidade. Porque se eu for a Fontoura, há bocado, quando acabamos a reunião, eu pus no Google Maps "Fontoura" para ver onde é, a partir de onde e para onde é que eu estaria a falar? Então na realidade, é difícil ter acesso a essas camadas de informação.

MSS: Eu sei. Porque existe dois Fontoura em Portugal: existe São João de Fontoura que não é aqui e existe São Miguel, de Fontoura, que é este! Só que as pessoas não chamam São Miguel, dizem só Fontoura.

PL: Ah, eu vi uma Fontoura que era quase na Galiza, que era lá bem acima… Viana do Castelo e…

MSS: É esta!

PL: E também tinha só duas fotografias, no Google Maps, no cemitério e um praceta. E eu, ok, pronto, também não vejo grande Fontoura podia ter.

As notícias, certo as notícias, certo?

MSS: É engraçado porque isto é um território a 100% rural, mas é engraçado porque o Presidente da Junta, nesse sentido, trabalha muito e é muito proativo e tanto é que ontem saiu o vídeo promocional aqui da Freguesia, depois se a Professora Lídia tiver interesse, eu posso enviar porque é uma equipa de Monção com o Senhor que se chama Hernâni, que tem drones e que faz vídeos proporcionais aqui das freguesias. Tem feito um trabalho, em rede, bastante interessante. Trabalha também com a Televisão da Galiza. E nesse sentido, ontem, foi lançado

o vídeo que o André, que é o Presidente da Junta, publicou em todas as redes e mais algumas… camisola não é, portanto.

PL: Fez ele muito bem.

MSS: Amor à camisola não é, portanto. Nesse sentido.

PL: Pronto. Então, na verdade, pronto, a resposta a esta pergunta, é … eu diria que é óbvio que a informação e comunicação só é importantes para qualquer coisa, nomeadamente para os territórios de baixa densidade. Mas a preocupação deve ser mais como é que se consegue dar a ver as camadas infocomunicacionais do território. E também mais do que dar a ver … incluindo nesse estar a ver é ter mecanismos interpretativos de território, não é, que explicitem. Eu sempre dou exemplo, quando eu fui aluna pela primeira vez em licenciatura na Universidade de Coimbra, no Verão, os professores de História da Arte faziam a Escola de Verão de História da Arte, na qual eu sempre participava, e pronto, e com os professores de História da Arte, aos sítios era outra realidade, porque eles eram máquinas interpretativas do que nós estávamos a olhar. Não basta olhar. Isso para sublinhar que há todo um conjunto de pessoas formadas em algumas áreas que tende a não ser contratadas e a não ser valorizadas, como os arqueólogos, historiadores, mesmo os sociólogos e que efetivamente têm uma mais-valia muito grande a dar do ponto de vista também do turismo porque são eles que são capazes de fazer falar o território de uma forma qualificada. Ou seja, darem a essa camada latente, os territórios têm uma camada latente de informação e de herança … e de herança cultural, mas depois faltam *layers*, que faltam camadas que deem efetivamente visibilidade a uma opacidade natural das coisas e precisam no fundo de … também o território precisa de intérpretes, não é? Já nem sei se foi nessa altura ou noutra qualquer, que alguém me dizia, sim, mas estás a ver, nós agora vamos aqui a passar e tu de vez em quando vês uma palmeira antiga muito alta e, se reparares, são sempre casas muito grandes, meias apalaçadas, … isso é a marca da imigração dos portugueses no Brasil, que era a Terra das Patacas, onde conseguiam angariar muito dinheiro e depois voltavam e traziam a palmeira. É claro, quem não tiver este know-how passa, é apenas uma palmeira. Uma palmeira não fala, não diz nada sobre o fluxo das pessoas nos territórios. Por isso, o desafio é mais como arranjar estratégias. Primeiro arranjar pessoas que saibam efetivamente do que é que estão a falar e, depois, estratégias para que quem não é dos sítios e tem curiosidade intelectual, quando usufrui dos sítios, ter acesso à informação, não.

MSS: É engraçado a Professora estar a falar sobre essa questão de as pessoas irem para o Brasil e ter palmeiras grandes. Acontece a mesma coisa aí, em Aveiro, na Costa Nova, os palheiros.

PL: Hmm

MSS: As cores, não é?

PL: Sim?

MSS: Porque é que é vermelho, verde e azul? A Professora sabe porque é que são essas cores?

PL: Não, não sei, não sei.

MSS: Não sabe? Pronto. Esse foi meu trabalho de arquitetura. O meu mestrado de arquitetura foi sobre o levantamento exaustivo de aldeias avieiras, desde Esposende até a bacia do Rio Tejo,

entre as quais a Costa nova claro, pronto. E porque é que as casas eram vermelhas e depois dum momento para o outro, passaram a ser azuis e verdes? Por uma questão de diferenciação da classe pobre de pescadores para a classe rica. E o vermelho não é o da classe rica, o verde e o azul é que são.

PL: Ok…

MSS: É porque o vermelho tem uma razão de ser. Eles eram pescadores. Muitas vezes as casas eram feitas com os tabulados, consoante o dinheiro ia aparecendo. Compravam uma tábua, compravam outra, iam construindo a casa durante os anos todos. E depois, eles tinham de impermeabilizar as casas.

PL: Hmm…

MSS: O vermelho vem da tripa da sardinha

PL: Hmm…

MSS: Faziam uma papa, eles passavam as tábuas com água, depois com sabão rosa para fazer a impermeabilização e, depois, faziam uma massa de areia com a tripa da sardinha que tiravam do peixe que pescavam, muitas vezes por arte xávega, a chamada pesca de arrasto, não é? E passavam com pincelas as tábuas. E as tábuas, então, adquiriam a cor vermelha e, quando os veraneantes chegaram à Costa Nova e queriam mostrar que as casas eram mais ricas, e tinham outro tipo de construção, e tinham outro tipo de áreas dentro, e tudo mais, eles começaram a azulejar, com azul ou verde.

PL: Ok. Muito bem! Também há uma amarelas! As amarelas eram as intermediárias.

(Risos)

MSS: Era o intermédio, a mistura das duas outras cores! (Risos). Pronto. Para ainda ir de encontro aquilo que a Professora também acaba de responder, que meios é que a Professora considera que se podiam, podiam vir a ser aplicados para divulgar os diferentes tipos de património desde o cultural, como eu referi, o histórico, o religioso e o de Memória mesmo, não é? Ou seja, como é que nós transportámos estas pessoas que só não foram personagens notáveis para um futuro?

PL: Olhe. Eu durante uns anos, na disciplina de projeto, da licenciatura, ela era … funcionava de uma forma muito diferente e eu tinha a Área do Território que eu lancei com o Professora Vânia, que era o território hipermediatizado, então, uns textos nesse sentido. E é a minha opinião é que essas coisas têm de migrar para um telemóvel e que devem ser oferecidas com mecanismos de geolocalização e que vêm ter comigo, não é? Eu vou a caminho de algures, resolvo passar em Fontoura, talvez haja um cafezito, eu sento-me ali e o meu telemóvel deve-me, no fundo, ativar uma aplicação, notificar, associado ao Google Maps ou a outra plataforma. Queiras, quer não, estas plataformas poderosas globais acabam por ter mais estabilidade do que aquelas pequenas coisas que se desenvolvem … é para isto e é para aquilo, que tem só um consumo local, não! Se eu venho, sou francês e venho visitar Portugal, por acaso, ou sei lá, ou se venho de outro sítio qualquer, eu não vou, nem sei que existe uma app local, não é. Acho que é o que se investe muito, muita energia em coisas locais que elas próprias também não têm visibilidade para quem

vai aos territórios. Então apostar em camadas associadas a grandes plataformas acabam por ter, eventualmente, por serem mais económicas, de desenvolver e por terem mais visibilidade. Mas a minha opinião é que que deve ser um conteúdo geolocalizado, com uma abordagem multimédia, não é? Se calhar, eu na claridade do dia e não sei quê, estou muito mais disponível para ver os *drones* sobre Fontoura, com os domínios dos *drones*, não sei quê, do que ler o texto sobre não sei quantos, não é? porque não é no *outdoor* com os contrastes de luz … ou áudio, não é, quem que eu me … propõe um percurso, pronto, eu não conheço Fontoura, tenho dificuldade de dar, mas, por exemplo, o percurso das plantas aromáticas espontâneas do território de Fontoura e que me propõe um percurso e me vai falando sobre os usos tradicionais daquelas plantas. E pronto, acho que que tem que ser assim, algo que seja que venha ter com as pessoas, que não …

MSS: Vou dar a conhecer à Professora uma entidade que, eles têm interesse, que eu trabalho com eles quando terminar com a Bolsa de Investigação em Aveiro, que é *Travizco*.

PL: *Travizco*?

MSS: (soletrado) *T-R-A-V-I-Z-C-O*. Ok. Que é um aplicativo móvel? Que exatamente acontece isso, ou seja, a Professora está a passar em determinado sítio. Aquilo está associado com uma georreferenciação e a pessoa fala, ou seja, a Professora não tem de carregar em botãozinho nenhum para aquilo falar por si só. Ou seja, imagine. Imagine que a Professora passa ali no … sei lá … no Largo da Igreja e, aquilo diz: no século XII, havia uma ermida etc. etc.

PL: E os meus alunos, na verdade, fizeram imensos projetos nessa lógica, por exemplo, nas Dunas de São Jacinto em que, pelos vistos, até sinaléticas, se estragam imenso, e não sei quê … E na realidade … com o *Patinho*, se eu fizesse ou mostrasse o telemóvel à paisagem, onde havia sítios com mais informação em realidade aumentada, o *Patinho*, que é o símbolo da reserva, aparecia, então, bastava ativar o *Patinho* ou aqui no circuito de Arte Nova. Esses desenvolveram uma aplicação que fazia reconhecimento por scan das fachadas. Então, a partir do momento que eu. Apontava a um edifício Arte Nova sabia qual é que era, então desencadeava os conteúdos.

MSS: Se quiser testar a *Travizco* pode testar que eles têm um aplicativo para a zona de Aveiro, para a região de Aveiro. Portanto, pode testar porque é…

PL: Portanto, eu sinto que tem de ser assim, tecnologia móvel …

MSS: Ok …

PL: … que é dialogante, não é, com ca pessoa, claro. Se eu quiser dizer "Olha, agora, cala-te!", quero só ouvir uns passarinhos, já chega. Mas sim …

MSS: Ok. Então, mostra bem que tudo o que nós estamos a desenvolver, aqui na Freguesia, vai de encontro aquilo que a Professora defende. Ainda bem. Fico contente por isso. Ok, então, próxima pergunta: dos estudos ou projetos no qual o LOCUS e, mais recentemente salvo a Professora também está envolvida em relações …

PL: Com o pós-doc é isso com o …

MSS: Exatamente, é um dos projetos que Ângela também nos passou, portanto, é um dos projetos também que aparece aqui com a CIM.

PL: Eu tenho um … eu tenho um pós-doc …

MSS: Não estou equivocada?

PL: Eu tenho o Paulo Bruno, que é meu pós-doc. Na verdade, este … Sim é um projeto pós-doc. Não é um projeto com financiamento. Sim.

MSS: É esse. Ok. Pronto. Relativamente a este mesmo projeto de pós-doc, uma vez que trabalha territórios de baixa densidade, que é o que nos interessa a nós e, também, como o caso do LOCUS, não é?

A Professora, por exemplo, quando vocês idealizaram a construção de todo o projeto, no *Second Life*, houve a situação de introduzir dados que já não existem realmente lá no património existente, ou seja, património que foi sendo destruído ou que foi desaparecendo, mesmo, digamos assim, com o passar dos tempos, não é, o que é normal.

PL: É assim … O *Locus* foi desenhado para uma localidade chamada Amiais. E era para ser tudo feito no mundo físico, no mundo de pedra, OK? A versão *Second Life* foi porque veio a pandemia e, nós não podíamos ir para Amiais.

MSS: Mas também deu outra visualização ao projeto. E permitiu-vos fazer coisas, se calhar, que vocês nem sequer tinham idealizadas

PL: Tivemos que, no fundo, … tivemos de escrever outro projeto e esperar que a FCT aprovasse. É assim… Amiais tem várias peculiaridades. Uma delas é que fizeram uma barragem no Rio, então, no Rio Gresso, que é o que dá … eu na verdade digo sempre, disse Grésso, mas eles dizem Gresso que é o leite, o Leite Gresso …

MSS: Exatamente a marca do leite. Sim …

PL: É dali foi a primeira Cooperativa leiteira de Portugal. Nós não sabíamos antes disso. Mas …pronto. É o nome do Rio e ao barrarem o Rio, na verdade, a maior parte dos territórios agrícolas de Amiais ficaram submersos e com eles uma série de coisas, de moinhos e por aí fora. Amiais é uma das aldeias de uma constelação de aldeias que pertence à freguesia Couto de Esteves. E Couto de Esteves tem a particularidade, também, de ser culturalmente muito ativo. É curioso que uma freguesia, com poucas pessoas, não é, consegue ter duas associações culturais e que não são rivais porque … eu pensei … ok zangaram-se, cada um fez a sua. (Risos) Mas não, não é o caso. E isso dá, na verdade, também já uma dinâmica de sensibilidade para as questões culturais aquele agrupamento de freguesia. Depois tem ainda a peculiaridade de ter um professor de história que, na verdade, é de Montemor, de Montemor-o-Velho, ao pé da Figueira da Foz, mas casou-se, lá, com uma pessoa daquele sítio. E ele mapeou tudo, fotografou tudo, antes da barragem de água subir e têm os livros. Tem um livro publicado com todo o material. Então, isto é curioso que um sítio tão pequeno, de repente, tem uma série de dinâmicas … que … pronto, que eu acho que não são muito típicas de todos os sítios. Mas se calhar até são porque quando a Mónica dizia porque tem o Major e, porque tem não sei quê … Eu pensava no Professor Mário, eu pensei os sítios, sempre, tem alguém que …

MSS: Professora, é tudo textual, ou seja, neste momento o Presidente da Junta, o André …

PL: Porque se eles não fizessem esse registo, nem isso havia.

MSS: É o caso, servem e não servem, ou seja, como é que eu vou explicar isto é … o Major faz referência aos livros de capelas, sobretudo capelas, sobretudo património religioso, que já existiram, mas que já não existem porque, ou mudaram o orago, ou porque houve um incêndio, ou porque houve mesmo … nós, por exemplo, temos um caso que ainda é visível aqui, em Fontoura, que fica perto da estrada nacional, que é a Capela do … Pópulo … exatamente, Capela do Pópulo e basicamente a Capela do Pópulo, há mais de … posso-lhe dizer … o Senhor João da Micas tem 97 anos, ou seja, quase há mais de um século. O Senhor lembra-se, quando era criança, dos carvalhos estarem lá dentro! Ou seja, aquilo já não era capela de coisa nenhuma, já na altura que o Senhor João da Micas era criança. Não é? Portanto, o próprio livro do Major, que é de 93, salvo erro, faz, exatamente, referência que já desde o século XIX, existiam os carvalhos lá dentro.

PL: Ok.

MSS: Portanto, obviamente que não há qualquer tipo de informação de como é que era a capela, como é que não era a capela. A maior parte das capelas, aqui, faziam parte das quintas. Até porque aquilo chama-se a Capela do Pópulo e fazia parte da quinta do Pópulo, pronto. Portanto, as capelas estavam sempre associadas a estarem face à estrada que era para o povo daquela zona poder aceder à capela, e não a casa senhorial. Mas nós, sempre, conhecemos aquilo como a Capela dos Carvalhos, nós não conhecemos aquilo como uma capela do Pópulo. Não é? Pronto, agora, até no outro dia, até fomos lá quando fomos fazer o vídeo promocional, o que ficou disponibilizado ontem, exatamente, o André deu-se conta que havia um carvalho que estava em riscos de cair sobre a estrada! Ou seja, os carvalhos não se podem cortar como a Professora Lídia sabe, não é? São espécies autóctones nacionais e aqui vai ter de haver um aviso para o ICNF, para ver se eles podem vir, de alguma maneira, cortar o carvalho ou escorar o carvalho porque corre risco, não de destruir a capela, que já não é isso que está em causa, porque a capela já está em ruína, mas de aleijar alguém que passe na Estrada Nacional, porque… tem um tamanho monumental. Não é? Pronto. Portanto, nesse sentido, ajuda-me e não me ajuda. Quanto aos moinhos, por exemplo, nós sabíamos que havia moinhos, mas depois começámos a ver pelos regatos e começámos, fomos mesmo para o território, fui mesmo assim para o território que o Presidente da Junta. E existe, não no livro do Major, isso não existe nada a nível de moinhos. Dizia, sim, que havia a … como é que eles chamam, eles chamam aquilo … existia … agora não me lembro do nome, eles não lhe chamavam moinhos, chamavam-lhe outra coisa … e, entretanto, pode ser que, entretanto, mas surge … o engenho, um engenho. É assim que … Está a ver Professora, daqui a 10 minutos, isto vai, vai terminar, vamos ter de repor a sessão zoom. Peço desculpa, e eu iniciei da forma como a Professora me disse, mas … Pronto, não é …

MSS: …um problema. Também, já estamos a meio da entrevista … Ou seja, os engenhos, conforme eles diziam que era um engenho de enxofre, não eram moinhos de água, só depois é que foram transformados para moinhos de água. Porquê? Eram engenhos de enxofre e eles faziam enxofre, porque aqui sempre foi uma zona muito agrícola de vinho, não é. Porque nós estávamos na zona do Alvarinho e, já aqui encontrará muita produção de vinho e, eles

precisavam de tratar as videiras com enxofre, não é? Então, só que o problema é que muitos dos moinhos explodiam porque o enxofre é um químico, não é. Ainda mais, aquilo explodiu uma, duas, três vezes, eles fartavam-se e transformavam os moinhos, já que tinham o engenho, transformavam o moinho para moagem de cereais. Toda a gente aqui trabalhava e vivia da agricultura, não é? Portanto, o milho, centeio sempre foi muito … foram sempre muitos os cereais mais utilizados aqui na Freguesia para o pão, para fazer as bases dos caldos que eles faziam uns tipos de sericaias, umas coisas assim do género. Portanto, eu não tinha essa informação, nós é que começamos a ver … Ok, está um moinho ali no topo e está um moinho cá em baixo, tem de haver moinhos no meio, … isto não pode ser … um moinho de água não chega cá abaixo! (Risos). E nós começámos a ir ver e perguntar às pessoas mais velhas e não sei quê e não sei que mais e neste momento já temos 37 moinhos só aqui na Freguesia, só em Fontoura! Ou seja, temos dois regatos: o *regato da Azinheira* que vem de Paredes de Coura, Sobrado e temos o *regato da Grove* que nasce mesmo aqui em Fontoura, que é onde, supostamente, se julga que terá havido *Gróvios*, o povo dos *Gróvios*, porque muitas vezes, quando vêm as águas, encontram-se ainda pedacinhos de telhas e encontram-se pedacinhos dourados que o povo diz que são pedacinhos de ouro. Pronto. Há uma série de lendas depois associadas. E julga-se, também, que terá havido um palacete lá na zona dos Gróvios que eles construíram para defender o território e não sei quê, pronto. E supostamente, veio cá alguém da Universidade do Minho, uma arqueóloga, e realmente houve dados que comprovavam que existia mesmo alguma coisa nesse sentido. Só que lá está, somos um território rural e como a Professora sabe e bem, territórios rurais estão sempre aqueles que são mais colocados no "um dia vemos lá chegar", não é? Pronto. E o André até queria ver se com este meu trabalho … porque o Presidente da Câmara de Valença ficou muito interessado e disse que uma tese de doutoramento sobre Fontoura não é propriamente um trabalheco, não é. E o André quer ver se isto dá outro dinamismo à Aldeia, de modo que eles possam, exatamente, muitas coisas que estão em espera já há muitos anos, que possam realmente sair da prateleira e serem testadas. Pronto. Porque, realmente, aqui, Fontoura tem muita história. Tem mesmo a história, também, da própria lenda da Rainha Peregrina. Dizem que Santa Isabel passou aqui e, o nome de Fontoura surge … há duas lendas em Fontoura: uma delas diz que é exatamente pela Rainha Santa Isabel, que no século XIII fez uma peregrinação a Santiago de Compostela, passou aqui e, quando estava a chegar à casa onde ia ficar albergada, estava tanto calor que ela veio com a aia dela, não é, e estava lá, uma fonte com água fresca a cair, e ela bebe daquela água, disse "Ah! esta água, vale ouro!", pronto, então *Fonte de Ouro*, Fontoura.

PL: Ok.

MSS: Pronto. Há outra que também … até daqui da minha casa se vê, que é a Quinta da Casa Alta, que é uma quinta que atravessa quase aqui os campos todos que eu vejo até ao Monte e onde existe uma fonte, na parte de trás, e diziam que saía partículas de ouro, saíam partículas amareladas, quase a folha de ouro, não é, que, agora, se usa muito na gastronomia. Pronto. E então dizem que como a água dava partículas de ouro era uma fonte que dava ouro e que não dava água. Pronto. Há essas duas lendas. E depois as pessoas agarram-se a isso para criar as tais narrativas, não é, para criar toda a história à volta da própria Freguesia. Pronto. E, portanto, esta

questão dos moinhos para nós, no nosso caso aqui, Fontoura, foi uma descoberta que foi feita na minha investigação.

PL: Ok.

MSS: Não existia propriamente. Não existe nada escrito que eu pudesse dizer. Não existe!

PL: Ok. E, talvez é uma forma de descobrir, por vezes essas coisas na descrição dos registos das propriedades, porque a descrição dos registos das propriedades, diz "tem não sei quantas oliveiras, não sei quantas videiras, um isto, um aquilo." Então, com a leitura dos registos das propriedades, vocês talvez consigam chegar a alguma informação …

MSS: Outro problema gravíssimo, aqui, Professora … porque tenta-se saber de quem é a quinta *xpto* e a quinta de *xpti* porque é preciso limpar, está cheia de mato, …

PL: (riso)

MSS: … passou por não sei quem, que agora é de não sei quem, que não é, já não é de não sei quem e não sei que mais…

PL: Aqui para o vosso caso era só se o Registo ou o notário, não é, ou …

MSS: É o Registo Predial, sim?

PL: O Predial se deixa ler, independentemente … vocês nem querem saber quem é o proprietário… só queriam saber, só queriam ler os registos, sem acesso aos donos das propriedades, das pessoas, dos donos, …porque lá da isso pode dar …

MSS: É. Mas aqui complicam muito para ter esse acesso.

PL: … pode dar alguma relevância do que está descrito, não é. Porque, normalmente, aquilo são descrições bastante antigas …

MSS: Sim.

PL: Pronto. Amiais, na verdade, também tem moinhos que nós também nunca chegamos a ver, mas que estão em ruínas para além dos que ficaram debaixo de água. Uma coisa que eu gostava de sublinhar destes territórios de baixa densidade e que eles tendem a não ter espaço público.

E isso é uma coisa, que não é, não costuma ser muito refletida, mas na verdade acaba por ser relevante, relevante do ponto de vista da dinâmica do lugar por si próprio. Muitas vezes eram exatamente os espaços, os espaços religiosos que eram os espaços sociais, o ir à missa, ficar a conversar ali um bocado no fim da missa, etc. Mas não há um espaço público, uma praceta, um sítio onde as pessoas fiquem, por exemplo, isso em Amiais dificultou-nos, quer dizer, dificultou-nos a vida no sentido que tivemos de encontrar uma alternativa, porque não havendo um espaço público, quer dizer, Amiais tem uma eira, tem esse efeito da eira coletiva que pertence a várias pessoas, não é, só de alguém em particular, mas, por exemplo, para sentar as pessoas e fazer as dinâmicas da *Focus Group*, não é, do design participativo. De repente, não há um sítio público. No caso da Amiais … Amiais é todo um conjunto de particularidades, de atipias que é … normalmente, as capelas ou as igrejas, são nos centros das aldeias, … (riso) … em Amiais é muito longe do centro da aldeia e no *nowhere*. Porquê? Porque foi a forma de servir a duas aldeias. Está entre duas aldeias … (riso) … Amiais e Vilarinho. O que significou que os nossos velhinhos

foram uns queridos, porque tinha de fazer uma caminhada a pé até à Capela para poderem estar connosco ... que não era assim tão pequena, a caminhada, pronto, num caminho de terra batida e não sei o quê … Mas sim há essa questão dos sítios pequenos. E que por vezes é até difícil encontrar as pessoas. Pronto. Amiais, tinha um outro sítio, que era um ponto onde as pessoas se reuniam, que eram três bancos de autocarro, daqueles das camionetas de carreira, … (risos) … que foram lá encostados, num sítio onde também estava sempre um senhor muito velhinho, também coitadinho, morreu depois na pandemia … Mas era ali o ponto, quando nós chegávamos à aldeia, sempre ia estar ali alguém, naquele sítio. Então, do ponto de vista de … mesmo o visitante ter com quem interatuar é difícil, porque se não há um café, não há uma mercearia … eu chego ao sítio e caminho pelas ruas, … nem tem ninguém para dizer bom dia, para dizer "Olá, então como é que é? Não sei quê …". Têm esse desafio os sítios pequenos … pronto. Mas o *Locus*, o que ia fazer era e sensorizar aquele território, Ok? Nós íamos pôr sensores estrategicamente e quando as pessoas chegavam para fazer esse efeito de interagir com as pessoas, as pessoas a chegar a Amiais, em princípio teriam passado por Severa do Vouga, que é um sítio grande. Era suposto que as pessoas já tinham, com algum acolhimento turístico, instalado a aplicação que ia ser desenvolvida.

PL: Como eu estava a dizer a ideia inicial do LOCUS, na verdade, era sensorizar o território, quer em equipamentos públicos, espaços mais das ruas e não sei quê e eventualmente na eira, como era uma eira comunitária, mas tinha proprietários, eventualmente teríamos de ter ali umas autorizações, sendo também aquela aldeia, estava habituada, pelos vistos, com alguns filhos da terra que estão pelo Porto, e não sei quê, sendo alguns arquitetos e têm aproveitado os programas europeus, e este, e aquele para renovar a aldeia, não é verdade! Sente-se isso na Aldeia. Nomeadamente, a Eira estava com iluminação de chão, e não sei quê. Por isso, já há todo um conjunto de intervenções. Nós íamos pôr sensores e uma pessoa quando chegava, na verdade, ia sendo apanhada pelas antenas e isso ia-lhe permitir ter, então, uma série de conteúdos e havia uma dimensão de jogabilidade que nós íamos fazer com as alfaias agrícolas e com outros elementos tradicionais do território, e levar as pessoas a manusearem-nas, pronto. Essas narrativas acabaram por não ser escritas para o território, mas para o território virtual, por exemplo, ter de ir a casa do Senhor Não-sei-quanto, fazer não sei o quê, para envolver as pessoas nessa dinâmica. Pronto. Depois, na realidade, como veio a pandemia… Numa fase inicial ainda pensámos, ok, como toda a gente, não é, isto vai passar rápido … pois não foi bem assim e isso fez com que levámos para o *Second Life*, mas nós já tínhamos feito umas quantas dinâmicas de grupo com os idosos, por exemplo, como é que elas brincavam na infância, o que eles faziam quando eram jovens, os bailaricos, e não sei quê, as lendas, não é, o lobisomem, e isto, e aquilo. Então, como nós já tínhamos esses conteúdos todos dessas dinâmicas de grupo na Capela, não é, que tivemos de pedir ao Senhor Padre para usar como espaço de encontro. Pronto. Tínhamos conteúdos, no fundo, que nos permitiu, depois, imaginar os cenários e que bonequinhos o *Second Life* faz e o gato que o acompanha, e não sei quê. É, no fundo, um simulacro de Amiais e o que seria a jogabilidade com esse sistema de sensores …

MSS: Quando é que vocês, depois, tiveram de criar, digamos assim, durante a pandemia … houve algum elemento que tenha desaparecido ou que já não existisse fisicamente em Amiais e que exista, por exemplo, no *Second Life*, por exemplo, lembro-me do palheiro, era muito… era um

elemento extremamente reconhecido, pelo menos sempre que abro a imagem do logo, aparece logo o palheiro, não é?

PL: O Espigueiro… Os Espigueiros existem sim, assim eles.

MSS: Espigueiro, sim, exatamente.

PL: É espigueiro e eles até chamam canastro …. Sim, os canastros da aldeia da Eira, sim, já estavam lá, existiam. Continuavam a existir. O que já não existia e, na verdade, nalguns sítios, talvez esteja reconstruído no… É que existe uma pedra, assim nos caminhos, um bloco de pedra e, depois na pedra talhada, um pequeno retábulo que dantes tinha um fundo de madeira pintada, mas a madeira, pronto, ao lado da pedra, não aguenta tanto, não é … que eram as Alminhas. As Alminhas, na verdade, eram sítios onde as pessoas paravam a rezar. Tinham também um papel nos funerais, porque o caixão ia à mão, não é, aquilo é a subir como o caneco… para levar para o cemitério da Freguesia, então, eram, também ali, paragens estratégicas… nas Alminhas rezava-se, andava-se mais um bocado, havia outra Alminha… Pronto, as Alminhas, a maior parte…pronto, ainda existem algumas, sendo que a maioria esmagadora já não tem a pintura, não é?, já não tem a parte da madeira… pronto… pintada. No *Second Life*, também há muita questão que é da narrativa, das coisas que elas contavam, não é, que as senhoras contavam… mais as senhoras que os senhores, pronto, elas também duram mais (risos) e menos homens. (Risos) Havia um casal…

MSS: Em Fontoura não entrevistei nenhuma senhora… Ah não! Entrevistei uma, a mãe do ex-Presidente da Junta, mas de resto é tudo homens. (Risos).

PL: Ah é? …Muito bem. Ali havia mais mulheres, também havia um outro homem. Havia um casal engraçado, muito engraçado: a Senhora Maria e ele, Senhor Ângelo, ainda me lembro do nome dele… que ele era do outro lado e ele atravessava o rio para vir namorar com ela … sim. Mas pronto é, na verdade, esta interação das pessoas que permite o acesso à parte imaterial destes lugares, ah… que era dos modos de vida, não é, que eram, obviamente, modos de vida muito duros. Lembro-me de me dizer: "ah sim, ela fazia a roupa para nós com o tecido da parte mais grossa do linho" que ficava muito áspero, não é, e ela "eu quando ia para o moinho, exatamente tem a mó, despia aquilo e deixava a mó passar para ficar liso. Só que depois aquilo rompia-se num instante e a minha mãe dizia, não sei, tipo o que é que se passa com esta roupa… aquilo era horrível, que era da parte mais grossa do linho, é que faziam o tecido para nós" …

MSS: Era para durar mais tempo, pois.

PL: (Risos) e assim, pronto. Há também esta questão da dinâmica com as pessoas a dar esta visibilidade. Eu quando fui agora ali à rua comprar o presente, a correr, depois a regressar para casa, há uma esplanadita, não é, está sempre aberta. Está "turistificado"… (Risos) Não se deve dizer assim! E estava uma senhora estrangeira, muito velhinha e tinha uma pessoa mais nova a falar com ela, num inglês manhoso, ou seja, ela não era, não devia ser daqui. Na realidade, a minha Rita Nóbrega que fez o trabalho de mestrado também a imaginar uma coisa para o turismo, digamos assim, a novidade da Rita Nóbrega é que a *App* permitiria ter uma camada de pessoas locais que se disponibilizavam para fazer de guias, não é, de guias locais, mas… Pronto,

em vez de ser aquele *free tour*, não é, que vamos ter alguém que leva um grupo, eu podia, no fundo, contratualizar uma pessoa local certificada que não, pronto, que nem ia correr um risco…

MSS: Isso com os *Local Guides*. Ou seja, se a Professora ajuda com fotografias e por aí fora, eles questionam, a partir de um certo número de visualizações, eles questionam, quer ser guia local do seu território? Depois, as pessoas dão mesmo um valor pelo facto de fazer esse *local guide*, digamos assim.

PL: Ah! Ok. Aquela ali, eu senti assim… será que esta é tipo uma acompanhante local das velhinhas turistas? Pensei… quando tiver a idade aquela velhinha, se calhar também quero chegar a um sítio qualquer…

MSS: Ter alguém, não é?

PL: Ter alguém mais novo para ir almoçar comigo e para voltar a ver os sítios em vez de andar…

MSS: É Professora. É uma coisa que… pronto … a Professora sabe que eu vivi em Inglaterra. E em Inglaterra, culturalmente, há muito respeito pela pessoa mais velha, não é? E, há muito aquela questão de que é uma coisa que, a mim, me faz alguma comichão, admito. Cá em Portugal "Ah! as rendas estão muito caras para os estudantes" e tudo mais. Mas se houvesse parcerias que permitissem que estas pessoas… por exemplo, em Braga, eu sei que há muitas pessoas que são viúvas e que vivem sozinhas e por aí fora, e que muitas vezes não é preciso um cuidado geriátrico, mas é preciso apenas uma companhia.

PL: Olhe! A Universidade do Porto tinha um projeto, não sei se ainda o mantém vivo, que eram idosos que acolhiam universitário, acho que não lhe pagava nada, mas era só vivia lá em casa, com pronto, com obrigação moral de perceber se a pessoa precisa que vá à farmácia comprar os medicamentos, o que traz coisas de supermercado, que almoça ou janta, outra pessoa para ter um bocadinho de companhia e conversa.

MSS: Eu tenho uma ideia há muito tempo na minha cabeça, mas eu nunca passei cá para fora, porque infelizmente algumas ideias que eu passo cá para fora, algumas pessoas… (gesto de quem rouba) … que ... não interessa nada! Também já saí do sítio onde isso acontecia. Já me despedi da Católica, portanto, não, já não corro mais risco a esse nível. Mas a questão aqui é … Eles fazem uma coisa lá fora. Eu não sei se em Inglaterra eles fazem isso. Eu não tenho muito esse conhecimento em Inglaterra, mas eu sei que eles fazem em territórios da Austrália e por aí fora, que há empresas que têm, por exemplo, um grupo de jovens ou associações, ou isto e aquilo e aquele outro, em que implementam tarefas ou no plano de atividades, implementam a escrita de cartas e essas escritas de cartas é contar uma história. Não tem de ser nada sobre a nossa vida pessoal, é contar uma narrativa. Depois essas histórias são replicadas em não sei quantas vezes e enviadas para as pessoas que vivem sozinhas. Pois, há sempre aquela questão, mas quem é que lê a carta, se às vezes, a pessoa não tem literacia? Então, mas quem vai lá entregar os comprimidos ou dar de comer ou uma refeição, isto ou aquilo, posso perfeitamente sentar 5 minutos e ler a carta, não é? Eu acho que era uma grande mais-valia aqui para Portugal, porque é um país extremamente envelhecido, não é, principalmente esses territórios rurais que muitas vezes as pessoas… por exemplo, aqui há um Centro de Dia em Fontoura e as pessoas começaram a perguntar se o Centro de Dia não se podia transformar num Centro de Noite, isto

porquê? Porque no Inverno é muito frio em determinadas zonas e algumas pessoas vivem muito lá na banda de cima, que é completamente… que estão completamente sozinhas, diziam: "Ah, eu não me importava de alugar uma casinha, caso vocês tivessem essa disponibilidade durante o inverno. Durante o verão, não é preciso porque os dias são mais longos, mas durante o inverno, eu gostava de ter algum tipo de apoio." Pronto. Agora está a ser trabalhado isso, mas é muito complicado porque depois aqui a IPSS não aceita que seja um centro de dia e um centro de noite, porque um centro da noite obriga a que haja um enfermeiro.

PL: É, só pode ser.

MSS: Há uma confusão, pronto. Mas há essa procura por parte das pessoas e se nós realmente queremos dar essa qualidade de vida aos nossos cidadãos, eu acho que nós temos de ter isso em pensamento. Ou seja, o que é que nós podemos fazer para criar melhor qualidade de vida? Eu concordo muito com aquele projeto que a Cláudia está a fazer, mas, se calhar, não é tanto pela realidade aumentada, dos velhotes experimentar em determinadas situações que eles até gostam, mas é ir mais ao fundo da questão e dar-lhe coisas simples que para eles é a mudança de uma realidade que é basicamente o mundo, não é? Estarem a ver um mundo completamente novo e que eles nem entendem muito bem aquilo. Seria interessante alguém pegar nessa ideia. Eu por acaso, quando me surge essa ideia - já é meio do segundo ano - e não deu para pagar nisso, mas gostava de implementar isso …

PL: Na escola de Verão em Vairão, este ano, pronto, o Júlio lá vinha que a história dos robôs e do não sei quê e, eu agora estou a fazer psicologia, não é? Foi por isso que há bocado falei da psicopatologia, olha e depois eu fiz uma intervenção, quer dizer, aquilo era para apoiar as pessoas, para tipo… mudarem o comportamento por causa da tensão arterial, pois as pessoas, se calhar, precisam mais de umas consultas de psicologia cognitiva ou comportamental, … os velhinhos e um abraço, do que propriamente um robô. Acho e depois, na verdade, estive a seguir uma defesa da Jennifer, devia ser da Jennifer ou foi de outra pessoa? Quem é que dizia da racionalidade? A não foi nas provas de doutoramento da Ana Melro, que uma arguente dizia: "mas será que isso não é um modelo de racionalidade invertida?" Por acaso nem nunca tinha ouvido isto! O modelo de racionalidade invertida é: nós é que criamos, digamos assim, a necessidade. Ou seja, o Júlio é que está a criar a necessidade de o idoso ter um robô para a tensão arterial, não sei quê. O problema nem existe, de facto, não é? E, depois volta atrás para tentar arranjar uma solução para o seu próprio problema. O Júlio está …

MSS: O Júlio está a fazer *Inbound Marketing*. O que ele está a fazer, está a arranjar problemas para arranjar uma solução para a empresa saber que tem de vir atrás de nós para nós resolvermos o problema de seguida.

PL: Enfim, às vezes complicamos muito, não é. E na verdade…

MSS: Oh, Professora, então se está a tirar psicologia, se quiser avançar com esta minha ideia, avance. O que eu quero é que as pessoas tenham qualidade de vida.

PL: Eu acho que que esses territórios pequenos tinham de pensar, na verdade, em coisas mais flexíveis e às vezes a lei nem deixa, não é, essa inflexibilidade de ter … a minha mãe teve… estava num sítio que era um lar, mesmo uma vivenda ou 2 vivendas depois da vivenda dela, uma

vivenda espetacular, com uma varanda, para aí de 3 m de largo em toda a volta, que dava o sol toda a tarde, em que os velhotes estavam ali todos. Enfim, os da Segurança Social e das Vigilâncias, não sei quê, começaram a infernizar o juízo porque o andar de cima, os quartos tinham teto inclinado. Eram altíssimos, tipo, eu não batia com a cabeça nem na parte mais baixa, não era o problema. Eles, na verdade, iam lá dormir, não passavam o dia lá. Uma casa com uma sala imensa, com uma lareira que eles adoravam porque são velhotes da aldeia, gostam da lareira, e não sei quê. Toda… Eu brincava com o meu irmão e dizia assim: "Olha, a mãe nunca teve um bronze como ela tem agora, nunca na vida!" porque estavam todos à tarde naquela varanda ensolarada. Pois, meteram-nos de lá para fora, é inacreditável com um jardim imenso que aquilo é um espaço imenso, com umas tílias enormes, elas punham cadeiras debaixo das tílias e os velhotes estavam lá debaixo das tílias, no verão, na relva. E eu penso, como é possível ter uma ortodoxia nos processos de decisão que nada interessa, se tem relvado imenso, estão debaixo das tílias, se tem uma varanda de 3 m largo em todo o redor da casa, que estão sempre a apanhar sol e vitamina B e alegria e não sei quê…

MSS: Exatamente.

PL: Não, porque o quarto tem o telhado que tem inclinação e aí não tem o pé-direito no ponto mais baixo, e não sei quê.

MSS: São por essas e por outras que…

PL: Mas olhe as palhotas são todas pequeninas, (Risos) tipo não precisam de um telhado de 2,40 m, pronto. Enfim, há muito… na verdade, há muita inflexibilidade nesses processos.

MSS: E no poder de decisão final… Sim, infelizmente. Não é dar a qualidade de vida, é quase que criar um regulamento que não se pratica em coisa nenhuma, nem nestas pequenas coisas.

PL: E é sim. É cumprir o decreto-lei …

MSS: "Ah! Temos de mostrar o exemplo." Não! Temos de dar qualidade de vida às pessoas.

PL: Sim, se calhar o exemplo, vamos lá começar ao contrário, não.

MSS: É por essa e por outras … Essa é uma das razões principais pelas quais eu deixei a arquitetura. E não foi uma situação de ânimo leve, não é. Eu deixei a arquitetura, porque eu considerei que muitas das coisas faziam-se pela porta do cavalo e aquilo, que supostamente devia de ser dar qualidade à população, era aquilo que se retirava mais. E eu não concordava com isso.

PL: Pois na verdade, eu acho que a arquitetura tem um papel muito importante de intervenção civil, de qualidade de vida. Era outro…

MSS: Pois, mas uns são filhos e outros são…

PL: Era outro curso que eu faria. (Risos).

MSS: … outros são enteados, Professora o problema, cá em Portugal é esse!

PL: Porque, na verdade, não é a arquitetura do grande nome que interessa. É a arquitetura que presta qualidade de vida às pessoas.

MSS: Exatamente, de todo o edificado, não é.

PL: E a qualidade do bem-estar que se sente num sítio, que é harmonioso. Pronto. Mas voltando aqui ao tema da questão do turismo e da tecnologia a apoiar o turismo, ele sempre tem de viver de conteúdo, não é? No outro dia, também dizia numa reunião, uma máxima de que era uma máxima da minha mãe, que era: "Sim, mas isso é o quê? Todos os sítios são casas, casos e pessoas, não é, e se lhe tirares a componente cultural, ela acaba." E ela tem razão, não é? São casas, casos e pessoas. E nós só vamos a um sítio porque ele é densamente cultural, não é? As pessoas querem ir aqui ou acolá. Eu dava o exemplo de Bilbao, era uma cidade completamente ignorada, não é, até ao momento em que passa a ter o museu do Guggenheim e Bilbao passa a estar na rota turística. Nós, no fundo, é a diversidade cultural que vai desde a diversidade gastronómica à diversidade das narrativas do fantástico, não é, daquilo que as pessoas contam do seu imaginário, o que é que faz alguém ir a Fontoura ou ir a Amiais, não é, no fundo é essa curiosidade da diversidade daquele lugar. Eu … o verão passado, há bocado, quando falava das plantas, também não era por acaso, deve ter sido já um ano letivo atrás, porque era a defesa de um mestrado de uma menina de biologia, mas que fez um trabalho em etnobiologia. É uma coisa interessantíssima. Ela era amiga de uma amiga de uma das minhas filhas. Ela disse, há de certeza que tu vais adorar o trabalho da Marta e disseram-me e eu disse quero ir ver. Toda a gente a olhar para mim, tipo, quem é esta estranha aqui? Colegas da biologia que nem me conheciam, tipo, "mas está aqui a fazer o quê?" Então, o que ela fez, foi aqui em Salreu, ao Norte de Aveiro, com os velhotes, não é, com os locais, o levantamento para o que é que eles usavam as plantas com fins medicinais, não é. Tenho uma dor de barriga uso este, tenho não sei quê uso este, até mesmo por isto e por aquilo, etc. E ela, depois foi … fez o levantamento das plantas, dos fins medicinais identificados por aquela população, e depois foi à literatura científica procurar se havia evidência ou não. Para todos encontrou evidência, ou seja, estudos científicos que mostravam que os componentes químicos daquelas plantas faziam efetivamente aquela função, pronto. E o único que ainda continua por a ciência não o ter demonstrado, não se ter dedicado é a canjinha de arroz para a diarreia, o arroz gerar prisão de ventre ou não. (Risos). Tirando isso, pronto, há todo um capital, não é, por este território, tem plantas muito diferentes, por exemplo, desta abordagem da etnobiologia que é completamente ignorado, não é. Muitas vezes ficamos nesse capital do edificado, muito de padrão religioso, porque conseguiram deixar uma marca, pronto, uma marca edificada no território, no fundo, uma cicatriz…

MSS: Trata-se disso.

PL: … uma cicatriz no território, uma coisa que é muito prevalente no tempo. Mas há depois toda a questão dos modos de vida que na verdade havia muito mais sustentabilidade, porque havia muito menos… também havia menos recursos, havia menos desperdício. E, é mesmo essa coisa do oferecer o excedente remete para essa ideia da solidariedade, mas também do não desperdício e no mundo que está completamente à beira do precipício, do ponto de vista da sustentabilidade, olhar para as práticas em todas as dimensões, não é, porque elas são também cultura. Quando as pessoas têm a sua ovelha, a sua cabra, as suas galinhas e depois aproveitam todos os excrementos para pôr no terreno, na verdade, é uma prática de sustentabilidade, que é uma prática cultural que vai decair por não haver passagem de geração, não é, porque houve toda uma mentalidade de desprestígio da vinculação ao rural. E essa mentalidade do

desprestígio deu uma descontinuidade de experiência, uma descontinuidade de conhecimento também. E há uma quebra geracional. De repente, há uma geração que nada sabe, não é, que não sabe sequer o tempo do ano, o período do ano em que se semeia feijão, não é, e que o feijão pode ser baixinho, o que pode ter de trepar, o que não sei o quê. Então, na realidade, essas aldeias podiam se transformar em laboratórios vivos, não é? E acho que é muito interessante transformar …

MSS: Sou eu que faço a gestão toda da agricultura aqui de casa. Ou seja, a horta, aquilo que eu semeio, aquilo que eu vou colher passado 3 meses ou 4 meses, faço as regas. Ainda ontem, tive 1 hora a regar toda a parte de cima onde temos as árvores de fruto e o professor Armando Malheiro está sempre a dizer-me: "Menina!..." é assim que ele me trata "Menina, a horta não coincide com doutoramento!" Eu gosto muito disso, ou seja, eu faço compostagem, tudo aquilo que eu corto tirando cítricos e cebola porque têm o próprio gás que não é bom, não é. Eu faço compostagem numa caixa, incluo essa compostagem para alimentar todas as minhas árvores. Aquilo que eu acabei de receber, ali, que ainda tenho de despejar aquele saco gigantesco do Pingo Doce, porque ela… porque é que a Palmira me veio trazer por causa de todas as ajudas que eu fui dando e, também, porque eu, no outro dia, dei uma caixa de ameixas porque nós temos, aqui, uma ameixoeira daquelas pretas que sabem a melão. Aquilo dá carradas de ameixas e fica o chão cheio de ameixas! Então, para mim, é muito complicado de ver desperdiçar comida. Eu não gosto de desperdiçar comida, então eu começo a distribuir por toda a gente… quem quer… até às vezes meto no *WhatsApp* quem quer ameixas? Estou em Braga no dia X. Podem passar lá em casa! (Risos). É que eu gosto mesmo! É uma coisa que me faz muita confusão desperdiçar comida ou ver a fruta no chão. Numa altura cheguei aqui, houve um temporal, cheguei aqui, depois de Barcelona, vi os pêssegos todos no chão! Fiquei doente!

PL: Sim.

MSS: Fiquei doente! Mas veio uma tempestade aqui, que fez cair os pêssegos todos, pronto. Não havia por onde lhes pegar… porque estavam todos picados, todos podres…

PL: É.

MSS: mas fiquei doente porque…

PL: … para as galinhas, as galinhas da vizinha!

MSS: … na altura de sair o meu Pai não me deixou tirar os pêssegos… Eu fiquei super mega irritada: "Estás a ver, era melhor ter tirado os pêssegos!" E ele: "Pronto! Na próxima estou calado.". E eu: "Exatamente". E pronto, Professora isto vai de encontro àquilo que falava…

PL: Mas, às vezes também há um *label*, não é, … imagine… às vezes, há uma etiqueta que se põe nas coisas que as torna mais atrativas, não é? E, *Fontoura Living Lab turismo* com a experiência integrada.

MSS: Na altura da pandemia, eu até apresentei isso no artigo de Espanha, de Barcelona, do *SocAnTur*, eu trabalhei casos específicos que são os Observatórios de Turismo que os… Espanha começou em Saragoça, salvo erro, que eles fizeram laboratórios rurais, ou seja, pequenas aldeias em que eles viram que eles tinham potencialidade, como é que eles trabalhariam a tecnologia na época da pandemia, de modo a transformar todos esses percursos pedestres, muitas zonas

de montanha e tudo mais, tudo em produto turístico de venda, para que depois, quando a pandemia terminar, se pudessem exatamente usufruir e tanto é que começou em Saragoça e houve 4 laboratórios rurais que eles criaram em Espanha e um já na Colômbia. Portanto, depois se a Professora também tiver interesse nesse material, eu também posso enviar, não há problema. Pronto. Indo de encontro aquilo que nós estamos a falar de manhã das estratégias do PT 2030, as estratégias visam a inovação, o conhecimento e a qualificação, a formação, o emprego, a sustentabilidade demográfica, que é um dos pontos que nós estamos a tentar perceber como é que podemos trabalhar aqui neste território rural, a energia, alterações climáticas e economia do mar, competitividade e coesão dos territórios do litoral e depois a competitividade e a coesão dos territórios do interior, que eu julgo que terá sido também um dos pontos que deverá ser trabalhado no sentido da exploração sustentável dos recursos endógenos, do desenvolvimento rural, diversificar a base económica para promover a convergência, garantir a prestação de serviços públicos a toda a gente e, a agricultura e as florestas também é uma realidade cá, não é. principalmente a nível, não só não tanto da agricultura atualmente, porque muitas das pessoas, que vivem cá, já trabalham fora da freguesia. Só as pessoas mais velhas e que se dedicam 100% à agricultura. Por exemplo, os meus vizinhos, eles não compram legumes, têm todos os legumes que eles próprios fazem crescer o ano todo. E, portanto, neste sentido, tentar perceber: será que as estratégias do PT 2030 vão de encontro àquilo que realmente é necessário para o desenvolvimento dos recursos endógenos das freguesias rurais ou dos espaços rurais, das comunidades rurais?

PL: É assim, as estratégias, objetivamente, não sei. Agora estes vetores são relevantes, não é, estes vetores que a Mónica acabou de referir, de enunciar agora, exatamente, o desafio está: como é que eles se operacionalizam? Eu, na verdade, acredito muito mais em estratégias do local para o global, do que iniciativas globais, porque… Acho que a mudança só se consegue efetivamente fazer ao nível local, e são os presidentes das juntas de freguesia, a dimensão de associativismo, depois, as câmaras municipais que conseguem efetivamente ir fazendo mudança, não é, a mudança também é trabalho de formiguinha. Eu acredito muito mais no trabalho de formiguinha nessas… nas pequenas coisas que se fazem, que alteram a qualidade de vida. Agora, é preciso, também, que estes locais digam, afinal, quem é que nós queremos atrair? Não é. Queremos atrair quem? E por vezes começando a atrair coisas muito específicas, pode fazer a mudança, às vezes oferecendo uma infraestrutura. E agora ocorreu-me por causa de estar a falar da pandemia e há uma coisa que é a *Fábrica Braço de Prata*, em Lisboa, que na verdade era uma fábrica de bombas, que também ouvi a história muito engraçada ao lado do diretor daquilo, que foram descobertas, bombas que não rebentaram e que eram trabalhadores da fábrica que as sabotavam e punham um bilhete dentro, em vez de pôr pólvora…, mas pronto, e esses tiveram problemas. Aquilo agora tem uma livraria e tem um restaurante e toda uma atividade cultural em Lisboa. E o que acontece é que eles … vem a pandemia, iam à falência porque não podiam ter pessoas, e como tem uma área interior muito grande, eles fizeram daquilo aparcamento para as autocaravanas e foi assim que se sustentaram. E em muitas destes sítios de interior, por exemplo, os autocaravanistas, quem tem uma autocaravana tem dificuldade em ficar, tem dificuldade porque ou fica dentro de um parque, mas por vezes esse não é o espírito, pronto. Na minha família, nós temos a minha nunca a conduzi, porque eu disse: "Eu ando de carro, tudo … coisa. Não quero andar…". Mas pronto. Vejo o meu irmão é que

usufrui e ele diz: “Olha, mas eu não tenho uma autocaravana para ficar dentro de um parque cheio de gente. Eu tenho para ter o prestígio de jantar ao ar livre, no cimo de uma montanha onde ninguém está!”. Mas depois, há na verdade o problema, um problema de segurança, porque há muitos assaltos a autocaravanas, injetam gás para adormecer as pessoas e não sei quê. E também, noutros sítios, porque há proibição, se tiver parado num sítio qualquer, pode ser multado. Eu percebi que, nalguns sítios, acho mais para o Alentejo, as juntas de freguesia começaram a ver nisso uma oportunidade, porque ao fazerem um parque que não é uma coisa muito sofisticada, não requer muito dinheiro, um parque que permite aparcar autocaravanas. Isso faz com que ele, depois, passe a estar visíveis nos percursos e nos guias do autocaravanismo. E as pessoas vão e ao irem, elas, no fundo, permanecem ali. Muitas vezes têm bicicletas, fazem caminhadas, percursos. E são estas pequenas coisas, como um puzzle, que acaba por pôr destinos no mapa. Pronto, ocorreu-me esta como, naturalmente, se pode pôr, por exemplo, como está… no caso de Fontoura, nos caminhos de Santiago e acaba por se conseguir dar uma visibilidade com essa dinâmica. Mas, são camadas que juntinhas vão… claro, se eu sou autocaravanista, que se eu chego, eu, de repente, sou notificado que afinal posso, sei lá, comer a broa da Tia Maria, porque é quinta-feira, é o dia que ela faz uma fornada e põe uma mesa do lado de fora da porta ou porque a Junta de Freguesia criou um largo e gera uma dinâmica em torno daquele sítio. Eu acho que não há soluções integrais mágicas. Há microiniciativas que todos juntas…

MSS: Fontoura conseguiu fazer isso! Fontoura tinha, na parte de trás do cemitério, tem lá um parquezinho que eles agora reabilitaram, que até tem a zona infantil com um baloiço e um escorrega para as crianças. Também tem a Capela, que é a Capela dos peregrinos, que é a capela … agora não me lembro do nome da Capela … só me vem à cabeça a Capela do Pópulo … e não é nada disso. E o André colocou lá a pedra a mostrar qual era o Caminho para Fátima e mostrar o Caminho para Santiago. Ou seja, as duas setas, uma seta azul e uma seta amarela. E, os peregrinos, é engraçado, porque eu já ao fazer as minhas caminhadas ao final do dia, principalmente agora no tempo quente, eu passo sempre lá e ao fazer as caminhadas, dou conta que os peregrinos estão todos lá a lanchar, a falar uns com os outros, a rir e por aí fora. Isso é extremamente importante, não é, principalmente ao domingo, quando o café está fechado. Ou seja, quando o café está fechado, não é domingo, à segunda-feira, eles têm esse ponto e depois têm o ponto da fonte também, ou seja, conseguem encher as garrafas de água e conseguem comer e ficar ali no convívio. E esses elementos são muito importantes, mas lá está, isso também foi uma coisa que foi sendo criada pelo André, não é. O André vai fazer 3 anos que está agora na Freguesia. E o antigo Presidente, o Rui, nunca tinha pensado em captar … o chamariz, digamos assim, através do parque infantil, que não é só um parque infantil, é uma zona que tem um jardim que está feito em formato circular e que tem bancos a toda a volta, portanto. A infraestrutura existe, não é.

PL: Sim.

MSS: Como a infraestrutura aqui do turismo rural existe, só que aí existe a infraestrutura do património, existe infraestrutura das rotas, só que as coisas não estão trabalhadas, não é. E, é nesse sentido que surge este trabalho, pronto. Há aqui uma pergunta que a Professora já respondeu anteriormente que eu não vou estar a passar novamente, portanto vou já à final que

é: “Considera que, para a geração presente e futura, a transformação digital é importante para a comunicação e divulgação do património, sobretudo em territórios rurais ou de baixa densidade?”

PL: É assim… Para a geração atual e futura, tudo passa pela tecnologia, não é, já não nos ocorre porque já está naturalizada, não é. Já não nos ocorre ir procurar uma informação ou qualquer outra coisa que seja de outro modo, não é. Obviamente que, se queremos um percurso, se queremos o que é que é tradicional daqui ou se é um alojamento, todas as camadas de interação vão passar pela tecnologia. Por isso, naturalmente, se queremos dar visibilidade a algo ou o que quer que seja, vai ser por essa camada, vai ser por essa camada digital. Acho que não há grande volta a dar.

MSS: Hipóteses de fugir disso?

PL: Acho que não há hipóteses de fugir disso, porque, pronto, é o mesmo, quer dizer … não vamos escrever como … manualmente com uma esferográfica, vamos ter uma caneta de tinta permanente *Xpto*, molhar no tinteiro, não! Tipo, olha, já ninguém usa isso, esquece lá … Logo, acho que isso é inevitável, não é? Agora também é um mundo muito … hipercheio, não é, está muito povoado, então há muita competição sobre a atenção do que é que as pessoas dão …

MSS: Acha que territórios como Amiais ou num território como Fontoura, que eles são semelhantes pela descrição que a Professora me fez, seria importante, por exemplo, os *Local Guides*, não é, aquela questão que nós falávamos ainda há instantes da sua aluna, serem, por exemplo, os residentes mais velhos da freguesia, aqueles que tenham mobilidade ainda, por exemplo, a contar lendas ou histórias de algum elemento, algum ponto específico, caso haja uma visita guiada e haja inscrições, e por aí fora. Ou seja, em vez …

PL: Eu acho que isso é muito importante, nem que …

MSS: … de seres gente de fora?

PL: Mesmo que não fosse a pessoa o tempo todo ou porque já não tem genica para o tempo todo, para já, isso valoriza muito a pessoa. Sente-se muito bem, sente-se muito valoriza e, depois, ela sabe do território aquilo que mais ninguém sabe, porque aquele que está de fora e aprende qualquer coisa sobre o território não tem a vivência. Então, não tem esse colorido, essa nuance, não é, esse perfume do tempo, não é, aquela coisa que fica, que amadurece … sim, eu acho que isso seria uma coisa muito, muito relevante. Acho que por acontecer ser muito velhinho, não se pudesse ser só o Presidente dos Estados Unidos, não é! pudesse ser mais alguma coisa. (Risos) Achei que outra vez ser chamado …

MSS: Pronto, Professora, neste sentido, a entrevista está terminada.

APPENDIX VII: FOCUS GROUP TRANSCRIPT

Transcrição – Grupo Focal

Data: Entrevista realizada em outubro de 2023

MSS - Mónica da Silva e Silva (investigadora/entrevistadora)

AV – António Vaz (sénior da Freguesia)

AA – Aurora Alpoim (sénior da Freguesia)

JR – José Rocha (sénior da Freguesia)

PA – Palmira Alpoim (sénior da Freguesia)

LA – Lourdes Alpoim (sénior da Freguesia)

LM – "Lina"/Maria Miquelina Matos (residente da Freguesia)

Grupo Focal/Focus Group

Mónica Silva (MS): Tá bom pronto, então agora que vocês já sabem qual é o pretendido, que é que nós vamos falar aqui? Vamos falar das antigas sobre Fontoura só isso? Vocês dizem-me o que vocês quiserem, está bem? Eu vou vos dar algumas dicas para ajudar à conversa e depois vocês falam sobre o que quiserem... Daquilo que se lembrarem?...

Não há..., não há respostas certas e respostas erradas, Palmira. Eu sei que está com um bocadinho de receio de dizer algum disparate. Nada é disparate. O que eu preciso que vocês aqui façam é falar e depois eu retiro a informação que necessitar. Está bem? Portanto, não é nada certo nem não nada errado, ok? Aquilo que a Senhora se lembrar é válido como aquilo que o Senhor Vaz disser, ou o que a Lola disser. Está bem? Não se preocupe, está bom? É a mesma coisa com a D. Lina e com a Lourdes.

A Lourdes já fez isto mais que uma vez. Portanto, já sabe que pode contar.

LA: Eu vou estar calada.

MSS: Não, não, não vai nada, está vai nada estar calada, não diga isso! Sim as histórias que sabe...

LA: Pouco.

MSS: Sabe sim, mas não interessa, mas sabe algumas. Pronto... portanto, aqui em Fontoura... agora que vocês já sabem tudo e já assinaram os consentimentos informados, aqui em Fontoura eu já entrevistei o Senhor João da Micas, que é o Senhor mais velho da aldeia. E ele falou que no tempo dele, de ainda ser pequenito, já se lembrava do carvalho que existia dentro da Capela do Pópulo.

E ele falou que no tempo dele, ainda de ser pequenito, já se lembrava do Carvalho que existia dentro da da capela do Pópulo.

Vocês têm memória, lembram-se dos vossos avós, dos vossos pais falarem. Da existência já do carvalho dentro da Capela do Pópulo?

AV: Na estrada nacional.

AA: Ah no Paço!

MSS: Sim!

JR: Aquilo ainda está de pé!

AA: Ainda lá estão as paredes!

MSS: Sim, mas vocês têm memória de algum dos vossos antigos contar alguma história em que a árvore não existisse lá dentro?

Todos: Não.

MSS: Não têm memória disso?

AV: Não, aquilo já existia assim ali!

MSS: E assim já em estado de abandono?

AV, AA, PA: Sim, sim!

AA: Era pequenina e havia ali um depósito de madeira, do lado de cima da estrada e já aquilo estava assim!

MSS: Então, já há muitos, muitos anos. Sim. Mas, também há uma história que dizem que há uma Capela de Nossa Senhora da Conceição aqui em Fontoura. Dizem que é lá em cima. Mas dizem que há outra que, pelos vistos, mudou do orago, quando houve um incêndio, que é na que vocês chamam a Capela de São Pedro, lá em cima. Quem vai para Gontumil.

PA: Não será ainda da Emília?

… Falam todos ao mesmo tempo!

AA: Mas aquilo ali não é Gontumil, é a banda de cima!

AV: E Gontumil é a banda de cima!

JR: Mas ali não é Gontumil, ali é Prado!

AA: É Prado é!

MSS: Na Quinta da Poça do Monte… porque um jornalista de Braga escreve sobre determinados territórios aqui do Alto Minho, e o jornalista José Carlos escreveu sobre Fontoura. Eu entrevistei-o já e ele disse-me quem lhe deu a entrevista foi o Padre Gonçalo. (Não consigo entrevistar o Padre Gonçalo por ser um homem muito ocupado). Então, a questão aqui é, pelos vistos, houve um incêndio na Quinta da Poça do Monte, já há muitos anos atrás, acho que nem sequer é da época dos vossos pais e houve uma mudança de Orago, porque nas Memórias Paroquiais de 1755, aparece exatamente a dizer que houve um pedido de mudança de Orago, porque houve um incêndio muito grande que destruiu a dita capela que depois teve que ser reconstruída. E nesse sentido, vocês chamam-lhe a Capela de São Pedro, salvo erro, e diz-se que ali, naquele lugar, havia uma capela chamada Capela de Nossa Senhora da Conceição. E está exatamente isso nos registos do jornalista.

PA: Sim, sim!

AV: A Quinta da Rocha? Aquela da Rocha…

PA: É dessa que eu estou a falar!

AV: Mas aquilo existe!

PA: Pois existe!

AA: Essa existe! Essa Capela existe! E prendia a mãe!

MSS: Prendia a mãe?! Conte lá isso!

AA: Ela não estava boa da cabeça!... Mas essa rapariga depois chegou a uma altura, porque ela é prima da Alice dos Regos, … e chegou uma altura que ela não marchava da cabeça! E então como não marchava bem da cabeça, ela vivia com a mãe e tinham a Quinta!

MSS: Exatamente.

AA: Chamam-lhe a Quinta da Amélia. E ela, pronto, lembrava-se, metiam-se dentro da Capela as duas, ela fechava a porta por dentro e ficavam ali! Até os vizinhos se aperceberem e depois…

AV: Ela era compulsiva!

AA: Ela depois andava sempre internada! Ela nem sabia o que fazia!

MSS: Lola, mas chamava-se Quinta da Amélia porquê? A mãe chamava-se Amélia!?

AA: Porque a mãe chamava-se Amélia!

LM: Ó Tia Aurora essa não era aquela rapariga… aquela senhora que eu recordo-me de ela ir comungar levava o lenço assim [enfiado na cabeça]… só se via o nariz!

AA: Era, era! Ela está… não sei se já morreu!

LM: Não, não!

AA: Não?! Ela agora está num lar em Coura.

LM: Ou em Vila Praia de Âncora?

AA: Não sei!

AV: Está na Gelfa!...

AA: Não sei, porque ela tinha um irmão e depois o irmão morreu e depois a cunhada é que tomou conta dela!

LM: Pois… E quando ela foi internada ela recebia o rendimento mínimo. Porque até quem tomava conta dessas coisinha era ali a Luísa. E depois iam lhe levar lá, pronto, as compras. E depois uma altura ela começou a piorar, a piorar e depois a minha Lena e a diretora e uma praça da Guarda foram-na levar para internar... Por isso é que eu digo que ela deve estar lá para baixo, para porque Vila Praia de Âncora!

AV: Está na Clinica Psiquiátrica!

MSS: Sim, é na Gelfa, não é Sr. Vaz? Ainda continua a ser a Casa Psiquiátrica na Gelfa!

AA: E a casa… e essa Capela tem telhado e tem tudo!

MSS: Aquilo tem escrito S. Pedro em letras grandes, não é?!

AA: É, é isso!

… vários participantes a falar…

MSS: Mas pelos vistos vocês os Fontourenses, chamam-lhe Capela de São Pedro, mas ela originalmente é Capela de São Félix. Mas diz ali no jornal, … . Pronto, ok. Agora, já houve aqui um boticário, não já? Vocês lembram-se disso? Um boticário, tipo uma farmácia.

AA: Eu sei. A minha madrinha… elas é que sabiam muitas coisas disso.

MSS: E a Lola não se lembra das histórias que lhes contavam?

AA: Não, eu lembro-me da minha madrinha contar que no lugar daqui da Lourdes, ali havia um alfaiate! Havia um alfaiate!

MSS: Mas onde é a casa da Lourdes, agora?

AA: Sim.

… participantes a falar todos ao mesmo tempo…

LA: A entrada era por cima pela Quimgosta [caminho estreito que separa duas casas]. E havia uma casinha velha lá em cima!

AA: E tinha la a lata, que fazia uma avenida! Pois ali havia um alfaiate que fazia ali fatos! Mas um alfaiate de luxo!

… participantes a falar todos ao mesmo tempo…

MSS: E a farmácia? Ninguém se lembra da farmácia? Senhor Vaz, não se lembra da farmácia aqui nem de ter ouvido tal coisa? A existência de um boticário… dizia-se que era ali perto da Quinta de São José.

LA: O que eu sei é que a minha tia era a enfermeira aqui ao redor todo.

LA: E no outro dia, falei-lhe "Oh Tia, tinha uma caixinha onde você guardou as agulhas. Eu via… ela punha água quente… E

AA: Depois já começou a haver mais!

LA: E ela tinha trabalho!

… confusão de discurso…

AV: Punha-se a ferver as agulhas dentro de um recipientezinho! Hum…

LA: Com aguardente!

AV: As agulhas… A agulha era sempre a mesma. Já andava a romba na ponta… não dava para trocar! A ferver e tocar nos lados já…

LA: Ainda no outro dia falei disso. "Oh Tia você guardou a caixinha onde você fazia as agulhas…". E ela disse que sim.

LM: Mas ainda era as seringas de vidro, não eram Tio António?

LA: Eram aquelas seringas de vidro. As pessoas faziam bicha à noite, ao pé da porta… Ela era uma pessoa que não era enfermeira nem nunca foi na vida! Mas era curiosa…

MSS: Mas pronto era a pessoa que ajudava aqui na freguesia!

AV: Eu comecei a dar num porco… andei 16 dias a dar injeção. E era um porco tão pequeno, tão pequeno, tão pequeno que comprou-o o Zé Sabino… para matar lá para os Santos [01 de novembro], na altura que matavam os animais no dia dos Santos! Tinham lá um barracão grande, sal, e no barracão de madeira ao pé da Tasca… e vieram buscá-lo num carro de bois e saltou o carro de bois, daqui até lá 3 vezes!

AA: Era muito comprido… preto!

AV: Então adoeceu!

… confusão de discurso por falarem todos ao mesmo tempo…

AV: Depois já mal respirava… Deram-lhe porrada para ele virar o cachaço para lhe dar do outro lado! E ainda para ali e dei, dei, dei… um certo dia, chegou-se à corte e estava o porco levantado!

AA: Ah pois porque ele depois andou solto!

AV: … Depois eu não o quis, não é?! Estou a ser ouvido?

MSS: Está sim!

AV: Pronto!

AA: A gente depois também lhe dava pena!

…

AV: Levou tanta medicina lá para dentro que eu para matar em casa,… escondi um bocado a cena! E o porco estava perfeito, vivia perfeitamente! Aprendi a dar injeções na mulher e a dar a quem… Até que uma altura dei num… para o Américo fui lá ajudar no tasco!... e estava lá uma moça nova…

LM: Não me diga que lhe deu a injeção no… (risos)

AV: E ela para aguentar… "Ai tenho que levar uma injeção… tenho que levar uma injeção!" Eu dou-lhe a injeção! Fui lá para o anexo lá para trás, ela puxou para baixo, até puxou demais, e eu dei-lhe no rabo!

… conversas paralelas que não se compreendem…

AV: É fácil, é fácil!

MSS: Dizem que o porco é o animal mais parecido com o ser humano, não é?

AV: Que é que tem a fazer? Aperta-se um bocadinho, ter a agulha preparada… puxa-se um bocadinho para perder o ar, …

MSS: Então vocês para irem à farmácia tinham sempre de ir a São Pedro?!

AA: Sempre!

MSS: Sempre, desde que vocês se lembram? Desde novinhos?

AA: Sim, sim! Quem lá estava era o…

AV: Era um farmacêutico, o Sr. Angelo. Pai… avô da atual diretora…

LM: Da Isabel!

MSS: Ah sim, sim!

AV: Era o seu património e herdou aquilo! E a mãe dela também igual!

MSS: E o que é que vocês têm a dizer sobre a lenda de Fontoura? Ou sobre as lendas de Fontoura? Uma é ali da Casa Alta, não é? E a outra, é da Rainha Santa Isabel que fez o Caminho de Santiago, lá em cima e aí!

LA: Mas a lenda era… a dona da Casa Alta recebia o pão dos pobres…

AV: Não, isso é outra coisa!

LA: Isso também é uma lenda!...

AV: Não é uma lenda, é uma realidade! Havia a família da…

MSS: …da Dona Cristina, da Casa Alta!

AV: … da família ser sustentada por… gente que por vezes, tinham as propriedades e tinham que entregar àquela casa uma certa quantidade…

MSS: Mas isso há muito tempo, Sr. Vaz?

AV: Acabou no 25 de Abril!

MSS: Ah ok! Vocês lembram-se… Eu lembro-me da minha avó contar muitas vezes as histórias de que as pessoas se agarravam às grades da Quinta de São José, que era a Quinta do António Champalimaud para não ir para a guerra! Vocês lembram-se disso?

AV, AA, PA: Não…

MSS: Não se lembram disso? As pessoas que se agarravam às grades ficavam isentas, digamos assim, de ir para a guerra! E não se lembram dessa gente da família Champalimaud aqui na freguesia?

PA: Eu não!

MSS: Na Quinta de São José?!

AA: … isso era… do engenho do Rocha, que é irmão desta Amélia!

JR: … e iam lá dizer a missa! O padre ia lá dizer a missa! Nessa capelinha!...

MSS: Já que o Sr. José falou dos engenhos… aqui na minha maquete vocês conseguem ver aqui [a investigadora a apontar] esta linha de pontinhos pequenininhos e aquela azul, são, exatamente, a rota dos moinhos que nós já descobrimos aqui na freguesia.

AA: Tem muitos… sim!

MSS: Vocês lembram-se de alguma história caricata…

AA: E ainda há para a Aviosa!

MSS: Pois para a Aviosa ainda tenho que ver com a D. Lina. Aquilo que nós falamos! Lembra-se D. Lina?

LM: Sim, sim!

MSS: Porque eu aqui para baixo ainda não tenho nada!

LM: Eu vou lá contigo, se ainda estiver lá!

AA: Havia um lá em baixo, perto do Tio Zé Caldas!

PA: Ainda é!

MSS: Neste momento, temos 24. Temos do Regato da Grova e do Regato da Azevinheira, que vem de Paredes de Coura! Já temos o levantamento de 24!

PA: Eu tenho alguns nomes, mas outros mudaram também…

MSS: Mas diga…

PA: Tenho aqui anotado! Tenho no Outeiro [Regato da Grova], o primeiro moinho é do Pinto dos Alfaiates…

MSS: Nunca ouvi falar desse nome… pelo menos se eu o tenho marcado aqui na maquete e aqui também no meu documento, não está com esse nome! Mas diga que assim fica gravado e assim eu também posso depois…

PA: O segundo é do João Eduardo; o terceiro Manuel Jonas; o quarto não me souberam dizer o nome…; o quinto Eduartina; o sexto Adelino Ribeiro e Palmira Ribeiro, de serração de madeira.

MSS: Esse não é depois da ponte, depois de passar a ponte? Esse da serração que a Palmira está a falar… tem ali na zona… depois de passar a casa da Palmira tem ali duas zonas da estrada que apertam… que são duas pontes, não é?!

AA, PA: Sim!

MSS: Essa que está a falar, de que falou agora não é depois da ponte, abaixo?

AA: É!

MSS: Não é à frente da casa da Tia Laurinda? Perto da casa da Tia Laurinda, onde morava a madrinha da minha mãe?

AA: Ah pois ali à beira do Cantoneiro! E… há ali uma casa que era da Tia Laurinda!

AV: É um moinho grande!

MSS: Exatamente, mas está todo cheio de silvado, não é, Sr. Vaz?

AV: Não! Meteram lá alguém…

AA: Quem está a restaurar um é o Ribeiro!

MSS: Ah, o Sr. Francisco não é?!

AV: É!

MSS: Mas estou a dizer mais acima, ainda mais acima!

AA: O Outeiro tem que ser mais acima!

AV: Não há ali um outro da parte de cima?!

AA: Sim, da parte de cima!

JR: Se é da parte de cima, é perto da ponte!

AA: Depois havia outro da parte de cima…

JR: E ainda lá está!

PA: Depois o que tenho é…

MSS: Sim, diga Palmira!

PA: De São Bento para baixo [Regato da Azevinheira] é primeiro das Portelas; depois Contença, Moinho do Castro; Moinho da Casa Alta; Zé Covas; Amélia da Rocha; Laurinda do Ferreiro; Tamancas Esperança do Lino; Engenho Júlia Rocha, moinho de serração de madeira, azeite e farinha;…

AV: Exato, ao pé da escola!

PA: Quinta de Santo António e António do Carmo.

MSS: Ok. Deixa-me tirar uma fotocópia a esse papel, depois?

AA: Mas ainda havia mais…

LA: Mas o Moinho do Enxofre não está aí marcado!? Que é aquele que está agarrado à Quinta da Dorinda… havia ali um moinho que era abaixo de Santo António que era… que o Tio João falou…

MSS: Sim, que o Sr. João da Micas referiu, exatamente!

PA: É talvez o terceiro que falta aqui…

LA: E depois a seguir há outro que é do Manel do Carmo que está mais à frente…

PA: Isso está aqui, isso está aqui!

LA: É o do Enxofre e depois a água do Enxofre ia para o do Manuel do Carmo!...

AV: E o de Carvavelha!?

LA: E depois há outro mais em cima!

MSS: Há um em Carcavelha, sim! Até está colocado no GoogleMaps e tudo! Está referenciado lá, especificamente.

AV: Está operacional! Está operacional, isto é, compraram aquilo… está restaurado esse!

MSS: E o Bombeiro Miguel restaurou um também aqui na Quinta de São Miguel, na Quinta do Professor Caldas!

AV: É o do Manuel do Carmo!

MSS: Ah ok!

LA: Este do Enxofre, eu ainda me lembra de ser pequenina e a minha avó trabalhar esse Moinho!

PA: E era aonde, onde me disseste?

LA: Era, era…

AA: Era entre o do Manuel do Carmo e a Quinta de Santo António!

LA: É entre os dois!

… conversas paralelas para se detetar a localização dos Moinhos…

MSS: Há este aqui da Tia Palmira!

AV: Sem esse! Abaixo, lá no fundo, na Várzea, um está em ruínas e o outro está recuperado!

MSS: Ai foi reabilitado?

AV: Foi recuperado pelo…

MSS: Mas é possível chegar lá, Sr. Vaz?

AV: É!

LA: Porque foi a minha avó que o trabalhou!

AV: Se vai daqui, para a Ínsua… onde a estrada alarga, … tem lá um e o outro está mais acima!

MSS: E depois vai desaguar neste aqui deste lado [apontado na maquete], mais à frente!

AV: Em frente… vira á direita, tem ali uma estufa em cima e mesmo junto da estrada, em frente à ultima casa e vai dar a esse tal!... Que vai alimentar o de cá de cima, debaixo de uma casa que há ali, que é a única casa que há ali sozinha, do lado direito, há ali um Moinho!

… continuam as conversas paralelas para se detetar a localização dos Moinhos…

AV: Tinha que estar sinalizado! E é alimentado pelo que vem de cima… Agora nem rega as propriedades nem nada…

MSS: Está tudo a seco, não é?

AV: Depois lá para baixo [Aviosa] há mais!

MSS: Sim! Aqui para a zona de baixo que é ali para a zona da Aviosa e assim, fiquei de ir ver isso com a D. Lina! Olhe Palmira eu aqui tenho…

PA: Não, não… agora não interessa! Quero do antigamente!

AA: Era da Lina do Atolas!

AV: E está sinalizado aí aquele ali do… de Rio Torto?!

AA: E depois há o do Enxofre, outro! Que era na testeira do campo do Tone Gato. Não sei de quem era… sei que depois o hérdimo que fizeram… aquilo era do Zé Carolino, devia ser… aqui do avô da Maria Rosa!

AV: Há aquele ali, aquele ali ao pé da casa do Engenheiro!

AA: Pronto, esse já se sabe!

AV: E depois há o que comprou o de São Pedro!

AA: Pois!

AV: Os outros são na Aviosa!

AA: E depois há… o do Mário do Rego!

AV: Está sinalizado? Sinalizaste aí? [questionar a PA se já tinha escrito na lista que foi entregue à investigadora no final da entrevista]

AA: Depois do Mário do Rego havia outro! Na testeira do Campo do Tone e depois há outro em Baçalonga, la em baixo no fundo!

AV: É para a Aviosa?

AA: Perto da Aviosa, não! Ainda mais para baixo! É nos campos ali, no meio dos campos! Trabalha-os a Lina!

LM: Não, eu já não trabalho lá, não!

AA: Pronto! Mas trabalhaste lá um que era das Cruzeiras?!

LM: Sim!

AA: Das Cruzeiras… a tua…

MSS: Da minha família? Ai é?

AA: Não o vosso não tinha Moinho, mas é ao lado!

LM: Que é agora o campo do Zé, que ele comprou e uniu!

AA: Pois, mas há outro Moinho aí! Não é nesses campos, é ao lado desses campos! É o último antes de chegar à Aviosa! Por ali abaixo havia muitos!

MSS: Então há muitos pontinhos para pôr…

AA: Sim, sim! E depois há o Moinho do Carvalhal!

JR: Isso é do outro lado!

AV: É do lado de lá da ponte que vai para a Ínsua! Já não pertence aqui! Fica em São Julião!

MSS: Ah esse tal de São Julião é o que fica aqui [apontado na maquete, na zona externa à área limítrofe de Fontoura].

Todos: É isso, é isso!

MSS: Exatamente, que é onde estas águas supostamente… Olhe fica ali, onde está aquele ponto verde, na maquete!

LA: Esse é do Carvalhal!

MSS: Exatamente! Que é onde vão desaguar as águas destes dois, da Grova e da Azevinheira vêm aqui desaguar ao Carvalhal!

AA: É!

MSS: Pronto! O que eu tenho aqui de Moinhos que foi o levantamento que nós já fizemos com a ajuda do André [Presidente da Junta], com o Sr. João da Micas e com o Tone do Guardal! É o Moinho da Azevinheira, que é represa em Gontumil, que é esta linha aqui verde que vocês vêm [na maquete]; o Moinho Bento Gaspar, acima de São Bento, no Monte do Vale do João…

AA: Que é ali em cima!

MSS: Pronto. Depois o Moinho de Contença I e o Moinho de Contença II. Depois tenho o Moinho Pinto Caldas/Formigal, da Carcavelha!

AV: Pois, é o tal!

AA: E depois também há o Engenho do Carvalhal…

AV: Já está dito esse.

MSS: Sim, estou a descer. Estou a descer a montanha! Depois há o Moinho da Família Rocha, que pertencia à Tia Laurinda…

AA: Tia Laurinda do Ferreiro!

MSS: Depois Moinho Tio Oliveira e Tia Aurora…

AA: Devia de ser o do…, não, não… o que comprou o, Zé Covas!

PA: Abaixo da tua madrinha [a falar em direção ao AV]

AA: E depois há o vosso… o que era dos vossos parentes…

PA: Sim, sim!

JR: Mas ali havia ainda mais dois Moinhos! Tem lá as paredes! Antes de chegar ao Capitão, tinha dois moinhos por lá cima…

AV: Esse do Capitão.

MSS: Era de que família?

AV: De que família era?

AA: Era da nossa família!

AV: Estou a falar do que herdou!

AA: Era da família da Tia Aurora.

MSS: Então o que o Sr. Vaz está-me a dizer é que entre o Moinho da Família Rocha e o Moinho da Tia Aurora, há mais dois? Dois Moinhos?

AV, JR: Sim há!

MSS: Ok. Depois tenho aqui Moinho dos Tamancas, Família dos Tamancas. Depois tenho Moinho dos Lanheses, na Pereira. Depois… que é perto da Serração Rocha.

AV: Então já é cá em baixo! Há uns Moinhos acima! … do campo do Carmo e do Elidório, acima!

MSS: Há lá uma estrutura muito grande que se vê, que o André disse que era a serração!

AV: Que é ali em baixo ao pé da ponte!

MSS: E que na própria serração existe um Moinho ao lado, mesmo ao lado!

MSS: Ok, isso é para baixo, não é? Ok! Depois tenho aqui Moinho de Santo António, Casa Gonçalo. Será esse de farinha que a Palmira estava a referir?

AV: Santo António tem que ter um! Lá tem um.

AA: Tem um Moinho tem!

MSS: Depois, Moinho do Enxofre, mais abaixo! Já não é existente! Pai do Sr. João da Micas faziam a exploração deste Moinho. Após um incêndio foi transformado num Moinho para moagem de milho.

AA: Pois, é o dantes de chegar ao Manuel do Carmo.

LA: Pois, é esse!

PA: Já tenho aqui, também [na lista].

MSS: Depois tenho o Moinho da Abeçada. O Moinho da Abeçada é o Moinho do Manuel do Carmo?

AA: É, é esse!

MSS: OK. E que foi recuperado, perto do regato. Que é exatamente o que o Bombeiro Miguel, também, já me enviou as fotografias. Ok! Depois tenho Moinho de Bergadelos, a seguir!

AA: Esse não sei…

MSS: Eu estou a aprender com vocês e vocês a aprenderem comigo!

AV: Estamos a falar… o Moinho normalmente é ao pé dos regatos!

MSS: Sim!...

AA: E havia o da minha madrinha! Lá na quinta!

AV: Neste momento ainda estamos lá em cima no que é do Manuel do Carmo.

MSS: O do Bombeiro Miguel, exatamente! O que eu estou a dizer é o seguinte a esse! O Moinho de Bergadelos!

… a discutirem onde será este Moinho…

MSS: E depois ainda tenho mais três, Sr. Vaz! Depois tenho o Moinho da Várzea I, que é do Serafim das Serras; o Moinho da Várzea II, em Candosas; e a ligação à freguesia da Silva com o regato!

AV: Vindo dessa direção para baixo, os da Várzea [Várzea I e Várzea II], mas depois ainda há mais para baixo, que é o de São Pedro!

AA: Que vai para a Aviosa. E havia mais dois, ainda devem estar lá as pedras!

MSS: Aqui é o da Tia Palmira, Sr. Vaz [apontando para a maquete]. Depois vira para aqui, para o do Carvalhal. E nós aqui temos estes pontos soltos [na maquete] que são os ditos Moinhos que nós achamos que existem, mas que ainda não fomos lá confirmar!

AV, LM: Mas existem, existem!

AV: Existem o da Várzea I e o da Várzea II…

MSS: Mas a minha questão é…

AV: E Candosa, está lá, mas existe mais para baixo.

MSS: Mas a minha questão é: Se o regato para aqui [Carvalhal], qual é o regato que transporta água para aqui [para os pontos ainda não confirmados], que água vai para esses?

AV: Ah muito bem!

AA: O regato eram encharcadas adubadas! Havia umas motas no rio…

MSS: Que são umas motas, Lola?

PA: São encharcadas, onde ficava a água!

LA: Eram uns caminhos!

AA: Encharcavam a água para entrar para dentro dos campos e para os Moinhos que havia..

MSS: Ah ok. Para os Moinhos que havia mais para a frente para serem irrigados pela água! Por cada consorte tinhas x horas de água!

AA: Era assim!

AV: A água chegava a determinado ponto que… depois era canalizada através de regos a céu aberto [motas], para apanhar de outro para ter peso para cair… era a base que fazia a água andar.

MSS: Ok! Sim. E o Moinho que fazia esse peso dava depois água e movimento para o próximo que surgia!

Todos: Era isso! Sim!

MSS: Ok.

LA: A isso chama-se a mota. A mota era a água que vinha do rio que eles desviavam…

AV: Uma mota, uma represa,…

LA: Chamava-se a mota.

MSS: Não, ok! Eu quero dar o termo original aqui da freguesia.

…

AA: … nós trabalhávamos… era mais alto que o rio, que o regato que passava… e quando era mais alto! E nós íamos… havia uma mota em cima, a água entrava na mota, entrava na terra adubada e depois metíamo-nos num rego com um cesto e até botávamos a água já para a

manguela. Tínhamos uma manguela, chamavam-lhe a manguela… era um pedaço de terra estreito e depois em baixo é que já a água entrava.

AV; AA: Era assim.

AV: Funcionava assim, como uma nora. Trazia manualmente o que era para a terra. Estás a entender?

… conversas paralelas a contar como era o dia-a-dia aquando trabalhavam os campos…

MSS: Ah ok! Do regato da Grova que são esses pontinhos azuis que vocês vêm aí [na maquete], mais aproximados da Lola tenho: o Moinho do Outeiro I, foi assim que nós lhes demos os nomes porque não sabíamos o que é que lhes havíamos de lhes chamar. Que é o do lado direito da EN201, cruzamento Café Cantinho de São Miguel. Depois temos, Moinho do Outeiro II que está limpo que é na Grove da Tia Aduzinda.

AA: Ai o da Aduzinda! A Aduzinda do… pois… do… do moço que morreu que era irmãos do Isidro e do Alcindo e a Aduzinda… [a falar com o AV]… Mas eles eram…

AV: Onde era isso?

AA: Deve ser por baixo da casa deles, naquele regato que vem por ali abaixo que vem ter aos Cantoneiros, cá para baixo!

AV: Ah!

MSS: E está limpo esse Moinho. O André foi comigo lá e está limpo!

AA: Pois, ali tem um regato! O regato vem dar cá baixo…

MSS: À estrada!

AA: Pois!

JR: Tem um, depois antes da ponte tem outro, depois da ponte tem outro!

AV: Esse é do Jonas! Não está aí o regato!? [na maquete]

MSS: O regato é a marca da linha, Sr. Vaz!

AV: Então isto é assim: este é o que te falei. Aqui é estrada nacional?

MSS: É, sim!

AV: Pronto! Então tem aqui este, mais outra, mais outro, este aqui [abaixo da estrada nacional] é o de Jonas. Tem dois, no meio deste! O do Manuel João é este aqui ao pé da estrada [pelo lado de cima]… Mas há aqui dois… quais são esses dois!?

MSS: Pronto, eu tenho aqui… então o primeiro, não é, é esse no cruzamento do café O Cantinho de São Miguel; depois tenho o tal da Tia Aduzinda; depois tenho o outro que está em ruína, que nós lhe chamamos o Moinho do Outeiro III, não tenho nenhuma informação sobre ele!

AV: Este passa na bouça da família da Palmira, da tua madrinha.

AA: Pois é isso!

MSS: E depois temos o Moinho da Ponte I, que é a ponte apos o Café O Cantinho de São Miguel; depois temos o Moinho da Ponte II que está em ruína…

AV: Já da parte de baixo!

MSS: Sim! E depois temos o Moinho da Ponte III que também está em ruína, no Outeiro. Depois temos o Moinho do Grove I que foi recuperado, na Municipal 1063; e depois o Moinho da Grove II que é o Moinho do Sr. Francisco, o irmão do Sr. Joaquim.

AV: Tens aí a localização deste Moinho?

MSS: Supostamente foi aquilo que eu vos disse!

AV: Este [apontado] está identificado. Este [o seguinte] também está identificado!

MSS: Quantos pontinhos tem aí, Sr. Vaz… 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, e 8. São os oito Moinhos que eu tenho aqui! Ou seja, o primeiro que é o do lado direito da EN201; depois o da Tia Aduzinda; depois um que está em ruína; depois outro que não existe já, que fica depois da ponte do Café O Cantinho de São Miguel; depois outro, segunda da ponte que também está em ruína; depois há o da Ponte III que também está em ruína…

JR: Mas tem outro…

AV: Ah, tem outro, em cima do rego, em frente à casa do Miguel?! E tem outro cá em baixo! E de quem é aquilo?

JR: Não sei!... da casa do Miguel!

AV: Tem um perto da casa do Miguel, é esse que tu dizes!

JR: Esse é em cima, lá no alto! Este é logo a seguir à casa tem um…

AV: Ah! Mais para baixo! E de quem é?

JR: Isso não sei!

AV: E de quem é Palmira?

MSS: O problema de sempre…

PA: O Zé Gordo, é como ele se chama!

AV: Mas…

MSS: Vocês têm de fazer uma assembleia na Junta para se descobrirem estes Moinhos todos! Cada um dá o seu palpite e depois vai-se lá ao terreno… [risos] é assim que se consegue descobrir, de outra maneira não se consegue, até porque muitos deles já não existem, outros estão debaixo de silvado, outros estão debaixo de montes de terra!...

PA: Exato!

MSS: Não é? Porque com os deslizamentos das terras e os incêndios, e essa coisa toda, quantos Moinhos devem estar debaixo, não é?!

AV: Aqui [a apontar para a maquete] …

PA: Pois alguém deve saber!

AV: Mas ainda há outro! A chegar ao…

JR: … havia, agora não sei! Aqueles dois ainda estão de pé!

AV: Aquele do Ribeiro…

PA: Aquilo que ele me deu foi o primeiro Moinho Pintos Alfaiates; o segundo João Eduardo… lá em cima! A seguir Manuel Jonas; o quarto não me soube dizer o nome; o quinto da Eduartina; …

AA: O do Jonas já é em Prado, não é?!

PA: Não… começa lá por cima!

MSS: Sim, normalmente nós começamos sempre do monte para baixo!

PA: Pois!

MSS: Que é conforme vem o regato, não é?! É a ordem da água, digamos assim!

AV: Pela ordem da água!

PA: Pois, porque antigamente, …

AV: Pois, vem de cima para baixo…

MSS: Sim, ascendente, exatamente! Do ascendente para descendente!

LA: *… não se entende o que diz…* [mas falavam da continuidade dos moinhos]

AA: E também ia para a Contença!

LA: E também há, exatamente, o que ia por lá por baixo e o Moinho estava lá no alto! Mas eles iam buscar a água ao rio lá cima, pelo caminho, a tal mota, durante a noite… iam toda a noite buscar a água… para eles puderem moer a farinha… eu lembro-me da minha mãe por o moinho a trabalhar à noite, e a água iam busca-la lá cima…

… conversas paralelas sobre o trabalho nos moinhos… sem compreensão de discurso…

LA: O Moinho dos meus avós…

AV: Pode ser bem isso… Pode-se identificar este moinho e aquele!

MSS: Comecem aí a picar qualquer coisita, vá!

AV: O Zé vai tentar saber de quem é este e de quem é aquele!

MSS: Então, Palmira para o próximo mês ligo-lhe para saber se já sabe!

AV: Sabe, sabe! É fácil!

JR: E ali em Carcavelha também havia… do Pulha tem lá um Moinho!

AV: Da propriedade do Pulha!?

[*O José Rocha fala sobre a existência de moinhos na área a Carcavelha, outro regato, mas não se entende o discurso…*]

AV: Já levaste a tua parte!

… conversas paralelas sobre o trabalho nos moinhos… sem compreensão de discurso…

MSS: E depois minha gente, peço-vos… desculpem estar a interromper, e depois ainda tenho aqui mais dois Moinhos, que fazem fronteira com São Julião e Silva. Que nós lhes chamamos Moinho Ínsua I e Moinho Ínsua II. E portanto com estes moinhos todos que eu vos disse, para além do que aquilo que o Sr. Vaz referiu que ainda há mais dois que nós temos que acrescentar aqui, neste regato, exatamente… cá em baixo, ainda… ao todo já temos 30.

LA, PA, LM: Já viste!

MSS: Moinhos e Engenhos! Não é?! Porque uma coisa é um Moinho e outra coisa é o Engenho!

LM: …. Nunca entrei em nenhum deles!

MSS: Vá ali ao do Bombeiro Miguel que ele já me fez entrar lá, a mim e à Lourdes!

LA: E o de Contença ia lá muitas vezes e a Tia Laurinda Ferreira… fazia-o moer! Era velhinho, mas nós íamos lá moer o milho…

LM: E esse aí da Alice da Amélia também diz que está recuperado! Que quem o restaurou que morava lá era a nora da Tia Cândida, a mulher do Manel! A ex-mulher do Manel! Sim, sim, da Tia Cândida, do Valdemar.

PA: Sim, sim!

LM: Sim, mas esse Moinho da Amélia, ela morava lá! E fez lá obras!

PA: Talvez… mas agora está tudo abandonado!

AA: Não sei!

LM: Sei que a Tia Cândida, a nora dizia que morava nesse Moinho da Amélia! Que ela até o queria comprar!

PA: Esse da Amélia é o que está a seguir ao do… Zé Covas!

AA: Ah, o da Amélia cá em baixo?

LM: O da Alice da Amélia! Que ela até o queria comprar, mas como ela tinha o irmão em França e ele é que decidia por ela, derivado de ela estar assim, ela nunca… mas acho que fez lá umas obrinhas! Eu não sei… porque…

AV: Tinha onde?

AA: Dentro da Quinta de Prado!

MSS: Ainda faz parte de Fontoura?

AV: Sim!

AA: Se calhar eram aquelas barraquinhas que estavam em cima… foi a Tia Carolina, quando veio de Lisboa para cá!

AV: É a mãe do Zé, não é?!

MSS: Onde é a Quinta de Prado, Lola?

AA: A Quinta de Prado é…

MSS: É conhecida por outro nome?!

PA: Eu conheço como Quinta de Prado!

LA: É aquelas leirinhas por aí acima!

PA: Onde tem o Quim…

AV: Tinha o da Tia Cândida!

AA: Pois, aquilo era muito grande! E tinha o Moinho em cima!

AV: E tinha algum Moinho?

AA: Ah devia de haver ali, devia!

AV: E água?

AA: E água?! Vinha ali dos Cantoneiros para baixo! Há ali uma levada dos Cantoneiros para baixo!

AV: Sim, sim! [o Sr. Vaz continuava a olhar para a maquete para ver se conseguia localizar mais algum Moinho]…

MSS: Mas essa Quinta de Prado é onde? Que eu não tenho conhecimento dessa Quinta!

AA: A Quinta era grande!

LA: É Prado, aquilo que sobe para cima!

JR: É!

AA: Portanto é… como é que eu vou dizer? Quem vai aqui de Fontoura…

JR: Pela Pereira acima!

AA: A estrada que vai ter…

AV: A Quinta está aqui [na maquete, no regato da Azevinheira]! Este é o que vem ter a Rio Torto! Vem sair perto da Escola!

MSS: Não, eu tenho Pereira, Casa Gonçalo, Várzea, Carcavelha e Contumil! Não tenho mais nenhum sítio! Mas pode ser que seja algum!

AV: Há um na Pereira…

MSS: Moinho Tio Oliveira, Tia Aurora, diz-lhe alguma coisa?!

AA: Tia Aurora da Oliveira?!

MSS: Ora bem, é fácil! É contá-los: cada bolinha é um ponto um aqui [na lista de investigadora]. O ponto um, meu, é a primeira a presa; o ponto dois é do Bento Gaspar; o ponto três é de Contença I; o ponto quatro é Contença II; o quinto Moinho Pinto Caldas/Formigal; o sexto é o Moinho da Família Rocha; o sétimo Moinho Tio Oliveira/Tia Aurora; o oito Moinho dos Tamancas; o nove Moinho dos Lanheses…

AV: Exato, espera!

MSS: Ok!

AV: O tal Moinho que estávamos à procura… deve ser aqui nesta zona!

MSS: Então… de Prado!

AV: De Prado, tem de ser aqui [na zona do Moinho dos Tamancas]…

AA: O que havia ali era o… aquelas casinhas que havia em cima…

PA: Só podia ser ali!

AA: Tinha ali e depois entrava para dentro! Há um regato que vem de cima dos Cantoneiros, vem por ali abaixo! Vem ter cá baixo que até tem ali uma ponte… tinha que a água… e depois a água entrava… tinha que ser ali!

AV: É do Zé!

AA: O Zé como tem lá muitos terrenos…

MSS: Pronto, então todos os Moinhos que havia daqui da Tia Palmira para baixo eram, então, irrigados pelas tais motas?!

AA: Pois é!

MSS: É isso! Até à Aviosa? É isso… porque não tinha regato próprio aqui para baixo…

AV: A água para o primeiro da base, o Várzea I, ia a água de cima de uma mota que há… da represa que tinha aqui em cima…

AA: … caia dentro, depois aquela água dali..

AV: Onde é a casa deles, onde era a casa da Palmira, onde eles nasceram! Havia ali uma mota que alimentava o Moinho da Várzea I e depois o da Várzea II, da parte debaixo da casa que está lá… era colhida ali a água e tinha um canal em terra que levava a água para lá e se espalhava por lá!

MSS: Vocês é que eram dois bons guias turísticos! Ah sim, sim! A Lola era uma excelente guia turística aqui em Fontoura!

AA: Ai era era…

MSS: E era! … ouvir estas histórias! Eu gosto destas histórias… com certeza haverá mais pessoas!

AA: Quando eu era pequenita andava por aí com as velhotas, com a minha tia e a minha madrinha… e fui sabendo destas coisas, não é?! Sabia bem… por vezes a água não subia, mas desciam de uns para as outras e rolavam todos! As águas caiam aqui e iam para a outra…

AV: Eram aproveitadas… e é por isso que nós estamos cada vez mais carentes dela.

MSS: E cada vez há mais seca. Ainda ontem vi uma notícia a dizer, que Portugal está com 72,8% do território todo em seca.

AV: Mas… mas eles têm de arranjar maneira… que movimentem o dinheiro para segurarem com água no Inverno… a água…

MSS: Se os antigos funcionavam porque é que nós não funcionamos?! É ir buscar as boas práticas dos antigos!

AV: A água corre do rio e do rio para o mar e depois adeus…

AV: Têm de acumular água no inverno para haver água para o Verão…

AA: Os terrenos todos limpinhos!

AV: O Alentejo…

MSS: Pois, era isso que eles faziam ali em cima, não era, Sr. Vaz? Lá cima na… quem vai para Melgaço, como se chama aquilo… Castro Laboreiro. Eles faziam exatamente isso… eles arrecadavam as águas, não é!?... de Inverno para depois dar para a pastorícia… dos animais, não é?!

AV: E no fim… nesse campo, talvez não tenhamos assim muitos locais, porque está claro, ao fazer uma represa vai fazer… vai criar danos…

MSS: Ambientais, claro!

AV: … para os terrenos que estão à sua volta!

… conversas paralelas… sem compreensão de discurso…

AV: E não fazem porque se gasta dinheiro! Porque… tem um exemplo! … o Alqueva… pois foi decidido! E é uma obra que gastou muito dinheiro! E dá muito dinheiro e eles continuam a fazer canais para levar a vários concelhos, portanto aquilo é uma riqueza! … já por duas vezes que encheu!

MSS: Sim, sim! Exatamente!

AV: E eles têm de fazer isso em muito lado senão…

… conversas paralelas…

LA: Lembro-me de acordar às três da manhã, de lampião…

MSS: O seu tio falou sobre uma história que tinham de se esconder lá de um homem que era muito sovina, que queria a água toda para ele, escondiam-se lá atrás de um arbusto e depois quando ele saía, eles voltavam a ir [o Sr. João da Micas e a sua irmã].

AA: … de noite, os Ribeiros andavam sempre, o Joaquim Ribeiro, o homem da Tia Olívia e o Tio Zé Ribeiro, eles por água… eles só queriam a água para eles! E o que nós fazíamos… eles vinham buscar a água, mas nós… a minha madrinha dizia assim: "Se eu estou aqui na cabeça da argola…

AV: E era a levada aqui a atrás [em relação à casa da investigadora, cerca de 100m]

AA: … e ele tem ali uma poça que é de regadio e quer se dizer… e eu não posso regar a minha…". Olha, ao fim de comer, um xaile pela cabeça cada uma, na regueira aqui em cima sentávamo-nos, ali no muro, assentadinhas as duas, ao lado uma da outra…

PA: À espera dos outros…

AA: … limpava o regato, metíamos água para dentro… vamos embora! Por tal, lá vinham os Ribeiros, … porque faltava água lá no campo! Lá vinha eles pelo carreiro acima e nós pegávamos e deixávamos os vir até à Palmira… assim que eles começavam a querer a começar a virar a água outra vez lá para baixo, que era a primeira… diziam-lhe a minha madrinha: " Ei, eu também tenho direito a regar! Vinde regar noutro diz que vós regai de noite e de dia… e eu de dia não consigo e ao menos à noite tenho que regar…!" [E diziam os Ribeiros] "Ai, desculpe Tia Palmira, desculpe, desculpe!" Pronto!

AV: … os regadios tinham tempos … [não se entende o discurso]

… a AA continuava a contar a história paralelamente…

MSS: E como é que vocês controlavam esses tempo de rega?!

AV: Era… era… tocava naquele dia até…

MSS: Mas como é que vocês sabiam que era vossa naquele momento?

AV, AA: Aquilo já estava marcado…

MSS: Ah, estava marcado! E isso era dito aonde? Na missa?

AA: Não… Aquilo… os velhotes, não é… passavam aos mais novos: "Olha tu tens x de água em tal dia, a tal hora…

MSS: Ah, era passado de geração em geração!?

AA: Pois! Passava de geração em geração!

AV: Estava dito nas escrituras…

MSS: Ah, estava nos papéis quando passavam as casas uns para os outros?!

AV: Se tinham rega, se não tinham rega, tal e tal… Tudo isso estava mencionado!

AA: E registavam os papéis assim? Ainda existem?

AV, AA, PA, LA: Sim, sim!

LA: O Daniel [cunhado da LA] tem aquela propriedade toda… ele tem água de rega de cima, da D. Deolinda e da Quinta…

MSS: Ah, da Quinta de Real.

AV: Sim!

LA: E no mês de agosto, ele sabe os dias dele e ele a dizer "que a água corra por meio… mas ele vai buscar e nos dias dele, ele está escrito, para não perder o direito!

MSS: O Sr. Daniel deixava-me tirar uma fotografia a esse papel?

LA: De quê das águas?...

MSS: Sim!

LA: Com certeza, mas…

MSS: Sim, não se preocupe, temos tempo!

AA: Era como a água

… conversas paralelas sem compreensão do discurso…

MSS: Ai cortou?

LA: Cortou! E ele [Daniel] teve que fazer um pedido à Câmara de Valença, para passar a água… porque depois a água não passava! Ele não queria perder o direito à água… e ele perdeu quando cortaram! Mas não sei se o documento que ele tem… ele deve ter… e então ele rega…

AV: A Santa Igreja tem lá água! Tinha água! Tinha água do regueiro, da rega… e tem água…hum… canalizada de uma propriedade cuja água foi doada pela Isabel [vizinha da investigadora, a norte].

MSS: Ah, pela Isabel aqui de cima?!

AV: … de uma propriedade que tem lá em cima em Carcavelha e dali vem canalizada…

MSS: Até cá baixo!

AV: Até ao Passal! … mas há papéis! Eu tenho… eu tenho!

MSS: Ai o Sr. Vaz tem? Tem consigo? O Sr. Vaz consegue-me arranjar uma fotocópia disso?

… conversas paralelas sem compreensão do discurso da LA…

AV: O salão da Igreja, no salão da Igreja tem lá de lado… da Isabel a doação!... na adega, cortou a água e puseram um tudo na propriedade deles… o cano está enterrado e depois é desviado para vir para o Passal! Mas, agora…

MSS: Sim é importante, essas coisas são importantes!

LA: … o Daniel deve ter e se for preciso alguma coisa…

MSS: Sim, o Sr. Vaz também diz que tem, o Sr. Vaz também tem, ok! Era engraçado haver que é para, exatamente, ver como é que as pessoas sabem que aquele dia e aquele momento é para elas, não é?! É engraçado isso…

LA: Como nós temos agora, por exemplo, ali para cima do monte, daquela que passa lá em cima onde tem… la em cima… na Levandeira, quando vais na estrada… [sem compreensão do discurso]. Mas nós temos o… água ao meio-dia…

… conversas paralelas sem compreensão entre LA e AA…

AV: Fazem uma ilha e a partir dali quebravam o tempo de rega, quando começa e depois por ordem e depois vira outra vez…

LA: … o regadio da Ponte… Da Ponte de Sto. António a água para regar ali na minha mãe. Eu cheguei a ser pequena e ir buscar a água lá, atravessar a estrada ao pé da minha mãe, sabes onde é a minha mãe… passava por uma pedra grande …

… conversas paralelas sem compreensão entre PA e AA…

LA: … e quando chegava ali, continuava…

AV: ... mas ninguém os quer vedar e depois um dia mais tarde é um problema…

MSS: Ah, sim, sim! É um desatino arranjar…

AV: E às tantas até já está uma casa em cima do rego!

MSS: É verdade, sim senhor! Ora bem, mais dois assuntos finais que é para vocês depois, finalmente, lancharem! Que é… Há vinho, há chá, há café, há cevada, há água, há coca-cola, é só dizer o que querem!

… risos entre as Senhoras na mesa…

MSS: Então, se vocês se lembram de haver alguém que vivesse aqui em Fontoura que trabalhasse no Farruco [Fábrica de chocolate tradicional que existia em Valença do Minho], no chocolate? Havia alguém aqui de Fontoura que trabalhasse no Farruco?

AA: Aqui de Fontoura não me lembra! Lembra-me desse chocolate… que ainda hoje o compro!

AV: Não é Farruco o nome que tem, mas…

… conversas paralelas sem compreensão sobre o chocolate…

MSS: Então não se lembram de ninguém cá em Fontoura que trabalhasse lá? Não!? E das Trapicheiras?

AA: Ah das Trapicheiras, olha uma era a Fátima do… .

… todos riram…

AV: Das Trapicheiras sabe ele… [referindo-se ao AV]

MSS: Então Sr. Vaz comece aí a contar…

AV: …

MSS: Mas a Fátima de quem? Do Sr. Joaquim?

PA, LM, LA: Sim!

MSS: Mas como é que era?! Eram as sete saias, mesmo, como conta a história?

AV: Não, não!

AA: Eram buracos na carrinha para esconder o peixe!

AV: Já eram Trapicheiras…

MSS: Mais modernizadas…

AV: Já eram Trapichas mais.. mais…

MSS: … se vocês quiserem ver eu imprimi estas imagens! [documentos entregues aos participantes pela investigadora]

AV: Eu sei como isso é!

AA: Eu fui muitas vezes com a Fátima à Espanha!

MSS: Mas então conte lá Lola, como é que era? A carrinha…

AA: A carrinha…

MSS: Mas no carro que ela tem?

AA: Não…

PA: A Lola sabe porque foi muitas vezes com ela!

LM: Se calhar, …

… conversas paralelas entre as senhoras na mesa… com muitos risos…

AV: … as Trapicheiras começaram a se… as Trapicheiras começaram a evoluir!... nada… é a lavandaria… começaram a comprar carro! Porque meteu-se… além dos papéis e do chocolate, chocolate para lá e chocolate para cá, metido nas algibeiras, dependurados colados à cinta, com a roupa por cima, … pareciam todas gordas, não é?! Conclusão da história… depois aqueles mais vivaços, aquelas Trapicheiras mais vivaças que começaram a comprar umas carrinhas, uns carros e tal! Para quê? Porque sempre se mete no forro das portas, nos tabliers, debaixo dos assentos, uns buracos preparados, uns fundos falsos e já dá para meter muita mais mercadoria, mas convém não vir uma pessoa só!

MSS: Pois, que é para controlar a coisa toda à volta!

AV: … e começaram a usar parte destas mulheres que andavam… a transporte nas carrinhas. Elas vinham com coisas metidas nelas, sim senhor também, mas a carrinha já trazia…

AA: Já tinham falsos!

AV: … digamos que…

AA: Estava preparada!

AV: Esse Trapicho, continua a se chamar Trapicho porque levavam as coisas para lá e depois vinham buscar…

LA: Porque antigamente tinha ali a fronteira ali, … ali, ali em Valença vínhamos de carro uma vez na fronteira e fizeram-nos desviar, eu e o Cindo [marido da LA], abriram-me a mala e tiraram tudo de dentro da mala!

AV: Isso era excesso de zelo!

… muitas gargalhadas…

AV: Isso era excesso de zelo dos funcionários! E depois chegou… de um dia para o outro passou de 80 para 8, ok? Tudo livre! De um dia para o outro! E estiveram a controlar até à última da hora!

MSS: Eu lembro-me da minha mãe contar quando vinha da Bélgica, … mas diga Lola, mas vinha com uma corda presa?

AA: E ela estava sempre com a carrinha a cair aos pedaços, não é?! E o fecho da porta não fechava! Quando tal fazia uma travagem e as portas abriam todas! E então dizia ela: “Oh p***, anda comigo que eu quero ir ali à Espanha buscar o fogão!” Fogão de lenha! Destes de ferro fundido! E digo assim: “Oh Fátima eu não vou nada, vou lá contigo!...

MSS: Vocês eram novitas?

AA: A gente já estava casada, já estava aqui na minha casa! E diz ela "Oh, anda comigo que eu fui à lenha, mas agora quero ir buscar o fogão!" Hum… " E anda comigo, que assim íamos as duas e eu… como o teu homem está por ali [o AV, que era Guarda na fronteira] eu digo esta é a mulher do Guarda Vaz…". Isto era para ela passar!

LM: Era fina!

AA: Bem, lá fomos! Lá fomos então buscar o fogão! E chegamos à fronteira e veio o Guarda logo direto ao lado dela, e diz ela assim: "Olha, eu vou aqui com a minha amiga que é mulher do Vaz, que vou buscar aí umas coisas, umas bananas e umas coisas aí à… ao outro lado!" E diz ele: "Pronto, tá bem, então passa lá e tal!..." . Mas ele também não foi burro, vá, mas desconfiou, mas pronto. Mas íamos muitas vezes…

AV: … [risos]

AA: Então diz-me ela: "Olha segura aqui nesta porta, porque a p*** da porta abre-se e assim tu seguras-a!" E eu ia assim, aqui com a corda assim no ombro [a demonstrar como levava a corda] a puxar para a porta não abrir! Muitas das vezes, "anda comigo que vamos levar uma carrada de peixe a Viana". E eu digo assim, "pronto lá vou eu"! Lá fomos! Lá íamos e ela começa a tirar peixe, caixas de peixe, caixas de peixe, caixas de peixe, … Tem aos lados da carrinha, o Quim [marido da Fátima] tinha lhe feito um… uns buracos falsos, tudo pelo cumprimento da… e tinha outro no fundo, em baixo! E ela, pronto, tinha ali o peixe metido! Metia, metia, metia para ali! Quando chegamos lá baixo a Viana, ela começa a tirar caixas de peixe, o peixe para as caixas, "olha, puxa para trás, puxa para trás", ela tirava o peixe pelo rabo para cima, puxava…

… muitas gargalhadas por parte das senhoras na mesa…

AA: … "puxa as caixas para trás, puxa as caixas para trás"… Olha, caixas e caixas!

AV: Peixe pequeno!

AA: Era carapau! E pronto lá ia, recebia o dinheirinho e lá vínhamos todas contentes, para cima!

AV: Ai vinhas, vinhas contentes! Já não tinha nada! O Trapiche que era assim [por uma foto que a investigadora partilhou, que retratava as Trapicheiras do início do século XX] na altura, o primitivo!

MSS: Depois foi evoluindo…

AA: Era peixe, era azeite, era…

AV: Havia ainda… aquelas mais velhas! Servir de transporte e tinha uma parte da fronteira que se podia… que a pé passavam por um… passavam por ali por aquela parte para revista, caso necessidade, de revistar a pessoa! Havia uma funcionária a que se chamava "Apalpadeiras", para ver o que é que tinha [agarrado ao corpo]…

MSS: Tinha de ser uma mulher a fazer isso a uma mulher, ok! Mas o Sr. lembra-se de alguma situação de… eu lembro-me de ler histórias, não é?! Das Trapicheiras, havia muitas no jornal de Monção e por aí fora, em que o pior era no Verão por causa do cheiro do polvo, porque elas traziam o polvo debaixo… lá nas… metido nas saias!

AV: Chegavam a trazer algumas os carapaus dependurados aqui [nas ancas, o Sr. AV levantou-se para demonstrar] agarrados e garrafas de azeite, pelas pernas… e passavam a pé pelo lado de lá!

MSS: Ai meu Deus do céu!

AV: Eram garrafas de azeite, …

MSS: Agora eu ia-vos pedir a cada um de vós, cada um fala por sua vez, de dizerem, o que é que consideram que Fontoura é para vós! Lola, pode começar!

AA: Fontoura, olha, eu acho que é uma boa terra!

MSS: Só isso que quer dizer? Ia lhe pedir, para dizer o seu primeiro e o último nome e a sua idade! Se quiser dizer!

AA: Maria Aurora Pereira. Não faças caso da minha cabeça, que está avariada! E a idade ando em 56…

Todos: Ai é?

AA: … em 75 anos!

LM: Ia ficar mais nova uns anos!

AV: O que eu aturo, Palmira! Isto é todo o dia assim!

MSS: Palmira, o que é que Fontoura é para si? O primeiro e o último nome, se quiser, ou o nome todo e a sua idade!

PA: O que é que é Fontoura para mim?! É a minha terra, foi onde eu nasci, é a melhor de todas, vá lá!

JR: Onde encontrou um bom homem [marido da PA, o sr. JR]..

… muitas gargalhadas…

MSS: Então…

PA: Maria Palmira Rocha Alpoim, tenho 74. A caminho dos 75…

MSS: Pronto, porque é que eu vos estou a pedir isto? Como vocês leram no consentimento informado, que vocês assinaram. O consentimento informado…

PA: Pois devia dizer 73… só faço 74 em agosto!

MSS: O consentimento informado que vocês fizeram o favor de me assinar e que me deram todos permissão para eu fazer a gravação, faz com que toda esta gravação que está aqui depois seja editada por mim, para fazer depois pequenos vídeos aqui de Fontoura. E eu por baixo, preciso de colocar o vosso nome e a vossa idade. É por isso que eu estou vos estou a pedir que assim fica registado!

MSS: D. Lourdes, minha querida vizinha! Diga, de sua sentença!

LA: Pois, é a mesma coisa! Não é a minha terra onde cresci, mas é a minha terra onde eu estive mais de 50 anos e para mim é a terra onde eu vou ficar até ao fim! Tem tudo de bom, Fontoura! Dos vizinhos, amigos e tudo! Fontoura é a minha terra! …

MSS: D. Lina…

LM: Olha eu sou Maria Miquelina Simão de Matos, tenho 19 anos [gargalhadas]… 55 anos e não sou natural daqui, sou de Paredes de Coura! Mas Fontoura para mim é a minha terra!

AV: Encontrou aqui o amor…

LM: É verdade! Não, eu!... Fontoura, pronto, é a minha terra preferida e é onde eu vou ficar!

MSS: Ok! Obrigada! Sr. José?

JR: Eu?! Eu nasci em Fontoura, …

PA: Mas isso não é só em Fontoura!

JR: Emigrei muito cedo para Lisboa, aos 13 anos!

PA: Isso também eu!

JR: A seguir, fugi para a França e estive lá durante para aí um ano! Fontoura… tenho poucos anos de Fontoura! Estou cá agora há 20 anos… por isso de Fontoura tenho…

PA: Mas sempre quis vir para Fontoura, ele!

JR: Ah sim! Sou daqui deste sítio e é normal! E a minha necessidade foi essa, foi voltar!... Tenho mais anos de estrangeiro do que de Fontoura!

LA: Sim, isso também eu!

MSS: Sim, mas acabam por ser os anos antes e os anos posteriores!...

LM: Ai isso tu és, Zé! …

JR: Tenho 79 anos, vou fazer 80 para o fim do ano!

AV: Não chegues lá, não chegues lá [gargalhadas]

… muitas gargalhadas e conversas paralelas sem compreensão…

MSS: Sr. Vaz é a sua vez! Meninas aí atrás, silêncio por favor na sala! Diga, Sr. Vaz!

AV: António Gonçalves Vaz é o meu nome! E tenho Fontoura como uma terra qualquer! Já conheci tantas. E já vivi fora daqui, sou natural de Cerdal, não sou natural de Fontoura! Por amor a Fontoura e ao amor que encontrei, tenho esta freguesia como uma freguesia normal! Um povo pacífico, com coisas boas e coisas más, como tem todas! Hum… nós não somos todos iguais, cada um tem o seu feitio e gosto de Fontoura porque… já servi Fontoura várias vezes, … Fui viver para fora da freguesia por um acaso, porque vendi umas casas em Fontoura, … portanto considero-me de Fontoura, ainda!...

LM: Ainda há-de ser Presidente da Junta…

AA: Ai há-de!

LM: Ou Padre, ou padre…

… muitas gargalhadas…

AV: Pelo menos é o que eu quero!

MSS: Querem acrescentar alguma coisa a esta conversa? Querem fazer alguma pergunta? Querem saber alguma coisa sobre a maquete e o porquê de eu ter feito a maquete? Estejam à vontade! Podem-me perguntar o que vocês quiserem!

LA: Que esta nossa reunião te sirva…

AV: Este é um vídeo, também é um vídeo?

MSS: Sim, está a ser gravado! Já vai numa hora e vinte!

LA: … que te sirva para te poderes ter o teu doutoramento, para ir em frente e as coisas que precisares!

MSS: Ah, o objetivo do trabalho que eu estou a fazer é aqui para Fontoura, ou seja, o André vai acabar por ter, digamos assim, um produto de forma gratuita, não é!? Não só aquele que eu estou a fazer e também de oferta turística!

LA: Mas isto faz falta para depois tu apresentares o teu doutoramento!

MSS: Ah sim, claro!

AV: … pensei que fosse obra da Junta!

MSS: Ah não, esse vídeo que eles vão fazer na quarta-feira é [foi realizado um vídeo promocional da Freguesia, feito pela Junta de Freguesia de Fontoura, para o qual a investigadora foi convidada a estar presente]. Não tem nada a ver comigo! Não, não! O que eu estou a fazer é… fiz esta maquete que ele [André Rodrigues, Presidente da Junta de Fontoura] já me disse que depois quer a maquete lá para exposição na Junta de Freguesia, hum… que aqui não dá para ver nada, não é?! Porque eu queria fazer uma que tinha 3m por 5m, mas isso ficava-me muito caro, só a nível de material custava mais de 1000€. E eu disse ao André, "eu faço-ta, se tu ma pagares"…

Todos: Claro!

MSS: … não vou tirar do meu bolso! Porque a tal que eu queria fazer dá para pôr as casinhas todas direitinhas, e não sei o quê! Dá para pôr mesmo, fazer uma maquete como a freguesia é! Como se fossemos um pássaro e víssemos…

LM: De cima…

MSS: … e então, pronto! Ele [Presidente da Junta] disse-me que se eu não quisesse esta maquete, que ele queria a maquete! E eu fiz a maquete para ser mais fácil de fazer todo o levantamento de património, de… destas histórias, dos moinhos, e por aí fora, não é?! Porque como é que eu vou dizer às pessoas a quem apresento os trabalho? Ai existe… mas existir é muito bonito, outra coisa é ver! E o objetivo é eu criar, exatamente, estas duas rotas [dos moinhos] traça-las mesmo, para efeitos turísticos aqui na freguesia! Portanto, quanto mais informação nós tivermos, quer seja de entrevistas individuais, quer seja as entrevistas assim em

conjunto, melhor! E toda a informação que vocês disseram aqui é super válida, por exemplo, esta situação do Sr. Vaz já ter referenciado, exatamente, que existem, ainda, dois moinhos que faltam ali! Ou seja, quer dizer que em vez de existirem 30, existem 32 exemplares, não é?! E como existem estes 32 exemplares, quem diz que não existem muitos mais?! E depois por exemplo a questão da Capela de Nossa Senhora da Conceição, lá de cima de São Félix, que já mudou de orago, entretanto passou… por exemplo, a Quinta do Prado, que eu também não sabia e fiquei a saber… portanto, toda a informação que for sendo introduzida, para mim interessa-me muito, não é?! Portanto, eu agradeço-vos a vossa presença, eu vou fechar o vídeo e agora vocês vão lanchar!

… sem compreensão de discurso entre JR e AA…

MSS: Muitíssimo obrigada pela vossa participação!

A. SPECIFIC TRANSCRIPTIONS

A1. CULTURAL & NATURAL HERITAGE

Indicator	Information to be obtained	Themes
Cultural & Natural Heritage	JA: [Regato do] *Formigal é um lugar mais lá ao fundo. E Azevinheira é mais desviado. A parte que é Azevinheira é mais perto do Concelho de Paredes de Coura. A parte do Formigal é mais acima.* *[Sobre o trabalho nos Moinhos]: A gente, no caso, estava parado porque aquilo é de pouco desenvolvimento, era lento. E a gente ia e vinha, não é. Estava lá um pouco, preparava as condições do trabalho e depois vinha-se embora. E depois tornava quando calculasse que era a época para continuar o trabalho.* [Quantidade do caudal dos regatos]: *Porque as águas, que vinham fazer trabalhar essas máquinas, eram importantes para as regas. Para os campos, para as frutas, para as pessoas e o milho.* *Havia um moinho de enxofre, mas eu nunca vi moer isso. Com o incêndio foi-se embora.* *Este Monte* [do Carvalho] *é importante para a Freguesia.*	Streams: Formigal Stream Azevinheira Stream Work in the Mills Mills: Sulphur Mill Carvalho Mount
	AG: […] *diversos regatos que atravessam a Freguesia. Não são muito caudalosos, nenhum deles.* *Regato da Grove nasce nos montados altos de Fontoura. E antes de ser atravessado pela Estrada Nacional 201, movimenta, com seu caudal, o* ***primeiro moinho****. Mas eu penso que até não é o primeiro,* ***penso que há outro antes****, mas este ainda lá existe e os outros, não sei se ainda existem,* […], *de moagem de milho* [...] *na descida da Estrada 201, fazia girar* ***mais um moinho de cubo de aduelas em granito*** *bem trabalhado e de altura respeitável. Aquilo tinha uma altura descomunal mesmo. Logo*	Streams: Grove Stream Azevinheira Stream Mills: Grove – 6 Azevinheira – 11 Carvalhal (not in Fontoura)

	*mais abaixo, **há um que foi totalmente restaurado**. E hoje, funciona como Casa de Abrigo de férias. Cerca de uma centena de metros abaixo, **um outro, com fins de serração de madeira**, que também havia isso aqui, em Fontoura. Devido à planura dos terrenos, só encontramos **um outro moinho de milho**, já no lugar de Rio Torto e que está em ótimo estado. É o único mesmo impecável que eu conheço. A cada passo, eu ainda o vejo a trabalhar. Às vezes, passo ali e vejo aquilo a rodar. Siga o seu caminho, o regato vai desaguar no Ribeiro do Malheiro que separa Fontoura, Santa Maria da Silva, São João da Silva.* *Regato do Formigal. Nasce no Monte de Cossourado, nos limites com Fontoura. Cerca de 200m abaixo, vemos **o resto num lastimável estado de conservação** de um moinho de milho. Umas largas centenas de metros abaixo, **um moinho duplo de milho, centeio ou trigo**. Acoplado à casa de habitação, este com a vantagem de funcionar praticamente todo o ano. Pois, antecede-o uma vasta represa para regadio agrícola que, inevitavelmente, passa pelos seus cubos. Estando, logo abaixo, **mais dois moinhos em estado decadente**. Cerca de 1 km depois, **mais três moinhos de milho**, a uma distância assinalável, um casarão em razoável estado de conservação, de uma fábrica rudimentar de trituração de azeitona. E todo o seu **mecanismo** **[engenho]** **de fabrico de azeite**, bem como **mecanismo de serração de madeira**, há muitas décadas desativado. Um pouco abaixo, **o tal moinho que foi de enxofre**, que falámos* [Quinta de Sto. António]*. Depois o Ribeiro divide-se:* [para] *a freguesia de Fontoura e da Silva, de caudal bastante razoável. Entra, em Fontoura, numa grande planície. Tem apenas **um moinho de milho**, que é o tal que, pelos vistos, também era de produção de enxofre. Cerca de 3 km, após a entrada em Fontoura e no limite entre São Julião, Silva e Santa Maria da Silva, a confrontar com Fontoura, existe, ainda, em bom estado de conservação, um local denominado **Carvalhal, um engenho de azeite*** [já fora da freguesia de Fontoura]*, … naturalmente, há muitas décadas… e, portanto, é aquilo que eu conheço.*	

	RF: *Temos uma quantidade abismal de moinhos e de lagares e de serrações e assim vai mais uma vez ao encontro dessa minha teoria que é de que … Fontoura chegou a ser a sede de concelho, chegou a ser uma aldeia muito industrializada, uma das mais industrializadas.*	Mills Sawmills
	AR: […] *outras rotas possam vir a ser criadas, a dos moinhos, por exemplo, é uma delas e obviamente, até porque os moinhos alguns poderão ficar não muito próximo da rota, que será mais fácil para criar,* […]*, pelo menos na zona próxima do moinho, haver alguma informação…* *Haverá uma intervenção, reiterar colaboração, o maior problema com que nos deparamos tem a ver com a questão de os moinhos serem privados. O moinho de Contença está à venda neste momento. Eu sei que há pessoas que estão interessadas em alguns deles. O problema é que, como eles, os moinhos, eram construídos por várias famílias, por exemplo, cada um tinha direito a uma parte de utilizar uns dias o moinho. E acontece, infelizmente, muitas vezes são pessoas que faleceram há muitos anos, os moinhos ficaram aí, mas nunca entraram em partilhas, digamos assim, e muita gente nem sabe o que tem neste momento e a informação a que nós temos acesso é muito pouca, ou quase nenhuma.*	

A2. VACANT HERITAGE & COLLECTIVE MEMORY

Indicator	**Information to be obtained**	**Themes**
Vacant heritage **Collective memory**	JA: […]. *Havia uma moça que eu conheci. O pai dela que era conhecido por Rocha era o patrão da Quinta da Poça do Monte. Depois uma filha é que quando ele faleceu, ela herdou essa quinta. E ela casou depois com um senhor que era de Coura* [Paredes de Coura] *e eles viveram ali uns anos, os filhos* [do Sr. Rocha]. [Na Quinta da Carcavelha] *Morava lá gente, sim. Morou um senhor que o chamavam o Cachadinha. E depois morou o filho. E depois foi vendida. E pertencia à família do Padre Lisboa.* [A Quinta de São José] […] *no tempo do Champalimaud. É uma das quintas que pertence à Casa Alta.* […]. *O Penha e Costa, acho que tinha comprado várias quintas, vários terrenos* […]. *A Quinta da Casa Alta* […]. *Penha e Costa era quase da minha época era mais velho! E que até me lembro mal dele, lembro-me pouco de o ver. Mas lembro-me bem dele existir. E a Quinta ficou sempre a Quinta da Casa Alta. E há a mulher dele, a Cristina, lá existiu até a morte, morte não, que ela não morreu ali. Esteve ali até lhe roubarem os terrenos… Ela que falava. E lembro-me perfeitamente. Ela depois, como o 25 de Abril para ela foi … Porque deu-lhe ali um ataque muito grande…* [Na Quinta de Santo António] *Trabalhei lá eu muitos anos. Riqueza lá dentro não tinha nenhuma. Tinha as paredes. E pouco mais. Tinha a capela.*	Manor Houses: Poça do Monte Carcavelha São José Casa Alta Sto. António
	AG: […] *quintas senhoriais.* [A Poça do Monte] *era da família Rocha*. […] *família que tinha diversas quintas em Fontoura. Quinta de Santo António, que depois venderam…* […] *Quinta de São José* […] *pertence à família da Casa Alta. Aquilo era do Champalimaud.*	Manor Houses: Poça do Monte Sto. António São José

		Casa Alta
	TF: [Poça do Monte] *Que até íamos lá à costureira*. […], *as fontes que eu conhecia era a Fonte do Covelo que existe* […], *de Rio Torto que existe ainda.* *E sempre me falaram na Quinta que pernoitou lá a Rainha Santa Isabel. Isso é que desde pequenina, que sempre ouvi essa lenda, ali na Quinta da Rua. E lembro-me… é que pronto… é que aquela quinta tinha, tinha umas entradas muito bonitas, com umas pedras e tudo isso e depois fizeram obras, mas lembro-me bem disso, foi uma pena.* *Conhecia ali a Fonte de Ouro que era a Casa Alta porque íamos… desde pequenina que ia lá o leite, os meus pais compravam leite lá, os meus pais não tinham lavoura tinham uma mercearia e uma taberna e íamos lá todos os dias ao leite… tenho memórias e de passarmos lá no túnel e de sermos miúdos, eu e os meus irmãos e dizermos, olha aqui é que estavam os mouros. Não era nada, eram as cortes das vacas antigas… a Senhora Vinceza* [criada da Casa Alta] *dizia: "não era, elas é que diziam que eram os mouros…" e tínhamos um medo que aquilo era escuro.*	Manor Houses: Poça do Monte Quinta da Rua Casa Alta Fountains: Gold Fountain Covelo Fountain Collective Memory: Kids memories Farm maid
	AR: *Depois iremos, possivelmente, catalogar tudo o que é capelas, quintas ou outros monumentos de interesse que temos na freguesia.* *Porque normalmente, as capelas estavam associadas a quintas. E que eu saiba, a única quinta que existe naquela zona, é aquela, há outra quinta, mas é uma quinta mais recente, até ao próprio edifício é mais recente, que é o que chamam a Quinta da Cacharela, uma coisa assim, mas até aliás, aquela quinta até foi em tempos trabalhada pelo Padre Lisboa. Tinha algumas vinhas.*	Listing: Chapels Manor Houses Monuments Manor Houses: Poça do Monte Cacharela Cinco Chagas Capela do Pópulo:

	[Capela do Pópulo] *ficou a quinta foi dividida, porque quando foi construída a estrada atual e, obviamente ficou separada da quinta, mas não deixa de ser propriedade da quinta* […]. […] *eu penso que deveria haver alguma forma de flexibilização a nível legal em que se pudesse, principalmente preservar os monumentos, porque quando nós temos situações destas, o que acontece… a situação vai se degradando, ou seja, o monumento vai acabando por ir perdendo características, não há nenhum tipo de conservação, ou seja, a tendência é piorar.* […] *honestamente, fiquei a conhecê-la* [pedra/brasão representativo de quatro famílias que se encontra na Quinta das Cinco Chagas, Rio Torto] *naquele dia, é uma pedra muito bonita, é pena, enfim, efetivamente estar onde está. O que eu consegui apurar, não sei se será verdade ou não, aquilo seria o brasão da quinta. Só que aquela quinta foi vendida e foi dividida em dois. E penso que na altura, o proprietário, quem ficou… Acho que uma parte da quinta ficou …que era o atual proprietário, então entendeu que não deixava ficar o Brasão na…, porque aquilo estaria algures numa fachada, numa entrada normalmente deveria ser isso. Não acredito de todo que seja o local original naquela pedra estaria colocada.*	Practical legislation Vacant heritage Coat of arms: Four families

B. VIDEOS – SHORT FILMS

Under construction to be shared with the Parish Council.

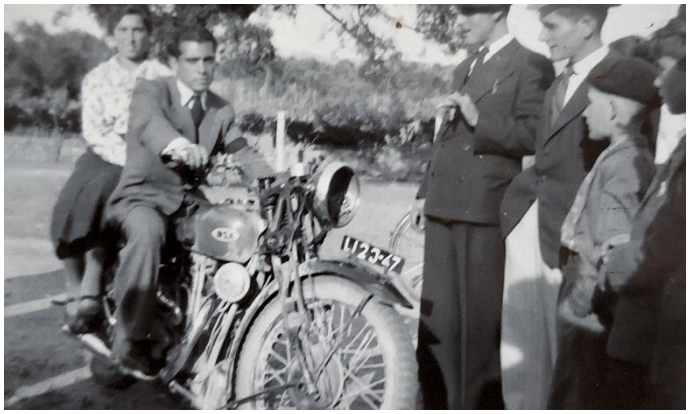
APPENDIX VIII: COLLECTIVE MEMORY – OLD PHOTOGRAPHS

Most of the photographs belong to the researcher's family. We are still trying to find old photographs among the people of Fontoura so they can be shared on the StoryMaps platform.

Festivities of St Gabriel, 1957:













Source: Mónica Silva.